



NOVEL PROFUNDAMENTE | 3

PROFUNDAMENTE MINHA

ALESSA ABLLE

Da mesma autora de Ensina-me O Prazer



P R O F U N D A M E N T E | 3

PROFUNDAMENTE MINHA

ALESSA ABLE

Da mesma autora de Ensina-me O Prazer

PROFUNDAMENTE MINHA

“O Real Nunca Pareceu Tão Encantado.”

1ª Edição

Como se trata de uma história dividida em quatro partes, deve-se ler os livros na ordem, pois são dependentes um do outro por contar a história dos mesmos personagens.

Copyright © 2018 by Alessa Abille.

TÍTULO Profundamente Minha

IMAGENS DA CAPA © Depositphotos

ILUSTRAÇÃO & DIAGRAMAÇÃO Artessa Covers

Abille, Alessa

Profundamente Minha / Alessa Abille ; revisão Agatha Barbosa. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alessa Abille, 2018.

Saga Profundamente ; 3.

1. Romance / 2. Ficção / 3. Drama / 4. Erótico

Todos os direitos desta obra reservados à Alessa C. Abille.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

*“Aqueles que amam profundamente nunca envelhecem,
podem ser anciãos, mas morrem jovens.”*

Sir. Arthur Wing Pinero

PARA MEU AVÔ,

onde quer que esteja, seus ensinamentos, sua bondade, sua alegria, sua inteligência, seu amor sempre estarão comigo.

Você foi meu primeiro grande amor, sempre disse isso. A saudade que sinto é tão imensa quanto o amor que você dedicou sua vida a dar a sua família.

Que agora você esteja rodeado de anjos. Fazendo São Pedro rir com suas piadas e alegrando os querubins. Que seu amor continue infinito e você possa continuar a cuidar de nós daí de cima. Sua missão foi linda. Foi um exemplo. Meu herói. Meu valente. Meu piadista. Meu tucano. Meu tudo!

**Eu
Te
AMOOOOOOOOOOOOOOOOOOO
profundamente
meu vô nequinha.**

*“E U TENHO TANTO PARA LHE FALAR, MAS COM PALAVRAS NÃO SEU DIZER. COMO É GRANDE... O MEU AMOR... POR VOCÊ. E NÃO A NADA PARA COMPARAR,
PARA PODER LHE EXPLICAR. COMO É GRANDE O MEU AMOR POR VOCÊ!”*

Essa canção sempre foi, para mim, a melhor forma de dizer para alguém como a amo. Pois não há palavras para explicar como é grande o que sinto. Eu dediquei (e cantei) ela desde pequeninha ao meu avô, pois nunca consegui saber me expressar de fato o quanto o amava...

*“Não deixe que o medo de errar,
Impeça você de tentar.”*

Prólogo

*Ao nos depararmos com o fim do túnel, pensamos onde foi o nosso erro.
O que poderíamos ter feito ou não feito.
Todas os caminhos escolhidos, os levou até a parada final.
E agora o que resta é o tempo e a fé de que sempre há uma luz no fim do túnel.*



FEITO SUSPIROS & RESPIRAÇÕES PROFUNDAS, os ponteiros soam constante e inexoravelmente rápidos no relógio. Em seu ritmo eles se movem para a hora fatal. O ato que ninguém quer assistir, mas estranhamente esperam.

Tic! Tac!

Tic! Tac!

Tic! Tac!

O tempo passa.

Corre sem pausas, afinal nunca para.

O sinal de que estamos morrendo ou vivendo cada segundo.

Ondas se formam e se quebram na encosta da praia. Gaivotas voam, cantando e afirmando o fim da tarde.

Uma mulher passeia com seu cão na pista de bicicleta em Santa Monica próximo à praia enquanto a outra pedala na sua bike rosa. Um homem atlético acaba de pegar uma onda enorme na melhor praia de surf em Malibu. E ali bem perto dele, um carro atravessa a estrada em uma velocidade razoável.

É uma sexta-feira ensolarada de inverno na Califórnia, onde mesmo com a brisa e o frio da estação, o sol brilha no céu.

Pessoas vivem suas vidas tranquilamente nos trechos das suas rotinas. É sexta e muitos estão eufóricos para o fim do expediente tão próximo que o relógio marca, e está quase na hora do rush.

Seria um dia normal. Apenas mais um dia de rotinas fatídicas, mas para alguns não será mais uma simples sexta-feira.

Seus passos firmes deixam marcas na grama até alcançar seu carro. Na frente do veículo há dois homens sérios e aparentemente de poucos amigos aguardando seu chefe. O homem bem vestido e jovem.

Assim que ele entra no carro, no banco traseiro de um veículo que mais parece um tanque de guerra, o outro carro igual a este, liga o motor. Nele há mais três homens postos para concretizar o plano do *Chefe*.

Eles saem para a rua, ao encontro que deixará uma marca profunda em todos. O tal dia chegou e infelizmente parece que tudo está a favor do mal. Pois, quando se aproximam da estrada onde estão seus alvos, o celular do Chefe apita.

Está tudo livre.

Ele lê a mensagem e manda o homem que dirige andar mais rápido.

Tão rápido quanto os ponteiros, os motores dos carros se aquecem e trabalham para alcançar o objetivo. Logo acontece a colisão.

BUM!

Eu quero fechar os olhos para tudo isso. Não quero ver o que está acontecendo. Tudo é tão rápido e tudo parece ter sido tão fácil... por muitas vezes.

Mas foi fácil. É sempre fácil quando planos bem elaborados tem colaborações. Um infiltrado.

E tinha que ser ele. Alguém que ninguém pensara ser.

O *cúmplice* está agora duelando com o outro homem, que desesperadamente tenta arrancar a arma de sua mão, se salvar e dá um jeito de não matar o outro. Ele é um homem feito na máfia, está acostumado a duelos e de testar seus inimigos para colher informações, e ele odeia x-9. Colen consegue acertar com força Jorge, porém o homem não desiste. Eles duelam em um pequeno espaço.

Jorge consegue sua arma de volta e aponta para o ombro de Colen, que pega sua faca e corta fora a fora o ombro direito dele.

“Seu miserável.” Jorge ruge e sem olhar, aperta o gatilho e acerta a coxa de Colen.

Enfurecido e tomado de raiva, Colen esquece que seria uma boa ideia ter Jorge como refém para tirar informações sobre o perseguidor dos Colton e torce a mão do segurança, fazendo a arma mirar no próprio peito e aperta o gatilho.

Jorge morre na hora e cai para frente, sujando o volante do carro e soando a buzina. Colen não tem muito tempo para sentir dor ou pensar sobre o que acabara de acontecer. Ele tem que correr para ver como estão os amigos.

Com raiva e um lampejo de dor, ele faz questão de acertar novamente o segura x-9 de Ethan e leva um tempo respirando fundo, se recuperando. Então recorda que tinha achado muito estranho todo aquele esquema de levar Victoria para casa do pai e Jorge ter insistido na hora da partida que iria dirigir o carro com o casal. Agora Colen pensa com clareza e percebe que se ele tivesse conseguido o que desejava, tudo poderia estar muito pior.

Na cabeça dele, Ethan e Victoria estão chegando na casa de Will, seguros com Raul e Ken. Entretanto, ele sente que precisa encontrar eles e falar sobre o segurança que estava trabalhando infiltrado para o homem que quer acabar com os Colton.

Ele se certifica de que Jorge está morto, joga-o para o banco de trás do carro e pula para o banco do motorista. Pega a chave no assoalho do veículo, que Jorge jogara longe para dificultar tudo, enfia na ignição e finalmente acelera. Ele precisa falar com Ethan, ver como ele está e Victoria.

Jorge sempre esteve muito perto de Victoria e nos acontecimentos anteriores, ele sempre esteve no meio. Na cabeça de Colen – um homem criado na máfia – tudo faz sentido agora. Foi graças à colaboração de Jorge que as coisas estão dando certo para o desgraçado que quer destruí-los.

O ódio está corroendo Colen por não ter pensando nisso. *Cúmplice*. Esse tempo todo tudo deu errado para Ethan porque tinha alguém atrapalhando seus planos.

ENQUANTO ISSO NO CHÃO DE UM OUTRO CARRO, Ethan está desacordado, mas estranhamente seu inconsciente trabalha com desespero para solucionar e concertar tudo. O medo nunca foi tão vivo como no instante que a levaram.

Aquela sexta-feira realmente marcou cada um deles para sempre. Cicatrizes nem sempre são aparentes e certas vezes as mais escondidas são as mais profundas.

Um *Ethan*

SEXTA-FEIRA, 05 DE MARÇO DE 2014.



ESCUTO BARULHOS A QUILOMETROS DE DISTÂNCIA DE MIM, no fundo da minha mente. Meu corpo está quente e minhas pálpebras – ainda pesadas – ardem como se eu tivesse chorado por horas.

Uma agonia se aperta no interior do meu corpo, atingindo bem no meio e consigo sentir meu rosto se contorcer pela raiva que transborda de dentro de mim. A vontade de chorar vem tão rápido quanto um sopro e sinto as lágrimas escorrerem.

Puxo o ar com força, enchendo meus pulmões e isso parece apertar tudo dentro de mim mais ainda. Parece esmagar meu coração e as últimas imagens que tenho dela sendo levada de mim surgem vivas em minha mente.

Eu nunca acreditei em destino, e muitos menos em castigo divino, mas neste momento acredito que estou pagando por algo que fiz em outras vidas. Eu só não queria pagar desta forma. Tudo menos atingir ela. Victoria mudou minha vida drasticamente desde o nosso *reencontro* para algo perto do paraíso. Acho que soube desde a primeira noite com ela que nós tínhamos sido feitos um para o outro.

Lembro da vez que ela me perguntou se eu acreditava em almas gêmeas. Eu responderia com toda certeza que *não* a um ano atrás, mas depois *dela* tudo mudou e ficaria com sim. Ela *é* minha alma gêmea.

Por isso acho que nos apaixonamos tão perdidamente e tão rápido, e que mesmo diante de tudo que já passamos, não desistimos de nós. *Eu não a deixei desistir de mim*. Desde o atentado na academia e os momentos em que ela ficou receosa em ficar comigo, sua tristeza e medo, eu não sucumbi sobre meu amor por ela. Por ao contrário, tudo serviu para fortalecer nós dois.

O som estranho fica mais forte e próximo. Então um barulho de portas – de carro – se abrindo atravessam minha consciência e sinto-me totalmente acordado. Abro os olhos e vejo o teto do carro. Ainda estou no mesmo lugar. Olhando para frente, vejo o vidro quebrado em milhares de pedaços e sem querer fazer uma frase piegas, sinto meu coração igualmente estilhaçado. Não acredito que meu pior pesadelo se tornou realidade.

Tudo foi tão rápido, que ainda não acredito. Meu corpo dói miseravelmente,

mas acho que meu coração está doendo mais com a realidade que me atinge. Sinto um vazio tão grande. Meus braços estão vazios, meu coração está vazio. Eu não fui capaz de mantê-la.

Levaram-na.

Levaram meu anjo. Levaram minha vida. Minha princesa encantada. A razão da minha existência, o ar que respiro e as minhas forças. Tudo. Eles me levaram junto com ela. Estou sem nada. Completamente no fundo de um mar de medo, arrependimento, raiva e lamento.

Não sei o que devo fazer agora. Tenho medo de fracassar de novo, mas não tenho tempo e o porquê de pensar assim. Tenho que sair daqui e procurá-la.

Algo me tira do transe e vejo homens de vermelho se aproximando de mim. Não tenho como ajudar. Pareço estar dormindo de olhos abertos. Fraco e grogue. Não consigo responder aos meus reflexos. Os homens me tiraram do carro. Eles me removem como se eu não pesasse quase cem quilos de músculos. Meus olhos teimam em fechar, mas eu sou mais teimoso e me esforço a mantê-los abertos. De relance vejo vultos e escuto sons de sirenes de polícia e ambulância, falatórios e carros passando na estrada pela outra pista.

Seus filhos da puta. Chegaram tarde. Chegaram tarde.

Um movimento de estalar de dedos me leva a olhar a mão de um paramédico e *demoradamente* vejo-o gesticular os lábios me indagando se estou bem.

Claro que não. Idiota.

Ele fala alguma coisa, mas eu não consigo entender. Sua voz é como um rouco e confuso murmuro. Eles me pegam novamente e a prancha onde me colocaram é posta em uma maca e erguida, e sou levado para dentro da ambulância.

“Não...” sussurro roucamente. Eu não posso sair daqui. Preciso ficar aqui.

“Senhor?”

“Mm...” gemo e tento levantar.

“Não se mexa, por favor. O senhor está bem?”

“Mm...” *Que inferno. Mal consigo falar.*

“Davis, ele parece querer falar alguma coisa.” O paramédico diz.

“Não importa, Leo. Leve-o para o hospital agora.”

“Não!” Me esforço e começo a me debater feito um peixe fora d’água.

“Hein, senhor, fique calmo.” O tal Leo, diz.

“Deixa-o comigo.” Uma mulher aparece sentando-se no banco comprido da ambulância perto de mim.

Ela começa a mexendo em mim, me examinando. Coloca algo no meu braço, acho que um medidor de pressão e abre minha blusa com uma tesoura, e

coloca elétrodos. Sinto apenas cócegas.

“Fique tranquilo, vamos cuidar de você.” Ela fala gentilmente.

Nego com a cabeça, mas me ignoram.

BUUM! Escuto o barulho forte das portas da ambulância sendo fechadas e mesmo grogue, sinto que começa a sair do lugar.

Não.

“Victoria. Minha esposa.” Minha voz sai como uma lixa. Arranhada e fraca.

“Não se preocupe, nós vamos falar com ela e seus amigos vão ficar bem também.”

Amigos?

Franzo a testa e demora alguns minutos para lembrar. Raul e Ken, eles também foram dopados. Meus olhos começam a queimar mais uma vez e acabo fechando-os. Isso faz minha cabeça girar e como uma porrada bem forte na minha têmpora, perco totalmente o controle de tudo e a consciência.

Que merda.

Victoria...

Preciso encontrá-la.



ACORDO EM UMA CAMA DE HOSPITAL e a luz forte sobre mim, me incomoda. Salivo com sede e sentindo um gosto ruim na boca. Olho para os lados e vejo máquinas e soro e uma cortina. Não estou em um quarto e sim em algum setor de emergência. Pode ser. Não fiz medicina, mas não sou burro.

Levanto minhas mãos e vejo em uma delas o botão para chamar a enfermeira. Aperto e espero. Três minutos uma mulher aparece.

“Olá. Você se sente bem?”

Balanço a cabeça e engulo com dificuldade. Os olhos dela reconhecem minha dificuldade e rapidamente pede licença e volta com um copo de água com um canudinho ridículo que não tenho escolha e chupo.

“Obrigado” agradeço e ela afasta o copo.

“Está melhor agora?”

“Sim” murmuro e reprimo a vontade de bocejar. “O que aconteceu?”

“O senhor não lembra?”

“Sim. Estou querendo dizer sobre o que foi que me deram e onde estão meus homens e se já informaram a minha família.”

Ela pisca e abre um sorriso neutro. “O antídoto era *rohypnol*, mais conhecido como boa noite Cinderela. Causa letargia, incapacidade de coordenação motora, tonteira, alguns casos sonolência e algumas vezes há lacunas de memória dos eventos no período de intoxicação. Pode durar até cinco

horas e trazer inclusive risco de morte por parada cardiorrespiratória ou outros efeitos da intoxicação. Felizmente o senhor não sofreu nenhum dano. Você lembra do que lhe aconteceu?”

“Dois carros bateram em nós. Eram dois Hammers – tanques – e eles nos prenderam.” Franzo a testa porque até contando isso é estranho. “Eles atiraram no vidro da frente e acertaram meus seguranças com esse tal de *rohypnol*. Então conseguiram chegar até a mim e minha esposa.” Faço uma pausa e concluo. “Eles atiraram em mim primeiro e depois nela.”

“Sua esposa...”

“Eles a levaram.” Termino sua frase.

“Ah! Eu sinto muito, senhor.” Ela diz com pesar. “Os policiais iram falar com o senhor para tomar depoimentos. Os homens que estavam no carro também, estão aqui na emergência. Devem estar despertando também. E ainda não informamos sua família, mas tem um homem que está aqui, que o conhece e quer lhe ver. Ele está ferido e nós já cuidamos dele, mas ele não quis ficar deitado. Se recusou. Disse que precisa falar com você.”

Corro os olhos por suas feições e meu coração perde uma batida. *Um homem que me conhece?*

“Quem?”

“Eu vou busca-lo.” Ela diz e sai rapidamente.

Enquanto estou novamente sozinho e está palavra e sensação me faz pensar *nela*. Deus. Se ela já acordou, deve estar desesperada. Deve estar morrendo de medo. Está sozinha e desprotegida. Eu preciso sair daqui logo.

Escuto vozes se aproximando e meus olhos focam na enfermeira e logo no homem que a segue.

“Colen?” Minha surpresa tem um misto de raiva.

“Eu sinto muito, Ethan.” Ele fala parando ao lado da minha cama e parece estar mancando e dá um olhar na enfermeira, que sai de uma vez. “Eu lamento o que aconteceu.”

“Eu quero que você me explique *o que aconteceu*. Onde você se meteu? Onde você estava quando estavam nos atacando e quando levaram Victoria?”

“Foi o Jorge.” Fala com lamento e raiva.

“O que tem Jorge?”

“Era ele o contato de dentro que Travis tinha conversado sobre ter alguém de dentro da segurança ou os funcionários dos Colton, infiltrado e que passava as informações.”

Balanço a cabeça e cerro a mandíbula. Como eu pude ser tão burro.

“Como você tem tanta certeza?”

“Ele me atacou enquanto estávamos no carro seguindo vocês.” Engole em

seco com raiva. “Nós lutamos, ele me acertou e durante a luta percebi que seus últimos dias, ele andava nervoso à toa e reivindicando suas decisões e de Ken.”

Assinto e concluo. “Ele queria ter ido no carro conosco.”

Feito um borrão os últimos acontecimentos vêm na minha cabeça. Victoria me disse que o único que a seguia e protegia era Kennedy e a partir do telefonema antes do baile que Jorge foi designado para cobrir a retaguarda de Ken. E então veio o homem no baile, que a assustou e ficou tão perto. ele estava naquele dia do parque também. Meu Deus. Eu o deixei cuidando de Victoria enquanto fui procurar Hannah.

No atentado da academia, foi ele que enrolou os seguranças a subir para nos encontrar. Lembro de Ken reclamando disso com o segurança da Cora. E ele também no dia, não fez esforço algum para me proteger da bala que atingiu meu ombro.

Victoria me contou que ele foi o primeiro a topar levá-la para Nova York quando tínhamos brigado. E veio os paparazzi, a bomba no avião e ele...

“Foi ele que derrubou ela na escada.” Digo sentindo o maxilar mexer automaticamente rangendo os dentes.

“Sim e ele também indicou o caminho errado para percorrer naquele dia. Não queria que Victoria saísse do carro para encontrar Raul e se salvar.” Colen faz um movimento de repulsa com o pescoço e vejo-o fechar os punhos nas alças da muleta. “Eu me sinto um imbecil por não ter percebido isso antes, por mais que em minha defesa, eu nunca gostei muito dele. E hoje quando saímos de casa, faltou pouco para eu não o matar lá mesmo.”

“Ele queria facilitar as coisas para os *parceiros* dele. Filho da puta. Eu vou matar ele. Onde está ele?” Me movo na cama. *Eu não estou ferido, merda.*

“Está no necrotério, já. Eu o matei” respira fundo. “Na hora eu não pensei. Na luta eu acabei enfiando a faca nele e então ele deu um tiro na coxa. Eu apenas virei a arma para o peito dele e apertei o gatilho. Eu estava possesso de raiva e sabia que estava perdendo tempo e que tinha mais alguma coisa acontecendo.” Abaixa a cabeça. “Só não esperava encontrar seu carro todo quebrado e você e os outros desmaiados. Me desculpe por chegar tarde.”

Mordo com tanta raiva o maxilar que quase sinto quebrar meus dentes. Aquele miserável drogou minha esposa grávida. Eu vou matar ele com minhas mãos. Acho que sou capaz de esmagar sua garganta com meus punhos.

“Agora não adianta se lamentar. Eu preciso sair daqui.” Começo a tirar os fios ligados em mim, fazendo os aparelhos apitar, e a levantar da cama. “Eu vou atrás dela.”

“A polícia já está em alerta e fazendo tudo que pode para ter pistas. Eu já dei meu depoimento e – ”

“Você disse que matou ele?” Estou sentado e contando até dez para me manter equilibrado.

“Sim, mas a lei não vigora para mim.”

“Porque você é a lei.” Digo com um leve tom de sarcasmos. *Realmente os Lozartan são a lei, ou mais forte do que ela.*

“E foi legítima defesa, Ethan.” Ele cerra a mandíbula.

“Eu sei, só estou irritado.” Levanto da cama e olho para mim. “Preciso de uma roupa para sair daqui.”

“Antes precisa falar com os policiais. Os Colton já falaram com eles e os seguranças.”

Franzo a testa. “Eles já acordaram?”

“Sim. Todos vocês tomaram soro e uns antibióticos para despertar antes do efeito do rohypnol terminar.”

“Rohypnol.” Murmuro com ódio. “Ele drogou ela e... o nosso bebê.”

Colen aperta meu ombro, dando apoio. “O médico diz que não é perigoso, mesmo que faça mal. E não pense assim, Ethan. Victoria é forte e vai passar por isso.”

Fito o chão e controlo meu desespero ao máximo. Fica forte amor.

“Will estava vindo para cá com –”

“Para que?” Levanto a voz.

“Ele quer falar com você. Saber o que aconteceu.”

“O que aconteceu foi que ele tinha um segurança de merda cuidando da filha e que sua teimosia de achar que é o melhor e que sabe de tudo, fez eu a levar para aquela maldita casa e agora eles conseguiram finalmente pegá-la. Tudo culpa dele.”

“Eu sei disso, mas não é o melhor caminho a se seguir.”

“Não importa. Só me arrume as roupas e eu vou sair daqui.”

“Senhor, volte para cama.” Uma enfermeira fala passando pelas cortinas.

“Não. Eu vou embora, porque não tenho mais nada para fazer aqui. Eu não estou doente ou ferido.”

Ela tenta falar mais alguma coisa, mas Colen a detém colocando a mão no seu ombro.

“Deixa ele.”

“Sim, senhor.”



MEUS PASSOS ESTÃO INSTÁVEIS, irregulares e eu sinto como estivesse em câmera lenta. Preciso sair daqui e ir atrás de Victoria. Mas sou impedido quando a polícia me interroga – os mesmos detetives da outra vez. Me nego a colaborar porque fui um imbecil

antes. Quero ir para casa logo. Sair do hospital de uma vez, só que Colen informou que eles vão ajudar a procurar também. É tão ruim pensar nisso, dizer isso, imaginar ela longe de mim triste e com medo.

Olho o relógio, porque Colen conseguiu minhas roupas de volta. Já passaram muitas horas após o... rapto. *Nossa como dói.* Respiro fundo e continuo me aproximando de Colen no corredor do hospital com a postura tensa e atento a tudo.

“Então cadê eles?” Esses policiais que não servem para nada.

Ele se vira para mim, me olha de cima à baixo não esboçando nenhuma reação, mas sinto sua reticência por eu estar de pé e tão rápido, nervoso demais.

“Foram para casa do Will, já que foi em Malibu”, diz e dá de ombros.

“Certo. Então vamos logo para lá.”

Ele concorda e tomamos o caminho do hospital. Paro na recepção para assinar minha alta e pergunto sobre meus seguros. Eles já saíram e foram para casa. Franço a testa e finjo que não estou surpreso, mas ao sair do hospital pergunto a Colen o que está acontecendo.

“Eles foram na sua casa pegar outro carro, porque a polícia pegou os outros para fazer perícia. São provas do acontecimento.”

Assinto e não falo mais nada até chegar no carro. Fico olhando para o lado por algum tempo, e meus pensamentos ao longe, em meu anjo. Meu coração não bate direito. O medo que sinto agora dói. E ao fechar os olhos, lembro nitidamente nossos últimos momentos. Nós estávamos felizes, fazendo planos para ela vir para esta maldita casa do Will, que provocou o meu pior pesadelo.

Ela não queria, porém, a pressão psicológica que o pai fez... Merda! Ela me pediu para não demorar. Eu lembro como se fosse há alguns minutos.

“Ótimo. E então o que você decidiu?”

“Posso fazer um teste em uma semana.” Ela disse. “Se eu não morrer de saudades, literalmente, eu sobrevivo sem você.”

“Eu também vou ficar com saudades, viu.”

“Eu vou muito mais e por favor, não demore. Por favorzinho não demore mesmo.”

“Eu prometo.”

A dor me consome. O medo.

Deus! Eu prometi que não ia demorar e agora eu não sei o que faço. Me sinto tão perdido. Tenho medo de estar demorando muito, de esperar demais. De ir para um lado e ela estar em outro. Ou que... Não. Meu Deus. Não permita isso. Eu vou morrer sem ela.

“Nós vamos encontrá-la, Ethan” Colen aperta meu ombro dando apoio sentado ao meu lado atrás no carro. Ken está dirigindo com Raul na frente.

Limpo meu rosto rapidamente e me viro para ele, assentindo com confiança. Eu preciso pensar positivo. Victoria não gostaria de eu pensar de outra maneira.

“Senhor.” Raul fala.

“Sim?”

“Os Lewins estão vindo para os Estados Unidos. Para a Califórnia.”

Por segundos pareço ter perdido a capacidade de me mexer ou raciocinar. Então com um estalo lembro que este é o sobrenome da Cora. Os pais dela estão vindo. Ai merda.

“Isso vai ser bom para achar minha esposa?” Sou sarcástico.

“Pode ser que sim e eles precisam vir. Há anos eles querem rever a filha.”

“Eles queriam tirar ela do Will e sinceramente, mesmo ele sendo insuportável às vezes, não desejo a ninguém ficar longe de quem se ama.”

“Você não sabe da história toda, se soubesse também iria querer levar sua filha para longe do perigo e se eles tivessem feito, hoje Victoria não estaria onde está.”

“E eu nunca teria conhecido ela” respondo com meu estomago sendo espremido de dor. “E realmente eu não sei ao certo nada sobre essa história, mas agora é tarde demais e eu apenas quero encontrar minha esposa e meu filho, do resto, sinceramente estou farto.”

Eu sei que não era ele que tinha que ouvir isto e sim Will, os Colton. No entanto ele apertou minha ferida. Falar que seria melhor terem levado ela há anos era a melhor opção tirou minha última gota de fé e paciência. Eu não ligo merda. Eu só preciso dela comigo sã e salva.

Volto a encarar o lado de fora e a estrada. Será que ela chegou a passar por aqui? Ou eles foram para o outro lado. Que saco. Por que eu não consigo lembrar para que lado o carro foi. A direção certa que eu preciso ir assim que fugir do interrogatório.

O carro faz uma parada e noto que estão próximos a árvores altas e o portal de madeira. Chegamos a casa do Will. Tomo uma respiração profunda e conto mentalmente até a hora de ter que encarar ele. Não estou com medo. Estou com raiva porque tudo é culpa dele. Sim, é dele. Foi ele que nos forçou a vir para casa, me forçou a trazê-la, colocou na minha cabeça que eu não era capaz de cuidar dela e então seu maldito plano deu errado. É tudo culpa dele.

Finalmente Ken para, já no local onde fica os carros de visita, pois é isso que pretendo fazer aqui. Uma mera visita. Se eu for ficar em algum lugar, vou para minha casa, mesmo que não esteja pensando nisso por enquanto. Saio do carro, reparando nos três carros de polícias no caminho de retorno dos carros em frete a casa e caminho com passos firmes para dentro, ignorando os dois polícias

na porta. Logo que entro, minha avó vem em minha direção.

“Querido, como você está?”

“Estou bem, na medida do possível.” Respondo assentindo e olhando para a sala onde escuto ao longe vozes.

“Ah.” Vovó lamenta. “Eu sinto muito e tenho certeza que vão encontrá-la.”

Fito minha avó e abro um sorriso de gratidão. “Obrigado, vó. Mas agora vou falar com eles. Está bem?!”

“Claro, sim. Seu avô conversou com eles também e Will e Cora. Os detetives já estão fazendo de tudo para achar ela.”

Assinto e cerro a mandíbula só em pensar que tem quase seis horas que a levaram. Meu Deus. Eu preciso ir atrás dela. Não posso esperar que eles façam o trabalho deles e me peçam para ficar aqui esperando. *Não*. Eu preciso ir atrás dela porque eu prometi que nunca a deixaria sozinha, que encontraria ela em qualquer lugar do mundo.

Aperto com delicadeza os ombros da minha avó, para ela entender que preciso deixá-la agora e passo por ela quando sai da minha frente. Passando pelos polícias perto da sala de jantar, chego na sala de estar e encontro dois homens, que me parecem conhecidos e Cora sentada no sofá com as mãos juntas em uma oração constante e silenciosa, meu avô sentado no outro sofá e Will de pé falando com os homens no canto.

Quando eles percebem minha presença uma aura estranha se instala na atmosfera. Meus olhos deixam de focar em Cora, com os olhos vermelhos e tristes que me lembra tanto minha mulher, e vão para Will. Encarar muito Cora vai me levar para baixo. Elas se parecem demais e faz meu coração se apertar dentro do meu peito.

“Ethan” Cora se levanta e vem me abraçar. “Ainda bem que você está bem. Que bom.” Ela soluça nos meus braços.

Faço o que posso para confortar ela e sei sem precisar perguntar, que represento sua filha neste momento. Sou o *alguém* de Victoria que tem o coração dela e enquanto Cora me abraça sinto seu aperto cada vez mais forte. Está procurando o conforto do medo em mim. Limpo minha garganta para não chorar e afagando suas costas, coloco as mãos em seus ombros e me afasto suavemente. Ela limpa o rosto de cabeça baixa e quando me encara, seus olhos transbordam e ela soluça como estivesse sufocada. Fecho os olhos e a trago de volta para os meus braços.

“Eu vou encontrar ela. Confia em mim.”

Ela chora silenciosamente e sinto-a assentir. “Eu não posso perder ela também.”

Mesmo que ela tenha acabado de colocar uma pulga atrás da minha orelha:

Não posso perder ela também?! Me concentro em amparar o sofrimento que compartilhamos.

“Não vou deixar que isso aconteça. Eu lhe prometo. Posso ter falhado agora” ela se solta de mim e me encara arrasada, franzindo a testa, “mas eu juro que não falharei de novo. Eu vou trazer ela de volta.”

Ela tenta sorrir e assente. “Eu sei que vai, porque você precisa dela tanto quanto eu.”

“Até mais” digo em voz baixa.

Cora concorda com um aceno de cabeça e se afasta de mim. Os detetives vêm com Will para perto de mim. Perto os punhos ao lado do corpo conforme Will se aproxima com seus olhos acusadores e raivosos, mas isso não me derruba. Estão duelando nesta sala e pelo menos eu tenho consciência de que nunca fiz nada para ser o culpado de terem levado ela. Ele sim.

“Sou o detetive Bardon, investigativo e este é Porto, detetive de homicídios.”

“Homicídio? Mas não houve nenhum homicídio, minha esposa foi sequestrada.” Falo apressado e ficando nervoso.

“Sim, sim, mas sua segurança matou a única pessoa que serviria como pista.” Seu é um pouco acusatório.

“Por acaso o senhor está insinuando alguma coisa?”

Ele cerra a mandíbula e Will me olha de forma acusatória também. Babacas. Estou ficando puto.

“Ele foi o único que teve contato com a segurança que trabalhava para os Colton e até onde se sabe, ele passava informações para os sequestradores.”

“A forma que você está falando parece que Colen pode ser culpado e para sua informação, caso meu sogro não lhe contou,” frito rapidamente William “essas perseguições existem bem antes de eu me envolver com Victoria e Colen aparecer para ajudar.”

“Ajudar em que?” Pergunta Porto.

Fito seus olhos castanhos, os cabelos escuros com leves fios grisalhos e sua postura alta e larga, não me amedrontam. Nenhum pouco. Estou ficando puto com as acusações contra Colen e de certa forma para mim.

“Eu precisava de reforço para cuidar da segurança dela e eu sabia quem ele é. Então o chamei para ser um reforço na segurança, do meu lado.”

“Como você o conheceu?”

“É sério que enquanto minha esposa está por aí trancada em um quarto e Deus queria que sem sofrer nenhum tipo de maus-tratos, você está me indagando como conheci um dos chefes da máfia de Las Vegas? Ele é meu amigo! Confio nele e se não fosse sua insistência para guiar o carro hoje mais cedo e não ter

deixado Jorge no comando, a situação poderia ter sido bem pior e invés de estar morto, estaria vivo e ainda ajudando os filhos da puta que a levaram. Então, francamente, vamos ao que interessa. Meu depoimento. Preciso ir procurar minha esposa.”

“Sr. Brown em momento algum eu quis acusar ninguém. Estou fazendo meu trabalho.”

“Seu trabalho não é acusar quem está do meu lado. É pegar informações e pistas para assim poder ir atrás da minha mulher e desvendar quem são essas pessoas. Há dois meses nossas vidas estão sendo um terror. Emboscada na academia, avião explodindo pelos ares, telefonemas, fazenda pegando fogo e perseguição. E agora eles conseguiram pegar ela. Pelo amor de Deus. Estou pouco me lixando do que você pensa sobre Colen, quero resolver este problema agora. Victoria não pode mais viver assim.” Esta frase direciono totalmente para Will, que cerra a mandíbula e se afasta.

Os detetives assentem submissos e começam a fazer as perguntas certas. Conto tudo que lembro. O antes e o depois dos carros baterem no meu.

“E então vi meus seguranças desmaiados na frente do carro. Tentei proteger Victoria, mas o cara abriu a porta e atirou em mim com aquela merda de rohypnol.”

“E depois disso?”

“Eu fiquei grogue quase que instantaneamente e eles atiraram nela também e antes de pegarem ela, ele atirou em mim novamente e por fim...” não consigo terminar.

“Entendo” Bardon anota. “E você acordou onde?”

“Quando estavam me colocando na ambulância, mas perdi a consciência de novo e voltei a acordar no hospital.”

“E aí você viu seu segurança.”

“Colen é meu amigo, não segurança.”

“Isso. Você o viu só depois de tudo isso acontecer?”

“Foi. Por que?” Estou sem a mínima paciência.

“Certo. Você pode me descrever o homem que pegou sua esposa?”

Franzo a testa resgatando das minhas memórias o rosto do homem. “Ele era branco, cabelos escuros e aparentava ter uns trinta e cinco/trinta e quarenta anos. Vestia roupas de qualidade e diferente do homem que abordou Victoria nas outras vezes, ele não tinha a idade de Ryan Colton e sim do Will.”

“O que você quer dizer com isso?” Porto se pronuncia e aperta os olhos, curioso.

“Eu tenho quase cem por cento de certeza de que esse homem está querendo vingança contra William Colton. Isso não é por causa de dinheiro.”

Ele assente, ainda sério. “Mesmo assim você sabe que em caso de sequestro temos que esperar a ligação.”

“Esperar?” Minha voz sai alta pela indignação.

“Sim. Não podemos sair a procura dela. Não temos pistas concretas pelo fato de ela ter sido pega no meio de uma autoestrada. E de qualquer jeito. O telefonema é esperado e com ele podemos chegar a pistas de quem possa ser.”

“Você está querendo dizer que eu vou ter que sentar e esperar ele entrar em contato enquanto minha esposa está trancafiada e com medo pela terceira vez?!” Digo incrédulo e passo as mãos nos cabelos com raiva. “Isso só pode ser brincadeira.”

“Senhor –”

“Não interessa. Não me importa como vocês vão trabalhar para encontrar ela, mas não vou ficar sentado esperando.”

“E vai fazer o que? Não tem como achá-la. É como procurar agulha no palheiro. Ela pode estar em Malibu ou Los Angeles, pode ter ido para mais longe –”

“Chega!” Will pede quando Cora deixa escapar um soluço.

Me virando, vejo minha sogra sentada em posição fetal no sofá maior e minha avó com ela. Cerro a mandíbula e volto a encarar os detetives.

“Podem fazer o que vocês acharem o certo, eu vou fazer o que estiver no meu alcance, que não inclui esperar sentado.”

“O senhor não pode se colocar em perigo também. Será mais um problema a se pensar.”

“Não se preocupe comigo e sim com minha esposa.”

“Senhor –”

“Deixa ele fazer o que quer. Não adianta nada vocês falarem ao contrário.” Will fala se colocando quase na minha frente.

Ainda bem que ele sabe disso. Que ao tomar uma decisão, nada é capaz de me deter.

“Então está certo. Nós vamos voltar a trabalhar nesta investigação e todos os telefones estão grampeados e a casa está sendo monitorada.”

“De todos?”

“Sim, senhor.” Porto responde de bom grado, enquanto o outro me olha com repreensão. Ele com certeza não ama ninguém como eu amo Victoria.

Mais algumas perguntas e minutos perdidos e eles se vão deixando alguns policiais na casa para ajudar no reforço da segurança inútil agora. Quando ficamos à sós, Will tenta não me encarar, mas eu ergo o rosto e o fito.

“Sua ideia foi incrível, né.” Digo irônico.

“Acho bom você não começar.”

“Não começar?” Berro. “A sua ideia infeliz que a levou para onde está agora e a sua equipe de seguranças inúteis que tinha um dedo duro que levava todas as informações para eles e sem contar que *tudo isso* é culpa de algo que você persiste em dizer que não sabe. Que não fez. Que não lembra, William.”

“Cala a boca!” Ele pede cerrando os dentes e vem para cima de mim, me encarando com ódio. “Como você tem tanta certeza que não tem dedo do seu amigo nisso, hein.”

“Como você pode ser tão cego? Colen chegou nessa *merda* agora. Isso dura há anos.” Falo alto.

Escuto Cora pedir para nós não brigarmos, mas seu marido ignora e empurra meu peito.

“Mas isso tudo também é culpa sua.”

“O quê? Minha culpa?” Falo alto. Que se foda.

“Desde que você voltou e apareceu na vida da minha filha tudo piorou. Agora ela não está aqui por sua culpa.”

Dou um passo para frente e fico mais perto dele. “Você está louco, Will. Eu amo Victoria e o que eu mais quero é ela de volta. O que eu mais queria era ela vivendo uma vida de verdade. Não venha falar esse tipo de *merda* para mim. A ideia foi sua! Trazer ela para cá, pegar Jorge para ajudar na segurança dela e tudo mais.”

“Eu não sabia, porra!” Esbraveja entre os dentes. “Você apareceu e precisei ficar de olho nela ainda mais. Ela mudou e tudo se desmoronou.”

“Ela mudou porque estava crescendo. Virando uma pessoa de verdade, não uma fantasia de *alguém* feliz. Ela estava se transformando em uma mulher.” A dor em minha voz é palpável.

Ele agarra a gola da minha blusa e aperta, me empurrando. Minhas costas batem com força na parede. Escuto os outros pedindo para ele parar. E quem está parado sou eu. Também sou culpado. Não percebi as coisas na minha frente há tempo e se eu perder a cabeça não vai ser bom. Vou deixar ele me bater porque eu já me sinto um *merda*. *Se eu nunca mais vê-la...* Ele pode me matar com as próprias mãos.

Fecho os olhos quando Will me solta e dá um murro com as duas mãos no meu peito.

“Seu fraco. Seu *merda*. Levaram ela por sua culpa. Eu vou matar você se nunca mais conseguir ver minha filha.”

Então somos dois – penso amargamente.

“William!” Cora exclama por meio das suas lágrimas.

Viro-me para ela e peço com os olhos para ela não se meter. Eu mereço. Sou um filho da puta. Deixei pegarem ela. Nunca vou me perdoar por isso.

A dor no meu peito cresce e sinto a lágrima quente escorrer pelo meu rosto. Perco minhas forças e caio no chão de joelhos. Minhas mãos vão para os meus cabelos e os aperto com força. Deixo que este momento tome minhas forças. Eu preciso deixar que esse lado fraco saia de mim e recupere as forças para ir atrás do meu anjo.

“Ethan” Cora para na minha frente e me abraça como uma mãe faria. “Vai ficar tudo bem.”

É engraçado, acabei de fazer isso com ela e mesmo não se sentindo forte, ela veio me amparar. Levanto o rosto e encaro ela.

“Me perdoe por não conseguir *segura-la*. Eu tentei. Fiz de tudo para isso não acontecer.”

“Eu sei. Nós também.” Ela me pede desculpas com os olhos. “Will só está com medo. Não fique com raiva dele.”

Balanço a cabeça. “Eu apenas quero saber da verdade Cora.”

“Que verdade?”

“Quem é essa pessoa?”

“Eu juro que não sabemos, Ethan.”

“Não. Você deve não saber, mas ele sabe. Tem alguma coisa que não estão contando.”

“Não sei o que você está insinuando, Ethan.” Will fala perto de nós.

Fazendo Cora se afastar, me levando e fito meu sogro, que mesmo com sua cara de mal, não me amedronta mais.

“Que tem algo nessa história toda de ficar longe dos pais de Cora, que eu não sei.”

“Não lhe desrespeita.”

“É da minha conta sim. É quando casei com sua filha e tenho que viver no medo e protegendo ela porque alguém quer pegá-la. E quem são seus inimigos Will? Com certeza você tem os seus.”

Ele cerra a mandíbula e deixa de me encarar. “Nós já falamos tudo que sabíamos e nossas dúvidas, de resto são especulações e até um pouco fantasia.”

“Como assim?”

“Algumas teorias de que seja...”

“Quem?”

Me encara de volta. “Um dos pais das crianças que morreram no meu resgate.”

Meu coração acelera e acabo dando um passo para trás com esta hipótese. Ela parece tão certa. Como não pensei nisso antes, mas... se for.

“Ele vai querer dente por dente.” Minha garganta se fecha e meu corpo começa a tremer. “Ele...”

“Por isso não queremos acreditar nisso.” Elizabeth, que aparece do nada, murmura se aproximando.

“Mas se for?” Não consigo nem pensar direito e vejo Ryan Colton parando na minha frente.

“Eu me encarreguei de pedir naquele dia para tomarem cuidado com as crianças, mas infelizmente o sequestrador atirou quase em todas e apenas três saíram com vida de lá. Eu falei com todos os pais e apesar da tristeza, alguns até mantem contato comigo.”

“Isso não quer dizer que eles são seus amigos. Que não estão fazendo nas suas costas a vingança.”

“Sim, nós sabemos, porém, vigio todos de perto.”

“Todos mesmo? Será que não deixou escapar nenhum?”

Ryan parece refletir e assente, mas não parecer ter certeza da sua própria certeza.

Paro, respiro e olhando para o chão, pergunto: “Todas as crianças morreram mesmo?”

“Não.” A resposta de Will, me faz erguer a cabeça e encara-lo. “Descobrimos há pouco tempo que uma garota sobreviveu, mas não completamente.”

Franzo a testa, confuso.

“Ela ficou paraplégica.”

“Você disse que todas tinham morrido.”

“Pensamos isso porque o pai dela se mudou para o Japão um ano depois. Não tivemos contato e mal lembrava deles.”

“E como souberam dela agora?”

“Ela nos encontrou e agradeceu apesar de não poder andar, disse que se não fossemos nós, ela não teria a segunda chance que teve.”

“Minha nossa!” Exclamo e me afasto deles. Não quero encará-los. Coloco a mão no rosto, me sentindo exausto e morrendo de medo. “Vocês não têm controle sobre nada.”

“Nós tentamos.”

“Nós tentamos?” Repito as palavras de Ryan. “Tentam tanto que viveram anos como prisioneiros do medo. Tentam tanto que agora Victoria foi pega de novo e se foi algum dos pais...” perco a voz.

“Não é.”

“Como você tem certeza William?” Falo com as mãos no quadril. Ele me irrita, francamente.

“Quando a levaram com sete anos, investigaram todos os pais e não encontraram nada. Novamente hoje dei seus nomes e todos os dados, tudo o que

sabia para a polícia. Eu não acredito que sejam eles.”

“A verdade é que você não quer que seja um deles. Essa é a verdade. Tem medo que isso seja o motivo e que ele queira lhe punir na mesma moeda.” Minha voz está abafada, com a vontade repentina de chorar. Ódio e desespero me define.

A veia do seu pescoço trepida e Wil baixa o rosto.

Balanço a cabeça e encaro todos eles e Cora, ela parece tão arrasada e ainda não esqueci as palavras dela de antes. Essa família me consome. Mais do que nunca quero minha *Victoria Brown* ao meu lado. Dou um olhar mordaz a Ryan e engolindo em seco, faço um aceno com a cabeça.

“Preciso de um tempo. Eu não consigo acreditar em vocês. A culpa foi minha, mesmo” eles me encaram em silêncio. “Foi quando achei que estava lidando com vítimas, mas a única vítima é minha mulher por ter que contar com vocês e suas mentiras. Agora tudo faz sentido.” Olho Will. “Eu também iria querer minha filha e minha neta longe desse circo.” Com isso saio da sala pelo jardim e dou passos largos pelo gramado até pegar o caminho para a rampa da praia.

Quando meus pés batem na areia, respiro fundo e fecho os olhos. Paro na beira do mar e deixo minhas lágrimas salgadas se juntarem com a água salgada.

“Ah amor...” coloco as mãos na cabeça e inclino para cima.

Choro com força, mas sem fazer barulho. Deixo o desespero sair de mim e só restar o medo, é ele que vai me impulsionar a ir atrás dela. Ela uma vez disse que o medo não é a ausência da coragem e sim a força que nos faz seguir em frente e tentar.

“Eu vou tentar amor, até minha última gota de sangue. Eu vou achar vocês.”

Soluto lembrando da sua voz falando do nosso filho. Sorrio com amargura lembrando do seu sonho do menininho na praia. Das roupinhas que comprou em Aspen e do ultrassom. O coração batendo.

Chega!

Não posso ficar me martirizando e usando essas lembranças como não fosse tê-las de novo e muito mais. Eu vou achar meu anjo. Ela prometeu que seria forte para mim. *Minha nossa*. Ela sentiu. Sabia que ia acontecer algo e eu também. Lá no fundo eu senti algo também.

Arfo com força e abro os olhos fitando o mar escuro e hoje parece tão bravo. Inspiro e expiro. Eu só preciso que ela aguente e seja forte. Aprumo a postura e me viro para começar a ir atrás dela.

Subo a rampa correndo e me deparo com Zeus e Prince no deck da varanda. Eles correm até a mim e me agacho para falar com eles.

“Eu vou atrás da nossa princesa agora, está bem” murmuro baixo e seguro a

cara de Prince e seus olhinhos quase me fazem chorar de novo. “Vou atrás da mamãe.”

Me levanto e saio pelo lado de fora da casa, pelo jardim e chegando no meu carro, encontro Colen.

“Vamos.”

Ele assente e vai para o lado do motorista. Ótimo. Não estou com cabeça para dirigir, se me irritarem agora sou capaz de matar um.

Dois

Victoria

SÁBADO, 06 DE MARÇO DE 2014.



UMA DOR SÚBITA NA CABEÇA, ME DESPERTA DOLOROSAMENTE. Tento erguer meu corpo, mas me sinto tão fraca. Com dor nos olhos, os abro. Está tudo tão silencioso e escuro. Não consigo enxergar nada e estou com frio. A cama não é confortável e não há travesseiros ou nem sequer um lençol para me cobrir. Tateio no escuro, procurando por algo, no entanto não tem nada... Por teimosia me sento, virando para levantar e... estou no chão.

Meu coração acelera e piscando várias vezes, tento me acostumar com o breu, pois não está escuro como em um quarto sem luz, está um breu. Não consigo realmente ver *absolutamente* nada e o cheiro é de... água. Umidade e madeira, móveis de madeira pura. Não é ruim, mas não é familiar ou confortável quando respiro fundo. Não sei onde estou.

Estou sonhando?

Isso é um daqueles sonhos?

Fechos os olhos e me abraço. E cai sobre mim a realidade de que o sentimento de um pesadelo, na verdade, foi os últimos acontecimentos que vivi. O carro. Ethan nervoso. Os disparos e então nada... Eu desmaiei e eu sabia... Sabia que eles tinham conseguido mais uma vez me pegar.

Levanto o rosto, como se assim pudesse aclamar aos céus. Meu desespero e abro a boca soltando a respiração. Me sinto sufocada.

Ah Ethan. Amor eu sinto muito por você. Meu Deus. Ele tem que estar bem, de alguma forma, porque tenho certeza que deve estar sofrendo tanto e nervoso. As lágrimas chegam suavemente por debaixo das minhas pálpebras e umedecem meus cílios. Caio para o lado, me deitando de novo e respiro fundo. Não sei o que faço. Não sei se rezo por mim. Ou rezo por Ethan. Estou confusa e com medo. Pode ser a última vez... Pode ser o fim. Além disso *tudo!* Eu estou com fome e eu sei porque. Choro dolorosamente e coloco as mãos sobre minha barriga. *Ah bebê. Eu sinto muito.*

Sinto minha pulsação tão fraca. Meu coração parece lutar para continuar batendo. E deitada, não quero mais nada, apenas tenho vontade de chorar. A dor em meu peito é a coisa mais vital que me mantém sã neste exato momento, de que estou viva. A dor. A tristeza e o amor que tenho por Ethan e nosso bebê, me

fazem companhia.

Soluço silenciosamente e respiro pela boca como forma de diminuir a dor que estou sentindo. Meu choro dói tanto quanto meu medo me apavora. Parece que tenho um buraco no peito. Me encolho na cama e por enquanto preciso desse momento de desespero. Não vai durar o tempo todo porque eu prometi a Ethan que se algo acontecesse, eu seria forte e esperaria por ele. E eu vou fazer. Eu vou... Eu vou ser forte. Vou ser corajosa e esperar ele. Mas lá dentro de mim – como de qualquer pessoa com medo – existe o ‘e se’ não acontecer. E se ele não conseguir me achar. E se este homem resolver acabar comigo assim que notar que acordei.

Um desespero maior me atinge e tapo minha boca pressionando com força minhas mãos nela. Me viro no colchão, que agora sinto seu odor horrível – mofo – e toco com os joelhos em algo. Recuo em sobressalto para longe. Tremendo, estico a mão e lentamente toco... a parede. É uma parede. Está gelada e descendo tem rodapé. Não parece com uma casa abandonada como da outra vez.

Curiosa, me viro e, receosa ainda, toco o chão. Parece madeira como o chão da minha casa. Isso me faz funga baixo e meus olhos se enchem novamente. *Minha casa*. Eu queria estar lá com Ethan. *Que horas deve ser?* Me sinto desorientada e existe uma dor em minhas costas. *Será que já estou aqui há muito tempo?*

Me sento novamente e encolho as pernas, me sentando de chinês. Forço minhas vistas a se habituar ao breu e parece que há uma porta na minha frente, não muito longe. Minha respiração se acelera com minhas ideias.

Calma. Vá devagar.

Um som estridente escapa de mim nos primeiros movimentos, mas não recuo. Coloco as mãos no chão e os joelhos, e lentamente engatinho até a porta. Meus nervos estão à flor da pele, porque tenho medo de pisar ou encostar em alguma coisa ou bicho, e minhas vistas, sinto-as embaçar mesmo não conseguindo enxergar nada de fato. Uma mão de cada vez, um joelho na frente do outro, e então chego até a... porta. É sim, uma porta de madeira.

Sento nos calcanhares e deslizo minhas mãos bem devagar pela porta a procura da maçaneta, então acho o molde onde deveria ter o gancho, mas não tem nada, apenas um buraco que parece estar com alguma coisa tampando. Pisco os olhos atormentada e fico de joelhos até poder ver. Eles tiraram a maçaneta.

Sento de novo com um baque e coloco as mãos no rosto. Quando eu era criança também não tinha maçaneta. Tinha um colchão velho com um cheiro terrível, bem pior do que esse e eu fiquei no escuro. *Ah meu Deus*. Está acontecendo tudo de novo... de novo. Não é um pesadelo. É real. É de verdade que estou de novo... “aqui.” Sussurro.

Engulo em seco e tento fazer meu corpo responder aos meus comandos. Estou tremendo muito e sentindo calafrios terríveis. Volto para o colchão morrendo de medo de tudo e me deito, me encolhendo para tentar diminuir o frio. Fecho os olhos e lembro de que eu estava de casaco, relógio e minhas botas. Eles tiraram tudo e noto que o prendedor de cabelo também. *Quem contou que tinha rastreador nele?* Franzo a testa e fecho os olhos.

Estou me sentindo esgotada e sonolenta de novo, e mesmo com fome e frio... vou caindo no sono. Fico pensando porque não consigo mais chorar, porque mesmo desesperada com o medo de nunca mais ver minha família e Ethan e de nunca ter a oportunidade de ver... meu bebê nascer. NÃO CONSIGO CHORAR.

“Ah! Eu consigo sim” murmuro chorando de verdade, com tudo de mim. Com força e abafo o som no colchão. Meu corpo sacode e agarro as bordas do colchão.

Eu quero ir para casa. Eu quero o Ethan. Ethan! Amor. Me encontre. Escute seu coração e me encontre.

Minhas lágrimas começam a molhar a cama e soluço com tanta força. Eu consegui desencadear – realmente – minha dor.

Todas as minhas lembranças preciosas, ou nem tanto, passam por minha cabeça. Meu primeiro cãozinho, o qual me salvou de enlouquecer da outra vez no cativeiro, minha volta para casa, Cora. *Ah mãe...* Lembro do Will, desesperado, me tomando nos braços naquele dia. Meus dias de recuperação. Vovó e vovô tentando de tudo para me fazer feliz. Eu podia ser pequena e pode ter passado doze anos, mas eu lembro. Lembro como foi difícil e depois minha volta para as ruas. *Clara.* Ela foi tão minha amiga. Vovó Maya e vovô Will na fazenda me mimando. E logo eu estava bem... quase. Eu só fiquei bem de verdade quando *ele* apareceu.

Ethan.

Soluço e minha garganta quase fecha. Faço uma pausa nos pensamentos e apenas deixo as lágrimas saírem. Meu corpo balança e consigo visualizar seu rosto em minha mente quando fecho os olhos.

“Seja forte, amor” balbucio baixinho.

Consigo abrir um sorriso, meio a um soluço, por lembrar de todos os nossos momentos. Nosso primeiro beijo. Nossos abraços. Nossos ‘eu te amo’. *Ah... como eu te amo, Ethan. Sempre vou amar, não importa o que aconteça e podem me crucificar por querer só isso para minha vida. Amar você e ser amada. E agora todo aquele desespero. Todas as lágrimas e todas as nossas declarações fazem sentido. Talvez eu estivesse aproveitando meus momentos com você. Talvez todas foram minha despedida.*

“Ah, não.” *Não pode ser. Eu não quero que acabe. Eu tenho o nosso bebê bem aqui.* Espalmo minhas mãos no meu ventre deitando de lado e rogo aos céus. *Por favor, meu bebê não. Ethan não vai suportar isso. Ele vai ficar tão triste e talvez para sempre. Ele me ama na mesma medida que eu a ele, e sei com toda certeza do mundo, que se o perdesse... nunca mais me recuperaria.*

E meu pranto, mesmo silencioso, acaba de repente.

Acho que escutei um barulho.

São passos.

Viro meu rosto para o lado da porta e há uma luz por debaixo dela e sombras. Prendo a respiração e tento me manter tão parada quanto consigo, e respiro pelo nariz suavemente sem nenhum ruído.

A sombra para, e de frente para porta, e fala algo, que eu não consigo entender. Não sei se é pelo medo que parece tapar meus ouvidos, ou porque falou muito baixo. E então o barulho de uma fechadura sendo aberta e a maçaneta sendo girada. *Ai não!* Fecho os olhos e me encolho mais ainda.

Ouçõ – direitinho – a porta se abrir e sinto uma rajada de ar frio, mas logo some. A porta se fechou, mas há uma luz fraca, que atravessa minhas pálpebras. Então seus passos parecem mais pertos e mais pertos e ele me toca o ombro.

Solto um ruído de dor, ou espanto ou susto. Na verdade, é o mais puro medo.

“Eu trouxe comida.” Sua voz é forte e rouca. Nunca ouvi antes e forço minha mente a recordar a voz do homem do telefone. Não. Não é ele.

Ele tira a mão de mim, escuto um barulho de metal. Mesmo com medo, abro os olhos. Ele parece ser alto, muito alto como Anton, meu cunhado, e tem um celular – eu creio – na mão com a lanterna acesa. Corro meus olhos pelo ambiente, já que eu posso enxergar aqui dentro desta vez. No canto, longe do colchão, tem uma pia, um vaso sanitário, e um pouco distante, uma cadeira de aço e uma mesa baixa, onde ele colocou uma bandeja. *Eu não vou comer nada que eles me derem.* Ainda olhando o ambiente, por debaixo dos meus dedos e encolhida, meu queixo toca meu tronco, reparo que na parede adjacente à porta, há madeiras pregadas. *A janela.*

Ele se mexe e meus olhos imediatamente vão para os seus pés. Sapatos brutos, são botinas de exército. *Onde eu já vi isso?* Ele caminha até a porta e a abre. A claridade machuca meus olhos e acabo fechando-os de novo. No entanto, me forço a abri-los mais uma vez para vê-lo sair e vislumbro seu rosto.

Trocamos um olhar por breves segundos antes de ele fechar a porta. *Meu Deus.* Eu já o vi antes. No parque em Maryland, que Hanna sumiu. Eu sou boa em gravar fisionomia – claro que se não passar anos, pois não reconheci Ethan assim que o vi – mas esse homem... sim. *Oh céus.* Ele é o cara que Hanna disse

que parecia com o pai. E é verdade. Ele parece demais com Anton.

Me desespero e fecho os olhos com força, sentindo uma forte dor na cabeça. Estou exausta. Meu medo está me consumindo por inteiro e ainda tenho fome.

“Bebê. Eu não posso comer isso que eles me deram. Me desculpe. Não posso confiar. Me perdoe, pingentinho.” Sussurro bem baixinho e fecho as mãos na boca. E quando faço isso... sinto algo gelado na boca. Pulo no lugar, assustada. *O que é isso?*

Calmamente, passo os dedos onde senti o frio e não sou burra, é um anel. Pera aí. Eu estou com todos os meus anéis e o colar com o pingente... de coração que Cora me deu. Mas não. Ele não tem rastreador, mas... ai meu Deus.

Me levanto, me apoiando na parede e fecho os olhos. Na minha frente tem a porta, virando para direita tem a janela, na direção da mesa, cadeira, pia e vaso. Tento seguir uma linha imaginária, que borda o colchão e estico as mãos.

Madeira! Toquei as ripas da janela. Sinto os pregos, as bordas e um plástico no final, embaixo. Empurro e então uma fresta de luz entra. Rapidamente tapo com a mão para eles não verem. Fico na frente e empurro de novo para a luz aparecer. É amarela e parece natural. *Está de dia*. Hoje deve ser... sábado, ou será que estou dormindo há dois dias? Deus! Eu não sei.

Me concentro em ver minhas mãos e não pensar quantos dias estou aqui, não posso enlouquecer. Eu prometi a Ethan que seria forte. *Que eu iria esperar ele*. Coloco minha mão sobre meu peito e na direção da luz. Meu anel de noivado e minha aliança estão comigo. E olhando minha outra mão... *Ah minha nossa. O anel*. O maldito anel de esmeralda está comigo.

Caio de joelhos e coloco as mãos na boca para não soluçar alto. Sinto um alívio enorme, mesmo que isso não seja garantia para nada. Ethan disse que tirou o rastreador, que desligou ele, mas... e se... E se ele ligar de novo. Me abraço, e mesmo chorando, sorrio com o fio de esperança.

Ethan, lembra do anel, amor. Lembra do anel – rogo em pensamentos. *Deus faz ele lembrar disso, por favor.*



SE EU TIVESSE UM RELÓGIO, teria certeza de que realmente tem duas horas que estou lutando contra o sono – de novo. Depois da visita do homem, que me trouxe a bandeja – ainda cheia – e a descoberta do anel, tive um pesadelo, pois fui fraca e cochilei. Tinha pensado que seria bom, mas não foi. Agora me sinto destruída e sonolenta.

Dizem que dormir mata a fome. Bem, meu bebê não concorda com isso. Acordei com mais fome e por isso estou ainda mais cansada. Sinto minhas pálpebras pesadas. Acho que o escuro está me deixando sonolenta duas vezes

mais, além da compreensão de que estou grávida. Reviro os olhos irritado com minha fraqueza. Eu não estava com esse sono todo antes. E não consigo desligar meu cérebro.

Não consigo parar de pensar no Ethan. Parece que estou fazendo meu coração bater mais forte, mais rápido, para que de alguma forma isso eleve meus pensamentos ao meu marido. Estou ficando louca. Criei um mantra. *Ethan pense no anel. Pense no que eu estava vestindo. Mexa nas minhas coisas.* Ele tem de lembrar.

Eu preciso tanto que ele faça isso. Que ele chegue no nosso quarto e olhe as minhas coisas. *Sei lá.* Eu preciso que ele raciocine como um detetive e procure pistas, e de alguma forma a luz se acenda no fim do túnel. Nem que ele lembre do rastreador por acaso e ligue. Eu sei que ele desligou, mas pode ser ligado de volta. Eu até tinha comentado com ele que não me importaria dele fazer. *Por favor, Ethan. Ligue essa “Lanterna Verde”.* Rio porque Anton chama assim o anel.

De repente uma luz forte, debaixo da porta, captura meus pensamentos. Me encolho instintivamente e me arrasto no colchão até sentir a parede gelada. Sinto um calafrio e fecho os olhos. Eu tinha esquecido que está muito frio aqui. Meus dedos dos pés estão gelados, na verdade, este frio está subindo e já sinto as panturrilhas congelando.

Meus olhos voam para a direção da porta quando escuto o trinco. Ai, não. De novo não.

Fecho os olhos e abraço minhas pernas pressionando meu peito. A luz fica forte, e sei porque. Abriram a porta. Ouço os passos se aproximando e um tremor percorrer meu corpo violentamente quando sinto o colchão se mover. *Um. Duas.* Na terceira vez... No terceiro passo sobre o colchão, sinto um toque no meu ombro.

“Não. Por favor, não.” Imploro.

“Cala a boca!”

A voz dele... Essa voz. Abro os olhos e sem mover a cabeça, olho para cima e tenho o vislumbre do seu rosto. *Cicatriz.* O homem da cicatriz no rosto, da academia. Que me pegou naquele dia. É ele.

“Não me encare, sua cadela.” Ele ruga novamente e me puxa com força, me machucando. “Agora vem aqui.”

“Por favor.” Murmuro e nem reconheço minha voz de tão arranhada e fraca.

Ele não tem piedade e me dando um puxão forte, me coloca de joelhos e me dá um tapa forte no rosto. Arde! Fecho os olhos e instintivamente tento tocar onde ele me bateu, mas não consigo. Ele segura com força minhas mãos.

“Fique quieta.” Ele ordena e mesmo não querendo e vendo que deixou a

porta aberta. Eu poderia fugir. Congelo!

Ele mete as mãos nos meus cabelos, ainda de pé e eu de joelhos, e força meu rosto para cima. Estremeço quando ele passa a outra mão no meu rosto. Sua mão é áspera. Grossa e me machuca. Meu coração acelera e tento lembrar das mãos macias de Ethan. *Ah...* quando ele me toca não sinto mais nada em volta. Só seu toque. Que saudades.

“Vai chorar como uma bebezinha?” Ele diz e sinto seu hálito próximo do meu nariz.

Eu não tinha notado que lágrimas quentes pressionavam minhas pálpebras e nem molhava meus cílios. E assim que ele falou, elas escapam suavemente. Escorrendo pela minha face.

Senhor, não. Não faça isso comigo. Engulo em seco e tento fazer meu corpo não ficar pesado. Ele tenta me puxar para cima, mas faço força para não conseguir. Quero ser um chumbo. Ele não pode me tocar. Não! Ethan!!! Meu desespero acaba ultrapassando meus pensamentos e solto um chiado. Um choro fraco.

“Calada.” Diz e agarra com força, muita força, meus braços colados ao meu corpo, e consegue me pôr de pé.

Minhas pernas falham, mas ele não liga. Me arrasta para o canto. Seu corpo me prende a parede, suas pernas se prendem as minhas. Seus joelhos forçam os meus. E então suas mãos rasgam minha blusa.

“Ah!” Sem me controlar. Solto um grito alto e consigo sentir totalmente meu corpo tremer.

Slap! Ganho outro tapa na cara e agora mais forte. Minha cabeça chega a virar e acabo batendo-a na parede. Fico tonta, mas não vou desmaiar agora. Mesmo que se eu estivesse desmaiada quando... Quando ele... Meu pranto sai de mim doloroso. Queimando de dentro para fora e mesmo chorando, ele continua passando as mãos no meu corpo. Ele aperta meus seios. Os seios do meu Ethan. Ele desliza os dedos na minha barriga. No meu bebê. Nosso bebê. Engasgo com meu choro e me sinto anestesiada quando ele abre minha calça.

Me perdoe Ethan.

Solução, enojada. Tenho nojo deste homem. Da sua boca suja que profana meu corpo que só foi feito para o meu marido adorar e amar. Ele morde meu pescoço. Morde com vontade, me machucando. Ele toca minhas coxas – estremeço – e espalma a mão no meu sexo.

Meu Deus.

“Me mate logo” sussurro.

“Não quero lhe matar.” Ele diz no meu ouvido. “Só foder este corpo gostoso um pouquinho. É triste e pecado desperdiçar.”

Minha respiração está ofegante. Meu coração dói. Está extremamente acelerado. Erguendo o rosto para ele não alcançar minha boca. Choro. Deixo o choro alto sair e sei que ninguém pode me ajudar. Abro a boca e deixo escapar soluços fortes, altos e tão tristes. *Meu Ethan nunca mais vai me querer, mesmo que me ache.*

Sinto minha carne pular. A dor me atravessa dos pés à cabeça. E ao sentir ele querer me tocar de verdade. Uma força me toma. *Raiva.* Eu não posso deixar ser tão fácil.

“Não!” Minha voz abafada e fraca do choro, sai entre os dentes. “Não!”

Ele ri, se divertindo e segura minhas mãos quando tento arranhar ele.

“Eu adoro as selvagens.”

“Sei filho da puta. Solta ela.” Escuto uma voz, notada de raiva por cima do meu grito.

Abro os olhos a tempo de ver o homem, o que parece com Anton, pegar pela camisa o desgraçado de *Cicatriz* e tirar de cima de mim. Eles se batem. Socos de chegar a fazer barulho, mas o outro consegue prender, com uma chave de braço no pescoço, o da cicatriz.

“Ela na-não é... só sua.” *Cicatriz* fala com a voz abafada e tenta se soltar socando o estômago do outro.

“Eu a vi primeira.”

Meu Deus. Eu virei uma carne humano. Eles estão brigando para quem... Balanço a cabeça, soluçando e vou escorrendo pela parede, mas antes de cair e esconder o rosto entre as mãos, apoiadas em minhas pernas encolhidas, vejo que o homem da comida me olha de relance.

Eu preciso sair daqui. Ethan! Choro e penso em meus avós.

Vovô Will, onde quer que esteja, me ajude.

Vó... Nana Maya, me ajude. Me dê uma luz. Me tirem daqui.

“Você me paga.” O berro me tira a concentração.

A porta bate com força e meus ombros caem, quase relaxo, quando escuto o trinco.

Mas, então, escuto passos e meu coração volta a se acelerar e me encolho ainda mais.

“Ele machucou você?” A voz do primeiro homem pergunta e sei que está perto de mim.

Ele me quer também.

Quer abusar de mim.

Quer... me foder com força e me machucar.

Nada respondo e engulo meu soluço. Eles parecem gostar de me ver chorar, não é. Enrugo o rosto e faço toda força que consigo para não berrar um choro

cruciante. Ele está trancado comigo aqui dentro. Ele é mal também. *É um homem mal.*

“Victoria.” Ele diz meu nome e isso me faz soltar um soluço e derramar algumas lágrimas.

Não sei porque ouvir meu nome me faz sofrer tanto.

“Escuta,” sua voz está baixa.

Ele tenta me tocar, mas recuo, não sei para onde, mas tento.

“Não me toca.” Peço chorando. Sou uma fraca.

“Eu não vou lhe machucar.”

“Mas quer me foder. Eu sei.” Digo com raiva e levanto o rosto, e me surpreendo pois ele está segurando a lanterna sobre mim. Sinto meu rosto se desmontar e mordo os lábios para não chorar. “O que você quer? Me tome logo, mas... por favor. Po-pode pelo...” meu soluço me atrapalha. “Pelo menos me desacordar. Eu não quero lembrar disso.” Balanço a cabeça freneticamente, tremendo muito. “Não posso aceitar você machucar meu bebê... assim...” meus lábios tremem.

“Seu bebê?” Ele pergunta. E não sei se estou louca, ele parece preocupado. Sua voz soa preocupada.

Assinto e fecho olhos, baixando a cabeça e lembro do Ethan escutando o coração dele. Solto um miado chorando.

“Você está grávida?”

“U-hum”, resmungo um sim.

“Putá que pariu” ele solta e a luz muda de foco, e escuto um baque no chão de madeira.

Levanto o rosto e como a luz bate na parede, branca, reflete no quarto e vejo-o sentado no chão, os joelhos para cima com seus cotovelos apoiados em cima, e as mãos nos cabelos.

Fico paralisada e mesmo que minhas lágrimas ainda saem, eu paro de fazer som. Franzo a testa e espero ele fazer alguma coisa. No entanto ele... parece torturado.

“Eu não posso fazer isso.” Ele diz balançando a cabeça e olhando para o chão. “Eu não posso fazer isso.”

Espero um soluço atravessar meu corpo e receosa falo baixinho:

“Fazer o que?”

“O que ele quer que nós fazemos.”

Engulo em seco. “E o que é?” *Tenho medo dessa resposta.*

O homem não responde, apenas balança a cabeça e a ergue, me olhando. Seus olhos são negros – torturados – e as olheiras fundas. Ele não tem cicatriz e não passa medo. Ele lembra Anton de relance. Meu cunhado é mais bonito e

mais claro, alto e o nariz mais pontudinho, assim como o de Ethan.

Franzo a testa e mesmo que eu esteja morrendo de medo de tudo, estou curiosa. Eu tenho uma certa noção do que eles devem fazer comigo. O que aquele homem do baile pretende fazer comigo. Mas uma coisa estranha. Ele ainda não apareceu, mas no fundo da minha mente, lembro que enquanto eles discutiam agora a pouco, falaram algo sobre... o chefão. *Quem é o chefão?*

Sem eu esperar, o homem se mexe. Volto a me encolher, e ele percebe. Fica de joelhos, fora do colchão, longe de mim – não tão longe como eu gostaria – e levanta umas das pernas, apoiando um dos braços e me olha como se eu fosse uma criança. Engraçado. Eu me sinto a mesma Victoria de doze anos atrás.

“Sua família fez alguma coisa Victoria e ele quer vingança.” Finalmente ele responde baixo. Acho que não quer que ninguém ouça. “Eu não sei o que é, mas lhe garanto que tem dois homens aqui, que não querem fazer mais parte disso, porém precisamos.”

“Precisam me machucar por que?” Não consigo controlar minha língua. *Merda.*

“Precisamos de dinheiro.”

“Eu posso dá dinheiro a vocês.” Assinto, para afirmar minhas palavras. “Eu posso ajudar vocês. Meu marido, pode ajudar.” Sinto o bolo na minha garganta. “Encontre ele e diga que vão me ajudar. Que precisam de ajuda. Ele vai ficar com raiva, mas por mim...”, pausa e engulo em seco, ficando com as vistas embaçadas. “Por mim ele faria tudo. Mas não me mate. Não acabe comigo e minha família. Se o problema é dinheiro, nós podemos ajudar.” Dou de ombros. “Eu só quero viver e ter meu bebê. Por favor. Por favor, me deixe ir.”

Ele parece duelar seus pensamentos e deixa meus olhos brevemente. E se ajoelha sobre meu colchão, se aproximando. Deus! Tenho medo dele aceitar minha oferta querendo algo em troca agora. Fecho os olhos, me encolhendo.

“Eu não vou lhe machucar, eu já disse.” Ele fala baixo perto de mim e puxa minha mão.

Dou um grito e tento empurrar ele com a outra mão. “Me solta.”

“Porra!” Ele berra, mas baixa o tom da voz de repente. “Eu não vou lhe machucar, mas precisa me ajudar a te ajudar, caralho.”

“Que?” Balbucio, baixo.

“Eles vão desconfiar que estou aqui dentro com você e não ouviram nenhum barulho, berro, choro e tudo o mais que você estava fazendo com o Onze. Então grite, mas porque eu estou mandando, não porque vou machucar você.”

Onze? Meu cérebro travou com isso, mas pisco os olhos, me concentrando nele.

“Você não vai me machucar?”

“Não, merda. Eu já não queria mais fazer isso e saber que você está grávida, fodeu tudo. Então seja boazinha e faça o que eu mando.”

Assinto, atônita.

“Sua puta. Cala a boca.” Ele diz e pisca o olho. Acho que é para eu... gritar.

“Não! Por favor.” Berro, e de verdade sinto vontade de chorar.

Fecho os olhos e lembro que não estou brincando. De que eu não estou imaginando coisas ou sou uma atriz. Eu realmente corro perigo e estou em um cativeiro. Eu tenho que gritar. Preciso gritar. Desabafar.

“Por favor, socorro.” Falo bem alto e abro os olhos, fitando os dele em uma prece silenciosa.

Ele engole em seco, parece ter entendido. E assente antes de me xingar de novo. De brincadeira ou não. Estou sofrendo.

Ele me solta, não antes de passar a mão suavemente onde apertou e se levanta. Ele pisa com força no chão de madeira, fazendo um barulho alto. Ele fala coisas feias, horríveis, em alto e bom som. Faz um sinal com o polegar para eu gritar e com vontade de chorar, caio no colchão e coloco a mão na boca. Meu grito sai abafado. Sofrido e verdadeiro. É de verdade.

Me cubro, para ele não ver nada. Sei que ainda estou de calcinha e sutiã, mas o resto... está tudo rasgado. Estou tremendo enquanto entro na onda dele.

Ficamos nisso por alguns minutos, e parecendo satisfeito com o teatro de horror, dá um tapa na própria mão, fazendo soar um estalo alto. É como estivesse me batendo.

Deus. Que horror.

“Você é tão gostosa.” Ele diz, agora mais baixo e faz uma voz... nojenta.

Tapo os ouvidos e acabo soltando um soluço. Eu sou uma fraca. Ethan teria vergonha de mim, mas pelo menos eu não desisti.

Eu prometi amor.

Eu nunca desistirei de você.

“Delícia.” Ele geme e por mais alguns minutos faz sons de sexo com as mãos e a boca.

Então, ele para e escuto andar até mim. O colchão afunda perto dos meus braços e ele tira minha mão do rosto.

“Eu vou lhe ajudar.” Ele diz e pega a lanterna, jogando a luz para cima, isso ilumina mais o ambiente. “Coma a comida, depois eu volto. Vou tentar sempre ficar de olho.”

Assinto e aperto os lábios, entristecida.

“Eu estou com fome.”

“Então coma.”

Balanço a cabeça, negando. “O que tem ali?”

“Agora, está tudo gelado, mas escuta.” Ele vira o rosto rapidamente para porta e volta para mim, e sussurra. “Assim que eu puder, trago algo melhor. Pegue.” Ele me passa uma barra de cereal. “Não deixe de comer. Se ficar fraco, não vai poder se defender. Vou tentar lhe proteger como puder e vou falar com o Cinco. Ele vai querer ajudar também.”

“Cinco?”

Ele franze a testa e assente. “Sim, nós aqui nos chamamos assim.”

Uma lembrança do que aconteceu na academia passa por minha mente e lembro deles se chamando. *Entre logo no carro Onze*. Isso!

“Foi isso. O Onze que estava na academia.”

Ele assente. “Sim.”

“E você que pegou a Hannah e a soltou.”

Ele cerra a mandíbula, parecendo arrependido e assente com vergonha. “Foi.”

“Por que?” Balanço a cabeça e enrugando a testa. “Por que você a soltou depois? E eu não estou reclamando. Obrigada.”

Ele levanta os olhos e me fita com seriedade. “Eu não queria fazer aquilo. Ela era apenas uma criança e não tinha culpa de nada. Não fazia parte dessa vingança.”

“E agora? Vai me ajudar por que?”

“Seu bebê não merece e eu sei como é horrível perder tudo.” Ele parece sofrer. “Seu marido parece amar de verdade você. Se perder você, pode se tornar um homem como eu.”

As lágrimas surgem depressa e assinto fechando os olhos. “Eu também o amo demais e você tem razão.” Volto a olhá-lo. “Ele não vai superar e tenho medo disso. Medo de como ele vai ficar.”

“Ele vai morrer por dentro.” Ele conclui com a voz rouca.

Meu coração se parte mais um pouco.

“Agora, tenho que ir. Coma e me espere.”

Se levanta, pegando a lanterna e assisto ele enfiar a chave na fechadura e abrir a porta com a mesma, já que não tem maçaneta para puxar. Tira a chave e quando está fechando a porta, me olha nos olhos firmemente.

Assim que a porta se fecha, me encolho no colchão e solto o soluço preso.

Ele vai morrer por dentro.

As palavras dele me causam uma dor que não sei como descrever. Nenhum sofrimento é maior que saber que Ethan pode ficar destruído com a minha morte e do nosso bebê. Eu tinha medo de dizer isso, ou sequer pensar nisso. Ouvir meus temores em voz alta e de um homem que é evidente que perdeu tudo e está

destruído, me dói na alma.

“Deus. Se o senhor está me ouvindo. Por favor. *De novo*. Me ajude a sair daqui... e bem.” Meus lábios tremem. “Ajude ao Ethan a me encontrar. É por ele que preciso viver.” E me movendo com dificuldade, estou meio tonta, fico de joelhos e junto as mãos. “Pai nosso que estais no céu...” e rezo. E se for preciso infinitamente para que Deus nos ajudar.

Três

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 08 DE MARÇO DE 2014.



TEM TRÊS DIAS e não aguento mais ouvir para eu me acalmar, que tudo vai dá certo, que eu vou conseguir. *Put a que pariu.* Isso parece até notícia de médico quando o paciente está mais para morto do que vivo. *E não.* Isso – esse apoio e força que estão tentando me dar – não tem como me acalmar. *Porra.* Como eu vou ficar calmo quando minha esposa foi sequestrada e tem três dias sem pistas. Sem a maldita ligação que os imbecis dos policiais falaram para esperar, até agora não houve nada. Estou sem *nada*.

Estes dias estão sendo insuportáveis. Não tenho dormido, no máximo eu acabo cochilando. Não como também, pois não consigo parar para comer ou pensar em comida. Eu estou bebendo muito. Água e outras coisas, mas não fico bêbado. Não quero ficar bêbado. Preciso estar alerta a qualquer minuto. Estou desesperado para encontrá-la, e me desespero só em pensar nela *lá*.

Ontem foi um dos piores dias. Eu tive um maldito sonho, um maldito pesadelo, que me deixou tão fora do sério, que quase quebrei o quarto de Victoria na casa dos pais, mas lembrei que não estava na minha casa e apenas respirei fundo.

Isso também está me consumindo, não ter conseguido sair da casa do Will. Pelo simples fato de que meu coração mal suporta ficar aqui tão perto de onde ela foi levada, que dirá ficar há quilômetros de distância. Meu primeiro pensamento é *se ela estiver realmente perto daqui e eu for para casa. Eu estarei me afastando dela.* Então, não. Eu ainda não fui para casa por este único e *imenso* motivo.

Meus pais chegaram ontem de manhã na Califórnia e passando aqui, levaram meus avós para minha casa e Anton também apareceu por aqui. Nós conversamos e minha mãe tentou de tudo para me consolar e como sempre, deu seu apoio. Mas sinceramente nada adiantou.

Hoje ela já me ligou três vezes querendo que eu vá para casa, ficar um pouco *lá*. E na sua cabeça, dormir e comer um pouco. Infelizmente essa probabilidade é muito baixa. Não consigo me imaginar pisar fora daquele portão a caminho de casa. Quando é para procurar Victoria, como ainda faço desde o fatídico dia, é diferente. Estou à procura dela e sei que vou acabar voltando para

cá. No entanto, pensar em pegar o caminho oposto ao que nós estávamos, não tem como.

Levantando do banco de madeira que fica ao lado da casa da árvore, caminho para mais perto do beirão, que me permite ver todo o oceano e céu. Vislumbrando o horizonte.

Fecho os olhos e sinto a água salgada tocar meu rosto. Esses momentos onde estou em silêncio, longe de todos e depois de uma longa ronda de carro, procurando pistas ou sei lá, um sinal. Eu rezo.

Eu nunca estive tão próximo de Deus – seja lá o que for que existe que é muito maior e mais forte do que nós, meros humanos – do que já estive algum dia. Meus pensamentos são conturbados entre pedir um sinal e manter minha família bem. Minha esposa e meu bebê.

Quando eu penso no bebê meu coração se dilacera. Penso nas promessas que fizemos, nos planos e sonhos. E amargamente a memória do dia que ouvi o coração dele bater, maltratar meu coração.

Respirando fundo viro-me em meus calcanhares e vou a caminho da casa. Entro e vou direto para a cozinha pegar uma garrafa de água. Tomo um gole e saio pelo corredor que leva para a antessala da casa, onde normalmente fico.

Porém meus passos se detêm quando avisto minha mãe entrando. Ela sorri para mim e continua se aproximando, até que me abraça. Retribuo e logo me afasto.

“O que veio fazer aqui?”

Ela franze a testa como tivesse sido ofendida e balança a cabeça, ignorando.

“Oras, eu sou sua mãe e estou preocupada. Vim ver como você está.”

Assinto e cerro a mandíbula. “Eu estou bem e lembro que lhe disse para não ficar preocupada. Já sou grandinho.”

Dona Lauren sorri de lado com tristeza e coloco a mão no meu ombro. “Não tente ser tão forte, Ethan. Eu sei que você está passando por uma situação muito difícil, eu entendo.”

Ergo a sobrancelha e com um movimento, girando meu corpo para onde eu estava indo, afasto sua mão de mim.

“Eu sinto lhe informar, mas não.” Digo com a voz grossa e completo parando perto da lareira da antessala virando para ela e fitando seus olhos. “Você não tem como compreender o que sinto.”

“Filho” fala calmamente, “eu sei que nunca passei por isso, mas entendo o amor que sente por ela. Sei o quanto ela é importante para você.” Faz novamente sua cara de lamento, de pena, e coloca a mão no meu ombro. “Eu só quero ajudar.”

Meu coração se aperta. Sinto o gosto de ferro na garganta. Meu corpo

parece ter sofrido um choque elétrico, pois meus nervosos trepidam feito um formigamento.

Essas palavras foram importantes, mas não o suficiente. Ela é importante. É a minha mãe. É a primeira mulher no mundo que amei e amo irrevogavelmente, mas ela não me basta. Não é suficiente. O mundo sem Victoria não é o bastante para eu conseguir nem mesmo só vegetar.

Sentindo-me fraco e esgotado, me sento na poltrona macia em frente a lareira, com os ombros caídos para frente apoio meus cotovelos sobre meus joelhos e seguro a garrafa. Fecho os olhos para controlar a emoção e resolvo desabafar com minha mãe.

“Eu sinto como minha alma estivesse saindo do meu corpo. Me sinto enfraquecer. É como se minha alma quisesse desistir de mim. Cada dia que se passa, cada minuto e cada vez que abro os olhos e sei que ela não está aqui, minha alma sai mais de mim.” Engulo com força a vontade de chorar. “Quando eu disse que precisava dela no hospital quando levei o tiro... eu não sabia o quanto. Não tinha noção de como preciso e hoje eu sei que ela é minha alma. Meu coração. Ela é meu mundo.” Não consigo controlar minhas mãos tremendo. “E é por isso que preciso encontrar ela e não me importo com o que vem por aí.” Levanto e fito minha mãe com os olhos vermelhos e molhados. “Nada nesse mundo irá substituir o que ela é para mim. Eu sei que você quer ajudar, mas hoje não mãe. O que eu quero é que você aceite que eu não posso viver um dia sequer sem Victoria e por isso tenho que encontrá-la. Não posso viver. Não posso sentir que minha vida continua sem ter ela e não vou parar até tê-la em meus braços de novo.”

“Eu sei, meu filho.” Funga e se aproxima de mim. “Eu sinto muito... Muito mesmo que você esteja passando por isso, Ethan.”

“Eu sei que sim.”

Ela assente e estende as mãos quando faço menção de pegar as dela. Aperto com carinho suas mãos e volto a olhá-la nos olhos.

“Não tente me convencer a fazer outra coisa. Escolher outro caminho. Eu sei que vou encontrá-la, não importe o tempo e nada. Eu esperaria até o fim dos tempos para reencontrá-la. Ela é minha tanto quanto eu sou dela. Inteiramente. Profundamente. Somos para eternidade, mãe. Me desculpe por –”

“Não. Você não precisa se desculpar por nada, filho. Eu entendo.” Assente com veemência. “Eu compreendo esse amor. É o amor mais puro que existe e por isso confio no destino que vocês vão voltar a se encontrar.” Com uma respiração suspensa, ela me abraça bem forte. “Você vai encontrar a Victoria. Eu sei que vai.”

Engulo em seco mais uma vez e assinto fechando os olhos. Eu vou e

preciso encontrá-la. Eu prometi e ela também. Nós somos *para sempre e sempre e sempre*.

“É tudo de que preciso.” Murmuro e me afasto. “Lamento você e papai não serem mais meus alicerces. Serem o bastante. Agora só é ela. Ela e meu filho.”

Mamãe sorri, um pouco triste e pega minha mão. “Não precisa me dizer isso. Eu entendo.”

“Eu ainda amo vocês. Vou amar sempre. Vocês e meu irmão, Jenny, Hannah, vovô e vovó. Só que a... Victoria. Ela sou eu. Então, sem ela, não existo.”

“Ah filho.” Ela me abraça de novo e alisa minhas costas até onde suas mãos alcançam. “Você vai ter ela de novo. Eu sei que vai.” Nos afastamos e ela acaricia meu rosto. “Eu só queria que você dormisse um pouco e comesse.”

“Mãe –”

“Vai ser bom para você se manter forte para ela, Ethan. Tenho certeza que ela não vai gostar de lhe ver tão acabado assim. Além do mais, se você ficar muito cansado, não vai poder ajudá-la.”

As palavras impregnam minha mente e não consigo lutar contra a consciência de que ela está certa. Eu realmente preciso me manter forte para minha esposa quando eu a encontrá-la e tiver que cuidar dela. Minha esposa. Toda vez que esse pensamento passa por mim, fico arrasado. Preocupado. Morro de medo de como ela estará depois disso.

“Filho, o que houve?”

Respiro fundo e balanço a cabeça. “Nada.”

Minha mãe me olha com piedade. “Não se preocupe. Tudo vai ficar bem.” Sorri e assente.

Não tendo palavras, apenas assinto e por breves segundos me permito sentir paz interna. Eu não posso enfraquecer. Eu tenho que ser o príncipe que Victoria merece. O príncipe que salva ela do vilão dos contos de fadas, assim como ela brincou comigo e agora é tão verdade.

Meus pensamentos são interrompidos por um grito. Franzo a testa e me afasto da minha mãe, indo em direção de onde veio o som.

Respiro fundo e paro perto das escadas, vendo uma mulher na porta da mansão, discutindo com Will.

Ela tem idade de ser a mãe dele. É alta, cabelos claros, loiros com mechas grisalhas, rosto bonito e suas roupas são elegantes. Ela fala com Will com tom rude, com raiva. Enquanto isso, ao lado da mulher, encontrasse um homem alto, com a idade aproximada dela, com certeza é seu marido. E seu olhar também é puro rancor.

Franzo a testa e empertigo minha postura. O rosto, as idades, a forma como

Cora está atrás de Will se protegendo. Merda. São os pais dela. São os Leiwns.

“Você é a desgraça na minha família.” A mãe de Cora cospe as palavras. “Todos vocês. Sua família destruiu a minha vida.”

“Isso não é verdade.” Will diz. “Eu nunca fiz mal a sua família. E nunca fiz mal a Cora e nem minha filha.”

“Rá!” Ela solta uma gargalhada destilando amargura. “Como não?! Você se esqueceu do que eu perdi por sua causa e claro que não estou falando da minha filha Cora estar vivendo longe de mim e não eu ter tido o contato com a minha neta.” Ela dá dois passos e quase encosta o peito no dele, mesmo sendo mais baixa, ela assume uma postura segura. “Você sabe do que eu estou falando, William Colton. Você sabe.”

“Eu não quis que nada disso acontecesse. Não foi minha culpa.”

“Foi você sim. Tudo que aconteceu foi sua culpa e da sua família maldita. Vocês esqueceram, mas eu não. Eu ainda sinto a falta da minha filha Cora, sinto uma tristeza enorme dentro de mim por ter perdido Alba e de não poder conviver com a minha primeira neta.” Ela engole em seco, emocionada. “Tudo isso que eu perdi foi culpa sua.”

“Mãe...” Cora se manifesta, “você sabe que não é culpa dele. Nós não poderíamos prever esses acontecimentos.”

A Sra. Leiwns assente e se aproxima da filha. Mesmo de longe consigo ver o brilho nos olhos da mulher fitando a filha e é nítido a tristeza. Ela ergue a mão e leva ao rosto de Cora, acariciando sua bochecha.

“Filha... você nunca conseguiu enxergar nada quando estava com William.” Balança a cabeça em lamento. “E eu não estou pedindo para você entender agora, depois de tantos anos, mas foi por causa dele que perdi tantas coisas na minha vida. E olhe para o agora, filha. Você está sem sua menina e eu sei como isso dói.”

Minhas sobrancelhas franzem mais ainda pela minha totalmente confusão. Do que eles estão falando. Alba? Balanço a cabeça em recusa. Pelas informações que consegui dos pais de Cora, ela tem um irmão, que por sinal tem o mesmo nome de seu pai. Johnny Hawfrin Leiwns Segundo. Enquanto Alba é ou era o que? Será que ela tinha outra irmã e o filho da puta que nos atormenta, pegou ela? Meu Deus, quanto mais vou desenterrar dessa família?!

“Mas não vai ser a mesma coisa.” Cora diz com a voz arranhada e recua, Will aparando-a assim que se esbarram. “Eu vou ter minha filha de volta, nem que seja a última coisa que faça na vida.”

Meus nervos vibram com as palavras de Cora e pelo tema da conversa. Eu não quero ser mais uma pessoa destruída por causa de alguma merda que os Colton fizeram anos atrás. Eu não serei mais um a perder tudo por causa deles.

Eu vou trazer Victoria de volta, mesmo que seja a última coisa que eu faça na minha vida.

Com isso caminho, me aproximando deles e assim roubando o foco. Will me olha nos olhos brevemente. Cerro a mandíbula e fito Cora com os olhos marejados. Quando a Sra. Leiwns ergue o rosto, tomando uma postura segura e vestindo uma armadura, assim como seu marido que me encara deixando nítido que sabe quem eu sou. Paro perto deles e ofereço minha mão para um cumprimento, dizendo meu nome:

“Ethan Brown”, quando nós damos um aperto de mão firme, completo, virando-me para a avó de Victoria, impactada ao lado do seu marido, “marido da Victoria.”

“Eu não sabia que minha neta tinha casado.” Johnny Leiwns fala.

Sorrio de lado e dou-lhe um aceno de cabeça. Eu não preciso de mais um julgador e não lhe devo satisfação.

“Sim.” Afirmo com um aceno de cabeça. “Nós nos casamos há mais ou menos um mês.”

Ele ergue a sobrancelhas e vira o rosto para Will com um sorriso enigmático. *Ah senhor, mais um para eu enfrentar.*

Roubando o foco do seu marido, Aida Leiwns, me cumprimenta com um aperto de mãos também. Ela é sucinta e se afasta rapidamente. No entanto, mantém seus olhos verdes claros – tão claros quanto de Victoria sobre luz forte, que perde o acinzentado – em mim. Meneio a cabeça demonstrando que estou ciente que está me analisando.

“Você é o filho dos novos sócios da empresa de Ryan.”

“Não somos mais tão novos assim.” Sorrio e cerro a mandíbula. “Já são mais de quinze anos sendo também os donos da Colton & Brown.”

Ela assente e sorri tentando disfarçar sua surpresa do modo que lhe respondi.

“É, eu sei.” Aida murmura e me surpreende com suas próximas palavras. “E você também não deve ser tão novo e inocente para ver no que se meteu.”

Sorrio de lado, apertando os punhos em revolta. “Sei sim e nunca fugi do que eu queria. E o que eu queria era a minha mulher, independente do inferno que sua família enfrentava e mesmo agora, diante do medo e da insegurança, eu estou aqui. Ficarei ao lado dela para sempre não importa o que o destino nos reserve.”

“Você é muito novinho para saber das coisas, criança.”

Essa mulher está apertando meus botões, e eu vou me estressar.

“Eu não sou criança e já passei por muita coisa.” Abro rapidamente alguns botões da minha camisa de linho e empurro para o lado, para mostrar a cicatriz

do tiro que levei no pátio da academia. “Nem diante disto aqui eu desisti dela. Você não me conhece, então não me julgue.”

“Assim como você deve ter me julgado e ao meu marido.” Ela devolve, sorri e continua: “Mas você também não me conhece, não sabe o que eu enfrentei.”

“O quê?” Me irrita. “Que sua filha se apaixonou e quis ficar com o namorado dela e da filha ao invés de uma família antiquada.”

“Ethan –” Cora e minha mãe me repreende, mas Aida fala por cima.

“Não. Não foi só isso. Eu não perdi só a Cora como –”

“Mãe, não.” Cora pede, mas a mulher a ignora.

“Eu perdi a minha Alba. Ele conseguiu tirar minhas duas filhas de mim. Apenas que uma ainda está viva e... a outra.”

Suas palavras me fazem recuar e aperto minhas mãos dentro dos bolsos. O que mais eu vou ter que descobrir até enlouquecer. Balanço a cabeça e olho para o chão, logo fechando os olhos. Eu sinto sua perda, mas sinceramente não quero saber de mais nada no momento e novamente tenho certeza que Victoria aguentou até demais tudo. Ela é um anjo.

Cerro a mandíbula e levanto o rosto, para encarar todos, inclusive Will, que direciono um olhar um pouco dramático e enojado no momento, e ele assente recebendo como fosse um tapa na cara. Pois ele até merece.

“Eu sinto muito. Eu sinto por tudo.” Falo para Aida. “Mas sinceramente eu não quero saber, e não porque eu não me importo, e sim porque eu não sei mais quanto vou aguentar.” Engulo em seco e volto a cerrar os dentes, o gosto salgado veem com força através da minha garganta. “Eu só quero minha esposa de volta, mais do que qualquer coisa nesse mundo e não quero ter que guarda mentiras e segredos quando a encontrar. porque eu vou. Então vou me retirar e a pedido da minha mãe, vou passar na minha casa.” Isso falo para Will e Cora, rapidamente. “No entanto, eu estarei de volta assim que possível.”

“A casa é sua, Ethan.” Cora fala cordialmente com sua voz fraca.

Assinto e é o máximo que posso fazer por ela. Cora não tem culpa. Acho que ninguém em si é culpado de algo, mas sinto dentro de mim que muita coisa poderia ter sido evitada se tivessem feito algo. Não sei o que, mas qualquer outra coisa do que as tentativas falhas e fugir. Me recuso a pensar que uma coisa não tem solução. Tudo tem, menos a morte. O que neste caso eu não aceito em nenhuma hipótese.

Com um olhar direto para todos, inclusive Will, viro-me e caminho para as escadas para pegar meu casaco no quarto e ir ver minha casa. Não estou preparado, mas preciso ir. Talvez minha mãe tenha razão e seja bom, talvez lá tenha uma pista, uma luz para clarear minha mente.



AO PISAR NOS PRIMEIROS DEGRAUS DE CASA, sinto um aperto no meu coração. Dói demais estar aqui e pensar nos meus dias com Victoria. Quase consigo sentir ela ao meu lado caminhando para as grandes portas de madeira – que ela sempre elogiou – e falando que iria cozinhar para mim.

Olho para cima, piscando para expulsar as lágrimas. Estou cansado desse sentimento e de ter minha mãe querendo me ajudar com seu apoio como se eu fosse tão fraco.

“Vou levar os cachorros para o canto deles.” Informo minha mãe.

Caminho para a ala dos empregados e a garagem, que é onde fica o cantinho que Victoria pediu para Prince. Agora o canto é maior para acomodar Zeus também.

Deixando os cachorros nos seus lugares, hoje sendo a primeira vez que Zeus entra aqui, mas essa é a casa dele. É a casa da dona dele, que é a minha dona também.

Balanço a cabeça em repreensão pela brincadeira. Achei que tinha perdido o senso de humor, mesmo que esse seja negro como anda meu espírito nos últimos dias.

Saio da garagem, ao lado da área de serviço e a cozinha logo em seguida, percebendo os empregados me olhando estranho.

Merda. Estou farto desse olhar de pena. Dessa tentativa de quererem ajudar meu lado negro sair e maltratar os outros. Porém não vai adiantar. Quem estiver no meu caminho, para o bem ou para o mal, eu vou passar por cima. Eu sempre fui assim, tinha mudado por causa de Victoria. E diante do caos que estou, esse lado está cada vez mais alvoroçado.

De volta para dentro de casa, passo pela sala de estar e vejo meus pais. Eles param de conversar assim que percebem que estou me aproximando.

Cerro a mandíbula e arfo com força. Se eles pensam que sou idiota e toda vez que me vem param o assunto para não me magoarem, estão completamente enganados. Isso só piora tudo e me deixa irado.

“Eu não sou cego.”

“Filho...” minha mãe tenta falar.

Interrompo-a balançando a cabeça e ela para também quando percebe minha cara de pouca paciência. Não quero ouvir desculpas. Não quero ouvir nada.

“Não precisa.” Digo e viro-me para escada em direção para o meu quarto. Afinal, o que minha mãe pediu era para eu descansar e tomar um banho relaxante. Então estou indo. “Estou indo para o meu quarto.”

“Filho”, sinto sua mão no meu ombro e para. “Não quero que se isole.”

Dou um sorriso mordaz com a cabeça baixa e me viro. Encaro minha mãe e coloca as mãos nos seus ombros, dando um aperto que deixa claro que aceito seu apoio, mas não quero agora nada.

“Não estou me isolando. Estou indo fazer o que você me pediu. Vou descansar.” Engulo em seco. “Quero dizer. Tentar descansar.”

Ela me sorri com carinho e acaricia meu rosto. “Tudo bem, mas não esqueça que sua família está aqui.”

“Eu sei e pode ficar tranquila. Com certeza eu não vou me demorar e já estarei com vocês.”

“Não se preocupe, filho.” Meu pai se aproxima, abraçando minha mãe por trás e com um sorriso tranquilizador. “Estaremos aqui.”

Assinto e por fim me afasto.

Chega disso. Eu só quero poder abraçar minha esposa. Quero sentir seu cheiro e saber que o mundo voltou ao normal lá fora. Mas está sendo assim. Eu a tinha em minhas mãos, mas falhei.

Limpo o rosto e termino de subir as escadas. Parando em frente a porta do nosso quarto, pego meu celular e mando uma mensagem para Raul, que apesar de os outros patrões – ou posso dizer os verdadeiros – estarem por perto agora, ainda é meu funcionário e peço para me informar de qualquer coisa.

Guardo o celular no bolso do casaco de couro e enfim tenho que encarar a porta da nossa suíte. Tomo um ar e meus passos congelam quando toco a maçaneta.

Fecho os olhos, solto o ar com a boca e abro a porta.

Entrando sinto o impacto em meu peito como tivesse acabando de levar uma porrada bem forte. Dói tanto estar aqui. Dói pensar nela. Dói demais crer que tudo é real. Lembrar das suas palavras.

“Amor...” não reconheço minha voz e meus olhos ficam marejados de novo.

Tomo fôlego e as lembranças me invadem com força. É uma sensação terrível o sentimento que sinto. Essa incapacidade de realmente encontrar Victoria e a saudades dela. Sem contar o medo.

Ajeito a postura, viro-me rapidamente para a porta e a fecho. Quero ficar isolado neste momento. Volto-me para o quarto e tenho o vislumbre da presença dela, assim como em qualquer lugar que vou. Ela está em tudo, porque está dentro de mim.

Ela sempre está comigo. Mas aqui é nossa casa. Nosso lugar. Onde trocamos tantas noites de cumplicidade, companheirismo e amor. Aqui é só *nosso*. E sua presença é total. Quase que palpável.

Olho para nossa cama e quase sorrio. Vou me aproximando e meu instinto

me leva para o lado da cama que ela dormia. Sentando na beira da cama, estico a mão e pego o porta-retrato em cima da mesa de cabeceira.

Na primeira tentativa não consigo encarar a foto. Eu sei qual é e isso me massacrar.

Meu coração dispara. Minhas mãos tremem e mesmo que eu me sinta um lixo. Fraco e covarde, sei que é plausível essa dor dentro de mim. Eu posso nunca mais vê-la e vou me perder para sempre, assim como me achei e pensei que fosse para sempre.

Olho ao redor e desmorono, caindo na cama e sinto seu cheiro bem de longe. Aquele maldito cheiro que me enfeitiçou desde a primeira vez. Naquela árvore, quando ela me atropelou. Eu preferia ser atropelado por ela todo dia, do que me senti atropelado pela vida.

“Me ajuda.” Peço para o nada e fecho os olhos, procurando sua imagem na minha mente. “Me ajude a lhe encontrar. Você disse que eu sempre acharia você, porque está dentro de mim. Então... me mostre, amor.”

Permito um soluço sair de mim e sinto minha garganta queimar. Meu choro é rouco e doloroso. E sem pensar, arremesso o porta-retrato para longe. Cheio de raiva.

“Não.” me arrependo e levanto da cama às pressas, mas em vez de pegar o porta-retrato de volta, acabo mirando minha ira em tudo.

Derrubo a mesa de cabeceira. O vidro do tampo se espatifa para todos os lados, o jarro de flores – que estava vazio, porque ela não está aqui. As coisas voam da gaveta e isso me quebra também.

Minha raiva cresce e caminhando pelo quarto, encontro o aparador com mais fotos. Nossas e da nossa família. Então quando vejo tudo no chão. Quebrado e destruído, paro.

Fecho os olhos. Respiro fundo e deixo a dor me consumir de verdade. Eu estou com medo, com raiva e com pressa. Eu só quero que tudo isso termine logo.

Caio de joelhos no chão e quando abro os olhos, vejo o porta-retrato que estava na mesa de cabeceira. Com as mãos tremendo, pego-o e lentamente tiro a fotografia de dentro, e finalmente enxergo a imagem que estava entre os cacos de vidro.

Como um tambor, meu coração martela em meus ouvidos. Solto o ar com força e fito o rosto de Victoria. Sinto meu rosto se contorcer pela tristeza, meu queixo treme e minhas vistas ficam embaçadas até que uma lágrima solitária escorre e cai sobre a imagem.

“E se eu nunca mais...” paro porque odeio esse pensamento. Odeio essa possibilidade. Odeio tudo isso, mas... “E se eu nunca mais ter você?” passo a

ponta do indicador sobre seu rosto e me permito colocar tudo para fora em um choro torrencial.

Eu sei que já chorei tanto. Estou sofrendo todos os dias desde que sai de casa. Desde que fomos encurralados, e assisti ela sendo tirada de mim e desde que sai daquele maldito hospital.

Me sentindo esgotado e toda minha energia, a que restava, sendo drenada de mim, levanto e caminho para o banheiro.

Após tirar a roupa, deixando jogadas no chão, entro no box e abro o chuveiro, e vou para debaixo da água e deixo o jato quente atingir meus ombros e a nuca. Tento procurar – talvez achar – o tal alívio que minha mãe disse que eu preciso. Mas nada acontece.

Espalmo minhas mãos no azulejo frio e deixo a cabeça pender para baixo. Fecho os olhos e faço uma oração interna, pedindo forças e uma luz. Qualquer coisa.

“Eu preciso de qualquer pista.”

Acabando o banho, me seco e deixo a toalha enrolada no quadril e vou para o closet. Acendo as luzes de foco e observo o ambiente. Meu coração se comprime mais um pouco. As roupas dela. Arrumaram as coisas que ela pegou da casa dos Colton, e agora o closet é metade meu e dela, realmente.

Caminho para mais perto e toco em um dos seus vestidos. Puxo para fora e franzo a testa. *Eu lembro dela vestida com ele.*

“Eu lembro”, sussurro assentindo e algo dentro de mim se ascende. “Espera. Espera... Ah, merda.”

Com o vestido na mão, corro para as joias de Victoria. Isso ela sempre deixou no mesmo lugar no closet, que mandei fazer para ela, na penteadeira com maquiagem e coisas de mulher. Abro as gavetas, as caixinhas de joias e tudo. Não encontro nada. Estou muito eufórico. *Merda.*

“Calma, Ethan.” Respiro fundo e deixo o vestido sobre a cadeira e mexo com cuidado nas joias.

Abro as caixas de veludo, uma por uma. Olho a parte de relógios e colares. E não encontro. Como um baque, cambaleio para trás e coloco a mão no peito. Sinto meu coração disparado.

O anel. Ela está com o anel sim. Fecho os olhos e solto a respiração.

“Ela está com anel. Tenho certeza. Victoria é sentimental e como pensou que ficaríamos tanto tempo longe um do outro, levou o anel de esmeraldas com ela.”

Fecho os olhos em forma de prece, e tento achar em minha mente fragmentos dos últimos momentos juntos naquele dia. No carro. Saindo de casa. Qualquer coisa. Porém não encontro uma imagem dela e o que estava usando.

Mas sei que ela sempre usa o anel de noivado e a aliança de casamento e na outra mão...

“Merda.”

Não consigo lembrar, mas tenho uma enorme esperança de que ela esteja com ele e com certeza aqueles filhos da puta não tiraram dela. Para eles tanto faz. Se fosse no relógio que Will deu, eles desconfiariam, e no prendedor de cabelo também. Afinal, o Jorge era informante deles. Mas o anel ele não sabia.

Corro para fora do closet, passo com cuidado nos cacos de vidro e procuro meu celular. Demoro a lembrar que estava na calça. Volto para o banheiro e encontrando o aparelho, peço por mensagem Raul para vir até aqui.

Logo estou pulando os cacos de novo e abro a porta quase que no mesmo instante que Raul aparece.

“O que é Ethan?”

“O anel.”

“Como assim?” Diz confuso.

“Victoria está com o anel de esmeraldas. O anel que eu dei de presente a ela.” Tomo fôlego, pareço ter corrido uma maratona. “O anel que tem o rastreador.”

Raul aperta os olhos, saindo da confusão para suas lembranças e por fim, fala:

“Aquele que você pediu para eu desligar o sinal assim que cheguei aqui.”

“Sim”, assinto.

“O do ramal –”

“Vitai”, Completo. E esse ramal nunca fez mais sentido, pois é o que representa agora. *Vida*. A vida dela. A minha vida. As nossas vidas unidas para sempre.



DESÇO AS ESCADAS PARA O SEGUNDO ANDAR e vou até o escritório, onde pedi Raul para me esperar enquanto eu colocava uma roupa. Estou uma pilha de nervos.

“E aí. Você já conseguiu?” Fecho a porta e me aproximo dele, que mexe no notebook.

“Esse ramal ganhou uma senha por você. Lembra?”

Franzo a testa e balanço a cabeça. *Senha. Senha.* “Ah, sim. Eu coloquei quando fui para Nova York a última vez. Era para ninguém poder mexer nos sinais.”

“Estou vendo. Agora todos os rastreadores que você colocou em você, em Victoria e em qualquer automóvel e objeto da casa. Tem senha.” Raul fala

olhando a tela do computador.

“Sim, sim, claro. Deixe-me ver.”

Ele levanta, se afasta, me permitindo chegar até a cadeira e sentar. Rapidamente acho o ramal Vitai e clico nele. Coloco a senha: 040694VRWC. A data de nascimento de Victoria e as iniciais do seu nome. Levanto da cadeira e deixo Raul terminar o serviço.

“Pronto o rastreador está operante.”

“E?”

Ele vira o rosto para mim e assente. Com um olhar ele entende que o que eu quero é o rastreador ligado e o sinal aparecendo na tela, mostrando a localização. Mas antes de ele me dá uma resposta, procurando o sinal do anel. Uma batida suave vem da porta. Respirando fundo vejo quem é.

“Senhor,” Ruby para e estica a mão para mim, entregando uma carta. “Isso chegou agora e pediram para você ler com urgência.”

Rapidamente noto Raul ao meu lado. “Você não viu quem era?”

“Não fui eu que atendi. Foi Ken.”

“E onde ele está?” Indago, passando à frente de Raul.

“Foi tentar achar quem mandou a carta. Parece quem que entregou foi um mensageiro e ele tinha uns dez anos.”

Assinto e viro-me para Raul. Respiro fundo e olho para a carta. Está em branco e a única coisa escrita é: Ethan Brown.

“Ruby, pode ir.” Ordeno sutilmente.

“Sim, senhor.”

Assim que ela parte, fecho a porta e abro logo a carta. Dentro há um papel, que ao desdobrar, encontro um bilhete escrito a mão pedindo para ligar para o número escrito.

“O que deve ser isso?” Murmuro e levanto o rosto para Raul.

“Quem quer que seja, não quer correr o risco de você rastreá-lo se ele ligar. Então ele quer que você ligue.”

Franzo a testa e cerro a mandíbula. “Filho da puta.”

“Sim, nós não estamos lidando com pessoas amadoras, Ethan.”

Assinto e me controlo para não amassar o bilhete. Pegando meu celular, digito o número e espero atenderem. Cinco toques depois uma voz distante e abafada surge. Com certeza ele está tampando a boca, ou tem um pano no fone.

“Quem é?” Atropelo ele falando.

“Não interessa quem eu sou. Apenas com quem eu estou.”

Isso me deixa em alerta e coloco o aparelho no viva-voz para Raul poder ouvir também.

“Então me diga o que você quer? O que quer falar comigo?”

“Ela me pediu.”

Perco uma batida e arfo com força. “Victoria?”

“Sim. Foi ela.” Ele pausa respirando. “Escuta, eu não posso demorar. Então vou ser direto. Ela me pediu para ligar para você e pedir ajuda.”

“Ajuda?”

“Sim.” Agora uma longa pausa e uma respiração profunda no fundo da ligação. “Ela me contou do bebê e até antes de saber, eu não concordava com o que ele quer –”

“Quer o que?” Interrompo.

“Você já deve imaginar.” Sua resposta acaba comigo. “Então eu me comovi e vim atrás de você.”

“Como eu posso confiar em você? Que você está ao lado dela. Você é um deles.”

“Não sou.” Ele enfatiza. “Com certeza eu seria doente se ligasse para você a troco de nada. E você esquece que ninguém sabe da gravidez dela. Nem a imprensa. Então como eu sei?”

Ele tem razão. A gravidez de Victoria era segredo até para sua família. Quem sabe é minha mãe, Cora, Clara, Ken e Raul. Mais ninguém ficou sabendo.

Assinto, jogando o pensamento desconfiado para trás.

“Você quer dinheiro?”

“Não.”

“Então o que? E não me venha que quer apenas a segurança de Victoria.”

“Isso também.” Diz com muita convicção. “Porém, não é tudo. Eu quero me livrar desse inferno também. Quero *ele* morto e sei que se você tiver a minha ajuda, poderá chegar até lá antes dele querer que vocês o encontrem.”

“Eu não confio nisso.” Raul diz e sinto sua ira. “Não acredito. Você pode estar muito bem nos levando para uma armadilha.”

“Faça como quiserem. Eu apenas digo que ela não tem muito tempo.”

“Está bem. Está bem. Espere.” Digo às pressas mesmo sobre o olhar de repreensão de Raul. Eu sinto que estou no caminho certo. “Mas para eu confiar em você, me diga onde ela está. Me dê uma pista.”

“Se você aparecer lá sem eu preparar o terreno, sem eu falar tudo que precisa para não morrer antes de ver sua mulher, essa ligação não serviu de nada.”

“Eu não vou.”

Ele faz uma longa pausa e aproveito para indicar o computador. *Encontre o anel*. Gesticulo com a boca e Raul entende e faz o que mando. Eu não sou tão idiota assim. Esse cara liga e diz que quer ajudar, que quer acabar com todos, mas preciso estar um passo à frente. Se ele me disser onde ela está e no GPS do

rastreador, o sinal estiver no mesmo local, aí sim poderei confiar nele.

“Em Malibu. Na praia House for Rent.”

E com sua resposta, Raul vira a tela do notebook para mim e vejo. House for Rent. *Ele disse a verdade.*

“Quem é você?”

“Meu nome é Douglas, mas meu codinome é 10.”

“Certo, Douglas. Qual é o seu plano?”

“Eu vou preparar o terreno, deixar os homens dispersos e quando vocês chegarem, se espalhem. Não façam barulho perto da casa, espera meu sinal. Eu vou passar o endereço certinho, mas para isso tenho que falar com o Cinco. Ele talvez queira ajudar vocês mais do que eu, e não porque gostou da sua esposa e sim porque ele tem uma família sobre a ameaça do Chefe.”

“Sim, certo. E quando será isso? Você disse que ela não tem muito mais tempo e como eu já tenho a localização da minha esposa, eu quero para ontem resgatar ela.”

“Entendo, mas preciso falar com ele. Caso algo dê errado, ela terá a proteção de nós dois. Mas você tem que jurar seu acordo conosco.”

“Que acordo?”

“Você tem que proteger nossas famílias. No meu caso, apenas meus pais, e a família de Cinco. Ele tem esposa e filhos. Você tem que encontrar eles e os ajudar. Senão não tem acordo. Pode crer nisso. E se você pensar em chegar lá sem nos avisar e fazendo tudo como deseja. As coisas vão fugir do controle e ela vai acabar morta. E não pense que ficará assim. a família dela toda morrerá e a sua, se o Chefe não estiver lá no dia, ou ficar vivo. Você tem que chegar lá com ele no local. Ter certeza que todos os homens estão presentes, para matar todos eles e acabar com esse inferno. Eu sei que fiz parte desse bando, mas não foi porque eu queria, era porque eu precisava. E quando sua esposa implorou para ajudar o bebê dela. Aquilo foi a minha porta da salvação também. Então pense com seus homens. Planeje e espere minha ligação. Quem ligará da próxima vez serei eu.”

Assinto e engulo em seco. Raul está na minha frente concordando com a cabeça também. Eu não conheço esse cara, não sei se é confiável, mas preciso dele. E com certeza minha esposa precisa dele agora. Eu posso estar sendo inocente e precipitado agora, mas ele é a segunda luz no fim do túnel. O anel e ele.

Com mãos tremendo, encerro a ligação assim que falo que estou aguardando sua ligação. É a única coisa que posso fazer... de novo. Esperar.

Fecho os olhos e jogo o aparelho sobre a mesa, não com muita força, mas faz um enorme barulho. Me apoio na mesa também e deixo a cabeça pesar para

frente.

“Será que estou fazendo o certo, Raul?”

“Eu não sei, senhor. Porém sei que às vezes homens maus se corrompem por necessidade e talvez esse Douglas seja um”, ele se levanta e coloca a mão no meu ombro, “e nós querendo ou não, precisamos dele para conseguir ver a Sra. Brown viva de novo.”

Assinto e aprumo a postura, abrindo os olhos e pegando meu celular de volta e guardo no bolso da calça.

“Infelizmente esse será o único jeito. E eu estava certo.”

“Sobre?”

“Ela sempre esteve em Malibu e eu não deveria ter saído de lá, por isso estamos voltando. Reúna os melhores homens que você conhece e confia.”

Raul assente e sai do escritório, me deixando sozinho com meus pensamentos. E assim que a porta é fechada, olho para o quadro atrás da minha mesa. Eu e Victoria no Havaí. Ela estava tão feliz. Tão linda.

“Em breve você estará em casa, meu anjo. Eu vou dar tudo de mim para isso acontecer.” Juro enquanto miro seu rosto sorridente na imagem.



Fechando a porta do quarto, Ruby me surpreende atrás de mim.

“A Srta. Clara está aqui. Quer falar com você.”

Deus! Clara. Eu tinha esquecido. Ela me ligou tantas vezes desde sábado, mas minha cabeça só consegui pensar e se concentrar em Victoria. No entanto, a melhor amiga da minha esposa quer saber notícias da amiga, e eu não dei. *Merda.*

“Certo, vou falar com ela.”

Ruby assente e quando se vira para ir embora, peço para esperar.

“O que é, Ethan?”

“Preciso que você limpe o quarto. Na verdade, dê um jeito nas coisas.” Engulo em seco, irado comigo mesmo pelo que fiz.

Minha governanta, me olha estranho e caminha até a porta do quarto e quando abre, solta o ar com força.

Ela, ou ninguém, não ouviu antes pelo fato de eu ter mandado instalar no quarto portas e paredes acústicas. O objetivo era de ninguém ouvir o que se passava dentro do meu quarto com a minha mulher. Hoje foi apenas para ninguém saber que eu estava destruindo tudo. A vida é engraçada às vezes.

“Madre de Deus. O que você fez?”

“Tive um pequeno descontrole, apenas.”

“Pequeno?” Ela vira-se para mim e direciona seu olhar de piedade.

Ah merda.

Respiro fundo e coloca a mão no seu ombro com delicadeza. “Está tudo bem, Ruby. Eu talvez só... precisasse colocar algumas coisas para fora e infelizmente a mobília que sofreu com isso.”

Ela assente e vem me abraçar. “Nós vamos tê-la de volta.” Se afasta. “Eu confio em você e ela também. Em breve estaremos rindo e sendo felizes como sempre. Não tenha dúvida sobre isso. Deus vai nos guiar e saiba que estou rezando noite e dia para minha Virgem de Guadalupe para proteger ela e o bebê.”

“Obrigado”, digo com a voz embargada. “É muito importante seu apoio, Ruby. Victoria gosta demais de você.”

“E eu dela.” Seus olhos ficam vermelhos, mas ela afasta a vontade de chorar com seu jeito mexicano e adorável de ser. “Mas não vou chorar. Porque eu sei que isso tudo vai acabar e vocês vão ser muito felizes e vão me dar muito trabalho ainda. Com vocês e com todos os filhos que irão me dar para cuidar.”

Assinto e agora eu a abraço, deixando uma simples lágrima cair. Foi tão rápido, que nem percebi ela chegando.

“Eu estou com medo.” Murmuro nos seus braços.

“Não fique. Vai ficar tudo bem.” Nos afastamos e ela limpa meu rosto com o carinho de mãe que sempre me deu. “Você é Ethan Brown. Teimoso, destemido e sempre tem tudo o que quer.”

Concordo com a cabeça e dou-lhe um breve sorriso de agradecimento. “E o que eu quero é ela. Apenas ela e tudo que *ela* vai me dar nessa vida.”

“Eu sei e você terá.”

Abro um sorriso neutro de novo e abraço Ruby, me despedindo.

“Estarei em Malibu. Qualquer coisa me fale.”

“Pode deixar.” Ela diz.

Com um aceno de cabeça, viro-me para as escadas e desço com minha mala na mão. Estou levando umas roupas, um outro par de sapatos e o notebook na pequena bagagem. Vou voltar para a casa de Will, mesmo odiando o clima que está aquela casa.

Os pais de Cora me deixaram confuso. Aquela coisa de Alba, fritou meus neurônios. Quero saber quem ela é. Contudo, o assunto não está no topo da minha lista.

Chegando na sala de estar, sou abordado por Clara. Eufórica e triste.

“Cadê ela?” Pergunta com a voz rouca e os olhos vermelhos. “Como isso aconteceu, Ethan? Como você deixou isso acontecer?”

Recebo uma pancada forte nos peitos, com suas mãos pequenas, mas que

me fazem cambalear para trás e engulo a culpa.

“Clara.” Lucca se aproxima e abraça ela por trás.

Mas ela tem razão. *Eu falhei*. Cerro a mandíbula e digo:

“Eu sinto muito, mas juro por minha vida que Victoria estará de volta para nós sã e salva.”

Ela assente com as lágrimas escorrendo e se desprendendo do namorado, assim que promete se comportar, e vem me abraçar. Deixo a mala cair no chão e a seguro.

“O bebê.” Ela sussurra no meu ouvido. “Ela deve estar com tanto medo. Ela já sofreu tanto. Traz ela de volta, por favor.”

“Eu vou.” Prometo e dessa vez consigo controlar a emoção que me invade. *Escondendo*. Afasto Clara de leve e digo olhando nos seus olhos. “Eu vou trazer os dois de volta para nós.”

Ela assente que sim e fugando, se afasta mais e em vez de ir para Lucca, que com certeza estava pronto para cuidar dela, Clara segue o caminho da garagem. Sorrio com tristeza. Ela vai ver os cachorros e entendo esse sentimento. Eu também o tenho. Ficar perto deles e como estar com Victoria, pelo simples fato dela amá-los tanto.

Meu amigo vem falar comigo rapidamente e logo me despeço dele e dos meus pais e avós. Peço para cuidarem da casa e sigo o caminho da porta de casa.

Antes de sair, dou uma olhada em tudo e sinto o que um dia eu senti em Nova York. Eu tinha tudo, mas sentia que algo faltava naquele apartamento. Aí Victoria apareceu e quando entrou lá, percebi que era ela que faltava. Agora é nesta casa. Eu não tenho tudo porque falta ela aqui.

Fecho a porta, desço as escadas e entro no carro. Jogo a mala no banco de trás, ligo o carro em ponto morto e assim que o carro dos seguranças – com Raul, Ken e dois homens que não sei quem são. Colen está sozinho, no carro à minha frente, espero que ele corra bem – pisca os faróis para mim, acelero.

As palavras de Ruby assombram minha mente.

Você é Ethan Brown. Teimoso, destemido e sempre tem tudo.

Ela tem razão. Eu tenho tudo e não vim nessa vida para perder e não vai ser *agora*.

Quarto

Victoria

TERÇA-FEIRA, 09 DE MARÇO DE 2014.



Sinto o ar gelado atingir meu rosto através de uma rajada forte. Franzo as sobrancelhas e de repente a escuridão, que estava tampando minha visão some. Deixando-me enxergar onde estou.

Nova York. Estou em Manhattan, no Central Parque, gelado e branquinho pela neve. Está um frio gostoso. Sorrio e abro os braços no meio do parque. Eu adoro estar aqui. Adoro patinar no gelo. Olho para baixo e estou no rio congelado, correndo, patinando.

Dou risada e curto o vento que faz enquanto corro pelo gelo, na curva dou uma parada, mas logo aumento a velocidade para alcançar os braços abertos do meu príncipe.

“Você está como um anjo.” Ethan murmura e me beija de leve.

Rio e seguro seu rosto beijando-o também.

Engraçado, sinto saudades dele. Mas ele está aqui.

Fecho os olhos e o agarro, abraçando com força. Ele respira fundo e me aperta.

“Eu te amo, amo e amo.”

Sorrio de olhos fechados e digo para ele em voz baixa, mas com todo meu coração. Sinto um aperto tão forte no peito...

“Amo você para sempre”

Ele diz: “Sempre”

Repito: “Para sempre”

Acordo do meu sonho desorientada e com frio. Tremendo, sento-me no colchão fedido. Fecho os olhos mesmo que estando no escuro, apenas para tentar encontrar Ethan em minha memória e em meu coração.

O fragmento do seu rosto vem em minha mente e sorrio. Seus olhos, seu sorriso, seus cabelos bagunçados pelas minhas mãos, seu abraço... “Ah que saudades”, sussurro e sinto as lágrimas aquecerem minhas vistas tampadas. Mas tomo uma respiração profunda e não deixo isso me aplacar. Eu quero ser forte e vou ser.

Hoje fazem cinco dias, cinco longos dias que estou no escuro, no frio e no fedor. Eu juro que não fiz nada fora do lugar, mas parece que o cheiro piorou esses dias e me esforço todas as vezes para comer. Tudo para o bem do meu pingentinho.

Falando dele, sonhei com ele ontem. Estava tão lindo. Eu sei que não o vi, mas parece que já o conheço. Talvez dos meus sonhos. *Jake*, é o nome que dei a ele, e espero do fundo do meu coração que Ethan goste.

Estremeço com um toque na porta e recuo até estar colada na parede.

A rajada de vento me atinge e a luz invade o quarto, mas logo some. Escuto o barulho da porta sendo trancada e em seguida a voz de Dez anuncia:

“Trouxe comida”

Resmungo um som afirmativo e espero ele acender à luz da lanterna e vou para perto da mesinha onde ele sempre coloca a bandeja.

“Obrigada agradeço”, sussurro e sou forçada a beber um grande gole do suco – terrivelmente amargo – para melhorar a queimação na minha garganta. Desde anteontem sinto um bolo na garganta e dores nas cordas vocais. Acho que está inflamando por causa da baixa temperatura e do cheiro do mofo, devido a umidade constante do quarto. O cheiro – como disse – está cada dia pior.

“Você está bem?” Ele murmura.

Meus lábios repuxam para o lado e dou de ombros.

Como posso responder que estou bem nas minhas condições?!

Ele deve ser louco e está...

“Só estou perguntando como está no sentindo de saúde, Victoria. Sei que não está bem. É óbvio!”

... sendo neutro e posso dizer, prestativo.

“Então a resposta é a mesma.”

Dez franze a testa e intensifica o olhar.

Balanço a cabeça e respondo:

“Minha garganta está doendo, minhas costas está um caos e sinto muito frio.”

“Eu lamento não poder trazer o cobertor. Ele jamais...” uma pancada forte atinge a porta cortando-o, em seguida a voz de Sete.

“Acaba logo com a refeição” debocha com segundas intenções “e venha aqui, o chefe chegou.”

Meu coração dispara. Ele está aqui!!!

Ele está aqui!!!

Ai não.

“Não se preocupe.” Dez fala, porque minha cara de terror deve ser nítida, mesmo sobre as luzes fraca. “Seu marido está vindo!”

“Que!? Como assim!?” Ethan!?” Tento levantar, porém minhas forças falham e caio. Dez me segura a tempo de não bater a cabeça na parede.

“Ei... Calma!”

“Não... Diga isso melhor! Como assim ele está vindo!?”

“DEZ!” O berro de seu nome me faz estremecer.

“Tenho que ir, depois falo melhor com você.”

“Não! Não me deixe aqui, por favor.” Digo vendo-o apagar as luzes e abrindo a porta.

Por favor...

Mas ele não liga e sai. Mas antes de fechar a porta, ele me dá um olhar piedoso e de promessa.

Ah... será que Ethan já sabe que estou bem? Que estou aqui? Sabe onde estou?

Coloco as mãos no rosto em prece, e elevo meus pensamentos aos céus.

Deus, faz ele me encontrar a tempo. Faz Dez ser bom para mim e através dele e do anel meu príncipe me encontre. Sinto tanto medo. Sinto tanto a falta dele. Preciso do senhor, pai. Preciso de um milagre.



“A_{I, CHEGA!}” resmungo para mim mesma e meus pensamentos negativos.

Estou novamente mergulhando na autodestruição e depreciação de sempre. Pensando que a vida de Ethan poderia ser bem melhor sem eu nela. Que ele está sofrendo muito desde que estamos juntos? É verdade, eu sei, mas eu não posso ficar assim. Nós nos amamos e isso tem força, tem poder e vai ficar tudo bem. Eu não posso pensar isso.

Merda! Estou enlouquecendo dentro desse lugar escuro.

Eu sinto falta de ver a luz do sol. Do calor do sol. Sinto falta de falar com alguém. Sinto falta de levantar e caminhar. A cada dia sinto meu corpo esvaecendo. Com certeza emagreci. Quando me abraço, tentando me aquecer, sinto cada vez mais meus ossos expostos.

Às vezes meus pensamentos me levam para o desespero de quando Ethan me resgatar – e *graças a Deus, eu ainda tenho essa esperança viva dentro de mim. Seria uma merda dupla eu nem ter mais ela comigo* – e em meus pensamentos, vejo seus olhos tristes e culpados, me olhando enfraquecida.

Isso me mata. Porque embora todos me veem como uma garota fraca e chorona, eu tento lutar pelas minhas forças, pela minha confiança, desde que voltei do primeiro sequestro! Eu sei que às vezes acabo me repetindo, mas como não, quando pareço estar revivendo um pesadelo terrível e sem fim, por anos.

Uma vez cheguei a pensar que todos os meus pesadelos eram apenas a

memória do passado, só que agora acredito que eles eram flashes do meu futuro, tenho medo do que vem em seguida. E se... no final esse homem que ninguém sabe quem é, vencer e eu ficar sozinha. Esse sempre foi o final dos meus sonhos. *Eu estava sozinha.*

“Olá,” a porta se escancara de repente, me pegando de surpresa e me fazendo saltar no colchão, “princesa.”

Meu coração acelera de forma brusca dentro de mim que chega a doer, meus olhos percorrem o corpo alto à minha frente, dos pés à cabeça. Ele está bem vestido. Por entender e gostar de moda, sei que seu terno foi feito à mão e seus sapatos são italianos, daqueles que meu avô adora.

Finalmente tenho coragem e encaro o homem todo de preto. Deus! O sorriso... é familiar, mas... FRANZO a testa e sinto o arrepio passar por todo meu corpo, balanço a cabeça sem entender e me concentro em seu rosto. No entanto há algo estranho.

“Essa voz...”, minha voz sai como um sopro.

Ele sorri – o sorriso perverso – e se aproxima.

“Eu sei. Sou muito mais encantador agora.”

“Como assim?” Minha voz continua baixa, um sussurro que deixa evidente meu temor.

Ele da gargalhada e chega mais perto. Muito perto... e me encolho, quase querendo que a parede pudesse me segurar dentro dela, e isso faz com que ele ria mais alto e com mais força.

“Calma, eu não vou fazer nadinha com você... agora.” Se agacha na minha frente e toca meu cabelo que soltou do rabo de cavalo que tinha feito com meus próprios cabelos. “Calma, menina burra. Não seja covarde.”

“Eu não sou.” Digo e engulo em seco. “Quem é você?”

“Você sabe quem sou”, diz e sorri de lado.

“Não sei.” Solto as palavras.

“Ah, é claro. Você me viu com outro rosto.”

“O-o-o que?” Gaguejo.

Ele ri, de novo e parece com raiva.

“Na academia, e no parque, embora você não tenha me visto. Eu estava de maquiagem. Estamos em Hollywood e porque não usar o recurso para um bem maior?”

“Bem maior?” Solto como larva. Com ódio atravessando meu corpo.

“Claro que sim. Conseguir enganar sua família e por fim pegar você de novo do seu papai covarde e fraco.”

“Vo-vo... você?”

“Vo... vo... você. Rá!” Ele debocha e dá uma gargalhada forte. Quando volta

a me encarar, seu semblante me apavora. “Para de gaguejar. Isso me irrita. É patético.”

“Quem é você?” Indago expelindo ódio. “E porque quando pergunto o que você quer, você nunca fala?! Eu não entendo esse... ódio todo contra minha família e meu pai.”

Ele sorri e enfia as mãos nos bolsos. Ele parece ter a idade do meu pai e isso está subindo em minha cabeça. *Tem algo estranho nisso.*

“Finalmente você entendeu que não tem que saber o que eu quero e sim quem eu sou. E você sabendo quem sou, provavelmente irá matar dois coelhos com uma cajadada só.” Ele respira, dramaticamente, fazendo uma pausa. “Quando eu tinha treze anos fui levado dos meus pais, assim como você está agora longe da sua família. E se você não sabe, porque afinal sua família é impregna de tantos segredos que no final você vai ter a sensação de que nunca os conheceu. Seu pai foi levado também.”

Eu já sabia disso. Ethan descobriu e me contou – penso enquanto ele continua contando como foi terrível aqueles dias e que fez uma amizade com as outras crianças no cativeiro.

“Só que eu e seu pai ficamos realmente amigos. Pelo menos eu pensei.” Ele faz uma pausa e sorri para suas lembranças, com os olhos desfocados. “Achei que ele gostasse de mim, mas na verdade não, ele me deixou, me abandonou”, ele me olha e tem raiva em seus olhos “e quase morri por culpa do seu avô miserável e seus homens.”

“Então é por isso?” Ressentimento – penso comigo.

“Não é só por isso.” Ele replica entre os dentes e me arrepio. “É muito mais, seu pai me traiu. Traiu o que nós construímos naquele cativeiro. Nossa amizade. A primeira coisa que ele fez ao ficar livre, foi correr para a sua rainha.” Sua voz tem nojo, rancor, e até um pinga de traição. “Não se importou com ninguém que esteve com ele naquele inferno, ninguém tinha valor.”

Franzo a testa, e mesmo com medo, meu cérebro capta o que ele está abertamente colocando para fora. *Ele gostava do meu pai. Oh céus! Ele se apaixonou pelo Will no cativeiro.*

Me dando um susto, ele coloca um dos joelhos no chão e fica cara a cara comigo, quase trocamos o mesmo ar.

“E quando consegui me reerguer, prometi a mim mesmo que iria fazer ele perder tudo o que nunca deveria ter tido.” Toca meu rosto.

Fecho os olhos e prendo a respiração quando ele quase beija minha face.

“Eu quase consegui tirar sua mamãe dele, mas não fui feliz nisso. Porém eles não têm a felicidade que sonham. Seus avós o odeiam por ter tirado as duas filhas deles. Sua mãe vive com medo e seu pai é um fraco. Seus avós Colton são

uns mentirosos.” Dá uma gargalhada maléfica. “Agora eu tenho você nas minhas mãos de novo e finalmente irei tirar o que realmente mais importa para Will, ele vai perder tudo.”

Sua voz, a promessa, tudo me afunda em um medo de que nunca conseguirei sair desse pesadelo. *Ethan precisa me encontrar e logo. Se não eu vou morrer aqui.* Esse homem tem o amor e o ódio para deixá-lo forte.

Sorrindo, ele se levanta, aprumando a postura e ajeita seu paletó, jogando sucintamente para trás, quando volta a colocar as mãos nos bolsos, a pose que em Ethan me deixa maravilhada nesse homem me dá vontade de que os tijolos da parede me abriguem, me assegurem de que nada poderá me atingir.

“Foi um prazer conversar com você, mas realmente tenho coisas a fazer.” Seus lábios se curvam no sorriso irônico. “Só não se acostume, porque nós nos veremos muitas vezes até o dia do Gran Finale.”

Ele se vira, caminha com passos firmes, sua mão segurando a porta pela madeira. Solto a respiração quando escuto a porta sendo trancada.

Sinto-me desabar. Meus ombros se curvam para frente e minhas pernas sobem, até que as abraço e começo a me balançar para a frente e para trás.

“Eu preciso sair daqui! Eu preciso sair daqui! Eu preciso sair daqui...” Sussurro em meio a uma crise de pânico. “Deus, eu preciso sair daqui logo!”



EU SEI QUE ESTÁ ESCURO e quase não consigo enxergar nada, mesmo assim sou insistente.

Levanto e caminho em passos lentos tateando as paredes. Finalmente consigo alcançar a janela e sinto as ripas ásperas em minhas mãos, realmente estou sensível demais e já tem um tempo isso. Realmente estou ficando muito resfriada.

Calmamente acho a fresta onde consigo ver a luz, ver o lado de fora. Está de noite. Não enxergo nada, nem uma luzinha chega aqui dentro. *Onde eu estou?* Aqui não tem uma luz no poste ou em algum lugar perto.

“Devo estar muito longe na cidade!”

Encontro o anel após tatear a madeira. Escondo entre meus seios, o protegendo. Fecho os olhos e rezo. Eu sei que Deus deve estar de saco cheio de ouvir minhas orações, meus pensamentos, mas é a única coisa que eu ainda domino. Orar, rezar, pedir, porque eu ainda tenho fé.

De repente escuto um barulho vindo da porta novamente, fico assustada. “É esperado eu ficar assustada, merda!”

Cambaleio para trás até sentir a parede em minhas costas, permaneço de pé, mesmo que todas às vezes que essa porta se abre, me sinto desabar. Perco minhas forças, mas agora quero ficar de pé. Talvez assim eu tenha mais...

coragem. Escondo o anel dentro da blusa torcendo para que eles não queiram passar a mão no meu corpo, como daquela vez.

Como sempre o feixe de luz que vem do lado de fora ilumina rapidamente a *minha* escuridão. “É o Dez!” Ele entrar com uma bandeja, como sempre coloca em cima da mesinha perto da pia. A porta se fecha e ele continua aqui dentro, mas dessa vez não escuto ele trancá-la.

A luz se acende da lanterna, receosa, caminho para ele, me aproximando e quando paro em sua frente, seu rosto se ergue e ele me fita intensamente. Sinto que ele quer me falar algo. Talvez tenha a ver com que aquilo que me falou mais cedo, sobre Ethan.

Ansiosa não espero ele falar, simplesmente sinto minha boca se abrir e pergunto:

“Você pode agora me explicar o que você disse mais cedo?”

“O seu marido já está vindo. Eu falei com Ethan.”

Meu coração acelera tão forte, que parece que ele estava morto. desde que vi meu marido pela última vez meu. Ethan já sabe que estou aqui. *Já sabe que eu estou bem.* Eu e nosso pingentinho vamos ficar bem.

“Ele sabe onde eu estou? Você... você disse a verdade para ele? Ele já está vindo? Você tem certeza?”

“Calma,” ele coloca suas mãos em meus ombros e dá um aperto acolhedor. “Ele sabe que você está bem. Ele sabe mais ou menos onde você está. Ele deu a entender que sabe onde é. Não sei como ele sabe disso, mas não me interessa. Apenas quero que ele chegue aqui logo para nos livrar desse inferno.”

“Então ele está vindo?”

“Mais ou menos. Ele precisa esperar eu preparar o terreno. Ele não pode chegar aqui simplesmente e entrar querendo vingança. Não se *todos* não estiverem aqui. Senão não vai adiantar em nada. O chefe precisa estar aqui e então Ethan poderá acabar com eles e levar você para casa.”

“Mas eu não sei se ele vai ter tempo. Aquele homem veio aqui hoje ele me ameaçou. Disse que quer acabar comigo. Não importa o que façam, ele quer se vingar do meu pai.”

“Deixa ele comigo, eu vou tentar de alguma forma prolongar o que ele quer fazer com você. Talvez nós podemos dar um susto na sua família ou mandar um bilhete, ligar, qualquer coisa. E se ele quer que seu pai sofra com a sua perda. Com certeza ele quer fazer na frente do seu pai. Então... ele deve estar armando alguma coisa.”

“Alguma coisa? Como assim?”

“Ele deve estar armando em fazer seu pai chegar até aqui...” Pausa. “Entendeu o que eu estou querendo dizer?”

Meu coração acelera novamente, mas dessa vez bate muito mais forte. Talvez o medo que sinto agora é mais forte do que qualquer outra coisa. Parece que a terra quer me engolir, esse sentimento agora é mais forte do que minhas esperanças, as que eu tenho tanto orgulho de manter e também é a causadora do meu maior sofrimento, ou da minha maior capacidade de sentir que talvez eu nem vá ter a chance de dizer a Ethan que eu fui tão valente.

E se ele chegar tarde? E se tudo der errado? E se no final das contas... esse homem vencer?

“Não se preocupe, Victoria, nós vamos tirar você daqui, vai ficar tudo bem.”

De repente um barulho ensurdecedor atinge nós dois, nos afastando e eu acabo me jogando contra a parede. Chego a sentir um pouco de dor no meu ombro esquerdo pela forte pancada, mas ela simplesmente desaparece quando vejo quem está na porta e com um revólver na mão apontando... para mim.

“Que porra é essa?”

Nós não dizemos nada. O chefe, como todos eles chamam, fuzila com seus olhos eu e Dez. Em seus olhos vejo a raiva transparecer, acusação. Ele passa os olhos de mim para Dez e quando volta a olhar seu capanga, seu punho se aperta com mais firmeza a arma que ele segura e então deixa de ser o alvo.

Reprimo a vontade de gemer de agonia, eu sei que não sou mais o alvo, no entanto meu coração não se aquieta pois se ele matar este homem, que eu sei que mal conheço, minhas chances de conseguir sair daqui vai voltar à estaca zero.

Eu entendi o que Dez quis dizer sobre Ethan saber exatamente onde estou. Ethan ligou o rastreador. O anel voltou a funcionar e ele vai me encontrar, mas agora aqui estou eu, em frente a bainha de uma arma que pode muito bem acabar com a minha vida antes mesmo do meu marido ter a chance de me salvar

“O que está acontecendo aqui?” Ele pergunta de novo. “Me respondam.”

Dez continua do mesmo jeito. Calado e intenso, consigo me sentir como ele, talvez tema sua vida ou esteja morrendo de raiva. Ele disse para mim que não sabe mais por quem lutar e que eu talvez seja sua nova chance de fazer algo bom. Então provavelmente ele não tema a morte, mas tema o fracasso de novo.

“Você estava dando mole para ele? Ah! Sua vagabunda.”

Deus! O que ele deve estar pensando de mim?

Sinto meus olhos se arregalarem, minhas mãos começam a suar e por um infortúnio também estou tremendo.

Rapidamente, muito rapidamente, ele corta o espaço que nos separa e vejo sua mão livre em câmera lenta levantar e com um golpe só, esbofetear meu rosto.

Meus cabelos vão para frente do meu rosto, atrapalhando minhas vistas e

sem eu menos esperar, sou pega pelos ombros e sacudida como uma boneca de pano, meu corpo batendo de relance na parede atrás de mim.

“Sua puta de merda, você quer que meu homem te foda para assim ele deixar você escapar?” Ele ri na minha cara. “Você é uma puta igual a sua mãe.”

Ele realmente odeia a minha mãe. Toda vez ele fala a mesma coisa e sinto raiva. Cerro os dentes e a dor do tapa some. Eu não sei o que está acontecendo dentro de mim, mas sei que isso não é bom. É raiva. Ódio! Na verdade, acho que é mais do que raiva, toda vez que ele fala isso da minha mãe, que fala que a minha família é covarde e que meu pai é fraco, que nós somos medrosos, me causa esses sentimentos escuros... Profundos. Tenho medo do que esse sentimento possa me transformar.

“Sua cadela, acho que vou acabar com você antes mesmo do seu queridinho papai aparecer aqui e ver o que eu vou fazer com você.”

Assim que ele diz essas palavras, vejo como estivesse assistindo um filme, uma sombra passar na minha frente. O corpo de Dez me protege e afasta o Chefe.

“Deixe-a em paz. Ela não estava fazendo nada.”

“Como você ousa me desafiar?”

“Eu não estou lhe desafiando. Mas ela realmente não estava fazendo nada demais.”

O chefe abre a boca, como fosse dizer alguma coisa, e seus olhos ficam negros como de um daqueles vampiros maus dos filmes. Então ele recua e lentamente ergue a mão que segura arma. O lado direito dos seus lábios curva-se suavemente para a direita e em nanosegundos escuto o estouro do tiro.

POW!

O meu Deus.

Minhas carnes pulam, minhas mãos tremem tanto que eu mal consigo sentir meu equilíbrio. Automaticamente meus olhos ficam cheios d’água, mas eu não choro. Sinto em minha alma a dor da morte.

Eu não quero ver.

Eu não quero ver.

Eu não quero ver...

Mas meus olhos são mais fortes do que a minha vontade e talvez... eu realmente preciso ver o que eu fiz... de novo.

Eu matei esse homem.

Eu o matei.

É como se eu fosse amaldiçoada e todas as pessoas que tentam me ajudar morrem.

Dez escorrega do meu colo, porque simplesmente fui imprensada por seu

corpo forte e musculoso na parede fria. Sinto-me fora de mim. Não consiga sentir absolutamente nada e minhas mãos tentam segurar ele, mas ele é muito forte e cai. Seu corpo morto para em meus pés.

Tremendo assisto no chão seu corpo desfalecendo. Escuto o chefe rindo, esse desgraçado está gargalhando. Fecho a cara para ele e sem esperar, recebo uma pancada na cabeça bem forte, mas não sinto dor. Só assimilo a porrada.

“Fique com seu amante, sua cadela de lixo.” Então ele se afasta, vai embora e a porta é fechada com uma forte pancada e escudo a trancar.

Ele me deixou...

Ele me deixou aqui com um corpo morto, sozinha neste quarto.

Eu. Estou. Sozinha. Com. UM. Homem. Morto. Em. Meus. *Braços*.

Descontroladamente as lágrimas escapam, mas do fundo da minha alma não consigo sentir absolutamente *nada*. É claro que eu sinto a perda, a morte, mas não consigo realmente sentir as lágrimas e nem a tristeza. Nem qualquer tipo de sentimento a não ser o desespero.

Eu vou morrer aqui!

Eu vou acabar morrendo aqui!

Eu fui ingênua de pensar que isso teria um final feliz. Ontem mesmo fiquei me perguntando quanto mais tempo iria ou vai durar meus dias aqui. Cheguei a pensar que aguentaria o tempo que Ethan precisasse para me encontrar, porém acho que é isso que eu mereço.

Acho que estou fadada a ser a lembrança de um passado. A lembrança daqueles poucos meses que passei com o meu príncipe. Acho que cheguei no estágio de aceitação. Acho que talvez eu consiga agora ver os fatos como eles se mostram... desmoronando.

Fico perdida em meus pensamentos como fosse um barco à deriva. Então de repete escuto uma voz ao fundo sussurrar...

“Cinco...”

Franzo a testa, limpando as lágrimas e olho para Dez.

“Você falou comigo?”

Ele assente.

Ele está vivo!

Ele está vivo...

Oh Deus. Ele está vivo.

“Você está vivo.”

“Estou morrendo, Victoria”, ele balbucia, “mas não se importe. Preste atenção...” ele tosse, cuspiendo sangue, “atenção.”

“Não fale. Po-por favor...” peço com as mãos tremendo passando em cima do seu corpo. Meu coração está acelerado. “Shuu...”

Ele agarra minha mão e me puxa, para que meu rosto se aproxime do seu.
“Confia em Cinco.”

“O quê?”

“Cinco.” Ele repete o número. “Ele sabe. Ele va-vai...” gagueja.

“O quê?”

“Ele vai te ajudar. Confia nele.” Seus olhos se fecham.

“Dez?!” Suplico.

“Douglas, meu nome é Douglas.”

Sorrio e assinto em meio as lágrimas. Meu corpo sacode enquanto choro, estou com medo e com pena, ele não merecia.

“Tudo bem. Agora descanse.”

Escuto um misto de sorriso e tosse. “Eu vou. Vou ver minha família.”

“Que bom”, digo com a voz fraca.

“E você vai ver a sua também.”

Concordo, mesmo que eu não esteja mais acreditando nisso.

“Espere ele... Espere, Victo –” ele para abruptamente e tosse muito forte.

“Douglas?” Minhas lágrimas ganham força e molham seu rosto.

Ele não responde.

“Douglas?”

Nada.

Balanço a cabeça e acabo sacudindo seu corpo em desespero.

“Douglas! Não me deixe aqui sozinha.” Choro e minha garganta se aperta.
“Por favor.”

Mas ele não responde.

Ele se foi...

Choro e abraço seu corpo morto e fecho os olhos.

“Me desculpe.” Peço baixinho e após tomar um fôlego trêmulo, lhe agradeço. Ele merece, me defendeu e Ethan iria ficar muito contente. “Obrigada e descanse em paz.” Murmuro.

Minha cabeça começa a doer e deixo meu corpo cair. Estou ainda o abraçando, eu tenho frio e me sinto só. Mesmo que ele esteja morto, é a única coisa que tenho para me aquecer. É a única coisa que tenho para me amparar e vou esperar minhas forças falharem e acabar chorando até dormir.

É triste.

É cruel.

É

D
E
V
A

S
T
A
D
O
R
.

Cinco

Ethan

QUARTA-FEIRA, 10 DE MARÇO DE 2014.



UM CALOR INQUIETANTE ME ATINGE EM CHEIO e levanto do sofá – da casa dos pais de Victoria – quase que aos pulos. *Que inferno. Eu cochilei.*

Esfrego os olhos com as pontas dos dedos e tomo uma respiração profunda. Odeio estar tão cansado e mais ainda quando acabo bocejando na frente dos meus pais ou de Cora ou de Elizabeth, eles realmente insistem de que eu preciso – devo – dormir um pouco. Porém isso não vai acontecer até eu ter a segurança de Victoria sobre minhas mãos. Enfim, esse assunto já deu.

Caminho para a cozinha. Vou fazer algo para eu comer e com certeza um café preto forte. Bato no meu rosto, para me despertar mais um pouco e na cozinha, abro os armários.

Depois de algumas dez portas sendo abertas e fechadas – eu fuxicando tudo – encontro o pote com o café. Pego a garrafa de vidro, encho de água e coloco na cafeteira ligando-a.

Recosto na bancada da pia, de costas e cruzo os braços sobre meu peito. Estou ansioso. Realmente me sinto na beira do precipício e é tão errado esse sentimento. Tudo porque tenho – ou quase tenho – tudo para encontrar Victoria. Pelo menos eu já sei onde ela está.

O sentimento que eu tenho é bem esquisito e eu não deveria estar me sentindo assim. Não deveria mesmo estava receoso ou com medo, na verdade eu não sei bem o que é. Apenas sei que não quero falhar. Não posso falhar. É a vida da mulher que representa minha existência. Eu não estou indo salvar apenas Victoria, mas também a mim mesmo.

E fora esses pensamentos e o medo, me irrita o fato de parecer que a família dela não está nem aí. Parece que só eu estou preocupado, são duas horas da manhã e só eu estou acordado, só eu estou com a cabeça fervendo, só eu que estou aqui o tempo inteiro, vinte e quatro horas dando tudo de mim. Eu e os alguns seguranças também, que ainda continuam procurando e a polícia está em alerta.

“Você deveria descansar um pouco, Ethan.” A voz de Elizabeth me pega de surpresa, interrompendo o meu debate interno.

Viro-me e a encaro. Ela parece cansada, suas olheiras estão mais profundas,

muito mais do que o fato dela ter uma certa idade. Botox nenhum cobre as marcas de preocupação de seu rosto, principalmente de seus olhos.

“Eu não acho que devo descansar, afinal de contas a minha esposa está desaparecida e é quase que impossível deitar na cama e fechar os meus olhos. Não enquanto não encontrar Victoria. Se você e sua família conseguem, eu sinceramente...”, faço uma pausa, respiro fundo e conto até dez para não dizer nada que possa magoar. “Acho que devo dar meus parabéns.”

Ela balança a cabeça e seus lábios se contorcem, recriminando-me.

“Você fala de uma forma como se nós não estivéssemos nos importando. Eu posso estar aqui e pelo fato de eu ter cinquenta e cinco anos, é normal me sentir cansada. Mas sei que meu filho está lá em cima andando para lá e para cá, tentando achar pistas, tentando ser forte e não só para a grande responsabilidade que ele tem de achar a filha, mas com a esposa dele que está triste e desesperada.” Ela respira fundo. “Não está sendo fácil para ninguém, Ethan. Mas entendo o seu desespero e concordo com você. Como é que a gente consegue deitar e descansar e fechar os olhos e talvez até sonhar, enquanto a minha neta está por aí sofrendo e com medo?! No entanto, você tem que concordar que se nós enfraquecermos não seremos capazes de ir atrás dela quando for preciso. Então embora você esteja aí me julgando e julgando toda a minha família que está nos quartos tentando pelo menos esfriar um pouco esse estresse, entenda que nós já sofremos isso e nós sabemos que ficar acordado o tempo inteiro não vai solucionar. Somos de carne e osso e uma hora o corpo pede para parar, por bem ou por mal.”

“E o que vai ser?”

Ela se aproxima e olha meus olhos profundamente. “Mesmo que eu diga para você qual a melhor solução, nada vai fazer essa dor que está dentro de você desaparecer e o medo que está sentindo aliviar. Isso só vai acabar quando você tiver ela aqui, e infelizmente a única coisa que eu lembro de ter feito quando levaram ela foi rezar, esperar e torcer para que tudo desse certo. Infelizmente nesses casos nós procuramos e procuramos, dando tudo de nós para encontrar pistas, mas tem que haver o telefonema e até agora não temos.” Ela coloca uma das mãos no meu ombro. “É isso que precisamos fazer agora, esperar o telefone tocar e torcer para ser uma negociação. Esse é o primeiro estágio de um sequestro. A espera. Eu sinto muito, de verdade.”

Assinto com a cabeça como ela não tivesse acabado de dizer a coisa que eu já sabia. A merda, é que eu simplesmente já tenho a melhor pista que precisamos, mas não posso agir com medo que tudo dê errado. Vou ter que esperar um desconhecido ligar e assim eu poder ir atrás de Victoria.

Não sei se eu deveria contar para Will que tenho essa informação. Algo me

diz que ele vai querer agir imediatamente e isso pode colocar tudo na estaca zero. O cara do telefonema foi bem explícito dizendo que preciso esperar. E pensando bem a ideia dele é bem sucinta.

Realmente não vai adiantar em nada chegar lá, matar os seguranças, pegar Victoria e quando menos eu esperar o chefe está na porta pronto para cumprir suas ameaças. Por isso precisamos agir com inteligência e eu esperar a próxima ligação. Preciso ter certeza de que todos eles estão lá para cortar o mal pela raiz.

É claro que eu não fico falando isso para todo mundo, mas eu estou cansado também. Realmente preciso dormir. Dormir de verdade, deitar minha cabeça no travesseiro, talvez até sonhar.

Percebo que Elizabeth está saindo da cozinha e rapidamente pergunto:

“Você disse que o Will está acordado?”

“Disse sim. Eu escutei os passos dele para lá e para cá no quarto e conversando com Cora. Acho que também seria muito bom ele descansar um pouco.”

“Você pode chamar ele para mim?”

“É claro que posso.”

“Obrigado.”

Sorrindo, ela dá as costas para mim e volta ao seu caminho.

Sozinho, solto o ar, respiro mais uma vez com força e não sei porque um bolo se forma em minha garganta. Essa sensação é tão terrível, eu não desejo a ninguém, nem ao meu pior inimigo.

Passos cortam meus pensamentos e me virando vejo Will entrando na cozinha com os passos arrastados. Ele está com uma calça de moletom, uma camisa de manga longa e por cima um roupão o cobre. Ele para do outro lado do balcão e me olha com expectativa.

“Minha mãe disse que você quer falar comigo.”

Sem muita demora, deixo Will sabendo de tudo que sei. Até mesmo do rastreador no anel, coisa que só a minha família sabia e Victoria.

Respiro fundo e encaro Will, que me olha com ódio. Como se eu tivesse culpa.

“E você vem me dizer isso só agora?”

“Eu ia dizer mais cedo, mas —”

“Mas não disse.” Ele me corta, porém ignora e continuo:

“Mas como eu sei que você é esquentado e iria querer resolver esse problema do seu jeito, resolvi contar quando estivesse mais preparado para tomar meu plano.”

“Não interessa o que eu ia fazer. Você tinha que me dizer. É a minha filha.”

“Foda-se. Ela é minha esposa.”

“Você acha mesmo que ser sua esposa é mais do que ser minha filha.”

Balanço a cabeça e me recuso a responder isso. Sinceramente a minha paciência está por um fio e como eu não quero que Victoria descubra que o seu marido não fala com o pai dela, eu respiro fundo e ignoro.

“Mas agora você sabe e é esse o ponto em questão.”

“Só porque você deve estar com medo de dar o próximo passo. Não é, Ethan Brown?”

“Na verdade, não é bem isso.” Coloco as duas mãos na bancada e intensifico a minha voz. Estou farto de ele me tratar como um moleque. “Eu estou lhe dizendo porque realmente vou precisar da sua ajuda. Apesar de eu ter os meus homens e confiar neles muito mais do que nos seus, é sempre bom ter mais pessoas. E como tem a frase: Juntos somos melhores e mais fortes.”

Ele cerra a mandíbula. “Não acredito que você está fazendo piadinha.”

“Eu não estou fazendo piada, só estou pensando que se nós irmos juntos e planejarmos exatamente uma boa emboscada, vai ser melhor do que eu ter apenas meus homens.”

Will assente e como se nós não estivéssemos conversando, sai da cozinha.

Vou atrás dele quase que correndo e pergunto em voz alta vendo-o subir as escadas. “Onde você está indo? O que você está fazendo? Eu estou conversando com você, porra.” Cerro os punhos, puto da vida. “Você acabou de reclamar que eu não lhe conto as coisas e agora você está me ignorando. Assim fica muito difícil da gente se dar bem.”

Ele para, quase terminando as escadas e vira-se para mim.

“Eu estou indo me trocar. Eu vou atrás da minha filha agora!”

“Caralho, Will. Você não entende. Se a gente for lá e não estiver todos, o plano vai por água abaixo.” Subo uns três degraus e praticamente grito: “Talvez nós vamos ter Victoria, mas não vamos aniquilar quem é o responsável por este inferno. Então isso vai continuar e talvez piore e logo ele pega os meus filhos.” Subo mais um pouco e vejo que alguém está vindo. “E se você acha que eu vou continuar vivendo assim e deixando a minha esposa viver com medo, está muito enganado. Se eu for lá, vai ser para acabar com todos de uma vez.”

“Do que você está falando?” Cora pergunta para mim e se virando para o marido e repete a pergunta.

“Ele sabe onde está Victoria.”

“Ele sabe onde ela está!?” Cora olha com os olhos esperançosos para mim. “Como assim?”

“Sim, ele sabe,” Will não me deixa responder, “mas não quer ir atrás dela porque um babaca disse que tem que esperar a ligação dizendo que o chefe, ou seja lá como é que eles o chamam, tem que estar lá também.”

“Ah... entendo.”

“Entende?” Will esbraveja e a olha.

“Sim, querido. Porque assim vamos pegar todos de uma vez e terminar com isso.” Ela conclui e coloca as mãos sobre os ombros do marido. “Isso sempre foi tudo que a gente quis.”

Eu sempre digo e repito. *Eu amo essa mulher*. Agradeço mentalmente aos céus por Victoria ter Cora como mãe. Pelo menos nisso ela deu muita sorte. Porque até mesmo os pais de Cora não parecem problemáticos como os Colton.



COMO ERA DE SE ESPERAR, Will não me deu ouvidos e estamos agora preparando todos os homens, e todas as nossas armas dentro dos carros. Irão conosco no total treze homens, incluindo Raul e Colen ao meu lado.

Fizemos um esquema de irmos devagar, sondar o ambiente sem dar brecha e como da vez que resgataram Will e Victoria da primeira vez que a levaram, não acionamos a polícia. Esses vermes não servem para porra nenhuma. Só ficam indagando e tirando conclusões. Acabando não resolvem nada. Ainda estou muito puto com a desconfiança deles sobre mim. Ainda bem que Cora entreviu pedindo para eles relevarem quando levantei minha voz.

“Você acha mesmo que esse cara é confiável, Ethan?” Pergunta Colen.

Odeio admitir que às vezes eu preciso ouvir ele. O cara faz parte da máfia e ele sabe como é que funciona a cabeça desses homens. E ainda por tem as perguntas que me atormentam. *E se na verdade eu esperar e quando chegar lá for uma emboscada? E se na verdade o plano de Will for melhor? E se eu esperar muito, for tarde demais?* A última pergunta na verdade é meu maior medo. Ser tarde demais.

“Sinceramente eu não sei. Para falar a verdade eu estou confiando no anel que realmente me deu o paradeiro dela, não nesse cara.”

“Eu já estava estranhando você confiar em uma pessoa assim do nada quando você demora a confiar em qualquer um.”

“Você sabia que ainda me custa acreditar que eu confiei no Jorge.” Falo, mais para um resmungo e cerro a mandíbula. Aquele filho da puta desgraçado. Se não estivesse morto eu o mataria com minhas mãos.

“Ethan, não tinha como você saber, ninguém na verdade, que ele estava dentro da casa dos Colton passando todas as informações. E tudo que aconteceu não foi coincidência ou que esse cara tenha dado sorte. Foi simplesmente porque Jorge estava dando as cartas para ele agir. Senão duvido muito que eles conseguissem tirar Victoria de você.” Colen faz uma pausa e torce a boca em repreensão. “Do Will eu já não sei. Pois na cabeça dele isso ainda continua sendo

um sequestro-relâmpago, não uma vingança. Não consigo entender ele.”

Agora é o canto da minha boca que se ergue em um sorriso descrente. Me irrita profundamente que William acreditar que isso não tem nada a ver com ele.

“Eu sei, mas vamos deixar de papo e seguir o plano dele.” Digo. “E mesmo que eu receba a ligação, eu já estarei lá para agir.”

Colen assente e caminha ao meu lado para o carro onde nós dois vamos com Raul e Vito, um italiano que ele diz ser *amigo* da família que veio de Las Vegas às pressas junto com mais alguns homens, que Travis mandou. Nem perguntei que tipo de envolvimento eles têm. Com certeza – e pela cara de poucos amigos – Vito deve ser um dos homens importantes de Travis. Ele tem o verdadeiro ar de: *mata rindo*. Ótimo. Eu quero um desses mesmo hoje.

Estou caminhando e vendo tudo acontecer rápido demais. Não tem muito tempo que falei com Will, talvez uma ou duas horas. Mal tive tempo de dizer algo ou dar minha opinião. Como sempre William é incisivo e petulante a este ponto. No entanto, não posso reclamar. Eu sou assim também, só menos babaca.

“Não se estresse e apenas pense que iremos pegar Victoria daqui a pouco.” Colen diz com a mão no meu ombro, percebendo meu estado.

Balanço a cabeça e cerro a mandíbula sem encará-lo, mas aceitando o conselho.

Vejo Raul entrar no carro que nós vamos e me aproximo, entro sentando-se no carona e Colen está no banco atrás.

Logo pegamos a saída da casa. Vejo pelo retrovisor Cora e Elizabeth na porta com Ryan. Will não deixou o pai nos acompanhar. Eu o entendo, pois, meus pais nem sabem o que estou prestes a fazer.

Não senti necessidade de falar com eles. Com certeza minha mãe iria ficar preocupada – mais ainda – e meu pai iria teimar em ir junto, assim como Ryan, porém meu pai... bem, minha teimosia herdei dele e sei que agora ele estaria aqui se soubesse de tudo.

Também não contei para Anton. Quero que todos saibam quando eu já estiver com *ela* nos meus braços, segura e à salvo.

O carro pega a estrada, sentindo ao sinal do anel. Estou confiante, mas no fundo apreensivo. O que o tal de Douglas falou tem fundamento, e estou torcendo que ao chegar no local eu não me sinta despreparado.

Nunca fui de ter fé e rezar, contudo, agora estou pedindo a Deus para nos proteger e para que tudo ocorra bem.

Pegamos velocidade e meus olhos não saem da tela do tablet, onde vejo o pontinho azul piscar quase no final de Malibu. Onde o anel está localizado e me causando uma condição de tremor estranha.

O local é quase sem acesso e bem longe da cidade. Não importa quem seja

esse cara, mas admito que ele é muito maquiavélico.

Tirando os olhos da tela, deixo os vagarem e alguns flashes dos faros acabam desfocando minhas vistas, embaçando tudo, mesmo assim não desvio os olhos. Meu coração parece querer acompanhar o motor do carro, que acelera cada vez mais e está a cento e trinta quilômetros por hora. Não sei porque, mas o único pensamento que passa na minha cabeça é de como encontrarei Victoria e de como Will vai reagir.

Temo muito que ele não deixe ninguém fazer nada. Que saia entrando e matando quem estiver no caminho, e que tenha alguém com Victoria e a faça de refém até o maluco que está atrás dessa vingança chegar. Todas as possibilidades passam na minha cabeça.

William pode colocar tudo a perder, com sua individualidade. Eu sei que ele ama a filha, mas precisa ceder um pouco e pensar direito.

Olho para o tablet e noto que estamos quase chegando. É bem distante da casa de Will. Pelo mapa do rastreador, falta pouco mais de quinze minutos com a velocidade que estamos. Um pouco acima do recomendado. *Que se foda.*

Tirando-me dos pensamentos caóticos, sinto dentro do bolso da calça uma vibração. Franzo a testa, mas logo pego meu celular vendo que se trata de uma ligação privada.

“Quem fala?”

“Aqui é o Cinco, um dos caras que está com sua esposa.”

Meu coração quase sai pela boca. Outro cara. Outra forma de falar. Merda. Não. Acho que a tal ligação que os detetives falaram está acontecendo *agora*.

“O que você quer?” Tento parecer calmo.

“Estou ligando à mando de Dez.”

“Como assim?” Engrosso a voz. “Onde está ele?”

“Ele me pediu para cuidar de Victoria. Ele teve que sair –” pausa longa e volta a falar após engolir em seco. “Enfim, como ele tinha combinado com você, estou ligando para informar que o chefe está vindo para cá. Eu estou pronto. O que vai fazer agora? Espero que não demore muito. Ele está pronto para o próximo passo. Está com muita raiva.”

Merda! Ele quer torturar ela e entrar em contato com Will, ou até mesmo comigo. Deus! Minha esposa, meu anjo. Fecho os olhos e imagino ela e o nosso bebê.

Eu vou conseguir.

“Está bem, estou indo, quase chegando aí na verdade.”

“Mas não era esse o acordo.”

“Eu sei, mas mudou. Quando o filho da puta chegar, já estaremos com Victoria e assim poderemos acabar com ele tendo minha esposa segura.”

“Eu não –”

“Pode não ser o plano perfeito, mas vale a aposta, vale o esforço e eu não sigo ordens de ninguém.” Engraçado dizer isso quando estou acatando as ordens do meu sogro.

“Isso pode colocar tudo a perder. Se vocês chegaram antes –”

“Vai ser assim” interrompo-o, “e ponto final. Esteja onde você tem que estar e cuide da minha esposa, senão eu mesmo não terei piedade de você e nem da sua família. Porque o trato é olho por olho. Você salva minha família e eu salvo a sua.”

“Eu sei! Estarei pronto.” Diz rendido.



LOGO QUE RAUL PARA O CARRO, fico atento e faço uma rápida observação pelo ambiente até onde meus olhos conseguem enxergar. São quase duas da manhã e estamos a poucos metros da casa onde parece que Victoria está. Pelo visto ele queria mesmo se manter escondido sem parecer suspeito.

A casa é uma antiga construção – que talvez fosse para ser uma mansão como a de Will e Cora – abandonada. Pode ser que ele esteja construindo a casa ainda – como um modo de despistar – ou a comprou no estado caótico que está para ser um ótimo lugar para sequestrar alguém. É perto do mar, bem perto na verdade. E é realmente bem similar a casa de Will e da casa que Victoria tinha me dito que queria para nós futuramente.

Será que ela ainda terá o mesmo desejo depois dessa merda toda acontecer?

Respiro fundo e olho de novo para a tela do tablet, vendo o pontinho azul piscar e fico duelando entre continuar a olha-lo ou para a casa. Meu coração diz que é ela mesmo. Que a casa de *quase* dois andares inacabada e praticamente no meio do nada, está com minha esposa trancada em algum canto.

Eu já estou indo meu anjo.

“Ethan.” Raul me chama em voz baixa e parece tranquilo nessa missão de resgate. Ele está acostumado, fez isso muitas vezes na sua antiga carreira. “É agora!” diz olhando-me do lado de fora do carro.

Por uma fração de segundos fico paralisado. Meu estômago embrulha só em imaginar Vitoria abandonada, sozinha, no escuro, triste. Tudo o que ela me contou na nossa lua de mel e em outras vezes sobre os dias que passou no cativeiro quando era criança, vem à tona com toda força em minha cabeça.

Fecho os olhos e as mãos, deixando a raiva atravessar meu corpo. Não preciso dessa merda toda agora.

Recobrando meu foco, abro os olhos e faço um aceno de cabeça para Raul.

Ele assente e espera eu sair do carro.

Do lado de fora, sinto o ar gelado. Está ventando muito e frio. O céu não tem uma estrela sequer e não está negro, mas um tom de cinza escuro. Vejo à cima das montanhas, nuvens. *Vai chover.*

Ignorando o clima, olho para o lado. Colen está passando às ordens para os seguranças e alguns homens dele.

Ken está ajudando Will um pouco mais à frente de nós, e pelo visto já prontos para avançar. Eu sempre tive noção de que Ken não seguia minhas ordens, ele estava dentro da minha casa cuidando de Victoria por dois grandes motivos. Primeiro, porque ele realmente se sente obrigado a cuidar dela, por gostar de verdade de Victoria. O segundo motivo era Will. Para ser franco, não me importo. Nunca me importei. O que era do meu interesse era o que ele faz de melhor. Proteger minha esposa.

“...vamos avançar assim que percebermos que está bom para entrar e matar todos sem pensar duas vezes.” Volto minha atenção para o meu grupo quando escuto Colen falando, e me aproximo. “Não podemos perder tempo para análises e nem sequer contato visual. É entrar, matar e assim que possível todos fora. Não quero arriscar a vida de ninguém aqui, mas...” ele faz uma pausa e troca um olhar comigo e Raul rapidamente, “todos têm que ter em mente que só sairemos de lá com Victoria sã e salva. Todos entendidos?”

Eles assentem e se afastam, formando-se em uma linha de quatro homens. Colen chega até mim, Raul se aproxima também e me estende uma arma, que de início apenas olho.

“Você precisa estar pronto para todos os possíveis e eventuais acontecimentos, e de qualquer forma, é para protegê-la também.” Raul fala e Colen continua:

“Assim que ela estiver em nossas mãos, Victoria será dada a sua segurança Ethan, porque eu sei que ela precisará de você, não de nenhum de nós.”

“Então você precisa estar seguro para proteger ela.” Raul termina.

Cerro a mandíbula e a bile sobe até minha garganta, mas controlo. Agora não é momento para isso. Vai dar tudo certo. Olho para arma de novo e à pego.

O movimento pareceu em câmera lenta. Meus sentidos se aguçado, os nervos pareceram correntes elétricas e meu coração pulsou dentro do meu peito feito um motor a 300km por hora.

Sinto meus músculos enrijecerem, minhas digitais mais sensíveis. Se eu vivesse em um mundo que existisse superpoderes, juraria que acabei de ganhar alguma espécie de força de outro mundo.

“Certo. Vamos.” Minha voz sai rápida e firme. Aprumo minha postura e troco um olhar fixamente com Raul e Colen.

Nós vamos para as nossas posições, e vejo Will do mesmo modo em frente aos seus homens, como um verdadeiro líder. A forma que ele segura a arma é bem familiar. No entanto, eu nunca tinha segurado uma antes de uns dois ou três meses atrás quando pedi para Sebastian me ensinar sem ninguém saber.

Ele tinha dito que me sai bem, mas nunca me ocorreu andar com uma arma, nem no carro por segurança. Nem mesmo depois do que aconteceu na academia. Eu confiava demais nos seguranças e sempre me garanti muito bem na força bruta. Minhas aulas de MMA cada vez mais testava minhas forças e agilidade, depois que Will descarregou toda aquela merda de conversa em meu escritório logo após meu primeiro fim de semana com Victoria.

Há três meses comecei a me preparar para um – como Colen chamou agora pouco – eventual acontecimento. Porra. Eu nunca pensei que chegaria a tanto. Nunca quis que ela fosse levada ou sofresse o que passamos esses meses. E mesmo que eu não queria e todos falam que não, eu me sinto bem culpado. Principalmente por não ter cumprido com minha palavra. *Nada nunca irá lhe acontecer.* Essa frase me consome. Eu quebrei minha promessa.

“Ei?”

Alguém fala perto de mim, e quando sinto meu ombro sacudir, percebo que foi comigo.

Pisco e franzo a testa. Estou há passos de entrar na casa. Will, Ken e Raul estão mais perto ainda, agachados, quase deitados, com suas armas em punho.

“Ethan!” Colen fala ao meu lado e viro-me para encará-lo. “Não faça isso agora. Não é momento para isso.”

“Isso o que, merda?”

Ele me olha com acusação e tira a mão do meu ombro. “Não importa. Só esteja aqui. Esteja pronto para *ela*.”

Faço um aceno com a cabeça e travo profundamente dentro de mim a culpa, a dor e o medo. Estou pronto para ela.

Todos correm em direção a porta, para a lateral da casa e para os fundos. Colen me dando um último olhar de alerta, se afasta. Porém eu estou no mesmo lugar... Parado.

Estou congelado.

Que diabos está acontecendo comigo!

Sinto uma gota de chuva atingir meu nariz e olho para o céu. Fecho os olhos e respiro fundo.

Tudo parece estar bem lento. Escuto os disparos e no escuro da noite, vejo os clarões da troca de tiros. Não sei como, mas escuto a voz de Ken gritando. Colen grita também para os homens ficarem alertas.

Volto a fitar a casa e sinto meu corpo se mover.

Meus pés vão rápido, meus nervos não me pertencem e nem minhas vontades.

Sou totalmente adrenalina.

Sinto como estivesse sobre algum efeito alucinógeno.

“Will!” Alguém grita através dos tiros e o que parece uma luta.

Viro-me para um lado, para o outro e não vejo nada. Dou mais três passos para frente. Os batimentos do meu coração acompanham as gotas da chuva, que caem ganhando força. Se apressando... *Uma tempestade chegando.*

Uma rajada de ar atinge minha nuca. Isso me desperta como cair de um pesadelo.

Estou na porta. Na soleira da casa. De repente, *não sei*, não consigo descrever... Um movimento no escuro me chama atenção e cerro os olhos para tentar enxergar lá dentro...

POW!

Apertei o gatilho.

O disparo fora tão veloz quanto o sangue bombeado em minhas veias. A pressão, a adrenalina. O medo de errar. Tudo me fez ser tão rápido quanto pode um *homem* ser.

Meus olhos acompanham o homem cair na minha frente.

Há um silêncio.

Há um estranho silêncio nos nanosegundos que percebo a arma na minha mão escapando uma fumaça clara pelo cano e meu dedo firme no gatilho.

Eu atirei.

Eu o matei.

“Ethan!”

Ergo minha cabeça rapidamente e não consigo enxergar nada. Há uma névoa provocada pela baixa temperatura que nos circunda. Está tudo escuro.

Avanço para dentro e corro em direção da voz que me chamou e chama de novo, agora em uma ordem apressada.

“Aqui.” É Colen.

Percorro a voz. Encontro ele, está parado em uma porta aberta. Respiro fundo – sentindo o ar gelado invadir meus pulmões – e vou até lá.

Vejo as escadas que dão para baixo. Sinto meu coração acelerar e meu corpo desce involuntariamente puxado para o porão. Deixo essa emoção me guiar, embora creio que ela seja a *minha* força.

Meus passos estancam quando nossos olhos se encontram e os seus ganham um brilho mesmo com as lágrimas e o medo. Os lábios tentam se curvar para cima, mas *ela* não consegue sorrir.

“Deus!” murmuro sobre minha angústia escapando-se entre meu tomar de

fôlego.

Eu achei.

Eu a encontrei.

Seis

Victoria

QUINTA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 2014.



UM ESTOURO ALTO e estridente me desperta. Feito um puxão forte por uma corda amarada em meu peito. Pisco os olhos no escuro e tento recuperar o controle das batidas do meu coração, agora frenéticas e quase dolorosas.

Estou enjoada. A vontade de vomitar é tão grande, mas é estranho ao mesmo tempo. Sinto uma dor no peito bem forte e a uma ânsia quase insustentável. *Deus*. Sinto como estivesse prestes a enfartar. Ou melhor.

Será que estou enfartando por culpa desse susto? Não. Isso era tudo o que eu não precisava agora. Calma, Victoria. Você vai ficar bem. Já passou. Foi apenas um susto.

De repente a porta se abre em um rompante violento, me assustando de novo e *Cinco* aparece. Ele não entra. Mas fala: “Vem comigo.”

Sinto meus olhos arregalados. Meu peito sobe e desce com minha respiração descompassada. *Ai, caramba!* Não consigo controlar meu coração e nem minha respiração.

Ele resmunga alguma coisa e se aproxima de mim, mas recuo, me arrastando para a parede e me encolho. Ele está com uma arma!

“Calma... Ei, calma.” Ele fala e se abaixa, esticando a mão para me tocar. “Eu não vou machucar você. Confia em mim!”

Balanço a cabeça e meus olhos focam na arma que ele esconde atrás do corpo.

“Escuta, eles vieram buscar você, então você precisa me seguir lá pra fora.”

Eles!

Quem!

“Seus seguranças e seu marido estão aqui.” Me explica, mesmo eu não tendo feito a pergunta. “Eles vieram pegar você.”

“Ethan?”

“Sim, isso. Ele está aqui. Então você precisa vir comigo. Precisamos subir.”

Subir!

“Vamos, Victoria.” Ele se levanta e estende a mão.

Ethan está aqui.

Ele me encontrou.

A esperança toma conta de mim de uma forma tão arrebatadora, que me sinto sem forças. Elas foram drenadas para o caos que está acontecendo dentro de mim.

Respiro fundo e levanto.

Na porta, paro e isso faz com que Cinco pare.

“E ele?” Olho para Douglas. Ele não pode ficar sozinho. Eu fiquei e foi tão ruim. É terrível ficar aqui sozinha e com frio. Pelo menos espero que meu casaco agora possa aquecê-lo. Ele estava tão frio, mais do que eu. E deixá-lo sozinha não é justo. “Ele foi tão bom pra mim” completo em voz alta.

“Eu vou vir buscar ele depois.”

Meus lábios se curvam fracamente e deixo de fitar Douglas. Olho o outro homem que está me ajudando e assinto. Não sei o que fiz para merecer isso. Eles nem me conhecem e estão me ajudando.

“Por favor. Ele precisa achar a família dele e aqui está frio.”

“Aposto que ele já a encontrou.”

“O que quer dizer com isso?”

“Nada. Esquece. Venha logo.” Ele me tira de vez do quarto.

A claridade machuca minhas vistas e sou obrigada a largar as mãos dele para apertar meus olhos fechados com as palmas das mãos bem forte. Nossa! Isso me deu uma dor de cabeça agora.

“Vamos, Victoria. Precisamos chegar lá em cima logo.”

De novo isso. Lá em cima? O que ele quer dizer?

Com um esforço tremendo, me obrigo a olhar para onde estou. Não é tão claro quanto pensei que fosse e há apenas duas lâmpadas aqui. As paredes são cinzas e descascadas. Onde eu estava, no quarto, a porta tinha maçaneta *sim*. Só que do lado de fora apenas.

Me virando, encontro a escada de poucos lances, de madeira clara. Está muito acabada e então encontro dois basculantes. Minha nossa. Isso é um porão. Eu estava embaixo de uma casa e...

Anel.

Lembro-me do anel de esmeralda por pensar na janela que o escondi. Ela realmente não parecia muito grande, mas não pensei ser de um porão.

Tento voltar pra lá e buscar o anel. Eu preciso dele. Ethan disse para eu nunca, nunca, nunca tirar. E eu tirei. Não! Não posso.

“O que você está fazendo?” Cinco pergunta agarrando-me pelo pulso, mas sem colocar força. “Pare.”

“Eu esqueci algo.” Olho para o quarto escuro. “Esqueci algo lá dentro e preciso pegar. Por favor.”

“Deixe pra lá.”

Volto-me para ele e nego com a cabeça freneticamente. Não posso. Ethan tem que saber onde estou.

Quando penso em dizer que preciso buscar rapidinho, sem dizer o que é – ele não pode saber. É meu segredo e do meu príncipe – escuto alguém falar meu nome.

“Victoria! Filha, minha princesinha.” Os braços de Will me rodeiam com toda sua força. “Querida”, ele arfa como fosse um corredor de maratona e acabou de terminar uma corrida.

Está me sufocando. Meu corpo treme e soa. Minha cabeça dói. Tudo de uma vez e seu aperto, com seus braços em volta de mim, me deixam tonta. Mas não posso pedir para ele me soltar. Não sei se consigo ficar de pé sem ajuda. E senti tanto a sua falta.

“Vamos sair daqui. Vamos para casa.” Ele diz e beija meus cabelos. Quando tenta se afastar mais um pouco, para caminharmos, quase caio. “Ei, calma. Eu peguei você.” Diz e me abraça bem forte, pegando-me quase no colo.

Caminhamos, subimos as escadas e forço meus olhos a se fecharem por culpa da lâmpada que tem no primeiro lance das escadas. E isso nos faz tropeçar.

“Victoria.” Ele diz preocupado. “O que houve?”

“A luz. Machuca.” Resmungo.

De repente escuto estouros. De novo os estouros estranhos. Me encolho nos braços do meu pai. Escondo meu rosto no seu peito e ele me aninha aos seus braços com força.

“Calma. É apenas.... Calma.”

Assinto.

Os estouros param, mas então um outro acontece e parece mais perto. Me encolho de novo e fico alerta quando escuto meu nome ao longe. Depois o nome de Ethan.

Ethan?!

Me desprendo dos braços do meu pai e me viro para as escadas.

Sinto meu coração sendo sugando para fora de mim. Ele parece querer subir as escadas e ir até *ele*.

Ele está aqui.

Me encontrou.

Está olhando para mim no topo da escada.

Tento sorri, mas não consigo.

Amor...

As lágrimas começam a se juntar em meus olhos e eu respiro fundo.

Vejo-o tomar um fôlego também e descer.

Desce rápido.

Vem para mim.

Está na minha frente.

Meus olhos encontram os seus. *Ah que saudade.*

Ethan prende a respiração e me abraça. Abraça forte. Bem forte. Ele faz um som que eu talvez conseguiria fazer senão estivesse me sentindo sufocada pela emoção. Me sinto profundamente sufocada pela dor que senti esses dias todos sem ele e encontrá-lo agora é arrebatador. Sentir ele, estar em seus braços.

“Ethan....” meu sussurro é tão baixo, acho que ele nem consegue ouvir.

Errei. Ele ouviu sim. E diz baixinho nos meus cabelos: “Meu anjo”.

Sinto ao longe seu carinho cuidadoso em meus cabelos e nas costas. Minha alma parece estar fora do meu corpo e meu coração sumiu. Só consigo sentir ele.

Seu coração.

Sua respiração.

Seu cheiro.

Seu abraço.

Seus dedos delicadamente afagando minhas costas com uma pressa feroz.

Sou obrigada a abrir a boca e tomar um fôlego. É sufocante. É intenso. Doloroso.

Puxo o ar com força, uma, duas, três vezes. O ar em meus pulmões me dá forças. Forças que uso para conseguir finalmente abraçar ele bem forte.

Ethan solta a respiração e escuto sua voz: “Meu anjo... Meu amor...” ele murmura com a voz afogada. “Senti tanto sua falta.” Ele segura meu rosto e fita meus olhos. “Eu te amo... Te amo... Te amo...” beija meus lábios suave e rápido. “Te amo tanto!”

Assinto e o nó na minha garganta não me deixa dizer o mesmo, então o abraço e choro em seus braços de novo. Ainda estou sem fôlego, sem ar e mal sinto o chão em meus pés. Aperto meus olhos fechados e me entrego a dor do alívio que sinto. É tão intenso, que quero ficar em seus braços para sempre.

“Nunca mais me deixe ir.” Consigo dizer com minha voz tão longe que não reconheço.

“Jamais, meu anjo. Eu nunca mais vou deixar me tirarem você! Me perdoe por tudo.”

Balanço a cabeça e olho seus olhos. *Senti tanta falta desse azul.* “Não foi sua culpa.” Digo ainda balançando a cabeça. “Eu fui tão forte por você. Fiz tudo por você e pelo bebê.”

Ele assente e limpa meus olhos com os polegares nas maçãs do meu rosto. Ethan beija suavemente minha testa e quando está quase me abraçando de novo, Colen grita para nós subirmos.

No mesmo instante congelo. Não sei se é uma boa ideia sairmos daqui.

Tento voltar para o quarto antes que Carl volte e fique irritado e me bata. Não quero apanhar de novo, meu rosto dói ainda. Meu coração dispara e agarro a camisa de Ethan com toda força. Ele segura meus ombros e me faz encará-lo.

“Qual o problema? Nós vamos para casa agora.”

“Não... Ele vai chegar e pegar a gente e vai ficar irritado. Ele quer o Will.”

“Como disse, filha?” Meu pai se aproxima, sinto-o atrás de mim e me viro para vê-lo.

“Ele disse que você prometeu que ficaria com ele, mas não ficou, que você mentiu. Que quebrou a promessa que sairiam de lá e ficaria com ele.”

“Do que você está falando?”

Abro a boca para responder, quando Colen desce correndo as escadas e grita: “Vamos logo, porra”.

Com isso, Ethan abraça meus ombros e me leva para cima, meu pai está atrás com o Cinco.

Quando chegamos no que deveria ser a sala, só tem duas cadeiras e... me encolhe nos braços de Ethan ao ver um corpo no chão.

“Shuu...” ele sussurra no meu ouvido e puxa meu rosto, escondendo entre seu ombro e pescoço. “Está tudo bem. Está tudo bem. Apenas —” ele fala enquanto andamos e então seus passos param.

Escuto o barulho de um carro em alta velocidade, o som de pneus contra o asfalto me lembra o episódio que teve no pátio da academia.

Me viro para ver o que está acontecendo. E recuo quando vejo o carro vir correndo para cima de nós.

Ethan me protege, colocando-se na minha frente e Colen ergue sua arma. O carro para bem próximo da casa, de nós, e com o motor ainda rolando, as portas da frente se abrem.

Então acontece dois disparos altos. Ethan rapidamente se vira para mim, me agarrando e caímos no chão. Minha cabeça bate com força no chão de terra molhada. Fico atordoada.

Vejo o vulto de Colen se propagando sobre nós.

Ele atira uma, duas, três vezes.

Então... não escuto mais nada.

Um som doloroso sai de dentro de mim, tento tirar as mãos debaixo de Ethan, que praticamente está me prendendo no chão, os fragmentos do chão e da calçada da varanda me machucam e a lama no chão me dá calafrios.

“Calma, amor. Vai ficar tudo bem.”

Tento negar com a cabeça, mas não consigo me mexer. Sinto um gosto terrível de metal na boca. Aperto os olhos com força e sinto meu corpo enfraquecer de um jeito que sinto-me saindo de mim.

Abro a boca, procurando ar...
Não consigo respirar...
Minha cabeça está enevoada, pesada, parece que estou girando e girando no mesmo lugar.
Meus olhos fechados doem e mesmo que eu tente abri-los, não consigo.
DOR.
É incontrolável a sensação abrasadora da minha cabeça.
Gira.
Tudo gira.
Estou sendo sugada por uma escuridão que não sei mais o que é ou não é realidade ou apenas sensação. Alucinação!
Ao longe, escuto a voz de Carl.
“Você achou mesmo que seria tão fácil assim? Você iria chegar aqui, pegar sua fedelha e acabou.”
Ele ri daquele jeito que me deixa com medo.
Ethan me tire daqui. Por favor.
Ele não me escuta.
Oh céus!
“Não, William. Não foi, não é e não será. Vamos ter uma conversa antes. A conversa que deveria ter acontecido muito tempo atrás.” Carl está bravo. Ele fala com ódio.
“Isso eu não posso discordar.” Meu pai diz com raiva. *“Realmente tem muita coisa a ser dita aqui. Primeiramente; quem é você?”*
“Você deveria saber quem eu sou. Nós passamos bons momentos juntos.” Ele ironiza e diz mais alguma coisa, mas não consigo entender.
Não consigo ouvir mais nada.
Estou sendo sugada.
Ethan!
Ethan!

Ethan!



UMA PRESSÃO FORTE NO MEU PEITO e um ar que não sei de onde vem, enche meus pulmões, me trazendo de volta.

“Victoria? Amor?”

Essa voz está perto e sinto – bem ao longe – mãos passando em meu rosto, no corpo e então ele me pega nos braços e aperta, segurando minha cabeça por trás.

“Amor, acorde. Acorde.”

Com dificuldade, consigo fechar meus punhos.

“Ela se mexeu, Ethan. Olha!” É Colen. Ele está perto também e quando

sinto uma terceira mão me tocar, sei que é ele.

“Estou vendo.” Meu marido diz e sua voz está normal.

Estou sentindo meu corpo.

Sinto o subir e descer da minha respiração, meu coração acelerado.

“Querida, abra os olhos. Vamos, Victoria.”

“Ethan”, sussurro.

“Isso, amor. Sou eu.”

Engulo com dificuldade e uma pontada na minha nuca me faz apertar os olhos com força de novo, no fundo, escuto vozes berrando, discutindo.

“Amor?” Ele chama.

“Dói. Dói tanto...” enxergo seu rosto com os olhos cerrados. “Me tira daqui. Por favor.” Peço com sofreguidão.

Ele assente, seu rosto coberto por um desespero sem fim.

“Eu vou, meu anjo.” Diz e se aproxima para beijar meu rosto. “Vamos para casa.”

Então acontece um disparo, Ethan me aperta com força. Ele me encaixa em seus braços e levanta com dificuldade. Colen o ajuda com as mãos em minhas costas assim que ele começa a caminhar e vem outro disparo, mas ele não para.

“Ethan, você precisa parar.” Colen fala.

“Não, ela está com dor e sangrando. Tenho que tirá-la daqui.”

Sangrando?

Onde?

Meu bebê.

“Eu sei,” Colen diz e detém meu marido com as mãos nos braços dele, que estão me segurando. “Só espera, porra. Eles vão atingir ela e você. Espera!”

“Cobre minha retaguarda e fim de papo.”

“Merda, cara. Não seja teimoso.”

Outro tiro.

Ethan, me ajeita nos braços e fica parado. Abro os olhos e vejo seu rosto atormentado.

“Eu estou bem” digo com a voz fraca. “Escuta o Colen. Espera.”

“Não posso esperar, amor.” Ele fala e balança a cabeça, está escondendo alguma coisa de mim.

Quando vou perguntar, escuto em alto e bom som a voz de Carl gritar: “Não deixe sua filhinha ir sem saber que você é um assassino”.

Essas palavras rodeiam minha mente várias e várias vezes. Não consigo acreditar. Eu não posso acreditar. Não pode ser verdade. Will não faria isso, ele jamais machucaria alguém.

Meu coração está tão apertado que se eu tivesse que explicar o que sinto

agora, palavras jamais conseguiriam definir. Eu não posso acreditar que o homem que foi tudo para mim a minha vida inteira, foi capaz de matar alguém.

Me agito e tento sair dos braços de Ethan, mas ele parece saber o que se passa dentro de mim e me impede de saber a verdade.

“Para, eu preciso saber.”

“Não dê ouvidos.” Ele afirma fitando meus olhos, porém não muito confiante.

Balanço a cabeça, devagar, os olhos do meu marido estão suplicantes. Estou decepcionada em saber de mais esse segredo pela boca de outra pessoa. Mais uma mentira.

“Victoria.” Meu pai diz, sua voz está estranha. “Isso não é verdade filha, o que ele está dizendo é mentira. Eu nunca mataria alguém e principalmente...” ele faz uma pausa, engole em seco, sinto de longe sua ira “principalmente a sua tia.”

Tia?

Pareço estar sofrendo de algum tipo de doença onde as palavras me faltam, minha coordenação motora não existe. Não consigo falar ou pensar direito.

“Deixa-me ver ele!” Peço a Ethan, e relutante ele me vira para o meu pai. “Minha tia?”

Como assim eu tenho uma tia? Deus! Quanto mais vou precisar saber? Mais segredos que foram escondidos de mim. Vou precisar saber de tudo até enfim eu poder dizer que conheço a minha família. Bem que Carl disse; eles não são quem você acha que são.

“Vai, Will. Conte para ela a verdade, conte para sua filha que você foi o causador da morte de Alba.”

Alba. Esse nome...

“Eu não fiz merda nenhuma.” Meu pai esbraveja e quando vai avançar para atacar Carl, ele aponta a arma para mim, e isso detém ele e Ethan enrijece.

“Se eu fosse você, não faria isso.” Carl murmura.

Will sutilmente recua com a arma também em riste para Carl. “Se eu fosse você também, não faria isso.”

Ethan me aperta nos braços, viro-me para ele e me encolho em seus braços, e ele beija meu rosto.

“Diga logo o que você quer de mim?” Meu pai esbraveja alto, pegando-nos de surpresa. “O que merda você quer?”

Como é de costume, Carl lunático e fora de si, dá uma forte gargalhada e ela verbera em meus ouvidos e corpo. Percorre-me como um calafrio horripilante.

“Eu quero que você não tenha nada. Isso é o que você merece.”

“Você é louco.” Meu pai diz. “Você está atrás de uma vingança sem

sentindo, pois, eu nunca prometi ficar com você.”

“PROMETEU SIM!” Carl berra. “Você disse que todos sairiam de lá salvos e nós ficaríamos bem.”

“Sim e isso foi o que eu pensei que fosse acontecer. Não tenho culpa que as coisas saíram do controle e que você fosse dado como morto e não estava. Não tenho culpa desses acontecimentos.” Will fala cansado. “Eu não posso ser responsável por tudo que aconteceu ou deixou de acontecer com você, Carl. Eu também era uma criança.”

“É culpado sim. Se você tivesse ficado comigo ao invés daquela puta da Cora tudo seria diferente.”

Meu pai bravamente se aproxima de Carl, sem demonstrar um pinga de dó, com passos largos e quase encosta a arma na cabeça dele.

“Eu já falei várias vezes para você. Não chame ela assim. Você é um louco que está procurando por algo que nunca existiu. Desista e eu vou deixar você ir!”

Ele ri e balança a cabeça. “Eu.Nunca.Vou.Deixar.Você.” Enquanto suas palavras saem, ele levanta sua arma e olha para mim.

A vida acontece dentro do tempo infinito. E nos meus segundos agora, sinto cada nanosegundos da minha vida bater junto com meu coração.

Minha respiração fica suspensa. Minhas batidas lentamente...

NÃO!

Olho para Ethan e seus olhos estão cerrados pelo ódio, mas sinto seu coração bater como um motor dentro dele, está desesperado.

Ele tenta recuar e sair da mira, mas...

Pow.

O disparo... e tão rapidamente sou arremessada no chão, quando Ethan cai.

Ele grita.

Meu pai grita

Mais disparos.

Mais dor.

DOR.

FRIO.

ETHAN. FRIO...

“Victoria! Victoria!” Escuto sua voz bem longe. Ele me chama com suplica. Desespero.

Dor.

Mais dor.

“NÃO!” Ele berra no meu ouvido e sacode meu corpo. “Não se atreva.”

Sete

Ethan

QUINTA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 2014.



SINTO-ME CAÓTICO quando assisto a esse homem doente erguer a arma e apontar para Victoria dizendo alguma coisa. Sou tomado por uma náusea, um desespero de não ser tão capaz de protegê-la. Reajo aos meus instintos escutando o som do gatilho soar. Aperto minha esposa em meus braços e viro meu corpo, para a bala me atingir. Fecho os olhos esperando a dor, mas o que acontece é bem diferente.

Somos derrubados no chão por Colen. Ele se jogou na nossa frente.

Caos. Tudo vira um caos. Vejo Will disparando socos no filho da puta no chão, depois de haver outro disparo. Respiro fundo e viro-me para Victoria.

Ah não.

Seus olhos estão turvos, seu corpo mole e a cabeça está sangrando agora muito mais do que antes.

Colen se mexe metódico, assim como eu. Não sinto minhas forças. Pego-a nos braços e grito desesperando: “Victoria! Victoria! NÃO! Não se atreva.”

Ela está fechando os olhos lentamente. Deus! Sua cabeça... Tanto sangue.

“Me desculpe, Ethan. Me perdoa, cara. Eu apenas tentei –” Colen tenta argumentar.

Balanço a cabeça e não ligo pra porra nenhuma. Só quero que ela abra os olhos. É a segunda vez que ela *apaga* e acho que agora é mais grave. Sei que não fomos atingidos pela bala, ela está no ombro de Colen, que sangra sem parar e ele nem liga.

“Victoria, vamos. Abra os olhos, querida.” Peço com uma das minhas mãos atrás da sua cabeça e examino seu corpo, procurando algum ferimento, mas não encontro o foco. Não encontro porque ele está bem onde minha mão está. Sinto a quentura do sangue saindo da sua cabeça.

Olho para Colen, encontrando seu rosto oblíquo de preocupação.

“Faz aquilo de novo. Vai!” Ordeno. Ele tinha trazido ela de volta antes com primeiros socorros.

“Ethan...” ele balança a cabeça. “Precisamos levar ela e rápido.”

“Nós vamos.” Digo fitando atrás dele. Vejo movimentos, mas não tento entender. Para mim todos podem morrer. “Apenas acorde ela antes...”

“Ela não deve acordar agora.” Colen levanta, dando uma breve olhada para

trás com a arma na mão, e voltando-se para mim. “Me escuta. Vamos levar ela e foda-se o resto.”

Assinto e olho para ela. Eu preciso socorrê-la. É verdade. Que se foda o resto. Ela não vai ficar brava comigo por abandonar o pai dela aqui. Ele é o culpado.

Encaixo Victoria nos meus braços e me levantando Colen me ajuda. Rapidamente chegamos no carro e parece que a chuva resolveu nos perseguir. Colen tira um dos meus seguranças de cima do caput do carro, morto. Sinto a raiva me corroer vendo os três homens mortos. Victoria nunca saberá disso.

Entro na parte de trás do carro com Victoria nos braços e tomando cuidado para não bater sua cabeça. Colen entra na frente e logo acelera, nos levando para o hospital mais próximo.



MAL ESPERO O CARRO PARAR NA frente das portas do hospital municipal de Malibu, que demorou como um inferno para chegar, e saio com Victoria aos berros.

“Preciso de ajuda. Ajuda. Ajuda.”

Uma enfermeira me aborda fazendo como sempre perguntas idiotas.

“O que ela tem senhor?” Ainda bem que fala providenciando uma maca, que prontamente um médico vem correndo dos fundos, mexendo no estetoscópio e examina Victoria. “O que aconteceu?”

“Ela caiu no chão.” Respondo e quando eles me olham com as caras confusas, eu me sinto perdido. Meu coração para. “Ela...”

“Ela acabou de ser resgatada de um cativado e na operação infelizmente sofreu duas quedas e de cabeça. Corre com ela. Talvez seja uma hemorragia.” Colen diz e completa com a mão no meu ombro. “Ela está grávida.”

Dessa vez todos ficam surpreendidos e a mulher atrás do balcão, com uma prancheta que estava estendendo para mim, recua e pisca engolindo em seco. O médico assente e examina os pulsos de Victoria.

Olhando para o seu corpo imóvel, além de apertar tudo dentro de mim o fato de seus cabelos praticamente estarem ruivos invés de loiros por causa do sangue, agora na luz vejo que ela está rasgada. *RASGADA*. A roupa dela está suja e rasgada.

Sinto o bolo enorme no meu peito e cerro os punhos de ódio. E piscando várias vezes, faço meus pés se moverem para seguir sua maca quando começam a levar ela para longe.

“Senhor, você precisa ficar aqui.”

“Não mesmo. Eu acabei de encontrar ela.” Digo para a enfermeira.

Algo se parte dentro de mim. *Foi assim que Victoria se sentiu quando me*

levaram daquela vez. Mas eu não vou sair do lado dela.

“Eu vou com ela.”

“Você precisa ficar aqui. Eu vou trazer notícias. Você não pode entrar.”

Franzo a testa e tento passar por ela, pois o médico está chegando nas portas prateadas.

“Senhor...”

“Não.” Insisto e fixo meus olhos na enfermeira. “Eu acabei de encontrar ela, não posso ficar longe. Ela precisa de mim e... eu preciso dela.” Não queria, mas minha voz sai rouca, embargada. Isso dá margem a enfermeira a olhar para mim com piedade. Essa merda de pena.

“Eu entendo, mas não posso deixar você passar e talvez...” pausa e toca meus ombros “você devesse ver como está.”

“Não...” paro olhando Victoria sumir pelas portas e fico inquieto. Mexo os braços, sem saber o que fazer e aperto meus cabelos. “Não interessa o que há comigo. Eu só quero ela.”

“E você terá. Por isso vai ficar aqui e esperar. Eu prometo voltar com notícias. Se acalme.”

“Uma porra que vou me acalmar. Ela está...” não consigo terminar. Não quero pensar o que deve ser aquele sangue todo.

“Ela vai ficar bem.”

Cerro a mandíbula e olho para a mulher. Relutante, assinto.

Ela vai ficar bem. Vai ficar bem.

“Qual é nome dela?”

Engulo a emoção e respondo: “Victoria Brown. Ela é minha esposa e vamos ter um filho”.

A enfermeira abre um sorriso espontaneamente. “Parabéns e agora eu vou lá. Você promete ficar aqui e esperar?”

Promessas.... Eu não valho nada quando se trata disso. Porque eu prometi tanta coisa para ela e agora...

Assinto e a enfermeira aceita como resposta e sai.

Meu coração segue seus passos e quando me encontro sozinho no corredor do hospital, chego-me para a parede e deslizo até estar sentando no chão. Dobro minhas pernas, apoio os cotovelos nos joelhos e enterro meus dedos nos meus cabelos assim que abaixo minha cabeça.

Eu não sei o que fazer. Me sinto tão impotente. Eu deveria ter cuidado dela. Não era para ter deixado nada acontecer. *Deus!* Não me puna desse jeito.



Carl agarra Victoria e sua arma está colada na cabeça dela. Ele grita, berra

para Will.

“Você acha que vai ganhar hoje?” Pergunta com ironia. “Eu sempre venci, pela dor, mas venci. Eu acabei com sua cunhada, com a sua avó e agora vou acabar com sua filha.”

Não. Victoria.

Tento me mexer, mas estou preso.

Não!

“Pare de falar. Eu vou te matar seu desgraçado.” Will fala.

“Me matar?! Você já fez isso quando me esqueceu naquele lugar. Quando saiu e me deixou.”

“Eu nunca fiz nenhuma promessa que ficaria com você. Você é louco.”

“Fez sim. Você disse que ficaria comigo.” Ele diz e uma lágrima escorre em sua face. “Mas agora é tarde demais. É tarde demais. Chega!” e atira.

Nãaaaaaaaooooooooo!

Victoria.

Corro e caio de joelhos. Pego seu corpo em meus braços e seguro seu rosto. Meu anjo está morto.

Morto.

Minha vida.

“Não. Não. Não me deixe. Por favor.” Peço e choro abraçando-a bem forte. “Volta para mim. Volta para mim. Volta para mim.” Repito e repito.

“E^{THAN}. Alguém sacode meu ombro e desperto. “Ei, filho.”

Pisco algumas vezes e me dou conta de que foi um sonho. Apenas um sonho. Respiro fundo e quando recobro minha consciência, levanto do chão e corro para as portas prateadas, olhando pela pequena janela redonda, à procura de algum sinal da enfermeira ou do médico que atendeu Victoria.

Merda. Eu não tinha que ter dormido.

Cambaleio para trás e bato as costas na parede quando me viro.

DESMORONANDO...

“Eu sou tão fraco.” Digo e em um acesso de raiva, me viro e soco a parede.

“Filho, não diga isso. Vai ficar tudo bem.”

Balanço a cabeça e encaro minha mãe.

“O que você está fazendo aqui? Quem falou pra você?”

Ela faz uma cara de pura lamentação e acaricia meu rosto. “Colen ligou tem um tempo e...”

“O quê?”

“Está nos noticiários. Estamos sendo bombardeados de telefonemas e

reportes.”

Fecho os olhos em reprovação e quando os abro, prefiro encarar o chão.

Sinto as mãos da minha mãe nos meus ombros, me dando apoio. Levanto o rosto. Ela tenta sorrir, mas acaba deixando ainda mais sua preocupação transparecer e me abraça.

“Ela vai ficar bem. Tenho certeza. Ela é forte.”

“Você não viu como ela estava, mãe.”

Nos afastando, ela acaricia meu rosto de novo. “Mas tenho fé que ela vai ficar bem.”

Quando penso em falar qualquer merda que normalmente sai da minha boca, as portas se abrem e reconheço o homem de cabelos castanhos. Ele é jovem, deve ter a minha idade. É o médico que levou meu anjo.

Paro na frente dele e respiro fundo.

“Victoria Brown?” Ele diz.

“Sim. Sou o marido dela. Como ela está?”

Meu coração acelera quando ele faz aquela típica cara de lamentação de médico – que minha mãe sabe fazer tão bem. Não sei porque eles ainda tentam ser neutros. Sinto o bolo na garganta, mas engulo com força e faço um aceno.

Por favor, Deus. Não me tira ela.

“Prazer Sr. Brown. Sou o Dr. Nick Steves.”

Assinto e minha mãe estende a mão se apresentando. “Lauren Brown, pode falar como minha nora está. Sou médica também.”

Assentindo, ele começa a explicar:

“Ao chegarmos lá dentro, fizemos uma TC do crânio, para sabermos a extensão do ferimento. Victoria sofreu um traumatismo craniano próximo ao nervo central. Por isso seu estado de inconsciência.” Respira, fazendo uma pausa. “Descobrimos pela TC que havia um coágulo também. Pelo que parece, não foi de hoje e ele se rompeu na cirurgia, que fizemos as pressas. O que foi bom, pois logo tratamos dele e evitamos acontecer um AVC.”

“Ela sofreu uma forte pancada na cabeça tem mais ou menos quarenta dias. Os médicos falaram que foi um leve inchaço e que ela estava bem.” Minha mãe explica. E como é médica, deve estar entendendo melhor do que eu tudo.

“Sim, ela poderia viver tranquilamente com aquilo, embora com o tempo talvez poderia se arrebentar e ocorrer um derrame cerebral. E hoje, assim que ela levou a nova pancada na cabeça, o coágulo não resistiu. O trauma foi profundo e por isso o GCS não houve mudança antes da operação e nem depois.”

“GCS?” Confuso, viro-me para mim mãe, que está com a cara de médica que me aterroriza.

“Escala de coma.” Responde ela para mim e vira-se para o médico. “Qual

era a escala?”

“Oito.”

Minha mãe arfa e aperta minha mão. Dr. Steves continua:

“Isso acabou permitindo que seu corpo estivesse quase em hipotermia e ela também estava hipotensa. Mas rapidamente contemos o sangramento, voltamos seu corpo a temperatura normal, sua pressão e sua saturação. Cuidamos das lesões no seu corpo e agora ela está sendo mantida em coma induzido.”

“Coma?” Digo e dou um passo para frente.

“No momento precisamos mantê-la em sedação para o efeito dos medicamentos fluírem mais depressa. Esse é o procedimento padrão no caso de pacientes com traumatismo grave e como a escala de coma dela ainda é 8, precisamos mantê-la sedada até fazermos novos testes para ver como responde.”

“Então... ela não acordou?”

“Não, mas ela responde a estímulos auditivos e a leves toques. Ela está estável, porém sendo mantida inconsciente por causa do inchaço no cérebro e para não sentir dores.”

Assinto, mas não consigo respirar agora.

“Filho, esse é o procedimento. Ela vai ficar bem.”

“Ela está viva, não é?” Sinto meu peito queimar.

“Sim, ela está viva e estável. Estamos fazendo o melhor para ela se sentir confortável.”

“Está bem.” Minha voz não passa de um murmúrio. “E o bebê?”

A expressão do doutor ganha um ar mais leve e ele responde com um sorriso:

“Ele está bem. Fora o trauma, Victoria não sofreu nenhum outro tipo de dano e quero que entenda que depois do que ela passou, sua sedação é o recomendável. Estamos dando pequenas doses de anestésicos para ela sofrer uma amnesia controlada. Fazemos esse tipo de tratamento no caso dela, que sofreu alguns dias em um cativeiro. Geralmente os pacientes ficam muito perturbados.”

Concordo com um aceno e desvio os olhos rapidamente.

“Obrigado e é verdade. Ela deve ter sofrido muito.” Me esforço a engolir a saliva e pergunto o que não sai da minha cabeça. “Além disso tudo vocês encontram algum tipo de abuso?”

“Você quer dizer...”

“Estrupo.” A palavra corta minha garganta como eu estivesse cuspiendo arame farpado.

Minha mãe segura a respiração e volta a apertar minha mão. O médico fica em choque, mas volta ao normal em um passe de mágica.

“Não, senhor. Apenas encontramos vestígios de maus tratos. Algumas escaras e arroxeados pelo corpo e rosto.”

Maneio a cabeça. Não consigo assente. Aquele desgraçado me paga. Cerro a mandíbula.

“Senhor, eu entendo que o jeito que ela estava deixou você com essa dúvida e realmente, é normal. Mas lhe garanto, que no momento ela e o bebê estão bem.”

“Okay.” Balbucio e peço: “Posso vê-la agora?”

“Claro.”



NA PORTA DO QUARTO, paro quando seguro a maçaneta, respirando fundo. Fecho os olhos e tento me convencer que ela está *bem* agora, mas a sensação de estar perdendo minhas forças não some. Ela não acordou. Ela não acordou.

Coloco a mão no rosto e sinto sobre as maçãs do rosto, molhada. Eu não chorava desde do dia que quebrei nosso quarto. O dia que encontrei a foto e lembrei do anel. Pensando nisso agora, me odeio. Eu tinha que ter sido mais rápido.

“Ethan,” mamãe fala baixo, a mão no meu ombro, “querido.”

Tento engolir, mas não consigo. Meu coração está enfraquecendo. *Desmoronando*. É isso que estou.

Viro-me para minha mãe e acabo me curvando, e a abraço. Fungo quando não tenho mais forças para suportar meu medo de perder *meu mundo*.

“Ela vai ficar bem. Confia em mim.” Suas mãos afagam minhas costas, embora me conforte, seu corpo treme quando soluça baixinho. “Vai ficar tudo bem.”

Me afasto e passo a mão no rosto, tomando uma respiração profunda.

“Então por que você está chorando também?”

Seus lábios curvam-se levemente para o lado. “Porque você está e ver você assim é demais pra mim. Você sabe disso e eu sei como você a ama.”

Assinto com minhas vistas ficando turvas de novo. Mas detenho e olho para o nada.

“Filho, acredita em mim. Vai ficar tudo bem.”

Eu a escuto e acredito. Eu preciso acreditar.

Só que... por alguns segundos mantenho meus olhos fixos em um ponto na parede, no final do corredor e lembro-me que não é agora que eu desmorono. Não!

Eu não vou desmoronar.

Eu não vou desistir.

Eu vou lutar.

Eu mereço ela.

E digo em voz alta.

“Eu mereço a vida que nós sonhamos. A vida que eu soube que queria com ela desde que cantei pra ela. Desde quando eu a vi, quando eu a beijei. Quando eu a abracei e soube que ela era o meu mundo.” Assinto, limpo as lágrimas e fito minha mãe, seu rosto banhado pelas lágrimas também. “Ela vai voltar pra mim, porque não existe um mundo sem nós dois. Não posso viver sem ela e Victoria disse que faria tudo por mim. Eu sei que ela vai voltar. Ela me ama o bastante pra lutar por nós.”

Mamãe meneia a cabeça e ergue a mão para limpar meu rosto e sorri emocionada.

“Ela vai mesmo filho, e um dia tudo isso só será apenas lembranças. Então, apenas pense que ela está descansando agora.” Balança a cabeça, assentindo e coloca a mão sobre a minha na maçaneta, que eu não soltei. “Agora entre aí e fale com ela. Diga que você está aqui esperando ela voltar.”

“Ela pode me ouvir?” Digo confuso e esperançoso.

“Pode, só... não vai se lembrar porque os sedativos fazem ela esquecer. Mas todo paciente em coma escuta. Ela está inconsciente, mas ativa. Ela está aqui, apenas dormindo.”

Assinto freneticamente. Olho para a porta e viro a maçaneta. Sinto a mão da minha mãe nas minhas costas, me incentivando e empurrando levemente. Respiro fundo, abro mais a porta e entro. Escuto a porta se fechar atrás de mim e arfo com força.

“Amor” murmuro bem baixinho, a voz falha por culpa do bolo na garganta. Eu posso estar confiante, mas não consigo não olhar para ela toda intubada e não me sentir sufocar.

Caminho com passos lentos, sinto minhas forças saindo de mim. Mal me sustento em minhas pernas. A cada passo, dói tudo dentro de mim. A cada passo me sinto enfraquecer. Eu não consigo acreditar. Não consigo aceitar que a mulher que está nesta cama é a minha.

Paro na beira da cama e respiro fundo. Ela está tão pálida, tão serena, meu anjo parece em paz, minha bela adormecida. As lágrimas chegam e não as impeço. Choro e me curvo, na tentativa de abraçar ela, os tubos e os fios ligados nela não me permitem muita coisa.

Respiro e tudo se aperta dentro do meu peito. Não sinto seu cheiro. Não sinto aquele aroma de morango e outono.

Passo um tempo chorando baixinho em cima dela, minha cabeça perto do seu ouvido. Então me ergo e acaricio seu nariz, sua face onde o tubo não está.

Passo a mão nas sobrancelhas e mais em cima, a faixa na sua cabeça.

Ela está aqui. Ela está aqui. Apenas dormindo. Apenas dormindo. Repito para me convencer. *Ela está bem. Vai ficar tudo bem.*

Arfo, espero o tremor atravessar meu corpo e me inclino de novo. Beijo sua testa bem devagar e murmuro com a voz fraca:

“Oi.” Pauso e fecho os olhos, encostando a testa na dela. “Espero que possa me ouvir.” Meus lábios tremem e sinto as lágrimas atravessarem minhas pálpebras fechadas. “Eu te amo. Te amo tanto, tanto, tanto...” Sussurro e preciso me afastar quando escuto a máquina ligada a ela soar um apito forte.

Sorrio. Talvez ela esteja me escutando. Balanço a cabeça em recusa. Eu prefiro me enganar a ter que acreditar que ela não está aqui. *Por que onde está senão aqui dormindo como um anjo?!*

Minhas vistas ficam turvas e volto a me curvar. Encosto a testa na dela e falo:

“Me perdoa, amor. Me desculpe do fundo do meu coração. Fui o mais rápido que pude. Dei meu máximo, mas falhei.” Deslizo minha mão sobre seu corpo até encontrar sua mão, com o aparelho de saturação ligado ao dedo, e seguro forte. “Mas não importa. Você está aqui. Está viva e...” pauso, “eu sinto muito por tudo que você sofreu todos esses anos. Não só ontem ou nos últimos meses, mas desde que você é pequenininha. Eu queria ser seu herói. Salvar você disso tudo.”

Respirando fundo, levanto meu rosto, acaricio suavemente seus cabelos com a mão do meu braço ao lado da sua cabeça e digo olhando fixamente seu rosto.

“Não importa o tempo que você leve, apenas volte.” Coloco a mão na sua barriga. “Nosso bebê está esperando por você. Ele ainda está aqui dentro e precisa de você. *Eu* preciso também. Então volte pra mim.” Sorrio ao lembrar das suas palavras. “Volte para viver nosso felizes para sempre como um dia você disse que queria. Lembra? Você me disse que era a princesa que precisava do príncipe. Hoje, eu que preciso da minha princesa para viver feliz para sempre. Olha que ironia, você é a minha bela adormecida” engulo a emoção “e eu vou esperar por você o tempo que for. Estarei *aqui* esperando por você, só... não demore muito. Eu não consigo ficar muito tempo sem você. Eu preciso ver seus olhos,” passo o dedo por cima das suas pálpebras. “Ouvir sua voz,” contorno o lado da sua boca. “Sentir seus braços em mim e dizer o quanto te amo até perder minha voz.” Beijo seu rosto. “Por isso você não pode desistir de mim. Não me deixe aqui sem você.” Minha garganta fecha e engulo em seco. “Porque um mundo sem você, não é viver. Você é minha existência. Sem você não sou ninguém.”

Termino e volto a ficar abraçado ao seu corpo. Deito minha cabeça ao lado da sua e fecho os olhos. Em um total rompante de desespero e sem mais o que dizer, canto baixinho para ela: *Can't take my eyes off of you*. E perco a voz quando chega a parte. *'I need you, baby...'* Porque eu preciso dela muito mais do que palavras possam explicar.



Sexta-Feira, 12 De Março De 2014.

MEUS OLHOS TEIMAM EM QUERER FECHAR, mas sou mais teimoso que meu cansaço. Não sei que horas são, mas sei que a madrugada – onde tudo aconteceu – virou manhã, a manhã virou tarde e agora o céu está negro e chuvoso. É incontestável que o clima do lado de fora do hospital se adéqua tanto ao meu estado de espírito. Parece que tudo está em estado de letargia e silêncio. Tudo está esperando Victoria voltar para florescer. *Ah merda*. Eu sempre faço isso quando penso muito nela. Fico poeticamente ridículo.

Respiro profundamente, deixo meus olhos se fecharem por meros segundos e relaxo. O sono me abraça confortavelmente e quase cedo, mas o monitor que marca a pulsão de Victoria apita alto e desperto. Resmungo e balanço a cabeça. Talvez não tenha sido assim tão alto, mas o suficiente para eu não relaxar.

Me levanto da cadeira terrivelmente dura e desconfortável, e me aproximo da cama. Me curvando, beijo a testa de Victoria. Faço isso a cada meia hora para ela sentir que estou aqui.

Aprumando a postura exalo com força. Minha cabeça está doendo mais do que minha perna, onde uma enfermeira veio ver o ferimento que eu não tinha percebido até minha mãe falar comigo que eu estava sangrando.

Meu corpo estava em um estado tão alto de adrenalina que não senti quando alguém atirou em mim e a bala passou de raspão perto do meu joelho. Minha cabeça estava focada em proteger Victoria.

Depois que a enfermeira cuidou do meu curativo, pediu para eu ficar um pouco em repouso, e o máximo que eu fiz foi sentar na cadeira ao lado da cama da minha esposa. Acho que isso foi um excelente descanso, pois não sinto dor na perna, só na cabeça. Talvez seja fome ou o próprio sono. Sei lá.

Balanço a cabeça e me distraio acariciando os cabelos do meu anjo. Chego a sorrir por causa do sentimento que sinto quando faço isso. Mesmo que ela esteja dormindo, é um alívio tremendo ter ela aqui. Esses dias do sequestro foram os piores dias da minha vida.

Uma batida na porta tira-me dos meus pensamentos e me faz suspirar.

Esfrego os olhos e falo para pessoa entrar.

Deve ser meus pais. Minha mãe está muito preocupada comigo e Victoria. Ou pode ser alguém da família dos Colton ou Lewins. A família toda está aqui. Com certeza os pais de Cora estão por Victoria, mas os pais de William estão por ele também.

Ele levou dois tiros. Um foi na perna esquerda e o outro no peito. A bala da perna passou rasgando, atravessou, e a do peito infelizmente ficou alojada nas costelas. Minha mãe disse que ele teve muita sorte de ter ficado entre as costelas, embora não fosse atingir o coração, poderia perfurar o estômago. Contudo, William passa bem. E talvez por esse enorme motivo Cora ainda não veio ver a filha depois de ter passado três horas que ela está no quarto.

Eu tentei não criticar Cora no primeiro momento, mas depois de pensar muito, entendi que ela sabe que Victoria está sendo bem cuidada por mim. Que ela pode confiar em mim. No entanto, não conseguiria me decidir quem eu veria primeiro se fosse comigo. Meu filho ou minha esposa?! Ela deve ter ficado enlouquecida com a situação, pois eu com certeza teria que me partir ao meio para ver minha família ao mesmo tempo.

Ao me virar com a esperança de que Cora finalmente veio ver a filha, me surpreendo com Colen fechando a porta.

“Como ela está?” Ele pergunta com a voz baixa.

Cerro a mandíbula e respiro fundo antes de dizer tudo que sei. E toda vez que tenho que falar as palavras, coma sedado e esperar ela ter forças para recobrar a consciência, algo dentro de mim se parte mais um pouco.

Eu acredito que ela vai acordar. Eu preciso acreditar, porra. Mas... mesmo assim, é muito difícil.

“Isso é tudo”, termino e meus olhos seguem a faixa branca da tipoia no seu braço direito. “E você?”

Ele coloca a mão livre no bolso e se aproxima enquanto responde:

“Estou bem. Já sofri ferimentos piores e sobrevivi. Não foi realmente nada e” ele para ao lado da cama e pega a mão de Victoria, a que eu estava segurando a poucos minutos, “valeu a pena.”

Franzo a testa e fito seu rosto. Os olhos absortos em Victoria e a boca torcida em lamentação.

“Colen”, digo em voz baixa. Algo está apertando meu lado irracional. Caralho... “Colen.” Repito.

Ele deixa de olhar minha esposa e aperta os olhos quando levanta o rosto em minha direção.

“Sim?”

“O que é isso? E me diga a verdade.”

“Do que você está falando?”

“Você gosta da minha esposa?”

“Não. E... quer dizer, sim.” Balança a cabeça e esfrega os olhos. Ainda bem, assim ele soltou a mão dela. “Quer dizer, em que sentindo você está pensando?”

“Talvez no que você esteja pensando.”

“Ethan, cara. Não pira.” Diz com a testa franzida. “Eu tenho um carinho por ela assim como pela minha irmã. Não viaja, porra.”

“Então por que ficou olhando para ela daquele jeito?”

“Que jeito?”

“Apaixonado?” Digo sentindo o gosto ácido na boca. “Distraído.”

Colen solta uma gargalhada e balança a cabeça, antes do seu rosto tornar-se raivoso.

“Olhei para ela assim porque nós lutamos tanto por ela ontem e todos os outros dias porque não aquentávamos mais vê-la sofrer como fora todos esses anos, e muito mais nesses dias.” Sua boca curva-se para o lado, em um sorriso hostil. “E aquele miserável ainda estar vivo. Isso me dá muita raiva.”

Automaticamente cerro os punhos e mordo o maxilar.

“Carl está vivo?”

“Sim e foi trazido para cá. Está perto do quarto de William.”

“O quê?” Berro e me arrependo no mesmo momento. Pego a mão da minha esposa e aperto. “Me explique isso.”

“Assim como Will, ele foi baleado, até mais. Porém os médicos o socorreram ao chegar no local e ele passou por uma cirurgia muito delicada, já que uma das balas foi no pescoço. E vou ser sincero, não sei como esse miserável está vivo. Como meu irmão Travis diz; *vaso ruim que não quebrar fácil, tem que ser estilhaçado parte por parte.*”

“Seu irmão me dá medo as vezes.”

“Acho que é esse o objetivo.” Diz com um sorriso sarcástico, e ao mesmo tempo orgulhoso.

Balanço a cabeça e milhares de pensamentos tomam minha cabeça. Deixo de fitar o rosto do meu amigo e olho para ela.

Ela é tudo para mim. Eu faço tudo por ela e uma vez eu disse que mataria e morreria por ela. E a raiva está me corroendo. Esse desgraçado já teve todas as alternativas e todas as boas chances da vida. Ele conseguiu, melhor, quase conseguiu destruir ela e Will. Eu não vou permitir que ele vença mais uma. Não é justo.

Quando penso em dizer meus pensamentos em voz alta para Colen, que é um homem que entende totalmente o que estou passando e não tem piedade no

seu cardápio, a porta do quarto se abre às pressas.

Viro a tempo de ver Clara correndo para o mesmo lado onde estou e chorar copiosamente.

“Oh não...” ela lamenta e faz o mesmo que eu, curva-se e abraça a amiga como pode. “Não faz isso comigo, Vic. Não existe um mundo mágico sem a minha princesa favorita. Eu te amo, amiga. Te amo, irmã.”

Colen limpa a garganta e com um aceno de cabeça, indica que está saindo. Assinto e volto para Clara. Meu coração se aperta tão forte. Recuo um passo e permito que ela leve um tempo com a melhor amiga assim.

Quanto mais pessoas falando com ela e dizendo que a ama, mais ela entenderá que precisamos dela aqui. Que a amamos demais.

Vi essa mesma cena umas dez vezes até agora e sério, quando Cora aparecer aqui, é melhor eu sair e dar o tempo que precisa com a filha. Aquela mulher me lembra tanto o meu anjo e a ama tanto quanto eu. Além disso, ela me deixa na beira do colapso com pequenos gestos. Cora é impressionante e o amor de mãe que ela tem por Victoria, chegou a me atingir antes mesmo de eu saber a verdade.

Clara funga e ergue o corpo limpando o rosto. Seu corpo treme suavemente por causa do choro e quando se vira para mim, sorrio para ela quando seus lábios se curvam sutilmente para cima, porém se transformam em um beicinho e ela vem me abraçar quando volta a chorar.

“Shuu... Ela vai ficar bem, Clara.” Digo tentando tranquilizá-la.

Sua cabeça balança quando assente, os braços estão quase me sufocando da forma como aperta meu pescoço em um braço desesperado. Eu afago suas costas e fecho os olhos. Eu também sinto isso. O medo. Eu também estou destruído com tudo isso. Só que eu tenho que ser positivo. Ela não desistiria de mim e eu não desistirei dela nunca!

“Eu sei que você não gosta muito de mim”, Clara diz com a voz fanha e se afasta para olhar dentro dos meus olhos, “mas eu amo a Victoria. E sei que ela vai acordar. Ela tem que acordar.”

“Clara,” afago seu rosto. “Eu nunca disse que não gosto de você. Só acho que vocês são diferentes.”

“Eu sei e é isso que a torna perfeita para mim. Ela é o meu lado doce e meigo e bonito e corajoso. Victoria é mais do que minha melhor amiga. Ela é minha irmã e eu sei que aquela garotinha tão valente, vai encontrar uma saída e voltar para a gente. E...”, ela tenta sorrir “e sei que ela ama você demais e nunca abandonaria este amor.”

Assinto, porque eu confio nisso. Acredito nisso e sei que meu anjo merece todas as estrelas do universo inteiro e que nunca me deixaria aqui sem ela.



MEU CORAÇÃO BATE FORTE QUANDO O PESADELO termina e finalmente desperto. Estou suando e minhas mãos apertam com força o braço de Victoria.

Olho para o relógio e percebo que já é madrugada de novo, tem vinte e quatro horas que *TUDO* aconteceu e não sei como consegui cochilar. E não tem só a ver com minha esposa estar na cama de um hospital. Estou assim desde que Colen me contou que o desgraçado que tentou arruinar com nossas vidas está vivo.

Quando me levanto e vou beijar o rosto de Victoria, percebo uma sombra perto da porta e me viro rapidamente, e vejo Cora. Nós dois paramos de respirar. *Santo Inferno*. Eu disse que ela me deixa sem forças. Os olhos, os cabelos, até o nariz. Tudo é tão parecido. Sorrio e solto a respiração.

Ela entra e para na minha frente, vejo que segura algo nas mãos, porém não foco nisso. Fito seus olhos e tento ser neutro.

“Como Will está?”

“Bem, fora de perigo, mas...” balança cabeça, “também não acordou depois da cirurgia.”

Assinto e mexo as mãos dentro dos bolsos.

“E você como está?” Pergunta olhando rapidamente minha perna.

“Nada demais.”

Ela sorri e assente. “Você é sempre tão valente, tão destemido.” Franze a testa e uma de suas mãos para em meu ombro; “Obrigada por estar lá por ela. Colen me disse o que você fez. Que foi um herói para minha filha.”

“Eu não fiz nada e se eu tivesse sido um herói, ela não estaria naquela cama sem consciência ainda.”

Minhas palavras devem ter atingido ela de alguma forma, que a faz chegar até a mim e me abraçar com força.

E passamos um longo tempo assim, até suas palavras que realmente me atingem chegarem.

Quando consigo respirar com total controle, consolo sua dor.

“Acabou, Cora. Acabou.”

Fungando, ela se afasta e diz olhando Victoria:

“Nós sofremos tanto. Eu quero um pouco de paz agora.”

“Eu entendo e vou fazer de tudo para acontecer. Me desculpe por não ter sido melhor ontem.”

Ela se vira para mim e balança a cabeça ao dizer: “Ethan, não se cobre tanto. Ela vai ficar bem. Todos nós vamos ficar bem. Apenas dê tempo ao tempo

e a ela. Minha prin –” ela engole a emoção e tenta de novo. “Minha princesa é tão destemida quanto você e é por isso que vocês são perfeitos juntos.”

Meneio a cabeça e fito o rosto de Victoria. “Apenas ela que é perfeita e ela merece a maior das felicidades do mundo. Isso é tudo que me importa.”

“E a maior alegria dela é estar com você.”

Respiro fundo, repenso rapidamente minha vontade de minutos atrás e digo olhando dentro dos olhos de Cora. “Eu vou sair agora. Quero que fique com ela. Você melhor do que ninguém tem que estar aqui. Pra falar a verdade, estou aliviado de você ter chego agora.”

Ela me dá um sorriso fraco, mas é um sorriso. “Ethan... você... Nossa! Pode ir aonde você precisa. Vou ficar aqui até você chegar.”

Dou-lhe um aceno de cabeça e antes de sair murmuro: “Não vou me demorar” e fecho a porta.

No corredor, estranhamente não encontro ninguém. Nem uma das famílias de Victoria, minha ou de Cora. *Nada?!* Franzo a testa e sigo até a recepção. Então encontro minha família e os seguranças. Os Colton devem estar no quarto de Will, que fica no outro corredor ao lado da recepção. Olho meus pais e Anton, estão sentados, quase pendurados por causa do cansaço e sono, nas poltronas.

“Ethan, meu filho.” Minha mãe fala baixo e se levante. Caminha até onde estou rapidamente, preocupada. “Você está bem?”

Curvo sutilmente minha boca para o lado. Não foi bem um sorriso e nem uma careta, mas fica difícil responder sua pergunta. Eu não estou nada bem, nenhum pouco, ainda.

“Desculpe. Eu sei. Eu sei. Sinto muito.”

“Não se lamente, mãe.” Coloco a mão em seu ombro. “Não se incomode e fisicamente eu estou bem. Onde está o resto da família?” Mudo de assunto.

“Com Will, e vi que Cora foi para o quarto agora. Fico feliz finalmente de ela ter ido ver a filha.”

Aceno com a cabeça e cerro a mandíbula. Lamento por Will, mas lá no fundo não. Sinto muito por ter esse pensamento, porém vou culpá-lo até o fim por chegarmos onde estamos. Se ele tivesse procurado com mais vontade teria achado esse maluco que cismou com ele. *Deus.* Ainda é muito perturbador os motivos dessa vingança. Nunca imaginei isso.

Rapidamente dou uma olhada nos seguranças, sentados perto do meu pai e meu irmão. No entanto, não encontro Colen.

“Onde está Colen?”

“Foi comprar um lanche para nós. Eu ia com ele, mas aquele menino é tão teimoso quanto você.”

Uma vontade estranha quase estoura em meu peito. Vontade de rir, mas não

faço. Não consigo fazer isso. Me falta energia para encontrar humor no momento. Dentro de mim só tem espaço para a preocupação e a raiva.

Respiro fundo e aprumo minha postura, me afastando da minha mãe.

“Vou ver se encontro ele. Você pode ficar com Victoria também, por favor. Cora está lá, e acho que precisará de um abraço.”

“É claro. Estou indo.” Ela beija meu rosto e nem espera eu falar mais nada. Passa por mim e segue o corredor do quarto de Victoria. É por isso que amo minha mãe. E quem melhor do que uma médica para cuidar da minha esposa e da mãe dela.

Dou uma olhada para trás e acompanho ela até sumir. Me virando para minha família de volta, me aproximo de Raul. Ele se levanta e me olha com expectativa. Fico feliz que ele esteja bem. Infelizmente, segundo Colen, ele foi desacordado com aquele sonífero da emboscada.

“Quero saber onde fica a ala daquele desgraçado. Colen me disse que ele está aqui.”

Raul assente de forma dura. Talvez ele saiba o que quero.

“Está na UTI. Colocaram ele em um quarto sozinho. Pedido do Johnny.”

Franzo a testa. “Leiwns?”

“Sim, senhor. Johnny mandou deixar ele separado e algemado. Ainda bem que a polícia cooperou.” Ele sorri de lado, ironicamente. “Nada que um dinheirinho não resolva, não é.”

“Vermes.” Resmungo e Raul concorda.

“Johnny quis mantê-lo assim para depois... Quem sabe. Não houver uma conversa.” Seu tom de voz deixa claro que tipo de conversa teremos.

“Entendi.” Assinto e mexo minhas mãos dentro dos bolsos. Minhas palmas chegam a coçar com a vontade que preciso ver esse filho de uma puta. “Eu vou —”

“Não precisa dizer, Ethan.” Ele me corta. “Não importa o que fale que vai fazer agora. Eu faria o mesmo que está em mente. Só tome cuidado. Não quero sujar minhas mãos com a lei de novo.” Franzo o cenho. “Você sabe que fui expulso das forças especiais porque não tolero a forma como a justiça é lenta e até injusta. Então faça o que tem que ser feito. Porque lhe garanto, você tem todo o direito.”

Só consigo assentir e mantenho-me neutro.

“Não deixe que vejam você e seja rápido nessa *visita*.”

“Não pretendia demorar. Preciso ficar com Victoria.”

“E foi lá que ficou o tempo todo. A não ser quando foi ao banheiro e eu o acompanhei.”

Assinto entendendo onde ele quer chegar. Mesmo que eu tenha o direito de

acabar com esse desgraçado, não posso fazer com minhas mãos, mas vou fazer e Raul acabou de me dar o álibi ideal.

“Então até daqui a pouco.”

“Dez minutos, Ethan. Dez.”

Bônus

Cora

SEXTA-FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2014.



ESTOU ANDANDO DE UM LADO PARA O OUTRO HÁ MAIS DE DUAS HORAS. Só sei que minhas pernas agora já estão dormentes e pelo céu, a madrugada já passou. O tapete da sala está ficando com as marcas dos meus passos.

Desde que eles saíram minha mente não parou de funcionar e imaginar tudo. Infelizmente nem todos os pensamentos são bons.

Respiro fundo e giro no mesmo lugar, e volto de novo até quase o final do tapete. Deus do céu. Eu preciso de um sinal, qualquer coisa.

“Na operação sem a ajuda da polícia, houve no total cinco mortes e quatro feridos. Um deles é William Colton, que no momento está sendo operado para retirar uma das balas que o atingiu perto do peito, e a herdeira Victoria Colton também se encontra em cirurgia, mas não temos mais nenhuma informação. Ficaremos de plantão em frente ao hospital para mais informações...” fala apresentadora de um telejornal.

Levanto do sofá e ando apressada para as portas, mas uma mão forte pega meu pulso.

“Calma, Cora.”

Viro-me e fito com raiva a cara do meu pai.

“Não. Eu não vou esperar, não posso. É minha família porra. Minha filha e meu marido.” Acabo quase soletrando a última palavra. Independente de eles estarem do meu lado agora. Sei que não apoiam ainda minha família e sente mágoa pelo passado. Porém já acabou, agora é o presente e o futuro.

“Não estou falando para não ir, simplesmente quero que se acalme e nós iremos juntos.” Meu pai diz.

“Não. Fique com Elizabeth, ela não está bem.” Insisto.

“Não se preocupe com ela.” Ryan aparece vindo do segundo andar, do quarto que mandei fazer para os meus sogros.

Franzo a testa e quero perguntar se ele viu a reportagem, porém a resposta está em sua postura vacilante e cansada.

“Eu ouvi tudo.” Ele diz como tivesse ouvido meus pensamentos e para na minha frente. “E vou conversar com Elizabeth. Você pode indo, logo chegaremos no hospital com certeza.”

Meus lábios tremem e seguro sua mão com força. “Eu vou precisar de vocês.”

“E nós estaremos lá. Mas preciso falar com Elizabeth com calma, não quero deixá-la pior.”

Assinto e o abraço com força. Me afastando, digo: “Cuide dela e não demorem.”

E assim que ele me dá um aceno de cabeça, viro-me e saio, entrando no carro com meus pais e os seguranças.



COM DIFICULDADE SAIO DO CARRO e entro no hospital. No piloto automático sigo até a recepção e ainda bem que minha mãe está ao meu lado e está servindo para alguma coisa. Ele pede informações sobre Will e Victoria.

Balanço a cara e meu coração se contrai com a cara de lamentação que a mulher faz. *Ah Deus!*

Ela chama uma enfermeira e em menos de cinco minutos ela aparece. Ela diz que os dois ainda estão em cirurgia e que não sabe muita informação sobre o estado deles, mas que pela última visita, Will passava bem e levará mais tempo porque ele foi atingido em dois lugares.

Meu coração se parte e fico tonta. Minha mãe me abraça e pede para ver Victoria pelo menos.

“Ela também está em cirurgia ainda.” A enfermeira diz calmamente. “Mas não se preocupem, em breve trago novas informações dela, senhora. Se quiser podem ficar esperando na sala de espera.”

“Eu não quero esperar. Eu quero ver eles.”

“No momento é impossível isso, senhora. Eu lamento.”

Balanço a cabeça, meus lábios tremem e as lágrimas escapam sem nem mesmo avisar que estão chegando. Fecho os olhos e mio chorando.

“Filha, aqui.” Meu pai fala e me pega pelo braço.

“O que foi?” Minha voz sai fanha de tanto chorar.

Ele não me responde, apenas me guia até um corredor, do lado direito do hospital. No corredor, vejo alguns médicos correndo, enfermeiros, macas para lá e para cá. E quanto mais andamos, o movimento diminui, mas meu coração acelera com a imagem que me parte ao meio. Meus lábios tremem tanto e sou obrigada tapar minha boca com a mão e meus passos cessam.

“Cora?” Papai fala.

Eu não respondo. Não tenho voz. Se eu abrir a boca vou chorar alto, com força, me desmoronar. Ethan está no canto, encostado na parede, sentado no chão. A cabeça baixa e os dedos nos cabelos apertando com força, e sinto de

longe que ele está lutando, rezando. O rosto está escondido, mas um movimento repentino dos seus ombros denuncia que está chorando.

Meu coração está tão apertado, pequeno de uma forma que não sei se eu chegar perto dele, conseguirei confortá-lo. Eu quero abraçá-lo e dar todo meu apoio e quero ficar com minha filha. Esperar ela acordar, mas as palavras da enfermeira de que sua situação é grave...

O que eu ainda estou fazendo aqui? O que eu devo fazer? Balanço a cabeça, erguendo-a e abro os olhos. Fito Ethan, meu pai e Ethan de novo. Dou um passo, mais outro e quando me aproximo demais, ouço ele chorar e paro.

Ele não deve querer que eu o veja assim. Ethan é tão forte, tão valente e não vai querer que alguém o veja quebrado. Eu sei que poderia abraçá-lo e tentar ajudá-lo, mas no momento não tenho forças nem para mim. Eu sinto dentro de mim que preciso procurar Will e saber mais sobre ele.

Viro-me para o meu pai e olho dentro dos seus olhos. “Você pode ficar aqui e me passar qualquer informação sobre Victoria?”

“É claro que sim, filha. Que pergunta é essa?”

“Não importa, só fique aqui, mas não se aproxime dele.” Olho Ethan rapidamente e volto para meu pai. “Ethan não vai querer ninguém pra ver ele assim a não ser a mãe dele ou...” minha garganta se fecha ao pensar em minha filha. Minha princesinha.

Meu pai me pega nos braços e me abraça bem forte. “Vai ficar tudo bem, Cora. Não pense no pior.”

Assinto e me afasto. Não tem muito tempo que eles chegaram. Não tem muito tempo que eles não passavam de uma lembrança amarga que queria me tirar tudo que me faz mais feliz e o engraçado que no momento o universo está tentando fazer isso. Mas não vai vencer.

“Vai lá com sua mãe. Eu vou ficar aqui e vou ligar para Ryan.”

“Está bem e... deixa, você não sabe o número dos Brown.”

Meu pai faz uma cara rogas. “Com certeza eles viram o noticiário.”



QUANDO O VI PELA PRIMEIRA VEZ, acho que foi o momento mais lindo da minha vida. E todo dia depois daquele nada mais foi igual, meu mundo se transformou e tudo mais é William Colton. Quando fechava os olhos via Will e quando abria só queria ver seus olhos cinzas.

E passei as últimas três horas da minha vida com o coração aos pedaços. Indo do corredor que Victoria estava sendo operada para o dele.

Quando Lauren chegou, a primeira pessoa que ela viu foi eu indo de encontro as portas fechadas da ala de cirurgia de Victoria. E assim que contei o

que sabia pela enfermeira, ela me abraçou tão forte que não consegui parar de chorar com facilidade. Ela teve que me obrigar a sentar, beber uma água e respirar.

Ela pega minhas mãos, me confortando. Diz que irá descobrir mais sobre o estado deles e que tudo ficará bem. Que o hospital é bom e ela tem amigos nele.

Mas nada disso me importa. Eu só quero saber de Will e Victoria bem. Olhar para eles vivos e saudáveis.

Isso tem quatro horas e agora estou no quarto de Will, mesmo que meu coração esteja gritando para ver Victoria. Ela não acordou, mas está bem. Ethan pediu a mãe para me passar todas as informações e que ele está com ela e para eu não ficar preocupada com isso. Ele cuida dela. Eu sei que sim. Ele a ama profundamente, não duvido disso, mas preciso ver minha filha.

Porém ver o amor da minha vida tão abatido e ferido, é doloroso acima da minha dor. Will teve complicações na cirurgia e agora não acordou também. E não suporto mais chorar e rezar e lutar em tirar os olhos dele por alguns minutos e ver Victoria.

“Estou sendo uma mãe terrível.” Murmuro enquanto afago uma das mãos de Will.

“Você não é uma mãe terrível, Cora. Não diga isso, querida.” Elizabeth fala atrás de mim e aperta meu ombro. “Vire e olhe para mim.”

Faço e limpo meu nariz que está escorrendo de tanto que eu choro.

“Pode ir lá ver ela. Will vai entender e eu estou aqui. Não fique mais dividida. Ele está bem.”

Fico congelada, os olhos perdidos em algum ponto do casaco dela e respirando fundo, assinto. Ela tem razão. Agora tenho que deixar a mãe dele com ele e eu ser a mãe de Victoria.



ENTRO NO QUARTO CALMAMENTE E prendo a respiração quando vejo Ethan sentado na cadeira perto da cama e o corpo curvado para frente, os braços dobrados na cama e a cabeça deitada sobre eles. Ele está dormindo, mas sua respiração é acelerada. Não está relaxado. Está preocupado.

Suspirando, me aproximo da minha filha pelo outro lado da cama. Um flash de um sorriso passa por meus lábios ao vê-la, mas logo morre. Ela está machucada, a cabeça enfaixada e eu não posso esquecer que não acordou. Coma. Essa palavrinha está me matando.

Graças a Lauren, estou sabendo do prontuário de Victoria todo. Ethan pediu para me informar de tudo enquanto eu estava com Will.

Deus.

Está sendo tão difícil decidir, não escolher, com quem eu quero ficar. Mas por lógica e um esforço de palavras doces da mãe de Ethan, entendi que minha filha estava em boas mãos e meu marido precisava de mim enquanto sua mãe também não chegava. Ryan esperou meu pai ligar dizendo que Will tinha ido para o quarto. E por isso fiquei com meu marido até agora há pouco, depois que Elizabeth ficou mais calma. Ela é como minha mãe e eu não poderia abandoná-la tão simplesmente. Só que foi a decisão mais dolorosa da minha vida.

Antes de eu chegar até Victoria, Ethan acorda e a primeira coisa que faz é beijar o rosto da minha princesa. Nossa. Eu o amo por amá-la tanto assim. A emoção me pega, mas respiro fundo e ele sente minha presença e se vira.

Meu coração para conforme ele me olha. É tão intenso e seu rosto denuncia que algo triste passa em sua mente. Tomo uma respiração profunda e solto quando ele sorri para mim gentilmente. Me aproximo e percebo que ele vê o que tem em minhas mãos. É o ursinho favorito de Victoria quando bebê. Trouxe para ela me sentir aqui.

Os olhos de Ethan fixa os meus e ele pergunta com está Will.

“Bem, fora de perigo, mas também não acordou depois da cirurgia.”

Ele assente e mexe as mãos inquietas dentro dos bolsos. Olho rapidamente sua perna enfaixada também e pergunto:

“E você, como está?”

“Nada demais.”

Sorrio com compaixão e fico mais perto dele. “Você é sempre tão valente, tão destemido.” Coloco a mão no seu ombro esquerdo e termino: “Obrigada por estar lá por ela. Colen me disse o que você fez. Que foi um herói para minha filha.”

“Eu não fiz nada e se eu tivesse sido um herói, ela não estaria naquela cama sem consciência ainda.” Ele se vira e chega até Victoria e pega sua mão gentilmente, seu polegar afaga as costas das mãos dela.

Não concordo e chego perto da minha filha também, e falo:

“Eu queria poder lhe ajudar de alguma forma, mas sei que não tem como. Eu estou sofrendo como você e neste momento precisamos ser fortes, Ethan.”

“Eu sei”, murmura tão baixo que preciso me esforçar para entender, “e não precisa se preocupar comigo. Estou bem e vou ficar bem. Vou ficar ao lado dela até ela acordar. Você pode ficar tranquila para cuidar de Will. Eu cuido dela.”

Sorrio sutilmente e coloco a mão sobre a sua, que segura a mão da minha filha.

“Eu sei que sim, mas quero que saiba que estou aqui também.”

Ele assente, agradecido.

“E obrigada por pensar em mim e pedir para sua mãe me falar como

Victoria estava.”

“Não foi nada. Pensei como um pai e sei que naquele momento você tinha que ficar com Will primeiro, sei lá. Não foi nada.”

Assinto com um sorriso fraco, e acabo contornando a cama e me aproximando demais dele até o abraçar. Fecho os olhos e sei que ele é a outra metade da minha filha. O amo por isso. O amo por amá-la dessa forma tão profunda. Tão linda.

Meus olhos se enchem d’água e com um suspiro alto, choro por tudo que aconteceu. Tantos anos de sofrimento. De ameaças. De medo e agora vem isso.

Ethan aperta seus braços em minha volta e me conforta com palavras doces mesmo sofrendo como eu estou.

“Eu espero que tudo tenha acabado agora.” digo com a voz falha.

“Acabou, Cora. Acabou.”

Fungando, me afasto dele limpando meus olhos com o lençinho que Ryan me deu um tempo atrás, quando eu chorei pelo meu marido. E agora choro por minha filha e por mim.

“Nós sofremos tanto. Eu quero um pouco de paz agora.” Falo fitando o rosto dela adormecido.

Oito

Ethan

QUINTA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 2014.



DOR, EU REALMENTE NÃO SABIA o significado até descobrir que minha vida dependia de outra. Que ela é minha extensão e sua dor, é a minha.

Agora não tenho poderes para impedir a dor dela, na verdade, não posso fazer nada a não ser pagar as despesas do hospital, que não quer dizer merda nenhuma. Porém estou aqui e ficarei, porque nós somos um só. E cada vez que vejo minha outra metade tão debilitada, literalmente me sinto partir ao meio.

Estou cansado de lamentar e ouvir todo mundo dizer que vai dar tudo certo. Eu sei que vai. Dentro de mim encontro meu lado positivo. Só se passaram uma semana e quando levei o tiro na academia, fiquei também uma semana desacordado. Porém o único problema é que o problema dela não é um simples tiro no ombro, é na cabeça dela e por isso estou nervoso, ansioso e preocupado.

Há uma semana tudo aumentou de proporção, os testes feitos nela, seu diagnostico agora é preocupante, mas dentre todos os médicos que estão no caso, uma me dá esperança. É o bastante para me acalmar. No entanto, a maior evolução de Victoria foi ter trocado de hospital, agora estamos em um melhor e perto de casa. E agora eu fico em uma poltrona confortável, que inclina para trás quando quero, e para falar a verdade, é minha cama há três dias. Os três dias que voltamos para Los Angeles.

Todo dia recebemos visitas; nossas famílias e amigos. Amigos de Victoria que eu nunca conheci antes e agora sou obrigado a ser gentil e me acalmar quando eles me dão forças com seus olhos dizendo o quanto sentem pena.

Nossa, eu me controlo para não perder a cabeça. Pelo menos só choro e me permito desmoronar, quando estou no banho, que dura menos de cinco minutos. É apenas para eu não ficar sujo. Minha mãe ou Cora sempre estão no quarto com Victoria enquanto eu estou a uma parede de distância e se precisar eu saio correndo.

Respiro profundamente, me levanto do sofá e me aproximo da cama dela enfiando as mãos nos bolsos. Arfo com força ao sentir o papel.

Pego, desdobro e olho mais uma vez o resultado do exame – agora todo

amassado – que ela fez para descobrir o sexo do bebê, que por sinal tinha chegado lá em casa há quase duas semanas. É um menino. Vamos ter um menino.

Quando Ruby veio visitar ela trouxe para mim a carta, mas só abri quando fiquei sozinho no quarto e li em voz alta o resultado para Victoria. Disse no seu ouvido que teríamos um menino e todas as lembranças dela falando sobre isso, seu sonho com o menininho, tudo me atingiu com força e foi um dos momentos onde eu mais chorei essa semana. Não consegui ser forte e chorei abraçado a ela, e depois pedi desculpas.

Foi uma semana difícil. A transferência de hospital, que Will ficou irritado porque não viu a filha e estava sendo afastado dela. Ele não pôde nos acompanhar até Los Angeles enquanto não recebia alta, que foi ontem. Agora está mais calmo e nos visitou logo que chegou na cidade.

Colen voltou para Las Vegas, disse que tem assuntos para resolver e como agora nós estamos seguros, foi embora tranquilo.

Bem, a segurança que temos é muito singular, pois do lado de fora do quarto de Victoria ficam três seguranças e na porta do hospital também. Carl está morto, mas sinceramente não me sinto preparado para baixar a guarda.

Deus sabe como estou lutando para deixar a perseguição de lado e viver uma vida normal.

Estou desesperado para que Victoria acorde, apesar da minha preocupação. Estou pensando na sua reação ao ver o quanto de estrago nossa missão causou.

Colen levou um tiro. Will foi atingido duas vezes. Ken também levou um tiro, Raul apenas foi desacordado, dois seguranças morreram e minha perna ainda não está cem por cento. Se ela ver minha perna enfaixada vai ficar preocupada. Ela vai ficar enlouquecida com isso.

Mas não importa, eu vou dar o meu jeito. Eu apenas quero ela bem e nosso bebê. Os médicos falam que está bem, embora não acordou ainda e a preocupação são as sequelas. O que me deixa na beira do abismo. Eu a quero como antes, só isso.

Paro perto da sua cama, inclino meu corpo para baixo e seguro suas mãos, encostando minha testa no seu ombro. A vontade de chorar sempre vem, mas sei que não devo ficar assim. Não quero ficar me sentindo como estivesse a perdendo. Não quero sentir isso, no entanto é inevitável. Sinto tanto a falta dela que mal consigo respirar. Sinto minhas forças se esvaindo de mim cada vez que entro nesse quarto e a vejo todo entubada.

“Eu preciso tanto que você desperte desse sonho.” Minha voz sai estrangulada. “Queria que vivêssemos em um mundo encantando como você às vezes dizia e que eu fosse seu príncipe e agora pudesse beijar você e ter você de

volta.” Fico face a face com ela. “Queria que meu beijo funcionasse.”



MINHA MÃE ESTÁ PERTO DA CAMA DE VICTORIA, conversando com o doutor Nick. Cerro a mandíbula e fico o mais distante deles para não ouvir mais uma vez ele falar como Victoria está. Já ouvi tantas vezes que não suporto mais. Acho que não preciso sofrer pela oitava vez.

Quando Ryan e Elizabeth estiveram aqui fui obrigado a ficar perto, pois queria ser cordial com eles e de qualquer forma, ouvir uma segunda vez é até bom para eu entender perfeitamente. Porém quando foi a vez de Cora e Will, eu tentei fugir, mas não consegui, e assim foi com a Clara, os pais de Cora, Anton, meu pai e também ouvi o doutor falar com a enfermeira que cuida dos medicamentos. Por tanto, neste momento não quero me torturar de novo. Não suporto mais e sei que a conversa deles é até mais profunda pelo fato da minha mãe ser médica.

Respiro fundo e ando até a janela do quarto com as persianas abaixadas, as frestas abertas deixando a luz do dia passar. O sol está se pondo e mais uma vez o dia acaba e eu estou aqui. No escuro, nas sombras e sozinho.

Quando se passou uma semana dessa tortura eu estava enlouquecendo, agora não sei como descrever o que sinto. Um mês de espera.

Não aguento mais esperar. Não aguento mais ouvir os médicos. Não aguento mais sentir esse medo que cada dia me parte mais ao meio, literalmente.

Quando eu disse que Victoria era minha outra metade, foi a mais pura verdade. Ela é minha vitalidade, minha esperança, meu amor e tudo mais. Ela é *tudo*.

Fecho os olhos e lembro dos nossos momentos. É uma tortura. Cerro os punhos e recosto meus braços dobrados na janela, esmagando a persiana e fecho os olhos com força.

Quando nós brigamos e eu tive que ir para Nova York foi um dos momentos mais dolorosos para mim – tirando o tiro na academia –, pois eu morria de medo de que tudo tivesse acabado porque eu fui um neurótico. Mas ela não entendia. Ela é a razão da minha vida e desde sempre. Aquela curta semana foi terrível e mesmo que ela estivesse falando comigo por mensagem e por telefone, não era suficiente. Eu precisava do seu calor e olhar dentro dos seus olhos.

Meu coração se esmaga com os pensamentos e logo sinto as lágrimas forçarem a saída por minhas pálpebras fechadas. Eu posso chorar o quanto for,

não me alivia.

Resignado e um tanto raivoso, limpo meu rosto e aprumo minha postura. Me virando encontro apenas minha mãe perto da cama de Victoria, acariciando o rosto pálido dela. Tomo uma respiração, mas sem denunciar meu estado de espírito e me aproximo.

“Ela foi tão boa pra você.” Minha mãe murmura.

Foi?

Meu coração para!

E bate de volta.

A vontade de chorar me corrói e destrói mais um pouco. É como um veneno dentro de mim, me matando. Esses tipos de frases... De palavra.

Não!

Ela não *foi*.

Ela *é* boa para mim.

“Por que você está falando assim?” Soo arrogante.

Estou me perdendo e voltando a ser só o Ethan Brown mal-humorado, grosso e nada de sorrisos. Estou me afastando do homem que meu *anjo* ama. *Merda*.

Minha mãe ergue o rosto e olha para mim, seus olhos tristes. Engulo a raiva. Ser obrigado a ouvir o médico e depois aturar a cara de pena de todos toda vez que alguém fala comigo me deixa muito puto da vida.

“Você tem que pensar...”

“Diga, mãe.” Vocifero.

Ela respira fundo e se afasta um pouco da cama, da minha esposa, antes de responder:

“Ethan, entenda bem meu filho. Eu adoro Victoria e fiquei tão feliz de você estar tão feliz e apaixonado, mas...” ela pausa e contorna a cama e volta a falar quando está na minha frente. “Você tem que pensar na possibilidade de ela não acordar.”

Agora sinto. Sinto perfeitamente algo se quebrar dentro de mim.

“Isso não vai acontecer.” Digo sentindo minhas mãos tremerem e minha pressão se alterar.

Santo Inferno. Ela não deveria me apoiar? Ela não deveria estar aqui dizendo que tudo ficará bem? Minha nossa... Cerro o maxilar com raiva e recuo um passo, me afastando dela. E ela percebe e balança a cabeça.

“Filho, eu não –”

“Chega!” peço em voz alta.

Caralho. Ela não entende. Ninguém entende. Eu não sei como pensar de outra forma. Não sei como concordar em perder Victoria. Não sei como *desistir*.

É simples. Eu a amo e sempre vou amar. Não sei ver meu futuro sem ela. Mal sei respirar sem ela.

Já se foram exatamente vinte e cinco dias. Seiscentas horas e trinta e seis mil minutos, que ela está dormindo. Quase um mês que estou aqui nesse quarto e a cada batida que meu coração se esforça para dar, sinto que estou enfraquecendo.

Estou com tanto medo. Tanto medo. E não preciso da minha mãe para falar essa merda para mim. Eu tenho pesadelos todas as noites quando acabo me rendendo ao sono. Então eu não preciso disso.

“Não quero saber. Não quero ouvir suas ideias. Seu prontuário. O que pode acontecer...” jogo as mãos para o alto. “Todas as hipóteses. Seja minha mãe agora, não uma médica. Eu não preciso disso. Eu nunca vou desistir dela. Eu a amo para sempre.” Me viro, estou descontrolado, e pego o rosto de Victoria entre as mãos e berro: “Está me ouvindo. Eu te amo. Eu preciso de você. Acorda! Acorda!”

“Ethan você está em um hospital.” Minha mãe repreende atrás de mim.

Volto a olhá-la e falo alto:

“Cala a boca, mãe. Cala a merda da boca se você só consegue pensar como médica. Você tinha que estar aqui para me dar força, não dizer esse tipo de coisa, merda.”

“Ethan, não –” Seus olhos se arregalam.

“Chega! Se você falar mais uma vez que eu preciso aceitar que...” minha voz é cortada. Nem meu cérebro é capaz de dizer essas palavras. “Enfim, não quero mais ouvir da sua boca a possibilidade de eu perder minha esposa. Apenas isso. Ou você fica aqui torcendo para ela acordar e nossa felicidade juntos, ou você fica em casa com seus históricos de merda de médica que embora façam tudo para salvar os pacientes sabendo que é um caso perdido. Mas aqui” forço a palavra. “Aqui você é leiga. É minha mãe e sogra da mulher que está em coma e por sinal com seu neto no ventre. Tudo bem.”

Mamãe engole em seco e seca as lágrimas. “Desculpe, filho. Não foi minha intenção. Eu só queria que você se preparasse...”

“E eu estou. Estou pronto como tivesse nascido para amar essa mulher e vou esperar o resto da minha vida por ela se tiver que ser”, engulo o bolo em minha garganta.

Ela solta um A# bem auditivo em meio as lágrimas. O rosto se torce em consternação e ela se aproxima de mim até estar me abraçando com força. Pede desculpas e chora nos meus braços.

Assinto e fito a porta do quarto, perdido em pensamentos. Como se a dor fosse tudo o que sou, não sinto nem meus batimentos. Estou inerte. Fecho os

olhos e beijos os cabelos da minha mãe e ela se afasta limpando os olhos. Pede desculpas mais uma vez.

“Está tudo bem agora.” Digo sem emoção.

Ela assente e ficamos em silêncio. Ótimo. Não quero mais ouvir nada.

“Me desculpe mesmo, filho.”

“Está bom, mãe.”

Ela não consegue mais me encarar e com isso me viro para Victoria, mas escuto quando ela diz:

“Vou em casa rapidinho.”

Murmuro um okay auditivo.

“Quer que eu pegue algo na sua casa para você?”

Respiro fundo e olho para ela quando me sento na poltrona perto da cama, e respondo: “Não”.

O que eu quero só Deus pode me dar mesmo.

“Está bem. Até mais tarde.” Ela diz e sai me deixando em paz com meus pensamentos e o silêncio tortuoso que é preenchido pelos barulhos dos aparelhos ligados à Victoria. Eu não suporto mais esse hospital.

Arrastando o assento, fico mais perto da cama e pego a mão do meu anjo. Deslizo gentilmente meu polegar por seus dedos, nos nós e nas unhas feitas com uma cor singela que Clara fez sábado passado.

Quem diria que Clara seria de todos a melhor companhia para mim nesta fase. Ela tem tanta esperança quanto eu e isso me conforta. Ela está sendo incrível e ao mesmo tempo sofrendo muito. Infelizmente estou notando que ela está emagrecendo e ficando abatida. E Lucca anda preocupado.

“Amor, você precisa acordar pra alegrar nossos dias.” Beijo a mão de Victoria e depois olho seu rosto. “Todos estamos aqui. Esperando você e não esqueça” coloco a mão na sua barriguinha, que agora está ficando mais evidente, tanto que Will descobriu e mesmo não ficando muito satisfeito, ficou feliz e preocupado, “do nosso filho. Nosso príncipe. Ele precisa de você. Eu preciso de você.” Me levanto e beijo seu rosto. “Preciso demais.”



ESTOU NO MEU MOMENTO DO DIA, onde me permito fechar os olhos e soltar meu corpo. Deitado na poltrona perto da cama, agora virada de lado e de frente para Victoria, minha mão esticada segura a dela.

É madrugada e está silêncio. É meu momento mais triste e ao mesmo tempo reconfortante. Acho que assim consigo falar com Deus e pensar melhor.

Faço isso quase que todos os dias. Aprendi que ficar lutando contra esse cansaço não irá me fazer bem e se eu quero ser forte para minha esposa, preciso

ao menos me manter em pé. E nos últimos meses eu quase cai várias vezes, o que é ridículo. No entanto, isso não é o pior. É a espera. Morro a cada dia.

Eu esperei por ela a minha vida toda e se for preciso esperarei até o final dos tempos para tê-la comigo novamente, mas dói demais essa espera.

Eu estou com medo e odeio me sentir assim.

Meu medo me apavora tanto que não ousa terminar meus pensamentos. Não ousa pensar em voz alta. Meu medo é maior que eu. É tão intenso que tenho medo do meu próprio medo.

Por isso procuro dentro de mim as lembranças boas de nós dois e rezo à Deus que eu viva aquela sensação de felicidade de novo com ela ao meu lado. Eu preciso dela de volta.



TERÇA-FEIRA, 06 DE ABRIL DE 2014.

ESFREGANDO MEUS OLHOS, de um sono que me derrubou – não tive muito como lutar. Eu tinha uma certa necessidade de dormir que está até me enfraquecendo – levanto a cabeça e vejo minha mãe trocando as flores ao lado da cama de Victoria e depois joga fora as velhas, volta e coloca algo sobre a mesinha.

A curiosidade me domina e me levanto para ver o que é. Minha mãe às vezes prega peças que eu preferia que ela ficasse quietinha, principalmente depois da nossa briga.

Chegando perto da mesa e dela, ainda de costas para mim, o impacto que recebo ao notar o que ela trouxe atinge meu peito em cheio e inevitavelmente minhas pernas bambeiam um pouco. Engulo em seco e solto o ar com força.

“Achei no seu escritório, quando fui lá hoje.” Minha mãe diz olhando para mim.

Assinto sem encará-la. Não posso fazer isso agora, meus olhos não conseguem desviar sua atenção da imagem.

É a foto que roubei da casa de Boston da minha mãe quando fui com Victoria no Halloween. A imagem de nós três no jardim dos Colton, perto da fonte. Ela está tão linda. Tão pequena e feliz.

Fecho os olhos com a força e as lembranças daquele feriado de Halloween na casa dos meus pais preenche meus pensamentos. Eu jurei que Victoria iria para sempre estar na minha vida, pois, afinal de contas, ela sempre esteve. O que seria mais justo?!

Meneio a cabeça e forço-me a engolir a emoção. *Porra, mãe.*

Fecho os olhos e preciso respirar fundo. Preciso sentar e tentar voltar aos

eixos. Me afasto e vou até a janela. Olho para o lado de fora, observando a lua em um céu totalmente negro.

Que horas devem ser? Merda. Devo ter dormido muito. Isso não era para ter acontecido.

“Eu não queria lhe causar mal, filho. Pensei que você fosse gostar.”

A vontade de sorrir por agradecimento, por sua compaixão, chega como um fantasma e logo passa.

Me viro assentindo e me sentindo mais controlado.

“Não fez. Eu só lembrei do” pauso para engolir em seco “do dia que vi a foto e consequentemente foi o dia que roubei ela de você.”

Mamãe sorri e caminha até a mim com seu sorriso apaixonado de mãe e os olhos marejados como sempre. Ela estica a mão e acaricia minha barba, cada dia mais grossa e desleixada.

“Eu não liguei que você pegou. Com certeza eu acabaria lhe dando em algum momento. E tenho outras fotos desse dia.” Ela respira fundo e limpa os olhos. “Quando vi esse álbum, pensei que vocês eram mesmo pra acontecer e que é lindo o que vocês dois têm.”

Assinto e cruzo os braços sobre o peito. Resignado digo: “Mas você ficou falando de possibilidades...”

“Ethan” ela solta na defensiva, e eu a interrompo.

“Não. Por favor, mãe.”

“Não é isso. Eu só estava pensando como uma médica.”

“Então para o meu bem, para o bem da nossa amizade de mãe e filho, guarde essa opinião e o seu olhar frio para si mesmo ou para os seus pacientes. Comigo você é minha mãe e tem que acreditar junto comigo em fadas madrinhas e duendes se for preciso para ter fé que minha esposa irá acordar desse coma. E vamos ser conscientes, já teve casos bem piores, de pessoas que ficaram até anos em coma e acordaram. E mesmo que você pense que não é vida ficar esperando uma mulher sair do coma e com médicos de pouca fé, eu vou acreditar e vou ficar ao lado de Victoria o tempo que ela precisar. Na minha cabeça ela está apenas descansando desses anos todos de medo.”

Mamãe assente e sorri, mas seus olhos transmitem pena. Que seja. Que ela guarde para si suas opiniões, tudo ficará bem.

“Filho”, ela diz e se aproxima, quebrando o silêncio constrangedor.

“Sim?”

“Posso lhe dar um abraço?” Ela pergunta com receio e me sinto culpado.

Assinto, mas franzo a testa, por isso ela chega perto de mim e acaricia meus braços dizendo: “Hoje é seu aniversário.” Dá de ombros. “Queria pelo menos abraçar você e desejar saúde.”

Meu coração acelera e minha respiração fica suspensa. Olho para Victoria e quase consigo ver seu sorriso repleto de amor e seu abraço apertado sobre meus ombros, e sua voz desejando o mesmo.

Ah, meu anjo. Você seria meu melhor presente hoje. Escutar pelo menos seu suspiro para me dizer que você está aqui, seria mais do que gratificante.

Volto meus olhos para minha mãe e assinto. Ela prontamente envolve minha cintura com seus braços pequenos, e eu por força maior, a abraço bem forte.

Meu coração está doendo. Eu não quero viver sem Victoria. Não quero comemorar nada sem ela comigo. Fecho os olhos e peço aos berros dentro de mim: *VOLTA!*

Me sentindo mais calmo, me afasto e limpo as lágrimas da minha mãe.

“Sinto muito, filho. Eu não queria chorar.”

“Não precisa pedir desculpa. Está tudo bem.”

Ela assente e afaga meus braços, e segura meu rosto. “Eu estou aqui desejando do fundo do meu coração que tudo se resolva e você volte a ser tão feliz com Victoria.”

“Obrigado”, digo e emendo um pedido, pois sinceramente não quero esse tipo de afeição e carinho hoje. Quero que me deixem em paz com meu sofrimento. “Mãe, você pode não lembrar ninguém que hoje é meu aniversário?”

Surpresa, sua boca se abre e ela franze a testa. Então explico que não quero comemorar nada hoje.

“Não estou no clima.” Termino, como um ponto final no assunto.

“Eu entendo. É compreensível, mas você conhece seu pai.”

“Eu sei.” Interrompo-a. “Ele é sentimental e deve aparecer aqui. Mas está tudo bem. Se apenas ele lembrar, vai ficar tudo bem.”

Ela sorri com pesar e acaricia meu rosto. “Não fique assim por nós te amarmos, querido.”



*Q*UENTE... *A*CAMA ESTÁ QUENTE.

Relaxo ainda mais na cama confortável.

Então sinto uma mão deslizar por meus braços.

Abro o sorriso e puxo sua mão para o meio do meu peito.

Eu amo sentir seu calor. Seu abraço. Amo tê-la aqui.

“Ethan...” a voz dela é suave.

“Victoria.” Tento dizer no mesmo tom.

Ela respira fundo e beija meu pescoço antes de murmurar: “Eu. Te. Amo” pausadamente.

Ah, amor. Eu mais que te amo. Eu preciso de você.

Pulo do sofá e esfrego o rosto. Minha memória está confusa, mas sinto os vestígios do sonho.

Porra, o que foi isso?!

Respiro e inspiro.

“Eu. Te. Amo.” A voz dela ecoa na minha cabeça.

Meu corpo se aquece, o calor vindo das minhas entranhas e levanto correndo. Vou até a cama dela. Pego seu rosto entre as mãos e inclino meu corpo para o dela.

“E eu amo você demais.” Digo em um sussurro, a voz rouca de sono e pela dor que está em meu peito. “Eu preciso de você. Preciso tanto.” Dou beijos no seu rosto.

Fico parado por um bom tempo com nossas testas juntas. Fecho os olhos e deixo sua voz em meu sonho rodar e rodar pela minha cabeça.

Por algum motivo relembro dela lá em casa, antes de ir para Malibu e tudo acontecer. Ela falava assim comigo. Cheia de afeto, amor... saudades. *Ah, não.*

“Você está se despedindo?” Falo com a voz embargada. “Você fez isso quando nós estávamos sendo atacados. Você falava comigo desse jeito.” Beijo com desespero seu rosto. “Não faça isso. Sou eu quem não vai resistir, Victoria! Será que você não me escutou esses dias todos?! Que sem você eu não sou nada. Por favor, meu amor acorde. Acorda logo. Volta para mim.”

Choro como um garoto perdido, mas porra, eu estou perdido e vou ficar destruído para sempre sem ela.

“Ainda é meu aniversário, amor.” Sussurro no seu ouvido. “E eu nunca liguei muito para essa data. Nunca fui cheio de frescura, mas hoje, apenas hoje realize meu desejo. Abra seus olhos.”



QUINTA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 2014.

BARULHO. A máquina está fazendo um barulho enlouquecedor. Levanto e corro até Victoria. Seu corpo está frio.

“Amor? Victoria! Ei...” Berro porque não sei ao certo o que fazer.

Nada. Ela continua na mesma e a máquina não para de soar. Aperto o botão vermelho perto da cama e espero alguém para cuidar dela. E quando me viro para ela de volta, meu coração para. Ela está sangrando.

“Não!” Digo com a voz ofegante. “Não. Não. Não. Não pode ser. Socorro!”

Duas enfermeiras aparecem, apressadas, me empurrando.

“Senhor, se afaste.”

Eu não consigo me mexer.

“Ela está sangrando! O que ela tem?”

“Senhor, você precisa se afastar.” A enfermeira Kate pede.

“Não vou a lugar nenhum, porra.”

Kate levanta a cabeça para mim com os olhos cerrados, que logo ficam calmos.

“Ela vai ficar bem, Ethan.” Escuto o Dr. Nick dizer atrás de mim.

Balanço a cabeça. Olho para Victoria e só percebo que alguém me afastou dela quando estou na porta.

Amor...

Eles mexem nela.

“Ela está fibrilando.” Kate diz.

“Preciso do carinho.” O médico berra. “Agora!”

“Ela precisa ir para sala de cirurgia.”

Uma das enfermeiras rasca sua roupa e outra traz o carinho. Pera aí... É um desfibrilador. Não.

“VICTORIA!” Choro. “Não faça isso.”

“Tirem ele daqui.”

Não.

As forças das minhas pernas me abandonam e caio no chão com as mãos na cabeça.

Ela está morrendo.

Não! Não!

“Não faça isso comigo”, murmuro de cabeça baixa, olhando o chão, que logo desaparece quando fecho os olhos.

A porta se fecha. Estou do lado de fora. Longe dela.

“Faça algo para aliviar a pressão no cérebro.” Mas escuto perfeitamente quando a porta se abre novamente e eles saem levando Victoria.

“Onde estão levando ela?” Pergunto indo atrás.

Ninguém responde.

Pergunto de novo.

“Ela precisa ir para sala de cirurgia agora.” A outra enfermeira responde na porta prateada, que fica abrindo e fechando.

Meu coração me abandona porque eu sei que não posso ir junto com minha mulher.

Fecho os olhos e rezo, imploro a Deus que a traga de volta para mim.



OS MINUTOS SE ARRASTAM. Olho fixamente a porta dupla da ala de cirurgia esperando alguma resposta, e positiva. Deus não pode fazer isso comigo.

“Porque ninguém veio ainda?” Cora pergunta com a voz chorosa. “Estão demorando muito...” seu choro corta suas palavras.

“Shu...” Will faz, mas quando olho para ele, vejo seus olhos desesperados na direção da mesma porta que eu estou conferindo mais uma vez.

Eu só quero uma resposta.

Viva. Ela tem que estar viva.

Essa demora está me matando. Isso me assusta tanto. Essa falta de poder. Essa sensação de perda, embora no fundo da minha alma eu sei que ela nunca me deixará, mas o que aconteceu hoje. E o sangue? Penso em nosso filho.

Às vezes, acho que tudo que está acontecendo é porque eu mereço. Que eu vou perdê-la.

Eu não sei viver sem ela. Esses longos dias de espera, de medo e orações. Estou em agonia. Acho que nunca em toda minha vida clamei tanto a Deus um sinal de que ele esteja me ouvindo. Acho que nunca rezei tanto para um pedido ser realizado, pois no fundo, nada na minha vida valeu a pena eu parar e pedir a Deus. Sempre tive tudo sobre controle e sempre tive dinheiro, e desejos podem ser comprados, mas sonhos... não.

Victoria é meu sonho.

Cruzo com mais força meus braços sob o peito e viro-me quando chego no limite do corredor e novamente ando de volta. De lá, para cá. De lá, para cá.

De repente a porta se abre. É o Dr. Nick. Cora exclama seu nome e ele se aproxima.

Ele começa a falar e meu coração acelera.

“Primeiramente quero ressaltar que nossa prioridade era salvá-la. E nós fizemos todo o procedimento. Tudo o que foi possível.”

Ah, para de falar assim.

“Victoria sofreu uma hipóxia cerebral e –”

“O que é isso?” Will o interrompe.

O doutor respira e pede desculpa antes de explicar:

“Falta de oxigênio no cérebro e foi esse o motivo de ela ter sofrido uma parada cardíaca. Tivemos que correr para sala de cirurgia por causa da pressão cerebral que ocasionou a parada cardíaca, porém foi bom. Havia um hematoma, que resolvemos e assim aliviamos a pressão, que ocorreu devido ao coágulo e finalmente o encerramos. Ela não corre mais perigo.”

Ele para e faz uma cara de resignação e me olha. *Merda!*

“Ela sofreu um grande choque. Seu corpo está se esforçando para aguentar a pressão, hoje mais do que nunca, mas está muito cansado e infelizmente devido à falta de oxigênio, seu organismo não resistiu e Victoria sofreu um aborto.”

“O quê?” Digo anestesiado.

“Ah, não.” Cora lamenta entre um soluço.

“Sinto muito mesmo.” O médico diz.

“Mas ela está bem?” Will pergunta em cima.

“Sim. Ela está bem agora e não sei como, mas devido ao choque de hoje e talvez por termos aliviado esse hematoma que cresceu no seu cérebro. Seus reflexos melhoraram e até estamos mais esperançosos para ela acordar logo.”

Assinto. Cora e Will arfam.

“E como está o bebê?”

O médico respira fundo e troca um olhar com meus sogros, e volta a me olhar.

“Victoria sofreu um aborto.”

Balanço a cabeça e cambaleio para trás.

Cora se separa de Will e chega até a mim. Ela pega minha mão e segura bem forte. “Ela perdeu o bebê, Ethan.” Diz suavemente olhando dentro dos meus olhos. “Eu sinto muito.”

Olho para a porta. Ele... Ele se foi. Nós perdemos nosso bebê.

“Mas...”

“Ela logo vai voltar para o quarto.” Dr. Nick informa. “Agora preciso ir.”

“Sem problema.” Will fala.

Vejo Nick sumir pelas portas prateadas. William vai se sentar nas cadeiras pressas à parede e coloca os cotovelos nos joelhos, as mãos na cabeça. Cora ainda está comigo, segurando minha mão.

Eu não acredito.

Deus!

Levanto a cabeça e olho para o teto. Foda-se.

Deus, cadê você? Meu mundo está se destruindo.

A dor me invadi e estou nos braços de Cora, que apesar de chorar também, me abraça e conforta.

“Ela ainda está aqui. Você ainda tem ela, Ethan. Nós ainda temos ela.” Ela acaricia minhas costas. “Vai ficar tudo bem.”

“Como eu vou falar pra ela?”

“Você não está sozinho.” Ela se afasta e afaga meu rosto olhando meus olhos. “Eu vou estar com você na hora e eu sinto muito mesmo, mas vocês são jovens e apesar de ser muito doloroso...” seus olhos ficam tão tristes, “ela vai

ficar bem depois. Eu tenho certeza que vocês vão me dar muitos netinhos. Esse não...” balança a cabeça, não consegue terminar. “Enfim, nós estaremos com vocês. Não se preocupe.”

“Eu estou com medo de ela me *deixar* também.”

Cora puxa o ar com força e apesar dos lábios tremendo, consigo entender quando ela diz bem baixinho:

“Minha doce menina nunca iria deixar alguém que ela ama tanto. Ela é corajosa. É resistente.” Assente, afirmando suas palavras. “Ela vai voltar para nós. Ela vai voltar para você. Apenas espere, Ethan.”

“A minha vida toda se for preciso.” Digo e as comportas se abrem. Abraço bem forte Cora e fecho os olhos pensando em Victoria.

Eu sempre soube que teria que matar todos os dragões para alcançarmos nosso felizes para sempre. Eu sou o príncipe dela. Eu vou salvá-la desse pesadelo. Vou salvá-la esperando e estando ao seu lado até o momento que ela abrir seus lindos olhos verdes e eu poder dizer que a amo profundamente.



AINDA NÃO CONSIGO ACREDITAR. Eu nunca pensei que ficaríamos tanto tempo longe um do outro. Nunca pensei que sofreríamos tanto e agora, perdemos nosso bebê. Minha nossa. É demais. Estou pagando todas as penitencias das minhas vidas passadas. Quem está no comando da minha vida não tem piedade. Eu não aguento mais sofrer.

Nunca pensei que passaria por isso. Me sinto tão perdido, pois no fundo estou vivendo de teorias. Não sei onde Victoria está. *Como* ela está.

Há estudos que dizem que ela pode estar simplesmente em um breu, como em um sono profundo sem sonhos. E eu não consigo me conformar com ela sozinha assim. Outras teorias dizem que pessoas em coma podem ir para um... tipo de plano astral. Algo espiritual, seja lá o que for. O céu. O paraíso. Eu não sei qual das hipóteses me apavora mais.

Respirando fundo, beijo com delicadeza sua bochecha, pois novamente ela está intubada.

“Eu ainda estou aqui... esperando”, digo calmamente. “Nada mais vai fazer sentindo sem você na minha vida. Sinto muito em dizer isso, é a verdade. Eu preciso demais de você, agora mais do que nunca. A única coisa que eu mais quero na vida é ver seus olhos de novo. Ver seu sorriso e sentir seu calor. O que mais quero na vida é amar você, cuidar de você. Nada importa, aonde quer que você vá, eu sempre te amarei.” Chego minha cabeça mais para o vão do seu pescoço, minha testa quase encostada em sua bochecha e beijo seu ombro. “Por favor, acorde logo.”

UM SUSTO ME FAZ PULAR NA POLTRONA. Resmungo quando sinto a pontada de dor em meu pescoço. Os músculos dos meus ombros e pescoço estão retraídos e doendo demais.

Soltando a respiração, me levanto e caminho até a mesa. Depois do susto que levei daquela vez, qualquer barulho me atordoa. Pego um pouco de água e entorno em poucas goladas. Deixo o copo na mesa e volto para perto de Victoria. Resolvo me sentar na beirada da cama e afago sua mão. Meus olhos percorrem os aparelhos ligados a ela. Me sinto exausto. Cansado demais.

Meus olhos começam a se fechar, fechar, fechar... e de repente o barulho do motor de saturação me desperta. *Merda.*

“Sono, filho da puta.” Resmungo baixo.

Olho para Victoria e digitalizo suas feições. Eu sinto a falta dela como se estivesse debaixo d’água por muito tempo e meus pulmões precisassem de ar. É doloroso e às vezes acordo no meio da noite e posso jurar que escutei ela me chamando. Sempre quando estou quase caindo da cadeira. O que é bem estranho.

Sei lá, ou eu estou ficando louco, ou realmente seu espírito está comigo. Mas não gosto de pensar assim. Ela está viva. Está aqui. Não tem como seu espírito fazer nada se está dormindo. *Merda.* É bom eu parar de ter esses pensamentos idiotas.

Mais calmo, levanto e ajeito as cobertas sobre ela. Beijo sua testa e vou para minha poltrona, me acomodando como dá e me cobrindo. Hoje está frio, mesmo o verão estando cada dia mais perto.

Fecho os olhos e tento relaxar um pouco, no entanto, sempre alerta a qualquer barulho.

Para me contrariar, alguém bate na porta antes de abrir.

“Ethan?” Cora fala suavemente.

“Hun?” Resmungo e me ajeito para olhá-la, mas não levanto. Minhas pernas estão cansadas.

Cora curva sutilmente o canto da boca, em um sorriso meigo e se aproxima da cama, ficando do outro lado que eu e senta na beirada pegando a mão da filha. É tão robótico isso – natural, seria melhor eu dizer – que já prevejo seus movimentos.

“Como está você?” Ela pergunta sem desviar os olhos de Victoria.

“Bem”, respondo sem entusiasmo. Porra. Se eu estou vivo e falando, estou

ótimo.

“Não parece.” Ela diz olhando para mim dessa vez. “Você não está comendo. Está muito abatido, magro e...”

“Sujo.” Completo, porque já ouvi isso de todos. “Mas não é verdade. Eu tomo banho todo dia.”

Cora respira fundo e balança a cabeça. “Não gosto de ver você assim.”

Pelo amor de Deus.

“Sinceramente, eu estaria agindo estranho se me barbeasse, tomasse banho, comesse e até fosse trabalhar como nada estivesse acontecendo. Mas o fato de eu estar aqui, o tempo inteiro, sem ligar para nada, isso sim é normal. Então me poupe.”

Os ombros dela se retraem. Eu sei que fui muito mau. Victoria odiaria essa atitude.

“Eu sei, Ethan. Mas você não pode se entregar.”

Ergo umas das sobrancelhas. Estou perdendo a paciência e só não respondo como gostaria, porque ela é a mãe da minha esposa e sua semelhança com a filha chega a me sufocar.

“Cora, não se preocupe.” Digo mais calmo. “Eu vou ficar bem.”

“Você não pensa que precisa estar forte pra ela.”

Assinto mesmo sabendo que foi uma pergunta retórica. Aperto os olhos, que estão quentes e doloridos. *Eu* estou dolorido, porra.

“Se eu estou aqui...” dou de ombros.

“Por quê? Onde você estaria?”

Ah, você não conhece a profundidade da minha dor. Não sabe o que penso às vezes nessa merda de silêncio sem fim desse hospital dos infernos. Se Victoria tivesse... morrido. Eu já não estaria aqui – ou em qualquer lugar – há muito tempo.

“Esquece e por favor, não se preocupe.” Digo e dou um olhar sério deixando bem óbvio que a conversa já acabou.



SEXTA-FEIRA, 04 DE JUNHO DE 2014.

“BOM DIA, E_{THAN}.” Kate, a enfermeira, diz entrando no quarto e me encontrando ainda sonolento na poltrona.

“Bom dia.” Resmungo.

Ela ri baixinho e faz os protocolos diários em Victoria. Enquanto eu levanto e vou até o banheiro. Não demoro nunca como sempre. E sempre faço qualquer coisa quando tem alguém no quarto, de preferência umas das mães – Cora ou a

minha – ou Kate, que vem toda manhã, tarde e noite. Victoria vai adorar conhecer ela.

Saio do banheiro e Kate fala:

“Ela parece bem hoje.” Ela sorri e gentilmente limpa o rosto de Victoria com um lençinho: “E tem que estar.”

Franzo a testa indo até a mesa do café. Ultimamente bebo tanto café que o Dr. Nick já me chamou atenção.

“É aniversário dela.” Escuto e me viro rapidamente para a enfermeira. “Você esqueceu?”

“Ah... Eu...” Balanço a cabeça. “Hoje é quatro de junho?” Já?

“É sim” responde e perde o sorriso quando eu não demonstro felicidade alguma.

“Sinceramente eu não vejo motivo algum para ficar feliz.” Explico, já que é óbvio que ela quer saber porque não estou sorrindo. “Eu amo essa mulher. Amo com tudo de mim, mas comemorar o aniversário dela nessas circunstâncias, nem pensar. E não lembrei porque estou tentando não focar nos dias que se passam e ela ainda não acordou. Hoje representa para mim que faz três meses que ela não melhorou e quatro meses que não posso dizer que a amo e escutar de volta. Me desculpe se eu não estou entusiasmado.”

“Não, Ethan. Eu que peço desculpas. Eu lhe entendo.”

Assinto e faço um gesto com a cabeça em desdém. “Sem problema. Talvez... Não, é...” Reformulo. “Quando ela acordar pode ter certeza que irei compensar todos esses dias perdidos, principalmente seu aniversário.”

“Até lá ela terá dois aniversários para festejar.”

“É verdade.” Digo e fito o rosto sereno da minha esposa.

De repente, assustando Kate e eu, o quarto é invadido por balões e flores. Cora, Will, Elizabeth, Ryan, Johnny, Aida, Lucca e por fim Clara. Ela para, me olha e – vejo que não está sorrindo – se aproxima me abraçando. Quando se afasta diz em um tom de voz que apenas eu escuto:

“Se não quiser ficar aqui agora, pode ir. Eu estarei aqui e vou correndo caso ela acorde e nós dê esse presente no aniversário dela. Vic sempre foi assim. Como uma loja ou supermercado, o aniversário é dela, mas os presenteados somos nós.”

“Ah, Clara. Você não existe.”

Ela ri gentilmente e suspira, embora os olhos tristes.

“É sério. Se quiser pode esparecer. Eu vou ficar aqui o tempo todo.”

Assinto agradecido. “Pode deixar que vou lembrar.”



E EU ACEITEI A OFERTA DE CLARA. Agora não estou no quarto de Victoria. Eu não suportei. Tive que fugir de lá. Era uma felicidade misturada com tristeza que eu não suportei.

Entorno pela décima vez um copo generoso de uísque. Um Bourbon dos bons em um bar de quinta, que fica em frente ao hospital.

Por que tem esses tipos de locais perto de um hospital?

Ah eu sei. Para casos como agora. Parente querendo – tentando – esquecer sua dor.

Não ligo para nada em minha volta agora. O vazio no meu coração rouba toda minha energia para pensar em algo que não seja na pessoa mais importante da minha vida em uma cama de hospital há três meses. Eu só queria acordar desse pesadelo.

Pego meu celular no bolso.

Talvez eu estivesse querendo algum alívio, mas a foto dela acaba me enchendo de medo. Ainda mais.

Ah, querida. Feliz aniversário.

“Ela é muito bonita”, diz o cara do bar que deve estar cansado de me servi.

Sai do hospital quase a uma hora atrás. Cora antes de eu sair falou para eu aproveitar e descansar, talvez tomar um banho decente e comer direito. Mas eu não sei fazer mais isso. *Viver!*

Hoje é aniversário da minha esposa, da luz da minha vida, e me sinto nostálgico. Magoado. Sinto-me profundamente impotente por não conseguir passar esse dia com ela e como merece. Ela merece flores, romance, sorrisos e viver plena. Felicidade completa.

“Sim, ela é linda.” Minha voz está arrastada, mais ainda do que o costume por culpa do esgotamento e claro, acho que estou ficando bêbado. Até acabei de soltar aquele riso imbecil. Santo Inferno. *Me tirem daqui.*

“Você tem sorte por tê-la.” Ele diz e então recua voltando sua posição atrás do balcão. “Ela é sua, não é?”

Cerro a mandíbula e dou um aceno vago com a cabeça.

“Ela é minha, sim. Com certeza que sim. *Profundamente minha.*”

O rosto do homem se desmonta como lesse meus pensamentos. Ele está com pena.

“Ela vai ficar bem.” Diz com muita certeza.

Estou recebendo tanto apoio que me sinto uma mesa com pés fracos, se apoiando nas paredes e cantos. *Que saco.*

“Eu espero todos os dias que sim.” Abaixo os olhos para o meu copo e vejo minha aliança. “Eu não vou conseguir sem ela.” Respiro fundo. “Ela é todo meu mundo. Tudo é ela, só ela e eu não sei mais o que fazer. Preciso de um milagre.”

“Posso saber o que ela tem?” Ele pergunta com cautela.

“Ela está em coma.” Balanço a cabeça exasperado. “Exatamente há oitenta e dois dias. E hoje...” minha voz trava e tomo um gole do uísque. “Hoje é aniversário dela.” Minhas vistas embaçam.

“Eu sinto muito.” O cara fala e aperta meu ombro. *Apoio de novo.* “Ela vai voltar pra você, cara. Acredite nisso. Confie em Deus.”

“Ele é meu melhor amigo ultimamente. É com quem eu mais falo.” Dou de ombros e o homem enche meu copo.

“Essa é por conta da casa.”



SÁBADO, 17 DE JULHO DE 2014.

“BOM DIA.” ESCUTO O DR. NICK DIZER. Ele entrar junto com a enfermeira novata.

“Bom dia.”

Ele dá um aceno e chega até Victoria.

“Vamos leva-la para fazer uma bateria de exames.”

“Eu sei. É isso todo mês.” Resmungo.

“Espero que ela esteja mais perto de acordar. Isso alegraria o hospital inteiro.”

E a mim mais ainda.

Respirando fundo, vou até minha esposa e me inclino. Digo que a amo em um sussurro e beijo sua testa. “Daqui a pouco vejo você.”

Me afasto e o médico faz os procedimentos de desacoplar a cama. Acompanho eles até as portas prateadas que eu tanto detesto.

Depois que eles adentram o corredor proibido, permaneço no mesmo lugar. Imóvel, braços cruzados sobre o peito e olhos atentos. E olho. Rezo. Espero.



LIGO O APARELHO DE SOM E deixo no volume suave, e que as enfermeiras não reclamem comigo. Está na altura que um hospital continue com seu silêncio sepulcral e irritante da madrugada.

Sento na poltrona perto da cama. Graças a Deus ninguém mexeu na posição que deixo a poltrona. As enfermeiras cuidaram de Victoria pelo outro lado, ainda bem.

Respiro fundo e escuto a canção que fala tudo por mim. Aprendi isso com Victoria. Que as canções às vezes podem transmitir quase tudo que estamos sentindo e não sabemos por em palavras. Quase, porque são os atos que realmente dizem tudo.

Escolhi essa música a dedo e espero que Victoria esteja ouvindo. O médico disse hoje que seus níveis cerebrais melhoraram, minhas esperanças de que ela possa me ouvir aumentaram.

LOVE BY GRACE, soa pelo quarto. Chego mais perto dela para pegar sua mão e aperto suavemente a palma em minha bochecha. Puxo o ar e solto, fecho os olhos escutando a música. E canto um pedaço, o qual eu acho mais próximo da mensagem que quero que ela entenda.

“I didn't come here believing I would ever be away from you. I didn't come here to find out there's a weakness in my faith, yeah. I was brought here by the power of love. I was brought here by the power of love. Love by gra...”

Eu não vim aqui acreditando que ficaria longe de você. Eu não vim para descobrir que há uma fraqueza em minha fé. Eu fui trazida aqui pelo poder do amor. Pela graça do amor.

Minha voz é cortada. Meus olhos rapidamente se enchem de água e deixo escapar entre a respiração tremula as lágrimas. Levanto e abraço seu corpo imóvel na cama.

“Sinto tanto a sua falta.” As palavras escapam e não reconheço minha voz. Dói demais.

Choro baixinho, molhando seus cabelos e digo em um sussurro no seu ouvido.

“O médico disse que você melhorou. Seus sinais vitais estão melhor e como dizem que você pode me ouvir. Acho que agora mais ainda. Não é?” Digo nervoso. “Ah, amor... eu estou torcendo para que seja verdade. Então vou dizer de novo caso você não tenha ouvido as últimas centenas de vezes que estive aqui...” Tomo ar, recuperando-me. “Eu estou lhe esperando e escolhi essa música pra você entender melhor que eu não vim aqui pra perder... você.”

Fecho os olhos e deixo a música de fundo tocar e se repetir. Recupero as forças da minha voz. O nó em minha garganta é doloroso, e deixa minhas cordas vocais seca. Engulo com esforço.

“Pode demorar o tempo que for... Quer dizer, não demora muito.” As lágrimas transbordam novamente. “Sinto sua falta e eu amo tanto. Eu te amo muito mesmo. Então acorda. Acorda, meu anjo. Minha princesa. Minha Victoria. Minha vida.”

Minhas mãos estão tremendo em seu rosto. Sinto minhas forças serem drenadas e fecho os olhos encostando a testa na dela. Sinto um vazio. Meu coração mau bate. Não sinto dor, raiva, tristeza, só medo. E se eu estou assim...

“Eu estou morrendo”, completo meus pensamentos em voz alta. “Eu estou morrendo, Victoria. E se eu estou morrendo, quer dizer...” paro e volto a abraçá-la mais de perto. “Não desista de mim. Se você me deixar... O que vai ser de

mim?” Balanço a cabeça me desesperando e beijo seu rosto com força. “Não desista. Eu vou concertar tudo, meu anjo, mas não desista. Se você partir... eu não sei o que será de mim.” Pauso, e lembro as palavras do médico. “Eu sei que você está fraca, mas... Volta! Eu não consigo deixar você partir. Me desculpe, é que eu preciso de você. Respire, amor. Respire por mim. Abra esses lindos olhos e me ressuscite com sua *volta*.” Minhas lágrimas saem livremente e caem sobre seu rosto. “Não desista. Você é o amor da minha vida. *É a minha vida*. Você é minha força. Eu te amo tanto, meu anjo.” Encosto meu rosto no seu. “Amor, volta para mim. Preciso de você. Volta...”

Nove

Victoria



MINHA CABEÇA TOMBA, PARA O LADO. Sinto perfeitamente esse movimento, enquanto fito uma garota com um vestido branco caminhar para um jardim florido repleto de flores coloridas e vivas. Há árvores altas e lindas também.

É um lugar lindo.

Sorrio.

E vejo que a garota não está longe.

Ela está perto.

Muito perto.

Então de repente apenas tenho o jardim na minha frente. Ele é perfeito.

Olhando para baixo, vejo que estou vestida como ela. Um vestido branco, longo, bordado com renda, delicado. Ele parece iluminado.

Ah... eu sou a menina do vestido branco. Ela, sou eu.

Franzo a testa e ao perceber isso e que não estou pisando mais na grama verdinha. Eu caminho sobre um chão gelado, nevado por uma espécie densa de fumaça, parece... Nuvens?!

Me sinto confortável.

Corajosa.

Livre.

Olho para cima e apensar de não pisar mais no gramado verdinho, que no fundo da paisagem há uma luz brilhante, chegando a ser celestial, estou dentro do jardim, caminhando sem nem notar meus movimentos.

Meus passos são mais fortes do que eu.

Pareço flutuar e a luz é tão brilhante, tão bonita, que me enfeitiça. Eu estou voando. A luz me puxa. Me guia até ela.

Não consigo parar.

É forte demais.

É tão bonita.

E quanto mais eu ando, mas me aproximo da luz e das nuvens em volta do jardim secreto.

Vou sentindo o rarefeito, como estivesse nas Cataratas do Niágara. É a coisa mais perfeita que eu já presenciei e conforme deixo meus olhos viajarem

pela paisagem, vou percebendo as árvores. Elas são bem largas, não muito altas, mas as folhagens caem do topo até se arrastarem pelo chão – como um véu – sobre as raízes que saem da terra e fazem uma espécie de cesto em volta das árvores. Não são todas assim, mas as que consigo enxergar, são estonteantes.

Tem flores de todas as espécies e cores. Têm girassóis gigantescos e rosas vermelhas tão vivas que parecem ter sido pintadas. As brancas também. Mas fico encantada pelas tulipas e os lírios perto da cachoeira de águas azuis celestes. É um tom de azul que parece degrade do verde água para o azul mais profundo.

Meus olhos não conseguem desviar a atenção da cachoeira. A cor, o som e os movimentos da água conforme cai do precipício tão alto que meus olhos não conseguem encontrar onde começa e nem onde termina. Eu só vejo a pequena represa que se forma abaixo da primeira etapa da cachoeira e logo mais outra etapa que leva para baixo...

É estranho. Não sinto medo ou algum sentimento que já vivi. É novidade e quero descobrir tudo.

Sorrio e olho meus pés.

Estou pisando suavemente em uma grama verdinha de novo. A empolgação toma conta do meu corpo e me deixa levar.

Vou caminhando.

Admirando e conhecendo.

Tudo é leve.

É liberdade.

Quando levanto o rosto novamente, vejo algo que nunca vi. É lindo. Estonteante e me traz uma paz indescritível.

Sou pluma.

Sou amor.

É a pura plenitude da paz.

Caminho para mais perto. Sinto meus próprios passos me levarem, não aquela força. Sou eu e a vontade de querer ver de perto a “luz” mais brilhante.

Uma rajada de vento passa e me atinge. Sou obrigada a tirar os cabelos do meu rosto e logo sinto como fosse uma cortina leve e sedosa, a paisagem se transformar.

O jardim se foi e agora vejo mais de perto a luz que vem não sei de onde, como um segredo, e então estou em uma praia e a luz no fundo me convidando.

Então TUDO é vazio e silêncio.

Bum!

A empolgação volta com tudo.
Me preenche.
Encho meus pulmões de ar e fecho os olhos.
A brisa do mar venta forte, levando meu vestido a esvoaçar e meus cabelos se elevarem. Voam e fazem cócegas. Deixo uma risada sair.
É a felicidade.
É um vento refrescante e forte. Parece me limpar de algum modo.
Agora sou capaz de jurar que posso voar.
Abro os braços e deixo a paz me dominar.
Estou mais perto do mar.
Sinto a água molhar meus pés.
Sinto o gosto salgado do mar em meus lábios.
Sinto o cheiro da maresia.
Sinto o frescor da areia em meus pés.
Ouço o som das ondas se arrebentarem.
Ouço elas recuarem e se encherem.
Ouço as novas ondas crescerem suavemente e novamente...
...arrebentar e molharem meus pés.
Uma vez senti isso, mas nunca como agora.
É algo irresistível.
É insustentável.
É P_{ERFEITO}.

Estou em uma praia. Ela é linda. O mar mais cristalino que já vi. Vejo os peixinhos à beira mar. Vou até eles, molhando meus pés e eles pinicam minha perna. Dou risada e recuso.

Volto para a areia.
Agora olho para a luz e ela está se afastando.

Há uma canção...

É suave.
Singela e aconchegante.
Eu gosto, mas fico triste de ver a luz se afastando sobre a montanha enorme no final da praia, que parece interminável.
Mas a luz me chama.
Ela pede por mim e aquela força volta, porém não me leva até ela.
Eu preciso correr para não ficar no escuro de novo.

Eu lembro!

Eu estava no escuro, no frio, na solidão. Era triste. Não quero mais ficar naquele lugar. Não quero mais sentir dor. Não quero ficar no escuro.

Eu corro...

Corro...

E corro para o mar.

Para a luz.

É tão lindo.

Iluminado!

A onda vem e molha meus pés enquanto eu corro.

A luz muda de direção e estou correndo, mas... sobre as águas.

Não tem onda. Não tem chão. É água, mas não HÁ MEDO AQUI!

Me sinto livre como nunca me senti antes.

É tão bom.

Revigorante.

A paz que emana é tão intensa.

Fecho e abro os olhos.

Agora meu vestido é azul, de seda, leve como pluma, voa com o vento.

Vento com cheiro de água salgada do mar.

Estou imóvel.

Parada.

Eu não estou assustada.

Espero com uma certeza euforia de que estou bem onde estou.

CALOR!

De repete um calor forte queima meus olhos através das retinas. Ao abrir os olhos a luz forte me consome de um jeito ardente.

É lindo.

Um sorriso se abre suavemente em meu rosto. A luz amarela vai se transformando em azul, passando por vários tons e chega ao branco. Um branco tão intenso que parece ter brilho, diamantes, cristais. É ainda mais perfeito.

INDECIFRÁVEL.

Então... não sinto *nada*.

Estou preenchida pela luz e ao mesmo tempo vazia.
Fecho os olhos ainda sendo abençoada com a luz brilhante.

Silêncio.

Paz.

Liberdade.

Muito... silêncio.

B_{REU}.....

Algo queima meu peito.
É forte.
Machuca
É vivaz e me traz de volta.

Estou de volta na claridade.

Na paz.

Tum-tum...

Tum-tum...

Tum-tum...

Meu coração.

Escuto perfeitamente meu coração bater, pausadamente, tão devagar e o som se mistura ao som das ondas se quebrando no mar. É maravilhoso.

Tum-tum...

Tum-tum...

E o chiado da praia.

Volto para o jardim.

Vejo a cachoeira de novo.

Vejo as árvores.

Vejo o mar.

A praia.

E estou na luz.

Há canção volta.
É singela a melodia, mas não entendo a letra. Talvez não tenha.
Deixo me levar por essa tranquilidade.
Pela canção.
Então... tem uma voz.
Eu a conheço.

“Victoria.”

Eu conheço essa voz.

“...Eu estou com saudades.”

Sinto sua dor.

“Eu te amo tanto...”

Ethan!

Dor.

Ah saudade.

Saudade, me preenche.

Meu rosto se contorce de dor.

E_{THAN}!

Um calafrio percorre meu corpo e meus ombros caem.

As forças me deixam.

Caio no chão e me concentro na voz.

Sinto algo molhar meu rosto. Coloco a mão e sinto as tão distantes e esquecidas as lágrimas encherem minhas vistas e as embaçarem e saírem sem pedir licença.

A saudade é grande.

Sua voz volta:

“Amor... volta pra mim.”

Ele implora por mim.

Para eu voltar.

“Preciso de você. Volta...”

Fecho os olhos.

Vejo seus olhos.

Seu rosto.
Seu sorriso.
Sinto seu toque.
Seu carinho.
Sua devoção.
Seu amor.

Ah...
Eu não consigo...
Eu não consigo ficar aqui.
É como se a luz escurecesse e ele fosse a maior força que me faz viver.
Eu não tenho certeza de nada, a não ser que eu sou dele.
Não há dúvidas no caminho que eu percorrer com ele.
Ele é minha luz. Meu mundo.
Não posso ficar aqui!
Não posso estar onde ele não possa segurar minha mão e andar sobre as
águas, as nuvens, o jardim florido ou a praia mais bela.
Ele é que transforma tudo...

Viro-me, deixando a luz para trás e corro na direção oposta.
Na direção sem fim.
Tudo é branco e vazio como uma caixa.
Ele continua a aclamar por mim. E a voz vem do caminho que estou percorrendo.
Eu estou indo. – Grito, correndo.
Desesperada.
Estou indo. Me espera.
Sua voz me acompanha enquanto volto para ele.
Não há amanhã sem ele. Nem luz, nem Paraíso.
Ele é o melhor amor.
Ele é MEU melhor amor.

Corro.
Corro.
Vou mais rápido....



M_{EU CORPO}. Sinto ele cair. E cada segundo que passa vou sentindo cada parte do

meu corpo. Mas quando sinto minha cabeça, é como um estalo ensurdecador e extremamente doloroso explodisse. Nunca senti tamanha dor.

Oh céus!

Tento fazer minhas mãos chegarem em minha cabeça em uma tentativa falha de aliviar a dor. Mas nada acontece. Estou... congelada. Inerte.

Paro e tento me acalmar. Tento escutar algo, ou sentir algum cheiro ou qualquer sinal de que não estou sozinha.

Mas não sei...

Não sei onde estou.

Não tem nada ao meu redor.

Está escuro e sem formas.

Acho que estou de olhos fechados e deitada. Tento levantar o braço, pegar em alguma coisa. Segurar. Sentir!

Nada acontece e...

então caio no abismo.

No

B

R
E
U
.
.
.



V_{OLTEL}.

Acho que dormi.

Novamente estou no _{VAZIO}.

Já estive aqui antes.

Agora não sinto dor, calor, frio, fome, NADA.

Não falo.

Não vejo.

Não consigo me mover.

E não ouço.

E_{SPERA TEM ALGO SIM}.

Há uma voz no fundo da minha mente e ela parece ficar mais alto. *Mais perto.*

Quando estou quase entendendo o que está acontecendo sinto-me evaporar.

Perco a sensibilidade de estar em equilíbrio.

Sou ar...

Sou nada...
Sou breu...
De novo.



F_{ORTE}

É forte.

A força que me puxa como um boneco ventríloquo, mas as cordas não me seguram pelos braços e pernas. É em meu peito.

Me puxa.

Me suga de dentro para fora, como minha alma quisesse sair de dentro de mim. É tão estranho. Nunca me senti tão conectada ao meu corpo e a minha vida.

É como um fio de cabelo a corda que me puxa, pode ser cortada facilmente. Contudo a força é como um gabo de aço amarado fortemente em mim e poderia erguer um prédio do fundo da terra.

Me puxa.

Me ergue.

Me _ELEVA!

TEM UM BARULHOOO....

PI.....

PI.....

PI....

É ALTO E BEM PERTO.

Estoura feito fogos de artifícios dentro da minha cabeça. Dói, mas é vivaz. É vida.

Fico mais perto do som e...

escuto vozes. Passos. Tem alguém. Não estou só.

Eles falam coisas que não compreendo. Não entendo nada, mas sei que falam. Dizem meu nome.

B

R
E
U
.
.
.

NÃO!

ESPERA AÍ.

DE NOVO NÃO.

BUM!

Explosão

BUM!

Outro choque no meu peito.

E mais outra no meu peito.

Sinto meus batimentos. O som do meu coração bater, acelerando como o motor de um carro pegando velocidade e é tão forte que parece que vou levantar voo.

As vozes voltam. Falam auditivas e consigo escutar:

“Se ela não voltar, ele vai ficar arrasado.”

Ele?

“Ela é tão nova. Será uma pena.”

Não sei quem é. Não conheço essas vozes. É um homem e uma mulher.

“Seu corpo está cansando, mas teve melhoras. Se ela acordar, será um verdadeiro milagre.” O homem fala.

Eu acordar???

“Será mesmo e ele vai ficar feliz e não vai quebrar o hospital.” A mulher fala e ri. “Ele é calmo, mas por ela perder totalmente a cabeça. Tadinho. Ele a ama de verdade.”

“Nunca vi um amor assim.” Essa voz é diferente das outras duas.

Eles falam do Ethan?

Ele a ama de verdade.

Nunca vi um amor assim.

Ele vai ficar arrasado.

“Eu estou torcendo para que ela acorde.” O homem fala. “Não gosto nem de pensar sobre ele ter que tomar uma decisão sobre isso.”

Decisão? O quê?

“Eu também não. Eu já vi acontecer e foi bem triste quando a filha desligou as máquinas do pai em coma.”

DESLIGAR?

AS MÁQUINAS?

NÃO!

“Espero que isso não aconteça. Ela tem a vida pela frente. É tão nova e já batalhou até aqui.”

Não.

ETHAN!

Eu estou aqui.

Me sinta.

Espere por mim.

NÃO!



“Que barulho é esse?”

A voz do Ethan. Está tão perto.

“Qual senhor?” a voz da mulher que estava falando antes.

Ah não. Ela disse sobre desligar as máquinas. Não!

Ah um breve silêncio e Ethan fala:

“Este.”

Formiga. Tudo formiga sob meu corpo e faz cócegas. Sinto vontade de rir, mas simplesmente nada acontece.

Então percebo que os formigamentos mais fortes são em minha mão direita e no meu braço esquerdo.

Toque. ISSO! Estão me tocando. *Eu sinto.*

Sorrio por dentro.

Eu sinto isso e infelizmente a minha cabeça pesada como tivesse toneladas de chumbo na parte frontal. É uma dor de cabeça alucinante.

“É atividade cerebral, Ethan.”

Há uma espera no ar. Pausa. O toque do meu braço some, mas o da mão se torna um aperto feroz.

É Ethan!

“Ela está melhorando. Seu cérebro está acordando aos poucos. Agora é questão de tempo para ela voltar para você.” A voz da mulher é calma, cheia de esperança e zelo.

Ela parece confortar meu marido e se eu conseguisse franziria a sobrancelha. *Ela não disse aquele negócio das máquinas?! Certo. Entendi errado. Ela está torcendo por mim, ou pelo Ethan. Não importa.*

“Tem certeza?” Ethan pergunta.

A esperança na voz dele me dá vontade de abraça-lo. Ah... que saudade de fazer isso.

“Certeza nunca temos, mas sei que é um bom sinal. Vou informar o médico e volto depois.”



TUDO GIRA COMO EM UM CARROSSEL.

Fico tonta.

Luzes.

Luzes coloridas e brilhantes.

Sons de vozes.

Risos tão felizes que me fazem sorrir.

Um latido me faz virar e encontro... Zeus, meu primeiro cachorro. Meu poodle.

Me agacho e afago seu pelo.

“Oi, amiguinho.”

Ele lambe minha mão. Me levanto e estou parada no lugar dentro de um carrossel, que não para de girar e girar. Ao redor vejo explosões de imagens e sorrio ao reconhecer cada uma delas.

Sou eu pequena com Cora e Will. Eles seguram minha bicicleta. Ela não consegue soltar meu banco e deixar eu andar sozinha. Will pede para ela ficar tranquila. Sorrio. Sou tão pequenina. William corre e pede para eu ir.

“Vem, princesa.”

Animada eu rio alto. Cora insegura me solta, mas está logo atrás de mim. Eu pedalo.

E paro nos braços de Will. Ele me abraça forte e ergue no ar sorrindo e falando comigo cheio de orgulho.

“Ah princesa do papai.”

Pai...

A imagem muda como um espiral de cores.

Meu nascimento. Cora tão nova. Pareço muito com ela.

Meu primeiro aninho. Eles estão felizes.

Meu primeiro cachorro. Vovó e vovô brincando comigo e Zeus.

Meu sequestro. Eu no escuro. Sozinha.

“Me tirem daqui.” Eu bato na porta.

Ah... nunca mais.

Meu resgate. Voltei para casa. Minha família.

Ken sorrindo comigo quando pisei no formigueiro e ele me jogou na piscina.

Meus dezesseis anos. Clara e eu sorrindo.

Amiga...

Minha formatura na escola. Quando tirei a carta de motorista. Minha quase tentativa de fazer uma tatuagem escondido e Clara dando apoio.

Meu primeiro carro.

Volta para quando sou criança. Brincando na rua. Cuidando dos cachorros perdidos.

Encontrando Zeus, o labrador. *Meu nadador.*

Estou na rua de casa e tem alguém no canto. A imagem vai se aproximando. Ele usa um boné dos Lakers. Está de braços cruzados sentado no capô do carro e ele observa as crianças de longe.

Ethan Brown. *Meu Ethan.*

O carrossel ganha uma velocidade que sou obrigada a segurar com força em um dos cavalos rosas e brilhantes.

E lá está.

Ethan me olhando na academia. Eu olhando para ele e desviando. E nosso primeiro “olá” formalmente.

Ethan esbarrando em mim no jardim.

Ethan correndo. Eu atropelando ele.

Ethan quase me beijando. *Fecho os olhos e lembro-me tão nitidamente.*

Ethan aparecendo na boate. Me olhando sobre a mesa. Me tirando dela. Levando para casa. Me beijando na cama.

Ethan me beijando todas as vezes. Me amando todas as vezes. Me abraçando.

“Eu te amo mesmo assim...” Seu primeiro eu te amo.

Meu primeiro eu te amo para ele.

“Você me ama?” Ele pergunta. Assinto sem voz e me agarro a ele.

Ethan me protegendo na academia.

Ethan me pedindo em casamento.

Ethan *casando...* comigo.

Ah... eu quero você.

Fecho os olhos.

Há um puxão.

Caio em pé. Estou em um lugar estranho. Olho para mim. Estou... *transparente. O quê?*

Escuto barulho de chuva. *Não.* É som de ducha, banho.

Sigo o som e vejo Ethan no box. Cabeça baixa, braços esticados e mãos na parede como não tivesse forças para se manter em pé. A água molha sua cabeça e escorre por seu corpo. Fico em choque e não me movo. Não até escutar um soluço. Ele está chorando. *Não, amor.*

“Você disse que nunca me deixaria.” Ele murmura e sua voz está tão afastada e a água não ajuda. *“Disse que viveria para sempre comigo.”*

E eu vou.

“Volta para mim. Não consigo sem você.”

Nem eu.

SINTO MEU CORPO PESADO, quente e estático demais. Minha cabeça parece vazia, mas sinto dor. Tonta. Sem equilíbrio.

Tento mexer minhas mãos. Levantar e trazer até meu rosto. Algo está machucando minha garganta. Me sufoca. Meu corpo quer expulsar. Dói.

Ai. Tira isso de mim.

Meus ombros se contraem. Consigo fazer isso. Contrair meu músculo, mas é bem suave. Faço de novo. Tento reconhecer o que é isso na garganta. Não sei. *Tira.*

Um barulho chega e perturba meus ouvidos. É alto.

“Victoria?” é Ethan. Eu reconheço sua voz. Nunca poderia esquecer essa voz.

Meu corpo quer levantar. *FORÇA.* Preciso conseguir alguma para me mexer e tirar isso de mim.

“Senhor, se afasta.”

“Não. De jeito nenhum.”

“Se acalme, Ethan.”

“Acalmar!?”

Ele está zangado.

“Eu estou calmo há meses. Faz alguma coisa e ajude ela. Ela quer respirar.”

“Eu sei. Tenha paciência.”

Ele resmunga. “Eu estou tendo, porra.”

“Ethan.” Essa voz. *Cora.*

Então várias vozes.

Vários toques.

“Fique calma, Victoria. Vou tirar o respirador.” A mulher fala comigo como se eu fosse um bebê.

E a ânsia de vomito chega junto com a pressão que sai da minha garganta. Arde e então vem o alívio. A pressão na minha garganta saiu. A dor se foi.

“Olá, Victoria. Sou o Dr. Nick.” Conheço essa voz. “Você pode apertar minha mão.” Pergunta e sinto uma pressão na minha mão direita.

Me concentro e aperto a mão dele.

“Ótimo. Agora você pode fazer um esforço e abrir seus olhos?”

Faço o que ele pede. Com muito esforço vou abrindo os olhos suavemente. *Muito claro.* Machuca. Fecho os olhos de volta, apertando-os.

“Eu sei. Eu sei, mas você precisa abri-los.”

Suavemente sinto meu reflexo de acenar com a cabeça que sim. Puxo o ar com força. Me arrependo, porque tudo se aperta dentro de mim, mas sou insistente. Me esforço e abro os olhos. A luz está mais fraca e consigo ver o rosto

estranho. Seus olhos estão me avaliando e sorrindo. Ele é bem novo e me olha com carinho. Ele sorri e aperta minha mão de novo.

“Você sabe quem você é? Pode dizer seu nome todo?”

Sim. Penso em responder, mas meus olhos seguem um movimento atrás do médico.

A felicidade explode dentro de mim ao enxergar Ethan.

Seus olhos me amam. Seu singelo sorriso diz tudo. Ele respira fundo e então está pertinho de mim, do outro lado da cama. Nossos olhos se fixam. Eu sei que não tenho forças, sinto a fraqueza, mas meu corpo ainda reconhece ele. Meu coração lembra perfeitamente como bater para suportar tanto amor.

Meus olhos ardem. Só ardem. Quando se chora de felicidade, as lágrimas vêm acompanhada de um sorriso. E meus olhos só transbordam uma única lágrima quando sorrio para o meu príncipe.

“Ethan... Ethan...” minha voz é um sussurro que mal reconheço.

Ethan suspira e inclina o corpo. Encosta a testa na minha.

Fecho os olhos.

Escuto ele murmurar bem baixinho: “Oi, meu anjo”, a voz falhando.

Ah que saudade dele. E nem sei porque. Só sei que sinto essa saudade no fundo da minha alma.

“Oi.” Consigo dizer.

Ele levanta a cabeça e pega gentilmente, tão gentilmente meu rosto que me sinto uma porcelana.

“Você acordou. Você voltou.” Então suas lágrimas deslizam por seu rosto.

Ele está tão barbado. Está diferente, mas é o meu príncipe. *Meu!* Assinto e quando vejo, minha mão está no seu rosto.

Ethan arfa emocionado e me abraça delicadamente, mas sua voz tem toda a urgência que seu corpo controla quando ele fala: “Voltou para mim. Você voltou para mim”.

Dez

Ethan

QUARTA-FEIRA, 21 DE JULHO DE 2014.



O CORAÇÃO DELA ESTÁ ACELERADO. E o meu acelera conforme vejo seu corpo se debater. As enfermeiras chegam, tentam conter o que Victoria está sentindo. Não sei o que fazer. Olho para ela e meu nervosismo cresce. Cora está no canto do quarto, vendo tudo acontecer com as mãos unidas. Deve estar rezando, porque é tudo que nós podemos fazer nesta hora.

Então vejo Victoria contrair o corpo todo como quisesse cuspir. Ela está engasgando, merda.

“Senhor, se afasta.”

“Não. De jeito nenhum.”

“Se acalme, Ethan.”

“Acalmar!?” *Porra.* Ela está de sacanagem comigo. “Eu estou calmo há meses. Faz alguma coisa e ajude ela. Ela quer respirar.”

“Eu sei. Tenha paciência.”

“Eu estou tendo, porra.”

“Ethan.” Cora está ao meu lado, segurando meu braço. “Fique calmo, querido. Eles vão ajudar ela.”

Assinto e tento apenas esperar eles fazerem o trabalho deles. Dr. Nick chega e afasta as enfermeiras. Ele fala com Victoria, pede para ela ficar calma e então pede para Kate tirar finalmente a merda do tubo.

E Victoria tem um impulso de vomitar, mas não faz. Vejo de trás do médico ela soltar um suspiro.

Está respirando sozinha. Está acordada.

“Olá, Victoria. Sou o Dr. Nick. Você pode apertar minha mão?”

Olho a mão dele segurar a dela e meu coração só volta a bater quando ela aperta suavemente a mão do médico e ele parece satisfeito.

“Ótimo. Agora você pode fazer um esforço e abrir seus olhos.”

Respiro fundo e espero ansioso ver seus olhos também. *Porra.* Eu quero pegá-la nos meus braços agora mesmo. Quando seus olhos tremem e suavemente abrem, fico feliz. Mas logo ela volta a fechá-los com dor.

Não querida. Abra esses olhos para mim.

“Eu sei. Eu sei.” O médico diz pacientemente. “Mas você precisa abri-los.”

Ela assente suavemente e respira fundo antes de tentar novamente abrir os olhos. E quando consegue, mantem eles cerrados por causa da luz. Tem muito tempo que ela não os abre. E tem muito tempo que meu coração não bate como agora.

“Você sabe quem você é? Pode dizer seu nome todo?”

Ela assente devagar novamente e é neste momento que seus olhos vagueiam pelo ambiente e encontram os meus.

O mundo parece parar de girar. Não consigo desviar os olhos e minha respiração fica presa na garganta. Minha *vida* voltou. Meu mundo voltou para mim. Nem acredito. Devo estar sonhando e por isso vou até ela para confirmar se está aqui comigo de novo. Para sempre minha.

Seus lábios se curvam em um sorriso fraco, suave e os olhos brilham e então escapa uma lágrima que me aquece por dentro.

Obrigado.

“Ethan. Ethan...” a voz dela está fraca, mas eu amo.

Me abaixo, colocando as mãos em seus ombros e encosto minha testa na dela. Fecho os olhos e digo baixinho:

“Oi, meu anjo.” *É uma prece.*

“Oi.” Ela repete.

Estou tremendo, mas me controlo quando ergo meu rosto. Olho dentro dos seus incríveis e lindos olhos verdes e pego com todo amor que tenho seu rosto entre minhas mãos.

“Você acordou. Você voltou.” Digo e meus olhos embaçam e deixo as lágrimas escorrem livres.

Ela assente bem lentamente e vejo em câmera lenta sua mão se aproximar do meu rosto. Fecho os olhos quando ela me toca. *Estou vivo de novo.*

Não me controlo e volto a abraçá-la como posso, e digo com tudo de mim. Por todo esse tempo que pensei que a tinha perdido para sempre. *Mas eu não perdi. Ela está aqui.*

“Voltou para mim. Você voltou para mim.” Completo meus pensamentos falando baixinho no seu ouvido. “Eu te amo, meu anjo.”

Sinto seu suspiro, sua mão afagar lentamente meus cabelos e seu sussurro, quase inaudível.

“Eu amo você.”



ESCUTO ATRÁS DE MIM ALGUÉM PIGARREAR e é só neste instante que percebo que não estou sozinho com ela, mas por alguns longos segundos senti como se o mundo tivesse parado de girar e só nós dois existíssemos.

Relutante, ergo meu corpo, me afastando um pouco dela.

“Eu sinto muito, mas preciso examinar ela.” Nick fala.

Assinto e ao me afastar para dar espaço para o médico chegar até ela, vejo os olhos de Victoria se arregalarem. Suas mãos agarram – não com muita força – minha camisa.

Sorrio para ela e seguro sua mão com delicadeza antes de dizer perto do seu rosto.

“Eu não vou sair daqui. Só vou dar espaço para o médico cuidar de você.” Seus olhos não relaxam e sua mão não solta a minha agora. Me inclino e rapidamente beijo sua testa, e aproximo minha boca do seu ouvido. “Nós vamos ter muito tempo para ficarmos juntos, meu amor. Agora deixa o médico cuidar de você.” Murmuro e me afasto para olhar seus olhos. “Vai ser rapidinho.”

Victoria engole em seco e assente daquele jeito suave. Ela está fraca e se eu pudesse dava o resto de forças que tenho para ela.

Aprumo minha postura e fico ao lado da cama. Minha mão está no seu ombro para ela me sentir aqui.

“Como Ethan disse, vai ser rápido.” Nick fala pacientemente ao se aproximar.

Ela assente e inspira com força, e solta lentamente, mas percebo que contorce o rosto. E Dr. Nick nota também isso.

Com calma ele começa a fazer os exames de reflexo com a pequena lanterna e enquanto isso faz perguntas.

“Você pode dizer seu nome agora?”

Ela suspira e assente antes de responder com sua voz baixinha.

“Victoria.”

“Seu nome todo?” O médico completa com humor e se afasta. Levanta sua blusa um pouco e coloca o estetoscópio no seu peito. “Respira o mais forte que consegue.”

Ela faz e responde ele quando solta a respiração:

“Victoria Rose” ela faz uma pausa para engolir, “Wayne Colton.”

Meus olhos desviam-se dela para o médico, que levanta a cabeça e encontra meu olhar. Ele sabe muito bem que ela é casada, e comigo. Tem a ficha dela praticamente de cabeça, e sabe que o nome dela não é só isso.

Meus olhos encontram rapidamente Cora parada no final da cama. Está de cabeça baixa e a mão na boca se controlando para não chorar.

Volto-me para o médico, que me direciona um olhar neutro e deixando claro seu pedido para eu ficar calmo, e volta a dar atenção a ela.

“Certo, Victoria. Você pode agora me dizer quantos anos tem?”

“Dezenove.” Responde calmamente.

Essa está até certa. Quando entrou em coma ela tinha dezenove. *Ela quase morreu um mês antes de completar vinte anos, não é.* Digo para o meu eu magoado.

“Tudo bem.” Nick diz e parece ter terminado de examiná-la. Se afasta e coloca as mãos nos bolsos. “Em que ano você está?”

“Dois mil e quatorze.”

Certa, de novo.

“Okay. E agora pode me dizer sua última lembrança?”

Meus olhos voltam para minha esposa e parece que ela sente, pois vira o rosto para mim. Seus olhos ficam distantes, perdidos, então um calafrio passa por seu corpo e sua mão levanta. Rapidamente fico ao lado dela na cama, me sentando na beirada e pego sua mão com força.

“Estou aqui, amor.” Tento tranquilizá-la.

“Nós estávamos... na academia”, faz uma pausa e seus olhos ficam marejados “e tinha um homem.” Logo sua respiração fica agitada e sou obrigado a contê-la, abraçando. “Ele me pegou.”

“Não, querida. Ele não pegou. Você está aqui. Está bem aqui.”

Ela choraminga e acaba me abraçando, e pela primeira vez em quase quatro meses de coma, fecho os olhos. Meu mundo voltou, com uma leve perda de memória, mas eu não posso não estar feliz. *Ela lembra de mim. Lembra que se apaixonou por mim. Que me ama.*

Sou obrigado a me afastar quando o médico toca meu ombro e fala que precisa levar ela.

“Por quê? Eu não sinto nada.” Victoria diz, ainda emocionada, mas sinto em sua voz que tem algo.

“É só o protocolo. E novamente, não vai demorar.” O médico diz com toda a paciência que me falta.

Então com relutância, Victoria solta minha mão e assim as enfermeiras vão preparando-a para sair do quarto.

Logo estamos no corredor e observo a enfermeira Kate falar com ela. Victoria até rir baixinho, mas fico mais interessado com o Dr. Nick se aproximando de Cora e de mim.

“Você pode explicar pra gente o que está acontecendo?” Cora pergunta nervosa.

Olho seu semblante e pego sua mão, dando apoio.

“Vamos fazer uma ressonância para ver se está tudo bem com seu sistema nervoso. Se todos os reflexos estão ativos e claro que vamos ver se o seu lobo temporal sofreu algum nado sério.”

“Porque ela não lembra dos últimos dois meses antes do coma.”

“Sim e como eu já tinha dito anteriormente. Todas as pessoas que ficam em coma por muito tempo, podem não se lembrar de algumas coisas. Às vezes elas esquecem algo de anos atrás ou... de pouco tempo, como Victoria não lembra desses dois meses.”

“Mas ela pode lembrar, não é?” Cora pergunta cheia de esperanças.

Nick respira fundo e parece demorar uma eternidade antes de se pronunciar.

Porra. Ele me irrita com isso e por um longo tempo o fato dele ter quase a minha idade, me deu a impressão de que não era o suficiente para cuidar de Victoria. Mas, tive que dar o braço a torcer. Ele ressuscitou ela mais de quatro vezes, e ela acordou afinal de contas. E apesar de os outros médicos desenganarem sua recuperação, ele nunca desistiu dela.

“Eu não quero dar falsas esperanças –”

“Eu sei.” Minha sogra corta ele. “Você nunca fez isso.”

Ele assente fazendo uma cara de lamentação e vejo sua mão mexer dentro do bolso.

Merda. Ele só fez isso quando está desconfortável.

“Fala logo, Nick.” Perco a paciência.

“Está bem.” Ele diz exasperado e intercala entre olhar para mim e Cora. “Victoria pode não se lembrar de muita coisa que aconteceu nesses últimos meses. Talvez nunca recupere essas memórias e se eu me lembro bem, nosso objetivo quando ela chegou era justamente tirar qualquer tipo de trauma que sofreu no cativeiro. Nosso trabalho era manter ela tranquila para sua recuperação. E sim, nós não sabíamos e nem poderíamos adivinhar que levaria tanto tempo para ela acordar do coma, mas aconteceu. Agora minha preocupação é saber se ela realmente está bem. Se tem reflexos, se sente todos os seus membros, se escuta perfeitamente, se tem equilíbrio e se não sente nenhuma dor, principalmente de cabeça. Foram quase cinco meses e só o fato de ela acordar falando e reconhecendo vocês logo que os viram, é um milagre. Vocês precisam ter isto em mente. Ela é um milagre.”

Assinto e sinto o bolo na minha garganta. Os ombros de Cora retraem e passo meu braço sobre eles, confortando-a.

“Nós sabemos disso, porém...” olho para as costas da cama dela, respiro fundo e volto a encarar o médico. “Esses dois meses aconteceram muita coisa. Ela descobriu muita coisa e se...” É muito difícil até de imaginar ter que falar tudo isso para ela de uma vez.

“Você não precisa contar de uma vez, Ethan.” Nick fala como lesse meus pensamentos. “E eu recomendo esperar. Normalmente, os pacientes recuperam algumas memórias com o tempo. Sonhos geralmente são lembranças. Por tanto é muito *bom*” ele enfatiza “que ela nunca esteja sozinha, pois pode acontecer de

sonhar com algo que já passou e irá precisar de vocês.”

“Não passou na minha cabeça deixá-la sozinha.”

“Eu sei.” Ele afirma cheio de certeza e olha para as enfermeiras. Quando volta para nós, abre seu sorriso de médico e nos dá um aceno de cabeça. “Agora preciso ir. Esperem aqui que não vamos demorar.”

Assinto e o vejo levar ela embora mais uma vez.

“Ethan...” Cora murmura quando estamos à sós.

Vou para sua frente e seguro suas mãos, esperando suas palavras.

“Ela vai ficar bem, Cora.” Falo baixo.

“Eu sei. Ela já está. Sinto isso.” Assente, olhando para um ponto seco em minha camisa. “Mas ela não sabe.”

“Vamos torcer para ela lembrar.” Tento ser o mais gentil. “Eu também preciso que ela lembre... nem que seja algumas coisas desses meses.”

Ela assente e finalmente me encara. “Pelo menos ela não se lembra do bebê agora.”

Meus ombros caem e sou eu que me sinto sem chão. Eu tinha esquecido desse *enorme* detalhe.

Victoria soube da gravidez depois do que aconteceu na academia, que aliás, foi por causa do que aconteceu que ela parou no médico.

“É”, afirmo e vou me sentar em uma das cadeiras de espera do corredor porque perdi as forças das minhas pernas. *Merda!*

Logo Cora está ao meu lado, dizendo baixinho:

“Eu vou estar com você, Ethan. Lembre-se disso.”

Assinto focando na maçaneta do quarto que passei tanto tempo.

“Talvez eu não queira que ela se lembre de nada.” Acabo dizendo em voz alta o que sinto e está rondando meus pensamentos mais profundos. “Que ela lembre que brigou comigo e nós ficamos separados. Que teve aquele problema do avião. Que vocês são os pais dela, que fugimos para Aspen. Que casamos...” minha garganta fica seca e fecho os punhos com raiva. “Que escutamos o coração do nosso bebê pela primeira vez, e logo ela recebeu aquela merda de telefonema. Que Maya morreu e então...” Levanto, me afasto um pouco. “E então a levaram de mim. Sinceramente, Cora” viro-me e encaro minha sogra, “se eu pudesse apagar todas essas lembranças de mim também, eu faria. E eu sei que você está sofrendo. Você é a mãe dela e foi um momento terrível quando ela descobriu a verdade.”

Cora assente e limpa o rosto. Odeio fazer ela sofrer assim, mas ela precisa entender. Me aproximo, volto a me sentar ao seu lado e pego sua mão.

“Se tivesse como fazer ela lembrar só dos momentos bons e de como ela ama vocês incondicionalmente e que pouco importou para ela no final esse

segredo. Eu juro que eu faria, mas agora me vejo no dilema de pedir a Deus que ela lembre de tudo que passou ou não.”

“Eu sei, Ethan.” Diz assentindo e me encara. “Você só quer o bem dela.”

“Sim, eu só quero o bem dela e sei que no momento que ela realmente despertar e lembrar de tudo que passamos, vai desmoronar. Quando ela souber o tempo que ficou dormindo. Quando souber que nós ficamos aqui apenas esperando ela e...”

“Sofremos.” Completa e solta um soluço contido. “Ela nunca gostou de fazer ninguém sofrer.”

Concordo acenando com a cabeça.

“E ela não vai gostar de saber que durante esses dias nós só vivemos para ela. Que você” toca meu rosto com carinho e completa deixando uma lágrima escorrer “deixou tudo por ela. Que morou neste hospital e mal comeu e dormiu. Que estava aqui esperando arduamente o seu destino ser designado por ela. Porque eu sei que se minha filha não voltasse.” Ela aperta os lábios em lamentação e me abraça. “Você não viveria mais.”

Fico estático nos braços de Cora e absorvo suas palavras.

É a mais pura verdade e Victoria ficaria decepcionada comigo se soubesse. Ela iria brigar comigo e mandar eu viver. Com ou sem ela. Mas isso é impossível e não tenho vergonha de admitir e no fundo, ela sabe disso.

Uma vez ela disse; *eu sou sua e você é meu.*

É. Eu sou dela profundamente. Então, se ela não existe. Não sou de ninguém. Não existo também.



QUINTA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 2014.

É QUASE DUAS DA MANHÃ E é impressionante como não estou com sono, sendo que passei a quarta-feira inteira acordado. Victoria começou a despertar era pouco mais das duas da tarde e logo foi fazer os exames, que se prolongou quase até as oito da noite.

Ao voltar para o quarto, ela estava cansada e quando deram seus remédios, acabou pegando nosso.

Victoria passou umas seis horas fazendo todos os tipos de exames. Parece que tiveram que refazer alguns dos exames porque ela se agitou com alguma coisa. No entanto, Nick disse que tudo ocorreu perfeitamente e que ela apenas se queixou em um dos momentos de dor de cabeça, que ele disse ser normal para os

primeiros dias pós-coma.

Agora estou fazendo minha tarefa diária dos últimos tempos. Velando seu sono e recusando a dormir. Primeiro que não estou com tanto sono assim e segundo que preciso cuidar para que ela fique bem se precisar de mim.

Cora foi para casa com Will, quando o horário de visita acabou. Ele veio ver a filha. Deu até pena por ele não conseguir pegá-la acordada. Aliás, todos da família vieram vê-la, mas não a encontraram no quarto ou acordada.

“Não. Não.” De repente Victoria começa a falar e se debater.

Levanto da poltrona às pressas e sento na beira da sua cama. Ela está tendo um sonho como o médico tinha previsto.

Pego uma de suas mãos e afago seu rosto com minha outra mão. Seu corpo está quente, trêmulo. Ela luta contra algo em seu sonho. Minha vontade é acordá-la neste instante, mas as ordens são para não acordar ela durante o sono.

Uma psicóloga falou comigo e Cora hoje, e segunda a terapeuta, por enquanto Victoria ficará muito atordoada, confusa e com medo. O que acontece com qualquer um que fique tanto tempo em coma, e o fato também de ela não se lembrar de alguns acontecimentos, pode levar a surtos e crises de ansiedade. Por isso, a médica pediu para não acordar ela de jeito nenhum caso ela esteja sonhando, pois assim como Nick tinha falado, ela pode estar revivendo alguma das suas memórias esquecidas e será preciso todo apoio – principalmente da minha parte – para tranquilizá-la e ajudá-la a entender o que é ou não é real.

Balanço a cabeça, exasperado e rezando para o que quer que seja, ela fique bem depois. Que eu consiga deixá-la bem. Seguro suas mãos, que apertam com força o lençol da cama.

O que será que ela está vivendo?

Se ela parece assustada, imagina eu que sei que qualquer uma de suas lembranças podem ser os dias aterrorizantes do cativeiro. Isso pode deixá-la na beira dão abismo. São tantos segredos. Tantos momentos ruins, que são capazes de apagar os bons desses dois meses.

“Shuu... Eu estou aqui, amor.” Beijo sua testa e acaricio seu rosto.

Minha nossa. Ela está suando.

Tento acalmá-la, tirando o lençol de suas mãos e as seguro com uma das minhas, enquanto a outra, afago seu braço. Falo com ela baixinho, dizendo que vai ficar tudo bem. E depois de algum tempo, ela fica calma, relaxada e até leva minha mão para perto do seu coração.

Victoria suspira, tranquila e me surpreende com um sorriso deitando a cabeça um pouco para o lado onde estou.

Ela é tão linda.

“Jake.” Ela sussurra.

Franzo a testa e me aproximo mais. Acho que entendi errado. *Quem é Jake?* “Amor?” Chamo, para ver se ela está acordada. “Victoria?”

Mas ela não responde, apenas solta mais um suspiro e parece ter entrando em um sono profundo.

Beijo seu rosto e meu coração está totalmente tranquilo por conta disso. Sei que ela está bem e não vai se afastar de mim de novo. Porque foi assim que me senti o tempo todo enquanto ela estava em coma. Como estivéssemos afastados um do outro.



LEVANTO AGITADO DA POLTRONA. Passo as mãos no rosto, soltando a respiração pesada. Não sei o que me fez acordar assim. Acho que tive um pesadelo, mas não lembro. Respirando profundamente vou até a cama.

Victoria ainda está dormindo. Tranquila e serena. *Ótimo.* Aliviado, vou ao banheiro fazer minhas necessidades e lavar o rosto, aproveito e escovo os dentes porque ninguém é obrigado a sentir mais meu bafo de sono. Foram poucas vezes que me cuidei nesses dias e por pura insistência de Cora e minha mãe, não estou pior.

Volto para o quarto quando termino. Olho Victoria mais uma vez, conferindo, e ela ainda dorme. Okay. Não vou ficar ansioso.

Vou até a janela e percebo que o céu está um azul acinzentado. Chego até a mesa que fica no canto do quarto, perto das janelas e pego meu celular. 05:18 da manhã.

Pegando minha carteira, coloco no bolso vazio e no outro guarda meu celular. Me aproximo de Victoria e sento na cama, me encaixando do seu lado e deixo meu braço sobre seu travesseiro em arco, e acaricio seu ombro do outro lado. Vou esperar ela acordar ou uma das enfermeiras chegarem para eu poder comprar um café forte para mim.

Pego o controle remoto da TV, e ligo. O canal de desenhos explode na tela e sorrio. A última vez que alguém ligou essa televisão foi meu irmão para entreter Hannah enquanto estava do lado de Victoria assistindo desenho. Ela conversava com a tia e mexia na sua mão. Fiquei comovido com minha sobrinha e acabei tirando uma foto delas juntas.

Me ajeito na cama, me aconchegando e deixo no desenho mesmo.

Uns minutos depois, meus olhos lutam para ficarem abertos. Minha cabeça pende para a frente, minha frequência respiratória lenta e por fim deixo meus olhos fecharem.

Me sinto em paz e o sono é reconfortante e sei que é porque estou dormindo ao lado dela. E meus pensamentos vagueiam e se amontoam.

Sinto falta disso. Sinto falta de abraçar ela enquanto durmo. Nenhum cobertor me aquece melhor que seu corpo.

Sinto uma cócega no rosto e sacudo o rosto vagarosamente para parar. Mas a cócega continua e levanto a mão para tirar isto do meu rosto. E me deparo com uma mão no meu rosto, que agarro. Meus olhos se abrem e dou de cara com Victoria sorrindo suavemente para mim.

“Oi” ela sussurra.

Nossa, eu estou *de-i-ta-do* ao lado dela. Meu corpo simplesmente acabou escorregando e se acomodando ao seu lado. Eu estou de lado, quase abraçando seu corpo, minha cabeça no seu travesseiro e tenho certeza que o corpo dela está sendo imprensado no braço da cama, onde fica o controle da cama.

Me agito, irritado e tento levantar, mas Victoria me segura pelo antebraço.

“Fica aqui.”

“Não, amor. Você está apertada. Não cabe nós dois aqui.”

Ela sorri e desliza sua mão do meu braço até meu rosto. “Cabe sim.” Balbucia bem baixinho e passa os dedos na minha barba.

Assim ela me desmonta. Há muito tempo o que eu mais queria era justamente sentir seu carinho e se eu recusar agora, eu mesmo vou dar um chute na minha bunda depois.

Sorrio e espelho seu gesto, afagando seu rosto, mas deixo minha mão deslizar para o seu braço. Ela suspira e sorri, porém, seus olhos estão vagos, olhando minha barba, meus cabelos, minha garganta, meus ombros. Depois ao passar as mãos nos meus braços de novo, ela olha bem para eles. Ela está me verificando todo. Quando seus olhos voltam a encontrar os meus, seu rosto está neutro.

Seria de muita ajuda agora poderes telepáticos para eu poder ler seus pensamentos.

“O que foi?” Digo baixinho.

Ela suspira e coloca a mão na minha barba de novo, afagando lentamente e curvando suavemente seus lábios, fixa os olhos meus e diz com a testa franzida. Mudando totalmente a expressão de contentamento, para confusa. Ela está bem distante.

“Quem é Colen?”

Isso me surpreende e franzo a testa também.

“É um amigo meu.”

Por que ela lembrou dele? O quê?

Ela continua com a testa franzida, transparecendo sua confusão e sou obrigado a explicar rápida e resumidamente quem é ele.

“Por que precisamos dele?” Ela pergunta.

Inferno. Eu não quero que ela leve seus pensamentos para isso. Colen só surgiu em nosso caminho e ficou tanto tempo, porque eu queria um reforço depois do que aconteceu com o avião. Se ela começar a levar suas memórias para ele, naturalmente pode lembrar não apenas do avião, mas da máfia, da nossa briga, do bebê e do seus pais. Porra. Tudo de uma vez não.

“Primeiro me conta o porquê de você falar sobre ele.”

Ela engole em seco e desvia o olhar, parece resgatar uma lembrança.

“Ele estava no meu sonho. Estávamos em um carro em alta velocidade e” balança a cabeça, e me olha. “Eu não lembro direito, só sei que depois estava nos braços dele. Tinha uma escada, alguma coisa assim. Acho que cai e ele me pegou.” Franze a testa e ergue os ombros de leve.

Putá que o pariu. Eu tinha esquecido que ela foi perseguida quando Colen levou ela para o hospital, para ver se ela estava bem depois que o imbecil do Jorge a derrubou na escada da casa dos Colton. Ótimo. Ela tinha que lembrar logo isso.

Balanço a cabeça e a voz dela quando brigamos, grita dentro de minha cabeça: *Você prometeu não mentir mais para mim.* E nosso juramento: *Sem mentiras, sem segredos.*

Não sei o que fazer agora e ela está me olhando com expectativa. Quando penso em responder, ela me surpreende de novo fazendo outra pergunta:

“Raul. Tem esse nome também.” Balança a cabeça e seu rosto todo se contorce de agonia. Os olhos ficam marejados. “Ele me pegou. Na moto, Ethan.” Pausa, respirando fundo e em suas sobrancelhas formam o V de preocupação. “Tinha um monte de pessoas. Um shopping e eu sai do carro e corri até ele. E... ele me levou para casa.”

Engulo em seco e afago seu rosto.

“Eu queria dizer que foi um sonho.” Murmuro com o coração na mão, e ainda mais quando ela parece se lembrar de outra coisa e agarra minha camisa. “Mas você está bem agora.”

Seus lábios tremem lentamente e ela me encara. Meu coração se aperta dentro do peito. Sem esperar por seu choro, puxo ela com delicadeza para os meus braços e a protejo de tudo que eu posso e não posso. Eu nunca pude lutar contra as lembranças. Nem antes e nem depois.

“Mas eu quero que você saiba, que eu estou aqui. Que agora tudo acabou, Victoria. Estamos livres. E eu vou lutar o resto da minha vida por você. Para que você tenha uma vida digna só de bons sonhos. De boas recordações.” Aperto meus braços nela. “Todas essas lembranças serão apagadas por todas as felizes que iremos construir. Só fique comigo. Acredite em mim. Con –”

“Eu confio em você.” Ela termina a frase que eu mal comecei.

Fecho os olhos e deito minha cabeça na dela. É tão bom ter ela nos meus braços de novo.

“Ethan...” sua voz está triste.

“Sim?” digo e espero.

E continuo esperando depois do que parecer ter levado mais de cinco minutos.

“Neve. Nós estávamos em um lugar bonito e frio, bem bonito e...” se afasta e me encara bem de perto. “Sorriamos, estávamos felizes e... depois tinha o som.” Franze a testa. “O som de um coração batendo.”

Cerro a mandíbula e meus olhos ficam turvos. Fecho os olhos e peço:

“Victoria... não.”

Mas ela não para.

“Tinha um bebê. Nós... nós íamos ter um bebê e eu o vi.”

Abro os olhos e vejo os dela sorriem em meio as lágrimas. “Como assim?”

“E o vi no meu sonho. Ele era como você. Lindo!” Afirma e então “Jake” esse *nome* de novo.

“Jake?” Repito com a garganta seca.

“É.” Ela deixa escapar cheia de carinho, as lágrimas escorrendo e me olhando com todo amor que eu sei que nunca vou merecer. “Eu... eu estou confusa, mas... De alguma forma esse nome não é estranho e... e eu lembro desse sonho.”

“Eu também lembro de você ter me contato. Na praia.”

“Não.”

“Não?”

“Não, foi num lugar bem bonito.” Funga e sorri para mim. “Era feito um jardim. Eu não sei.” Suspira, fazendo uma pausa e então seus olhos me olham cheios de afeto. “Você está tão diferente.”

Assinto e ela não tem ideia da imensidão que se aprofundo dentro de mim. Não mudei apenas fisicamente.

Ela fica em silêncio olhando para minha barba e cerrando a mandíbula, ergue os olhos para os meus.

“Eu não sei explicar, Ethan. Mas eu sinto uma saudade de você tão grande —” sua voz trava.

Encosto a testa na dela. “Eu estou aqui. Sempre estive aqui.”

Ela funga, acaricia meu rosto e beija meu nariz de leve. Fecho os olhos e sinto o acúmulo de lágrimas sob minhas pálpebras.

“Não foi sonho, não é. Nada disso.”

Nego com a cabeça.

Uma longa pausa.

“Foi tudo real.” Digo.

Sinto ela assentir e enfiar os dedos em meus cabelos.

“E ele?”

Ah não.

“Nós perdemos.” Sussurro por força maior.

Um soluço lá do fundo dela se solta e me atinge no meio do peito. Trago-a mais para os meus braços e nino. Esse foi o momento que eu mais temia e ele chegou tão rápido.

Ela chora agarrada a minha camisa como fosse sua ancora para não afundar. Diz que foi culpa dela. Pede desculpa. Perdão. Pragueja aqueles desgraçados. E as únicas palavras que saem da minha boca é o quanto eu a amo.

“Eu te amo demais. Eu vou concertar tudo. Nós temos um ao outro ainda.” Falo no seu ouvido, ainda escutando ela chorar.

“Eles venceram. Eles venceram.”

“Não venceram não, amor.” Nos afasto e pego seu rosto entre minhas mãos. “Olha para mim e entenda. Eles não venceram. Eu ainda tenho você e nós vamos fazer quantas bebês conseguirmos. Não pense assim.”

Ela solta um suspiro tremulo e tenta prender o choro. Mexido com sua dor, dou um beijo na sua testa e murmuro:

“Eu também fiquei assim, Victoria, mas eu ainda tinha você e foi e é por isso que continuei acreditando. Continuei aqui, esperando por você.”

“É... você também o perdeu.”

“Sim, mas não perdi você, meu anjo.”

Ela assente e segura meus punhos com minhas mãos ainda em seu rosto.

“Quanto tempo?” Sussurra muito baixo. “Por quanto tempo, Ethan?”

Um tremor passa por meu corpo e com toda minha força, mantenho a compostura para não desmoronar.

“Quatro meses e dez dias.” Minha voz sai rouca, rasgada. Falho ao tentar mostrar que eu estou bem, ou fiquei bem.

Os olhos dela se arregalam, as mãos seguram com mais força meus punhos e com um rompante, suas lágrimas voltam e ela me abraça. E eu a abraço com tudo de mim.

“Lembra na vez que você me agradeceu por voltar para Los Angeles?” Digo no seu ouvido depois de um tempinho, afagando suas costas enquanto ela chora baixinho.

“U-hum”, responde.

“Eu agora não tenho como medir a importância de você ter voltado para mim. Obrigado, amor. Obrigado por voltar para minha vida, por voltar para mim. Você é meu mundo. Eu te amo demais.”

Sinto-a assentir e seus braços tentam nos aproximar mais, me apertar. No entanto, falta-lhe forças, então eu faço essa tarefa e ficamos bem pertinho. Agarrados um no outro até que nossa emoção nos leva para um sono profundo e pesado. Por enquanto a única coisa que quero é saber que estamos bem e que estamos juntos. Depois vou pensar em todo o processo que teremos que fazer para resgatar tudo que perdemos e espero que ela não se lembre de mais nada.

Onze

Victoria

QUINTA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 2014.



TÃO SUAVE QUANTO UM DESPERTAR PODE SER, acordo de um sono tranquilo e sem sonho. Talvez era para eu me sentir estranha, ou vazia, mas a verdade é que me sinto leve. Por anos quis ter um sono assim e foram raras as vezes e sinceramente, depois do último sonho – ou melhor pesadelo – não quero ter nenhum por enquanto. Afinal são lembranças e elas não estão nada legais.

Gradativamente, vou ganhando consciência e me adaptando ao ambiente, aos sons, aos cheiros... porém... parece que tudo está girando. Minha cabeça está rodando e me sinto sem equilíbrio, mas eu sei que estou deitada na cama. No entanto, acho que meu cérebro não está registrando isso.

Quando forço minha estabilidade, minha cabeça dói muito e abro os olhos sentindo minhas pálpebras tão pesadas que preciso piscar várias vezes para me acostumar com o peso. A claridade também machuca meus olhos e piora a dor na minha cabeça.

Estou sentindo isso desde que acordei e passei o exame todo reclamando das luzes da sala e do som da máquina de ressonância.

Fecho os olhos novamente e uma vontade de bocejar brota lá do fundo do meu ser. Deixo o ar ser puxado e solto abrindo bem a boca e esticando meus braços levemente para os lados. Isso parece ter trago algum alívio no geral. Cabeça, equilíbrio, minha barriga que dói também, porque estou com fome. Tanta fome que sinto a boca do meu estômago oca. *Minha nossa.*

Quando volto a abrir os olhos e viro o rosto para o lado, dou de cara com Lauren. Ela está sorrindo para mim com aquele ar terno de mãe e os olhos preocupados.

“Oi.” Digo envergonhada.

“Bom dia, querida.”

“Bom dia.” Replico. Meus olhos vagueiam pelo ambiente e então noto que acordei sozinha. “Cadê o Ethan?”

“Está tomando banho. Ele já volta.”

Assinto e resmungo um sim.

Lauren se aproxima e senta na beira da cama, e pega a minha mão que não tem nada ligado nela.

“Você está se sentindo bem? Quer alguma coisa?”

Penso em mentir, porém digo a verdade.

“Minha cabeça está doendo.”

“É normal você se sentir assim depois de tudo que passou e com certeza a enfermeira logo estará aqui trazendo seus remédios.”

Remédios. Agora eu sou uma dependente de um coquetel de comprimidos e analgésicos intermináveis.

Ergo sutilmente as sobrancelhas e tento sorrir. Lauren faz um gesto com a cabeça e abre um sorriso compreensível.

“Como está essa dor? Você já falou com o médico?”

“Já falei sim e eu não sei como é, só sei que dói.”

“Se você disser exatamente o que sente, o médico poderá ajudar a passar a dor.”

Assinto e desvio o olhar. “Eu sei, mas... a única coisa que posso dizer é que a dor é forte na parte frontal e hoje acordei tonta. Não sei se foi por causa da dor na cabeça.”

“Eu entendo e com certeza o Dr. Nick irá resolver isso.” Ela acaricia suavemente minha mão e seus olhos ficam meigos. “Ethan já sabe disso?”

“Sobre a dor de cabeça? Não. Por que?” *Eu não quero preocupar ele.*

“É importante ele saber. Ele é seu marido e vivi com —”

“Marido?” Pergunto um pouco exaltada.

Como assim? Desde quando?

Lauren congela e sorri sem graça quando se toca que eu não lembro de algumas coisas. Eu tenho vários fragmentos de memória, mas não me lembro de ter casado.

Eu casei com Ethan? Franzo a testa e não sei como reagir.

“Ah, meu Deus, eu esqueci...” Ela se desculpa, mas para e franze a testa com a expressão estranha. “Espera. Ethan não contou para você?”

“Não.”

“Hun... eu achei que ele ia contar, mas é até natural. Não é para nós falarmos de nada por enquanto. Você está se recuperando. Me desculpe e não conte para ele. Provavelmente ele vai ficar zangado.”

Assinto e fito seu rosto que parece estar tristonho, e minha reação é me encolher. Não sei o que fazer e nem porque ela me olha assim. Talvez seja porque eu fiquei tanto tempo dormindo, ou porque perdi o bebê ou porque visivelmente o filho dela estava definhando por minha causa.

Não me sinto vazia apenas porque não sonhei essa noite, estou diferentemente. Não sei o que fazer com essas novidades. Parece que estou vivendo a vida de outra pessoa.

Os sonhos tão esclarecedores e um tanto atormentadores, me colocou em uma situação que não sei como reagir. Não sei se devo chorar por ter quase morrido, por ter perdido meu bebê – que lá no fundo do meu coração sinto um amor por ele – e não sei se devo ficar desesperada por ter perdido uma boa parte das minhas lembranças.

Isso é o que mais me preocupa. Tem algo que está me incomodando e eu não sei nem pôr em palavras. É confuso demais e nem sei como posso imaginar isso. No entanto essa ideia está martelando e rondando meu inconsciente e quer forçar a barra desse esquecimento que tomou conta da minha mente.

Essa ideia, ou lembrança, não sei o que é, quer ser esclarecida, mas não sei pôr em palavras o que é, só sei que tem a ver com Cora e Will.

Tenho certeza de que estou fazendo uma cara de preocupação e franzido com força o cenho. Os olhos de Lauren me analisam preocupados.

“Você está sentindo alguma coisa, querida? Está passando mal?” Ela prontamente se levanta da cama e toma a postura de médica.

“Não”, respondo baixinho e umedeço meus lábios secos, sinto-os levemente rachados. “Lauren...”

“Sim, querida. Pode falar.”

Respiro fundo e me esforço a formar palavras que sejam compreensíveis. Tento formar a frase certa para essa dúvida que está me torturando.

“Pode falar, Victoria. Eu estou aqui para lhe ajudar também.” Ela pega minha mão e segura com carinho voltando a se sentar na beira da cama. “Diga.”

“Eu não sei como explicar...” Desvio a atenção dos seus olhos bondosos e fito o tento. “Só sei que tem algo me incomodando.”

“Sobre o que? Você teve algum sonho, foi isso?!”

Balanço a cabeça e fecho os olhos. *Isso é loucura.*

“Se você não me disser, não tem como eu ajudar.”

Eu a encaro. “Tem uma coisa na minha cabeça, que eu não consigo ignorar. Não consigo esquecer, mas não sei explicar e mesmo assim é confuso.”

Lauren ergue as sobrancelhas e aperta minha mão, “Apenas tente” e diz.

“Bem, tem a ver com meus... Não sei mesmo como explicar, mas ao mesmo tempo que na minha cabeça a palavra pais vem...” meu coração acelera ao mesmo tempo que fico emocionada, “o nome da Cora e do Will vem também.” Termina e sinto a lágrima escorrer ao lado do meu rosto. “Eu estou tão confusa.”

“Minha querida”, ela sussurra e limpa meu rosto com carinho “não fique assim. Vai ficar tudo bem.”

Assinto e quando penso em pedir para ela dizer algo sobre o assunto, vejo uma sombra atrás dela.

Meu coração para de bater ansioso.

Olho para ele todo, dos pés à cabeça. Sapato preto, calça jeans e o suéter preto. Mas quando meus olhos encontram seu rosto, meu coração esmorece. *Ele ainda está barbudo*. Não sei porque tenho essa reação, porém fico um pouco decepcionada.

O que eu esperava? Que ele saísse do banheiro igual ao homem que eu vi pela última vez. *Claro que não*.

Para mim a sensação é que foi ontem que o vi. Para ele foram cinco meses. *Nossa*. Minha garganta se aperta com a sensação das lágrimas, principalmente quando o pensamento de ele ainda estar aqui, me domina de uma forma maravilhosa. O amor dele.

Ethan franze a testa, tomba levemente a cabeça para o lado e cerra os olhos intrigado. Ajeita o suéter que está vestindo e se aproxima com poucos passos.

Lauren se afasta, dando espaço e ele chega até a mim, inclina-se e beija gentilmente minha testa. Fecho os olhos e respiro fundo, e é inevitável eu procurar seu cheiro. Qualquer lembrança de que esse homem tão diferente na minha frente, ainda é o meu Ethan.

Ao se afastar, ele senta na cama, pega minha mão e ainda curvado para mim, ficando bem do meu rosto, seus olhos me avaliam. Talvez ele também queira encontrar em mim a mulher que ele se apaixonou. Que ele se *casou*.

“Qual o problema?” Ethan pergunta gentilmente.

E *essa* é a resposta. Ele me reconhece. Ele me ama. Porém eu só vejo *ele* através dos seus olhos.

Balanço a cabeça e engulo o nó na minha garganta. Levanto minha mão até seu rosto, e afago suavemente sua bochecha, passando rapidamente a mão na sua barba. Ele fecha os olhos e eu vou mais para baixo. *Deus*. Eu consigo sentir seus ossos quando minhas mãos estão nos seus ombros.

O que eu fiz com ele?!

“Para com isso.” Murmura e para minha mão quando meus dedos delineiam os ossos da sua clavícula.

Ele sempre esteve em forma. Magro, mas ele tinha músculos. Forte e poderoso. E agora eu vejo seu cansaço. As olheiras tão profundas, seu rosto mais magro, os cabelos grandes, essa barba enorme e seus olhos estão vermelhos, e não sei se é porque ele dorme tão pouco ou se chorou tanto. Talvez os dois.

“Eu sinto muito.” Digo e o puxo para mim. Minhas lágrimas são de culpa, de saudade, de resgate. Eu preciso me encontrar.

“Não precisa mesmo pedir isso.” Ethan sussurra no meu ouvido, as mãos afagando meus braços em volta do seu pescoço. “Eu estou ótimo. Tão bem que posso correr uma maratona inteira.”

“Não mente pra mim.”

Escuto-o rir baixinho, mas ele engasga no final, deixando claro que também está emocionado.

“Não estou. É a verdade.” Se afasta um pouco e seus olhos encontram os meus. “Você voltar é como eu tivesse tomado milhões de litros de café. Como...” faz uma pausa e seus olhos me olham de um jeito... Caramba!

“Eu te amo.” Vem sob meu autocontrole. É natural. É genuíno.

Ele sorri e assente acariciando meu rosto, aproveitando para limpar minhas lágrimas.

“Não gosto que você chore.”

“Eu sei, mas juro que no fundo essas lágrimas são de alegria.”

“Jura?” indaga descrente, porém tem o sorrisinho no final no canto da sua boca.

Assinto e pego sua mão do meu rosto, deixo um beijo. Ficamos nos olhando por um tempo e como um estalo, as palavras de Lauren explodem em minha cabeça e desvio os olhos dos seus para sua mão. Viro-a para mim e encontro sua aliança. Dourada, larga, um brilho suave, simples e linda. Eu simplesmente fico olhando e olhando, e por fim, fecho os olhos e deixo um beijo em cima dela, me demorando.

O suspiro alto de Ethan, me traz de volta ao presente e eu ergo meus olhos. Encontro-o me encarando com os olhos marejados e a respiração levemente ofegante.

“Nós nos casamos.” Falo baixinho.

Ele assente, engolindo em seco e sua mão está em meu rosto, afagando.

“Você se lembrou?” Sinto a esperança em suas palavras.

“Não.”

Ele franze a testa.

“Sua mãe... Ela disse alguma coisa e então sem querer deixou escapar que você é meu marido.” Dou de ombros.

“Ah”, ele deixa escapar, como uma lamentação e se arrasta para mais perto.

“Por que você não me disse?”

“Porque a terapeuta falou para não perturbar você com nenhum tipo de recordação. Para dar tempo ao tempo.”

“E se eu nunca tivesse lembrado?” FRANZO a testa e balanço a cabeça sem entender.

Ethan respira fundo e o canto da sua boca se curva sutilmente. “Não teria problema.”

“Por que não?” *Será que ele se arrependeu de ter se casado comigo?!*

Ele sorri de verdade e leva minha mão até sua boca e beija antes de responder com a voz rouca.

“Porque nós já íamos nos casar de novo de qualquer forma.”

“Por quê?”

Agora ele ri, as sobrancelhas sutilmente se elevando, os olhos cálidos, porém quando puxa o ar e solta, fica sério.

“Quero lhe mostrar uma coisa, mas você precisa me prometer que não vai ficar agitada. A Dra. Bennett não vai gostar de saber que eu mostrei isso para você.”

Assinto e engulo em seco sorrindo com cumplicidade. Ethan abre um sorriso contido e se afasta um pouco, estica a mão e pega seu celular. Ele mexe no aparelho e ao encontrar o que está procurando, olha para mim e com cuidado fica ao meu lado na cama, quando dou espaço para ele. Um de seus braços ficam atrás de mim e o outro está esticado, mostrando a tela do seu celular.

“Eu não sabia que tinham filmado, mas Clara me mostrou isso quando...” faz uma pausa e beija minha cabeça, e muda de assunto. “Ela pediu para Colen gravar.”

Deixando de franzir minha testa, foco minha atenção na filmagem que passa no telefone. Vejo um casal de idosos que não consigo lembrar quem são. Vejo Clara ao lado de Lucca. Estão lindos, mas mais lindo ainda está Ethan.

Meu Ethan.

Smoking preto, gravata borboleta, os cabelos parecem recém cortados e a barba bem ralinha. É ele na sua melhor forma. Os ombros largos, deixando claro que por debaixo daquele paletó tem braços e ombros musculosos, fortes. Bem longe do que ele é hoje.

Então me vejo de noiva. *Uau.* Eu estava tão bonita, nem consigo me reconhecer. Meu vestido é simplesmente perfeito, parece ser de renda e as mangas de voal. Ele não é branco nem bege, é um tom de areia. É um vestido perfeito que acomoda minhas curvas, que parecem mais cheias. Meus seios e quadris estão volumosos, bem bonitos. E meus cabelos estão tão claros e enormes, tem flores e brilho neles.

Meus olhos não conseguem se desfocar da cena que aparece na tela. Um homem, provavelmente um juiz de paz, está nos casando. E vejo até o final da filmagem e meus olhos ficam marejados com nossos votos de casamento, principalmente porque naquele momento também chorei tocada com as palavras de Ethan. Sorrio quando nos beijamos. Sua mão segura meu rosto cheio de carinho e seus lábios tocam os meus assim que meus olhos se fecham e um sorriso mal contido está estampado na minha face. Quando nos afastamos, ele diz algo para mim e eu também para ele.

Sem querer, solto um soluço e coloco a mão no rosto.

“Ei, amor.” Ethan me abraça, escorre mais na cama e beija meus cabelos de

novo, ele fez isso quase a todo momento que eu assistia a filmagem. “Não fica assim, Victoria.”

Um desespero me domina e eu me viro em seus braços e passo o meu braço, que ainda bem não tem nada ligado na mão, e o aperto. Choro baixinho com o rosto escondido no seu peito.

“Obrigada por estar aqui. Eu te amo, Ethan.”

Seu peito sacode, e sinto que ele está se controlando ao máximo. Sempre tão mais forte que eu.

Eu queria tanto ser forte.

“Você é forte.” Ele diz baixinho e percebo que falei em voz alta. “Você não tem ideia do que passou e está aqui agora.”

Assinto, engolindo o soluço e murmuro um sim.

Ethan pego meu rosto em suas mãos e beija minha testa e depois olha profundamente meus olhos.

“Eu sei que você se sente fraca e incapaz. Acha que ter perdido suas lembranças faz de você uma derrota. Que perder nosso bebê, foi uma derrota. Que você ter ficado tanto tempo dormindo, foi uma derrota...” ele faz uma pausa, engolindo em seco. “Mas você não é. Você é incrível e todas as vezes que você mencionou nossa vida como um conto de fadas, você se colocou como a princesa indefesa e que precisava ser salva. E sim, talvez sim, mas você também é guerreira, é também a fera, é também a princesa encantada. *Minha* princesa encantada, que eu tenho muito orgulho e amo demais. Não pense que você é fraca, porque não é. Você é incrível e sou eu que tenho que agradecer você.”

Assinto e afago seu rosto, engolindo a saliva salgada das lágrimas. “Obrigada, Ethan. Por tudo.”

“Não precisa agradecer, só confia em mim. Tudo vai ficar bem e nós vamos superar tudo o que aconteceu. Porque nós temos um ao outro.”

“Eu sei...”

Sorrindo, ele fica me olhando por muito tempo. Meu coração acelera. Nós não desviamos o olhar e nem falamos nada. Minha mão desliza por seu braço, ombro e chega até seu rosto. Ele torna a fechar os olhos como tinha feito quando saiu do banho. É como meu toque fosse precioso. E é assim também que me sinto quando ele me acaricia. Fecho os olhos de novo e me aproximo. Ethan solta a respiração e por instinto eleva seu rosto. Com o coração feito um motor em alta velocidade, encosto meus lábios nos dele. É um beijo cálido, terno e sinto todo seu amor neste ato. Quando afasto nossas bocas, deixo a testa encostada na dele e sua mão vai parar em minha nuca.

“Você não sabe como eu preciso disso.” Ele sussurra.

“Eu sei.” Apenas digo isso e sei que ele entende, e sinto seus braços me

puxam para mais perto.

“E eu estou aqui. Estarei para sempre.”

Assinto, sorrindo e afasto-me para poder ver seu rosto. Seus olhos sorriem para mim e suspiro com força. Ethan leva minha mão até sua boca e sorri.

“Onde está minha aliança?”

“No bolso da frente da minha mala.”

“U-hum. E ela é bonita?”

“É sim.”

Sorrio feliz. “Por que no casamento não tem nossa família?”

Ele fica tenso de repente.

“Foi uma cerimônia pequena, só estava nós, meus avós, Clara, Lucca e os seguranças. Foi algo rápido, simples e só nosso.”

“Hmm...” franzo a testa. “Não tinha nossos pais?”

Assim que faço a pergunta, algo deve passar em sua mente. Ethan fica brevemente pensativo e quando seus olhos me encaram de novo, está distante. Essa mudança de humor me traz os pensamentos *estranhos* de volta.

“Não.” Ele só diz isso.

Meu coração acelera e quero muito perguntar, mas no fundo tenho medo da resposta, porque sei que tem a ver com aquilo que conversei com Lauren. A dúvida que parece muito mais do que um sonho distante.

“Ethan...” minha voz é um sussurro.

“Hun?” Faz com as sobrancelhas erguidas.

Respiro fundo, para tomar coragem, desvio o olhar e tento explicar a ele essa dúvida. Essa inquietação de uma certeza que é tão absurda. Quando as palavras saem da minha boca, volto a encará-lo, e a tempo de ver o que temia. Não há espanto, ou confusão, apenas tensão.

“Se você está me perguntando, acho que já sabe a resposta.”

“Mas Ethan... não faz sentido.” Minha garganta se fecha.

Ele sorri e caricia meu rosto suavemente.

“Não era para eu explicar isso e provavelmente trazer essas informações pra você agora, tinha que esperar, mas como você é teimosa” ele bate na ponta do meu nariz de brincadeira “e não vai sossegar enquanto alguém não falar com você, vou apenas dizer que eles te amam muito. Você não faz ideia.”

Meus olhos enchem de lágrimas e aperto sua mão que segura a minha. Isso é loucura.

“Por que eles mentiram? Por que esconderam isso de mim por todos esses anos?”

“É bem mais complicado do que você possa imaginar.”

Balanço a cabeça e solto a respiração. A vontade de chorar é apenas

vontade e na verdade, não estou com raiva, triste, zangada ou... nada do que eu deveria sentir.

“Eu estou com saudades.” Murmuro deixando escapar meus sentimentos quando os compreendo. “E não entendo porque.”

Ethan coloca os dedos delicadamente no meu queixo e ergue meu rosto. Ele está sorrindo com os olhos brilhando pela emoção.

“Todos nós também estamos com saudades de você.” Diz assentindo, reafirmando suas palavras, e muda de assunto. “E eu não quero que você se preocupe com nada. Suas lembranças vão chegar devagar e sempre que acontecer, vamos estar do seu lado para explicar tudo. Não fiquei preocupada, ansiosa ou com medo. Não precisa. E sobre seus pais, bem... eu vou tornar a repetir, eles amam demais você e já passaram por tanta coisa, que você não faz ideia mesmo. E não, você não sabe disso ainda, na verdade nem eu direito.”

“Por quê?” Franzo a testa.

Ele respira fundo. “Porque quando o assunto foi tocado, eu me retirei. Eu não queria ter nenhum segredo entre nós e se eu soubesse de algo que você não poderia saber no momento, iria ficar inquieto.”

“Porque você ficaria com medo...” Afirmo e o vinco da minha testa se aperta mais. Tem algo que ele não quer me contar. “Aconteceu alguma coisa entre nós? Nós brigamos?”

“Você é tão inteligente, sabia.” Ele diz com um ar de orgulho e humor, mas não está muito satisfeito ao tocar no assunto: “Nós brigamos sim. Eu guardei um segredo de você e claro, você não gostou. Então” dá de ombros “prometi que nunca mais teria nenhum segredo entre nós. Que eu iria contar tudo para você.”

“Por isso está conversando comigo agora e me dizendo tudo?”

“Sim e porque quando sua memória voltar, não quero você com raiva de mim por eu omitir algo.” Ele segura meu rosto e me olha profundamente. “Tudo que você quiser saber, vou contar.”

“Tudo mesmo?” Por algum motivo sorrio e é como um choque de alegria me dominando.

Ethan assente, sorrindo também e me puxa para os seus braços e me beija antes de dizer:

“Eu faço tudo pelo meu anjo.”

Abro mais meu sorriso e estico minha mão até seu rosto barbado.

“Quando eu posso ir pra casa?”

“Espero que em breve.”

Assinto e me aconchego nos seus braços, minha cabeça encostada no seu peito, ouvindo seu coração bater e sentindo suas mãos afagando minhas costas.



MEU CORAÇÃO ESTÁ ACELERADO e olhando para a porta, espero ansiosa alguém voltar para dentro do quarto. Estou sozinha tem uns cinco minutos e é estranho, mas isso me incomoda tanto que estou quase pulando fora dessa cama e gritando.

Mais alguns minutos passam. Meus olhos vão da janela para a porta. Está de noite, não sei que horas são.

“Querida –” de repente a porta se abre por Ethan.

“Onde você estava? Não me deixa sozinha.” Infelizmente deixo passar meu desespero em minha voz ofegante e quase um soluço.

“Que isso, amor.” Ele chega até a mim rapidamente e pega minha mão, beija minha testa e acaricia a mesma. “Não demorei nada e você estava dormindo.”

“Não foi... Demo-morou tanto.” Gaguejo e engulo em seco. “Não faz isso, E-Ethan.”

“Oh, meu anjo.” Ele me beija de novo e murmura no meu ouvido: “Me perdoe. Não pensei que você fosse acordar e ficar assim. Me desculpe.”

Assinto e coloco meus braços sobre seus ombros e o abraço sem muita força. Ele me abraça também e beija meus cabelos enquanto puxo e solto o ar, me controlando. Quando estou mais calma, ele senta na beira da cama e não solta minha mão.

“Está melhor agora?”

Assinto, mas por reflexo aperto sua mão. Ethan respira fundo.

“Você teve algum pesadelo?”

Balanço a cabeça e meus olhos perdem o foco quando tento lembrar. Eu sinceramente não sei. Procuro qualquer vestígio de um sonho, e um arrepio toma conta de mim, mas a lembrança não vem.

“Só sei que não quero ficar no escuro.” Falo olhando para ele.

Assentindo, Ethan beija minha testa e coloca meu cabelo para trás. “Eu não vou deixar. Não precisa ficar com medo.”

“U-hum” murmuro e vou acalmando minha respiração.

Os lábios dele se curvam sutilmente para o lado e ele levanta da cama, ficando ao lado ainda e segurando minha mão.

“Você quer alguma coisa? Está com fome?”

“Eu comi agora a pouco.” Digo baixo.

“Você comeu tem umas duas horas.”

Franzo a testa e olho para janela rapidamente. “Tem isso tudo?”

“Sim. Por isso estou perguntando se não quer nada agora.”

“Não quero não.” Respondo olhando para ele.

“Está bem.” Diz suavemente.

Tombando a cabeça para o lado, cerro os olhos e analiso-o. Ele parece meio ansioso.

“Qual o problema?”

“Nada.”

“Está me olhando assim por que?”

Ethan arfa com força, balança a cabeça e cerra a mandíbula.

“Diz logo. Você está me deixando ansiosa.”

Ele ri e beija meu rosto. “Tem alguém querendo lhe ver. Na verdade, ela está eufórica desde que você acordou.”

Franzo a testa. “Quem?”

“Sua mãe” e completa: “Cora.”

Oh céus. Isso. É claro que ela quer me ver. Antes mesmo de eu saber que ela era minha mãe, sempre soube o quão valiosa eu era para ela. Agora tudo faz sentido e é estranho demais eu não achar isso esquisito.

“Você acha esquisito eu não achar isso estranho?”

“Ela ser sua mãe e você agir naturalmente?”

“É” solto em meio a um suspiro.

Ele abre um sorriso lindo, que enche meu coração e balança a cabeça em negativa.

“Não e quer saber de uma coisa?”

“Claro” digo prontamente fazendo-o rir de novo.

“Quando você soube, ficou meio chocada. O que foi natural, mas depois de um tempo, você simplesmente aceitou e quando os reencontrou, foi lindo. Você ficou tão feliz e disse para mim que tudo tinha se encaixado.” Faz uma pausa e segura minha mão. “E tenho certeza que vai acontecer de novo.”

Sorrio e limpo meu rosto da lágrima teimosa que escapou. Respiro fundo e digo cheia de confiança.

“Então chama ela pra mim?”

“É claro que sim, meu anjo.” Ele beija meu rosto, se afasta e na porta do quarto, me olhando com um sorriso cúmplice e diz antes de sair: “Até daqui a pouco.”

Assinto e espero.

Quando a porta volta a se abrir, puxo o ar com força quando a vejo. Ela também respira fundo, seu rosto se desmonta emocionado e as lágrimas chegam para nós duas. Sorrio em meio a emoção e espero ela chegar até a mim.

“Oi, minha princesa.” Ela murmura e sinto sua cautela.

E como mágica, como fosse algo tão mais forte do que eu, digo: “Oi, mãe”. Cora tenta, mas falha segurando a emoção e quando me abraça chora e diz

baixinho. “Eu senti muito a sua falta, filha.”

“Eu também mãe.”

Ela assente e se afasta, limpa meu rosto e abre aquele sorriso que foi tão marcante a minha vida inteira. O sorriso que sempre me trouxe de volta o que há de bom em mim. O sorriso do mais puro e profundo amor materno. E como eu fui cega. Ela é *minha mãe*.

“Minha mãe.” Sussurro assentindo e sorrindo no final.

Ela me abraça bem forte e choro nos seus braços, me sentindo protegida, e embora ela chore também, consegue me confortar.

“Eu te amo, mãe.”

“Ah, minha filha. Que bom que você voltou para nós.”



SEXTA-FEIRA, 23 DE JULHO DE 2014.

HOJE COMO ME SINTO MUITO BEM, o médico liberou a visita da nossa família. Meu coração explodiu de felicidade a tarde inteira. Rever Hannah, ela cresceu tanto. Anton continua o mesmo e foi tocante ver seus olhos marejados, e mais ainda me controlar para não chorar quando Jennifer me abraçou e chorou copiosamente. Ela está muito sensível por estar grávida.

Foi inevitável não pensar no meu bebê. Ele provavelmente nasceria junto com a nova priminha. Tive que dar tudo de mim para não me desmanchar em lágrimas, mas percebi que quando meus olhos encontraram os de Ethan, soube ele pensou o mesmo que eu. *É, bola pra frente. Vai ficar tudo bem.* Essa é a frase que mais ouvi hoje.

Depois veio Clara com os pais dela. Eles me trouxeram flores e mais choros. Logo veio Ruby com sua irmã Rosa. Margot e seu marido.

Então veio meus avós. Os pais do Will. Caramba, essa coisa é bem louca. Bem, reencontra-los foi estranho, pois ainda na minha cabeça Elizabeth e Ryan são meus pais. Porém, Ethan conversou comigo antes de eles entrarem no quarto. E foi ainda mais emocionante. Eles me fizeram chorar que nem criança.

O último, com uma visita bem rápida, foi Ken. Foi tocante vê-lo ficar emocionado.

Agora espero mais um membro da família entrar. E me deparo com Aaron Brown. Sorrio para ele e o espero se aproximar. Nos cumprimentamos e ele beija minha testa rapidamente.

“Como você se sente hoje?”, pergunta dando tapinhas de leve na minha

mão.

“Bem.”

“Que ótimo. Teve muitas visitas por aqui hoje, hein. Parece até celebridade.” Ele brinca.

E isso resgata meu humor, que sempre fica abalado pelas palavras que todos falam para mim de como sentiram minha falta.

Assinto e o vejo pegar alto do bouço do paletó. Ele me entrega um embrulho prateado e quando o pego, agradeço e sinto que é uma caixinha.

“Abre.”

Faço o que ele pede e encontro um colar da Cartier – não que isso seja importante – de um anjo folheado à ouro e cravejado de brilhantes, as asas. É lindo e dessa vez nem sob os olhos protetores de Ethan, não consigo não chorar e seu pai me abraça bem forte e diz:

“Estamos muito felizes de você estar conosco de novo.” Se afasta e sorri. “Você é muito importante para minha família e mais ainda para o meu filho. Amamos você e vai ficar tudo bem, Victoria.”

Assinto, emocionada. “Muito obrigada, Aaron. E eu amo vocês também.”

Ele assente, beija minha testa e se despende.

Quando eu e Ethan estamos à sós de novo, ele se aproxima e senta do meu lado na cama. Me abraça com o braço atrás de mim e admira o colar junto comigo.

“Meu pai sempre me surpreende.”

Rio e inclino a cabeça para ver seu perfil, mas logo ele também vira o rosto para mim e me encara com seus olhos tão intensos.

“Hoje o dia está muito emocionante.”

Ele ri e assente. “É porque você é muito especial, meu anjo.”

Balanço a cabeça e olho o colar de novo. “Será que ele me deu esse anjo porque você me chama assim? Ou porque queria deixar claro que meu anjo da guarda precisa estar comigo.”

Isso faz Ethan soltar sua risada. Aquele rouca e profunda.

Ele beija meus cabelos antes de murmurar no meu ouvido: “Não importa o motivo. Os dois é um bom ponto de vista”.

Concordo e aproveito um momento com ele antes da próxima visita, que está sendo bem difícil. Todos estão me fazendo chorar, e eu ainda nem vi Will. *Minha nossa.*



BEM, COMO ESPERADO, A VISITA MAIS IMPORTANTE do dia está batendo na porta, literalmente. Estou sorrio, contudo por dentro estou super nervosa vendo William entrar. Ele fecha a

porta e se aproxima.

Oh céus. Agora estou sozinha e ansiosa. Por algum motivo Ethan não ficou no quarto como todas as visitas, mas pensando bem com Cora ele também ficou do lado fora. Porém foi ele que a chamou, com Will quem chamou foi minha mãe e Ethan prontamente disse que iria sair e voltar depois. Achei estranhos, mas não quis tocar no assunto.

Will para ao lado da minha cama e me olha de um jeito estranho. Sorrimos um para o outro. Ele parece mais velho e assim como Ethan, também emagreceu e está com os cabelos meio desleixados, mas a barba feita pelo menos.

Infelizmente não consigo tirar essa implicância com a barba de Ethan da minha cabeça, e se ele não tirar, talvez guarde para mim isso. Não quero deixá-lo desconfortável. Se ele quiser aquela *coisa* na cara, que seja.

“Oi.” Digo baixinho.

“Oi.”

“Vamos ficar monossilábicos?”

Isso o faz sorrir e relaxar. Então ele engole em seco e se inclina, e me dá um abraço apertado.

“É tão bom ter você de volta.”

“Eu sei... pai.” A palavra sai como um teste da minha boca.

Ele se afasta rapidamente e me olha sorrindo e beija meu rosto.

“Sua mãe disse que você tinha lembrado, mas não pensei que...”

“Eu ia chamar você assim?” Completo.

“É... não sei.”

Dou de ombros. “Eu não lembro de tudo e nem sei o motivo. Ethan não quis me contar, na verdade ninguém quis. E mamãe disse que tinha que fazer isso com você.” Ele assente e continuo. “Mas só quando eu estiver realmente bem.”

“Concordo.”

“Mas eu me sinto muito bem.”

Ele sorri e assente. “Eu sei. Você é um milagre, querida. Mas vamos esperar você estar em casa, confortável e melhor. Você acabou de voltar para nós —”

“Você está com medo que isso me afaste de vocês de novo?”

“O que o Ethan contou pra você?”

Balanço a cabeça. “Não foi ele, foi a Cora.”

“Hmm. Enfim, eu não estou com medo disso. Só quero que você esteja mais forte e isso são as recomendações médicas.”

Resmungo e reviro os olhos assentindo. Ele ri e senta na beira da cama.

“Eu realmente senti falta dessa rebeldia.”

Faço um bico de mau humor e dou de ombros. Ele ri de novo e começa a

conversar comigo sobre coisas aleatórias e banais. Fala da temporada do Superbowl e que nosso time perdeu. E enquanto isso meus pensamentos parecem me levar para memórias desconhecidas e confusas, que eu disfarço tão bem, que levo a conversa toda e até quando Ethan volta para o quarto.

Dez. Onze. Cinco. *Porque esses números são importantes?*

Doze

Ethan

DOMINGO, 25 DE JULHO DE 2014.



ME LEVANTO DA CADEIRA PERTO DA CAMA OFEGANTE e levo minha mão até o rosto. Esfrego meus olhos e passo a mão em minha barba e depois nos cabelos, penteando para trás. Por fim solto o ar com força. E demora um tempo para eu perceber o que me fez acordar desse jeito.

Victoria está tento um pesadelo. Se debate na cama, os braços e as pernas agitados. Ela chora baixinho enquanto reclama e ao mesmo tempo luta contra o que quer que esteja atormentando-a.

Seguro suas mãos, que voam como estivesse batendo em alguém e prendo sob seu peito, sem colocar força para não a machucar.

“Querida, eu estou aqui. Acorde.” Falo pacientemente. “Victoria.”

Seus movimentos ficam lentos até que ela para. A respiração ofegante se estabiliza conforme ela abre os olhos e me enxerga.

“Está tudo bem. Eu estou aqui.” Falo baixo para se acostumar.

“Hm... Ethan”, sua voz é uma súplica e suas mãos apertam com força as minhas.

“Calma, querida. Você está segura.” Sento na beira da cama e levo suas mãos até minha boca e beijo. “Foi só um sonho.”

Ela pisca várias vezes, controlando a emoção de querer chorar e assente engolindo em seco.

“E se... E se não foi?”

Demoro um tempo para compreender o real sentido da sua pergunta, e sinto um nó na boca do estômago. Eu quero que ela não se lembre dos momentos difíceis que passamos e o pior; do cativeiro. Não quero que ela lembre dos dias que passou lá, mesmo eu não sabendo o que aconteceu, tenho certeza que não foram bons.

Assim que Victoria foi estabilizada no hospital, quando já tinha se passado dois dias que a resgatamos, os detetives apareceram no hospital de Malibu. Primeiro eles falaram para caralho sobre nossa irresponsabilidade de ir atrás dela sem polícia. O que eu já esperava deles. Poucos detalhes e muitos sermões. Porém eles não contavam que eu sou aliado a máfia, que foi até lá e conferiu o local inteiro.

Eu não soube se deveria ficar grato ou arrependido depois de tudo que Colen me passou assim que seus homens falaram com ele.

O quarto que Victoria estava além de fedorento, úmido e sujo, tinha para completar um homem morto. Que eu fui saber quem era depois através do capanga que nos ajudou. Ele falou que o amigo – se é que eles foram isso – lutou para defender Victoria e cuidou dela, tanto que o filho da puta do Carl matou ele quando ficou desconfiando. Neste momento quis mata-lo de novo. Aquele desgraçado era um destruir de vidas.

Minha mão é apertada de novo, e volto para o agora. Victoria ainda me olha assustada e está assim desde ontem de manhã. Parece que o pesadelo de sexta para sábado a deixou extremamente atordoada, só que ela ainda não conversou comigo sobre o que foi. Novamente estou seguindo as ordens da terapeuta. *Caralho*. Já estou ficando puto com essa mulher.

Me inclino para minha esposa, beijo seu rosto segurando-o entre minhas mãos e murmuro: “Não se preocupe. Você está segura agora”.

“Tem certeza?” O pânico em seus olhos se ascende.

“Sim, meu anjo.” Abraço-a com cuidado e murmuro no seu ouvido. “Nós estamos bem.”

Eu não sei para quem estou mentindo. Para ela, ou para mim.

Não me sinto bem aqui. Mesmo tendo seguranças em todas as portas do hospital, por todos os cantos e tendo o reforço dos homens de Colen, que foi para Las Vegas, mas mandou alguns homens para cá, não estou cem por cento confortável. Quero a segurança da minha casa, a fortaleza que mandei fazer é para ser usada, mesmo que eu tenha dado o fim de vez nesse desgraçado.

Também quero deixar Victoria confortável e isso ela terá em casa. Ela pede toda hora para ir para a casa e eu preciso estar lá.

Toda as vezes que ela fecha os olhos, morro de medo que não volte mais. É uma sensação inconsciente. Não consigo controla-la e me incomoda pra cacete.

Isso é devido ao fato de estarmos ainda no hospital. As lembranças dos dias que ela estava de olhos fechados, inconsciente, os ataques de coração, paradas cardíacas, assombram meus pensamentos e meus sonhos. Não é só ela que anda tendo pesadelos.

No entanto, não conto para ninguém e como não dormi direito ainda, ninguém percebeu, nem ela nas duas vezes que cochilei na sua cama. Eu não posso demonstrar minha fraqueza. Para ela ficar bem, eu tenho que mostrar estar forte.

Me arrasto para sua cama e deito com ela. Abraçando seu corpo e não só para ela se sentir bem, mas eu também. Abraçar minha esposa é reconfortante.



ENQUANTO A ENFERMEIRA CUIDA DE VICTORIA, converso com o Dr. Nick e a Dra. Karen, que cuidou da gente no episódio da academia, e por muitas vezes apareceu aqui. Como ela é clínica geral e foi a principal responsável pela alta de Victoria daquela vez e Nick teve que conversar com ela sobre o coágulo deixado na cabeça da minha esposa.

“Por que mais uma semana aqui?” Questiono insatisfeito. “Eu quero ir para casa hoje se possível. Quinta-feira está longe demais.”

“Ela precisa ficar em observação, Ethan. Ela passou um bom tempo em coma e aparentemente acordou bem.”

“Por que parece que vocês não confiam nisso? Tem algo que não estão me contando?”

“Não é nada disso. Victoria parece realmente bem, no entanto está se queixando de dores de cabeça.” Nick fala.

Franzo a testa e olho para ela rapidamente antes de olhar o médico de novo. “É grave?”

“Não, na verdade é muito normal essa dor de cabeça, mas preciso monitorar essas dores e mesmo quando ela for para casa, estarei de olho nela. Se você não se incomodar, de quinze em quinze dias quero ir visitá-la, não precisa trazê-la aqui, mesmo que seja bom para ela ver a normalidade de sair de casa e tudo mais. Ela precisa sentir que está vivendo. Entende?”

Assinto, concordando com tudo. O que eu mais quero é ir para casa e mostrar a Victoria essa nova vida cheia de oportunidades e liberdade que ela nunca teve antes. Mas primeiro ela tem que voltar aos poucos para realidade e depois notar que a vida mudou.

“E ela também está fraca, precisa aos poucos voltar a fazer as coisas normais.” A médica é interrompida quando escutamos Victoria reclamar de dor. Rapidamente vou para perto dela.

“Qual o problema, meu amor?”

“Eu não consigo. Não consigo.” Diz quase chorando, agoniada.

“Ela está tonta e com dificuldade de levantar.” A enfermeira explica, e o Dr. Nick completa:

“Viu, Ethan. O equilíbrio dela está confuso.” Ele chega atrás dela, coloca a mão na sua cabeça e fala baixo, perto do seu ouvido. “Presta atenção, Victoria. Você ficou muito tempo deitada e agora para voltar a ficar em pé, tem que ser aos poucos. Você vai se sentir mal, mas se concentre na minha voz e no que eu digo. Eu não vou deixar você cair.”

Ela assente e estica as mãos, uma eu seguro a outra o médico. Calmamente

Nick pede para ela fazer força para ficar sentada com os olhos fechados. Victoria reclama um pouco de tontura, apertada com toda sua força nossas mãos.

“Você está indo muito bem. Continue assim, Victoria.” O médico fala.

“Parece que eu vou cair.”

“Eu sei, mas não vai. Estamos aqui com você e não se esqueça. Se concentre na cama, lembre-se que está sentada. Você não vai cair.”

“Tá bom.” Murmura ela.

Um pouco mais de esforço e ela consegue ficar sentada sem balançar para frente e para trás, como fosse cair. Agora eu seguro suas duas mãos.

“Você está indo bem amor.”

“Hm... ainda não me sinto bem.”

“É normal, Victoria.” Nick fala. “Mas você precisa ficar assim, senão não vai se acostumar, não vai recuperar seu equilíbrio.”

Novamente ela assente.

“Agora vamos colocar você com as costas apoiadas. Não se preocupe.”

A parte de cima da cama é erguida o máximo que pode, e depois gentilmente o médico e eu ajudamos Victoria a se arrasta até ficar apoiada totalmente nos travesseiros. Ela vai relaxando, se acostumando com a posição nova e o médico pede para ela abrir os olhos. Relutante, ela agarra minhas mãos e abre os olhos, um de cada vez, mas fecha de novo.

“Nossa. É demais. Não dá.”

“Você não quer ir para casa?” Nick fala como se ela fosse uma criança.

“Quero”, ela responde com a voz emotiva.

“Então precisa estar cem por cento para eu poder dar alta.”

“Se eu abrir o olho, eu vou embora?” A ansiedade e alegria em sua voz me enche de amor. Há muito tempo não escuto ela falar assim. A última vez foi em nosso casamento.

Nick sorri e fala com humor. “Em breve você vai sim. Prometo.”

Ela puxa a respiração, solta e abre os olhos. “Ai... é demais.”

“Resista, amor. É para a gente ir para casa.”

Ela assente e abre os olhos de vez. Sinto seu corpo balançar, mas ela não desmonta a postura. Com os olhos cerrados ela olha para todos os cantos e começa a mexer a cabeça e quando vira para mim sorri.

“Viu, não foi tão difícil.”

Ela ri e assente.

“Então você está bem?” Nick pergunta a ela.

“Estou. Um pouco tonta, mas...” olha para mim e sorri, “bem.”

“Certo.”

“Agora eu posso ir para casa?”

“Logo, logo você vai poder ir.”

Levanto a sobrancelha, resignado e olho para o médico com ceticismo. Mais quatro dias aqui não é *logo, logo*. Merda.



O PESSOAL DO HOSPITAL AO MESMO TEMPO que fica feliz de Victoria estar indo embora, está triste. Os quatro meses que ela passou aqui, ficou conhecida pela ala toda onde estava seu quarto como *A Bela Adormecida*, e claro, eu era o príncipe encantando. E os seis dias que estive no hospital acordada, rapidamente todos se encantaram ainda mais por ela e Victoria passou a ser e *Miss Simpatia*. Minha esposa realmente tem algo mágico.

“Vou sentir sua falta também, Ethan.” Karen diz passando a mão no meu braço rapidamente e desce, ficando na altura da cadeira de rodas de Victoria. “Cuida bem deste homem. Ele merece.”

“Pode deixar que vou.” Meu anjo fala sorrindo e um pouco acanhada. Embora a simpatia de sempre, notei que ela está um pouco retraída. Isso é uma das novidades da *nova Victoria*.

“Okay. Deixe ela ir para casa.” Dr. Nick fala. “Você está se sentindo bem?” pergunta baixo, só para ela.

“Sim, doutor. Como nunca e quero muito ir para a casa logo.”

“Está bem, mas lembre-se. Qualquer coisa pode me ligar.” Ele diz isso e troca um olhar rápido comigo.

Dou-lhe um aceno de cabeça, demonstrando que entendi e quando ele e as enfermeiras saem da frente, sigo o caminho para as portas dos fundos do hospital. Infelizmente não podemos sair pela frente. Os paparazzi estão eufóricos para ter uma foto. Eles querem uma novidade da situação e uma foto de Victoria desde o resgate. Não sossegaram ainda e pelo visto não vão até vê-la nas ruas. *Merda*. Antes fugíamos dos homens de Carl, agora desses palhaços. Pelo menos esses só querem uma foto, e não a levarem embora.

“Oh, minha nossa. Ainda bem que encontrei vocês por aqui.”

Travo meus pés quando vejo quem diz isso. Minhas mãos seguram com toda força a cadeira de roda.

Nicole surge à nossa frente com o sorriso mais falso que ela consegue.

O que ela está fazendo aqui? Não pergunto, mas minha cara fechada deixa bem claro que não estou satisfeito. Ela ignora e se abaixa para falar diretamente com minha esposa. Que por sinal está quieta demais.

“Ah, Vic fico tão triste por tudo que aconteceu com você. Você é uma sofredora, mas também é uma batalhadora. Não sei como conseguiu passar por isso tudo.” Nicole fala e quero muito cortar a língua dela fora.

“Hm...” Victoria deixa escapar um som sem muita vontade de falar. “Obrigada, eu acho.”

“Ah! claro que sim. Eu vim aqui quando você está em coma. Nossa. Você ficou tão mal e quase morreu –”

“Já não acabou não?” Corto a frase dessa filha da puta. “O que você está fazendo aqui, mesmo?” Pergunto com deboche, irritado.

Seus olhos ficam regalados e ela finge um sorriso sem graça. “Eu só queria ver como Victoria estava.”

“Já viu. Pode ir agora.”

“Ah, Ethan para de –”

“Tchau, Nicole.” Digo e passo por ela carregando minha esposa.

Me apresso a chegar à porta do hospital. Vejo Will com um urso nas mãos e sorrindo para filha. Nós ainda não fizemos as pazes, porém Victoria nem sabe da briga e espero manter assim. Sei que uma hora vou ter que sentar e conversar com ele e talvez – talvez mesmo – eu entenda todos os seus motivos, desculpas e as mentiras de merda. Fico puto que na cabeça dele foram só omissões. Vai para o inferno ele com suas justificativas.

Enfim, não quero trazer isso para os novos dias de vida de Victoria. Estou fazendo de conta que essa nova chance para ela, é uma nova vida e quero que seja a mais perfeita e boa possível. Saber dessas brigas, dessa realidade, pelo menos agora não fará bem a ela.

“Oi, querida. Está pronta para ir para casa?” Will pergunta se abaixando e ajudando ela a sair da cadeira e ficando de pé.

“Não via a hora.” Diz animada.

Sorrio e entrego a cadeira ao enfermeiro que nos acompanhou.

Will leva ela até a porta do Escalade preto que mandei vir nos buscar. O carro é alto na medida certa para que Victoria não precise fazer muito esforço para entrar nele.

Com ela dentro do carro, Will fecha a porta e quando se vira e me encara rapidamente, trocamos um aceno de cabeça.

“Vou seguindo vocês. Cora já está lá com sua família.”

“Certo.” Digo e contorno o carro e entro.

Raul é quem está no volante e com paciência ele dirige para fora do hospital e quando estamos na rua, alguns paparazzi espertinhos já estavam esperando nossa saída pelos fundos do hospital, tentam atrapaalhar e tirar a todo custo uma foto, mas Raul não permite e logo pegamos as ruas de Los Angeles. Ainda bem

que este hospital é bem perto de Hollywood Hills.

Meu celular apita avisando uma mensagem da minha mãe. Ela está ansiosa que Victoria chegue. Sorrio e digo que já estamos a caminho.

Quando me viro e olho minha esposa, flagro-a olhando as ruas pela janela do carro. Está calada, quieta demais, pensativa. Estico a mão e seguro a dela, dando um aperto de leve para ela acordar do seu devaneio.

Victoria suspira e olha para mim, os olhos distantes e acho que marejados. Me aproximo e levanto seu rosto gentilmente e confirmo minhas suspeitas, seus olhos estão molhados, emocionados.

“Qual o problema?”

Ela nega com a cabeça e seu queixo escapa dos meus dedos. Olha para frente do carro e se ajeita no banco.

Acho que ela se esqueceu também de como sou teimoso. Meus braços a pegam de surpresa em um abraço e a faço deitar a cabeça no meu peito, tentando dar algum alívio para seu sofrimento.

“Não me esconda nada, amor. Lembra do que lhe contei. Nós juramos não guardar mais segredos.”

“Não é um segredo.”

“Então porque você está se distanciando quando pergunto o que é?” Afago seus cabelos.

Sinto que está relaxando, mas não responde de imediato. Um silêncio nos envolve e quando estamos subindo as montanhas, faltando algumas ruas para a nossa, ela suspira alto e murmura:

“Eu quase morri mesmo?”

Ah merda. *Quero matar Nicole.*

“Querida –”

Ela inclina a cabeça e olha profundamente para mim.

“Nós juramos não guardar mais segredos.” Ela devolve minhas palavras.

Sorrio e beijo sua testa. “Eu sei, mas isso é um assunto muito delicado.”

“Eu sei” sussurra, “mas eu quero saber. Acho que preciso saber.”

Assinto. Ela tem razão, e acho que eu iria gostar de saber também.

“Está bem, você tem razão.”

“Então?”

“Você sofreu duas paradas cardíacas, uma delas você ficou bem mal. Realmente quase –”

“Duas?” Ela se solta de mim e me olha angustiada, balançando a cabeça.

“Escuta, já passou. Acabou.” Pego suas mãos. “Você está aqui, não está?! Que diferença faz agora. Não fique assim.”

Victoria acena que sim e desvia os olhos. Está distante, percebo que algo

passa em sua mente. Novamente, ter poderes telepáticos seria muito bom agora. Penso em conforta-la, mas a porta do carro é aberta.

“Vem com calma, querida.” Will estende a mão e a ajuda a sair do carro.

Rapidamente, contorno o veículo e estou do seu lado, segurando sua outra mão. Ela sobe calmamente as escadas. Ainda está se acostumando a manter o equilíbrio. O médico disse que é totalmente normal no caso dela, e não só pelo coma. O traumatismo dela foi grave e o coágulo agravou tudo.

As portas de casa são abertas por Ken e nossa governanta sai correndo.

“Olá, menina.” Ruby diz vindo até Victoria e dando um beijo em seu rosto.

“Obrigada, Ruby.”

Caminhamos e chegando na sala. De repente ouvimos em uníssonos um: “Bem-vinda!” bem alto.

O corpo de Victoria se retrai com a novidade e ela me olha de relance. Vejo em seus olhos medo, mas não temos tempo para lidar com isso, Cora vem até nós e abraça a filha.

“É tão bom ter você conosco, minha princesa.”

Ela assente e sorri.

Então cada membro de nossas famílias fala com ela. Hannah no colo do pai beija a tia e alisa seus cabelos. Victoria a abraça rapidamente, quando se separam, minha sobrinha pergunta:

“Posso dormir aqui hoje?”

“Sim.” Respondo rapidamente dando um olhar de decisão para meu irmão.

“Pode sim, querida.” Anton fala, concordando comigo ainda bem.

“Quero –” Victoria murmura, mas é cortada quando Aida aparece na sua frente. “Oi”, diz sem graça.

A mãe de Cora, visivelmente emocionada, se inclina e abraça a neta, acho que pela primeira vez. Ao se afastar, limpa o rosto as lágrimas que escaparam e sorri com carinho, acariciando o rosto da neta.

“Você é linda. Tão linda.”

“Quem é você?” Victoria pergunta e olha para mim, franze a testa e meneia a cabeça. “Eu não lembro” balbucia para mim.

“Eu sei, meu anjo. Você não a conhecia.” Explico, dando um aperto em sua mão encorajador. “Essa é sua avó.”

Ela franze a testa mais ainda e olha de novo para senhora, além de emocionada, ansiosa.

“Eu sou a mãe da sua mãe.”

“Ah...”

“Eu queria muito lhe conhecer.”

“Você nunca me viu?” Minha esposa pergunta e troca um olhar com a mãe,

atrás de Aida. Cora nega com a cabeça em uma expressão de lamento.

Que família difícil. Puta merda.

“Eu lamento muito não ter lhe conhecido antes, mas eu sempre amei você. Você é minha primeira neta, como não amaria?! Sempre perguntei de você para sua mãe.”

Escuto William resmungar sutilmente atrás da esposa e olhar para o chão, balançando a cabeça descrente. Realmente tenho que concorda com ele. Amou tanto a neta que queria separá-la do pai e dos outros avós. Amou tanto a própria filha que deu um ultimato.

Victoria assente e abre um sorriso neutro, e vira o rosto para mim, me deixando vê-la de verdade. Ela quer sair daqui. Assinto para ela e a trago mais para os meus braços.

“Acho que ela está esgotada. É muita emoção de uma vez, gente. Vou levá-la lá para cima.”

“Claro, Ethan. Você tem razão.” Cora vem até nós, beija o rosto da filha e fica do lado. “Posso ir com você, querida?”

“Claro, mãe.” Murmura.

Acenamos para os convidados e nos viramos, seguindo caminho para as escadas. Cora vai na frente e eu atrás com minhas mãos na cintura e nas costas de Victoria. Ela ri quando sem querer aperto sua cintura e sente cócegas. Amo essa risada dela.

“Vou abrir a porta do quarto.” Cora fala quando chegamos no terceiro andar.

“Para de me tratar como uma invalida.”

Cora e eu rimos da malcriação.

No quarto pego minha esposa no colo e depois que Cora ajeita a cama deito ela. Os olhos de Victoria estão cerrados e vermelhos, está esgotada. E não é só eu que reparo, pois Cora fala:

“Você deve estar cansada, então vou deixá-la descansar agora.”

“Está bem.”

“Okay, vou lá pra baixo, mas qualquer coisa pode me chamar. Vou estar aqui para tudo.”

“Vai ficar aqui?” Os olhos da minha esposa brilham.

“Enquanto você se recuperar vou sim e pode se acostumar a ser mimada, porque na verdade, não estou tratando você como invalida e sim mimando você.”

Meu anjo abre um sorriso lindo e beija a mão da mãe. “Obrigada.”

“Está bem.” Cora beija a testa da filha e se levanta. “Qualquer coisa me chame.”

“Tá, mãe.”

Minha sogra ri e virando-se para mim, me dá um abraço e depois vai até a porta.

Victoria e eu acompanhamos ela até que a porta do quarto se fecha. Volto a olhar para minha mulher e a encontro com o rosto pensativo.

“Qual o problema?”

“O que você sentiu?”

Franzo a testa. Demoro um pouco para entender sua pergunta, mas então a conversa do carro surgiu na minha mente. Ela quer saber como me senti quando quase morreu. *Porra!* Encontrar uma palavra para definir como fiquei naquele momento é difícil.

“Perdido.” Murmuro acariciando seu rosto. “Fiquei...” meus olhos perdem o foco e relembro aquele dia. “Fiquei esperando por você” digo e a encaro de volta.

Ela assente e seu rosto se desmonta. E de surpresa, ela senta na cama e seus braços envolvem meus ombros bem forte.

“Eu te amo.” Sussurra no meu ouvido com a voz embargada.

“Eu preciso demais de você.”

Sinto-a assentir.

Fecho olhos e aberto meus braços em sua volta, sentindo seu cheiro. Ela está em casa, nos meus braços mais uma vez.

É neste momento que eu deveria me sentir o príncipe encantando dela? Porque a verdade é que eu me sinto sendo o resgatado, que ela é minha princesa encantada que me salvou de uma vida escura, sem amor e triste.

Ficamos neste momento só nosso por longos segundos e mesmo que ela tenha voltado para mim há sete dias, não tivemos esse tempo. Abraçar minha esposa de novo, é como resgatar minha alma do mais tortuoso e desesperador inferno.

“Você pode ficar comigo?”

Me afasto e olho seu rosto. E quando estica a mão e limpa meu rosto, fico surpreso por ter chorado. Mas ignoro isso e pergunto depois que seguro sua mão e beijo.

“Claro que sim.”

“Estou dizendo agora, Ethan. Eu sei que tem gente lá em baixo –”

“Poderia ter o presidente,” corto-a “que você seria minha prioridade. Você é minha prioridade.”

Ela sorri, o nariz vermelho e olhos brilhando emocionados. Assentindo, se agarra a mim de novo. Beijo seus cabelos e calmamente a deito na cama junto a mim.

EU PENSEI QUE DEPOIS DE TUDO QUE PASSEI, agora seria a hora de desfrutar da sorte que tive. Do milagre que aconteceu com Victoria. Mas a verdade é bem diferente.

Hoje completa duas semanas que ela acordou e uma que está em casa, e me acho um grande filho da puta em pensar que o fato de ela querer ficar o tempo todo dentro do quarto, me deixa incomodado. No fundo estou preocupado com isso.

Eu era para estar feliz, bem eu não deixo de estar. Apenas não gosto de vê-la se isolando como fosse a melhor opção. Não entendo. Não sei como ajudá-la.

Achei que nossa conversa quando ela chegou em casa tinha colocado finalmente uma pedra em cima dos seus medos. Ela está viva, bem e isso é tudo que importa. Sua memória pode não estar melhor, porém ela lembra do essencial.

“Senhor, a ligação que pediu está na linha três.” Debora diz, cortando meus pensamentos, na linha.

Vim hoje rapidinho no escritório. Dr. Nick falou para agir normal, viver *normalmente*. E vir ao trabalho era algo que eu fazia, então estou aqui, mas não pretendo demorar. É uma visita, que no fundo não está sendo à trabalho e sim para eu pensar melhor no estado da minha esposa.

“Obrigado.” Agradeço e aperto o ramal três. “Boa tarde, doutor.”

“Boa tarde, Ethan. Como está? Espero que bem.”

“Indo”, respondo sucinto.

Escuto ele soltar a respiração, com certeza já entendeu que tem algo de errado.

“Qual o problema? Se ligou depois de dois dias após minha última visita, tenho certeza que tem algo preocupando você ou Victoria não está bem? E eu já disse que qualquer problema poderia leva-la a clínica imediatamente.”

“Não. Não há problema. Quer dizer...”, dou uma pausa e respiro fundo. “Eu só sinto que minha esposa está muito, digamos, afastada de todos. E... eu entendo que ela esteja se sentindo estranha e até perdida, mas não gosto de como está indo as coisas.”

“E como está indo?”

Arfo e solto o corpo na cadeira, que reclina para trás e fecho os olhos.

“Desde que chegou em casa ela só sabe ficar dentro do quarto. Nos três primeiros dias ela chegou a pedir espaço.” Paro porque odiei aquele dia. Respiro

fundo e volto a falar: “Então agora supervisiono ela através dos empregados e eles dizem que ela está na mesma. Não sai do quarto. Na verdade, a única que ela mais ver, é a governanta. Ela disse que Victoria mau come, mau levanta da cama e quase sempre está no escuro.” Abro os olhos e fito o teto do meu escritório. “Estou preocupado com ela e não sei o que fazer. Por isso liguei. E gostaria do seu parecer sobre essa situação. O que você sugere?”

“Primeiro, porque não me falou nada disso quando estive na sua casa?”

“Eu achei que era passageiro, que depois da sua visita ela poderia entender que está realmente bem. Eu fui um idiota.”

“Não foi, é normal pensar assim. Você também precisa de paciência e é como meu paciente também, afinal.”

Sorrio sem vontade para o mundo do lado de fora do meu escritório através das janelas e no fundo é como uma metáfora, pois estou me sentindo trancado do lado oposto que Victoria está agora. Mas não posso permitir ela se distanciar assim, não quando eu posso lutar de verdade para ela ficar comigo.

“O que você acha que eu tenho que fazer? Ou nós temos que fazer.”

“Terapia.” Ele solta a palavra rapidamente, como já soubesse a resposta antes mesmo de eu concluir meus pensamentos.

“Terapia? Tipo... ir ao psiquiatra? Você acha que ela ficou com sequelas a esse ponto?”

“Não, Ethan.” Ele ri. “Ela só está passando por um momento difícil. Ela passou quase quatro meses dormindo. Acordou em um mundo que mesmo você se esforçando para não ficar, para ela é estranho. Em um mundo que todos a olha com pena e como ela fosse quebrar. Onde o filho que ela estava esperando, não existe mais.”

Meus olhos ficam quentes e sinto a queimação no peito. Ele tem razão. Assinto ouvindo, esperando ele concluir.

“Onde ela é casada e o marido dela está diferente e preocupado o tempo todo. E não se esqueça que nós não sabemos o que se passa com uma pessoa durante o coma. Talvez ela tenha se habituado ao silêncio e ao escuro. Creio que ela precise de tempo e de alguém para conversar.”

“Eu posso conversar com ela.” Afirmo rapidamente. “Ela pode me dizer o que quiser. Eu estou aqui para ajudá-la. Para cuidar dela.”

Dr. Nick solta o ar, mostrando sua comoção a mim e diz pacientemente:

“Eu sei que sim. Sei que a ama. Eu estive com você esse tempo todo, você não precisa me esclarecer nada, Ethan. Mas mesmo como todo o seu amor e devoção, ela precisa de outro tipo de ajuda. Outra pessoa para conversar e desabafar. Algum especialista que irá mais profundo na sua mente e encontrar o que tanto ela teme, ou se esconde. E mesmo que ela o ame tanto quanto você a

ama, Victoria talvez tenha medo de você não suportar o que ela tem para dizer. Você sabe muito bem como ela pensa sobre o estado que você se encontrou esses meses todos. Ela não quer machucar ou ver você destruído, que saiba o que pensa sobre como todos da família dela ficaram enquanto ela não acordava. Victoria precisa falar com alguém de fora dessa ligação.”

Assinto e levanto da cadeira. Vou até a janela panorâmica, os vidros vão do teto ao chão, e olho para o horizonte. Apoio a mão no vidro e fecho os olhos. A visão dela deitada, encolhia na cama como todas as vezes que a vejo agora quando chego no quarto me domina.

A menção de que não estou sendo o bastante para ela, me incomoda. Me dá a sensação de que sou inútil. De que não estou fazendo nada certo. De novo.

Não gosto disso. Não quero isso. Quero que ela confie e conte comigo. Porém, não posso combater com a orientação de um médico.

“Tudo bem, doutor. Eu... aceito.” Murmuro.

Eu vou fazer o que for para deixar Victoria bem. Para realmente trazê-la de volta. Sinto que ela está aqui, mas não voltou para mim. Não por completo.

“Certo, vou falar com um amigo meu que é psicólogo e agendar um dia para Victoria. E só para esclarecer. Ela só precisa de alguém para conversar, não de remédios. Psiquiatra é para quem precisa dos dois. Remédio e terapia.”

Assinto e depois de me despedir dele, desligo e deixo o fone sob a mesa. Volto para perto das janelas e cruzo os braços no peito olhando para o pôr do sol.

Não importa o quanto demore, eu sempre estarei esperando por ela.

Treze

Victoria

TERÇA-FEIRA, 03 DE AGOSTO DE 2014.



ME ESPREGUIÇO NA CAMA E ouço o som conhecido de água caindo com força vindo do banheiro. Me concentro neste som até que ele cessa e a porta de blindex corre. Passos ecoam no chão de madeira. Uma gaveta é aberta e fechada assim como a porta do guarda-roupa. Logo, a porta que separa o *closet* é arrastada, provavelmente deixando uma pequena fresta para a luz do banheiro iluminar sutilmente o quarto.

Continuo imóvel, olhos fechados e encolhida na cama. Noto que a luz azulada da lua que vem das janelas se apaga um pouco mais. Escuto ele colocar o controle universal sob a mesa de cabeceira e sinto a coberta se afastar do meu corpo quando ele ergue para se enfiar debaixo ao deitar na cama, fazendo o colchão afundar.

Prendo a respiração quando o sinto se arrastar para mais perto de mim e com seu jeito carinhoso e possessivo me leva para os seus braços. Ethan me aconchega nele em um aperto forte. Naturalmente vou relaxando e acalmando.

Fecho os olhos e não sei porque o dia de hoje passa pela minha cabeça.

Como sempre meu propósito era ficar dentro do quarto em silêncio esperando o sono chegar, mas minha mãe simplesmente não deixou isso acontecer. Ela me levou lá para baixo, e tive uma surpresa quando vi que Ethan tinha ido ao trabalho.

Mamãe falou que era importante nós vivermos normalmente. Seguir com a vida. Ele ir ao escritório faria bem a mim e a ele. Nós não temos que continuar como se eu estivesse doente. Segundo o médico e minha mãe, eu estou ótima e não há motivo para preocupação.

Contudo não me sinto *ótima*. O mundo parece estar voltando ao normal ainda e eu não sei o que está acontecendo comigo. Sinto muita dor de cabeça e às vezes certos pensamentos me dominam e tenho medo de saber até que ponto posso acreditar no que me lembro.

Será que realmente tudo isso foi real?

Hoje quando acordei da soneca que me pegou desprevenida na espreguiçadeira da piscina, fiquei me perguntando se aquele sonho estranho era uma lembrança ou simplesmente um sonho traumático de sempre. Tenho muito

medo do que está dentro da minha mente.

Mas tirando esse momento horrível, foi legal.

Depois do almoço fiquei com os cachorros brincando e matando a saudades. Desde que cheguei do hospital só soube ficar trancada no quarto, então não os tinha visto ainda. Zeus está tão lindo e peludo. Ele me lambeu toda e latiu todo animado. Prince também fez uma festa por minha causa e eu tive um momento de lamentação ao perceber que ele agora já é um rapaz. Está grande e deixou a carinha de filhote para trás. Eu perdi isso, porém fiquei feliz de ele ter se transformado em um cachorro adulto lindo e carinhoso e um tanto levado ainda.

Ruby contou que Ethan não deu muita atenção a ele o tempo que esteve do meu lado no hospital, mas que Prince foi um cachorro de ouro como soubesse o que estava acontecendo. Fiquei contente, pois sempre notei esse lado sensitivo no meu filhote. E colocando as fofocas em dia, Ruby me contou que ele ainda faz besteiras. Ontem mesmo roeu o sapato da minha mãe. Amo meus cachorros. Eles sempre foram como meu bálsamo.

As seis horas voltei para o quarto, sentei na beira da cama e admirei o céu, vendo a noite chegar. Logo me bateu o cansaço depois de tomar os remédios e deitei. Mas a soneca durou pouco tempo. O sonho estranho, que eu não sei nem como descrever de tão confuso, me fez pular na cama.

Estou com medo de que aquilo seja uma lembrança não uma ilusão da minha cabeça. Se for real... eu não sei como contar para o Ethan e fico me perguntando o que ele sabe que eu não lembro. Eu sei que tem coisa que ele se esquivava, todo mundo está fazendo isso.

O que será de tão terrível assim?

Ethan me abraça mais forte, me tirando dos pensamentos caóticos e o sonho que me aterroriza martela junto com a pergunta: *Será que ele vai continuar me amando se for verdade?*

Não importa. Nada importa neste exato momento enquanto ele está ressonando, me permito ter esse carinho. Eu sei do fundo do meu ser que foi o amor dele que me fez voltar. Que foi esse amor que me trouxe até aqui e me salvou e salva todas as vezes. E por ele eu faço tudo. Até o possível e impossível para fingir para todo mundo que está tudo bem comigo.

Ele suspira bem forte no meu ouvido, me aconchegando ainda mais em seus braços, e então sinto um beijo na bochecha. Ele parece estar remoendo algo também e eu preciso cuidar dele. É minha obrigação cuidar dele.

“Qual o problema, Ethan? Fala comigo.”

O silêncio permanece.

Acho que ele pegou no sono.

“Aquele dia...” sua voz surgiu, “foi minha culpa.”

“Do que você está falando?”

Ele vira meu corpo na cama para ficarmos cara a cara. Olho seu rosto tão amado e sorrio. Ele tirou aquela barba toda, agora está como o conheci. Cuidada e apenas aperfeiçoando a beleza do seu lindo rosto. Um bolo se forma na minha garganta.

“O que houve?” Sua postura muda totalmente ao perceber minha cara amargurada.

“Nada. É só... você.”

“O que tem eu? Eu estou bem, querida.”

“Não...” balanço a cabeça e o abraço bem forte, escondendo meu rosto no seu peito.

Ver seu rosto de novo me traz todos os tipos de sentimentos de volta, principalmente o da primeira vez que o vi. Nós eramos tão felizes, mesmo com o medo batendo na porta o tempo todo.

“Victoria”, ele diz meu nome como fosse um mantra.

Me recomponho e inclino a cabeça para ver seu rosto de novo. Acaricio sua bochecha livre de pelos e passo o indicador gentilmente em seu nariz, nas maçãs e contorno sua boca.

“Você é lindo.” Murmuro.

Ele sorri com os olhos emocionados e pega minha mão e beija.

“O que eu faria sem você na minha vida?” Nega com a cabeça e acho que pensa em algo. “Se eu tivesse...”

“O quê? Pode falar comigo, por favor.” Peço baixinho.

“Foi minha culpa você ficar daquele jeito.”

“Por que você diz isso? Claro que não foi.” Meu coração se contrai com essa confissão, pois não posso acreditar.

“Você caiu. Eu não fui capaz de proteger você.”

Respiro fundo. Não consigo acreditar. O médico me deu um bom resumo do que aconteceu comigo, sem contar os fatos do dia, e ele me disse que a maior causa para o meu coma foi o coágulo deixado pela pancada que aconteceu na academia. Quando o homem bateu na minha cabeça com a arma. Aquilo e o que aconteceu depois fez meu cérebro entrar em choque e precisar de tanto tempo para se recuperar.

“Não foi você.” Falo com calma, tentando convencê-lo. “Você não seria capaz.”

“Mas foi sim minha culpa e eu passei os últimos quatro meses pensando que tinha acabado com a vida do amor da minha vida.” As mãos sobem até meu rosto, segurando desesperadamente. “Passei todos esses dias me perguntando se

tinha destruído a mulher que eu amo. E agora eu chego em casa e vejo você assim... Quando você dorme eu..." Ele faz uma pausa que dói meu coração.

"O quê?" Sussurro bem baixinho.

Seus olhos deixam os meus e ele toma uma respiração bem funda antes de falar: "Penso que estou sonhando. Sonhando como todas às vezes enquanto você estava em coma e eu rezava, pedia, implorava para você voltar para mim".

O bolo na minha garganta se aberta de tal forma que me sufoca. Eu sei que ele me ama. Ah, como eu sei, mas não pensei que precisava tanto assim. Eu queria ter o poder para tranquiliza-lo. Deus. Eu não sei como.

"Só dizer que te amo não basta. Não é?"

Ethan puxa o ar e cerra a mandíbula, seus olhos ficam marejados me olhando com tanto amor.

"Dizer que estou aqui também não." Concluo. "O que eu faço? Diz para mim o que eu preciso fazer."

Eu nunca estive deste lado. Eu sendo a salvadora dele, curando as feridas dele, sendo a pessoa que precisa ser mais forte. Porque é isso que eu preciso ser para ele. Eu preciso mostrar que sou forte, que vamos ficar bem.

"Eu não quero perder você."

Suas palavras me ferem e parecem tão familiares. Fecho os olhos e visualizo nós dois em uma cama com lençóis brancos. Eu o abraço por trás, beijando seu rosto e ele segura minhas mãos bem perto do seu peito. *Eu me lembro*. Estávamos na casa dos pais dele.

É!

Foi quando ele me pediu para se casar com ele. Essa lembrança é vivida em minha mente e ele tinha dito essas mesmas palavras para mim porque eu novamente falei que estreguei a vida dele. *Ah, como eu estava errada*. Eu só posso estragar a vida dele de uma forma. *Não ficando com ele*.

"Para de dizer isso, Ethan. Você não vai me perder. Nunca!" Peço quase que suplicando e segurando seu rosto para cima, para ele olhar dentro dos meus olhos.

"Eu não quero perder você de novo. Da outra vez, eu quase não suportei. Eu fui fraco", pausa. "Eu deixei levarem você e depois quando te encontrei... quase a perdi de novo por minha culpa."

"Não foi sonho, então." Afirmo em choque que deixa minhas emoções congeladas. "Foi real. Os sonhos que eu estou tendo..." minha visão perde o foco dos seus olhos e vou para longe...

O quarto escuro sem maçaneta com a janela tampada por madeiras e o colchão fedido. A pia e o vaso sujo. O frio. O fedor. O escuro. Eu lembro de tudo. Tudo! As vozes. O homem que me levou comida e o outro homem, ele...

“Não. Não pode ser.” Deixo as lágrimas escorrerem.

“O quê? O que não pode ser?”

Balanço a cabeça. Eu não quero que ele saiba. Ele não vai me amar mais. Não vai me abraçar nunca mais. Estou suja.

“Me mate logo.” Vejo minha imagem caída no chão, o rosto queimando do tapa e minha blusa rasgada.

“Não quero te matar.” Ele diz no meu ouvido. “Só foder este corpo gostoso um pouquinho. É triste e pecado desperdiçar.”

Me jogo em seus braços e sinto meu corpo sacudir enquanto deixo as lágrimas abandonarem meu corpo, assim como a minha esperança de que tudo iria ficar bem. Como pode ficar bem quando eu estou suja com aquelas mãos.

Ah Deus! Tudo foi real. Eles me pegaram de novo.

“Victoria...”

“Me conta o que aconteceu.” Minha voz fica abafa porque estou com as mãos no rosto, pressionado em seu peito. “Me conte tudo. Por favor.”

“Está bem, meu anjo. Está bem.” Ele afaga minhas costas e toma uma respiração. É tão difícil para ele quanto para mim. “Nós estávamos indo para casa dos seus pais que fica em Malibu...” Conforme ele vai contando um filme passa na minha cabeça.

A visita a essa casa em Malibu com minha mãe, nossa conversa. Eu em Nova York com Ethan. O pedido de casamento. Eu contando do o bebê. Fugindo dos paparazzi. A ida para Maryland às pressas. A verdade sobre meus verdadeiros pais. Aspen e o casamento. A ultrassom. O telefonema. A volta para casa e...

“Quando eu soube que você estava com o anel –”

“A nana.” Interrompo ele. “Nana Maya, ela...” me afasto para enxergar seu rosto.

Ethan franze a testa e seus olhos tem remorso, pena, culpa, compaixão. Tudo misturado.

“Eu sinto muito mesmo.”

Assinto fungando e mesmo sofrendo, peço: “Me conta o resto depois disso”.

“Nós ficamos um pouco na casa dos seus pais, por causa do velório. Mas resolvi trazer você de volta para casa.” Ele faz uma pausa e distraidamente acaricia meu rosto sem me encarar. “Ficamos pouco tempo, porque você foi perseguida e –”

“A moto e o shopping. É isso! Aquilo que eu perguntei no hospital sobre o

homem chamado Raul.”

“É. Foi isso que aconteceu, mas você foi incrível.”

Assinto engulo o bolo na garganta. “E depois?”

“Seu pai teve a ideia de você passar um tempo na casa deles e eu aceitei. Então no trajeto fomos encurralados.”

“Como?”

“Victoria...”

“Conta tudo. Eu já estou lembrando, mas é confuso. Se você me contar vai ficar melhor.”

“Está bem”, ele assente e coloca uma mecha do meu cabelo para trás e olho em meus olhos quando continua a contar.

Deus! O Jorge era um informante?

Eu lembro do carro sendo atingido. Ethan me abraçando, me escondendo entre os bancos do carro e depois tudo fica confuso. Não lembro mais daquele momento, só em estar em um quarto escuro e fedido. Eles me doparam.

“E quando sai do hospital fui direto para casa dos seus pais e em seguida fui procurar você. No quarto dia, quando eu estava desesperado, passei em casa. O anel de esmeraldas tem um rastreador. Você lembra disso?”

“Não.” Falo um pouco chocada. *O anel do coração corado?!*

“Ele tinha um dispositivo e foi graças a isso que eu achei você. Assim que me dei conta que você estava com ele, rastreei o sinal e recebi um telefonema de um homem dizendo que queria ajudar –”

“O homem que levava comida.”

“Eu não sei, querida.”

“Acho que sim.” Meus olhos perdem o foco quando procuro em minha memória essas lembranças. “Ele me levava comida. Era legal comigo, mas eu estava com medo.”

“Normal.” Ethan me puxa para os seus braços e beija meus cabelos. “Depois da ligação e de saber seu paradeiro, preparamos um plano e fomos atrás de você. Foi tudo muito rápido e até fácil demais.” Seus braços me apertam por reflexo. “Quando eu vi você...”

Fico esperando o resto, mas não vem. Agora eu o abraço forte e fecho os olhos.

Eu consigo lembrar dele quando me encontrou.

“Você estava no topo da escada.”

“U-hum”, murmura com a voz embargada.

“Eu corri pra você e você pra mim.”

“Foi e aí eu peguei você e tentei sair de lá, mas Carl apareceu.”

“Carl. Eu lembro desse nome.” Digo me afastando e o olho nos olhos. “Ele

falou comigo.”

“Você lembra o que ele disse?”

Balanço a cabeça, porém tento achar alguma memória dessa conversa.

“Mais ou menos. Eu acho que ele gostava do meu pai.” Respiro fundo e franzo a testa. “Ele disse algo sobre isso.”

Ethan afirma com uma cara resignada e revoltada.

“Pelo o que eu entendi ele conheceu Will no cativeiro quando os dois foram sequestrados.”

“Meu pai foi sequestrado?”

“Sim. Colen descobriu.”

“O que o Colen é?”

“Ele é um homem feito da máfia, querida. Mas não se preocupe. Ele é um bom amigo e eu confio nele.”

“Por que ele não está aqui?” Dou de ombros. “Eu sei que não estou sendo a pessoa mais sociável do mundo esses dias. Só fico enfurnada dentro do quarto, mas várias pessoas vieram me visitar, principalmente todos os seguranças. Mas eu não vi esse Colen e nem o Raul. Por quê?”

Então faz um carinho no meu rosto e responde dois:

“Raul foi visitar a família dele na Inglaterra e Colen de certo modo também está fazendo isso em Las Vegas.”

“Mm...” faço e faço uma pergunta que ouvi Ken comentando com o outro segurança. “Como você descobriu que o Jorge que era o informante?”

Ethan franze a testa, mas relaxa quando responde. “Porque no dia da emboscada ele tentou guiar o carro que nos levaria, mas Ken e Colen não deixaram. Então o carro que estava eu e você, Raul dirigiu e Ken estava do seu lado. Nós fomos encurralados e enquanto isso, Colen lutava com Jorge no outro carro. Jorge atacou Colen, deixando tudo bem esclarecido em nossas caras. Ele era um x-9.”

“Minha nossa. Eu jamais pensaria que ele era um informante. Ele tinha uma cara de idiota. O que aconteceu com ele?”

“Colen o matou quando ele tentou atirar nele.”

Nossa. Estou em choque. Minha vida sendo contada assim parece um filme de suspense.

“Me fale mais sobre o Carl.”

Ethan arfa, pensativo. “Parece que Carl desenvolveu uma espécie de amor platônico pelo Will no cativeiro. Quando seu avô mandou resgatar Will, o raptor saiu atirando em todas as crianças e deram quase todas como mortas. Ao sair de lá, Will não tinha nenhuma noção de nada e Carl ficou com raiva de ele esquecer dele e resolveu perseguir seu pai. Começou a fazer ameaças e quando você

nasceu a situação piorou.” Ele para e cerra a mandíbula. “Naquela noite que resgatamos você, ele disse algo bem bizarro sobre Will não poder ser feliz sem ele. E como seu pai escolheu você e sua mãe, ele iria morrer. Então ele atirou e foi neste momento que Colen pulou em cima de mim para proteger nós dois e você bateu a cabeça de novo e não acordou mais.”

“Ele não acertou você. Não é?” Passo a mão no seu peito.

“A primeira vez que você caiu, foi logo quando ele chegou dando tiros e pegou na minha perna. Eu acabei perdendo as forças e cai com você nos braços.”

Franzo a testa com pesar. “É por isso que você está falando que é sua culpa?”

“É.” Ele afirma.

“Mas não foi.”

“Você não sabe.”

“O médico conversou comigo e não foi isso que me levou a entrar em coma. Não pensa assim. Você me ama e faria tudo por mim.” Seguro seu rosto. “Não foi sua culpa.”

Ele concorda com a cabeça e beija meus lábios de levinho.

“Conta o resto.” Peço sorrindo. Não sei explicar, mas ouvir tudo isso é bom de alguma forma. É como me conectar com o agora.

Ethan fala da minha entrada no hospital, do seu desperto e se culpa novamente quando me conta do médico falando que eu estava em coma.

“Você me salvou muito antes disso, Ethan.” Interrompo-o, porque preciso que ele saiba. “Me salvou quando voltou para Los Angeles, quando ficou obcecado por mim. Quando foi atrás de mim na boate.” Solto uma risadinha, mesmo sentindo os olhos queimando pela emoção. “E quando chegou na minha sala de cinema e me deu aquele beijo. Me salvou tantas vezes, Ethan.” Paro para respirar.

Ele balança a cabeça e pega minhas mãos e segura perto do seu peito.

“E você não sabe o *quanto* me salvou quando disse que me amava a primeira vez... Naquele momento eu me transformei. Me tornei parte de você e ali você me salvou para sempre. Mesmo acontecendo tudo o que aconteceu, no fundo foi porque tinha que ser. Era o plano de Deus e ter você no meu caminho, na minha vida, para me salvar todas essas vezes também.”

Ele assente com os olhos molhados, beija minha testa e me esconde em seus braços.

“Eu sei, Ethan. Eu sei que a partir de agora tudo será maravilhoso.” Respiro. “E eu posso não estar cem por cento, mas sei que todos os dias você estará ao meu lado. Me salvando todas as vezes que me abraça.”

“Ah, meu anjo.”

“Obrigada por não desistir de mim antes.” Sussurro com a boca no seu pescoço. “E mesmo que eu esteja confusa, sei que tudo vai ficar bem. Não desista de mim agora.”

“Jamais.” Ele beija meus cabelos. “Desistir de você nunca foi uma opção. Nem antes e nem agora. Nem nunca, meu anjo.” Beija minha testa e murmura: “Da mesma forma que você diz que é minha, eu sou seu. Desistir de você é desistir de mim mesmo. Eu nunca vou desistir de você. Nunca vou parar de respirar. Nunca vou parar de lhe amar. Então, você vai viver para sempre se depender do meu amor.”

Eu não consigo me segurar e as comportas se abrem e choro agarrada ao seu corpo.

“Eu quero que essas vozes na minha cabeça sumam.” Digo com a voz rouca. “Eu quero voltar a ser o que era antes. Eu tenho tanto medo de não ser mais aquela mulher que você se apaixonou.”

Ethan pega meu rosto e o afasta para falar olhando em meus olhos. “Eu vou te amar de qualquer forma.”

“Não é isso.”

“Eu sei o que você quer dizer e isso tem solução.”

“Como?”

“O Dr. Nick conversou comigo e disse que seria muito bom pra você fazer terapia. Que você precisa conversar com alguém que possa desenterrar esses sentimentos ruins e lhe ajudar a se lembrar de algumas coisas e assim você não se sentir tão perdida.”

“Eu não posso conversar com você?”

“Pode, meu anjo. Eu quero que você converse comigo, mas acho que seria importante você também fazer a terapia. Um psicólogo pode lhe ajudar de uma forma que eu não posso. Mal não vai fazer.”

“Está bem, eu faço.”

“Mas quero que você me prometa uma coisa.”

“Qualquer coisa.” Sussurro.

“Você vai ser extremamente honesta com o médico. Não quero que você fique que nem da outra vez que foi sequestrada e fez terapia. Os pesadelos foram a prova de que você ficou traumatizada, Victoria. Eu não quero que você carregue isso para o resto da sua vida de novo. Então você vai me prometer que vai contar tudo para o médico. Absolutamente tudo. Porque assim você vai poder viver em paz. Você não quer viver em paz?”

“É o que eu mais quero.” Agarro ele, abraçando seu pescoço e digo com a boca perto do seu ouvido. “E fazer você feliz.”

“O que me deixa feliz é você estar bem. Sua felicidade é a minha.”

Sorrio e me aconchego em seu abraço e fecho os olhos rezando para que tudo fique bem de verdade e que nem todos os sonhos sejam reais e tudo apenas não passe de um pesadelo.



QUARTA-FEIRA, 04 DE AGOSTO DE 2014.

A LUZ DO SOL INCOMODA MEUS OLHOS e não me deixa voltar a dormir. Resmungo e me viro na cama. Não encontro Ethan ao meu lado. Cerrando os olhos, vejo no relógio da mesa de cabeceira que são apenas seis e meia.

“Estranho.” Sussurro pensativa e me levanto.

Em frente a cama me espreguiço gostoso. Jogando os braços para o alto e estalando tudo. No sofá acoplado aos pés da cama, pego meu robe e caminho para o banheiro. Sorrio ao encontrar Ethan com uma toalha enrolada na cintura e escovando os dentes. Ele sorri para mim com a escova na boca e pisca o olho como me cumprimentasse.

“Bom dia”, digo também e passo por ele indo até o vaso.

Enquanto faço xixi reparo no seu corpo. Ele emagreceu uns bons dez quilos e seu corpo musculoso é uma sombra. Mas ainda continua lindo, só um pouco menor. Suas costas largas, a cintura fina, o peitoral – que não é mais estufado pelos músculos – e os braços compridos, perderam um pouco do formato, porém quando ele se mexe consigo ver a sombra dos músculos que apenas desincharam.

Eu também estou magra. Fito meu reflexo no vidro do box e torço a cara em desgosto. Estou muito magra e fraca. Duvido que eu consiga correr os cinco quilômetros em trinta minutos como antes.

Olho para o chão lembrando de como eu era cheia de energia. *Puxa vida.*

Com carinho meu rosto é erguido por Ethan. Sorrio encarando-o.

“Qual o problema, meu amor?”

Ele sempre é tão doce. Acho que nunca vou me acostumar.

“Só estava lembrando de como meu corpo era. De como eu era atlética.” Deixo minha cabeça cair para o lado e afago seus ombros até os antebraços. “E você também.”

Ethan respira fundo e abre um sorriso tranquilizador.

“Isso é o de menos. Nós podemos recuperar.”

“Eu sei, mas você está parecendo o Capitão América antes do soro.”

Isso o faz soltar uma gargalhada e agarrar minha cintura me dando um beijo rápido.

“Que bom que o senso de humor está de volta, e só para você saber. Era verdade quando disse que estou cheio de energia. Ontem eu até corri na academia daqui de casa enquanto você dormia.”

“Sério?”

Ele assente. “E assim que você estiver se sentindo bem para fazer exercício, vamos treinar juntos aqui em casa.” Concorde sorrindo e jogo os braços em seus ombros. “No entanto, por enquanto quero você comendo muito para recuperar as forças.”

“Pode deixar. Eu também não gosto de mim assim. É feio ser magra demais. Odeio meus ossos desse jeito.” Movo os ombros, mostrando mais ainda meus ossos. “É estranho.”

“Por isso casei com você. Uma mulher consciente e saudável.”

Sorrio balançando a cabeça. Ele me dá um beijo rápido e fica me olhando calado e concentrado.

“O que é?”

“Você parece melhor hoje. Mais viva.”

Dou risada e deito a cabeça no seu peito fazendo carinho no ombro do lado oposto do qual deitei.

“Conversar com você ontem foi bom e realmente parece que acordei mais disposta.” Levanto a cabeça. “Me sinto corajosa.”

Afago sua face, passando o dedo delicadamente pelas maçãs do rosto e o queixo, a barba arranhando sutilmente a palma da minha mão.

“Você prefere eu sem barba, não é?”

“Eu gosto de você de qualquer jeito.”

Ethan assente sorrindo, mas os olhos desconfiados.

“O que foi?”

“Por que ontem você quis chorar quando viu meu rosto? Quando eu virei você na cama.”

“Ah...” inspiro com força. “É porque fiquei emocionada de ver seu rosto todo. Sabe?! Quando vi você no hospital com aquela barba toda, me assustei. Quase não reconheci você.”

“Sério?” diz em lamento. “Minha mãe falou pra eu tirar, mas eu não queria ficar tanto tempo afastado da sua cama.”

Aperto os lábios, triste. Este homem é único.

Assinto acariciando seu rosto ainda. “Tudo bem, só foi um choque ver você daquele jeito.”

“Agora está melhor?” Pergunta esperançoso.

“Está perfeito como sempre.” Digo sorrindo. “Você é perfeito, Ethan. Com ou sem barba de Papai Noel.”

“E o cabelo. Quer que eu corte agora? Vou num salão rapidinho e resolvo isso.”

“Não. Pode ficar assim. Gostei.” Falo sorrindo e puxando as mechas loiro escuro. “E eu só gosto mais de você com a barba rala porque posso enxergar melhor seu rosto *todo*.” Ele sorri e aperta minha cintura. “Eu amo olhar sua boca, seu queixo, seu nariz... Ver seu sorriso.”

“Eu amo você, meu anjo.”

Assinto e preciso abraçá-lo bem forte quando inspiro com força e solto o ar lentamente sentindo suas mãos afagando meu corpo.



SIGO E^{THAN} ATÉ O CLOSET E o vejo pegar uma roupa no cabide limpa e passada.

“Você vai trabalhar hoje de novo?”

Ele vira o rosto para mim e franze a testa. “Parece que fiz falta por lá. Por quê? Não se preocupe” se aproxima rapidamente de mim. “Eu não vou demorar.”

“Não é isso. Eu acho que você ir ao trabalho é bom. Me faz sentir que o mundo está voltando ao normal.”

“Pra mim também.” Ele confessa com um sorriso lindo. “Mas morro de saudades de você quando estou lá.”

Rio baixinho e pego sua mão. “Sentir saudades é bom.” Dou de ombros.

Ele nega e seu rosto fica bem sério.

Meu coração se aperta ao lembrar o motivo de ele não gostar de sentir saudades.

Abraço-o bem forte e murmuro perto do seu ouvido: “Eu sempre estarei lhe esperando. Não se preocupe, amor”.

Seus braços me apertam. “Que bom!”



SEGUNDA-FEIRA, 09 DE AGOSTO DE 2014.

COMO AS ORIENTAÇÕES DO DR. NICK, aceitei fazer a terapia. Ele marcou com um amigo dele, que ainda bem que o consultório fica perto do hospital, no caso perto de casa. O tal psicólogo por coincidência é irmão da Dra. Karen que cuidou de mim e Ethan no ataque da academia.

O nome dele é Marlon Russel, alto, negro, olhos castanhos amigáveis e bonitos como os da irmã, e tem um senso de humor contagiante. Deve ter uns quarenta e poucos anos. Acho que vou me dar bem com ele.

Hoje é a primeira sessão e como ele mesmo disse, é o teste para ver se

vamos nos adaptar e nos conectar.

Ele disse que se o paciente não conseguir se conectar com o terapeuta, não vai funcionar o trabalho, pois terapia é um conjunto de dois fatores. Paciente e médico.

Entro na sala, onde ele conversa com os pacientes e me aconchego em um sofá baixinho. Marlon fica em uma poltrona grande com braços largos e do lado uma mesinha com um vaso de flores; um único girassol, e o tablet, que ele pega e deixa sobre as pernas cruzadas confortavelmente.

“Então, Victoria. Quero que você e eu sejamos amigos. Não precisa ficar com medo de me contar nada. Eu jamais vou passar alguma das nossas conversas a ninguém.”

Assinto. Ele sorri e se mexe um pouco na poltrona.

“Então, você quer me perguntar alguma coisa hoje? Agora? O que está lhe afligindo no momento?”

Respiro profundamente e foco em um ponto qualquer na sala quando falo: “Tem uma coisa que eu estou em dúvida”.

“O que vem a ser?”

“Você já sabe que eu perdi algumas memórias...”

“Sim e como eu expliquei ao seu marido isso é algo que podemos resolver.”

Assinto e brinco com minhas unhas. “É...”

“O que você precisa se lembrar que está com medo?”

“Como você sabe que estou com medo?” Olho para ele.

Sorrindo ele ergue as sobrancelhas. “Este é meu trabalho, mas me conte. O que é?”

Fico remoendo a pergunta. Encaro meus pés, brinco com a ponta do casaco e depois de umas dez respirações, falo: “Eu tenho um sonho... que parece muito com uma lembrança e...” levanto o rosto “eu tenho medo de que seja real”.

“E você está disposta hoje a contar o que é?”

“Não sei.” Murmuro. “Tenho medo de dizer em voz alto e —”

“E de alguma forma virar realidade.” Ele completa e apoia os cotovelos nas pernas, olhando para mim como enxergasse tudo. “Não precisa ficar assim. Você não está sozinha.”

“Mas lá eu estava.”

“Estava, Victoria. Agora não está mais. Confia em mim.”

Assinto sutilmente. “Eu vou.”

“Ótimo.” Volta a se sentar direito e mexe no tablet. “Mas por enquanto que tal me contar como você está se sentindo. Vamos ser básicos hoje.” Ele pisca o olho e eu sorrio, relaxando.

Catorze

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 09 DE AGOSTO DE 2014.



O RONCO DO MEU CARRO CESSA ASSIM que estaciono na calçada em frente ao consultório. Saio batendo a porta e aperto o alarme. Com passos largos entro no prédio, e assim que dou meu nome, subo para o andar do médico.

“O que o senhor está fazendo aqui?” Ken pergunta na porta do consultório do terapeuta.

“Vim buscar minha esposa.” Respondo com a testa franzida. Era só o que me faltava uma pergunta idiota dessas a essa hora da noite. “Algum problema nisso?”

“Não senhor. É porque eu pensei que você estaria no trabalho.”

“Eu estava” falo com um gesto de impaciência evidente e me sento no sofá grande de couro perto da porta.

Eu sei que estou me comportando como um cretino o dia todo. Fui grosso com meio mundo até chegar no escritório e no trabalho ignorei a existência dos outros. Com certeza vou dar um aumento à Debora por sempre entender meu estado de espírito e cancelar minhas reuniões. *Merda*. Eu não tinha que estar assim. Não faz nem uma semana que voltei ao trabalho.

A culpa desse estresse todo é Victoria fazer terapia. Isso está me deixando ansioso. A sensação de que ela precisa confiar em outra pessoa, é terrível. Talvez seja porque não faz muito tempo que ela voltou para mim e me sentir incapaz de ajudá-la quando posso ter algum controle, é inaceitável. Fora a culpa que está me consumindo. Nada me fará pensar diferente sobre o causador do seu acidente.

E sinto também que ela está com medo de contar para mim do sonho que teve um dia desses. Tenho quase certeza que ele é o causador do seu afastamento, embora a conversa que tivemos semana passada fazer maravilhas. Victoria passou a acordar cedo, tomar café da manhã comigo e me levar até a porta. Passa mais tempo no primeiro andar da casa brincando com os cachorros e fazendo companhia a Cora e até entrou na piscina enquanto estou no trabalho.

A semana passada foi boa para nós dois. Estamos progredindo. Voltei a pôr em prática meus planos. Em breve farei minha esposa e minha família orgulhosos de mim. Estou confiante no que meus pais vão pensar ao ver o filho deles se arriscar profissionalmente.

Eu sempre quis ser independente e ter meu próprio negócio. Claro que ainda serei um membro da COLTON & BROWN, mas quero ter algo só meu. Deixar para os meus filhos meu próprio legado. E tudo que me tornei, tudo que planejo para o meu futuro vem do amor que sinto por Victoria. Ela é a força da minha vida.

Mas apesar daquela semana ter sido boa, o final de semana foi o divisor de água.

Sexta-feira Cora foi para casa, então obviamente fiquei sozinho com minha esposa. A casa só nossa, sem seguranças, vigia, nada. Nós e os cachorros. Preparei tudo para curtimos o sábado e o domingo. Me senti como o nosso primeiro encontro. Assistimos uns cinco filmes na sala de estar, tomamos sorvete na beira da piscina e claro que depois a joguei na água, apenas para ouvi-la rir do jeito que tanto amo. Alto e de deixar seus olhos brilhando.

No sábado pegamos no sono no sofá mesmo, esquecendo o filme, mas no domingo preparei um jantar à luz de velas. Ela ficou tão feliz. Foi como eu agradecesse o último jantar que tivemos, onde ela me disse as palavras mais lindas do mundo. Realmente quis reviver aquele momento. Até dancei com ela ao lado da piscina “*More than words*” olhando em seus olhos.

Foi lindo, romântico e perfeito até chegarmos no quarto.

Eu pensei que nós poderíamos fazer amor. Não vou ser hipócrita e dizer que não quero, pois quero muito sentir seu corpo de novo. Ter aquela sensação maravilhosa de estar dentro dela. Sinto falta e não é porque sou homem e preciso de sexo, é porque quando faço amor com ela, o mundo morre ao nosso redor. Eu sinto falta disso com ela. Uma saudade dolorosa que abafa quando a abraço durante a noite, que infelizmente nem isso pude ter domingo.

Quando estávamos na cama, a levei para os meus braços e tentei acariciar de uma forma mais sugestiva seu corpo, mas Victoria não só se afastou como se levantou dando a desculpa de que precisava ir ao banheiro. Fiquei desorientado com essa reação. Isso nunca aconteceu com a gente. Ela nunca me rejeitou. Tentei entender que talvez ela ainda esteja se sentindo mal. E quando conversei com Cora hoje de manhã, minha sogra que disse que talvez Victoria esteja se sentindo feia. Eu não concordo, mas prometi que irei ser o marido mais paciente do mundo.

E agora ela está aqui fazendo terapia. *O que será que está falando para o médico? O que que é que a incomoda?* Sorrio com amargura olhando para a revista que estou fingindo ler. Sou um hipócrita pensando nos segredos que ela me esconde quando eu tenho os meus. O dela por sua vez deve ser simples, o meu não é. Mas eu nunca vou me arrepender. Coloquei fim nesse circo. Fim no medo que a perseguiu desde que era um bebê. Ela não vai mais precisar ficar olhando para trás e ver se alguém está a seguindo. O que eu fiz foi por amor e

vou guardar este segredo o quanto for possível de todo mundo.

Nunca pensei que poderia ser capaz de tal atrocidade. No resgate foram dois e ele foi o terceiro e último. Ele não merecia uma segunda chance.

Às vezes fico esperando o remorso, os pesadelos, mas nunca vem. E sei que um dia eu e Victoria teremos que ter essa conversa. Ela é minha esposa, minha melhor amiga e tem que saber de tudo que faço.

Piscando com força, olho para a porta. *Por que está demorando tanto?* Viro meu braço e verifico as horas no relógio que ela me deu de presente de aniversário de dois meses de namoro.

“Já não era para ter acabado?” Pergunto a Ken quando me levanto do sofá.

“Não, senhor. Falta quinze minutos.”

Cerro os olhos, irritado e enfio as mãos nos bolsos soltando o ar com força pela boca. Começo a andar de lá pra cá. Não sei porque estou tão preocupado com uma coisa tão banal.

De repente escuto um riso e viro-me e encontro Victoria falando com o médico.

“Eu sei, obrigada.”

O terapeuta ri e eu me aproximo.

Victoria assim que me enxerga, abre um sorriso ainda maior e antes que eu chegue nela, está em meus braços murmurando: “Você veio me buscar.” Me beija o rosto e se afasta.

Hm... acho que já gosto desse terapeuta.

“Claro que sim, meu anjo.”

Ela dá uma risadinha e fica ao meu lado para eu poder cumprimentar o médico.

“Marlon.” Digo apertando a mão dele.

“Sr. Brown. Como está hoje?”

“Bem.”

Ele assente e vira-se para minha esposa. “Quarta-feira, Victoria?”

“Claro”, ela afirma. “Estarei aqui.”

“Okay, até lá.”

Com um aceno, viramos e saímos do consultório. Procuro Ken quando estamos esperando o elevador e não o encontro. Acho que ele já desceu.

“Primeiro as damas.” Falo esticando o braço deixando-a entrar primeiro.

Depois que entro e fico ao seu lado, passo o braço por sua cintura e fito seu perfil.

“Porque você está sorrindo assim?” Admiro seu sorriso de menininha.

Victoria vira o rosto, abre mais o sorriso e vem ficar na minha frente. Jogando os braços sobre meus ombros, murmura como se estivesse contando um

segredo.

“Você está muito bonito hoje.”

Achando graça, rio e dou um beijinho na sua boca.

“Só hoje?”

“Na verdade, você sempre está lindo, mas hoje está mais ainda.”

Meneio a cabeça e agradeço.

“Por que resolveu me buscar? Você não me disse nada. Achei que ainda estivesse na empresa.”

Enquanto ela fala, brinco com o lacinho do seu vestido.

Ela também está linda demais hoje. Seu vestido é de um pano leve com alças finas, branco com florezinhas. Ele me lembra aquele que eu a vi no jardim da sua casa, quando nos reencontramos e eu quase a joguei no chão. A memória é feliz, porém recordo do dia que ela o vestiu para mim de novo, querendo fazer uma surpresa. Foi no dia que Jorge a jogou da escada e ela foi perseguida. Quando teve que subir na moto, infelizmente o vestido se rasgou. E eu também o manchei com a torta de limão. Foi um dia terrível.

“Porque surpresas não se contam, Sra. Brown.”

Ela dá uma risadinha, o sorriso enorme que chega até seus olhos e passa o nariz no meu dizendo: “Então você queria fazer uma surpresa para mim, Sr. Brown?”.

“Sim, senhora minha senhora.”

Ela solta uma gargalhada. Gosto dela de bom humor.

O elevador chega ao térreo, e dando um beijo em seu rosto, coloco a mão na parte inferior das suas costas e a guio para fora do prédio. Como eu esperava Ken está aguardando ao lado do Bentley.

“Ken já pode ir para casa. Victoria e eu vamos sair.”

“Sim, senhor.” Com um aceno de cabeça ele entra no carro.

“Não é perigoso?” Victoria me surpreende com a pergunta enquanto assisto Ken partir.

“Não, amor.” Respondo de testa franzida.

“Mas Ethan...”

Querendo tranquilizá-la, me aproximo e seguro seu rosto entre as mãos.

“Meu anjo, você acha que eu colocaria você em perigo?”

“Não, claro que não.”

“Então confia em mim. Está tudo bem ficarmos sozinhos.” Abro um sorriso afetuoso. Quero que ela entenda que agora não há mais medo. “Você é livre. Eu tinha prometido isso a você.”

Ela assente, os olhos brilhando com uma alegria contida. Eu sei que será uma longa estrada a adaptação para o seu novo mundo.

“Escuta, você pode ir onde quiser, quando quiser. Não tem mais seguranças no seu pé. Não precisa mais ficar com medo de alguém poder fazer mal a você. Acabou. Você é livre. Não tem mais agentes disfarçados vigiando de longe. Ken só veio com você para fazer companhia e porque você está se recuperando ainda. Agora ele é mais motorista do que segurança.”

“Mas a casa ainda tem câmeras e aqueles homens.”

“Sempre terá. Nós somos ricos e sempre haverá segurança por causa disso. É uma segurança normal, digamos assim. Não ‘o forte’ que vivíamos. Aquilo é passado. Agora somos livres.” Beijo seus lábios. “Você é livre. E acredita quando digo. Eu nunca a colocaria em perigo. Você acredita?”

“Acredito.”

“Então não precisa se preocupar.” Dou um beijo de leve nos seus lábios, me afasto e vou até o carro e abro a porta para ela entrar. “Você está segura comigo.”

Abrindo um sorriso, ela se aproxima soltando a respiração e murmura antes de se acomodar no banco do carona.

“Estou sempre segura com você, meu Capitão América.”

“As lembranças que você me traz falando assim.” Brinco, apesar de no fundo ser verdade. Ela não sabe o quanto está me provocando sem querer. Rindo, fecho porta e contorno o carro e entro também.

“Preparada para dar uma volta com seu marido? Só eu e você. Você e eu.”

Victoria ri e assente. “Eu sempre estou pronta para tudo com você.”

“Maravilha”, falo satisfeito piscando o olho para ela. “O que você gostaria de comer? Estava pensando em comprar algo e levar para casa.” Ligo o carro e o rádio liga na música que eu estava escutando do Aerosmith. “Poderíamos comer no terraço da nossa suíte.”

“Adorei a ideia.”

“E o que você quer comer?”

“Não sei, o que você tem em mente?”

Decidido, passo um carro e viro na Av. Hollywood seguindo caminho para o restaurante japonês que gosto de comer.

“Comida japonesa, mas se você quiser podemos passar no Mcdonalds. Qualquer coisa para deixar você feliz.”

“Eu não como fast-food.”

Olho para ela de canto de olho e a pego de testa franzida, e lembro que ela só comeu Mc’Lanche Feliz naquele dia porque estava com desejo. Por causa do bebê. Merda. Esqueci disso.

“Estou brincando, querida.” Falo e mudo de assunto. “Como foi hoje com o Dr. Marlon? Gostou dele?”

“Sim”, responde sucinta.

Olho para ela de soslaio e a pego bocejando. Parece cansada.

“Você está bem?”

“Sim.”

“Okay”, continuo dirigindo, prestando atenção no trânsito e insisto. “Me diga mais sobre a sessão de hoje. O que falaram?”

“É sigiloso, Ethan. Você sabe.”

“Não pode contar nem pra mim?” Finjo estar ofendido. “Achei que éramos melhores amigos além de amantes.”

“Ah, para de chantagem. Não vou contar.”

Rio e quando passo a marcha aproveito para pegar sua mão e deixo um beijo. “Tudo bem. Estou só provocando você.”

“Hm...” resmunga. “E você? Como foi seu dia?”

“Normal.” Muito normal até esbarrar em Will e eu parar na sala dele.

Tivemos uma conversa de pai para marido. Ele se justificou, agradeceu por eu cuidar da sua filha tão bem e no final pediu desculpas. Eu aceitei e posso dizer que estamos de bem de novo. Não sei até quando vai durar, mas vou tentar fazer funcionar nossa relação. Eu sei que Victoria notou nosso afastamento no jantar que ele foi lá em casa na sexta passada quando buscou Cora. E ela não gosta de ninguém brigado. Minha esposa poderia ser embaixadora da paz da ONU e até ganhar um Nobel. Meu anjo sem asas.



No TRAJETO ATÉ O RESTAURANTE, apenas a música soa pelo carro. Não quis perturbá-la.

“Chegamos, amor. Vai escolher comigo?”

“Nah...” resmunga indolente.

“Tem certeza? Posso comprar qualquer coisa?”

“Qualquer coisa não, né.”

Rio e afasto o cabelo da frente do seu rosto. “Você me entendeu.”

Ela abre um dos olhos e sorri com preguiça. “Traz o que achar melhor. Confio no seu gosto.”

“É claro que sim. Casei com você.” Murmuro e me inclino e beijo sua testa. “Vou lá. Daqui a pouco volto, não demoro.”

“Está bem, Ethan.”

Do lado de fora do carro, me abaixo e pergunto: “Nenhum pedido especial? Nem sobremesa?”.

“Pode ser.” Balbucia ela.

“Te amo.”

Ela ri baixinho e ergue o braço mostrando a mão para mim em um sinal de “okay”.

Rindo caminho para dentro do restaurante e dou sorte de ele ainda estar vazio. É impressionante como todos as noites ele fica cheio. Rapidamente faço nosso pedido e vou para fila de espera. Pego meu celular e vejo uma mensagem de Anton preocupado porque Jennifer teve desejo de comer mel com sal de novo. Balanço a cabeça controlando meu riso e responde ele.

E_{THAN} - L_{OS} A_{NGELES} | C_{ALIFÓRNIA} - 18:28

RELAXA E DÁ O QUE ELA QUER, PORRA.

Guardo o celular no bolso e sinto meu peito doer. Minha família acha que para mim a perda do bebê foi fácil, que eu não estava ligando e não senti. *Nossa.* Eles estão bem enganados. Eu só continuei agindo os próximos dias como nada tivesse acontecido porque se eu desmoronasse quem ficaria com Victoria. Quem faria o que eu fiz por ela.

Minha esposa estava fraca e mais ainda naquela fase depois de ter uma parada cardíaca forte. Eu não poderia cair, senão não conseguiria me erguer novamente para cuidar dela e continuar pedindo a ela para voltar para mim. Mas eu senti a perda dele. Eu o amava também. Era meu filho e diversas noites passei a madrugada assistindo a filmagem que Victoria me fez gravar no consultório em Aspen. Ela estava tão feliz e emocionada ouvindo o coração dele pela primeira vez.

Perder ele me partiu ao meio, mas eu precisei ser forte por ela. E agora, na hora que perguntei do Mc'Lanche Feliz, escondi a saudade de vê-la daquele jeito tão apaixonado pela parte de nós dois crescendo dentro dela.

Eu já a vi feliz muitas vezes, só que ela estava além disso. Estava radiante e secretamente almejo esse momento de novo em nosso futuro. Assim que ela estiver se sentindo bem, nós podemos tentar de novo começar a construir nossa família. Nós merecemos isso mais do que qualquer pessoa no mundo. Ter essa felicidade.



QUARENTA MINUTOS DEPOIS VOLTÓ PARA o carro com as duas marmitas quentes e fumegando um cheiro que abre meu apetite. Deixo no porta malas, que não é grande coisa neste carro. Como Anton gostava de falar. Alguns dos meus carros são para um cara solteiro e egoístas. Nem banco traseiro tem, assim como este modelo. Meu Aston Martin - DB9, meu terceiro carro conversível. Gosto dele.

Entrando no carro vejo que Victoria pegou no sono. Esses remédios a deixam cansada também, porém por um tempo ela precisa deles para ficar bem.

Subindo Hollywood Hills, a paisagem do entardecer sob um crepúsculo

toma minha atenção. O amarelo ouro do sol se pondo no fundo do céu azul cheio de nuvens fazendo o horizonte ser uma mistura de cores gradientes. E conforme o relógio se aproxima das sete horas, o céu é tomado de estrelas, iluminando a cidade em um céu azul escuro muito bonito.

“Que lindo.” Escuto e viro o rosto. Vejo Victoria tão admirada quanto eu com o pôr do sol.

“Verdade.”

“Me lembra o primeiro final de semana na sua casa.”

“Verdade. Nós estamos na piscina.” Falo entrando na rua de casa.

“Eu pensei naquele dia que esse tipo de visão vinha com bons presságios.”

Engulo em seco, sentindo a amargura.

Aperto o dispositivo para abrir os portões no quebra-sol e entramos na garagem. Estaciono o carro perto das escadas da porta principal, em frente ao carro que Ken usa. Desligo o motor, tiro meu cinto e vou abrir o de Victoria que voltou a fechar os olhos.

“Victoria. Chegamos em casa, querida. Acorde.”

Ela resmunga e força os olhos a fecharem ainda mais. Acaricio seu rosto e digo baixinho: “Quer que eu leve você lá pra dentro?”

“Nah... quero ficar aqui.” Sua mão afaga o banco de couro do carro. “Eu adorei esse carro. É lindo.”

Rio e pego sua mão com carinho. “É todo seu, agora vamos entrar.”

“Você já tinha saído comigo nele?”

“Não, meu anjo.”

“Hm... eu gostei dele.”

“Eu também gosto dele, mas gosto mais da minha esposa confortável dentro de casa.” Beijo sua mão, abro seu cinto e saio do carro. Dou a volta no veículo e abro sua porta e me inclino para pegá-la. “Vamos. Vou colocar você na cama para descansar melhor. Mais tarde nós comemos.”

“Não. Espere!”

Paro quando sinto sua urgência. Vou mais para dentro do carro e fito seu rosto, ela nem se mexe.

“Você está sentindo alguma coisa?”

“Não.”

“Victoria!”

Ela choraminga. “É só uma dor de cabeça. Não é nada.”

“Se fosse, você viria comigo. Vou levar você ao hospital.”

“Ethan...” ela se vira rápido e agarra minha camisa. “Não consigo abrir os olhos. Estou tonta.”

“Calma. Calma, vou cuidar de você.”

Sua mão escorrega e de repente vejo-a projetando o corpo para fora do carro, mas não adianta muito. Ela vomita em tudo e por pouco nos meus pés. Coloco a mão em suas costas, acalentando e quando ela termina, choraminga de novo com as mãos na cabeça, como quisesse segurar no lugar.

Não espero um novo protesto, pego-a nos braços e levo para o outro carro, que sempre fica destrancado. Deixo-a no banco do carona e bato a porta, e grito Ken.

“Senhor?!” Ele aparece prontamente.

“As chaves.” Ele joga para mim e eu vou para o lado do motorista. Entrando no carro digo em voz alta: “Manda alguém limpar tudo. Victoria passou mal”.

Ken assente e deve ter pedido alguém para abrir os portões, porque ao chegar neles já estão abertos e desço Hollywood Hills feito um foguete com o Bentley.



Se Nick soubesse que essa cara dele de médico indiferente me irrita tanto, com certeza já teria mudado. *Caralho!*

“Como é que você não viu que ela tinha essa merda?”

“Ethan eu não sabia porque não foi detectado. Não é uma coisa que eu possa ver nos exames. Isso é uma crise de labirintite, é momentânea. É tratável como uma crise qualquer.”

“Como é que é?”

“Crises como rinite, bronquite, sinusite. Todas essas são crises momentâneas. Quem tem apenas precisa tomar uns remedinhos, que logo ficam boa. Não é preciso ficar tomando o remédio regularmente. Então não precisa ficar nervoso. Não é nada demais e é normal no estado que ela se encontrou, mas agora ela já está bem. Nós demos o remédio e Victoria está ótima.”

Cerro a mandíbula e permaneço de braços cruzados.

“Relaxa, Ethan. Ela está bem e eu já vou receitar o remédio. Falando nisso, ela precisa tomar todos os remédios rigidamente e não estou falando deste da labirintite. Estou falando do remédio da oxigenação e da pressão. Mesmo que a pressão dela esteja baixo, às vezes sobe. Então precisa ter esse para regular. Ela não pode deixar de tomar nenhum dos comprimidos, entendeu?”

“Claro que sim.”

“Ótimo e poderia ser muito mais grave, mas se ela está tomando os remédios –”

“O que você está dizendo? Que ela não toma? Não força, Nick. Ela está tomando todos eles sim. Você está querendo colocar a culpa em quem?”

“Não estou colocando a culpa em ninguém. Isso que aconteceu foi normal. Ela sofreu um traumatismo craniano sério e vou repetir para você de novo caso ainda não tenha assimilado essa informação. Sua esposa é um milagre. Ela andar, enxergar, falar... Tudo bem que ela esqueceu momentaneamente algumas coisas, mas ela é um milagre. Tudo é um milagre e você sabe que alguns médicos nem tinham esperanças para ela acordar. Nós já falamos isso, então você tem que relaxar e parar de querer destruir o hospital quando fica nervoso. Fique calmo. Ela está bem.”

Cruzo os braços e olho para o chão. Eu não sei se fico feliz ou não, que o meu relacionamento com o médico da minha esposa é como uma amizade. Acabamos nos tornando amigos por causa do tempo. Na verdade, a ala toda que Victoria ficou se transformou em uma família para nós aqueles meses.

Agradeço ele esticando minha mão e apertando a dele.

“Está bem, vou tentar.” Levanto os ombros e enfio as mãos nos bolsos. “Eu só fiquei nervoso quando ela começou a vomitar dizendo que não conseguia abrir os olhos e estava tonta.”

“É normal, ela estava sem equilíbrio. Sentindo como estivesse caindo e causou uma forte dor de cabeça. Agora ela precisa tomar cuidado e algumas precauções. Algumas coisas ela não vai poder comer porque acaba atacando a labirintite, mas isso é uma coisa normal. Ela vai viver tranquilamente, assim como várias pessoas que tem labirintite.”

“Certo. Ela já pode ir para casa?”

“É claro que pode e você já pode entrar no quarto e por favor não faça nenhum tipo de ataque as enfermeiras. Você tem que parar de falar assim com elas. Todo mundo acha você um fofo” reviro os olhos e ele continua, “porque é apaixonado pela sua esposa, mas todo mundo também morre de medo. Porque do nada você pode virar o incrível Hulk e quebrar o quarto todo.”

Acabo rindo e balanço a cabeça. “Victoria acha que pareço mais com o Capitão América.”

“Na fisionomia sim, porém você está mais para o incrível Hulk quando fica irritado.”

“Concordo”, escutamos. Viro o rosto e encontro Victoria sorrindo vendo a gente conversar. Ela se aproxima e eu passo o braço em sua cintura escutando-a falar com o médico. “Ele está fazendo esse alarde toda vez que acontece alguma coisa.”

“Já estamos acostumados.” Nick fala.

Ela ri e olha para mim. “Eu sei que deixei você preocupado”, diz passando a mão no meu peito, “mas você tem que parar de ficar assim, Ethan. Eu só me senti mal. Você tem que ficar mais calmo.”

“Vou tentar.”

Ela assente e vira-se para o médico. “Você pode, por favor, explicar de novo ao Ethan que não foi culpa dele o que aconteceu comigo?”

O médico fica surpreso e eu balanço a cabeça.

“Você acha que foi sua culpa, Ethan?”

Não respondo.

“Sim, acha. Ele conversou comigo sobre o que aconteceu e ele sente que foi sua culpa.”

“Mas não foi.” Nick me encara.

Eu não quero falar sobre isso. Eu sei que foi, mas eles vão insistir que não.

“Eu já conversei com você, Ethan. Você não foi culpado. Fez o que podia e sim, realmente ela caiu no chão e não foi só você que me relatou isso, Colen também, porém Victoria não ficou em coma por causa disso.”

“Eu sei, você já me explicou isso várias vezes.”

“Então porque você está insistindo que a culpa foi sua quando não foi. Vários médicos e eu, e sua mãe falamos que não foi sua culpa. Victoria tinha uma bomba-relógio na cabeça, que a qualquer momento iria explodir. Infelizmente ela bateu a cabeça e a bomba explodiu mais rápido. E foi melhor ter sido assim do que estourar naturalmente. O coágulo se rompeu e na cirurgia a gente encontrou e acabou. Senão tivesse sido encontrado, poderia explodir quando ela tivesse mais idade e acontecer um derrame cerebral e ou algo muito pior.”

“Você já disse isso.”

“Sim, eu sei, mas você não está me entendendo. O que aconteceu, embora muito preocupante e um risco para vida dela, foi de certa forma melhor e ela não ficou em coma tanto tempo só por causa disso. Ela entrou em coma porque estava traumatizada também. Foi uma espécie de escudo para a realidade. Seu inconsciente se trancou por medo de sofrer mais.”

Vejo Victoria assentir, seu rosto está neutro.

“Mas nada disso importa mais. Você está bem e tem que viver o futuro. Está me ouvindo?” Diz para ela.

“Sim, doutor.”

Ele assente e olha para mim. “Você tem que viver o futuro e esquecer o que aconteceu. Você tem sua esposa e ela está ótima. Confia em mim. Eu faço exames nela de duas em duas semanas e estão perfeitos. Infelizmente, como eu falei, a crise de labirintite pode acontecer e é uma coisa banal. Não há motivos para preocupação.”

“Você não está nervoso porquê não é sua esposa.”

“Mas é uma paciente que eu cuidei durante quatro meses. Também tenho

afeição por ela, carinho, preocupação e zelo. É minha profissão. Foram minhas mãos na cabeça dela.” Ele respira. “É sério, Ethan. Você pode, por favor, acreditar no que eu estou dizendo. Confia em mim, em todos os especialistas que também relataram o caso e cuidaram dela. E na sua mãe, não foi sua culpa.”

Concordo e aperto sua mão de novo. “Eu vou, e desculpe meu comportando babaca.”

“Tudo bem.”

“Eu vou ficar mais tranquilo.”

“Eu espero que sim.” Nick diz confiante, e olha para Victoria e pergunta: “Você está bem mesmo?”

“Sim, senhor.”

“Então me deem licença.”

“Claro.” Digo e assisto o médico sair da sala.

Quando ficamos à sós, fico na frente dela. “Vamos para casa jantar. Eu prometo que vou ser uma boa companhia.”

Ela sorri e acaricia meu rosto me olhando profundamente. “Você sempre é uma boa companhia, incrível Hulk.”

“Você ouviu?”

“U-hum”, murmura rindo.

“Está bem, vamos embora.”

Victoria me abraça bem forte, dando um beijo no meu rosto e diz: “Para de ficar assim, zangado”.

“Tudo bem e quero que você saiba. Você é meu orgulho.”

“Você também é o meu”, sussurra no meu ouvido.

Eu a abraço bem forte. “Tudo é porque eu te amo muito.”

“Eu o amo mais e nem por isso sou malvada com os outros.”

Solto uma gargalhada, pego seu rosto e pressiono meus lábios nos seus. A beijando com paixão. Eu faço tudo, absolutamente tudo por ela, mas realmente tenho que relaxar.



O DIA HOJE FOI CANSATIVO PARA NÓS DOIS, muitas emoções para um único dia. E de surpresa recebemos a visita dos meus pais e Cora voltou para cuidar da filha. Mesmo que ela tente ser parte da casa, acabo a tratando como visita.

“Boa noite, Ethan.”

“Durma bem, Cora.”

“Obrigada, querido.” Ela diz e entra no quarto de visita ao lado do meu antigo quarto.

Subo para a suíte e entro fechando a porta. Tomo um banho rápido, quente e

relaxante. Visto uma calça de flanela com uma camisa de manga curta e apago as luzes.

Victoria já está dormindo, fazendo um sonzinho quando respira fundo. Ela é linda até dormindo. Ainda sinto aquela saudade de tê-la aqui. Massageio meu peito por reflexo, e sei que o que se aperta está dentro de mim, mas é instintivo.

Calmamente, deito na cama para não acordar ela e me acomodo, deixando meu corpo perto do seu. Meus dedos se enterram nos cabelos dela e voltam para superfície. O carinho é lento e ela suspira enquanto dorme. No fundo me alivia vê-la descansar, mesmo que no meu coração amargo o sentimento que tenho ao assistir seus olhos fechados não seja agradável. Ainda é recente seu retorno e depois de hoje me sinto sufocado pelo medo. O que faz eu mexer com mais força os dedos. Victoria resmunga e abre os olhos, sonolentos.

Eu não quero que ela feche os olhos. Me dá uma sensação horrível. Um arrepio gelado no corpo.

“Amor.” Chamo e ela suspira olhando para mim sobre o ombro.

“Oi?” Murmura.

“Não é nada.”

Ela sorri e os olhos se fecham na sonolência.

Meus olhos estão fixos nela. Feito uma águia. A cada vaivém da sua respiração, a minha fica instável. A cada batida que diminui em seu peito, entrando no estado letargio do sono, meu coração acelera. Eu não quero que ela durma. *E se não acordar de novo? E se essa for minha punição?*

A merda da sensação do seu primeiro dia em casa, retorna com força. Aquela noite foi horrível.

Me arrasto para mais perto dela, encaixando-a em meus braços e levanto a cabeça para conseguir dar um beijo em seu rosto.

“Fica comigo.” Sussurro muito baixo. “Por favor.”

Victoria resmunga e sua mão direita encontra a minha em sua cintura, e segura firme. Meu coração se alivia com o contato.

“Para sempre.” Ela diz sonhadora.

Assinto e aperto os olhos fechados, respirando fundo para sentir seu perfume. Com o passar dos segundos, minha respiração vai ficando lenta, meu coração também e infelizmente meus olhos pedem descanso, mas luto o quanto posso e agora só enxergo os fios loiros dos seus cabelos.

Quinze

Victoria

TERÇA-FEIRA, 10 DE AGOSTO DE 2014.



SORRIR COM TANTA ALEGRIA, que sinto meus olhos lagrimejarem de felicidade. Ou pode ser pela própria visão.

Onde estou é perfeito. O jardim secreto tem uma atmosfera diferente, um rarefeito como se eu estivesse perto de uma catarata.

Aqui não é estranho.

Eu já estive neste lugar.

Deixo meus olhos viajarem na paisagem e vejo as árvores largas com as folhagens caídas, feito um véu que se arrasta sobre as raízes da árvore, que formam uma espécie de cesto na grama. Não têm muitas árvores assim.

Aqui tem muitas flores.

Todas as espécies.

Todas as cores.

Os girassóis são gigantescos.

As rosas vermelhas tão vivas que parecem uma pintura.

As tulipas são muito bonitas.

Os lírios perto da cachoeira de águas azuis celestes, me deixa obcecada.

O céu é tudo.

Meus olhos não conseguem desviar a atenção.

Mas de repente estou em uma praia tão linda.

O som das ondas. A brisa com cheiro de água salgada. A areia clarinha e limpa.

Sorrio e molho meus pés.

Eu já estive aqui sim.

É lindo!

A empolgação toma conta de mim e caminho pela praia.

Escuto as gaivotas e quando levanto o rosto novamente, vejo Ethan.

Abro um sorriso que chega a doer o rosto.

Ele está lindo. Calça e blusa branca. Os cabelos curtos e a barba limpa e espessa.

Sem pensar corro para os seus braços, que se abrem para mim e logo me abraçam com toda força.

Ele me gira no ar e solto os braços, rindo alto.
Quando paramos, volto meus pés para o chão e deixo meus braços sobre seus ombros, acariciando sua nuca.
“Eu amo você.”
Ele sorri, me beija e diz com a testa encostada da minha.
“E eu te amo.”
Meu coração se enche de carinho e quando me afasto para encarar seus olhos.
Ele some.
Ethan!

“Ethan!” Grito sentando na cama com um impulso. Meu peito sobe e desce rápido por causa da respiração acelerada.

“Ei, calma. Eu estou aqui.”

Viro-me e o vejo sentando na cama, ainda sonolento. Mas não me importo, só preciso dele. Me jogo em seus braços e ele me pega.

“Ah, Ethan...” digo em meio a uma crise de choro. Meu coração está inquieto e meu corpo sacode com meu choro.

“Eu estou aqui, amor. Eu estou aqui”, diz baixinho afagando minhas costas e beijando o topo da minha cabeça.

As lágrimas não param, a dor em meu peito também. Abraço-o mais apertado procurando me acalmar, deixando a tristeza sair. Sinto minha pulsação enfraquecendo, meu coração parece lutar para continuar batendo. E eu não quero mais nada, apenas tenho vontade de chorar. A dor em meu peito não para. Limpo o nariz e fungo alto. Meu choro faz um buraco em meu peito.

“Shu...” ele faz baixinho enquanto aquece meu corpo, nos balançando lentamente.

Assinto, e procuro meu ponto seguro como o Dr. Marlon pediu. E funciona depois de uns segundos.

Dando uma fungada, inclino minha cabeça para trás, para ver ele e esticando a mão toco seu rosto.

“Eu só quero que isso acabe, Ethan. Eu só quero poder descansar.”

Seus olhos transparecem a luta que está disposto a tomar. Ele é meu herói. Sempre será.

“Porque dói demais acordar e perceber que meus sonhos foram minha realidade.”

Assentindo ele pega meu rosto e beija minha testa.

“Eu vou fazer isso parar. Eu prometo, meu amor.”

MEUS PENSAMENTOS ESTAVAM CAÓTICOS desde a noite anterior. Há dois dias atrás eu não sonhava ou tinha algum pesadelo. E eu queria continuar assim. Porém não aconteceu e estou me sinto mal.

“Victoria”, o Dr. Marlon me chama atenção. “Você não me parece bem. O que houve?”

Engolindo em seco fito minhas mãos. “Eu tive um pesadelo.”

“E você consegue me contar sobre ele para mim hoje?”

“Eu não sei... Eu... eu –” respiro. Estou ansiosa.

“O que é tão difícil contar, Victoria?”

Balanço a cabeça, me negando a falar sobre isso a alguém. Ele vai achar que estou louca. Não vou contar.

“Você ainda não confia em mim?”

“Não é isso. Eu só não lembro direito.”

“Então me conta o que lembra.”

Engulo com força e deixo meus olhos perderem o foco, me levando para longe em pensamentos.

“Tem um sonho que me incomoda muito. Porque tenho muito medo de que na verdade esse sonho seja uma lembrança de quando eu estava no cativeiro.”

“Você já me falou isso e pode me contar. Você sabe que eu prometi que ajudaria você e para isso você tem que se abrir. Me dizer o que está lhe incomodando.”

“Eu sei doutor, mas é que você não entende. Eu me sinto suja” sussurro, “como estivesse com defeito para sempre e eu tenho medo de alguém saber... Do Ethan saber e aí ele vai ficar com nojo de mim.”

“Ele é seu marido. Ele vai entender e nada do que aconteceu ali foi culpa sua. Você não tem que ficar pensando nessas coisas, pensando só no lado negativo. Sei que você está traumatizada e tem muita coisa que você não consegue entender, mas nada do que aconteceu lá você causou. Você não permitiu. Você não deixou e agora você precisa me dizer o que é.” Não é um pedido. É quase uma ordem.

Assinto, concordando e tomo uma respiração profunda.

“Nesse sonho as minhas roupas estão rasgadas.” Minha voz sai baixa, medrosa. “Eu estou quase nua e tem um homem. Eu escuto a voz dele. Ele rindo. Eu sinto meu rosto arder do tapa que ele me deu e então eu vou parar no chão

fedorento. Eu sinto a parede úmida, gelada. Tenho frio e me abraço. Peço para ele parar, mas ele não para.” Fecho os olhos e balanço a cabeça em reflexo. “Então ele me agarra e me joga no colchão de novo e fica em cima de mim. E eu... eu...”

“O quê? Você o que?”

“Eu nunca chego até o final. Eu não sei o que acontece.” Olho para ele e quero que ele veja enquanto tento encará-lo como preciso da sua ajuda. Quero que veja que o que está dentro de mim é feio. Alguém tem que enxergar como sou indigna do homem que me ama.

“Eu sonho com isso desde o segundo dia no hospital” continuo, “e sempre a mesma coisa acontece, mas por duas vezes aparece outro homem. Ele é bom, eu lembro dele. Ele é real. Era o homem que levava comida para mim. Eu não lembro o que a gente conversou, mas lembro da sua voz e de algumas coisas que ele disse. Foi ele que deixou a Hannah ir. Que desistiu de pegá-la no parque.”

Ele assente e se mexe na poltrona. “E o que ele faz no sonho?”

“Nesse sonho que o homem me machuca, ele aparece e tudo muda de ângulo. O quarto fica mais claro e eu consigo enxergar tudo. E tem o anel de esmeralda. Então tem comida e o cheiro é bom, mas é tão raro. Depois volta o cheiro horrível, o fedor. E nessas duas vezes... o sonho acaba comigo no chão e ele ao meu lado. Estou com frio e o abraço e...” as lágrimas escorrem e minha voz fica fanha. Eu quase não consigo dizer o resto. “E não foi sonho. Foi real, eu sei porque lembro quando me resgataram, que o outro homem bom me tirou do quarto, ele ficou lá. O Douglas estava morto. Eu lembro o nome dele e... eu prometi a ele que o ajudaria.” Limpo meus olhos e os fecho, e como fosse um filme lembro seus últimos minutos. Assim como outras memórias, essa é vivida agora.

Quando levanto o rosto e volto a encarar o terapeuta, estou simplesmente sem reação.

“Eu sinto que estou falhando com todo mundo.” Desabafo. “Todas as promessas que eu fiz não consegui cumprir.”

“Victoria, você não tem que se sentir assim. Você era uma refém ali tanto quanto esses dois homens.”

“Você não sabe.”

“Eu sei sim.” Ele diz com tanta certeza e seus olhos sorrindo para mim deixa óbvio que ele não está dizendo apenas para me convencer. “Antes de eu aceitar você como paciente, embora Nick seja como um irmão para mim e minha irmã conhecendo você, pesquisei a sua história. E também conversei com seu marido. Eu sei o quanto foi difícil para você e sei que esses dois homens que a ajudaram, eram reféns e tenho uma coisa para lhe contar.”

Vejo-o sair da poltrona e se aproximar de mim. Ficando de joelhos na minha frente, estica suas mãos para pegar uma das minhas e segura com afeto. Seus olhos transparecem toda bondade que ele tenta passar para mim todos os dias que venho aqui. Uma vez pensei que só Ethan pudesse trazer esse sentimento para mim, porque depois de tudo que sofri na vida, quase perdi as esperanças do mundo ser um lugar bom, porém estava errada. Existem mais pessoas boas que podem ser gentis e o meu príncipe é a melhor forma do amor que eu poderia encontrar em alguém. Ele é meu milagre.

“O outro homem que ajudou a resgatá-la...”

“Sim, eu sei. Cinco, chamavam ele de Cinco.”

“Na verdade, seu nome é Jack e agora está sob a proteção do seu marido.”

Franzo a testa surpresa, um pouco chocada. *Por que ele não me disse nada?!*

“Ethan não me contou.”

“Provavelmente porque ele está esperando você se sentir melhor para resgatar todas essas lembranças. Não foi uma coisa fácil nem para você e nem para ele. Eu até falei para o seu marido que ele também precisa de terapia, mas ele é muito teimoso.”

Sorrio. “Eu sei. Eu falei isso para ele também.” Limpo meu nariz. Estou fungando.

Então vejo o Dr. Marlon tirar uma caixa de lenços de papel e me entregar.

“Obrigada. Eu me emocionei.”

“É normal, qualquer pessoa que passou pelo que você passou, chorar de vez em quando não vai fazer mal nenhum.”

Concordo e coloco a caixinha do meu lado no sofá. “Continua contando.”

Ele sorri e senta na poltrona de novo. “Jack veio aqui e nós conversamos.”

“E o que ele lhe contou? Ele falou de mim?”

“É claro, falou o que aconteceu naqueles dias e quis saber como você estava.”

“U-hum.”

“Ele também falou uma coisa para mim que eu queria mesmo contar para você, Victoria. Mas acho que o Ethan que tem que contar.”

Meu coração começa acelerar e tenho vontade de levantar. O terapeuta se aproxima rápido e coloca uma de suas mãos no meu ombro e me olha sério.

“Eu quero que Ethan conte para você para criar um laço de segurança entre vocês dois de novo. Vocês se amam de verdade, um amor muito bonito, mas você ainda está com medo e insegura e eu acho que seria muito importante vocês criarem esse veículo de novo de confiança, de amor, de aliança e união. Então eu vou esperar que o Ethan converse com você.”

“Ele não vai falar. Vai pensar que sou fraca.”

“Eu duvido.” Diz confiante. “Puxa o assunto com ele. Fale sobre nossa conversa de hoje. Ele vai lhe contar. Mostre que é forte, que está pronta para tudo.”

“Eu estou pronta. Sempre estive.”

“Victoria, entenda. Ninguém está pronto para ouvir nada do que aconteceu quando é sequestrado. Mostrar que está disposta e encarar tudo isso é diferente. No entanto, agora eu vejo que você está realmente pronta.”

“Eu estou. Eu quero mudar. Eu quero melhorar.”

“Então você vai conversar com ele e vai dizer o que você sente. Vai contar desse sonho e você vai esperar a resposta dele.

Eu assinto e mesmo assim não estou confiante no que vou ouvir. “É muito ruim pra ele ter que me contar?”

“Não e você acha que confiaria isso a ele, assim? Se fosse ruim eu mesmo contaria para estar aqui se você tivesse algum problema. Não tenha medo.” Segura minha mão de novo. “Você pode acreditar em mim que eu confiei esse direito da dúvida ao seu marido porque não é nada grave? Porque eu quero que você converse com ele. Ele também precisa de você.”

Eu sei.

Assinto freneticamente e sinto o nó na garganta.

“Você está se sentindo tão sozinha, em um mar de medo só seu que não está vendo que ele também precisa se sentir importante para você. Ethan precisa de você, do seu carinho.”

“Ele tentou... Ele me acariciou um dia desses enquanto a gente estava dormindo.” Olho para baixo, envergonhada. “Eu fugi dele.”

“Porque você se sente suja.”

Assinto de cabeça baixa. “Eu quero me sentir digna dele.”

“Mas você é. Não fica pensando assim.”

“Eu vou tentar.” Fito seu rosto e limpo embaixo dos meus olhos. “É porquê... Ele é o meu príncipe encantado, sabe?! Desses que salva a princesa e eu... EU não queria deixar de ser a princesa que ele se apaixonou um dia.”

“Você não deixou de ser ela e agora também é uma princesa encantada. Forte e corajosa. Tudo que você passou, prova isso. Eu tenho certeza, mesmo não conversando com ele, que Ethan é muito orgulhoso de tudo que você é.”

Balanço a cabeça concordando e com o nó na garganta digo: “Desde o primeiro momento que o vi, que ele me tocou... eu soube que era para sempre.” Limpo meu rosto onde as lágrimas insistem em sair e respiro profundamente. “Eu sei que nunca fui perfeita, mas... eu era quase isso pra ele e agora...” desvio o olhar do terapeuta e desabafo a verdade, “eu tenho medo de perder ele.”

“Por que você acha que fracassou?”

Nego com a cabeça e não o encaro.

“Porque eu não contei tudo que eu passei assim que lembrei para ele... ou para ninguém.” Levanto o rosto. “Ethan e eu não conversamos, direito. Até hoje só foi uma vez.”

Dr. Marlon me olha com um ponto de interrogação em sua testa e eu respiro fundo, ainda tentando recuperar o controle da minha emoção, e lhe explico – ou tento fazer.

“Quando eu acordei no hospital, demorou para eu entender. Demorou para eu realmente acordar. Ele falou comigo e eu com ele. Ethan me contou algumas coisas com calma e todo o carinho do mundo.” Sorrio com pesar. “Mas quando cheguei em casa algo se fechou dentro de mim. Fiquei... vazia e meio que parei de falar. Só quis dormir.”

“Porque você sente alívio ao dormir. Esquecia.” Ele conclui, pois fora minhas primeiras palavras ao chegar aqui.

“Isso e então não conversamos mais. No máximo nós nos beijamos e ele me abraça na hora de dormir...” suspiro com meus olhos embaçando novamente. “Mas nós não conversamos. Ele tenta de tudo, mas... Eu não consigo!” Confesso olhando no fundo dos olhos do Dr. Marlon. “Não consigo me abrir.”

Ele assente e anota algo no seu tablet, seus olhos voltam-se para mim emanando segurança e ele se mexe. Acompanho seus movimentos ao sentar-se ao meu lado. E sei que vem uma pergunta profunda aí. Toda vez que ele se mexe, está preparando alguma pergunta que irá me fazer refletir até a próxima sessão.

“Mas você o ama, não é?”

“De todo o meu coração. Do fundo da minha alma. Nem tenho pa-palavras” gaguejo “para dizer o quanto eu amo o Ethan.”

“E ele te ama?”

“Muito. Da mesma forma.”

Marlon sorri e vejo compaixão em seus olhos, o que faz o nó em meu peito se apertar.

“Se fosse ao contrário. Se ele tivesse um segredo igual ao que você está guardando, você iria querer ouvir dele?”

“É claro que sim”, respondo forçando a voz.

“Se tudo que você passou, fosse com ele. Você iria estar ao lado dele?”

“Sempre.”

“Se alguém abusasse dele.” Faz uma pausa e meu coração acompanha, pois dói me sentir assim. “Você acharia ele sujo, impuro e indigno do seu amor? Não o tocaria mais?”

Nego com a cabeça. Não consigo falar, mas me esforço. Dr. Marlon espera

a resposta e a dou com toda a sinceridade e amor que sinto por Ethan.

“Eu iria querer limpar ele se ele se sentisse assim.”

“E como, Victoria?” Pergunta, mas já sabe a resposta. *E eu já sei também.*

“Com meu amor. Cuidando dele. Abraçando ele e —” perco a voz.

“Fazendo amor com ele.” Marlon completa.



ESTOU LEVEMENTE ALERTA AOS PASSOS que ecoam pela escada e cada vez mais ficam próximo. Eu desisti de pegar no sono de novo tem uns vinte minutos. A soneca pós banho, pós terapia – que me deixou extremamente abalada – me recarregou. Agora estou apenas jogada no meio da cama, literalmente meu corpo está atravessado sobre a enorme cama king-size.

Escuto o clique da porta do quarto, quando se abre e logo fecha-se. Meu coração bate rápido por causa de sua presença. E não é porque em nossa suíte apenas nós entramos que sei que é ele. Meu corpo sente o dele. Seu calor, seu cheiro, seu andar. E ele seria o único que levantaria as cobertas.

Sinto o ar gelado do ar condicionado entrar por baixo dos lençóis. Me arrepio dos pés à cabeça quando o frio some e o calor do seu corpo me aquece cada vez mais que se aproxima do meu. Aperto com força meus olhos quando delicadamente seus dedos deslizam em minhas costas. Estou nua. Me deitei na cama só com algumas gotas de água do banho.

Sinto beijos suaves em meus ombros. A cama afundar quando ele pousar o joelho e seus dois braços estão ao lado meu corpo e ele inclina seu corpo, para então beijar o meu rosto.

“Oi, meu anjo.”

Resmungo algo incoerente, me sentindo mole. Estranhamento essa carícia me deixou sonolenta.

Escuto seu risinho. Ethan me dá outro beijo. Agora no pescoço e suas mãos deslizam em minhas costas suavemente, fazendo um calafrio percorrer todo o meu corpo. Eu sei muito bem o que ele está fazendo.

As palavras de Dr. Marlon surgem na minha cabeça e antes mesmo de ele me dizer elas, eu já sabia. Eu sinto o quanto Ethan precisa de mim. Sente minha falta. Eu também sinto, porém tinha me trancado do lado de dentro do meu medo. Mas agora não quero mais isso. Chega!

Meu coração acelera pela urgência que sinto. É tão forte o que chega. Toma meu corpo, preenche meu peito, queimando. Acabo me virando, ficando de frente para ele em um único movimento. Nossos olhos se encontram. Meu peito sobe e desce rápido. Ethan também está ofegante. É como lesse meus pensamentos. Quando deslizo minhas por seu peito, o calafrio atravessa meu

corpo de novo. Mais forte. Mais intenso e sinto meus seios pesados. Sinto o bico do meu peito enrijecer. E seus olhos deixam os meus para apreciar o efeito que ele me causa.

“Eu sinto tanta falta de você quanto você de mim.” Murmuro me sentindo escondida de tudo, menos dele.

Estamos no breu do quarto, apenas iluminado pela luz do céu estrelado e de uma lua minguante.

Ethan puxa o ar, enchendo os pulmões e acaricia meu peito. Fecho os olhos sentindo seu indicador entre o vale dos meus seios e caminhando para o meu umbigo. É involuntário meu gemido baixo, quase um suspiro. Seus dedos sobem e ele abre a mão em meu colo, afagando com a palma da mão aberta a parte de cima do meu peito. Se eu estivesse de roupa, essa seria a parte que ele adora beijar. Meu decote. Ele sempre diz que meus seios são lindos.

O contato cessa e eu abro os olhos. Encontro-o me encarando com uma expressão que diz tudo sem uma única palavra. Às vezes – quase sempre conosco – nossos olhos falam melhor do que a boca, pois quem fala são nossos corações.

Ele está sentindo saudade e medo por talvez não saber agir comigo.

“Eu também sinto, Ethan.” Digo sentindo um nó em minha garganta se apertar.

Ethan assente e murmura: “Eu a amo muito.”

Tomo o ar com força e sento na cama. Forçando-o a se afastar um pouco e peço para se sentar encostando-se na cabeceira. Respiro fundo, extraindo forças para que minha voz saia e fito seu rosto. Olhando seus olhos azuis que tanto amo, *que tanto me amam*.

“Ethan... eu te amo e nunca serei capaz de deixar de te amar. Nem nesta e nem em nenhuma outra vida. Me desculpa se te afastei. Se eu não estou sendo para você o que você é para mim desde o primeiro dia.”

Os olhos dele acabam transbordando e ficando tão claros. Meneio a cabeça abrindo um sorriso e beijo seus lábios. O gosto salgado de nossas lágrimas se misturam e quando encosto minha testa na sua, respiro fundo aproveitando para sentir o seu aroma, e confesso:

“Eu também sinto sua falta *assim*. Sinto falta de quando você me leva as estrelas. De quando a gente fica junto” inclino o rosto para poder enxergar o seu. “Você sabe o que eu quero dizer?”

Ele deixa escapar um sorriso nervoso em meio a sua emoção.

“É claro que eu sei do que você está falando. Eu sinto muita falta de sentir o seu corpo, de estar dentro de você.” Me agarra e me coloca em seu colo. “Preciso de você e não é só do seu corpo que estou dizendo. É muito mais, meu

anjo.”

“Eu estou aqui, Ethan. Agora você pode definitivamente dizer que eu voltei para você. Eu sinto muito... muito mesmo por ter me afastado quando voltei. Infelizmente acabei sendo egoísta –”

“Não. Você não foi egoísta. Não diz isso.”

“Sim, eu fui. Porque se a gente colocar na balança, Ethan. Você está sem sentir meu amor há mais de cinco meses. Está me esperando voltar há muito tempo. E não é justo. Naquele dia você me falou que quando está no trabalho fica com saudade de mim, e aí eu disse que é saudável sentir falta.” Balanço a cabeça em recusa ao que dizer essas palavras. “Eu não fui justa com você. Eu vi em seus olhos a louca saudade que você sentiu de mim.”

Ele engole em seco, me permite enxergar totalmente sua dor através de seus olhos, mais uma vez.

“Então...”, abraço-o bem apertado. “Eu estou aqui. Eu sou sua. Pode fazer o que quiser. Vamos acabar com essa saudade toda.”

Seus braços me apertam com muita força e eu acabo escondendo meu rosto em seu pescoço. Ficamos assim por muitos minutos. Aproveitando um o calor do outro. Os botões de sua camisa são gelados contrastando com seu corpo quente. Meu corpo sobe e desce porque causa de sua respiração pesada e ele dá beijinhos em meu ombro.

“Eu fiquei tão preocupado quando você recusou meu toque.” Sua voz é um murmuro, uma confissão. “Fiquei pensando o que tinha feito. Você nunca recusou meu carinho. Meu abraço para você era como um lar. E assim como você é minha casa, eu sempre pensei que eu era a sua.”

“Você é, amor.” Afirmo e prendo um soluço.

“Então você ficou falando que seu corpo estar feio. Mudado. Que você está magra demais.” encosta a boca na minha têmpora, falando em meu ouvido. “Para mim continua sendo a mulher mais linda do mundo todo.”

Fungo e limpo meu nariz com as costas da mão.

“Eu resolvi que ia esperar por você. Isso nunca foi um problema.” Uma risada sem força lhe escapa. “Eu poderia esperar, mas não entendi. Eu também não estou como antes. Mas, enfim. Eu conversei com sua mãe e prometi a ela que iria esperar você ficar melhor e enquanto isso te amaria de todas as formas que você me permitisse.”

Balanço a cabeça concordando.

“Mas como você disse. É muito tempo. Muita saudade acumulada.”

Assinto de novo, meu peito ardendo por ele.

“E eu preciso de você. Preciso da minha amiga. Do amor da minha vida de volta. Comigo, nos meus braços.”

“Eu sei”, sussurro emocionada.

O quarto fica sob um silêncio de conforto. De reflexão. De reencontro. E então ele nos afasta apenas para enxergar meu rosto e me olha profundamente.

“Agora você pode me contar o que está escondendo?”

Tento desviar o olhar, mas não consigo. As palavras do Dr. Marlon me dão a coragem de que preciso agora. *Vai ficar tudo bem.*

“Então” respiro fundo, “conversando com o Dr. Marlon, eu contei a ele que tive um sonho confuso onde eu estava machucada e rasgada.” Levanto o rosto e fito os olhos de Ethan. “E ele disse que realmente você me encontrou assim, mas não é só isso.”

Ele assente e aperta minha mão incentivando-me a continuar.

“O problema desse sonho não são minhas roupas e sim... quem as rasgou.” Engulo em seco. “Marlon falou que você tem algo a me contar, algo que vai me traz a paz de que preciso. Alguém abusou de mim Ethan?”

Ethan passa a língua nos lábios secos e seu peito estufa ao tomar um ar.

“Eu creio que Marlon lhe falou do Jack.”

“Sim.”

Seus olhos ficam distantes como relembresse algo. “Quando eu a levei para o hospital, eu perguntei se tinham abusado de você e quando pude falar melhor com Jack, ele me explicou o que aconteceu. E a verdade, Victoria, é que um dos homens de Carl machucou você e tentou te estuprar.”

Minhas mãos tremem e eu prendo a respiração. Imediatamente, Ethan me puxa para os seus braços.

“Shuu... Calma.” Afagando meu corpo. “O que eu estou querendo dizer é que nada aconteceu. Jack me contou que o tal do Onze entrou no quarto e –”

“Sim, ele tinha uma cicatriz no rosto.” Interrompo falando baixinho, meu corpo treme.

Ethan nota e me aperta mais em seus braços. “Aquele filho da puta chegou no quarto e lhe agrediu. Rasgou suas roupas e tentou abusar de você. Só que Douglas chegou há tempo e o tirou de cima de você.” Inclina-se para o lado e me encara. “Você lembra disso?”

Assinto freneticamente e sinto meu coração acelerar quando fecho os olhos.

“Eles vão desconfiar que estou aqui dentro com você e não ouviram nenhum barulho, berro, choro e tudo que você estava fazendo com o Onze. Então grite, mas porque eu estou mandando, não porque vou lhe machucar.”

“Você não vai me machucar?”

“Não, merda. Eu já não queria mais fazer isso e saber que você está grávida, fodeu tudo. Então seja boazinha e faça o que eu mando.”

“Sua puta. Cala a boca.” Ele piscou o olho e eu gritei.

“Não! Por favor.” Eu chorava no canto do quarto, rasgada e machucada implorando de verdade por ajuda. “Por favor, socorro.”

Ele me ajudou. Me salvou.

“Ele me ajudou. O outro homem.”

“Sim e foi ele que entrou em contato comigo primeiro, mas então o Jack que retornou porque ele morreu.”

“Morreu do meu lado. Eu me lembro.” Meu coração contrai pela dor.

“Eu sei, meu amor.” Beija meus cabelos. “Eu tive todas as informações de como estava o cativo e imaginei como foi terrível para você.” Suas mãos aceleram me acariciando. “Mas acabou e para você ficar feliz, eu acho, eu cuidei dele.” Levanto o rosto e franzo a testa. Ethan explica. “Eu tratei de fazer um enterro decente para ele perto da sua família e cumpri minha promessa de cuidar do Jack e da família dele também. Eles me ajudaram a não perder a minha.” Seus polegares afagam minha face.

“É”, solto em meio a um calafrio, a um alívio misturado as lembranças. “Acabou.”

“Sim, meu anjo. E ninguém encostou em você.”

Meus olhos ardem com as lágrimas, mas não cai nenhuma. Essa dor no peito é apenas de alívio. A redenção de todas as lembranças ruins que me assombravam. Fecho os olhos e me movo rápido, abraçando meu marido bem forte, com todo meu amor e carinho, que ele retribui na mesma intensidade.

Com a voz trêmula digo: “Só sua. Eu sou só sua. Sua!”.

“Você é só minha. Sempre será.” Ele diz baixinho no meu ouvido, feito um segredo.

Respiro fundo recobrando as forças e me afasto. Preciso ver seus olhos.

Meus lábios se curvam involuntariamente porque estou me sentindo muito leve. Chega a doer meu coração de felicidade. *Eu sou digna do amor dele.* E agora a realidade não me assusta mais.

“Não chore”, seus polegares limpam embaixo dos meus olhos.

Lágrimas de alívio escorrem em meu rosto enquanto nos encaramos.

“Está tudo bem. Eu estou aqui com você e sempre estarei. Não precisa ficar com medo.”

Sinto meu coração acelerar. Meu corpo esquentar. Ethan afaga minhas costas nuas. Estou pelada no seu colo e é estranho, mas o fato de ele estar vestido me deixa quente. Fervendo por dentro. *Ah que saudade de sentir isso.*

Enquanto deixo meu corpo languido em seus braços, minhas mãos vagam por seus braços. Ainda o amo mesmo menor. Ele ainda é *meu homem*.

Meu príncipe lindo. Acaricio seus ombros, sua nuca, seus cabelos e volto para os seus braços. Saio do seu abraço só para passar as mãos no seu peito. Uma vontade de puxar sua blusa e fazer os botões voarem me desperta loucamente.

“Quero você.” Murmuro.

Ethan me presenteia com seu sorriso safado e inclina o corpo. Solto uma risada quando seus lábios fazem cócegas no meu corpo com beijinhos estalos e molhados. *Hmm...*

“Eu quero você, Ethan. Preciso tanto sentir você.”

“Eu também, meu amor. Mas não agora.”

O ^{QUÊ?} Arregalo os olhos e projeto meu corpo para trás e o encaro de cara feia. E ele simplesmente dá risada. Cerro os olhos. Não estou achando graça nenhuma.

“Nós vamos começar do zero.”

“Não estou entendendo.”

Seus olhos sorriem para mim e ele me coloca no seu colo mordendo o lábio inferior.

“Quero fazer uma noite especial para nós dois. Quero dar tudo que é de especial para você. Vou fazer amanhã um dia incrível. Só eu e você que nem quando nós éramos namorados. Amanhã vou fazer uma das coisas que jurei que iria fazer com você –”

“O que é?” Sorrio animada.

O lugar feliz que o Dr. Marlon pediu para eu encontrar é isso. Ficar com Ethan. Ser amiga dele. Esposa dele, o anjo dele.

“Não começa. Só vou mostrar amanhã e” me beija rápido “vou contar para você uma coisa que estou fazendo. Vamos fazer várias coisas que você me pediu uma vez e tem uma surpresa para você. É segredo que apenas Colen sabia, pois ele me incentivou a fazer mesmo quando eu estava quase desistindo de que um dia você voltasse para mim. Mesmo sendo impensável abrir mão de você, alguns dias foram muito difíceis.”

Acaricio seu rosto e beijo. “Você acredita no céu, Ethan?” Digo rápido para não perder a coragem.

Ethan fica mudo e vejo em seus olhos confusão. Respirando fundo e conto com detalhes minha ida até o céu...

“Eu fui lá... no Paraíso quando estava em coma e um dia desses eu sonhei também. É como um flash de memória. Você sabe, eu não consigo lembrar de muita coisa. Tudo o que aconteceu fez eu esquecer e nem era para eu lembrar onde fui enquanto dormia, mas tenho sonhos vividos, reais e no fundo são memórias. Não é um sonho com o céu. É real.”

“Como era?” Ele pergunta, mas estranhamento vejo medo em seus olhos.

Por quê?

“É tudo claro, amplo. Cheio de nuvens e arco-íris. Árvores que a gente nunca viu aqui. Uma luz forte tão linda. O sol é enorme e a praia é perfeita. O chão primeiro era branco, como se eu pisasse em nuvens, então muda para uma grama bem verdinha e logo depois areia. Eu andei sobre o mar, pisei nas águas. Foi bem legal.” Faço uma pausa emocionada só de lembrar do lugar e meus olhos se enchem de lágrimas. Aquela paz que senti lá nunca vou conseguir descrever. “Mas quando eu estava lá... eu não sei dizer, às vezes eu desaparecia e voltava. Teve uma vez que escutei uma canção.” Rio freneticamente, nervosa. “E... escutei perfeitamente sua voz. Você pedia para eu voltar. Então eu parei, escutei você de novo dizendo que precisava de mim e que me amava. Aí, eu dei as costas para o céu e não quis saber daquele Paraíso. Não me importei. Eu corri em direção a sua voz –” a emoção toma conta de mim. Não consigo mais falar. As lágrimas escorrem em meu rosto.

Quando tento baixar o rosto, ele segura meu queixo e vejo seu sorriso. Aquele do meu homem mais apaixonado do mundo. Ethan me tome em seus braços, apertando bem forte.

“Se eu soubesse disso.” Diz e esconde o rosto no meu pescoço.

“Mas agora você sabe. Eu voltei para você.”

Sinto quando ele assente. “Dois dias antes de você acordar” ele conta com a voz rouca pela emoção “eu coloquei uma música para você. Porque você sempre disse que elas às vezes falam melhor do que quaisquer palavras.”

“Sim. Qual era?”

“Love by Grace.”

Fecho os olhos e consigo lembrar os acordes de quando a música começa. E eu conheço a letra.

“Ah Ethan” me afasto e seguro seu rosto. “Você não existe.”

“Existo e sou seu.”

Rio chorando e ainda consigo abrir um sorriso. “O que eu fiz para merecer você?”

Ele dá de ombros e sorri envergonhado. Meu príncipe. Ele deve ter ficado perdido como um menininho. Ainda bem que eu voltei. *Ainda bem!*

“Eu amo amo amo amo tanto você, Victoria. Aqueles dias foram um inferno para mim. Eu me sentia morrendo e colocar uma música para você ouvir e pedir para você voltar, era o máximo que eu podia fazer. Eu implorei à tudo para que não me tirassem você e quando eles falaram que você estava acordando, foi como o sol voltasse a aparecer.” Ele balança a cabeça e beija meus lábios. “Quando você abriu os olhos! Nossa. Eu percebi definitivamente que na vida você é meu lar. O meu mundo. Meu anjo.”

Com meus lábios trêmulos, as lágrimas escorrendo infinitamente em meu rosto e com meu coração acelerado, gaguejo: “Você é tudo para mim também, Ethan. Meu mundo. Meu paraíso. Eu também me sinto assim e quero – e devo – viver para sempre fazendo você feliz.”

“Você já me faz feliz”, ele diz e me pega de surpresa dando um beijo que termina de tirar o ar dos meus pulmões.

Me entrego a esse beijo cheio de paixão e ternura de um homem profundamente apaixonado por mim e eu por ele. *Obrigada Deus por essa segunda chance.*



Hoje o dia parece ter amanhecido mais bonito, ou talvez seja a minha alegria. É incrível com algumas poucas palavras foram o bastante para tirar o peso das minhas costas. Sinto-me esperançosa para o futuro com meu Capitão América divino. Acredito que estamos caminhando para algo ainda melhor a do que tínhamos antes.

Levanto da cama e procuro Ethan. Vejo suas roupas de dormir no cesto de roupa suja no banheiro, mas nenhum sinal dele. Ele disse que iremos sair hoje, então não foi ao trabalho, disso tenho certeza.

Quando termino de fazer minhas necessidades, saio do banheiro e finalmente visto uma roupa. Ontem acabei dormir nua nos braços de Ethan depois que ele tomou seu banho e se deitou comigo com sua calça de flanela que não adianta muito.

“Está sonhando acordada?” Escuto atrás de mim e viro-me, o vejo se aproximando. Ele abraça minha cintura e me dá um beijinho rápido.

“Não. Estava pensando sobre essa sua calça indecente.”

Ele solta uma risada rouca e diz com o sorriso estampado em rosto. Ele fica lindo demais sorrindo. “Você está falando da calça de flanela de novo? Jurava que você gostasse dela.”

“Eu gosto e muito. Principalmente porque não fica nada para minha imaginação.”

“Ah Sra. Brown você está terrível.” Ele cerra os olhos com humor. “Será que a sua nova versão é mais assanhadinha?”

“Não sei.” Acaricio seus ombros. “Se for, você vai gostar?”

Ele cerra mais os olhos e abre aquele o maldito sorriso de lado. *Oh céus!*

“Acho que sim”, murmura e suas mãos apertam minha cintura, me puxando e dando um beijo na boca.

Dezesseis

Ethan

QUINTA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 2014.



GUARDO O CELULAR NO BOLSO, após mandar uma mensagem para Cora – que foi para casa ontem à noite – falando que eu irei levar Victoria para passear e que ela – por favor – não nos incomode até domingo. Meus planos é ter o final de semana do reencontro.

Eu já estava planejando fazer uma surpresa a ela, e depois que Victoria me contou que o Dr. Marlon aconselhou ela a resgatar o que tínhamos, ajeitei tudo às pressas para que fosse hoje mesmo a revelação do presente que darei a ela.

E enquanto terminam de deixar tudo pronto, vou levá-la ao cinema. A ideia veio como estalo na minha cabeça quando acordei hoje. Fiquei comovido demais quando ela me contou que nunca tinha ido e mesmo sendo simples, é um desejo dela de infância.

Escuto Victoria falando atrás de mim e viro-me vendo-a sair de casa e se despedindo de Ruby.

Abro um sorriso me deparando com a minha namorada do início. Calça jeans justa, sandálias altas e claras, blusa rosa e um blazer feminino branco combinando com a bolsa. Ela parece uma colegial atraente demais e toda minha. Sem querer ela está vestida para ir ao cinema. Às vezes acho que ela lê meus pensamentos.

Espero-a nos pés da escada e sorrio novamente quando ela para no último degrau, na minha frente, e ficando na mesma altura que eu, coloca os braços em meus ombros e suas mãos vão para os meus cabelos – eu ia cortar, mas ela realmente gostou deles maiores e como eu sei que meu anjo adora puxar meus cabelos, vou deixar – ela sussurra:

“Então Sr. Brown, para onde você vai me levar?” Abre um sorriso enorme com a ansiedade transbordando seus olhos.

Ela está feliz e fica ainda mais linda assim. Por muitas vezes sonhei tanto com ela desse jeito. Vindo para os meus braços e a sensação é reconfortante demais. Pego seu rosto em minhas mãos e lhe dou um beijinho nos lábios.

“Você está linda, meu anjo.”

Suas bochechas ficam vermelhas e acabo gargalhando. Acho incrível que ela ainda possa ficar envergonhada comigo.

“Você também está muito lindo.”

“São seus olhos”, digo.

Ela revisa os olhos e toma uma respiração, prendendo o sorriso. Pego sua mão e a levo para o carro, abrindo a porta para ela entrar. Vamos no Aston Martin já que ela gostou tanto dele.

“Você vai deixar um dia eu dirigiria ele?”

Levanto a sobrancelha achando engraçado seu pedido um tanto ousado.

“Achei que estava brincando.”

“Não!” Afirma toda confiante.

“Está bem, outro dia eu deixo você dirigir, mas quem vai conduzir hoje sou eu. Porque vou levar você num lugar muito legal.”

Ela ergue as sobrancelhas, mas ignora fechando a porta e dou a volta no carro e entro. Ligando o motor, logo saímos pelos portões e Victoria acaba com o silêncio.

“Você ainda não me falou onde está me levando.”

“Isso importa?” Indago provocando-a.

“Seria legal eu saber porque nem sei se eu estou vestida adequadamente.”

Abro um sorriso e pego sua mão assim que descemos a Av. Hollywood, que é caminho para o shopping.

“Você está perfeita. Parece até que sabe onde a gente vai.”

“Mm... então é um lugar casual. Ótimo.”

Assinto rindo e continuando o percurso.

Dez minutos depois chegamos no shopping. Procuro uma vaga perto de uma das entradas.

“Você me trouxe para fazer compras de novo?” Pergunta ela assim que desligo o carro.

“Calma, você está muito ansiosa.” Digo quando saio do carro. Victoria faz o mesmo e me encontra em frente ao veículo. “Você vai gostar.” Afirmo. Ela solta uma risada e segura a minha mão enquanto entramos no shopping.

O som da cacofonia de um lugar público nos abraça. Tem tempo que não venho num lugar desses. Está calor embora o ar-condicionado e ainda bem que estou com uma roupa fresca assim como Victoria. Calça jeans, camisa social clara com as mangas dobradas no antebraço e os sapatos que minha esposa adora. Ela uma vez escolheu para eu usar.

Enquanto caminhamos percebo que Victoria olha ao redor em um misto de preocupação e curiosidade. Mesmo que ela já tenha ido a algum shopping e nós dois já fomos até fazer compras na Rodeo Drive, ela sempre estava com pressa, não podia curtir nada direito, e hoje ela está apenas comigo. Sem vigília e limites. É uma experiência totalmente nova. É como o primeiro passeio de um

adolescente sem a mãe. Uma sensação maravilhosa de aventura diga-se de passagem. Ainda lembro da minha primeira vez.

Vejo ela mordendo os lábios, segurando o riso vendo um garotinho correr e a mãe gritar para ele ficar perto dela. Meu coração se enche de alegria. Acho surpreendente que Victoria ainda não tenha tocado no assunto do bebê, que não tenha lembrado nada dele. Mas também não sei se devo. Meus instintos acham melhor não.

Victoria volta seu rosto para mim e soltando os lábios, seu sorriso aparece. Principalmente quando paramos em frente à fila que se forma no cinema.

“Você me trouxe para o cinema?”

“Sim.”

Seus olhos ficam arregaladas e alegres.

Eu entendia todas aquelas preocupações, a vigília e o medo de alguém pegar ela. Porém, não aceito que Will nunca teve a capacidade de levar a filha ao cinema. Porra, ele poderia fechar uma sala, pagar para ninguém ficar lá dentro, qualquer coisa mesmo que a experiência não fosse uma das mais tradicionais. Merda. Seria uma tentativa.

“Então nós vamos no cinema.” Diz cheia de entusiasmo. “Tipo, de verdade?! Vai ter gente estranha? Um lugar escuro e com aquela tela grandona?”

“Sim, meu anjo.”

Ela passa a língua nos lábios e seu rosto toma uma expressão neutra e então suspira abaixando a cabeça. Algo passa em sua mente, pois suas sobrancelhas se apertam. Espero pacientemente o que ela precisa falar.

“Eu sei que deve ser bobagem uma garota rica ir ao cinema. Que isso é algo simples”, balança a cabeça pensando consigo mesmo. “Mas a verdade é que o dinheiro nunca foi capaz de me dar tudo.” Ela me encara. “Eu sempre quis vir no cinema. Queria assistir um filme com as minhas amigas, não fazer elas irem até minha casa assistir um filme na sala de cinema. Eu me sentia... estranha.”

Assinto, entendo-a.

“Eu só queria acompanhar minhas amigas. Porque, sabe. Eu ia para faculdade, mas só entrava e saía, e às sextas-feiras permitiam eu ficar para o almoço com elas, mas Ken sempre estava olhando. Até quando eu ia ver a Clara, ou naquele dia que atrolei você. Todas as vezes sempre tinha gente me vigiando e quando eu era criança nunca participei de nada da escola. Cinema coletivo, colônia de férias, passeios ao museu. Eu nunca nem fui na calçada da fama”, sua voz entona reprovação quando completa: “e eu moro em Hollywood. Era para ser uma coisa tão simples.”

“Eu entendo, amor. De verdade.”

“Ethan,” ela fala como confessasse e seus olhos transbordando gratidão, “eu

nunca tinha saído da Califórnia. Você foi a primeira pessoa que me pegou pela mão e disse que ia me levar para sair e foi. E foi tão empolgante que nem pensei por um segundo nos riscos, talvez eu sentisse que você seria capaz de me proteger. Então você me levou para tantos lugares e me deu a vida. Talvez você ache que foi pouco, mas tudo que já me deu – que eu lembre – foi além das minhas expectativas.”

“Eu fico muito feliz de deixar você feliz.”

“Eu sei e não sei como lhe agradecer por mais isso.” Faz menção ao cinema com as mãos.

Rio e pego sua cintura, trazendo-a para mim sem me importar de estarmos em um ambiente público, mas tento ser discreto.

“Você pode me agradecer depois.” Cerro os olhos e sorrio de lado. “Mais tarde.”

Me dá um tapa de brincadeira no ombro. “Você não presta.”

Dou de ombros e passo o nariz no dela, e digo com seriedade.

“Eu só sempre quis lhe fazer feliz. Curtir a vida comigo e as maravilhas que existem.”

“Eu sei e você me levou para o Havaí.” Fala como fosse algo colossal. “E para mim foi demais. Foi como eu tivesse saído do país, mesmo que o Havaí fique nos Estados Unidos. Você foi incrível. Você é incrível. Nossas aventuras, esses momentos me permitiram *sentir* a vida.”

Assinto, concordando porque eu também sentia isso. Vivendo de verdade.

Afago seu rosto rapidamente. “Sabe, meu anjo. Quando nós estávamos em Nova York pela última vez, você estava tão relaxada, tão livre, mesmo com os seguranças presentes. E eu vi lá pela primeira vez quem você poderia ser no nosso futuro.”

“Eu entendo e quer saber de uma coisa?!”

“Me diga.”

“Talvez eu tenha sido culpada também de ter vivido como uma pessoa intocável e medrosa. Eu permiti que o medo fosse mais forte que todas as coisas em minha vida e por várias vezes quase destruí a coisa mais valiosa e importante para mim.” Ela pega a minha mão esquerda e beija a aliança. “Você. Nós dois. Por pouco não deixei que meu passado e o medo destruísse isso.”

Aperto sua mão e a beijo rápido. “Mas não aconteceu.”

“É”, ela abre um sorriso enorme, a alegria voltando para os seus olhos. “E hoje eu vou poder curtir mais um momento especial com você. Amor da minha vida.”

Concordo, rindo e entrelaço nossos dedos. “E isso é só o começo.”

“Eba!” Diz animada e então se aproxima de mim e sussurra no meu ouvido:

“Será que eu posso namorar você lá dentro no escurinho?”

Solto uma gargalhada e viro o rosto pegando-a de surpresa com um beijo na boca.

“É claro, minha safada.”

Victoria faz uma cara charmosa e deita a cabeça no meu ombro esperando nossa vez. No entanto, não para de falar.

“Será que eu também posso escolher o filme?”

“Vai ser aqueles de mulherzinha?” Replico.

Ela ri baixinho e deixa as mãos no meu ombro e o queixo em cima. Sinto sua respiração no meu pescoço. “Ou pode ser romance.”

“Daqueles que você fica chorando o tempo todo?” Indago pegando minha carteira, me afastando um pouco dela e aproveito para encará-la. A pego prendendo o sorriso.

“Não sei. O que você gostaria?” Fala dando de ombros.

Rio e pego sua mão, levando para o guichê livre quando chega a nossa vez.

“O que o senhor vai querer?”

Olho para os cartazes na televisão enorme atrás da mulher, franzo a testa e encaro minha esposa pensativa. De repente seu rosto se ilumina, animada ela abre um sorriso para mim e diz:

“Quarteto fantástico.” E abraça meus ombros e beija minha nuca antes de murmurar: “Eu adoro um super-herói.”

Balanço a cabeça tentando disfarçar que ela está me deixando excitado e coloco uma das mãos para trás do seu corpo e aperto sua cintura.

“Duas para: Quarteto Fantástico.”

“Obrigada, capitão.” Minha esposa sussurra.

Não resisto e viro-me para ela, pegando seu queixo e deixando seu rosto muito perto do meu, dou-lhe um beijo. Ela adora fazer um showzinho em lugares públicos. Ou simplesmente, gosta de me provocar.

“A noite eu vou lhe mostrar quem é o capitão.”

Ela dá sua risadinha e me beija, mas não posso retribuir, pois pego os ingressos e vamos comprar pipoca. Na fila vejo-a tirando uma foto. Uma selfie comigo atrás sendo obrigado a sorrir também.

Ela abre um sorriso para a imagem e começa a digitar no celular.

“Está fazendo o que?”

“Mandando pra Clara.” Responde animada, sem prestar atenção em mim. “Dizendo que vamos assistir um filme No.Cinema!” No finalzinho dá um gritinho fazendo todo mundo olhar para nós.

Sua empolgação me deixa mais feliz que tudo. Minha princesa, a garotinha que eu adorava quando moleque, está viva de verdade. Minha Victoria está viva

de novo.



“OH MEU DEUS. Esse filme foi muito bom. Melhor que um filme de mulherzinha.” Victoria exclama enquanto passamos em uma lixeira e jogamos as embalagens de pipoca e refrigerante.

“Que bom que gostou.” Digo e ela enlaça meu braço e caminhamos pelo shopping.

“Estava pensando. A gente podia comprar sorvete. Eu não como fast-food, mas aceito um sorvete.” Fala ainda toda animada.

Está parecendo a Hannah quando fica feliz e essa é a melhor sensação que o ser humano sente. Ver a felicidade infantil e genuína de uma criança. Fico muito feliz de estar dando isso a ela. Ouvi-la rir assim não tem preço.

“Está bem” concordo. “Vamos comprar o sorvete logo, não podemos demorar.” E checo as horas. Não quero chegar tarde aonde vamos.

“Então quer dizer que a gente não vai para casa?”

“Não.”

“Nós vamos para onde?” Indaga, mas diz em cima. “O que será que você está aprontando, hein?!”

Rio e a olho de soslaio. “Já disse que é uma surpresa.”

“Eu achei que a surpresa fosse o cinema.” Ela pousa o queixo no meu ombro. “Estou muito feliz por hoje. Não precisa me dar mais nada.”

Coloco minha mão sobre a sua sobre meu peito.

“Essa surpresa é muito maior, vir ao cinema foi apenas um passeio. Um agrado.”

“Pelo que?”

“Por tudo.”

“Você vai acabar me deixando mal-acostumada.”

Rio e paramos no quiosque para comprar o sorvete.

“Eu me responsabilizo.”

Victoria ri alto e balança a cabeça. “Você é um anjo, Ethan. Sempre tem tanta paciência comigo. Você é incrível.”

Sorrio discordando. “A verdade, querida, é que eu só tenho essa paciência com você, com o resto do mundo não.”

“Não! E sabe,” sua voz ganha um tom sonhador “se você for assim com os nossos filhos, eles podem ficar estragados. Extremamente mimados e assim eles vão descobrir que na verdade o papai não é um monstro bonitão.”

Minha nossa. Ela tocar no assunto filhos me coloca em uma forca.

“Você pensa sobre o nosso bebê?”

Seu rosto fica neutro, um pouco do brilho esmorece e seus olhos abandonam os meus. Ela encara tudo menos meus olhos.

“Ethan, eu... não sei direito. Não consigo lembrar o que vivemos *sobre* ele. Eu só sei que quando eu estava no céu, eu vi um menininho e quando estava no hospital, foi um dos primeiros sonhos.”

“Você já me contou desse sonho.”

Ela ergue o rosto, assente e seus olhos estão levemente marejados, mas respira fundo, controlando a tristeza.

“E algo dentro do meu coração diz que ele vai voltar para nós. Que vamos ter ele de novo e de certo modo tudo o que aconteceu foi bom. Não consigo me imaginar com um filho que eu nem lembro de estar esperando. Eu ia ficar doida. Deus escreve certo por linhas tortas e agora estamos bem para recomeçar.”

Realmente existiu uma chance de o bebê sobreviver e ela não. Havia uma possibilidade de chegar os nove meses e ela não acordar e termos que fazer a cesariana e desligar as máquinas depois. Eu ouvi todos esses tipos de possibilidades e meu coração se fechava cada vez que alguém dizia; “*Você vai ter uma parte dela com você.*” Era tão fácil dizerem isso. É muito fácil darem este tipo de opção quando não serão eles que assinaram o desligamento das máquinas e ainda poder assistir.

Por isso agradeço todo dia ao acordar e olhar para o outro lado da cama e vê-la comigo. Sou muito feliz e ela tem razão. Nós estamos bem e vamos ter ele de novo. Teremos um dia nossa família.

Ela pega minhas mãos, me tirando dos meus pensamentos e fala:

“Às vezes tenho medo de saber o quão aterrorizante foi para você esses dias, querido. Mas eu só quero que você saiba que estou bem de verdade. Me sinto muito melhor. A nossa conversa ontem, o terapeuta, mesmo que só tenha sido duas sessões, já me ajudou. Foi um milagre, acho que eu só estava me travando por causa daquele medo, mas agora não tenho mais nada a temer. Eu tenho você”, ela cochicha “e você me tem e... isso é o suficiente para podermos ter nossa família e sermos felizes.”

“Eu sei.” Assinto soltando a respiração, sentindo alívio. “Você tem toda razão porque para existir um bebê tem que ter um pai, uma mãe e –”

Sua risada me interrompe e ela completa cochichando: “E uma cama.”

“Ah, meu anjo.” Coloco as mãos em sua cintura discretamente e falo baixo também: “Em breve nós vamos ter uma cama enorme a nossa disposição.”

Ela ri e a alegria volta aos seus olhos.



U_M PÔR DO SOL ESTONTEANTE E ROMÂNTICO nos acompanha pela estrada em um fim de tarde calmo. A

Pacific Coast está tranquila as cinco horas de uma quinta-feira. Acho que Victoria pensa que vamos ver seus pais. Embora ela lembre mais ou menos da casa, seria como fosse a primeira vez lá e é o único lugar que nós poderíamos ir em Malibu.

Quando todos me deram forças para não desistir de Victoria dizendo que eu tinha que estar preparado para o retorno dela, a primeira coisa que veio na minha cabeça seria que nós precisaríamos de um novo começo. Então a conversa que tivemos em Nova York sobre ter uma casa nova, veio como um projeto para o seu despertar, ou como ela gosta de dizer: Sua nova vida.

Escolher a casa foi fácil. Nós já tínhamos falado sobre ela quando a vimos à venda. Ela fica a cinco casas da de Will e Cora. Uns bons metros distantes. Não quero ter surpresas dos meus sogros e creio que eles vão respeitar nossa privacidade.

Além disso, quando eu morava em Nova York e pensava em voltar para a Califórnia, a ideia era comprar uma casa para mim e não exatamente em Hollywood. Malibu era o ideal. Perto e longe dos meus pais. No entanto os planos deles fizeram tudo ser ainda melhor, mesmo que a minha vontade de morar perto da praia continuasse. E depois de começar a namorar Victoria e descobrir que ela adoraria morar perto da praia também e adora olhar para o mar quando acorda, simplesmente tudo fez sentido.

Após uma longa viagem de uma hora até Malibu, o relógio marca quase seis e vinte. Dou a seta para o outro lado da pista.

“Vamos ver meus pais?” Victoria pergunta olhando para o meu perfil, pois minha atenção é na estrada.

“Não, querida. Aguarde, que você verá.”

“Hmm...” ela resmunga brincando.

Atravessando a pista, espero os portões recém pintados e reformados – a maresia tinha-os danificados demais – abrir assim que aperto o dispositivo.

Entro passando pela pequena estrada de paralelepípedos ecológicos e a grama verde dos lados com suas enormes árvores e os muros altos com trepadeiras. E enquanto nos levo para a entrada da casa com vasos gigantescos com flores rosas quebrando um pouco o verde da vegetação, vejo que Victoria está deslumbrada.

Ela observa a casa adjacente e a quadra de tênis e suspira com a primeira visão da faixada da mansão de dois andares. Sorrio e contorno a ilha de retorno para os portões – um pequeno jardim florido com uma fonte – e estaciono o carro.

A mansão é imensa e o trato que deram nela depois que comprei já fez diferença. Ela estava entregue aos cotões e ferrugem depois que os ex donos se

mudaram. Agora consigo realmente visualizar todo o esplendor que é.

O terraço, que é faixada, é sustentado por oito colunas, uns cinco metros de altura. E todas os quartos tem varandas que dão para os quatro cantos do terreno. São dois andares, um sótão e um porão. A casa foi pintada em tons claros, pois sei que minha esposa foi criada por uma decoradora e tem bom gosto. Do lado de fora pedi que mantivesse o ar contemporâneo e colossal das casas imperiais. Quis fazer numa brincadeira interna com Victoria sobre ser uma princesa. Realmente lembra bastante um castelo.

Saímos do carro e caminhamos de mãos dadas pelo chão de mármore fosca que é o pátio da entrada da casa e subimos a escada para as enormes portas duplas de ferro.

“De quem é essa casa? É linda.” Victoria diz olhando admirada para o alto e para todos os lados, principalmente o jardim que fica ao lado do muro de dente de leão.

“É nossa.” Respondo quando tiro a chave do bolso e abro a porta, logo empurrando-as para podermos entrar.

“Nossa?” Ela repete e sua voz ecoa por todos os cantos do cômodo vazio.

Não há móveis na casa ainda. Quis que ela escolhesse junto comigo. Se era para manter a esperança de que ela ia acordar e essa casa seria nossa, então quis manter a esperança dessa forma. Mandeí apenas reformar o imóvel.

“Vem, quero que você conheça a casa toda.” Digo pegando sua mão e a levando comigo.

Por enquanto podemos ver é o espaço, as grandes janelas – que fazem a casa ser bem iluminada e arejada – e as inúmeras possibilidades de decorar. Mas nós poderemos usar a cozinha, o único cômodo acessível. Pedi há uma semana para prepará-la para este fim de semana.

Todo o chão da casa é de madeira escura que destaca as cores das paredes brancas e alguns detalhes em 3D de flores, que eu acho que é bege.

Contratei uma arquiteta e um engenheiro muito famoso da cidade para comandar a reforma e entreguei a responsabilidade de cuidar do andamento da obra a Debora, que ligava para mim no hospital às vezes para contar como estava indo. E a quantidade de dinheiro absurda que paguei, valeu a pena.

Victoria segue o caminho para a varanda que dá de frente para um novo jardim e a área da piscina, que é enorme com pedras falsas que formam cascatas iluminadas quando ligamos. Mais à frente temos a churrasqueira, sauna e o ofurô.

Minha esposa suspira e parece pensar fitando a água limpa e hidratada da piscina. Então, respira fundo, me dá um olhar e segue o caminho da rampa. Vou atrás e vejo que ela nem ligou para a garagem dos jet-skis e o pequeno iate. Ela

só para quando seus pés pisam na areia.

Fico distante vendo-a tomar uma respiração profunda e finalmente vira-se para mim abrindo um sorriso feliz com os olhos marejados.

“Não tenho palavras” balança a cabeça parecendo consternada. “É perfeita como um sonho.”

“Então você gostou.”

“Eu amei!” Mexe os ombros sutilmente mantendo o sorriso.

“Fico feliz. Eu mandei reformar enquanto você estava... dormindo.” Confesso sentindo meu coração acelerar porque esse momento está acontecendo. Realmente está acontecendo.

Ela assente, engole em seco e tenta falar, mas não consegue por causa da emoção.

“Deu tempo certinho. Ficou pronta esses dias”, digo. “Eu já ia lhe mostrar, só estava esperando você ficar bem o suficiente para apresentar sua casa nova.”

Ela solta a respiração trêmula e coloca a mão na boca, emocionada.

“Não está mobilhada porque eu quero que você faça isso.” Respiro com força e dou alguns passos até ela, cortando a distância entre nós. “A casa é sua. Eu quero que você mude o que você quiser, Victoria. Comprei para você.”

“É claro.” Solta, a voz embargada. “A gente faz...” está tão emocionada que precisa pausar. “A gente faz isso juntos.”

Sinto o sangue em minhas veias quente. Seguro o seu rosto com todo meu amor e beijo seus lábios suavemente.

“Você está linda mesmo odiando que esteja chorando, mas sei que agora é de alegria.” Digo sentindo meus olhos queimarem por causa da emoção também. “Eu quis muito que isso acontecesse.”

Victoria assente e segura o meu rosto também, encostando sua testa na minha.

“Será que todos aqueles sonhos, era porque eu iria viver isso daqui? Será que aquela praia que sempre apareceu, era essa?” Ela respira e eu limpo algumas lágrimas que escorrem em seu rosto. “Será que tudo é porque ia acontecer?” Sua garganta se fecha e ela me agarra bem forte.

“Eu não sei, meu anjo.” Digo no seu ouvido. “Talvez sim, talvez não. Mas o que importa é que você está aqui agora.”

Ela concorda de novo e une seus lábios nos meus. Nosso beijo é de entrega, saudade, uma paixão que não tem palavras para descrever a profundidade.

Um carinho pode significar tantas coisas. Um olhar pode falar mais do que mil palavras. Gestos são muito maiores do que declarações. E neste momento nós estamos fazendo todas essas coisas com apenas com um beijo.

“Eu amo tanto você.” Ela balbucia quando paramos de nos beijar. “Muito

obrigado de verdade.”

“Você não tem que me agradecer. Você sabe disso.”



VOLTAMOS PARA DENTRO DA CASA e levo Victoria para ver os outros cômodos no segundo andar. No total são 8 suítes e a maior é a nossa, que fica na ala sul, à direita da mansão. Nossa suíte é colossal e tem o dobro do tamanho da atual. Victoria terá um closet digno para fazer desfile se quiser, e eu sei que mulher gosta dessas coisas, então quis agradá-la.

“Este é o nosso”, falo.

Estamos parados em frente as portas do cômodo que no meio tem apenas uma cama de dossel enorme com roupas de cama brancas. O vento sopra fazendo as cortinas das portas da varanda abertas voarem, trazendo o aroma do mar. Há flores em vasos e pétalas espalhadas no chão e sobre o colchão, e velas acesas criando um clima romântico.

Victoria está congelada, acho que deslumbrada com tudo e atravessa o quarto e vai até a varanda.

Vou atrás dela e me deparo com o sol no horizonte. Parece que estamos perseguindo novamente o crepúsculo e a imagem do cair da noite junto com a visão de Victoria e seus cabelos loiros esvoaçantes, deixa tudo perfeito.

Ela vira-se para mim e sorri com seus olhos amorosos. *Deus!* Eu a quero. Preciso tê-la agora.

Cortando o espaço que nos separa, pego o seu rosto em minhas mãos e beijo-a com paixão. Procuro sua língua com a minha e deslizo minhas mãos em suas costas, cintura, braços, que estão sobre meus ombros e suas mãos agarram meus cabelos, puxando-me para ela.

Estamos ansiosos, famintos, com saudade um do outro e o beijo nada mais é do que reclamar o que precisamos.

Victoria solta meus cabelos para acariciar meu rosto, demorando-se em minha barba. Desliza o dedo delicadamente em meu pescoço, fazendo meu corpo arrepiar. Puxo-a mais ainda para mim e ela acaricia meus ombros, peito e então enfia as mãos dentro da minha blusa. Afaga meu abdômen e a sensação incrível em ter suas mãos no meu corpo, me domina por completo.

Suas mãos encontram os primeiros botões da minha camisa e ela começa a abrir. Aproveitando sua ousadia, encontro a barra da sua camisa e vou subindo devagar, as pontas dos meus dedos tocando sua pele enquanto isso e fazendo-a se arrepiar.

Tiro sua blusa e ela faz o mesmo. Nos encaramos e sorrimos. Seus olhos estão brilhantes e lindos. Apressado e afoito pego seu rosto e a beijo. Ela geme

na minha boca. Agarrados e nos beijando, voltamos para o quarto, ofegantes e barulhentos. Ficamos nus, sem em nenhum momento parar o beijo.

Eu a deito na cama suavemente, olhando em seus olhos o tempo todo. Eles estão tão verdes e abertos. Ela precisa de mim tanto quanto eu preciso dela neste momento. A saudade é dolorosa e sentir o seu corpo em minhas mãos de novo, chega a ser sufocante.

Volto a beijá-la e ficamos assim por um bom tempo. Mãos afagando um o corpo do outro. Ombros, braços, bunda, coxas. Estamos nos reconhecendo. Falo que a quero beijando seu pescoço e Victoria geme.

“Eu também te quero demais, Ethan.” Diz soltando a respiração no meu ouvido quando deixo outro beijo em seu pescoço. “Quero que seja apenas nós aqui hoje, mais nada pode entrar neste quarto. Só você, eu e nosso amor.” Sinto que a emoção a dominando e minha boca encontra a sua em um beijo intenso.

Minha mão desliza por seu corpo. Acaricio sua barriga, descendo até encontrar a macies das suas coxas e acariciar seu sexo. Quando ergo minha cabeça, encontro o seu olhar transbordando desejo.

Seu olhar está fixo em mim e seus lábios curvados em um sorriso que logo some quando a ponta do meu dedo afaga seu clitóris. Suas mãos agarram com força os lençóis da cama e ela curva a coluna, gemendo baixinho.

Continuo os movimentos e com mais alguns estímulos meus dedos encontram o seu calor e eu a penetro suavemente e com calma. Fecho os olhos sentindo seu núcleo quase quebrar meus dedos de tão forte que aperta.

De repente uma de suas mãos agarram meu punho que está acariciando-a.

“Espera. Espera. Calma.”

“O que que foi? Eu machuquei você?”

“Não é isso.” Ela arfa com força. “É que faz muito tempo.”

“Tudo bem. Eu vou devagar, amor.”

Ela assente e seus braços me puxam para ficarmos bem pertos.

“Eu não quero isso, Ethan. Eu quero você.”

“Eu sei, querida, mas eu vou machucar você.”

“Não vai não. Não vai não.” Ela repete demonstrando sua ansiedade.

Beijando seu rosto, deixo o meu encostado no seu, tentando acalmá-la. Volto a estimular seu interior, fazendo com que os meus dedos entrem e afago seu clitóris suavemente, que depois de alguns segundos suaviza o aperto. Victoria geme no meu ouvido e eu ergo meu corpo, dou um beijo nos seus lábios e tiro minha mão do seu sexo.

“O quê?”

Sorrio e dou um beijinho na sua boca, no seu queixo, no seu colo e vou descendo por seu corpo. Escuto-a suspirar alto e seu abdômen ondula quando

volto a acariciar seu corpo. Dou pequenos beijos na sua barriga, provocando-a de proposito com minha barba. Arranhando-a e fazendo ela curva o corpo de novo.

“Ethan...” sussurra e suas mãos estão nos meus cabelos, massageando meu couro cabeludo.

Chupo seus seios, dando atenção a cada um lentamente até deixá-los duros e molhados. Desço mais um pouco e abro suas coxas e a beijo antes da minha boca encontrar seu calor, e não resisto. Fecho os olhos e lambo, chupo e acaricio com da minha ponta da língua seu clitóris com a ponta da minha língua.

“Oh... oh céus!”

Porra. Eu senti saudades de ouvir esse *Oh céus*. Só meu anjo fala assim.

“O que é, meu anjo?” Levanto o corpo para vê-la. “Algum problema? Quer que eu pare?”

“Não, por favor não. Não pare nunca.” Diz em um desespero de pura excitação.

“Como quiser.” Respondo e me abaixo.

Volto a dar atenção para seu sexo, chupando e massageando com minha língua sua boceta, e quando sinto Victoria se contrair e agarrar meus cabelos, meto meus dedos e giro meu punho, levando-a a loucura.

“Ah... caramba. Eu não sei... Não sei explicar, mas... Estou... sinto algo estranho.”

“Hm?” Resmungo, sem parar o que estou fazendo.

“É algo novo.”

Franzo a testa e levanto o corpo, meus dedos ainda a fodendo. Enfiando em seu calor e o polegar pressionando seu clitóris do jeito que ela gosta.

“Como assim, amor?”

Ela abre os olhos e segura meu rosto, as mãos deslizando e enfiando em meus cabelos e me puxando para beijá-la. Gemo na sua boca e mordo seu lábio quando no separo para ela concluir seu raciocínio.

“Algo diferente e inexplicavelmente excitante.” Ela remexe o corpo embaixo de mim, sua outra mão segura a minha no meio das suas pernas. “Quando você me acaricia... me sinto... Ah! É como se fosse a primeira vez de *todas* as vezes.”

Intensifico meu olhar vidrado em suas reações. Victoria sem hesitar, geme abrindo a boca e joga a cabeça para trás quando forço meus dedos mais para dentro. Seu peito sobe e desce com a respiração profunda. *Ela é tão linda*.

Pego seu queixo e mordo. Ela geme e enfia as unhas em meus ombros.

“Sou sua. Sua! Profundamente sua.”

Meu ego cresce e eu sorrio orgulhoso.

“Sempre foi.”

Ela abre a boca, mas não consegue dizer mais nada porque não dou chance. Esfrego com força seu clitóris, mexe meus dedos dentro dela e Victoria goza gritando meu nome e soltando a respiração de um jeito tão sexy que me sinto animalesco quando tiro minha mão da sua boceta e posiciono-me entre suas coxas, abrindo mais um pouco com minhas pernas.

Calmamente e olhando dentro dos seus olhos, vou penetrando-a, escutando sua respiração ficar acelerada de novo e suas pupilas dilatarem, o que me faz parar antes de entrar todo.

“Eu machuquei você de novo?”

Ela responde em meio a um gemido para eu continuar e suas mãos fazem carinho em meu peito. Assinto e volto a me concentrar. Enfio minhas mãos embaixo do seu corpo, abraçando-a e o tempo todo olhando seus olhos dentro de todo dela. Inclino meu corpo, colando nossos peitos e ela abraçando meus quadris com suas pernas, beijo sua boca. Minha nossa! Sinto-me ansioso, um pouco nervoso. Ela está tão apertada, parece que estou tirando sua virgindade e isso me deixa aflito. Eu odeio a possibilidade de machucá-la de qualquer forma.

Com o tempo Victoria fica mais sensível e seu interior acomoda meu pênis como reconhecesse. Ela começa a gemer, suas unhas arranham meus ombros e eu não consigo me conter e manter a calma. Começo a investir entrando e saindo, sentindo seu sexo molhada apertar como um punho forte o minha ereção dura ao ponto de ser dolorosa. Suas pernas abraçam com mais força meus quadris, acomodando-me em meu corpo, aonde ela quer. Minhas mãos sobem e encontram seus ombros. Sinto o calor dos seus seios pressionados contra meu peitoral.

Nossos rostos estão colados um no outro. Respiração ofegantes e nos mexemos acompanhando os movimentos um do outro. Fecho os olhos e beijo seu ombro. Ela beija meu rosto e suas mãos afagam meus cabelos, costas e agarram meus bíceps. Senti tanta falta de fazer amor com ela.

“Eu te amo”, murmuro no seu ouvido.

Sinto-a balançar a cabeça que sim e seus braços abraçam meus ombros.

“Eu te amo demais.” Sem fôlego ela balbucia.

Sorrio me sentindo tão feliz e me entrego totalmente.

Em um vaivém deixo nossos corpos se conectarem. Estamos fazendo amor intensamente. Matando a saudade louca que estava dentro de nós. E mantendo também os fantasmas do passado. Posso afirmar que é como reconstruir nossas almas essa conexão.

Acontece um flash de tudo que passou e quando me afasto e abro os olhos e um bolo na minha garganta se aperta, meu coração acelera e pego seu rosto com desespero e a beijo com toda a paixão e saudade. Victoria me agarra também

com força e sussurra com dificuldade nos meus lábios o quanto precisa de mim como lesse meus pensamentos.

Eu assinto e acelero meus movimentos quando sinto um calafrio percorrer o meu corpo e sinto que ela também está alcançando o clímax. Fecho os olhos, a beijo e me entrego abraçando seu corpo bem junto ao meu.



VICTORIA ESTÁ LANGUIDA, deitada sob o meu corpo. Seus seios pressionados no meu peito. Minha mão direita sobe e desce em uma carícia suave suas costas. O céu do lado de fora nos abrilhanta com estrelas e uma lua estonteante. Perdemos a noção do tempo enquanto nos amávamos.

Ela solta um longo suspiro e beija meu peito antes de murmurar com a voz ainda um pouco ofegante: “Eu acho que estou com fome” e dá uma risadinha.

“Então, vamos descer e fazer alguma coisa para comer. Também estou com fome.”

Ela levanta a cabeça e olha para mim. “Nós vamos ficar aqui?”

“Até domingo” respondo, “e assim que você estiver disposta, podemos começar a ver os móveis para mobiliar a casa e nos mudamos pra cá.”

Ela abre um sorriso enorme e me beija. “Eu gosto desse plano.”

“Você vai gostar mais do que nós vamos fazer amanhã.”

Seus olhos brilham de ansiedade e uma felicidade incandescente.

“Você agora é uma caixinha de surpresa?”

Minhas mãos em seus cabelos, penteiam eles para baixo e aproveito para acariciar a volta da sua bunda.

“Quando você estava em coma e era seu aniversário, a enfermeira Kate perguntou porque que eu não estava entusiasmado.” Falo porque quero que ela saiba. “Eu disse para ela que não queria comemorar porque não via motivo algum de fazer festa. Mesmo que o dia do seu aniversário seja o mais importante do mundo, naquele momento não consegui comemorar. A verdade, era que eu não estava conferindo o calendário. Estava desesperado com o tempo passando.”

Ela passa o indicador suavemente em minhas sobrancelhas, prestando atenção.

“Mas eu disse que assim que fosse possível eu iria recompensar todas essas datas que perdemos.”

“Eu posso entender você.” Diz assentindo com o rosto melancólico. “Com certeza eu teria feito a mesma coisa e” se levanta um pouco e pega meu rosto “pode deixar que vou fazer algo para você também.”

“Por quê?”

“O seu aniversário também passou, Ethan.”

Balanço a cabeça e desvio o olhar, focando no nó das cortinas no meio do dossel da cama.

“Eu não quero que você comemore meu aniversário. Não precisa.”

“Precisa sim.” Fica em cima de mim e me encara. “Se você pode comemorar o meu e recuperar os dias, eu também quero. Não foi só você que ficou sem a minha companhia esse tempo todo. Eu também fiquei, apesar de não ter sentido como você e eu nunca poderei medir essa saudade que você sentiu. E eu já disse como foi estranho olhar para você e sentir uma saudade como se a gente não estivesse junto há anos?”

“Não.”

“É, foi assim que me senti. Uma saudade louca de você.” Sua voz está tão suave. “Então você para de ser chato porque eu também vou lhe dar vários presentes e recompensar todos esses dias.”

“Você já me deu o melhor presente.” Seus olhos brilham. Ela entendeu o que disse. *Ela acordar*. Trago-a para os meus braços e murmuro no seu ouvido: “Mas tudo bem, não vou poder recusar nada o que vier de você. Mas tenho uma pergunta.”

“Faça.” Diz sorrindo.

“Vamos nos casar quando?”

Victoria sai dos meus braços erguendo o corpo com pressa e franze a testa com tanta força, que forma um V no meio de suas sobrancelhas. “Mas nós já somos casados? Você até me mostrou aquela filmagem.”

“Sim, meu amor. Nós somos casados. Você é minha esposa legítima. Porém vamos casar de novo como lhe falei na presença da nossa família.”

“Hmm... Mas por que tanta pressa?”

“Querida, não estou com pressa. Estou perguntando quando.”

Ela solta uma risada e dá de ombros.

“Não sei, mas não pode ser amanhã.”

Dou uma gargalhada e nós giro na cama, ficando em cima dela. Minha boca ataca a sua e novamente nos entregamos ao desejo que sempre foi tão forte. Nós temos muitos dias para recompensar e muitos outros dias para aproveitar a companhia um do outro. Estamos só começando.

Dezessete

Victoria

SEXTA-FEIRA, 13 DE AGOSTO DE 2014.



A PRIMEIRA COISA QUE ABRO ANTES dos meus olhos é meu sorriso. Ethan sempre foi surpreendentemente carinhoso e sempre vivi momentos maravilhosos com ele, mas acho que dessa vez ele se superou. Me sinto em um sonho, daqueles que eu acordava antes e meus olhos se enchiam de lágrimas porque talvez nunca fosse acontecer.

Agora minha realidade é um sonho.

Quem na vida pode dizer isso? São poucas as pessoas.

Eu preciso beliscar meu braço quando abro os olhos e vejo que realmente estou deitada na cama mais perfeita do mundo e com a visão do mar no fundo, ele abriu todas as seis portas da varanda.

A felicidade é uma coisa estranha. Ela nos domina tão intensamente que chega a ser apavorante. Às vezes é mais fácil abraçar o medo do que a felicidade. Porque um faz parte do cotidiano, o outro é momentâneo e nos apavora ter que dizer adeus.

Levanto da cama com muita relutância. Ela é simplesmente tão confortável que fico triste. Me senti dormir sobre nuvens e fora o fato dela estar muito cheirosa. Ethan não deixa um detalhe passar. Sorrio, ou talvez eu nem tenha parado de sorrir ainda.

Olho em volta do quarto procurando alguma coisa para vestir. Afinal, eu nem sabia que iria ficar aqui e não tenho nada para colocar a não ser as roupas de ontem, e sinceramente, não quero vestir calça jeans logo de manhã.

Encontro minha calcinha, visto e a opção é pegar o lençol e enrolar no meu corpo.

Agora as luzes do dia me permitem ver melhor o quarto. Ele é tão espaçoso e bonito. Os detalhes em 3D no teto parecem que saíram de conto de fadas. Um filme de princesa da Disney e se um dia eu achei que meu antigo quarto era a encarnação de algum castelo, estava enganada. Ethan conseguiu simplesmente pegar todos os detalhes do meu quarto, da casa da piscina e colocar nesta casa.

Ando pelo quarto e entro no banheiro. *Uau!* Quase caio para trás. *Que perfeito.*

As torneiras, puxadores das toalhas de rosto e de banho, maçanetas e

puxadores das gavetas são dourados. O armário embaixo da pia dupla é branco acomodando a mármore perolada que chega a brilhar, assim como o box que tem o chuveiro que mais parece uma cascata. A banheira é mais para uma mini piscina. Dá para Ethan e eu nadar ali.

Dou risada e fico até com pena de usar o vaso sanitário. Caramba, parece o banheiro da *Rainha*. Terminando vou lavar as mãos e descubro que tem duas escovas de dentes. Sorrio e escovo os dentes. Passo uma água no rosto e ao secá-lo, me apaixono pela toalha.

Acho que Ethan mandou recriarem mesmo um castelo.

Saio do banheiro e curiosa vou até uma das portas de correr e descubro o closet dos sonhos. É todo espelhado e o chão é acarpetado com o melhor material, é muito fofo. Com certeza vou adorar arrumar minhas roupas e até deitar aqui olhando para o teto que parecem ter pequenas estrelas por causa dos pontos de luzes. Abro as portas de vidro como uma vitrine, para as roupas não ficarem poeiradas, e as gavetas.

“Ah, aquele sorrateiro.” Murmuro comigo mesma descobrindo umas mudas de roupa, e procurando mais, encontro um vestido leve de verão branco e rapidamente o visto.

Saindo do quarto, indo enfim a procura do meu príncipe encantado, dou uma olhada no espelho gigante encostado no canto com a moldura dourada e adornado com detalhes 3D de asas de anjo. Ah, este homem.

Em algum momento da vida eu fui tão feliz e livre assim?

“Não, Vic. Nunca *de verdade*” digo sorrindo e sinto meu coração transbordando.



No andar de baixo sinto a brisa do mar invadir a casa e o perfume de água salgada e o vento fresco é maravilhoso e está constante por toda parte da mansão.

Meus olhos observam com mais atenção o espaço que será a sala da estar, de jantar e talvez uma saleta. A cozinha é linda demais e parece muito com a da casa dos meus avós. De madrugada nós fizemos uma leve bagunça que agora vejo os vestígios na pia.

Passo direto por ela. Depois volto para lavar a louça, quando fizer algo para nós comermos. Ethan abasteceu bem a geladeira e o armário, tenho várias ideias para nosso almoço hoje.

Saindo da casa, desço as escadas para a área da piscina e do extenso gramado com o jardim florido. Tudo é muito verde e colorido por aqui. *Eu gostei disso.*

Abro um sorriso enorme quando tenho a visão do meu homem romântico nadando na piscina exuberante assim como ele. Meu coração se enche de amor e chego a colocar a mão no peito. Me sinto tão feliz. *Céus!* Limpo meus olhos rapidamente.

“Ei”, chamo sua atenção quando recupero o controle das minhas emoções.

Ele sai da piscina pela outra ponta, que logo estou caminhando para lá.

“Oi, minha princesa.”

Dou risada e jogo meus braços em cima dele quando nos encontramos. Ele está molhando meu vestido, mas realmente não me importo com isso. Seus lábios acariciam os meus lentamente e eu suspiro quando paramos o beijo. *Foi rápido demais.*

“Eu só queria saber... se vamos ficar como numa ilha deserta pelados” digo fazendo um carinho em seus braços e sentindo ele ficar excitado.

“Se você quiser.” Ethan dá sua risada rouca e agarra minha cintura. “Eu adoraria ficar vendo você andando para lá e para cá sem roupa.”

“Seu safado.”

“Por acaso você não está gostando?” Ele se afasta e balança o corpo de propósito sacodindo *tudo*.

Minha barriga dói de tanto que estou rindo. E quando menos espero, ele me agarra de novo e me beija. Gemo sentindo sua língua na minha. Fecho os olhos e puxo seus cabelos e suas mãos não perdem tempo, vão parar debaixo do meu vestido. Me arrepio toda. Ethan sempre me beija com tanta fome, tanta vontade, que me faz ver estrelas. Sinto o calafrio vir da minha espinha até os meus seios, que ficam sensíveis.

Nos separamos quando ficamos realmente sem fôlego, embora ele continua dando vários beijinhos na minha boca, queixo e pescoço.

“Você está cheirosa.”

“É a cama”, respondo com o pescoço para trás.

“Ah...” Ele morde o lóbulo da minha orelha e fazendo um caminho de beijos até minha boca, me dá um selinho e me encara. Seus olhos estão lindos na luz do sol. “Você está bem?”

Minhas sobranceiras franzem bem rápido antes de eu responder: “Como nunca estive, amor. Essa casa é um sonho”.

“Que bom que você gostou.”

Estou ficando com dor no rosto de tanto que estou sorrindo.

“Eu amei assim como amo muito você.”

Ele sorri, me beija e afaga minhas costas. “Está com fome?”

“Estou e já vou fazer —” paro de falar e os movimentos das minhas mãos no seu peito. Me afasto para enxergar melhor a... “O que é isso aí?” Digo surpresa.

Ethan franze a testa e olha para o próprio peito e sua expressão toma um ar confuso voltando a me encarar.

“É uma tatuagem.”

“É! Eu estou vendo.” Assinto e me aproximo, cerrando os olhos para ver os detalhes no meio das asas abertas de anjo em seu peito. Bem em cima do seu coração.

*P*_{ARA} *S*_{EMPRE} *M*_{INHA}.

*P*_{ARA} *S*_{EMPRE} *S*_{EU}.

*E*_{TERNAMENTE}, *V*_{ICTORIA}!

Meus olhos enchem de lágrimas e não consigo me controlar. É como uma avalanche. Ninguém segura ela. Coloco a mão na boca e tento segurar o soluço, mas não consigo. Meus lábios tremem e eu fito seus olhos, que estão atormentados.

“Meu anjo, não chora.” Ele me toma em seus braços e afaga meus cabelos pedindo baixinho para eu me acalmar. “Shu... Não precisa chorar assim.”

Assinto, sentindo meu corpo balançar conforme soluço.

“É que é lindo.” Murmuro entre minhas lágrimas.

“Eu sei. Eu sei. Tudo bem” tenta limpar meu rosto.

“Eu te amo”, aperto meus braços no seu pescoço. “Eu te amo tanto.”

“Eu sei, mas não precisa ficar assim.”

Assinto freneticamente respirando fundo e me afasto dos seus braços. Limpo meu rosto ainda olhando para tatuagem, que logo estou acariciando e me inclinando para beijá-la. E de novo a emoção me pega. Eu sou melosa e ele só faz coisas lindas. Como eu não vou chorar.

Suas mãos fazem carinho no meu corpo e me levam para os seus braços, me apertando e confortando.

“Quando você fez ela?” pergunto com a voz abafada em seu pescoço.

“No seu aniversário.”

Assinto e me afasto para olhar seus olhos, e ele pega meu rosto e dá um beijinho nos lábios.

“Eu tinha ido beber num bar perto do hospital e quando estava voltando para ficar com você, vi um estúdio de tatuagem ali perto.” Dá de ombros. “Eu pensei... que –” ele faz uma longa pausa.

“Que?”

“Que de alguma forma eu sempre a levaria comigo. Muito além de estar dentro do meu coração.” Pausa de novo e cerra os dentes, ficando emocionado.

“Eu estava com medo.”

Assinto e pego seu rosto. “Ah... Ethan. Eu não tenho palavras. É sério.” Balaço a cabeça e afago seu rosto. “Tudo que você faz e fez por mim... O que você passou. Eu vou ter que passar toda a minha vida recompensando todo esse amor.”

“Recompensando não.” Ele afirma com o rosto sério, embora os olhos estejam marejados. “Me amando. É tudo o que eu quero. Que a gente se ame todo dia, a cada minuto, eternamente. Para sempre.”

Engulo o bolo na garganta e dessa vez eu uno nossos lábios.



EU NÃO QUERO FICAR TODA VEZ EMOCIONADA e chorosa quando Ethan falar ou contar dos momentos que ele sofreu enquanto eu estava em coma. Não quero mais chorar. O Dr. Marlon falou para eu mostrar que estou forte. Viva!

É assim que me sinto hoje, viva e feliz e profundamente grata a Deus por ter voltando para Ethan. É óbvio que somos a alegria um do outro. E agora quero passar o resto da minha vida agradando e amando ele, fazendo tudo que for preciso para deixá-lo feliz.

Porém não vou entrar nesse mar e ficar em cima de uma prancha. Surfar deixou de ser opção para mim depois que Clara tentou me ensinar e fui sugada pelas ondas.

“Amor, não vou deixar você se machucar. Você sabe disso.”

“Mas eu não sei surfar, Ethan.” Digo enquanto ele fecha o colete feminino de surfe que ele comprou para mim. É rosa e preto. Muito bonita, mas *não*.

Rindo, ele segura meu rosto, as mãos geladas da água do mar, pois nós estávamos apenas nadando até ele vir com essa novidade de aula de surfe.

“Eu não quero que você surfe. Eu quero que você tente.”

“Mas...” choramingo e paro vendo-o abrir seu sorriso doce. Arh! Ele ainda está fazendo os olhos de cachorro pidão. *Filho da mãe*. Ele sabe que não resisto a ele quando faz isso. Bato no seu peito, empurrando-o.

Ele ri e me agarra dando um beijo molhado na minha boca.

“Você não presta. Sabe que não consigo dizer não para você e sua cara de filhote.”

“Na verdade, é porque você me ama” diz confiante e me solta.

Na beira da praia, ele enterra a prancha e se agacha, desenhando algo parecido com uma prancha na areia. Eu sei que não pode pisar na prancha sem estar na água. Clara disse que pode quebrar e são bem caras.

Ethan endireita a postura e começa a me dar instruções básicas.

“Ah, Clara já tentou. Você sabia?!” Eu sei que acabei de resmungar, mas não consigo controlar. Meu estômago está embrulhando de nervoso.

“Mas eu não sou a Clara. Sou forte e vou segurar você.”

Reviro os olhos e cruzo os braços.

Ele volta a explicar. Fala da postura, da linha no meio da prancha, da cordinha – que nunca podemos entrar no mar sem ela amarrada – e me faz imitar várias posições que ele faz. Alguns minutos depois e mais algumas orientações, ele me pega pela mão, agarra a prancha gigante – quanto menor, mas difícil – e vamos para o mar.

“Ai... Não sei se aprendi tudo. Explica de novo.”

Ele ri, beija meu rosto e para quando a água está cobrindo-o até os quadris, e no meu caso, batendo nas minhas costelas. Respiro fundo e subo na prancha com a ajuda dele.

“Vamos aprender a remar.”

“Isso é fácil.”

“Para de ser rebelde.” Ele diz e dá um tapa na minha bunda de brincadeira.

Rio e o frio na barriga melhora. Humor ajuda.

Ethan pede para eu remar. Colocar forças nos braços, mantendo o peso do corpo equilibrado para não escorregar enquanto segura a prancha no lugar atrás de mim. Depois de alguns minutos, me permite realmente puxar a água e sair do lugar, para em seguida me puxar até uma parte mais rasa. Vejo suas coxas agora e preciso olhar para cima para enxergar seu rosto. Uau! *Daqui ele fica lindo.* Molhado, o sol já bronzeando seu corpo e os olhos parecem duas pedras de safira.

“Você pode se concentrar?” Diz com um sorrisinho cínico.

Dou risada e assinto.

“Reme de novo.”

Faço o que ele pede e o vejo se afastando na água, nadando para o fundo.

Arregalo meus olhos e me sinto como um cachorro correndo atrás do dono.

“Volta aqui!” Grito nervosa.

Mas ele não me ouve, na verdade mergulha no mar e nada até onde com certeza eu não dou pé na água.

“Ai, para de nadar. Porra! Ethan!” Grito de novo.

Ele finalmente para e só vejo seus ombros e os braços esticados, me chamando.

Ah não. Ele não vai conseguir me segurar ali.

“É melhor eu parar.” Digo isso já parada. Não vou mesmo remar até lá.

“Para de ser fresca. Vem até aqui.”

“Não.”

“Então faz a manobra e faz o trajeto até onde você está agora.”

“Não sei fazer isso.”

“Então me encontre aqui que eu te ajudo a virar para a praia.” Bate na água me chamando como se eu fosse criança. “Vem, amor.”

Franzo a testa, olho para um lado, para o outro. Não tem ninguém por perto. Na verdade, nós não temos vizinhos. Moramos ao lado de dois grandes terrenos à venda. O amar é só nosso. Só existe nós por aqui. Nem em frente ao hotel – moderadamente longe – vejo alguém. Pelo visto eles preferem a piscina. Mas eu não poderia perder a oportunidade de vir a praia com Ethan hoje.

Volto a olhar para ele e tomando coragem remo até que seus braços agarrarem a prancha. Ele me para e estica o pescoço para me beijar.

“Viu sua fresca.”

Resmungo fingindo uma careta e ele me leva para onde estávamos e começa a falar sobre ficar em pé na prancha, em realmente *pegar* onda.

“Não, Ethan! Eu não quero.” Falo bem séria. “Estou com muito medo.”

“Amor, não vou deixar você se machucar. Eu vou pegar minha prancha e ficar do seu lado.”

Meus olhos se arregalaram de novo porque eu sinceramente não acredito que ele vai me deixar *sozinha*. Saio da prancha e fico em pé na água, as mãos na cintura.

“Você vai me abandonar e me fazer surfar? Você sabe que eu não sei.”

“Eu estou lhe ensinando.”

“E você acha que é assim tão fácil?”

Ele respira fundo e passa as mãos nos cabelos. *Ah, caramba*. Ele é tão sexy fazendo esse gesto e todo molhado. *Oh céus!*

“Você tem que fazer pra aprender. Eu não vou te soltar.”

“Vai sim. Você vai me soltar e eu vou pegar a onda *sozinha*. Você vai estar na *sua* prancha e eu na minha.”

“É, vou pegar a minha para justamente ficar atrás de você.”

“É assim que os instrutores fazem com as crianças? Jogam elas na água e boa sorte. Meus filhos não vão surfar nunca!”

“Caramba, Victoria.” Ele ri com força. “Eu não vou jogar você na água e te abandonar.”

Franzo a testa e cruzo os braços. Eu sei que estou fazendo cara de criança birrenta.

“No fundo qual é o seu medo?” Ele pergunta interessado de verdade.

“Tenho medo que a onda me pegue que nem da vez que a Clara tentou me ensinar e eu me afoguei. Foi muito apavorante.”

Ethan assente e soltando a respiração, coloca as mãos nos meus ombros. Ele sabe do que estou falando, sabe como isso é assustador. Todo surfista sabe como é ser engolido pelas ondas.

“Mas eu prometo que não vou deixar você se afogar.” Inclina o corpo e me beija.

Tomo uma respiração profunda e deixo minhas mãos nos seus braços, apertando.

“Tudo bem, a gente pode tentar uma vez, mas se eu falhar e ficar muito assustada não vou tentar mais. Nem adianta.”

“Tudo bem, eu só quero que você se divirta comigo.”

“Por que eu não posso me divertir olhando você? Com certeza eu vou me divertir muito mais”, digo sugestivamente e seus olhos ficam escuros rapidamente.

“Você sabe muito bem o que eu quero dizer. Eu quero que você faça parte dessa diversão.”

“Eu sei.” Resmungo revirando os olhos.

Ele ri e balança a cabeça. “Só tente uma vez. Certo? Eu vou estar do seu lado.”

“Tudo bem, mas depois a gente pode entrar e ficar na piscina?” Jogo meu olhar sedutor. “A gente pode tomar banho pelado.”

Ethan morde a boca, os olhos brilham e ele segura meu rosto. Seus lábios afagam suavemente os meus, com carinho e ele beija minha boca. Uma de suas mãos acalenta minhas costas. Esse carinho é a forma de ele tentar me acalmar e convencer.

Alguns homens usa o método de chantagear, manipular e outras coisas para convencer uma mulher. O *meu homem* me faz carinho e me agrada, me dar todo o amor do mundo para me convencer de alguma coisa. Eu prefiro o *meu*.

“Vou pegar minha prancha, espera aqui. Já volto.”

“Onde mais eu iria esperar? Ia ficar surfando sem você?”

“Você podia tentar. Está formando uma onda ali.” Ele aponta para um ponto no mar atrás de mim, que eu ignoro e ele ri alto.

Uns minutos depois, Ethan volta com a sua prancha e vamos para parte funda. Vou atrás dele, remando ao seu lado. Paramos – um pouco distante demais para o meu gosto da praia – e esperamos uma onda se formar. Quando isso finalmente acontece, ele me incentiva a remar o mais rápido que conseguir e vai ao meu lado dando braçadas longas e fortes. Eu acompanho e então ele simplesmente grita:

“Levanta!”

Meu coração dispara, meus olhos se arregalam e porra. Entrou água salgada dentro.

Pisco com força e escuto Ethan pedir para eu levantar de novo. Com uma coragem fingida, faço o que ele pede e acompanho seus movimentos, ficando de

pé na prancha ao mesmo tempo. Estou aterrorizada, no entanto tento manter o equilíbrio e fazer todas as orientações que ele disse antes. Joelhos levemente curvados, coluna reta, peito estufado, o braço da frente orientando onde quero ir e o de trás para baixo. Mantenho meu equilíbrio e tento – sinceramente tento – olhar para frente e não ficar pensando que a qualquer momento eu vou cair na água e ser sugada pelas ondas.

Graças a Deus, Ethan não está me fazendo aprender a surfar em uma praia que só os super surfistas frequentam. Ondas duradouras e enormes. Ou em uma das ondas que Clara adora, que gostam de chamar de Blue Crush – por causa de um filme que se passa no Havaí sobre surfistas. Esse apelido significa que é “*A onda dos sonhos*”. No meu caso seria “*A onda dos pesadelos*”.

Caramba! Eu estou surfando, mas não consigo curtir o clima porque a única coisa que quero saber é o momento que vou cair, porque todo surfista cai. Bem, não tem como a gente simplesmente mergulhar na água e sair da prancha ou chegar até a areia como só acontece em desenho animado. Céus! Eu queria muito ser um desenho animado agora.

Olho de soslaio para os cantos, procurando Ethan. Simplesmente não quero nem mexer o pescoço. Vai que quebra o equilíbrio.

Por exatos segundos ou minutos fico de pé, surfando. Mas não dura muito. Quando vejo que a onda está se fechando, fecho os olhos e só espero a queda.

Uma onda atrás da outra se quebra em cima de mim. Eu vou sendo arrastada para frente e tento com todas as forças não ficar apavorada. Procuro puxar a água, remando para cima, tentando sair e respirar. *Preciso de ar, meu Deus*. De repente braços me tiram de dentro da água e eu finalmente respiro fundo.

Limpando com força meus olhos, tirando o excesso da água salgada, consigo enxergar Ethan com sua expressão preocupada, os olhos levemente vermelhos por culpa do sal da água e perfeito. *Ethan surfista é um sonho*.

“Você está bem?”

“Eu acho que sim.”

“Como foi?”

“Foi muito aterrorizante.”

“Ficou com muito medo?” Indaga passa suas mãos em meus ombros.

“Mais ou menos. Eu consegui ficar em pé, surfei por alguns segundos ou minutos, não foi muito ruim. Foi quase legal, mas eu sinceramente não quero repetir. Por favor podemos entrar?” Tombo a cabeça de lado fazendo a melhor cara de cachorro pidão que só ele consegue fazer com perfeição. “Vamos curtir a piscina. Eu não quero mais ficar na praia. Não quero mais saber de ondas, a não ser que eu só assista você surfando.”

Ethan abre um sorriso enorme e me abraça parecendo aliviado. Se afaste e me dá um beijo na testa, na bochecha, no nariz e depois no coração da minha boca.

“Meu anjo, você foi sensacional e tudo bem. Vamos entrar agora.”

“Muito obrigado e é por isso que te amo”

Ele dá uma risada forte e finalmente saímos do mar.



O CÉU JÁ ESTÁ ESCURO, o friozinho da maresia dá leves calafrios no meu corpo e eu aperto a manta em volta do meu corpo. Fecho os olhos e deito a cabeça no ombro de Ethan e sua mão em cima das minhas pernas dobradas, aperta e escuto-o conversando com minha mãe e meu pai.

“Não. Eu não quis fazer propaganda ainda. Está sendo.”

“Mas é sua empresa”, Will opina. “Você tem que levantar seu nome o quanto antes.”

Ah... suspiro internamente e sei que estou sorrindo. Eu amo tanto ver eles se dando bem. É uma alegria que me deixa tão relaxada que estou com sono. Minhas pálpebras pesadas e é gostoso ficar ouvindo-os debater sobre lucros e finanças e aplicações empresarial. Assuntos que realmente não me interessa.

De repente solto um bocejo e escuto minha mãe rir.

“Eu acho que tem alguém aí com sono”, ela diz e detecto humor em sua voz.

Resmungo, abrindo os olhos e quando vou reclamar acabo bocejando de novo e muito alto. Ai que saco. Eles riem e Ethan afaga as minhas costas antes de dizer:

“Acho que já está na hora de nós irmos para casa.”

“Eu concordo. Estou muito cansada.”

“Mas amanhã vocês voltam, não é?” Mamãe pergunta.

“Claro, que sim mãe.” Respondo quando nós levantamos e caminhos para a rampa que leva à praia. “Eu só estou cansada hoje por causa das ondas.”

“Então quer dizer que Ethan levou você para surfa.” Meu pai diz com aquele ar nenhum pouco amigável. “Você ainda está se recuperando. É muito perigoso.”

“Ela sempre quis e eu não vi nada demais.” Ethan diz em defesa. “Foi uma forma da gente se divertir e ela mandou muito bem.”

O silêncio se propaga entre nós e eu sou obrigada intervir antes que eles fiquem de mau de novo. Papai está com aquela cara de poucos amigos interrogando e acusando sem usar uma única palavra Ethan, e claro que meu

marido não deixa por menos.

“Pai foi tudo bem. Eu me diverti.” Me aproximo dele e abraço seu braço. “Eu cheguei a ficar em pé em cima da prancha. Foi bem legal.”

“Mas você está se recuperando ainda, Victoria.”

“Eu sei, mas eu não estou morta.” Pausa porque peguei pesado e suspiro. “Eu posso me divertir, me aventurar. Eu quero me sentir viva. Se vocês continuarem me tratando como fosse uma doente, eu vou ficar bem zangada.”

“Ela tem razão.” Mamãe fala do outro lado dele, segurando seu outro braço. “Will não precisa ficar nervoso, querido.”

Assinto de novo com um sorriso no rosto que deixa claro que ele precisa, necessita ficar tranquilo e feliz por mim. E quando ele abraça meus ombros, acho que se convenceu de que surfar foi maravilhoso para mim. Porque apesar do medo eu adorei.

Inclusive o que meu príncipe fez comigo na piscina depois. Ah... Estou suspirando internamente de novo. Isso é o efeito Ethan Brown.

Meus pais nos acompanham até a rampa e nós nos despedimos.

Ethan e eu caminhamos pela praia de mãos dadas calmamente. Tiro meus sapatos para sentir o friozinho da areia e curto a caminhada.

“Hoje foi um dia muito legal. Você não acha?”

Ethan resmunga um sim.

Franzo a testa e viro a cabeça para ver seu rosto. Ele está sereno, olhando para frente, a postura firme e sentindo meu olhar, vira-se para mim.

Oh meu Deus, esse homem é tão lindo. Eu nunca vou conseguir me acostumar com o impacto da profundidade que seus olhos me fitam. E nunca vou deixar de ficar admirada com as feições do seu rosto. Seus cílios longos e grossos, sua barba perfeita que envolve seu maxilar e esconde a boca que eu amo de paixão. Quando essa boca toca a minha. Quando esses lábios tocam meu corpo, me leva as estrelas. Amo mais ainda quando esta boca abre este sorriso tão perturbador e irresistível.

Me jogo em seus braços e ele tira meus pés do chão. Abraço seu corpo com minhas pernas e ele me beija do jeito que só ele sabe. Gemo perdida no calor dos seus braços e sentindo sua língua atrevida acariciar minha boca e depois se enfiando entre meus lábios. Me afasto só quando preciso respirar, mas Ethan não para, apenas troca meus lábios por meu queixo, orelha, pescoço.

“Ah... meu Deus.” Suspiro e agarro seus cabelos.

“Você sabe o quanto eu te amo?” Ele murmura no meu pescoço. “Sabe o quanto eu te acho perfeita?”

Sorriso sentindo borboletas no meu estômago e assinto.

Estou ficando excitada. Aperto minhas coxas em seu quadril, remexendo

meu corpo e sentindo seu pênis endurecendo. Solto um gemido. Sinto meu corpo arder de desejo por ele.

Sem um pingo de vergonha pressiono meu sexo onde eu mais quero. Seguro seu rosto e minha boca encontra a sua, aberta. Minha língua deslizando rapidamente nos seus lábios e para dentro da sua boca.

Ethan me beija enfiando seus dedos dentro dos meus cabelos, fazendo minha cabeça girar para um lado e para o outro. Sua língua dança dentro da minha boca e eu não aguento mais. Preciso sentir ele.

Chegando no portão, ele me coloca no chão rapidamente, abre, fecha e me pega no colo de novo subindo a rampa de casa.

Me beijando, ele dá passos largos até o sofá que fica na entrada dos fundos da casa, na varanda em frente a piscina.

“Sabe qual é a graça de ter a casa só nossa, meu amor?” Ele diz com sua voz sexy. “É que eu posso deixar você nua aonde eu quiser.” Fala isso olhando dentro dos meus olhos e suas mãos calmamente arrancam minhas roupas.

Ethan faz carinho no meu corpo, dá beijinhos na minha barriga, nas minhas coxas. Quando estou nua, volta a me pegar no colo. Fico de bom grado agarrada a ele com as pernas e os braços.

“Se segura”, ele pede.

“Claro”, concordo e esperando ele abrir a porta de casa, dou beijinhos no seu pescoço e ombro.

Ele nos leva para o nosso quarto. Vai direto para o banheiro e me coloca sobre a pia. Afoito e um pouco animalesco, volta a me acariciar. Lambe minha clavícula, beija meus ombros e sua boca encontra meus seios um de cada vez, chupando meus mamilos até me deixar sensível. Estou fervendo mais do que um vulcão em erupção.

Ele se afasta, abre seu sorriso perverso, me dá um beijo rápido na boca e o vejo se agachar lentamente. Ele vai descendo, passando a língua no meio do meu corpo e quando abre minhas pernas, simplesmente abocanha meu sexo e chupa até me fazer gritar. *Minha nossa*. Sua boca tem a mesma fome no meu sexo como quando me beija.

Não consigo me controlar, e nem minha mão que involuntariamente desce e encontra seus cabelos. Tento não puxar, mas ele... *Ai meu Deus!* Ethan rodopia a língua dentro de mim e seus dedos brincam com meu clitóris.

“Oh céus.” Gemo colocando meus pés sobre seus ombros. Me abrindo para ele.

Quando Ethan enfia os dedos dentro de mim, jogo a cabeça para trás, batendo no espelho e gozo deliberadamente como se estivesse enlouquecendo.

Voltando a terra, o assisto se afastar e com seus olhos cerrados,

sedutoramente fica nu na minha frente. Ele está voltando a sua forma de antes. Lindo como sempre, gostoso e todo meu.

Volta a se aproximar e agarra minhas coxas, me faz abraçar seu corpo e me leva para dentro do box. O chuveiro é ligado e a água me surpreende, mas quase não tenho tempo para registrar o impacto da água, pois Ethan me penetra com uma estocada forte que me faz gritar e chama meu nome.

Suas mãos estão por todas as partes do meu corpo. Fecho os olhos me entregando. Adoro o jeito que ele aperta minha bunda, minhas coxas. Arranho suas costas e aperto meus olhos fechados. Me solto nesta sensação deliciosa de fazer amor debaixo d'água. Estou delirando. Ethan acelera um pouco os movimentos. Meu corpo está pressionado na parede, as mãos dele tentam deter meu corpo de sair do lugar conforme ele mete com força, empurrando-me para cima. Ele me fode de uma forma que está me deixando sem sentido. Com força, com ardor. Com uma paixão feroz.

Sua boca não me abandona em nenhum momento. Estou chegando perto de novo. Agarro seu rosto, beijo sua boca. Eu só quero que ele não pare, que me faça gozar. Estou tão sensível e quente. Sinto meu interior apertar seu pau com mais força e quando ele morde o meu ombro, eu simplesmente me solto. Me entregando a um orgasmo alucinante. E ele continua se movendo, investindo dentro de mim e eu solto um gemido atrás do outro. Ele ainda não gozou e acho que não vai ser agora.

Me dando um beija, sai de dentro de mim, aperta minhas coxas e me desgruda da parede. Sem aviso ou qualquer chance de protesto, Ethan me leva para o quarto, me joga na cama e gira meu corpo, colocando-me de quatro e grito alto quando ele me penetra profundamente. *Céus!* Nossos corpos molhados escorregam, porém ele segura o meu. Seu peito gruda em minhas costas, suas mãos nos meus seios. Ele mete com força, indo bem fundo. Sua boca está no meu pescoço e pedindo com a voz rouca:

“Vem, amor. Goza de novo para mim.”

“Ah! Não...” estou muito sensível. “Meu Deus.”

Ele geme no meu ouvido aumentando a velocidade. Isso é mais do que fazer amor. Ethan está me fodendo, tão intenso que estou meio tonta. Eu amo quando ele se solta dessa maneira. É alucinante. E faz tanto tempo.

Fecho os olhos e ele se move com força. Sua respiração está rouca e quando ele dá uma estocada forte, sinto ele gozando junto comigo porque não aguentei. É demais para mim.

Não tenho mais forças para nada. Sem ar e com o coração acelerado, deixo meu corpo cair na cama. Sinto Ethan sair de dentro de mim e jogar o seu corpo ao meu lado. Sua respiração está tão ofegante que escuto como estivéssemos no

meu ouvido.

Uns minutos depois, a cama se mexe e sinto uma carícia suave em minhas costas até a volta da minha bunda. Ele tira o cabelo da frente do meu rosto e abro os olhos. Encaro seus intensos os olhos azuis, lindos e brilhantes, e sorrio fechando os olhos de novo, me aconchegando no seu corpo quando ele me abraça. Escuto-o dizer boa noite e só sei que adormeço com um sorriso de pura felicidade.

Dezoito

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 2014.



VICTORIA ME ACORDA COM VÁRIOS BEIJOS. Ela beija minhas costas, meu ombro, meu rosto fazendo um barulhinho engraçado. Então cheira meu pescoço antes de murmurar com a voz sexy de sono:

“Hoje tem trabalho, meu marido lindo.”

Trago sua mão que estava no meu peito para mais perto, puxando ela até se deitar sobre mim. Eu sei que tenho trabalho, mas continuo de olhos fechados aproveitando o momento. Não quero levantar. Adoro acordar com ela, sentir seu corpo quente e molinho nos meus braços, que agora eu estou nos seus braços.

“Não quero ir hoje.”

“Ethan, mas você tem que ir e resolver os problemas com o advogado e da sua empresa. Levante e me deixe orgulhosa.” Ela consegue se desprender de mim e sinto a cama mexer quando sai e aparece do meu lado, sentando na beira e beijando meu nariz. “Vai amor da minha vida. Levante!”

“Ah... para com isso.”

Abro os olhos só para fitar seu rosto e pegá-la nos braços, derrubando de volta na cama e abraçando-a bem apertado. Ela solta uma risada e suas pernas me abraçam. Minha boca encontra a sua. Eu a beijo sentindo suas mãos em minhas costas, na bunda e nos braços. Victoria geme e deixa eu saborear seus lábios como gosto. Deslizando minha mão por sua coxa e enfio por debaixo da camisola e encontro um dos seus seios. Aperto sentindo o peso e acariciando o mamilo. Ela geme de novo e morde minha boca.

“Para com isso, Ethan.”

“Não.acredito.que.está.recusando” dalo pausadamente enquanto a beijo. “Você tem certeza?”

“Mm... para.”

Rio e abaixo a cabeça, cheirando seu pescoço e correndo a língua, mordo de leve sua orelha. Victoria crava as unhas nas minhas costas, suas coxas quentes contra meus quadris ficam mais apertadas e eu só penso que seria muito bom não ter nada entre nós. O quanto seria bom estarmos nus e eu poder entrar na sua boceta quentinha.

“Deus. Não consigo ignorar meu desejo.” Falo no seu ouvido.

“Ah...” ela suspira.

Me afasto rápido, fico de joelhos na cama e a encaro. Ela está respirando fundo, ofegante e seu corpo está todo arrepiado. Morde a boca rapidamente antes de soltar e deixar aberta procurando ar.

“Não me olha assim, porra.” Falo antes de pular da cama, tirar minha cueca e arrancar sua calcinha. “Seria tão mais fácil você não estar com ela.”

Ela ri e abre os braços para mim, me convidando a se juntar ao seu corpo. E eu vou de imediato. Beijo sua boca, corro minhas mãos por seu corpo e assim que consigo tirar a camisola, encaixo-me no meio das suas pernas e sem aviso a penetro de uma vez. Victoria solta um grito, seus braços apertam com força meus ombros, a boca no meu ouvido soltando ar.

Movimento meus quadris para trás, tirando meu pau e volto a forçar para a frente, indo até o fim. Nos beijamos enlouquecidos e perdidos. Ela está quentinha da cama ainda. Seu corpo abraça o meu, braços e pernas jogados sobre mim. Suas mãos espalmadas em minhas costas, fazendo um carinho suave. Minha boca escorrega da sua e eu tomo ar. Deixo meu rosto pressionado no seu, conseguindo ouvir ela gemer e se entregar para mim.

Nós passamos o final de semana matando a saudade. Transamos por todas as partes da casa e usamos e abusamos da cama em nosso quarto. No entanto, eu ainda a quero e sinto saudade de fazer amor com ela. São tantas emoções que ela me traz enquanto estamos assim, inclusive humor. O fato dela só falar palavrão na cama – e quando está muito excitada – me diverte.

Fecho os olhos com força quando ela experimenta mexer seus quadris para cima, deixando-me entrar todo dentro dela.

Minha nossa. Essa mulher me possui de um jeito extraordinário.

Acelero meus movimentos, Victoria crava as unhas nos meus braços. Levanto o corpo, querendo olhar em seus olhos quando meu orgasmo chegar. Ela sorri para mim, corre o polegar suavemente por meu rosto e vai descendo por meu pescoço até meu peito. Seus olhos acompanham seu movimento e ela olha concentrada a tatuagem, se demorando com o carinho. Meu coração acelera e a sensação de ser dominado me pega. Dou uma estocada com força, sentindo seu corpo tremer e deixando o prazer tomar meu corpo e gozo dentro dela.

Victoria arfa, procurando ar e deixa os braços caírem para os lados, mexendo para cima seus quadris, se esfregando em mim à procura do seu orgasmo. Fascinado, minha mão desce e acaricio seu clitóris. Olho em seus olhos pedindo para ela gozar e ainda movimentando meu corpo, massageando seu interior, querendo dar prazer a ela.

“Ah... Ethan!”

Inclino-me e deixo um beijo em seus lábios rapidamente e me afasto

querendo assisti-la.

Ela abre a boca, joga a cabeça para trás, suas mãos percorrem meus braços até encontrarem meus cabelos e os aperta e puxa de leve. Ela geme, ondula o corpo e por fim, goza lindamente com seus olhos brilhantes em tons de verde, a boca molhada dos meus beijos e levemente aberta. Amo vê-la assim.

Apaixonado por essa visão, volto a abraçar seu corpo, fazendo nós dois deitarmos de lado e espero um tempinho meu coração ficar mais calmo e murmuro no seu ouvido:

“Agora eu posso ir trabalhar.”

Victoria ri com força e beija meu pescoço.



ESSA SEMANA IREI COMEÇAR A PREPARAR MINHA saída da COLTON & BROWN, provavelmente é meu último mês por aqui. E assim que pisei no escritório, Debora me aborda com documentos e reuniões. O novo sênior financeiro que irá ocupar meu lugar, é um funcionário de anos da empresa, mas precisa que eu passe algumas coisas à ele.

A secretária do meu irmão – que é evidente, a fofoqueira da empresa – disse que ele era o primeiro da lista antes de eu voltar para Los Angeles. Matthew era o segundo contador geral da empresa e respondia quando eu não estava. Por tanto enquanto Victoria estava em coma ele ocupou meu cargo. Agora ele ficará fixo e sinceramente é menos uma dor de cabeça para mim.

Tirando Debora, que eu levarei comigo, preciso procurar profissionais para montar minha equipe. Encontrar vários profissionais para cada setor e necessito de pessoas competentes.

A BROWN'S BUILDING será voltada para o método de organizar e otimizar processos empresariais, promovendo melhorias de gestões econômicas e ajudando da melhor forma uma solução para colapsos empresárias. Iremos trabalhar em identificar, implementar, solucionar novas e velhas empresas terceirizando-as. Ou seja, iremos expandir nosso nome conforme salvamos a pele de empresas mal organizadas. Essa ideia veio de Ryan Colton, quando uma vez conversei com ele sobre esse assunto, e ele disse ser um ótimo ramo. Infelizmente a COLTON & BROWN não se aprofunda nessas questões.

A sede – que fica duas quadras da COLTON & BROWN – será uma rede globalizada trabalhando em quatro grandes áreas espalhadas nos vinte andares. Cada uma responsável por setores diferentes. Economia, entretenimento – um fixando-se em lazer; em breve inauguraremos a franquias de hotéis; VITAE RESORT, e o tecnológico; a área nerd de games e internet – a agropecuária e o setor estudantil promovendo bolsas de estudos e estágios para quem cursa Business Process, economia e ciências política.

E tenho uma surpresa para Victoria. Agora sua ONG será nacional. O objetivo não é apenas fundar uma sede em cada estado como também apoiar os abrigos de animais espalhados pelo país.

Não foi fácil encontrar empresas para comandar cada setor e não está sendo fácil me preparar para tanta responsabilidade e trabalho. Eu sei que precisarei me dedicar ao máximo para tudo ir adiante e ser um sucesso. Chego a estar ansioso, mas no fundo animado. Quero fazer isso e tenho sócios competentes. Alguns amigos de anos, clientes da COLTON & BROWN, sonhadores como eu e colegas da faculdade.

Diego Lazar estudou comigo em Harvard e é meu advogado há três anos. Eu nunca quis preocupar meus pais, embora fossem meros problemas. Diego me ajudou a fechar negócio com o antigo proprietário do prédio de Nova York e sua função na empresa é ser o *chairman* – balancear interesses e assegurar de que o CEO esteja satisfeito, no caso eu.

Cada acionista terá seu próprio *chairman*, porém Diego será também presidente da empresa. O mesmo cargo que Anton ocupa ao lado de Will que também é CEO. Eu não quis ocupar dois cargos, embora para algumas negociações terão que passar por mim.

Diego será meu braço direito, porque mesmo confiando no meu irmão de olhos fechados, mas não quis levá-lo comigo para minha empresa e tirar o cargo dele tão respeitado da COLTON & BROWN. Me desprender da minha família – pelo menos nesta questão – é importante para mim.

Esfregando meu rosto, levanto da cadeira e caminho até as janelas. Eu sei que é uma grande responsabilidade e tomará muito tempo dos meus dias. Sei o quanto terei que ficar horas e horas enfurnado na empresa longe de Victoria, mas não quero recuar. Estou fazendo isso para nossa família.

“Sr. Brown, ligação na linha dois e o Sr. Lazer chegou.” A voz de Debora surgiu pelo alto-falante do telefone em cima da minha mesa.

Voltando para a minha mesa, pego o fone. “Pode passar a ligação e assim que eu terminar, peço para deixar Lazer entrar. Obrigado.”

“Sim, senhor.”

“E quem é?”

“Sua mãe, senhor.”

Reviro os olhos e me preparo para a entrevista. Desde que Victoria acordou, no caso essa semana fará um mês, minha mãe liga todos os dias para saber como ela está e eu, é claro. Me sinto em um interrogatório e agora mais ainda, quando ela insiste que eu deveria fazer terapia também. Merda. Se não bastasse Victoria pedindo isso, agora minha mãe também.



TRINTA MINUTOS DEPOIS LAZAR entra no meu escritório com seu costumeiro sorriso maroto sentando-se em uma das cadeiras em frente minha mesa. Debora vem atrás com mais papéis. Porra, não vejo a hora de chegar em casa. No relógio nem duas horas marcam ainda.

“Senhor, depois de assinar os papéis me informe. Preciso enviar para o Sr. Lozartan antes das cinco.”

Franzo a testa e pego a pasta com o nome de Travis. *Transação empresarial.*

Ambicioso e um magnata esperto, Travis quis colaborar com a fundação estudantil, dando uma quantia significativa. Colen levou essa informação ao irmão, sobre meu projeto de ter minha empresa, e agora nós três somos sócios.

“Isso é sobre o financiamento da BROWN’S BUILDING?” pergunto vendo os outros papéis.

Ela assente com um sorriso. Debora parece ser uma das mais animadas com a inauguração da empresa. Ela é uma mulher obstinada e acabei descobrindo que tem um sonho de ser guru de relações públicas, e talvez essa ideia seja muito boa futuramente para imprensa, embora não queira ficar famoso, mas sei que os holofotes vão ficar ainda mais atentos sobre mim e depois que Victoria voltou do coma, tudo se tornou um burburinho. Eles estão loucos por uma entrevista, porque fotos já têm. Victoria saindo do terapeuta e do hospital. Aqueles sanguessugas.

“Está bem, já leu e assino pra você.”

Com um aceno de cabeça, ela deixa a sala.

“Ela é bem bonita.” Diego diz.

Desviando meus olhos dos documentos, olho para ele sobre os cílios e balanço a cabeça. Diego está de olho na porta, talvez esperando ela voltar.

Debora nunca me chamou a atenção assim. Talvez seja porque quando a conheci já estava apaixonado por Victoria, mas ela é bonita. Seu porte elegante, o corpo curvilíneo – às vezes me pergunto se ela só come salada – e os cabelos loiros escuros acompanhando seus olhos azuis claros, chamam atenção. Principalmente de um homem como Lazar.

“Ela não vai voltar agora.” Murmuro olhando para os documentos de novo e passando as folhas.

“Ela é solteira?”

Reprimo a vontade de rir. Quando eu pensei que não teria mais amigos tarados na minha vida, Diego reaparece. Antes eu tinha que aturar essas conversas com Lucca, que agora só tem olhos para Clara, que até quando eles

brigam, Lucca só sabe falar o quanto ela o deixa maluco. Eu entendo esse efeito.

“Eu sinceramente não sei. Não é uma questão que me interessa.”

“Diz isso porque é casado.”

Aprumo a postura, empurrando para o lado os papéis e lhe dou total atenção.

“Eu não posso dizer com toda certeza que não faria nada com ela, mas talvez eu não fosse o tipo de chefe que pega a secretária. E sim, eu não a observo com esses olhos porque sou casado. E muito bem casado” terminando e o que fiz com minha esposa hoje de manhã passa na minha mente.

Ele ri e fingi tirar a poeira do sapato. Está sentado confortavelmente na cadeira com a perna direito sobre a esquerda e balançando casualmente. Seu terno é cinza escuro e eu até levaria a sério ele senão fosse a gravata roxa parecendo que roubou do Coringa.

“Você roubou essa gravata do Coringa?”

Diego dá um sorriso amarelo. “Desde quando você faz piadas?”

“Eu mudei muito desde a faculdade.”

“Não vi isso a uns seis, oito meses atrás.”

Arfo com força e falo: “Na verdade, eu mudei sim. Minha esposa me transformou em uma versão menos engraçada que a do meu irmão, porém agora algumas pessoas dizem que eu estou sendo o mais simpático”.

“É”, ironiza “com certeza uma mudança, Ethan. Porque você nunca falou mais do que dez palavras em uma única sentença e você conseguiu formar quase um parágrafo agora.”

Balanço a cabeça ignorando sua provocação e vou ao que me interessa.

“Então você conseguiu resolver aquilo pra mim?”

“Sim, aqui.” Ele coloca em cima da mesa um envelope. “Não sei porque ficou tão nervoso por causa disso.”

“Porque isto é um documento legal. Eu preciso dele.”

Abro o envelope e confiro os documentos do meu casamento com Victoria.

“Mas você já não vai casar com ela de novo?”

“Sim, vou, porém eu preciso desses documentos para a empresa estar no nome dela também.”

“Você sabe muito bem que posso colocar quem você quiser na escritura da empresa. Não preciso de um documento para isso ou Victoria ser sua esposa. Mas entendo que seus motivos são bem maiores” comenta reflexivo.

“É mesmo? E qual é senhor sabichão?”

“Se chama domínio, Ethan. Você quer que ela esteja com *seu* nome nos documentos da empresa porque você é um predador e isso é uma forma dominadora. Ego, podemos chamar assim.”

“Você falando assim parece eu quero dominar, Victoria.”

“Eu não estou dizendo isso. Na verdade, o que você está querendo é só garantia de que tudo seja dela e dos seus futuros filhos. Você a preza demais e quer que ela esteja como Victoria Brown na BROWN'S BUILDING e que tenha a parte dela legítima. Eu não vejo nada demais nisso, mas não é só por causa que você quer que os outros acionistas saibam. Você quer dizer para o mundo inteiro que ela está sob suas asas e ninguém vai machucá-la. Sério, depois de tudo. Eu lhe entendo, cara.”

Eu não posso discordar dele. No fundo é essa a realidade. Eu quero que saibam que Victoria tem alguém que está de olho, cuidando dela. Eu irei pegar todas as oportunidades da minha vida para provar e mostrar ao mundo que ela é minha. Não me importo com como as pessoas interpretem. Domínio, posse, machismo, etc., tanto faz. Ela é minha e ponto final. Minha esposa, minha amiga, minha sócia. Ela é o meu bem mais valioso.

E eu encarreguei justamente Diego de cuidar desses documentos porque foi ele que fez o acordo pré-nupcial do nosso primeiro casamento, e foi uma das assinaturas como testemunha. É importante que ele passe para o nome dela os trinta por cento da BROWN'S BUILDING. Por enquanto ela é minha única herdeira. Então além de ela ter meus trinta por cento, tem os que darei para ela. Os acionistas e sócios ficaram divididos entre os quarenta restantes.



SUBINDO PARA O QUARTO, FECHO A PORTA e jogo meu paletó em cima da poltrona no canto e vou até a cama. O montinho que forma o corpo da minha mulher faz meu corpo desejá-la intensamente, mas pelo jeito que sua respiração está suave, é claro que faz tempo que está dormindo. Eu não sou louco de acordá-la. E no fundo, estou morto de cansaço.

Me inclino e dou um beijo no rosto de Victoria. Ela solta um resmungo sonolento e quando estou quase me afastando, ela procura às cegas minha mão.

“Que horas são?” pergunta com a voz de sono.

“Quase dez horas. Volta a dormir, já venho me deitar.”

“Nossa, Ethan! Você trabalhou até tarde.”

Murmuro um sim e beijo seu rosto de novo antes de me afastar de vez. “Fica aqui que eu vou tomar um banho e já volto para ficar com você.”

“Não!”, ela fala apressada e tenta sentar na cama. “Eu vou esquentar a comida pra você.”

“Não precisa.” Seguro seus ombros, detendo-a, e olho seus olhos cerrados. “Eu já comi.”

Ela ergue a sobrancelha direita, desconfiada, e a carinha de sono.

“Comeu daquele jeito que sempre faz no trabalho ou de verdade?”

“De verdade, amor.”

“Está bem.” Ela assente e afaga meu rosto com sua mão quentinha.

“Agora deita.”

Com um suspiro, ela relaxa e deita na cama deixando sua mão deslizar até perder o contato comigo. Abro um sorriso, beijo seus cabelos e cubro seu corpo.

Uns minutos depois saio da casa de banho com o corpo quente e fresco, tomei uma ducha que descarregou o dia de hoje. Nossa, há muito tempo que eu não chego tão tarde em casa, e acho que vai ser assim a semana toda. Estava sentindo falta disso.

Me seco, escovo os dentes e vou para cama. Encontro meu anjo abraçada ao travesseiro – que por sinal é um dos meus – e ressonando. Rapidamente levanto as cobertas, ajeito os travesseiros e deito. Me arrastando para o calor do seu corpo, a abraço. Victoria resmunga baixinho e aconchega-se em mim.

“Boa noite, meu anjo.”

Demora um tempinho para ela responder: “Você trabalhou direitinho hoje?”

A vontade de rir brota em meu peito e eu a aperto me meus braços.

“Sim, senhora. E você, como foi seu dia?”

“Legal e chato até que Clara apareceu aqui.”

“É mesmo?”

“Ela almoçou comigo e mais tarde Hannah ligou.”

“E o que ela queria?”

“Quer ficar aqui. Passar o final de semana com a gente.”

“Está bom, a gente pega ela.” Só não sei se vai ser esse final de semana.

Cora está armando uma festa surpresa no sábado. Dia vinte e um faz um mês que Victoria voltou para nós. Por reflexo abraço-a mais forte. Ela solta uma risada preguiçosa e se vira nos meus braços, ficando de frente para mim e jogando a perna em cima das minhas.

“Você está pelado?!” Ela diz e afasta a cabeça para enxergar meu rosto de testa franzida graças a luz azul suave do lado de fora, que entra pela fresta das cortinas na janela panorâmica.

“U-hum.”

“Hm...” ela geme com humor e esconde o rosto no meu peito e sua mão desliza por minhas costas. “Previsível.”

Rio e afago suas costas também fechando os olhos e relaxando.

“Eu sou um homem com esperanças.”

Victoria ri e esfrega o nariz no meu pescoço. Ficamos em silêncio, mas como sempre ela tem algo a dizer. Meu amor gosta de pegar no sono conversando às vezes.

“Ethan?”

“Oi.”

“Você vai comigo quarta-feira na terapia? Queria que você fosse.”

Sua pergunta me pega de surpresa e o tempo que passo analisando, ela volta a falar:

“O Dr. Marlon falou que seria bom pra você e pra mim.” Ela volta a me olhar. “Você vai comigo?”

Acaricio seu rosto e respiro fundo. “Vou.”

Ela abra um sorriso enorme, porém sonolento e beija meu peito em forma de agradecimento.

Eu sou capaz de quebrar um braço para deixá-la feliz – já fui até atropelado e sorri. Sou capaz de comprar as estrelas para satisfazê-la, e acho que fazer companhia a ela à uma dessas consultas não fará mal algum.



Q U A R T A - F E I R A , 1 8 D E A G O S T O D E 2 0 1 4 .

“S ENHOR, A CONSULTA É DAQUI A VINTE MINUTOS.”

“Está bem, Debora. Obrigado.”

Desvio meus olhos do monitor e das planilhas que estava trabalhando, e passo a mão no rosto sentindo o esgotamento do dia. Levantando da cadeira, vou rapidamente no banheiro e passo uma água no rosto para ficar mais apresentável na consulta com Dr. Marlon.

Combinei de encontrar Victoria no consultório cinco e vinte. Agora no relógio marcam dez para cinco. O consultório não é muito longe, mas até eu descer e ter que aturar o trânsito, talvez chegue atrasado.

Sei que estou cheio de problemas e dúvidas, com medo e preocupado. E realmente ter alguém para conversar e encontrar soluções para dissipar esses sentimentos, será muito bom, mas tinha que ser hoje. Merda!

Desde de segunda-feira voltei a malhar na academia. John ficou feliz com meu retorno e já está me fazendo sofrer. Ele agora é meu personal trainer e está disposto a me fazer encontrar o equilíbrio e concentração que tinha antes. Eu sempre gostei de malhar por causa disso. Encontrar meu foco, não tinha só a ver com físico.

Hoje vou a academia quando sair da consulta e tentar levar Victoria. Não sei se ela vai gostar, mas seria tão bom ela sair e rever algumas pessoas que gosta e que gostam dela. Claramente o pessoal da Fitness Lover gostam dela.

Perguntam sempre quando ela vai voltar.

Enfim, por sempre encontrar meu equilíbrio na academia, não vejo razão para perder tempo com terapia. Eu tenho tanta coisa para fazer no trabalho, que meus pensamentos ficam cheios demais para encontrar qualquer sentimento negativo. Tudo o que mais me importa é fazer Vitoria feliz, erguer meu nome e viver em paz.

Saindo do banheiro, pego meu paletó, as chaves e minha carteira e saio me despedindo de Debora.

“Até amanhã. Qualquer coisa me ligue ou mande por e-mail.”

“Tudo bem, e Sr. Brown.”

“Sim?”

“O Sr. Connor ligou.”

Franzo a testa. *O que diabos Arnon Connor quer comigo?*

“E o que ele quer?”

“Conversar com o senhor.”

“Da próxima vez passe a ligação.”

“Não. Ele quer pessoalmente.”

Respiro fundo e fecho os olhos brevemente procurando a paciência que me falta quando se trata de um desses Connor.

“Marque com ele para segunda que vem.”

“Sim, senhor.”

“Okay, até amanhã.” Com um aceno de cabeça, sigo o caminho até os elevadores.

Não me interessa se Arnon quer conversar comigo. Vou recebê-lo para deixar bem claro que quero distância da sua família. Agora que estou em paz com Victoria, quero manter assim. Nicole tem cheiro de problema.



“QUANDO VOCÊ ESTIVER À VONTADE PODE COMEÇAR A FALAR.” O terapeuta fala calmamente com Victoria e troca um olhar comigo. “Ninguém está aqui para julgá-la. Pedi para que Ethan viesse porque é importante que ele esteja com você nessa jornada de reencontro.”

Estico minha mão e pego a dela apertando de leve, dando o meu apoio.

Por alguns segundos ela fica em silêncio. Respira fundo e seus olhos perdem o foco quando olha para frente. Alguma lembrança passa por sua mente e quando finalmente toma coragem, ergue a cabeça e conta:

“Você acredita que nós podemos receber sinais do futuro?”

“Como um presságio? Não sei. Por disse isso?” Fala Marlon.

“Eu tenho sonhos...” faz uma longa pausa.

Fico curioso e sento-me virado para ela.

“Fale-me sobre eles.” O terapeuta pede mais uma vez, e eu assinto.

Victoria abaixa o rosto e olha para as próprias mãos. “Meus sonhos sempre foram na praia, quando eu não sonhava com cativo. E as vezes eles se misturavam. Eu sempre sonhava com o mar e quando comecei a namorar o Ethan, esses sonhos se tornaram mais reais e mais fortes. Antes eu só tinha esses pesadelos quando chegava perto da data do meu primeiro sequestro. Eu não sei como explicar, mas... enfim. Ethan me deu uma casa” olha para mim e abre um sorriso antes de voltar a falar e olhar para o terapeuta, “e a praia onde fica a nossa nova casa é muito igual à que eu sonhava. A diferença é que tem casas, não é uma praia deserta, só privada e... isso me assusta um pouco.”

“Por que te assusta? E o que tem mais nos sonhos?”

“Eu sonho com o bebê. O bebê que eu esperava e apesar de eu não lembrar do sentimento que tinha quando estava grávida, muitas vezes eu sonho com esse bebê.”

Eu lembro de Victoria falando sobre sonhar com o bebê. No sonho ele sumia e eu também. Uma das vezes ela acordou assustada em Nova York e relutou em me contar porque isso me deixava preocupado. Faz todo sentido ela falar sobre isso agora. Talvez fosse preocupação ou como ela está dizendo, um presságio. *Será?*

“O bebê faz o que no sono?” Eu pergunto com um olhar interrogativo para o médico que acena com a cabeça, deixando óbvio que não tem problema eu me intrometer.

“Nada, ele só aparece e nós corremos na praia. Brincamos e,” ela vira a cabeça para mim “corremos até de você.”

Concordo com a cabeça e aperto a sua mão sentindo meu coração acelerado.

“Por que você fez essa pergunta a ela, Ethan? Você tem alguma coisa a dizer?” Marlon indaga.

“Uma vez Victoria me contou de um sonho com um bebê e eu na praia, mas nesse sonho nós sumíamos.”

Marlon semicerra os olhos e anota alguma coisa no seu tablet e depois diz:

“Você está querendo dizer que acredita nessa possibilidade de ela prever as coisas?”

“Eu sinceramente não sei.” Respondo secamente.

Mas penso em todas as vezes que ela acordava assustada e me contava seus sonhos.

Ela dizia que eram reais demais e ficava muito assustada. Eu não posso fingir que não lembro que um dos seus sonhos ela estava no fundo do mar,

distante de mim, no escuro e sozinha.

Olho minha esposa e digo: “Nada disso vai acontecer de novo porque nós estamos livres”.

Minhas palavras têm tanta certeza e eu queria poder falar para ela o porquê me sinto assim. Porém não quero que ninguém tenha medo de mim e embora o que eu tenha feito foi para o nosso bem, não quero que ninguém saiba. Eu não sei se devo confiar em alguém esse segredo além a única pessoa que sabe.

“Eu sinceramente não sei o que pensar sobre isso, mas é uma boa hipótese achar que em alguns sonhos Victoria estava sentindo o que iria acontecer. Agora pelo que eu vejo são sonhos felizes. Certo?” Questiona o terapeuta.

“Eu acho que sim.”

“Você teve mais algum pesadelo?”

“Não.” Victoria responde sucintamente.

Eu e o médico olhamos para ela desconfiados. Quando ela ergue o rosto e percebe, abre um sorriso sem graça.

“É sério, eu não tenho mais nenhum pesadelo. Os únicos sonhos ruins que eu ando tendo são lembranças pelo que o Ethan me diz.” Conta ela para o médico.

“Então porque você está me perguntando sobre presságios?”

“Eu não sei. Eu só achei estranho quando eu vi a praia. Foi como um déjà vi.”

“Mas, meu amor, nós já tínhamos ido lá. Você já conhecia aquela praia por causa da casa dos seus pais.”

“Você tem certeza que eu já tinha entrado até naquela água? Eu não me lembro da gente correndo na areia ou se amando como a gente fez esse final de semana. Nos meus pensamentos é como eu já tivesse curtido aquela praia muitas e muitas vezes. É um sentimento estranho.”

Realmente quando nós fomos lá não ficamos passeando na praia, o único momento que pisamos naquela areia foi quando ela quis chorar longe de todo mundo pela morte de Maya e o que fizeram com seus animais. Foi rápido e nós praticamente só sentamos na areia e ficamos lá por um tempo. Nós não curtimos a praia, era de noite e depois disso o único lugar de praia que fomos foi o Havaí.

“Não, realmente você tem razão.” Afirmando olhando para os seus olhos.

“Viu, o que eu sinto é um sentimento de resgate. Algo forte. Sabe, quando você sonha com uma coisa e quando você chega no lugar ela é exatamente igual. Como você conhecesse de outras vidas.”

Concordo com a cabeça. Foi exatamente este sentimento que me dominou quando eu olhei em seus olhos pela primeira vez. Foi como se eu tivesse reconhecido a mim mesmo através dos seus olhos. Como eu gosto de dizer;

nosso reencontro. Talvez tenha sido muito além do fato de nos conhecermos quando mais novos.

Apertando sua mão, trago até meus lábios para deixar um beijo. “Eu sei”, murmuro.

“Victoria, eu acho que você não precisa se preocupar com isso.” Diz Marlon. “Você está numa fase da sua vida muito boa e não precisa mais ficar com medo de nada. Eu já lhe disse isso.”

“Mas eu não tenho medo disso.” Victoria fala olhando para ele. “Eu só queria saber se você poderia fazer eu entender por que esse sentimento.”

Apoiando os cotovelos nos joelhos, Marlon fica mais próximo de nós.

“Encare isso como um destino e que você estava fadado a ele. Encare de uma forma feliz que mesmo com todas as dificuldades que você passou, agora está aqui e tem a chance de ser feliz. Você reconhecer essa praia, sua nova casa, como sempre fosse seu lar, é bom. Sorria e aproveite. E sobre o bebê, eu tenho certeza que uma hora ou outra você vai ser mãe e não importa o sentimento que você não consegue lembrar que teve antes, ele vai voltar e vai ser muito maior. Apenas confie e espere. Isso é tudo que eu posso dizer por enquanto. Você melhorou bastante Victoria e eu não tenho mais nada para dizer a não ser que você tem que viver e aproveitar sua vida ao lado do seu marido.” Ele direciona um olhar para mim e eu aceno com a cabeça. “Tudo é uma grande novidade, mas você tem que encarar a sua nova vida e se arriscar em ser feliz.”

“Eu prometo que vou tentar.” Ela afirma e vira o rosto abrindo um sorriso para mim. Que eu só retribuo quando estamos fora do consultório e à sós, lhe dando um beijo profundo.



SÁBADO, 21 DE AGOSTO DE 2014.

APESAR DO CANSAÇO DA SEMANA, hoje acordei feliz e animado. Eu tinha que estar, faz um mês que voltei a viver.

Entro em casa e como dei folga para todo mundo, está silenciosa. Encontro Victoria perto da piscina brincando com os cachorros. Sorrio vendo a cena de Zeus deitado de barriga para cima e as patas para o alto enquanto Prince recebe um cafuné gostoso com a cabeça deitada sobre as pernas dobradas de Victoria.

Fiquei contente que a surpresa tenha dado tempo de ficar pronta para hoje. Cora está nos esperando na sua casa as sete horas, por enquanto vou fazer o dia de hoje ser especial para o meu anjo.

Victoria sente minha presença e vira-se abrindo um sorriso para mim antes de dizer: “Oi, querido”.

Chego até ela, ajudo-a a se levantar e ela abraça meu pescoço. Retribuo tirando seus pés do chão e lhe dou um beijo na boca.

“Como foi seu dia?”

“Hoje foi mais calmo.” Ela compara o dia de ontem, que passou com seus avós paternos. “Mas foi bom brincar com os cachorros. Cheguei a nadar com Zeus pela primeira vez nessa piscina. Estou fazendo o que Dr. Marlon pediu.” Ela dá uma risadinha. “Me livrando dos meus demônios.”

“Que bom, não é.” Digo concordando com a cabeça e erguendo as sobrancelhas. Essa linguagem terapêutica ainda é muito surreal para mim. “Então, você realmente está se sentindo melhor?”

“Maravilhosa.” Responde com um sorriso enorme enquanto suas mãos afagam meus ombros. “É impressão minha ou você está ficando forte de novo?”

Dessa vez eu rio e aperto sua cintura, trazendo-a para mais perto.

“Você sabe que eu voltei para a academia, mas não creio que estou ficando mais forte. Está cedo ainda, mas tenho memória muscular e será rápido voltar a ficar como você gosta.”

Victoria sorri com os olhos semicerrados e sexy. “Eu gosto disso e eu acho que você cresceu mesmo...” ela arrasta a palavra e aperta os dentes, provocando.

“Meu anjo” deslizo minhas mãos para sua bunda, que também deu uma leve crescida. Graças a Deus ela come bem e engordou um pouco. Não suportava vê-la magra demais. “Você está ficando terrível.”

“Eu aprendi com o melhor.”

Balança a cabeça rindo e a puxo pela mão indo para fora de casa. “Vem, tem uma coisa pra mostrar a você.”

“O que é?”

“Por que você é tão ansiosa? Espera eu te mostrar.”

Escuto ela ri alto e apertar meu braço com a outra mão.

“É porque você sempre me prepara as surpresas mais maravilhosas – que sinceramente não tem limites – e preciso preparar meu coração. Você tem que me dizer antes.”

Meus passos se detêm na porta de casa. Me viro para enxergar seus olhos. “O que você quer dizer com isso?”

“Que você quase me mata do coração com essas coisas românticas que você prepara para mim. Então seria muito bom você me dizer antes de sabe... Eu amo sempre tudo, porém fico em frangalhos.”

Me aproximo, lhe dou um beijinho na boca e passo meu nariz no dela indo até o lóbulo da sua orelha e sussurro:

“Prometo que dessa vez você vai sorrir. Talvez fique feliz e no fundo você vai pular de alegria. Não é motivo para chorar dessa vez. Pelo menos acho nada romântica.”

“Você nunca acha demais. Talvez na sua cabeça fazer uma chuva de pétalas de rosa na casa da piscina e me dá um urso gigante e tudo mais, não é me deixar emotiva.”

Meu coração parece entrar em colapso. “Você lembrou disso.”

Ela ri assentindo. “Sim, eu lembrei desse agrado que você fez pra mim e quando mexi no meu Instagram vi as fotos e a legenda sobre alguma música.”

“É,” digo sentindo meu peito estufar “eu coloquei duas músicas do Justin Timberlake.”

“Qual delas?”

“Mirror e Not A Bad A thing. Você sabe qual é?”

Antes de ela responder abra um sorriso singelo, deixando claro que vai me surpreender com a resposta.

“Eu acho que nós temos algum tipo de telepatia, porque hoje eu estava ouvindo música com os cachorros e sem saber, procurei umas músicas românticas e achei essas duas. E pensei em fazer uma brincadeira, que nem a gente gosta. Botar música romântica e dançar perto da piscina. Enfim, essas duas eu já tinha escolhido, mas eu não lembrava que eram elas naquele dia.” Ela respira e acaricia meu rosto. “*E não é uma má ideia te amar infinitamente*” repete um pedaço a letra de uma das músicas.

“Você é perfeita.”

Ela geme e beija meu rosto, mas se afasta. “Está bem, agora me mostra a surpresa.”

“Sim, senhora. Então feche os olhos.”

“Ah, não começa com isso, Ethan.”

“Não, fecha os olhos. É surpresa.”

Fazendo um biquinho que eu dou um beijo, ela fecha os olhos e me acompanha até o lado de fora de casa. Calmamente descemos os degraus e paramos perto do seu presente. Acho que dessa vez eu exagerei. Espero que ela não reclame.

“Pode abrir os olhos.”

“Ah.Meu.Deus! Você não fez isso?”

“Sim. Eu fiz e espero que você goste e use.”

Ela faz uma cara esquisita e se aproxima do carro. “Você fala isso como se não gostasse de carro e se eu não gostasse dele, você não o usaria.”

Sorrio enfiando as mãos no bolso e concordando. Sinceramente se ela não gostasse do carro, ele ficaria para mim, mas pelo jeito que ela está acariciando

ele e quando abre a porta e senta no banco, sorri e toca a buzina três vezes toda animada, é óbvio que ela gostou do presente.

“Por que você quis me dar um? É só para eu não usar o seu?” Ela pergunta saindo do Aston Martin branco igual o meu, só mudando a cor.

Chego até ela e ganho um abraço, e deixo minhas mãos correrem por seu corpo.

“Meu amor, eu quis comprar esse carro para você porque eu quero que você seja independente, mas todos os carros da garagem são seus. Tudo o que é meu é seu, além disso, hoje é um dia muito especial. Você merece um presente especial.”

“Hoje é um dia especial?” ela pergunta pensativa, como tentasse se lembrar. “Por acaso hoje a gente comemora alguma data do nosso relacionamento?”

Minhas mãos sobem até seu rosto e segurando com carinho, beijo seus lábios e encosto minha testa na sua. “Hoje faz um mês que você acordou, meu anjo.”

“Um mês que acordei” repete com os pensamentos distantes e seus olhos brilhando pela emoção.

“Um mês que você voltou para mim. É como se fosse seu segunda nascimento e eu acho que todo ano agora vou comemorar seu aniversário dia quatro de junho e dia vinte e um de julho.”

Ela respira fundo e seus olhos ainda estão perdidos, ela brinca com a gola da minha camisa e murmura:

“Eu me sinto nas nuvens, nunca estive tão ligada a vida e disposta a tudo como agora.” Seus olhos fitam os meus. “Você sempre me deixa tão feliz. Sempre me deixou como ninguém, como nada, mas agora é diferente porque eu tenho possibilidades de realmente realizar sonhos e ser livre e te fazer feliz. Muito obrigada, Ethan. Não pelo presente, mas pelo seu amor.”

Assinto e digo depois que a beijo. “Eu sei, meu anjo. Eu sei.”

“Mas adorei o carro.” Sorrio meio chorando. “Você me ama tão intensamente. Você é tão carinhoso. Não mede esforços para me fazer sorrir e nada no mundo tem preço para o que tem aqui dentro.” Ela espalma sua mão no meu peito, em cima do meu coração. “Você é maravilhoso. Eu amo muito você” me beija “e amei muito o presente.”

Abro um sorriso e beijo seus lábios. “Você é o amor da minha vida, não consigo me controlar.”

“Oh... eu sei, seu bobo. Por isso você é maravilhoso.” Ela afirma, beija meu queixo e se afastando de mim, dando um pulinho e batendo as mãos como fosse uma criança, se aproxima do carro. “Cadê a chave? Quero usar meu presente novo agora.”

Balanço a cabeça e chegando perto do carro, em direção a porta do passageiro, jogo a chave para ela. “Vamos testar esse motor.” Digo sentado ao seu lado quando ela entrar.

Victoria abre um sorriso enorme e guia o carro para os portões. Antes de sair, ela diz: “Depois podemos transar no carro?”

Dou gargalhada olhando seu perfil. “Só em casa. Não quero ser preso na rua.”

Ela concorda com um aceno de cabeça antes de pegar o caminho da estrada da Hollywood Hills. Meu anjo é uma excelente motorista e fica linda dentro de uma máquina como um Aston Martin.



EU E VICTORIA ENTRAMOS DE MÃOS DADAS dentro da casa de Will e Cora. Dentro da mansão minha esposa aperta minha mão com tanta força que preciso abraçar seus ombros e trazer ela para perto de mim.

“Está tudo bem.”

“Sim, está tudo bem.” Ela responde mesmo que eu não tenha perguntado, sinal de que não está nada bem.

Não solto sua mão em nenhum momento. Nem quando encontramos sua família. Eles abordam ela com abraços, beijos e sorrisos. Victoria se deixa levar por Ryan e Elizabeth. Fico perto observando caso ela precise de mim. Anton sorri perto das portas do quintal e se aproxima de mim com uma bebida extra que me oferece.

“Você parece bem, irmão.”

“E estou, obrigado.”

Ele sorri e olha para onde não desvio a atenção. “Ela parece tão bem, mas perdida.”

“Ela ainda está se acostumando com tudo. De vez em quando se assusta com tumulto.”

“Mas é a família dela.” Anton afirma olhando para mim.

“No meio de vários convidados estranhos ou meros conhecidos.” Falo fitando seu rosto. “A mente dela ainda está confusa.”

“Então porque a trouxe e concordou com essa festa?”

“Não concordei, mas não recuei porque eles são os pais dela. Não vou passar por cima disso jamais. Eles sentiram a falta dela tanto quanto eu. São amores e sentimentos diferentes, mas ambos fortes.”

“Não seria questão de egoísmo.” Meu irmão sempre um passo à frente.

“Talvez na cabeça deles sim.” Digo e abro um sorriso gentil quando Cora vem me abraçar.

“Tudo bem, querido?”

“Sim Cora e com você?”

Ela franze a testa e sua cabeça tomba para o lado. Seus olhos atentos seguem os meus e assim como meu irmão, ela entende que estou tomando conta de Victoria.

“Ela parece bem, então porque está preocupado?” Pergunta olhando para mim de novo.

“Costume”, dou essa resposta babaca para não parecer neurótico.

“Relaxa, Ethan. Ela está bem.” Sorrindo, minha sogra afaga meu braço e se afasta.

Um pouco depois, estou sozinho de novo e sorrio quando vejo Victoria se livrando da atenção dos seus avôs e se aproximando de mim. No entanto seus passos se detêm quando vê os pais de Cora chegando até ela. Merda. Por alguma razão ela não gosta deles, ou tem medo. Não entendo ainda. Com passos largos, chego nela primeiro que eles.

Dando um beijo na sua testa, falo só para ela ouvir. “Dê uma chance para eles, querida. Converse com eles. Está tudo bem.”

“Mas é difícil para mim. Depois de tudo que Cora me contou.”

“Eu sei,” fico na sua frente, para ela não olhar eles, “mas tem muita coisa que você não sabe. Você precisa confiar em mim agora e dar uma chance a eles.”

“Eles são estranhos.”

“Todo mundo antes da gente conhecer é estranho.” Ela concorda e continuo: “Antes da gente se apaixonar, eu era estranho para você, mesmo nos conhecendo quando criança. Enfim, vai ficar tudo bem e eu acho que a sua mãe iria ficar feliz de você conversar com eles.”

Victoria faz que sim com a cabeça sutilmente. Vou para o lado dela e abraço seus ombros.

“Eu dou uma chance” ela encara meu perfil, “só que você tem que ficar comigo.”

“Sempre, meu anjo.” Digo tirando o cabelo da frente do seu rosto.

“Oi, Victoria.” Aida fala e cumprimenta nós dois e logo depois seu marido.

Enquanto eles conversam, meus olhos se perdem pela mansão de Cora e Will, repleta de convidados. Alguns amigos, nossas famílias e clientes de longa data. E não deixo de notar a mídia singelamente representada por dois reportes e fotógrafos. Claro que eles já registraram uma foto de Victoria. Quando chegou comigo, quando estava com os pais – que a mídia estava enlouquecida para uma entrevista desde que souberam que William era o verdadeiro pai dela – e quando ela conversou com os avós ingleses. Eu só sei que a mídia tem um prato cheio de notícias com a história de Victoria. Pais em segredo, novos avós, sequestro,

resgate, volta do coma e o noivado.

Na quinta-feira minha assessora de imprensa declarou na mídia que Victoria e eu vamos nos casar em outubro. Marcamos a data depois da conversa com Marlon na quarta. Ela foi um divisor de águas.



U_M POUCO MAIS TARDE VOU PROCURAR V_{ICTORIA}. Parece que conversar com os Leiwns não foi tão ruim. Ela realmente se soltou com seus avós maternos e chegou a formar uma roda de conversar com Ryan e Elizabeth. Foi o encontro de avós e neta. Não quis ficar no meio daquilo e me afastei, mas já faz um longo tempo isso.

Entrando na sala vejo Aida e Johnny conversando no canto. Franzo a testa e me aproximo.

“Cadê Victoria?”

Aida sorri, os olhos calmos e responde: “Ela saiu. Disse que ia procurar alguém.

“Procurar a Clara.” Johnny explica.

“Obrigado”, agradeço e vou procurar minha esposa perto da pisciana. Não a vejo, mas encontro Clara. “Victoria passou por aqui?”

“Não. Por quê?” Clara pergunta e seus olhos se arregalam. “Ela sumiu?”

“Não. Eu só estou procurando ela. Fique calma.”

Sem esperar ela dizer mais nada, sai de perto.

Continuo procurando. Quando chego na praia meu coração acelera. Olho na direção da nossa casa e algo me faz ir até lá.

O portão da rampa está destrancando. Nós vamos ficar aqui este fim de semana de novo. Ninguém sabe ainda da existência da casa. Permanece como nosso refúgio e talvez seja isso que Victoria estivesse precisando. Um lugar seguro.

Dezenove

Victoria

SÁBADO, 21 DE AGOSTO DE 2014.



EU COM CERTEZA TENHO NOÇÃO DE QUE deveria ficar feliz com a festa de comemoração para *minha vida*, meu retorno, mas não consegui. Eram tantas perguntas, questionamentos, repórteres, pessoas que eu mal conheço e minha família me sufocando – de novo – com super cuidado. Foi como ter sete anos de novo.

Respiro fundo e deixo a água da banheira me engolir até eu estar totalmente submersa por ela. Fecho os olhos e quase me arrependo instantaneamente. As vozes, os sons, o escuro... tudo ganha vida. Tudo retorna e me deixa enlouquecida.

Eles tinham sumido.

Parem!

Parem!

“... você é maluca.” Apenas escuto isso quando sou arrancada da água por mãos fortes.

Meus pulmões lutam para se enxerem de ar. Pisco e tusso. Desnorteada, olho para mim dentro da banheira. Ainda estou com meu vestido, sapato e as joias. Estou toda molhada. Respiro fundo e sigo as mãos, braços, peito e encontro o rosto de Ethan.

Meu Deus! Eu nem notei ele chegar. Estava tão longe. Foi tão rápido.

“O que você está fazendo Victoria?”

Atordoada pisco de novo e passo a língua nos lábios. Ainda bem que eu não coloquei nada na água, senão estaria um gosto terrível, embora o sabão de morango seja delicioso.

“Victoria!” ele me chama de novo e pega meu rosto entre as mãos. “Onde você está?”

“Aqui.” Respondo e não reconheço minha voz. Está tão fraca.

Ethan respira profundamente e sem eu esperar me tira da água, me sentando sobre suas pernas. Ele está sentado sobre a borda de mármore da banheira. Seus braços me apertam com força, sinto suas mãos nos meus cabelos e sua voz perto do meu ouvido. Seu rosto está colado ao meu, tremendo. Estamos tremendo e encharcados. Ele beija meus cabelos e me abraça. Abraça bem forte.

“Não faça isso.”

Sinto o finco da minha testa se apertar em minha total confusão. Seu coração está disparado e suas mãos tremem tanto, e sei que não tem nada a ver com frio.

“Ethan.” Murmuro e ele se afasta, o mínimo para conseguir me enxergar.

“O quê?”

“Do que você está falando?” Questiono, porque não estou entendendo.

Vejo seus olhos ganharem um brilho emocionado e suas mãos afagam minhas costas por cima do vestido ensopado assim como sua camisa de linho e o paletó.

“Não desista.”

Pisco, ficando ainda mais confusa. “Desistir? De que?”

“De mim. Você tem a mim, sempre terá.” Acaricia meu rosto e me beija suavemente. “Eu estou fazendo o máximo que posso, então apenas... espere. Assim como eu esperei por você.” O tom da sua voz atenua gradativamente e no final sua mão em minhas costas, me puxam para mais perto dele.

Prendo a respiração e por alguns segundos analiso o que ele quis dizer. Balanço a cabeça e meus olhos perdem o foco. *Ele quis dizer desistir de viver?!* Puxo meu lábio inferior para dentro da minha boca e o mordo de leve, e então volto a fitar seus olhos azuis. E como mágica me perco no oceano que tem dentro deles.

“Eu não quero desistir” minha voz sai em um murmúrio. *Como ele pôde pensar isso de mim?*

Sinto meus olhos queimarem e sem pedir permissão, uma lágrima quente escorrer em meu rosto e pinga entre nós dois. Ethan enche os pulmões de ar e me puxa para os seus braços. Sua boca encontra a minha, minhas mãos percorrem seus ombros até encontrar seus cabelos e fecho os olhos com um gemido. Estamos nos beijando com sofreguidão.

Meu coração dói. Dói porque ele não confia na minha sanidade. Não confia no meu amor. Porque ele não consegue confiar mais em mim. Tem medo de eu desistir.

“Eu não quero desistir.” Digo interrompendo o beijo bruscamente com um soluço empurrando seu peito. Meu choro vem como uma torrente. “Como você pôde pensar isso? Eu não estava fazendo – seja lá o que você está pensando – na banheira. Eu nunca faria isso.”

Ele assente com os olhos fixos nos meus. Verde e azul banhados por lágrimas de dor.

“Eu só estava tentando abafar aquelas vozes. Aquelas pessoas. As fotos e tudo mais. Fiquei sufocada e o escuro que eu lutei tanto com o Dr. Marlon para sumir de repente estava voltando e me... me engolindo” meu soluço não me

permite terminar.

“Querida...” Ethan diz e me toma em seus braços.

Me agarro a ele e digo baixinho com a boca perto do seu ouvido: “Eu não queria essa festa e eu nunca abandonaria você. De jeito nenhum”.

“Tudo bem. Tudo bem. Já passou.” Ele murmura com uma paciência controlada.

“Você não entende isso.” Falo com um bolo na garganta, meus olhos grudados nos dele e as palavras ficam presas dentro de mim.

“Me desculpa. Do fundo do meu coração.”

Assinto engolindo em seco e voltamos a nos abraçar por longos minutos.

Meu coração está mais calmo, batendo devagar, mas sinto que tem algo errado. Ele poderia ter desconfiado de mim sobre qualquer coisa, menos isso. Depois de tudo que passei. Que ele passou. De *tudo*.

Levanto do seu colo, e me afasto ainda mais indo até a bancada da pia. Fito meu perfil no espelho. Inspiro com força. Soltar o ar chega a me trazer dor. Meu lábio inferior treme, mas não chego a chorar. Só estou triste e acho que zangada também.

“Victoria –” Ethan surge atrás de mim receoso e ainda bem que não tenta me encostar. “Eu sinto muito. Talvez eu –”

“Eu não quero falar mais sobre isso.” Digo olhando para ele pelo espelho.

“Victoria, me desculpe.”

“Por favor.” Me viro para ele. “Por favor, só...”

“Você está com raiva de mim?”

Balanço a cabeça e chego perto dele. Coloco minhas mãos em seu rosto, sinto a suavidade da sua barba na palma das mãos e meu coração se contrai.

“Não quero brigar. Não há necessidade para isso, mas agora... Eu preciso de um banho e ficar sozinha.”

“Não quero deixar você sozinha.” Ethan diz e suas mãos logo estão no meu rosto também.

“Eu sei e entendo, mas agora eu preciso ficar.”

Ele fecha os olhos soltando a respiração e me puxa para seus braços murmurando no meu ouvido: “Pode ficar, mas saiba que sempre faço tudo para o seu bem. Amar você é amar a mim mesmo.”

Assinto e engulo a emoção. Forte, Victoria. Seja uma mulher. Seja forte e prove isso a todos e a você mesma. Forte!



MEUS PENSAMENTOS SE PERDEM enquanto estou na varanda olhando o mar ao longe, e no fundo

eu estou perdida. Não sei há quanto tempo estou parada aqui pensando no que aconteceu. Depois que sai do banho, coloquei uma roupa quente e percebi que Ethan não estava no quarto, e vim ficar na varanda.

O fato de ele me entender tão bem é muito importante para mim. Ele sabe que todas as vezes que algo grandioso demais me atinge, preciso dos meus minutos de silêncio.

Eu entendo que o que Ethan fez foi porque está traumatizado, mesmo assim fiquei muito triste por ele acreditar que eu seria capaz de me afogar, de colocar fim na minha vida. É como se ele não acreditasse que eu o amo para ter coragem de acabar conosco assim.

Eu já o perdoei, mas sinto que abriu uma ferida dentro de mim e confesso que fiquei muito aborrecida com ele.

Os primeiros minutos pensando aqui – e no banho – estava com raiva da situação. Agora não. Eu sou fraca e nunca irei ficar muito tempo zangada com ele. Primeiro que Ethan não dá grandes motivos para isso e segundo que o amor é cego. Todo mundo sabe disso. Talvez amanhã eu acorde e esteja melhor, e ele também. Talvez enquanto dormimos, nos abraçássemos e fazemos as pazes. Eu odeio essa situação. É horrível.

Um arrepio percorre meu corpo da cabeça aos pés e suspiro. Sinto a presença dele antes mesmo de escutar seus passos mais próximo de mim. Eu sei que ele não vai me abraçar. Outra coisa que amo nele, é que Ethan me respeita e sempre sabe do que preciso, e quero muito entender como permitiu aquela festa sabendo como sou. *Em qual mundo eu gostaria daquela atenção toda?!*

Solto a respiração e fecho os olhos deixando a cabeça pender para frente.

“Você está de mal comigo ainda?” ele pergunta com a voz receosa.

Antes de responder, suspiro e levanto a cabeça fitando o mar. “Achei que você me conhecesse melhor.” Após longos minutos de tensão, me viro para encará-lo. Seu olhar arrependido me parte ao meio. “Não Ethan, não estou de mal com você.”

“Então porque você quis ficar sozinha? Longe de mim. Eu estava preparando algo para você comer e esperando na cozinha, mas você não desceu.”

Aperto com mais força meus braços cruzados sobre meu peito. Ele está tentando se redimir. Toda essa atenção é sua forma de se desculpar.

“Só estava pensando e... eu não estou com fome.”

Suas sobrelanceiras quase se unem quando ele franze a testa. Ethan engole em seco e pega minhas mãos.

“Amor, eu sinto muito de verdade. Fui um idiota, mas, porra, fiquei assustado quando não a encontrei. Você sumiu do nada da festa e aí quando eu cheguei em casa você estava daquele jeito na banheira e eu...”

“Ethan” faço carinho no seu rosto. “Eu sei que você ficou com medo e que ainda está aterrorizado com tudo. Tem apenas um mês que eu acordei, que voltei para você, mas, como você pensou que eu jogaria tudo fora? Que fosse capaz de abandonar minha família, minha vida. Abandonar você.”

Ele balança a cabeça e quando vai falar, o impeço colocando a mão na sua boca.

“Eu pensei que você me conhecesse melhor. Entendesse todos os sentimentos dentro de mim. Você sempre foi tão compreensível e naquele momento esqueceu de considerar tudo o que passei, esqueceu o quanto sofri.”

Ele assente, os olhos marejados e aflitos. Me abraça tão forte que sinto seus batimentos como se fossem os meus.

“Eu jamais seria capaz de um ato desse.” Digo baixo.

“Eu sei, me desculpe. Eu só fiquei desesperado. Me desculpe, me desculpe, me desculpe...” ele repete até sua voz sumir. “Eu magoei você. Fui tão imbecil. A verdade, é que eu não deveria ter deixado você ir naquela merda de festa.”

“Sim, eu pensei a mesma coisa.” Me afasto para olhá-lo. “Você sabe como eu sou e como fico quando recebo muita atenção. Enquanto eu corria na praia pensei nisso. E... você não manda em mim, mas sei lá. Poderia ter conversado comigo antes e talvez eu não teria ido na festa. Foi tão ruim, Ethan. Aquelas pessoas, nem todas elas queriam saber se eu estou bem agora e sim como eu fiquei e os dias ruins. Os repórteres ficaram falando e perguntando várias coisas. Coisas que eu nem sei como responder e me lembro. Se fosse uma festa íntima, só nossa família, eu iria adorar, mas eu odiei.” Digo com um bolo na garganta.

“Entendo e me sinto culpado por tudo. Eu sabia que você ficaria assim, mas então Ryan e Elizabeth levaram você para longe e você até pareceu estar bem.”

“Sim, com eles eu fiquei, mas depois não e com meus outros avós você acabou sumindo e eu...”

“Eu sei, me perdoa. Juro que apenas tentei fazer você se sentir bem, embora não estivesse gostando de nada ali. E não fiz nada porque não queria contrariar seus pais. Eu não posso mandar em você. Você é minha esposa, não uma boneca que levo para aonde eu quero. Eles queriam fazer a festa para você e eu não poderia dizer não. Eles também precisam fazer algo de bom para você e talvez a festa fosse isso. Me desculpe.”

Assinto e encho de ar meus pulmões e me jogo nos seus braços. Abraçando com as pernas e os braços. E ele me agarra como me protegesse de tudo.

“Eu amo tanto você e queria poder levar você para uma ilha deserta. Não fique zangada comigo, viu.”

Rio com o rosto escondido no seu pescoço. “Nunca, meu amor.” Entrelaço meus dedos atrás do seu pescoço e inclino-me para enxergar seu rosto. “Você é

perfeito.”

Ethan ergue sutilmente sua sobrancelha esquerda e abre um sorriso enorme que morre quando sua boca encontra a minha em um beijo intenso repleto de significado, inclusive desculpas.

Eu sabia que lá no fundo ele me conhecia para saber que eu odeio esse tipo de evento. De vez em quando não faz mal, mas o problema é que eu me sinto em um momento que a minha família e meus amigos, as pessoas íntimas, é tudo o que preciso. Aos poucos eu vou voltando a conviver com a fama e as revistas e tabloides. Por enquanto continuo fugindo deles e ignorando todas as manchetes que estão rondando por aí sobre mim. Sei que Ethan esconde eles de mim também.

Ficamos um bom tempo abraçados nos beijando e quando Ethan volta a colocar meus pés no chão, percebo que ele me levou para dentro do quarto e perto da cama.

Ele está me olhando profundamente cheio de amor. Respiro fundo e minhas unhas afundam em seus braços agora com um suéter preto e sexy. Meu Deus eu amo quando ele usa suéter.

“Você fica tão sexy vestindo suéter.”

“Querida” ele solta em meio a uma respiração profunda e meu corpo se arrepia todo, “você se encanta muito fácil.”

Balanço a cabeça ignorando-o e meus dedos deslizam da parte de trás do seu pescoço para dentro dos seus cabelos. Ele sorri, mas estranhamente não sinto sua alegria.

“Qual o problema?”

Ethan engole em seco e balança a cabeça.

“Não, me diga.” Insisto.

“Estou pensando agora, aqui com você nos meus braços como fui idiota em pensar que você –”

Solto a respiração auditiva e afago sua barba gentilmente. “Aconteceu e já acabou. Esquece isso. Não fique se martirizando, amor. Estou bem, você está bem. Está tudo bem” enfatizo as palavras porque quero que ele relaxe e acredite em mim.

“Okay, mas eu realmente sinto muito. Não deveria ter pensando aquilo.” Me dá um beijo rápido nos lábios e me abraça.

“Vamos dormir agora bem coladinhos.” Murmuro.

“Dormir não.” Ele fala e eu abro um sorriso e olho para ele. “Primeiro a gente vai comer lá perto da piscina e ver as estrelas. Você já viu como o céu está lindo hoje?”

Sorrio sentindo as borboletas afoitas no meu estômago e meu coração

acelerar. Eu nunca vou me acostumar com as reações que o meu corpo sente quando Ethan é amoroso comigo.

“Está bem. Eu vou porque você está insistindo, mas realmente não estou com muita fome.”

“Sem problema, você come o quanto quiser. Só quero sua companhia mais um pouco e talvez resgatar essa noite.”

Invés de lhe dar uma resposta, pego seu rosto entre minhas mãos e uno minha boca à dele. O beijo cáldo e suave ganha proporções eufóricas e repleto de luxúria da parte de Ethan. Sua língua brinca com a minha e contorna meus lábios suavemente. Meu corpo começa a querer mais, desejá-lo dentro de mim.

Porém, de repente, ele nos afasta e diz com as mãos ainda passeando em meu corpo.

“Vamos aproveitar a noite primeiro, depois cama.”

Os cantos da minha boca puxam-se para os lados em um sorriso largo que chega a quase fechar meus olhos.

Assentindo, levanto e fico na ponta dos pés para lhe dar um beijinho. E quando nos afastamos, ele pega minha mão e conduz para fora do quarto. Descendo as escadas digo fitando seu perfil:

“Agora que reparei – de fato – que sua barba diminuiu. Por quê?”

Ethan sorri e chegando no primeiro andar da casa, faz meu corpo girar esticando o braço para cima, como um passo de dança e me puxa para seus braços.

“Eu tive que cortar quando fui limpar, porque me machuquei. O jeito foi diminuir para não ficar torta e esquisita.”

“Hmm... você nunca ficaria esquisito.”

“Está bem” diz ele me desdenhando.

Ignoro-o e acaricio seu rosto e encontro onde ele se machucou. Já tem uma casquinha, que eu beijo calmamente. Passo meus dedos no local e beijo de novo e depois a maçã do rosto, seu nariz e sua boca rapidamente. Ethan geme e me agarra. Desliza suas mãos pela minha cintura até o meu bumbum e aperta.

“Amor, eu quero muito comer porque estou com fome, mas se você continuar...”

“Eu não estou fazendo nada.”

“Não está fazendo nada!?” Ele ironiza e pega minha mão do seu peito e desce até o seu pênis semiereto. “Isso é fazer nada?”

Rio e cambaleio para trás me afastando dele o máximo que posso. “Sabe, vamos comer. Depois a gente brinca.”

“Sua peste.” Ele circula com força minha cintura de novo, me fazendo rir. “Mais tarde a gente brinca muito.”

Assinto e sorrio.

“Sabe o que seria ótimo?”

“O quê?” digo caminhando para cozinha com ele.

“Nós viajarmos para bem longe e poder ter vários momentos assim, só nosso.”

Concordo com a cabeça. “Eu adoraria.”

“Então nós vamos.” Ethan diz com urgência e parece que essa ideia estava martelando dentro da sua cabeça.

Talvez viajar seja realmente bom para nós dois. Ficar longe de tudo que sem querer nos atormenta. Sair da cidade já nos dar um alívio enorme, mas são apenas poucos quilômetros e querendo ou não o local onde fui sequestrada foi Malibu.

E eu sinto que Ethan mesmo mostrando que está tudo bem, não está. Ele está receoso e com medo. Eu queria tanto que ele pudesse relaxar um pouco e isso é um dos grandes motivos para eu ficar tão animada quando ficamos aqui na casa nova. Adoro ver ele feliz e calmo, e daria tudo para vê-lo mais assim. Por isso concordei com o casamento em outubro e fui na maldita festa hoje à noite.

Realmente na vida às vezes nós temos que abrir mão do nosso bem-estar para deixar outra pessoa feliz, que acaba sendo nossa verdadeira felicidade. Ethan fez isso por mim tantas e tantas vezes, que agora é minha vez.

“Você quer queijo?” Ele pergunta com o potinho de queijo ralado sobre dois pratos com macarrão fumegando e com um cheiro que abriu meu apetite.

Dou de ombros e me aproximo dele, pegando-o de surpresa quando o abraço por trás e recosto a lateral do meu rosto em suas costas.

“O que eu quero é deixar você feliz.”



DOMINGO, 22 DE AGOSTO DE 2014.

NA MANHÃ SEGUINTE ACORDO COM uma visão perfeita do pôr do sol entrando através das cortinas finas da varanda do quarto, que eu e Ethan nem nos importamos de estar aberta quando viemos deitar altas horas da madrugada. O jantar a luzes das estrelas durou muito mais que talvez ele pretendia, principalmente quando nossas roupas foram esquecidas nas duas únicas cadeiras de sol da piscina e fizemos amor no balcão de mármore mais baixo da cozinha. Demos muita sorte de o designer fazer essa mesa auxiliar.

Abrindo um enorme sorriso me espreguiço levantando da cama, me

esticando para cima com os braços e ficando na ponta dos pés. Resmungo e sigo caminho para o banheiro, faço rapidamente minha higiene matinal e logo estou descendo as escadas.

Meu coração quase para com a visão de Ethan parado na porta, está com um dos ombros encostado no batente da porta e os calcanhares cruzados. Na mão tem uma caneca de café fumegando.

“Olá”, murmuro abraçando-o por trás.

Ele agarra minha mão perto do seu coração e beija. Então rapidamente me vira para ele e estou inçada por seu braço livre e sua boca beija a minha com sofreguidão. Fecho os olhos respirando fundo pelo nariz e sinto seu cheiro mágico quando fica muito perto do mar. Ethan, pele bronzeada e água salgada, é a perfeição.

“Mm...” gemo ainda de olhos fechados e me afasto. “Bom dia pra você também.”

Escuto sua risada típica e ganho um estalinho nos lábios. Meu louco coração se aquece quando abro os olhos e vejo os dele. Azuis tão únicos e marcantes. Ele ainda me olha do mesmo jeito que a primeira vez que o flagrei me olhando na academia. Suspiro lembrando daqueles dias e sinto o bolo se formar na minha garganta.

“O que foi?” Ele pergunta com a testa franzida e passando o indicador nas minhas sobrancelhas.

“Nada, é porque você ainda me olha do mesmo jeito.”

Ele sorri e balança a cabeça. “Quero levar você para um lugar hoje.” Muda de assunto me puxando para a cozinha.

“Onde? E você não dorme não?”

“Eu dormi ao seu lado, meu anjo.” Responde me deixado sentada na banqueta da cozinha. “Só que acordei cedo e aproveitei a manhã.”

Franzo a testa e pergunto o que ele quer dizer com isso enquanto observo seu majestoso corpo se mover na cozinha. Ele está preparando ovos mexidos para mim e depois que coloca café em uma caneca deixando sob o balcão na minha frente, responde:

“Que eu corri na praia, fiz flexão e tomei um banho de mar.”

“Hun... então é por isso que você está todo gostoso e cheiroso assim.” Concluo dando uma boa olhando no seu corpo. Suas costas nuas e sua bundinha coberta por um short de praia folgado. *Nossa, eu sou muito sortuda.*

“A senhora está muito tarada.” Ele diz me flagrando olhando seu corpo.

Dou de ombros e meus olhos não desgrudam dele até que está na minha frente, no meio das minhas pernas e suas mãos se enfiando por baixo da camisa de linho que ele usou ontem, minha camisola da manhã.

“Eu adoraria passar um tempo aqui com você, mas vamos acabar nos atrasando. Então tome seu café para podermos ir.”

“Pra onde?”

Ethan não responde, apenas sorri e se afasta de mim indo para o segundo andar. Ah, ele quer me fazer esperar. Está pegando essa mania agora. Não ligo porque eu sempre gosto do que ele prepara para mim.



“POR QUE A GENTE ESTÁ AQUI?” Pergunto fitando o mar de São Francisco nos braços do meu marido.

Como eu já esperava a surpresa não foi pequena e muito menos simples, nunca é.

Ethan sabe fazer meu coração quase pular pela boca. Estamos em Thornton Beach, oeste da Baía de São Francisco. Levamos mais ou menos duas horas para chegarmos aqui, uma hora e vinte de voo – pelo jatinho da empresa – e mais alguns minutos até o restaurante perfeito onde almoçamos.

O restaurante ficava na costa da praia, na beira de uma montanha que dava a visão mágica do oceano. Além disso, dava para escutar perfeitamente o som das ondas se quebrando nas rochas que escondiam a areia. O barulho dava um toque romântico ao local, embora estive há uns seis metros de altura de nós.

Seus braços em minha volta me apertam mais forte. Sorrio e deito minha cabeça no seu peito, me aconchegando no seu corpo atrás de mim.

“Eu só queria ter um domingo diferente.” Diz com o tom de voz nenhum pouco entusiasmado.

Viro minha cabeça e beijo seu pescoço antes de perguntar: “Você está bem?”

“Sim.”

Franzo a testa e sou obrigada a girar em seus braços para encarar seu rosto. Eu não sei o que está o incomodando. Eu pensei que depois da conversa, do jantar e de ter feito amor comigo com tanta paixão e carinho ontem, tudo estava normal de novo. Que nós estávamos bem. Eu poderia jurar que no café da manhã ele estava bem, apesar de ter se esquivado indo para o quarto trocar de roupa e me deixado na cozinha sozinha.

“Qual o problema?”

“Nenhum, Victoria.”

“Tem alguma coisa sim e você não quer me contar. Conversa comigo, Ethan. Nessa madrugada você teve um pesadelo e isso nunca aconteceu antes. Não que eu me lembre.”

Ele não me responde e balança a cabeça visivelmente não querendo entrar

nesse assunto. Deixando de me abraçar, ele pega minha mão e caminhamos pela praia.

“Você não vai mesmo conversar comigo? Eu pensei que fosse sua melhor amiga.”

“O problema é que não tem problema nenhum. Eu só fiquei agitado com o que aconteceu. Esquece.”

“Não minta pra mim, Ethan.” Paro de caminhar e me viro para ele. “Aposto que se fosse comigo, você ia querer saber o que que tem de errado. Não iria sossegar até que eu confessasse o que está me atormentando. Deixa eu te ajudar.”

“Não tem nada.” Ele se afasta de mim dando passos largos, seguindo o caminho para onde está o nosso carro.

Meus olhos automaticamente se enchem de lágrimas, no entanto em vez de deixar o choro me dominar, grito bem alto seu nome e corro até ele. Nossos corpos se chocam no exato momento que ele vira para mim e me olha. Mas não tem tempo de me segurar e caímos na areia.

“O que você está fazendo, Victoria?” Ele pergunta de mau humor se sentando.

“Eu só quero te ajudar.” Respondo balançando a cabeça e me sento também na areia gelada. “Como você pode dizer tantas e tantas e tantas vezes que me ama profundamente, mas quando você precisa de ajuda, quando precisa realmente de mim, você simplesmente... se fecha. Não faz isso.”

Ele respira fundo e enterra seus dedos em seus cabelos apoiando seus cotovelos nos joelhos. Ele parece tão abandonado e triste. Pensar que eu sou a culpada, me mata. Eu não sei, realmente não sei se fui eu a causadora disso.

“Ethan...” afago suas costas suavemente.

Ele solta a respiração e pega minha mão. “Eu só não quero contar agora.” Diz virando a cabeça e olhando em meus olhos.

“Por quê?”

Ele balança a cabeça antes de responder e seus olhos estão com medo.

“Você está assim por causa de ontem? Eu juro, Ethan” vou para cima dele e ficou no meio das suas pernas e pego seu rosto entre minhas mãos e olha fundo em seus olhos. “Eu juro. Eu juro, Ethan. Eu nunca faria aquilo. Me desculp –”

“Não, amor. Não tem nada a ver com ontem.”

“Então é o que? Você não estava assim.”

Seu rosto se contorce em agonia e ele me abraça bem forte, e responde com a voz abafada por meus cabelos.

“Eu fiz uma coisa horrível.”

Meu coração se aperta com sua declaração.

“Você nunca seria capaz disso, amor.” Murmuro fazendo carinho nele, ninando para a frente e para trás calmamente.

“E eu não sei se... a forma de pagar pelo que fiz é...” seu abraço fica quase doloroso.

“Não. Não. Não, Ethan.” Tento acalmá-lo. “Não precisa ficar assim. Vai ficar tudo bem. A gente vai viajar para bem longe e curti um tempo só nosso. Vamos recarregar nossas energias. Fica calmo, meu amor.”

Ele assente freneticamente e move seu corpo para trás e então pega meu rosto, olhando-me intensamente.

“Você me ama? Mesmo que eu tenha feito uma coisa muito... muito ruim. Vai continuar me amando?”

“Ah, Ethan.” Coloco minhas mãos sob a deles em meu rosto. “Eu tenho certeza que o que você fez teve um bom motivo para ser feito. Está tudo bem. Acredite em mim.”

“Eu amo você.” Volta a me abraçar bem forte e sua cabeça está deitada no meu peito. “Eu estou com medo.”

Aninho em meus braços e apoio meu queixo no topo da sua cabeça e digo:

“Se você não quiser me contar, tudo bem. Não tem problema, eu posso esperar o tempo que for, mas não se esconda de mim. Se afaste como fez agora a pouco. Não é a primeira vez, mas hoje foi pior e teve aquele pesadelo. Eu sei que não posso te cobrar nada, porque eu tenho tantos pesadelos e você sempre está ao meu lado. Mas só não se afaste, por favor.”

Sinto-o assentir e deixar um beijinho no meu ombro.

“Tudo bem, não vou fazer isso. É, só que eu não quero que você tenha medo de mim.”

“Medo de você? Ethan, isso nunca vai ser possível. Não tem nem 0,000001 por cento de chance.”

“Você é preciosa para mim. Você é tudo para mim.” Ele levanta a cabeça e me olha com seus olhinhos tristes.

Oh céus.

“Ethan, está tudo bem, amor.”

“Estava tudo indo tão bem e agora eu revivo aquele dia.” Ele engole em seco. “Eu quero esquecer. Eu quero muito esquecer.”

“E você vai.” Afirmo confiante e esperando que ele acredite nas minhas palavras tanto quanto eu. Não importa o que ele esteja revivendo, eu quero o bem dele. Que volte a ser meu homem forte, protetor e apaixonado.

Vinte

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 23 DE AGOSTO DE 2014.



ESTOU ANDANDO PARA LÁ e para cá a horas no escritório de casa. Por mais de um motivo, inclusive o fato de Victoria hoje não estar se sentindo bem, me fez trabalhar em casa. Eu não iria conseguir ir para empresa pensando nela o tempo todo.

O Dr. Nick disse que é normal alguns dias ela se sentir mal por causa dos remédios, mas eu não estou querendo saber o que é normal ou deixa de ser. Eu não ia deixar minha esposa sem mim. Então a solução foi trabalhar em casa e o tempo todo no telefone com Debora para conseguir agilizar as coisas. No entanto as reuniões de hoje foram remarcadas para amanhã e espero que eu consiga comparecer.

“Senhor, eu já reagendei a reunião com o Sr. Hall.”

“Obrigado”, agradeço enquanto checo vários documentos em cima da mesa.

“Ah, e eu já vou ver tudo sobre a viagem do senhor e da Sra. Brown. O senhor tem alguma preferência?”

“Não. Eu não sei.” Largo os papéis e esfrego minha nuca soltando o peso do meu corpo para trás e fazendo a cadeira se inclinar. “Escolhe um lugar romântico que alguns casais passam lua de mel. Um lugar com praia, de preferência uma privada e bem longe daqui.”

“Tudo bem. Sim, senhor. Vou ver e mando por e-mail as opções. Talvez umas duas ou três, então o senhor decidi.”

“Não, não. Escolhe você. Eu sei que tem bom gosto.”

“O senhor tem certeza?”

“Tenho Debora. Pode escolher.”

“Está bom, então” ela aceita e fica um tempo em silêncio. “O senhor está bem?”

Franzo a testa estranhando o interesse e respiro fundo antes de responder secamente um: “Estou”.

“Okay.”

Aceno para o nada e conserto minha postura, encerro a ligação e jogo o telefone sem fio em cima da mesa. Esfrego os olhos, tentando relaxar minha tensão e aperto meu nariz entre os olhos.

Eu sei que não posso viajar agora, no entanto preciso refrescar minha

mente. Há algumas semanas eu ficava pensando que o remorso e as lembranças daquele dia não chegavam, agora quero que suma. Estava tudo indo tão bem. Agora tudo desandou.

“Merda. Não posso viajar agora.” Resmungo.

“Você não tem que ir, Ethan.”

Dou um salto na cadeira e giro. Vejo Victoria entrar no escritório, me surpreendendo.

“Querida, você está melhor?” Pergunto vendo-a parando em frente à minha mesa.

“Eu não quero que você vá assim, todo preocupado.”

“Não. Você entendeu errado.” Levanto e chego até ela, pegando suas mãos.

“Eu entendi o certo, Ethan.” Insiste e aperta minhas mãos. “Eu sei que você está montando a sua empresa e não é justo você sair em uma viagem agora.”

“Que se foda isso. Você é mais importante. Nós precisamos dessa viagem.”

“Eu sei, Ethan” sua mão desliza por meu peito até estar no meu rosto, acariciando, e viro meu rosto para beijar sua palma da mão escutando-a: “mas a gente pode esperar mais um pouquinho. Enquanto isso eu posso resolvendo as coisas da casa nova. Vai ser até bom.”

“Não, amor. Eu –”

“Shu...” Ela coloca a mão na minha boca. “Está tudo bem, Ethan. Se não estivesse, eu falaria.”

“Você tem certeza?”

“Amor,” ela joga os braços em meus ombros e me abraça suavemente. “Não fica pensando nisso. Está bem. Nós vamos ficar aqui e bem.”

“Eu só queria levar você para longe disso tudo e relaxar um pouco. Eu...”

“Eu entendo, mas nós não podemos ir agora. Você tem sua empresa, que precisa de toda sua atenção e eu tenho que organizar nosso casamento. Tenho muito trabalho a fazer.”

Ouvi-la pensar sobre isso, me dá um enorme orgulho e alegria. Ela vai casar comigo de novo e estou feliz com isto.

“É verdade, mas você não vai fazer tudo sozinha.”

“É claro que não. Você vai ter que me ajudar e na casa nova também.”

Sorrio e pisco o olho. “Claro que sim, meu anjo. Ajudo no que for necessário.”

“Viu, nós temos várias coisas pra fazer, então pode ficar despreocupado.” Afirma e me puxa para baixo até minha boca estar à altura da sua e ela poder me dá um beijinho. “Agora, vamos almoçar.”

“Eu não estou com fome.” Digo afagando suas costas.

“Mas eu fiz o almoço com tanto carinho pra você. Tem certeza que vai

recusar?” Ela diz com sua vozinha doce, que eu não consigo resistir.

Pego sua cintura, colando-a em meu corpo e beijo seus lábios suavemente.

“Eu vou almoçar porque você que fez e eu sei o quanto você se esforça.”

Victoria sorri e me puxa para fora do escritório. Fecho a porta atrás de mim com pressa, pois ela não espera. Ver ela animada me deixa feliz. Terminando de descer as escadas, ela vira-se para mim e segura meu rosto.

“Está se sentindo melhor?”

“Como assim?”

“Sobre aquilo que você estava falando.”

“Não esquentar. Está tudo —” o toque do meu celular me interrompe. Franco a testa, fazendo um gesto com o indicador para ela esperar um minutinho e vejo quem é. “Hm... vou ter que atender, amor.”

“Sem problemas. Vou fazer seu prato e trago a comida para você comer no escritório.”

“Tem certeza disso?”

“Sim.” Abre um sorriso e me beija.

Antes de ela ir, agarro sua cintura e a beijo de verdade.

“Obrigado por ser essa esposa tão maravilhosa.” Digo com a boca na sua.

Victoria suspira e acaricia meu rosto, passando o indicador no meu nariz. “Eu não poderia ser menos do que isso para o meu marido mais que perfeito e maravilhoso.”

Aceno concordando e a deixo pegar o caminho da cozinha. Acompanho-a até sumir das minhas vistas e atendendo o telefone, subo de volta para o escritório.

“Fala.”

“Senhor, eu consegui as reservas para —”

“Não precisa mais. Cancele a viagem.”

“Cancelar?” Debora pergunta e sinto sua confusão. É claro que sim. Primeiro insisto no assunto e logo em seguida desisto. Puta que o pariu.

“Isso, nós não vamos mais viajar.” Falo sentando-me no sofá do escritório.

“Tem certeza?”

“Absoluta.”

“Tudo bem então. Vou cancelar e senhor. O Sr. Arnon Connor ligou para saber quando pode ver o senhor, já que hoje você não veio trabalhar.”

“De novo?” digo soltando a respiração. “O que será de tão importante para ele insistir em falar comigo.”

Era uma pergunta retórica, mas minha secretária responde: “Eu não sei, mas ele está realmente querendo falar com você. Parece ser urgente.”

Franco o cenho e cerro a mandíbula. Ele está se tornando bem teimoso, isso

sim.

“Okay, marca uma reunião com ele na agenda quando tiver espaço.”

“Mm... a agenda está cheia, porque como hoje tivemos que adiar algumas reuniões –”

“Não importa. Marque quando der e ponto final.”

“Como o senhor desejar.”

“Certo, agora encerre o expediente. Vá para casa. Se eu não estou aí, você não precisa ficar também e você já fez tudo que tinha que resolver.”

“Sim. Só falta algumas coisinhas.”

“Então assim que você terminar, vá para casa.”

“Sim, senhor. Um bom fim de tarde para o senhor e Sra. Brown.”

Agradeço e finalmente desligo.

Deixo o telefone no bolso e resolvo sair do escritório, fechando a porta de vez. Por hoje chega de trabalho e ligações. Desço rapidamente e chego a tempo de ver Victoria na cozinha. Ela está conversando alegremente com alguém ao telefone e um prato preparado em frente, no balcão. Creio que seja o que ia levar para mim.

“Não vou fazer isso” solta uma risada, “mas Ethan iria gostar disso. Para de ser chato.”

Chato?! *Mmm...* Não é a Clara.

“Ah, eu sei”, diz e vira o corpo me flagrando olhando para ela. Seu sorriso se alarga mais ainda. “Ethan está aqui. Quer falar com ele?” A outra pessoa deve ter respondido, pois ela concorda com a cabeça e se aproxima de mim “Está bem, depois nós conversamos mais. Se cuida” e passa o telefone para mim.

“Quem é?”

“Colen.” Responde deixando o telefone na minha mão e indo até a geladeira procurar algo.

Então agora ela troca ligações com Colen. *Bom saber.*

“*Fala, cara. Como está tudo aí? Parece que bem, pelo menos Victoria parece incrível.*”

Cerro a mandíbula e aperto os olhos, enquanto assisto ela sorri temperando a salada, mas de repente Victoria franze a testa e deixa a cabeça tombar para o lado, me olhando confusa. *Qual o problema?* Ela gesticula com a boca.

Afasto o telefone e respondo:

“Desde quando você conversa com ele? E você não se lembrava dele a duas semanas atrás.”

Ela resmunga balançando a cabeça e se aproxima de mim. “Você está com ciúmes do Colen? É sério?” Fala baixo, provavelmente para Colen não ouvir.

Dou de ombros.

“Ah, para com isso.” Diz sem humor e pega meu pulso, levanta meu braço e coloca o telefone no meu rosto. “Agora fale com seu amigo e deixa de bobeira.” Cochicha e se afasta pegando a salada e levando para mesa da sala de jantar.

Vou atrás dela e escuto Colen me chamar do outro lado da linha.

“Ethan. Você ainda está aí?”

“Estou, Colen. Só estava... respondendo uma coisa a minha esposa.”

Victoria resmunga em alto e bom som sentada à mesa. Visivelmente ela está irritada e me ignorando. Me dando um olhar irritado, pega seu prato, depois que terminar de se servir, e vai comer na mesa do lado de fora.



ESTOU ARREPENDIDO DE TER ATENDIDO COLÉN. Que ligação mais demorada do cacete. Quase uma hora falando com ele. Já não me bastou passar a manhã e a tarde toda no telefone com Debora, veio isso agora. Merda.

Levanto da mesa, deixando o telefone ao lado do meu prato ainda cheio – não consegui comer – e saio para a varanda. O sol está mais baixo, transformando a cor do céu em sua volta em laranja. A visão do céu está estonteante. Viro meu pulso e confiro as horas. São três e meia da tarde.

Escutando um suspiro baixinho, olho para o lado e vejo minha esposa quietinha. Victoria está sentada no futon com os cachorros. Como sempre ela sentiu minha presença e resmungou agora. Nada bom isso. Cerro a mandíbula, sacudo a cabeça exasperado. Não tinha que ter feito aquela cena sobre ela falar com Colen.

Me aproximo e agacho-me para ficar mais perto dela e limpo a garganta com força, fazendo um som alto. Odeio brigar com ela.

Mas ela me ignora.

“Meu anjo”, minha voz está baixa.

“Não vem com meu anjo, Ethan.” Diz se levantando.

“Para aí.” Me ponho de pé também e seguro seu punho fazendo seu corpo girar.

Ela me encara e engole em seco. Seus olhos estão cerrados, bravos.

“Você está me irritando.”

“Mas o que?” Solto, ofendido. “O que eu fiz?”

Revira os olhos e desprende seu punho da minha mão e cruza os braços. “Hm... deixe-me ver. Agora você está com ciúme de mim.”

“Eu não posso ter ciúme da minha esposa?”

“Sim, você pode ter ciúmes da sua esposa” fala sarcasticamente, “mas quando tem até motivo. Quando tem sentido. Você sentir ciúme de mim com

Cole é um absurdo. É como tivesse ciúmes de mim com Anton.”

“Como é que você quer que eu me sinta ou deixe de sentir quando você está batendo papo com ele? E sendo que você não lembrava dele a duas semanas atrás e agora vocês são melhores amigos?”

“Ethan. É sério que você está me perguntando isso?”

Meneio a cabeça e fico mudo.

“Ah! Deus. Isso não tem cabimento. Colen é seu amigo assim como ele é meu amigo. E eu lembrei dele. Eu tinha falado com você isso. Eu não sei qual o seu problema. Está nervoso. Tudo te irrita. Numa hora eu acho que a gente está bem, que você está bem. Conversamos, nos entendemos, resolvemos as coisas e” faz uma pausa como procurasse as palavras, “então você se fecha. Eu não sei o que fazer, Ethan. Estamos em um círculo aonde você está calmo e do nada se estressa e discuti comigo. Eu tentei ignorar, mas não dá mais.”

“Não tem nada a ver isso. Eu estou normal.”

“Não está não.” Ela afirma irritada, mas então seu rosto fica neutro, os olhos meigos. “Você está estranho e não quer conversar sobre o que realmente está incomodando você.”

“Você está cismada, Victoria. Eu estou bem.”

“Às vezes não consigo lhe entender. Como você diz que está tudo bem se está nítido na sua cara que não. Você nunca vai conseguir esconder como se sente para mim. Não quando seus olhos não deixam.” Se aproxima e como sempre suas mãos estão em meu rosto. “O que é que você fez que não quer me contar? O que é que está atormentando você? Você está se perdendo nessa angústia.” Ela passa as costas da mão no meu rosto. “Ver você assim dói tanto quanto, ou mais, que lembrar de tudo que já aconteceu comigo. Não faça isso. Nós não precisamos disso, Ethan.”

Ela tem razão. Realmente eu não posso ficar remoendo essa angústia dentro de mim para sempre. Eu sei que uma hora vou ter que contar para ela, não penso em mais ninguém para saber o que eu fiz. Não confio em mais ninguém. Raul sabe que fui, mas não sabe como aconteceu.

Acho que assistir ela na banheira acabou despertando algum tipo de gatilho dentro de mim. Como desencadeasse o que fiz naquela noite. O problema é que não estourou o estresse, e sim o medo. E odeio estar afastando ela por conta disso.

Não posso continuar assim. Eu nem durmo mais direito há uma semana, mas desde o fim de semana piorou tanto que é Victoria que me confortando durante a noite agora.

Balanço a cabeça e abro os olhos, encarando-a intensamente. Enxergo toda a sua força, sua paixão. Vejo o quanto ela quer me ajudar. Meu coração dispara e

eu sinto meus olhos queimarem. Meu maior medo é ela ter medo de mim quando descobrir.

Um dia eu disse que faria tudo por ela e realmente fiz.

Arfo com tanta força que meu peito expande e soltando o ar, deixo que o peso do meu corpo me leve ao chão. Caio de joelhos e abaixa a cabeça. E abraçando suas pernas, digo:

“Eu amo você.” É como uma súplica. Mas não sei bem o que estou pedindo. Talvez perdão.

Perco o contato de seus dedos nos meus cabelos e logo Victoria está ajoelhada na minha frente. Levanta meu queixo e acariciando meu rosto, beija minha boca.

“Eu sei, meu amor.”

“Não quero afastar você.”

Ela assente e afaga meus braços. “E não vai. Eu já falei que não importa o que você fez. Eu vou amar você para sempre.” Desabafa. “E você está cometendo um grande erro se escondendo de mim. Não importa o que você fez, Ethan. Eu estou aqui e sempre estarei, assim como você foi para mim. Para com isso”, pede com os olhos cheios de lágrimas.

Seguro seu rosto e tiro coragem das minhas entranhas. Abro e fecho a boca, mas acabo não falando. Victoria franze o cenho.

“Se não quiser conversa comigo, tudo bem. Pode tentar falar com o doutor —”

“Não. Você é a única pessoa com quem eu quero falar.”

“Então fale” diz com sua voz doce e me encorajando com seus olhos amorosos.

Respiro fundo e fecho os olhos, não querendo encará-la.

“Eu matei um homem”, as palavras saem através de um nó em minha garganta. Arranhando e me queimando por dentro. “Eu não me arrependo, mas... eu queria poder esquecer.”

“Quem foi?”

Olho para ela e respondo: “Carl.”

A confusão fica refletida em seus olhos.

“Mas me falaram que ele morreu por causa da briga que teve com meu pai e-e.... Meu pai me contou o que aconteceu.”

“Sim, na briga Will atirou nele no braço e ele ficou muito mal no hospital, mas não tanto quanto você e William. Quando descobri que ele estava na mesma ala que Will, eu...” engulo em seco. “Tinham conseguido tirar a bala do corpo dele e depois que ele melhorasse, os detetives iriam levar ele para interrogar e não sei mais.” Engulo com força, raivoso. “Talvez ele fosse preso e um dia...”

pauso me sentindo sufocado.

Meus olhos perdem o foco. Pisco várias vezes e fito o detalhe do seu vestido de verão com uns babadinhos no decote. Levanto o rosto e a vejo. Eu a amo tanto. Ela é tão preciosa para mim. *Eu não pude...* Meus olhos enchem de lágrimas.

“Não, Ethan. Está tudo bem.” Murmura limpando meu rosto quando seus próprios olhos transbordam algumas lágrimas.

“Você não entende. Eu fiquei com medo de ele voltar. De ele perseguir você, nossos filhos e... eu lembrei da promessa que fiz a você tantas vezes. Que lhe darei a paz e sossego, e eu sabia que lá no fundo isso só seria possível quando ele estivesse morto. Que meu coração só iria ficar tranquilo com ele fora de nossas vidas *definitivamente*.”

Ela assente, as lágrimas escorrendo, seu olhar cheio de alívio.

Ela me entende.

“Então quando eu soube que ele ainda poderia sair de lá. Andando e bem. Que ele estava melhor que você. Respirando sozinho, sem sequelas. Sem riscos...” seguro com força seu rosto. “Eu só pensei em você e em nosso filho, e o quanto a gente sofreu. O quanto eu estava sofrendo naquele momento. Então eu saí do quarto, deixei você com a sua mãe e fui até ele”, puxo o ar com força e lembro daquela noite. “O único que soube onde eu estava indo foi Raul. Foi ele que me falou onde Carl estava.” Respiro, pausando e fecho os olhos. “Entrei naquele quarto e o vi... lá, normal, só com o soro no braço, sinais vitais ótimos e com um simples curativo. Perfeito pra outra. Só foi um *tiro*. Então eu me aproximei e vi que ele estava acordando naquele exato momento. Quando ele realmente acordou, olhou para mim e sorriu.”

Sinto o corpo de Victoria tomar um calafrio e levanto o rosto. O medo que vi tantas vezes em seus olhos quando pensava em seu passado – o cativo, os machucados e as perseguições – e no futuro – onde ela se sentia *para sempre* aprisionada a este medo e as limitações que Will colocava para deixá-la a salvo – vejo agora, aqui, através de seus olhos suas lembranças da última vez.

“O que eu mais queria que você não lembrasse eram desses dias. Dele.”

Ela assente chorando e engolindo com força.

“E quando eu tomei a decisão de acabar com ele com minhas próprias mãos, dentro de mim eu sabia que era um risco. Não por alguém me pegar, embora não quisesse ser preso por causa de um merda como Carl, mas tinha medo de você me deixar por causa disso.”

“Te deixar?” Victoria sussurra com sua voz embargada. “Por quê?”

“Porque as mãos que amam passar sem seu corpo. As mesmas mãos que protegem você, que seguraria brasa tirada de um vulcão por você. Foi capaz de

matar alguém.”

Dizer essas palavras, me dói. Só eu sei o que senti naquele momento. Fecho os olhos e fleches do que fiz... Minhas mãos apertando o travesseiro na cara de um homem até ele parar de respirar. E antes de eu me aproximar ele disse: “*Eu nunca desistirei.*” Então eu o matei sentindo seus avanços em tentar segurar meus punhos, mas em nenhum momento quis parar. Eu tinha que colocar fim de uma vez por todas nele.

A respiração dela fica suspensa. Victoria pisca com força e empertiga o corpo e acaba se afastando um pouco. Está me olhando aturdida.

“Mas eu nunca machucaria você.” Quero que ela saiba. “Nunca.”

Ela assente e seu rosto se contorce. “Eu sei” sussurra, emocionada.

“Eu sabia o risco que corria, mas faria de novo para dar a vida que você merece. Eu tinha que garantir que você vivesse bem e sem ele no caminho para voltar. Ou qualquer vestígio. Eu não podia confiar na lei.”

“É” ela solta entre uma respiração. A afirmação que foi a certa, mas que custou muito.

“Eu só queria que você acordasse, voltasse para mim e vivesse em paz finalmente. Você não podia continuar vivendo daquele jeito e depois do que houve, algo me dizia que seria bem pior. Então... me perdoe por –”

“Não, Ethan!” Suas mãos levantam meu rosto e seus olhos me fitam profundamente. “Você não tem que me pedir perdão jamais. Nem desculpas pelo que fez. Eu não sei quais as palavras certas para dizer agora, mas eu sou muito grata por tudo que você fez. E tenho certeza que não foi fácil.”

Balanço a cabeça. Realmente foi uma das coisas mais difíceis que fiz na minha vida.

“No fundo, Ethan, eu sempre soube que você chegaria até o seu limite por mim. Faria tudo para eu realmente estar na sua vida para sempre. Me dar a vida que você sempre me prometeu junto de ti. Eu lamento muito pelo que teve que passar, mas escuta”, de joelhos, ela se aproxima mais de mim e inclina-se, encosta a testa na minha e murmura com sua voz angelical: “Quando a gente se transforma no herói de uma pessoa, estamos dispostos a enfrentar guerras por ela. E você, Ethan, é muito mais do que meu herói. É meu salvador, meu príncipe encantado e no caminho do *felizes para sempre* existe dragões que os príncipes matam. E foi isso que você fez por mim.” Sussurra emocionada. “Você eliminou todos os dragões. Matou todos os meus demônios. Derrotou todos os inimigos para ficar comigo.”

Eufórico, pego seu rosto e beijo seus lábios. Seus olhos estão molhados e brilhantes, cheio de gratidão. Ela olha dentro de mim e me ilumina. Ela não sabe o quanto preciso dela.

“Eu só tenho a dizer uma coisa. Muito obrigada por tudo Ethan Brown. Eu amo, amo, amo tanto, tanto, tanto... você –” sua voz é cortada pela emoção.

“Victoria” murmuro com veneração. “Eu faria tudo de novo por você porque não sei viver sem você. Eu preciso tanto de você, meu anjo.”

Ela assente e limpa meu rosto que eu nem senti as lágrimas escorrerem.

“E você me tem. Para sempre. Para todo o sempre.”

Sacudo a cabeça concordando e a puxo para os meus braços. Beijo sua boca com paixão e ela se entrega, assim como eu para o desejo, o mais profundo amor. Mesmo eu contando que fiz algo terrível, ela ainda está aqui me amando, aceitando meu amor, acreditando na minha palavra e no meu afeto por ela.

Eu nunca duvidei de que ela me amasse da mesma forma que eu a amo, mas teve um tempo em que eu acreditei que nunca seria amado de verdade. Acreditei nas palavras da Nicole; *de que eu era um filho pródigo mimado que tinha tudo nas mãos e que nunca saberia dar valor a alguém*. No entanto, eu mudei e senti minha vida começar. Meu mundo só ganhou vida quando Victoria apareceu, por isso gosto de dizer que ela é meu mundo.

Ela não sabe. Não entende, que eu moveria céus e terra para ela ser *profundamente minha* desde o primeiro estante que a vi. Eu sei que não são só as palavras dela que me provam seu amor. *Ela voltou por mim*. Ela deixou bem claro que estava partindo e voltou por mim.

Interrompo o beijo para dizer olhando em seus olhos: “Você é meu mundo inteirinho e eu não quero...” pego sua mão e coloco sobre meu coração. “Eu morreria se você sentisse medo de mim.”

Victoria nega freneticamente com a cabeça e acaricia meu rosto com sua outra mão.

“É isso que está lhe atormentando?”

Assinto de imediato e fecho meu punho em volta de sua mão, querendo-a o mais perto de mim. Ela tem meu coração em suas mãos – literalmente.

Ela abre um sorriso afetuoso em meio as lágrimas e me pega de surpresa quando se joga em cima de mim, me derrubando no chão.

“Eu confio minha vida a você. Eu nunca, jamais pensaria que você pudesse fazer algum mal à mim.” Beija meu rosto. “Você só sabe ser doce, gentil, amoroso comigo. Eu amo o jeito que você me ama, me protege, me idolatra.” Suas lágrimas transbordam livremente pela emoção, não tristeza. Aquela dor que sentíamos antes, não existe mais.

“Eu a idolatro porque você é tudo pra mim.” Digo com a voz rouca. “Eu faço tudo por você.”

Victoria solta um suspiro de olhos fechados como minhas palavras fossem um carinho. E quando abre os olhos, eles estão acesos, tão verdes, tão

apaixonados. *Ela é tão minha.*

Seus lábios estremecem quando ela suspira com força e olha para minha boca. A atmosfera muda, suas mãos escorregam para dentro dos meus cabelos com fúria. Ofego quando ela encosta seus lábios nos meus, e fechamos os olhos com um gemido.

O calor, o desejo que tenho por ela se prolifera em meu peito, queimando-me. Fico morrendo de tesão quando ela geme enquanto me beija. Sinto sua coxa direita subir até que minha mão a encontra com um aperto. Respiro pelo nariz com força, procurando ar enquanto devoro sua boca. Esfrego minha ereção crescente nela e Victoria geme com impaciência.

“Preciso de você agora” murmuro em nosso beijo atrapalhado, passando a boca em seu rosto e chupando seu maxilar.

“Eu também.”

Sentando-me, e forçando-a se sentar também. Minhas mãos agarram sua cintura quando ela vem para cima de mim com suas mãos ferozes pegando meu rosto e continuando o beijo. Mas eu preciso de muito mais que um amasso no chão frio do terraço.

Meio desajeitado, levanto com ela agarrada a mim. Quando estou de pé, pego-a em meus braços e Victoria solta uma gargalhada forte enquanto se segura envolvendo meu pescoço com seus braços.

A levo para nosso quarto, e Victoria distribui suaves beijos em meu pescoço e acaricia meu rosto fazendo sozinhos. Por sorte encontro a porta aberta e a fecho com o pé, atrás de mim.

Parando em frente a cama, ponho Victoria no chão e minha ansiedade de querê-la me transforma em um animal solto depois de muito tempo engrazulado. Eu sei que acabei afastando ela de mim por um medo – talvez – desnecessário e agora quero mostrar, dar a ela, eu por inteiro. O aperto em meu peito por ter contado tudo a ela, alivia a cada toque dela. E a cada toque meu sobre ela.

Eu a beijo fervorosamente. Intenso e apaixonado. Eu quero eliminar qualquer vestígio de tristeza que tenha causado em nosso relacionamento. Ouvir da minha esposa, a pessoa mais importa da minha vida, que nós não merecemos um *medo* em nosso caminho de novo, acabou comigo.

Dizem que com o tempo os papéis se invertem no casamento. E hoje senti que ela foi a pessoa forte. A heroína que me resgatou e me deu forças para desabafar minha angústia. Agora quero não só abafar meu medo como receber seu amor e me entregar a ela.

“Eu não sei se consigo ser gentil agora.” Murmuro na sua boca, levemente inchada dos meus beijos. “Eu *realmente* preciso de você.”

Victoria beija minha boca, se afasta e me encara piscando lentamente

enquanto suas mãos passeiam em meu peito. Ela se inclina e cheira meu pescoço, abraça minha cintura e sua língua faz um caminho molhado do meu pomo de Adão até meu queixo, que ela morde no final.

“Caralho” resmungo com força e aperto um pouco forte demais sua cintura e a derrubo na cama. “Minha nossa, você gosta de me enlouquecer.”

Ela dá risada e abre as pernas em um convite silencioso. Meus lábios curvam-se para o lado e faço um gesto com a cabeça ordenando que ela vá mais para cima da cama. Meu anjo se mexe e me pega de surpresa ficando ajoelhada no meio da cama. Ela puxa seu vestido para cima até tirá-lo e depois tira o sutiã e por fim solta seus cabelos, sacodindo a cabeça para eles se espalharem.

Porra. Ela acaba comigo com este tipo de visão.

Afoito, tiro minhas roupas rapidamente com seus olhos me observando atentamente. Sorrio satisfeito quando ela morde os lábios, parecendo ansiosa também.

O colchão afunda quando coloco meus joelhos e vou vagarosamente me aproximando. Ficando bem perto dela, rasgo sua calcinha – que foi o objetivo dela deixando a peça – e fico por cima do seu corpo. Envolver com um abraço sua cintura e a puxo para ficarmos no meio da cama. Minha língua encontra a dela, molhada e sedenta. Dou-lhe um beijo profundo e rápido ajeitando-me no meio das suas coxas. Ela geme e arqueia a pélvis, se esfregando e me puxa ainda mais para ela.

Ergo o tronco e corro a mão no meio dos seus seios e assisto seu corpo se arrepiar e seus olhos fecharem. Espalmando a mão, dedilho até encontrar a volta do seu peito e dou um aperto fazendo-a gemer e arquear as costas. Inclino-me e fecho os olhos com o bico do seu peito duro na minha boca. Lambo, mordo e sugo ouvindo-a chamar meu nome. *Merda.* Ela raspa as unhas um pouco forte demais nos meus ombros e abre as pernas.

“Adoro quando você faz isso.” Murmuro e percorro com beijos molhados seu pescoço, mas volto a descer mordendo e beijando seus seios, sua barriga, sua virilha e meus ombros abrem mais suas pernas para então eu baixar minha cabeça e abocar seu sexo úmido.

O desejo explode dentro de mim ao dar prazer a minha mulher e escutar seus suspiros sensuais, seus gemidos e as mãos em meus cabelos. Minha excitação chega quase a ser lasciva, bruta.

Normalmente gosto de fazer devagar, com calma, aproveitando cada segundo do contato, pele contra pele, do nosso corpo conectado desta forma. Mas hoje, neste exato momento, sinto uma vontade selvagem de possuí-la. Não tinha notado que nas poucas vezes que fizemos amor – após ela ter acordado – que eu estava me segurando, receoso sobre estar junto dela por algo que fiz por

amá-la além da minha existência. Pensando demais em vez de apenas amá-la. E o engraçado era que Victoria sentia que eu não estava inteiramente com ela. Eu a amei com meu corpo e coração, mas minha alma – que sempre foi dela – estava trancada.

Escuto Victoria gemer quando intensifico a sucção, e sinto sua boceta contrair com força. Dou uma última lambida e ela goza segurando seus cabelos e abrindo a boca. Continuo excitando-a, esfrego seu clitóris fazendo-a gemer de novo e mais forte. Ela chama meu nome e passa suas pernas por trás de mim, sem apertar, abraçando meus ombros. Descubro quão sedosas suas coxas estão e quando acelero meus dedos dentro dela, sinto seu núcleo apertar meus dedos novamente e ela goza mais uma vez.

Orgulhoso, dou beijos em suas coxas, limpando minha boca. Ergo meu corpo, me ponho no meio das suas pernas, posiciono meu pau no seu sexo molhado e quente, e entro de uma vez só, sem ao menos ter esperado ela relaxar dos seus dois orgasmos. Não tinha como, eu já estava sofrendo para sentir seu calor.

“Ethan!” Ela arfa e as mãos voam para o meu peito, arranhando.

Olho dentro das suas írises esverdeadas, estocando para frente, indo bem fundo e sentindo-a totalmente entregue. A boca aberta, os olhos levemente cerrados e marejados, a respiração ofegante, suas mãos sobem e descem em meu peito, em um afago bruto e ela tenta pegar meu rosto, mas não alcança.

Meto com força, empurrando seu corpo para cima e seguro sua cintura. Vou fundo e fecho os olhos quando sinto sua maciez me apertar como um punho fechado. Jogo a cabeça para trás e me deixo levar pelo desejo do meu corpo e vou para frente e para trás. Seus sons são música para meus ouvidos. Meu coração martela, bombeando meu sangue loucamente, ferozmente enquanto fodo seu corpo.

Só lembro uma única vez que precisei saciar meu tesão desta maneira. Foi quando eu estava com medo de perdê-la e a pedi em casamento. Eu estava fora de mim e não conseguia apenas fazer amor com ela. Eu queria foder, gozar e ter um orgasmo que nos atingisse tão intensamente, que só nos restaria cair na cama e dormir.

Agora não é diferente. Eu preciso dela, profundamente.

Puxo o ar com força e olho para ela, seus seios sacodindo quando arremeto para dentro da sua boceta. Victoria arfa, geme e abre os olhos. Nos encaramos, conectados muito além de nossos corpos. Ela ergue os braços, me chamando. Abaixo-me, abraçando seu corpo e sentindo quando ela circula suas pernas em minha cintura. Suas unhas arranham minhas costas e logo meu couro cabelo.

“Meu anjo” as palavras escapam da minha boca quando esfrego minha testa

suada em seu rosto e ela solta o ar, fazendo um “ah” suave em meus ouvidos e remexe o corpo embaixo de mim. Ela me quer tanto quanto eu a quero, e isso não tem preço. “Eu sou louco por você.” Murmuro no seu ouvido.

Victoria geme concordando e lambe meu suor, sentindo meu gosto que está misturado ao dela e mordisca minha orelha. *Merda*. Fecho os olhos com força adorando suas unhas em meus ombros, seus dentes raspando minha orelha e maxilar. Impulsiono meu corpo para a frente, ondulando minha pélvis e sinto as paredes do seu sexo apertar com força meu pau. Suas coxas contraem, dando os primeiros sinais do seu orgasmo.

Estou longe de estar satisfeito e do meu orgasmo, mas quero que ela goze de novo e de novo. Levando-a ao delírio. Quero durar a noite toda. Me perder em seu corpo, em seus sons.

“Ah, Ethan...” ela chama meu nome.

Levanto a cabeça e minha boca encontra a dela. Beijo-a com os olhos fechados, sentindo todas as sensações das nossas línguas e bocas unidas. Sinto seu gosto, tomo seus sons e o arrepio corre meu corpo.

Victoria goza gemendo enquanto ainda nos beijamos e crava as unhas nos meus ombros. Congelo meus movimentos, apenas sentindo suas paredes envolvendo meu pênis. E por mais que eu queira durar a noite toda, urro e gozo com força. Aperto os olhos e sinto meus braços – meu corpo – tremer deixando o orgasmo me dominar. *Minha nossa*. Essa é a melhor sensação do mundo.

Deixo meu corpo amolecer sobre ela, e por mais que eu saiba o peso do meu corpo, não consigo me mexer agora. E Victoria me apertar com força, abraçando, arfando e respirando alto no meu ouvido.

“Eu sempre vou estar do seu lado.” Beija meu ombro e afaga minhas costas. “Obrigada, meu príncipe.”

Solto a respiração em meio a um sorriso e beijo seu pescoço. “Nasci para isso, meu anjo.”

“Eu sei.”

Sorrio e relaxo ainda mais, escorregando um pouco para o lado e deixando o esgotamento me levar a um sono profundo, onde desejo sonhar com meu *anjo* e eu em uma praia deserta.



TERÇA-FEIRA, 24 DE AGOSTO DE 2014.

TEM QUASE MEIA HORA QUE estou sentado na beira da cama com as mãos na cabeça e os

cotovelos apoiados nos joelhos. E todas as vezes que respiro fundo, sinto como estivesse fazendo um esforço monstruoso. Me sinto esgotado demais.

“Ethan.”

Viro-me e vejo minha esposa nua, quentinha, macia e com os cabelos loiros bagunçados, mas linda. Ela rola, para no meio da cama e se espreguiça. Sorrio e passo a mão no seu rosto. Victoria abre os olhos e um sorriso lindo, sonolento.

“Bom dia!” Ela canta e estica os braços e me abaixo para ela poder segurar meu rosto.

“Bom dia, anjo.” Falo antes de beijá-la.

Me afastando vejo-a de olhos fechados e sorrindo. E isso me dá uma sensação incrível. Fito seus olhos e afago seu ombro nu, e noto o momento que ela percebe meu estado de espírito. Ela sempre consegue enxergar dentro de mim.

“Qual o problema, Ethan?”

“Nada. Eu estou bem. Não se preocupe.”

Victoria suspira e assente. Se mexendo na cama, se aproxima e faz um carinho suave em meu rosto.

“Vem aqui. Fica mais um pouquinho comigo.”

Massageio meu peito em cima do meu coração. Respiro fundo, soltando o ar com força e vou de bom grado para os seus braços abertos. Relaxo, fecho os olhos e inspiro profundamente, sentindo seu aroma. Deixo minha cabeça sobre seu peito.

“Eu pensei que estava tudo bem” ela murmura enquanto faz um cafuno em meus cabelos tão lentamente que me dá sonolência.

Victoria deve ter algum dom mágico. Ela sempre me faz dormir. Meu anjinho bondoso.

“E eu estou.”

“Mas —”

“Só estou cansado por causa do trabalho. Estou nervoso e um pouco preocupado. Em breve estarei sozinho tomando conta de uma empresa, e depois de ontem, depois de eu estourar com você por um motivo bobo. *Porra*. Eu acordei com isso na cabeça e percebi que tenho outras coisas para me deixar nervoso além do que confessei a você.”

“Ethan” seu tom de voz demonstra sua preocupação, “você não precisa ficar assim. É o seu trabalho e você não estará sozinho, sozinho. Vai ter pessoas para ajudar.”

“Eu vou tentar.” Digo em um tom amigável.

“E vai conseguir.” Ela passa a mão na minha barba. “Conte comigo e vou repetir. Você precisa falar com o Dr. Marlon. Será que você pode confiar em

mim sobre isso?”

Respiro fundo e me arrasto até estar em cima dela e beijo sua boca gentilmente.

“Posso sim.”

Um sorriso lindo se abre em sua face. “Então vou ligar e marcar com ele hoje. E fique calminho, eu vou com você.”

Rio e me mexo na cama, rolando e pegando ela. Sua gargalhada é o melhor som do mundo e quando paro seu riso com um beijo, é melhor ainda. Minha esposa é meu melhor remédio.

Vinte & Um

Victoria

QUARTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 2014.



ETHAN ME DISSE QUE A PRIMEIRA VEZ QUE VEIO me buscar no consultório do Dr. Marlon ficou ansioso. De vez em quando levantava e andava até a porta, esperando eu sair. E hoje é a minha vez de ficar assim.

Por que está demorando tanto? Será que ele está tão cheio de pensamentos assim? Será que não estou ajudando-o em nada? Poxa, me sinto um lixo por não ter conseguido deixá-lo mais calmo. E olha que dei tudo de mim.

Ontem passei o dia cuidando dele, mesmo de longe quando ele foi para o escritório. Liguei, mandei comida quentinha feita por mim e quando ele chegou em casa, dei um trato no meu homem como ele gosta. Lento e selvagem. Me senti exausta quando acordei, mas valeu a pena. Estou aprendendo a ser a mulher que Ethan precisa, e também conhecendo a mulher que sou e posso ser.

Inquieta, pego meu celular e confiro as horas e aproveito para responder as mensagens da minha mãe perguntando que horas chego em Malibu hoje. Clara também enviou mensagem. Ela está carente desde que terminou com Lucca. Fico tão triste com isso. E por último Paola, a designer de interior. Mais tarde vou na casa nova encontrar-me com ela.

Coloco meu celular na bolsa de volta e me levanto e ando no mesmo lugar, ansiosa para ver Ethan e saber se ele está bem.

De repente escuto um barulho da maçaneta e olho para a mesma. A porta se abre e vejo meu marido apertando a mão do terapeuta, se despedindo e logo saindo da sala. Ele para quando me vê em frente a porta como uma estátua.

“Você ficou o tempo todo –” seu discurso é interrompendo quando corro até ele e o abraço forte. “Ei, o que houve?”

“Nada.” Digo quando consigo tirar meu rosto do esconderijo entre seu pescoço e ombro. “Eu só estava ansiosa para ver como você estava.” Acaricio seu rosto, olhando fundo em seus olhos azuis tão intensos. “Se você gostou. Não sei. Você está bem?” Passa as mãos em seu peito, braços e pego seu rosto.

Ethan abre um sorriso satisfeito e apaixonado, e segura meu rosto gentilmente.

“Eu estou ótimo, meu anjo. Não precisa se preocupar.”

“Este é um pedido impossível.”

Sua risada rouca faz meu coração acelerar.

“Eu sei, mas não custa tentar.” Diz e me beija. “Agora é sua vez.”

“Você vai me esperar aqui?”

“Claro que sim. Nós temos um almoço marcado.”

Rio assentindo e ficando na ponta dos pés para beijá-lo de novo. Suas mãos agarram minha cintura, para que eu permaneça junto a ele. Seus olhos me estudam por alguns segundos e ele me dá outro beijo me soltando.

“Vá. Eu vou ficar bem aqui esperando você.”

Sinto os músculos da minha face retrair e repuxar em um sorriso que chega a doer. O sorriso da Barbie que não sai nunca. O efeito que meu marido tem sobre mim é incontrolável. Amo tanto esse homem.

Quebrando *finalmente* o contato com Ethan, me afasto dele e sorrio para o Dr. Marlon – que permaneceu esperando na porta e viu nosso momento íntimo. *Ah! Não tem problema.* Ele é meu terapeuta e sabe o quanto Ethan é a força que me mantém sã.

“Boa tarde, doutor.”

“Boa tarde, Victoria.” Ele retribui quando já estou dentro da sala.

E antes que a porta se feche, dou uma última olhada em meu marido, que pisca o olho para mim. Ele é meu maior fã.

“Como você está?” Marlon pergunta sentando-se na sua poltrona e eu me aconchego no sofá largo e baixinho da sua sala.

Fito seu rosto por alguns segundos. Alguns pensamentos conturbados rodeio minha cabeça e eu involuntariamente fecho os olhos e deixo minha cabeça pender para frente como estivesse muito pesada. Como meus pensamentos estivessem pesando minha mente.

“Eu não sei se eu estou bem”

“Porque você diz isso?”

“Porque eu estou preocupada com meu marido e não sei se ele está bem.” Minha voz sai baixa e inconscientemente me sinto retraída. Não querendo que Ethan escute do outro lado da sala. Levanto a cabeça e fito o Dr. Marlon. “Eu acho que hoje você pode me ajudar além dos meus problemas.”

“O que exatamente você quer dizer com isso?”

“Você pode me dizer como meu marido está?”

“Victoria, você sabe muito bem que é confidencial.”

Me mexo ansiosa no sofá e digo: “Sim. Eu sei e não estou pedindo para você me contar o que ele falou. Eu estou pedindo para você me falar como ele está e o que posso fazer para ajudar ele a ficar melhor, se não estiver, é claro.” Dou de ombros. “Eu não sei.”

O Dr. Marlon larga o tablet em cima da mesinha e me olha intensamente.

Oh céus.

“Você não entende doutor.” Junto as mãos, como em oração, sobre minhas pernas. “Ethan está sofrendo por uma coisa que ele fez... Algo que para mim tinha que ser feito, mas ele ficou com a consciência pesada. E mesmo que ele tenha confessado para mim, sinto que o assunto não morreu. Eu conheço o Ethan.”

“Victoria, se ele não se abrir para mim, ou para você, não vai ter como ajudá-lo. Ele precisa também querer se livrar dessa dor.” Diz firmemente. “E além do mais, ele me disse que está apenas casando com o trabalho.”

“Ele também me disse o mesmo, mas não é só isso. Eu *sei* que não é.”

Marlon assente e coloca uma perna sobre a outra. “Por que você não continua concentrada em você. Essa terapia é para isso e seu marido já está vindo. Não fica preocupada com isso.”

Balanço a cabeça e olho minhas mãos. “Eu não consigo me desligar assim.”

“Calma, Victoria. Não foi isso que eu quis dizer. Eu apenas não quero que você fique tão preocupada com ele e esqueça de você. No final, nada ficará bem se você só pensar nele.” Ele ajusta os óculos. “Victoria, você precisa deixar que eu cuide de vocês, e cada um me ajude com esta tarefa. E se você realmente quer ajudar seu marido –”

“Sim, eu quero.” Digo interrompendo-o.

Ele sorri e continua: “Então a coisa mais importante que você pode fazer para ele se sentir bem, é viver. Se você mostrar que está bem, que está disposta a viver e estando ao lado dele, tenho certeza que Ethan irá ficar bem e se abrir cada vez mais com você e comigo, que prometo fazer meu melhor para livrá-lo desta culpa. Entendeu, Victoria?”

Assinto veemente. “Eu prometo que vou dar tudo de mim, também. O que eu mais quero é viver em paz com Ethan.”

“E você vai.” Dr. Marlon fala com um sorriso genuíno em sua face amigável. “Agora vamos falar sobre você.”

Franzo a testa e deito meu corpo no sofá, deixando meus olhos fixos no teto. Falar sobre mim é tão... profundo.

“Me fale como você ficou quando ele lhe contou isto que o está atormentando?”

Com um suspiro começo a falar sobre o dia anterior e a noite de segunda-feira, mas sem entregar o segredo do Ethan. Ele vai morrer comigo.

“Eu sempre soube que ele faria tudo por mim.” Falo baixo. “Eu não me surpreendi.”

“Apenas isso?” Insiste o terapeuta.

“Não” respondo com um sorriso secreto na face e respiro fundo procurando

as palavras certas para lhe explicar direito o que senti. “Acho que foi... empáfia. Não sei... Talvez amor.”



QUANDO SAIO DA SALA, VEJO MEU MARIDO SENTADO em uma das poltronas de espera. Preciso tomar um fôlego para conseguir caminhar até ele e estender minha mão, chamando-o para ir embora. Eu preciso tanto ficar a sós com ele que sinto em meu corpo todo a necessidade de estar mais próximos.

Ethan levanta da cadeira, acaricia meu rosto suavemente, pegando minha mão, dá um aperto reconfortante e beija minha boca.

“Vamos almoçar agora?”

Assinto com um sorriso no rosto e assim que nos despedimos do Dr. Marlon, pegamos o caminho do elevador.

Pelo corredor sinto as reações do meu corpo se ascenderem com fúria, carência. Não entendo o que está acontecendo. Toda a terapia de hoje, sobre mostrar a Ethan que estou bem e que realmente estou feliz, viva e disposta a estar ao seu lado. Algo aflorou em mim. É a segunda vez que fico assim. Excitada. Que esquisito.

Sinto meus seios pesados, os mamilos eretos. Meu corpo todo sensível. Me sinto vazia como nunca sentira uma sensação dessas. Preciso fazer amor com ele de uma forma que desconheço essa necessidade. Sou capaz de rasgar minhas roupas e me jogar em seus braços aqui mesmo no elevador. O desejo que passa aceleradamente em minha corrente sanguínea é intenso. Eu apenas quero saciá-lo.

Dentro do elevador, por alguns segundos permaneço apenas ao lado do meu marido, me comportando como uma estranha. Observo ele pegar o celular, conferir alguma coisa e depois o coloco no bolso. Logo, Ethan estica sua mão e segura a minha. Mordo a boca sentindo a vontade de abrir um sorriso gigantesco e levanto o rosto, olhando-o.

“Como é que foi hoje?” Ele pergunta encarando meu rosto, os olhos estreitos, interessados.

“Foi tudo bem.”

Ele assente pedindo silenciosamente para eu falar mais. Conto sem entregar muito as coisas da minha conversa com o Dr. Marlon. Digo que falei um pouco sobre nós e como estamos e que estou cada vez melhor com a sessões.

“Ele realmente está me ajudando muito.” Falo e sinto a alegria em minha voz.

“De verdade?” Ethan indaga chegando mais perto e suas mãos pegam minha cintura, me aproximando mais do seu corpo.

Os céus. Eu já estou me sentindo meio tarada aqui e ele faz isso.

Reprimo uma vontade de gemer e minhas mãos contornam seu quadril, sentindo o couro do cinto que prende sua calça social, e subo calmamente por suas costas sentindo seus músculos flexionarem. Fecho os olhos quando as mãos dele estão em minhas costelas, seus polegares acariciam embaixo dos meus seios, sentindo o peso deles. Gemo e arqueio as costas, encostando-me em seu peitoral forte e solido de músculos.

“Victoria aqui não é um lugar apropriado para isso.”

Resmungo um gemido e coloco minhas mãos atrás da sua cabeça, enfiando meus dedos entres seus cabelos e o inclinando para mim.

“Me dá um beijo” murmuro na sua boca. “Me beije.”

“Amor”, ele solta como estivesse lutando.

“Ethan” abro os olhos rapidamente e peço de novo: “Apenas me beije, por favor”.

Ethan puxa o ar com força, coloca sua mão atrás da minha cabeça também e pressiona seus lábios macios em minha boca. Sua língua quente, molhada e seu sabor estão em mim. Tudo se encaixa com perfeição. Meu corpo todo se arrepia, febril e carente. Abraço seu pescoço e ele envolve minha cintura com os braços. Estamos tão perto que consigo sentir as batidas dos nossos corações como fossem um só.

Ele deixa escapar um som quase animalesco. Sua mão direita desce e encontra a maçã da minha bunda e aperta. Cravo minhas unhas nos seus ombros, agarrando-me em seu terno e Ethan pega minha coxa, subindo e envolvendo seu quadril. Sinto seu pau semiereto. Gemo e meu corpo é imprensado no elevador. Sinto a diferença térmica do metal gelado contra meu corpo quente, e fico com mais tesão.

Gememos enquanto nos devoramos e tentamos saciar nosso desejo. Tem vezes que me assusta o quanto preciso dele, o quanto amo seus beijos, suas mãos passando em meu corpo.

“Mm...” gemo e agarro seus braços, apertando seus bíceps maravilhosos.

“Victoria, para de se contorcer, amor.” Ele estoca sua ereção no meio das minhas pernas.

“Ah, então não faz isso.”

Ele solta uma risada rouca e contida, e tenta se afastar, mas eu o agarro pelo pescoço.

“Não. Volta aqui.”

“Amor” ele ri na minha boca e consegue se afastar, acaricia meu rosto com o polegar, os olhos tão azuis como o oceano, tenho vontade de mergulhar neles.

“Não podemos fazer isso aqui.”

Faço um som carente e mordo a boca cerrando os olhos e acariciando seu peitoral, passo a ponta das minhas unhas quando coloco as mãos dentro do seu paletó.

“Eu queria tanto que você fosse dono deste prédio. Assim você poderia fazer o que quisesse.”

Ethan abre um sorriso brincalhão e passa o nariz no meu gentilmente antes de me dar um beijo rápido.

“Eu também, querida, mas não sou.”

“Hm... então me leva daqui.” Peço olhando-o profundo, voltando a remexer o corpo e sentindo sua ereção dura.

Suas mãos me seguram com firmeza, detendo meus movimentos. Ele me quer também, mas não aqui neste elevador.

“E nosso almoço?” Ele pergunta olhando em meus olhos.

“Estou com fome de outra coisa agora.” Minha voz sai tão sexy que acho estranha.

“Meu anjo, você não sabe o quanto amo você assim.” Fala e me beija de novo do jeito que me deixa de pernas bambas.

Um arrepio percorre meu corpo, explodindo em minha coluna e os meus braços parecem ter vida própria. Agarro seu pescoço, fazendo ele se inclinar de novo para mim e sua boca está totalmente a minha disposição. Eu o beijo na mesma intensidade que o quero dentro de mim. Ethan arranha meu queixo com os dentes e de repente me solta, mas não se afasta.

“Vamos parar.” Diz acariciando meu lábio inferior. “Vou cuidar de você, mas não aqui.”

Vinte & Dois

Ethan

QUARTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 2014.



MINHA MÃO NOVAMENTE SOBE E desce no corpo de Victoria. Meu ego está inflamado com o fato da minha mulher está lânguida no meio da cama do hotel que nos trouxe às pressas, pois parecia que ela ia morrer se não transasse comigo. Nós recuperamos a respiração não faz muito tempo.

Eu não sei o que deu nela depois que saiu da consulto com o terapeuta, mas gostei dos efeitos. Ela foi tão intensa e selvagem. E me permitiu fazer o que quisesse com seu corpo, o que foi um presente maravilhoso. Meu anjo vive me surpreendendo. A mulher que está desabrochando em Victoria me fascina.

Olho para cima e a vejo piscar lentamente fitando o teto da nossa suíte. Estou deitado mais à baixo do seu corpo, fazendo uma carícia no seu corpo e de vez em quando cosquinha em sua barriga, fazendo meu amor soltar o ar com força entre sua risadinha nervosa.

Estou mais calmo agora. Marlon não apenas mudou algo em Victoria hoje. Ele também disse coisas para mim que foi muito importante para eu saber levar a decisão que tomei naquela noite. Na verdade, todas as decisões que definem quem sou hoje. Um marido resgatando sua esposa e um empresário prestes a se expandir. É muita responsabilidade e Marlon disse que é normal me sentir sufocando as vezes, mas que eu tenho que ter ajuda e procurar algo que me conforte e leve para a zona de segurança. Esse lugar já existe: *Victoria*.

O colchão se move quando apoio meu cotovelo na cama, erguendo-me e subindo a mão até seu rosto. Acaricio-a gentilmente e meu coração se aquece quando sua mão toca meu rosto.

“Você é lindo demais sabia.” Victoria murmura me encarando. “Às vezes fico te admirando e penso como a vida é engraçada por ter me juntado a você. É sério.” Ela exclama. “Quando paro pra pensar e vejo como minha vida mudou –”

“Nossas vidas” pondero.

Ela assente e continua: “Sim, nossas vidas mudaram. Nós mudamos. Me dou conta de como tenho sorte por ter você.”

“A sorte é toda minha, meu anjo.”

“Oh”, solta seu gemido fofo e vem para cima de mim, derrubando-me na cama. “Não faz assim que vou querer mais.”

Abro os olhos, brincando com ela. Eu nunca reclamaria de ela me querer o tempo todo. Meu desejo é o mesmo por ela. Mas hoje meu dia está tão cheio.

“Meu Deus. Calma. Eu preciso me recuperar.”

“Mm... você fala assim como se não fosse uma máquina na cama quando quer.”

“Quando eu quero?” Cerro os olhos e deslizo as mãos até sua bunda e aperto. “O que a senhora quer falar com isso?”

Ela dá gargalhada e passa o indicador em minhas sobrancelhas. “Eu quis dizer que quando você quer dar um show e me deixar sem ar, você é uma máquina. Mas, sim, normalmente, todas às vezes, você é maravilhoso. Mas quando você quer foder, não fazer amor, é uma máquina mortífera.”

Rio com força e acaricio sua bunda nua e macia. Ela é toda macia.

“Certo, entendi seu ponto de vista, porém” nos giro na cama, ficando em cima dela, “eu sempre faço amor com você, mesmo quando estou rápido e insaciável.”

“Disso eu sei.” Ela cerra os olhos, mordendo os lábios em seu sorriso atrevido.

“Para de me olhar assim. Eu tenho uma reunião daqui a pouco.” Digo e beijo sua boca antes de me soltar dela e levantar da cama.

Caminho pelo quarto e vou até o frigobar pegar uma garrafa de água, que termino em poucas goladas. Vou tomar um banho para voltar ao trabalho. Adoraria passar o dia com Victoria aqui, mas não dá. Hoje não. E pela forma que ela me vigia deitada de lado na cama parecendo uma pintura de nu artístico, sei que ela aprovaria ficarmos muito tempo assim. Pelados, suados e saciados.

Não vejo a hora do nosso casamento, e conseqüentemente nossa lua de mel. Estou preparando ficar um mês fora com ela. Espero que dê, senão duas semanas é o mínimo que aceito. Eu sei que tenho responsabilidades e compromissos muito importantes com a empresa, mas é meu segundo casamento e dessa vez Victoria e eu teremos nossa lua de mel merecida.

“Se continuar assim não vamos sair daqui.” Falo passando por ela e a escuto rir alto.

Entro no banheiro e sem muito esforço entro no banho. O jato de água quente logo umedece minha pele, deixo penetrar em meus cabelos e pendo a cabeça para frente, para cair sobre meus ombros. Fiz tanto esforço transando com Victoria que meus músculos estão cansados como eu tivesse malhado costas. Pegando o sabonete, começo a ensaboar meu corpo. Escuto um barulho atrás de mim e viro-me para ver o que é. Rio para minha esposa sentada na tampa do vaso com as pernas e os braços cruzados sobre os seios nus, a mão suavemente tocando o rosto, escondendo o sorriso de cobiça dela.

Seu rosto estampa o quanto ela está adorando a visão do meu corpo molhado, porém eu também amo minha visão. *Ela tem noção de que está nua e de pernas cruzas de frente para mim?* Porra.

Meu sangue começa a circular meu corpo ferozmente e minhas bolas ficam pesadas e cheias. Logo, minha ereção vai crescendo e eu fico pronto para saciar nós dois. É óbvio que ela me quer, está me provocando.

“Por que você não se junta a mim?” Ofereço fitando seu rosto enquanto passo sabão no abdômen. Propositalmente seduzindo-a.

“Eu acho mais legal assistir você.”

“O que deu em você hoje?”

Victoria suspira e dá de ombros. Então, levanta e vem ficar perto dos vidros do box.

“Eu não sei, mas só estou com um tesão louco em você. Acho que acordei grata por tudo que tenho e você é algo que preciso agradecer e usufruir.”

“Ora, que honra.”

Ela ri com os olhos brilhando.

Sem conseguir resistir, abro a porta do blindex e a puxo para se juntar a mim. “Eu quero você aqui comigo.” Digo levando-a para debaixo d’água.

“As ordens.” Ela sussurra com humor e passa as mãos em meus ombros, escorregando por culpa do sabão. “Você é lindo.”

“Meu anjo, a visão que eu tenho é melhor.” Falo olhando rapidamente seus peitos e beijo sua boca. Provocando todas as sensações gostosas que meu corpo faz quando estamos juntos.

Ela se agarra a mim, abrindo a boca, deixando eu enfiar minha língua. Giro meu rosto para o lado oposto que ela vira. Resmungo um gemido quando ela chupa minha língua com vontade.

Nos beijamos perdidos, trocando o mesmo ar e Victoria deixa a boca aberta e eu brinco com nossas línguas. Sinto seu corpo relaxar, abro de relance os olhos e vejo seu rosto neutro, sereno em nosso beijo. Volto a fechar meus e puxo o ar pelo nariz, para não interromper o beijo. As mãos dela se agitam em meus ombros e chegam até meus cabelos. Seu corpo responde, ficando febril e os mamilos duros.

Faço-nos girar na casa de banho, como estivéssemos dançando debaixo d’água. Passo as mãos em suas curvas. As dela estão em meus cabelos. Deslizo as minhas por seu corpo, subindo e afagando rapidamente seus braços apoiados sobre meus ombros. Sinto o suave ronronar dela quando minhas mãos correm dos seus braços até seus seios e os aperto. Tão quentes, pesados e macios. Eu amo essa parte do seu corpo.

Puxo o ar e com mais um passo, impresso seu corpo no frio dos azulejos e

recebo um aperto forte nos cabelos. Minha mão direita desce e eu a faço abrir as pernas um pouco e sinto seu calor. Acaricio sua virilha e sinto os lábios do seu sexo. Victoria abre a boca e respira profundamente quando afasto o corpo um pouco e pego suas coxas e passo em meus quadris, fazendo-a abraçar meu corpo com as pernas. Ela geme quando me esfrego nela. Sinto meu tesão crescer e passo os braços por debaixo das suas pernas, abrindo-a toda para me receber e seguro de que ela está presa por mim e a parede, a penetro. Respiro fundo sentindo seu núcleo me apertar, acomodando-me e abrindo. *Porra*. Ainda bem que não faz muito tempo que transamos. Eu sempre preciso ficar um bom tempo estimulando com preliminares e beijos longos, para não a machucar com meu tamanho.

Seus dedos voltam para os meus cabelos e Victoria geme e sua cabeça pede para frente, encostando a testa no meu rosto. Eu agarro sua cintura e movimento meu corpo para cima. É uma transa rápida, mas não menos intensa. Nunca é com meu anjo sedutor.

Acelero o movimento e perco a cabeça, mordo minha boca alucinado neste coito. Victoria geme na minha boca. Estoco e seu corpo impulsiona para cima, metendo até o fundo. Ela mexe o corpo acompanhando meus movimentos mesmo que esteja aprisionada por meus braços e a parede. Quando tiro tudo e entro de novo, gozo. Victoria respira com dificuldade, perdida em seu orgasmo. Desço minha mão e meus dedos impiedosos esfregam seu clitóris. Uma. Duas. Três vezes. Sinto o calor se espalhar por seu corpo e explodir em sua boceta. Ela fica linda quando goza, e eu adoro ver.

Beijo seus cabelos quando ela perde as forças e seu corpo vem para a frente. Passa o nariz e a boca em meu ombro e suspira.

Quando eu recupero minha coordenação motora e as forças das minhas pernas, coloco suas pernas em volta da minha cintura de novo e a abraço bem junto. Procurando sua boca, beijo com doçura.

Ficamos assim por alguns minutos, até nos mexermos para terminar o banho.



ESTAMOS NO ELEVADOR DO HOTEL. A hora de ir embora chegou. Tenho uma reunião e Victoria o encontro com a arquiteta. Se continuarmos com nossa brincadeira, deixaríamos todo mundo esperando.

Em meu aparelho celular, respondo um e-mail e confiro a última mensagem de Debora alertando do horário. Merda, acabei de lembrar – vendo a agenda que minha assistente prepara – que Victoria e eu não comemos nada. *Droga!*

Continuo mexendo no celular, digitando apressadamente e mal percebo

meus pés batucando quando Debora devolve a mensagem:

*O senhor não pode se atrasar.
É um cliente importante.*

Merda de novo. Ela fala isso como se eu fosse idiota e não soubesse. Desse jeito faço o elevador voltar para o andar da suíte e continuar a maratona de sexo com minha mulher.

Não percebo quando Victoria se aproxima, apenas sinto suas mãos passando em meus ombros, e talvez ela esteja aproveitando para tirar as marcas do meu terno. Isso me relaxa e eu até curvo levemente a boca retrucando Debora.

Eu já estou chegando.

Respira fundo, mexo no celular com uma das mãos e a outra coloco sobre a mão da minha esposa. Escuto seu risinho e sinto seus lábios quando deixa um beijo rápido em meu rosto. Viro o rosto erguendo uma sobrancelha e a vejo abrindo mais o sorriso. Seus olhos estão brilhando. O verde está ardente.

Curvo meus lábios sutilmente para o lado e voltando a atenção para o aparelho, digito para Anton ficar atento caso eu me atrase uns minutos e finalmente guardo no bolso da calça o celular. Giro o corpo em um movimento rápido e círculo a cintura do meu anjo. Ela morde a boca, tentando disfarçar o arrepio que correu em seu corpo e deixa a cabeça cair um pouco para o lado, me fitando docemente.

E como uma luz se acendendo, uma ideia passa em minha mente.

“Tem algo que você deseja me contar?” Contenho uma leve alegria me corroendo.

“Não sei.” Ela franze a sobrancelha, confusa. “Do que você está se referindo?”

Meus lábios curvam-se para direita e cerro os olhos. Delicadamente, acaricio seu corpo, um pouco lento de mais perto da cintura. Acho que estou dando bandeira.

“Eu realmente não sei do que você está falando, Ethan.” Sua expressão muda, mas continua me olhando desconfiada.

“Você está tomando alguma coisa para se prevenir?”

Seus olhos se arregalam e como mágica, ela fica gelada em meus braços. Acho que ela já está me entendendo.

Caralho. *Será?*

“Do que você está falando?” Ela se afasta, saindo dos meus braços e mexe

os pés agitada. Parece um tigre enjaulado querendo fugir.

“Amor, calma.” Coloco as mãos em seus ombros, fazendo-a parar de se sacudir. “Não falei para deixar você assim, mas é que a última vez que você ficou desse jeito...” pauso e ela me encara, continuo: “Desse jeito assanhada e cheia de fogo, foi quando estava grávida. Você era insaciável, e eu não estou reclamando, então será que...”

“Você acha que eu estou grávida?”

Dou de ombros. “Eu não sei, meu amor, mas se estiver vou ficar muito...” pauso engolindo em seco e me sinto ansioso. “Vou ficar profundamente feliz.”

Então ela me surpreende, ficando bem perto de mim e segurando meu rosto, vem para os meus braços e me beija.

Eu a amo tanto. Minha princesa. Ela para mim é como uma princesa encantada realmente. Tão angelical e doce.

“Você ficaria feliz com um filho agora?” Pergunta afagando meu rosto.

“É claro. Muito mesmo. Quando... você perdeu nosso bebê eu fiquei tão arrasado e não apenas por saber como você já o amava, e sim porque eu o amava muito também. Eu o esperava tanto quanto você. Meu mundo escureceu quando ele se foi, mas nós vamos ter ele de volta.”

Ela assente freneticamente. “Eu nunca pensei que você fosse ficar assim.”

“Assim como?”

“O jeito que você fala sobre nosso filho, sabe. O jeito que você deseja isso. Eu sei que você me ama profundamente, mas Ethan... é tão lindo como fala do nosso bebê. Não imaginei que você fosse querer um filho com tanta intensidade assim e tão cedo.”

A encaro por alguns segundos, minha mão vai até seu rosto e tiro uma mecha de cabelo da frente e afago suas sobrancelhas.

“Eu fiquei assim depois de você.” Confesso. “Você mudou a minha vida. Meus desejos, meus sonhos. Eu quero tudo com você.”

“Eu sei,” fala com os olhos marejados, “e o jeito que você almeja isso é que me deixa mais louca por você.” Ela me abraça.

Puxo uma respiração profunda e a afasto, dando um beijo na testa.

“Você não lembra mesmo como amava nosso bebê? Nada?”

Ela deixa de me encarar. “Não consigo lembrar disso, assim como de outras coisas também.”

Eu sei disso, pois se lembrasse talvez não estivesse bem agora. Levanto seu rosto e digo pacientemente.

“Não tem problema, amor. Eu sei que quando você engravidar será do mesmo jeito.”

Ela assente e fica na ponta dos pés para me beijar na boca. Eu passo os

braços em sua volta, segurando-a junto de mim. Aprofundo o beijo, mas não deixo prolongar.

Finalmente o elevador chega ao hall do hotel. Passamos rapidamente para pagar e devolver a chave.

Do lado de fora a cacofonia de Santa Monica nos saúda. Buzinas, vozes e pessoas andando calmamente. Como aqui está perto da praia, encontramos muitos turistas e pessoas curtindo o dia.

De mãos dadas vamos até o carro parado na frente do hotel. Aperto o alarme do carro, mas quando Victoria vai soltar minha mão, não deixo. Ela franze a testa, abre um sorriso e me olha confusa.

“Qual o problema?”

Arfo e olho pelas ruas, procurando em silêncio uma farmácia. Eu não vou conseguir trabalhar com essa dúvida.

“O que você está procurando?”

“Uma farmácia.” Respondo em automático.

“Hm...” ela faz e eu a encaro.

“Hm, o que?”

Victoria dá uma risada e pega minha mão, segurando sobre o peito. “Meu amor lindo da minha vida, eu não estou grávida.” Dá de ombros. “Desculpe.”

O cenho entre minhas sobrancelhas fica apertado conforme forço-o.

“Como você tem tanta certeza? Não usamos camisinha e que eu saiba você não está tomando pílula.”

“Não, não estou.”

Meu coração acelera.

“Mas acontece que vou ficar menstruada amanhã ou depois. E às vezes fico assim.”

“Nunca ficou antes.” Replico, sendo chato.

Ela solta uma gargalhada forte e responde: “Eu acho que sim, mas se você está dizendo que não”.

“Não que eu me lembre.”

Se aproxima e pega meu rosto, puxando para ela. Me inclino e deixo minha testa encostar na sua.

“Eu amo você, sabia?!” Sussurra ela.

“Sim. Eu sei.” Digo mais calmo. Dou um beijo na sua testa e me afasto.

“Mas você pode fazer um teste para eu ficar tranquilo?”

Victoria abre um sorriso enorme e assente. “Vou fazer, mas agora não. Lembra?!” Ela olha rapidamente o relógio que dei para ela meses atrás, e diz: “Você tem uma reunião em vinte minutos”.

“Eu sei.”

“Então,” acaricia meu rosto, “agora não dá, mas mais tarde nós fazemos juntos.”

Assinto sentindo o coração acelerado loucamente. Puta merda. Vou passar a tarde ansioso pra cacete.



PARANDO NA PORTA DE CASA, pois tive que trazer Victoria para pegar seu carro e ela ir para Malibu. Hoje pela primeira vez depois de acordar do coma, minha esposa irá para algum lugar absolutamente sozinha.

Confesso que estou um pouco preocupado, um pouco receoso, mas não vou impedir. Eu lutei para isso acontecer. Para ela ter uma vida normal.

Ela pega sua bolsa, coloco sobre o colo e procura algo dentro. Sorrio fitando seu perfil e observo com olhos atentos como ela está bem melhor desde que *voltou*. Agora aqueles dias apenas parecem um pesadelo angustiante.

“Por que está me olhando assim?” Ela pergunta me pegando no flagra quando vira o rosto rápido.

“Porque eu te amo.” Foi bem brega, mas é a verdade e quando vejo os olhos da minha mulher brilharem desse jeito, nada tem mais valor.

“Oh, para com isso.” Ela diz esticando o corpo para nos beijarmos.

Rio na sua boca e a faço sentar no meu colo. Pego meu celular e digo: “Tenho uma coisa que você precisa ver. Que quero lhe mostrar há muito tempo.”

Seus olhos crescem, curiosos. Deixo um beijo em seu rosto e presto atenção no aparelho, procurando o vídeo. Dou na mão dela ordenando para apertar o play. Ela assente distraidamente e faz o que pedi.

Assisto junto com ela a filmagem que fiz no consultório em Aspen. *Vemos ela deitada em uma cama hospitalar, com aquelas roupas de hospital. O médico está no meio das suas pernas abertas. Só em me lembrar daquela cena fico com ciúmes doentio. Ele olhando o que é meu. Idiota. Ele fala algumas coisas com Victoria, ela assente e sorri focando os olhos em mim. A câmera vai focando em seu belo rosto, que transparece alegria e ansiedade. Os olhos brilham quando o som de um coração batendo bem forte surge.* Eu lembro deste momento. Foi tão grandioso. Foi neste momento que passei a amar nosso filho profundamente.

Escuto Victoria respirar com força e viro o rosto, esquecendo a filmagem. Seus olhos estão cheios de lágrimas, seu coração bate tão forte que vejo sua pulsação acelerada. Eu sinto o mesmo. Eu assisti várias vezes a ultrassonografia do nosso bebê. Vejo em seu rosto agora que ela sente a dor da perda, a saudade, mas sente o amor que ainda está dentro dela.

“Você consegue lembrar de ouvir várias e várias vezes essa filmagem?”

Ela assente e me olha. Mas logo presta atenção na voz do médico dizendo

que o bebê estava do tamanho de uma noz. *E ela faz o gesto com a mão, unindo a ponta do indicador com a do polegar. O médico confirma e ela sorri emocionada. A filmagem vai passando e ficamos muito emocionados e o médico pede licença, a filmagem fica trepidada, pois eu tremia muito. Me aproximei, disse que a amava muito e ela diz também e por fim acaba a filmagem, pois nós nos beijamos e choramos abraçados.*

Victoria chora copiosamente e quando olha nos meus olhos, vejo os seus olhos vermelhos.

Eu os queria tanto. Queria minha família.

“Você o amava tão lindo, querida. Era lindo de ver. Você estava radiante.”

Ela assente.

Eu sei que ela sente algo, sua lembrança não está cem por cento, mas seu coração bateu forte com essas imagens agora. Talvez ela não lembrar de tudo é melhor, porque tenho certeza que a deixaria triste e não quero isso agora que ela está bem. Eu só mostrei o vídeo porque eu sei que ela está forte agora e pela possibilidade de nós termos um filho a qualquer momento ser grande.

Às vezes sinto que estou correndo em resgate a tudo que perdemos.

Pego seu rosto em minha mãos e beijo seus olhos, a testa e o rosto.

“Nós estávamos muito felizes.”

Ela assente emocionada, os olhos cheios de lágrima. “Eu não duvido.”

Abro um sorriso apaziguador e ela me dá um beijo terno e eu retribuo, minhas mãos acariciando suas costas.

“Nós vamos ter vários filhos, Ethan.” Ela murmura com a testa na minha.

“Eu sei que você ficou triste, mas vai ficar tudo bem.”

Concordo fazendo um som com a garganta e afago seus ombros.

“Eu sei. Nós vamos ter nossa família na hora certa e se você não estiver grávida ainda, o jeito que estávamos agora a pouco, pode mudar tudo.”

Ela dá risada e se joga em cima de mim. Abraço-a bem forte, fazendo juras de amor ao meu grande e único verdadeiro amor. Meu mundo.



EM MENOS DE TRINTE MINUTOS CHEGUEI NA EMPRESA, estacionando meu carro na minha vaga e rezando para o elevador me levar logo para o andar da sala de reunião. Só que a realidade foi eu me atrasar e entrar na sala com os olhos de reprovação de Anton e Will, que eu ignorei e sentei na minha cadeira e participei da reunião até o fim e acabando, dei graças a Deus.

“O senhor precisa assinar estes documentos, Sr. Brown.” Diz Debora vindo atrás de mim entrando na minha sala, o certo seria dizer correndo.

“Deixa na mesa que eu vejo daqui a pouco. Essa merda de reunião me

irritou.” Falo sentando na minha cadeira e vendo os outros papéis que já estavam na mesa.

Debora ri baixo e se aproxima, mostrando onde preciso assinar depois. Ela me dá as últimas informações e diz que meu pai me ligou. Faço uma anotação mental de tudo e assim que ela se afasta para sair, relaxo meus ombros. Victoria me pegou de jeito hoje.

“Sr. Brown?!”

“Sim?” Levanto a cabeça para vê-la na porta.

“O senhor conseguiu almoçar? Comeu hoje?”

Só se for minha esposa. Respondo ironicamente, porque o horário todinho do meu almoço, foi passado na cama daquele hotel com Victoria.

Reprimo uma vontade de rir e peço para ela trazer um lanche. Tem umas oito horas que comi a última vez e se eu não comer agora, até chegar em casa vou estar faminto.

Vinte & Três

Victoria

QUARTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 2014.



O DIA DE HOJE PARECE NÃO TERMINAR NUNCA. É um daqueles dias que você verifica o relógio o tempo todo e fica espantada de como ainda está cedo e você fez um monte de coisa.

Acordei cedo, dei uma volta com os cachorros pela rua, fui a consulta com o terapeuta depois de Ethan, transei loucamente com meu marido, e depois que acabamos ele me deixou em casa para pegar meu carro. Finalmente comi e peguei o caminho para Malibu. Recebi a designer de interiores na casa nova. Passei a tarde e o início da noite com ela.

Nossa! Paola é uma mulher de muito bom gosto. Adorei suas ideias e para a alegria e surpresa de Ethan, alguns cômodos da casa irão imitar da sua casa em Hollywood Hills. Melhor, nossa primeira casa. Assim vai ser mais fácil nos adaptar.

Um dos cômodos que pedi para ela retratar, foi o escritório de Ethan, porém o daqui vai ser três vezes maior. O que fez Paola pular de alegria. Aquela mulher gosta de verdade do seu trabalho e faz muito bem. Tanto que amanhã nós temos um encontro aqui de novo.

Depois disso, Clara ligou e passou horas falando. Como sempre, como todas as vezes, minha melhor amiga deu voltas e voltas e não contou nada, ou pelo menos as coisas importantes. Ela me enrolou o máximo que conseguiu e não disse porque terminou com Lucca, mas pelo que Ethan me disse, o amigo está muito mal, contudo, cheio de esperanças de reconquistar Clara. *Meu Deus.* Clara e seus amores dariam um livro bem interessante.

Agora, as oito e meia da noite, estou com minha mãe comendo o jantar delicioso que Ellen – a nova e maravilhosa cozinheira da casa dos meus pais fez. Que Ruby e Margot não me ouçam, mas ela cozinha como uma fada.

E estamos conversando sobre as coisas do preparo do casamento na mesa do jantar, quando meu pai chega.

“Oras, que surpresa boa.” Ele se agacha e beija meus cabelos.

Abro um sorriso enorme e seguro sua mão e beijo. Ele faz um cafune nos meus cabelos e se afasta para dar um beijo em minha mãe. Meu coração transborda em ver eles assim.

Sei que provavelmente eu já deveria ter acostumado com o fato deles serem

um casal, e meus pais, mas a verdade é que tudo ainda é recente. Tudo é novidade, e sei que tem coisas que passei antes do coma que não lembrei e ninguém me contou ainda. Rezo todo dia para que não seja nada demais.

Will tira o paletó e entrega à Avril, a menina novinha que trabalha na casa. Ela é filha mais velha de Ellen e mora na casa adjacente com a mãe. Uma mulher forte e determinada, mãe de quatro filhos – os três mais velhos trabalham e moram com seus maridos e esposa – e viúva. Ela além de cozinhar muito bem, é um doce de pessoa.

Meu pai senta na cabeceira da mesa e puxa assunto enquanto espera seu prato.

“Como você está se sentindo hoje?” Pergunta para mim.

“Muito bem. Por quê?”

“Por nada, só queria saber.”

“Hm... Eu estou ótima. Hoje meu dia está sendo incrível, alias. A designer de interior veio ver a casa hoje e estamos com várias ideias. Em breve minha casa vai ficar pronta para eu e Ethan nos mudarmos.”

Mamãe sorri e meu pai assente. “Que legal, filha. Eu estou muito contente por Ethan ter comprado aquela casa. Tem um tamanho ideal para criar uma família e vocês viverem bem e perto da sua mãe e de mim.”

Rio assentindo, e a conversa que tive com Ethan mais cedo surgiu em meus pensamentos.

Família. Pelo meu príncipe nós já estaríamos esperando nossa primeira prole. Porém, infelizmente por enquanto não aconteceu. Espero que ele não fique decepcionado. Os três testes de gravidez que fiz – depois que terminei de falar com Clara – deu negativo, e estou ansiosa para ele chegar em casa e falar com ele e ver sua reação.

Se aproximando da mesa, Ellen chega com o prato do meu pai e depois que ele agradece, espera ela se afastar para dar a primeira garfada. Também como e minha mãe fica apenas no refresco. Ela não está com fome. Hoje foi aniversário da assistente dela e pelo visto ela se entupiu de bolo. Eu tenho a quem puxar com o vício de doce.

“E falando em Ethan. Como ele está?”

Franzo a testa confusa. “Pai, ele está bem e trabalha no mesmo prédio que você ainda.”

“Eu se” faz uma pausa “é que hoje o vi. Ele parecia nervoso, e soube que ele anda muito ocupado. Debora foi levar um documento que eu tinha que analisar antes de Ethan assinar, e eu acabei perguntando como ele está e ela me disse que muito nervoso, confirmando o que vi hoje.”

“Hoje?”

“Sim.”

Franzo a testa. Eu sei o quão preocupado Ethan está com a inauguração da empresa e sua partida na COLTON & BROWN, está agindo assim em antecipação sobre como vão ficar sem ele, mas Anton já garantiu que vai dar tudo certo e quando precisar do irmão, vai chamá-lo sem hesitar. O que para o meu marido já o alivia, e pelo visto não muito.

Respirando fundo, encaro meus pais e explico rapidamente o que anda preocupando Ethan.

“Bem, ele sempre será parte da empresa e pelo menos na minha cabeça, Ethan continuará assumindo o cargo de contator sênior.”

“Eu sei, pai. Ninguém falou ao contrário. Mas o caso, é que ele está sofrendo com medo de não dar conta.”

O rosto de Will ganha um ar neutro, um tanto pensativo.

“Eu compreendo, mas ele está montando uma equipe boa – tudo indica que são pessoas competentes – e eles irão ajudar a manter tudo organizado e de um modo que quando a COLTON & BROWN precisar dos seus serviços, não haverá problema.”

“Assim eu espero.” Murmuro e deixo transparecer minha preocupação.

“Não fique assim também, Victoria. Vai dar tudo certo e garanto que eu, seu avô, Anton e Aaron não iremos ficar de fora do projeto de Ethan.” Ele bebe um pouco do vinho. “E não podemos esquecer que Ethan é jovem e desde sempre mostrou sua capacidade. Vocês precisam ter confiança de que tudo vai dar certo.”

Sorrio e assinto. Will sempre tem as melhores palavras, por tanto que a maiorias dos discursos da empresa, seja em reuniões e eventos, é ele que fala. Meu pai e Ethan tem o dom das palavras. Persuasivos e insistentes. Reviro os olhos internamente. Eu estou muito bem servida com esses dois quando o assunto não os agrada e eles querem me fazer olhar por outro ângulo. Eu nunca ganho. Ninguém nunca ganhe das opiniões deles.

Continuamos a comer e a conversar, que foi para o caminho que fez papai novamente mostrar as forças das suas palavras.

Ele me dá dicas sobre a faculdade, me incentivando a trabalhar enquanto não estou estudando na empresa – como um estágio prematuro – para eu ficar por perto do marketing e até ajudar minha mãe, que amou a ideia.

Vou fazer como ele disse e só retornarei para a faculdade no próximo trimestre – que começará mês que vem. Talvez eu enlouqueça com o casamento e a faculdade juntos, mas não quero ficar sem fazer nada. Vou estudar a distância mesmo, o que vai ser maravilhoso quando eu estiver em lua de mel com Ethan.

A conversa acaba e eles me levam até a porta, me dando um abraço e beijo

bem fortes. Eu antes não entendia todo esse carinho, agora é óbvio. Eles são meus pais e me amam loucamente. Isso eu sempre notei, porém há um enorme motivo agora.

Entrando em casa, fecho as portas – porque estou sozinha nessa mansão gigante – e subo para a suíte. No banheiro, arranco minhas roupas e em segundos estou na banheira tomando um banho refrescante.

Deixo meu corpo relaxar. Me perdendo no aroma delicioso dos sais de banho. Esfrego minhas pernas, braços, barriga e ombros lentamente. Meus pensamentos no meu príncipe. Eu amo tomar banho de banheira com Ethan.

“Ah...” Suspiro quando meus pensamentos me levam para o banho no hotel. Deus! Aquele homem me deixa louca.

Um tempo depois, abro os olhos e pego meu celular em cima do mármore – a borda da banheira – e vejo as horas. São dez e meia, e meu coração bate lentamente por saber que Ethan deve estar chegando.

Sentindo minhas mãos e meus pés enrugados, resolvo sair logo da água. No fundo eu tinha uma esperança do meu príncipe me pegar assim. Molhada, cheirosa, suave e carente. Mas não dá mais para ficar na água.

Seco-me e passo a toalha em meu corpo, me enrolando. No quarto meus olhos focam na cama e uma preguiça gostosa toma conta de mim.

Quando dou por mim estou deitada toda relaxa entre os travesseiros. Fiz um montinho na minha frente, para poder passar a perna e o braço, abraçando e pensando em Ethan. Poderia ser ele agora, mas como não chegou... E tenho certeza que minha pose na cama com meu corpo nu será tão tentadora para ele quanto eu na banheira molhada e cheirosa.

Minhas pálpebras tremem, pesadas, querendo fechar em um sono aconchegante, daqueles que nos leva suavemente e nem percebemos a hora que desligamos nosso cérebro e com toda certeza quando acordarmos, parece que dormimos por horas e na verdade foi um cochilo.



ME ASSUSTANDO, O TELEFONE TOCA, me despertando da soneca. Movo meu corpo com preguiça na cama, sento e bochecho alto. A boca bem aberta e os braços jogo para o alto, empreguçando. Nossa, que sono bom.

Olho na direção do meu celular em cima da mesa no canto do quarto, que ainda não foi mobilhado, mas tem mesa, cadeira, cama, espelho e o closet dos deuses.

Levanto e caminho nua até meu celular. Meu corpo todo se arrepia com o ar gelado que invade o quarto pela varanda. Esqueci de fechar as portas.

“Alô.” Atendo sem ver quem é.

“Oi, meu anjo.”

“Hmm... Por que está me ligando?” Indago e afasto o celular para ver as horas. *Nossa!* São onze e quarenta. “Ethan, onde você está?”

Escuto-o rir do outro lado da ligação antes de responder: “Estou em casa”.

“Casa?” Olho como uma doida para todos os cantos. Então o entendimento me domina. “Você ainda não veio para Malibu por que?”

“Antes de dizer o porquê, vou esclarecer que tentei ligar para você nos últimos cinquenta minutos, mas você não me atendeu. Eu quase saí correndo de carro até Malibu para ver o motivo, mas respirei fundo e falei com sua mãe que me garantiu que você tinha saído da casa dele umas horas antes e que disse que ia tomar banho. Então esperei você sair do banho e liguei, e você ainda não atendeu. Quase enfartei aqui.”

“Eu cochilei esperando você.”

“Eu deduzi isso.”

“Certo” falo calmo. “Por que você não está aqui, ou vindo?”

“Porque amanhã de manhã eu tenho uma reunião, não iria dar tempo.”

“E quando a gente estiver morando aqui?” Eu sei que minha voz demonstra minha infelicidade no momento. Não consigo conter.

“Victoria” fala um pouco sem paciência. “O problema não foi só esse. Eu sai da COLTON & BROWN era quase sete horas e depois passei na BROWN'S BUILDING. Fiquei um bom tempo lá vendo os toques finais dos escritórios e etc. Cheguei em casa dez horas e tomei banho. Então meu celular tocou, quando vi já eram dez e meia. Fui ligar para você neste momento e agora estava esperando você retornar quando visse que liguei, mas como sempre não esperei e liguei.” Respira. “Enfim, o que quero dizer é que hoje não tinha como eu chegar aí antes de uma da manhã, dormir – provavelmente – lá pelas duas e acordar às cinco da manhã para estar na cidade a tempo da reunião que é as sete em ponto.” Ethan solta uma respiração cansada. “Este foi o motivo que decidi não ir me encontrar com você aí. Me desculpe. Eu também não estou feliz com isso, no entanto, estou sendo responsável. Estou cansado demais para pegar uma estrada.”

Meus ombros caem com suas palavras. Ele tem razão. Totalmente. Eu também ficaria louca com ele nesta estrada a essa hora da noite e tendo que sair daqui correndo para chegar cedo amanhã e com a cama ainda em suas costas. Assim como ele está sendo responsável, eu tenho que ser compreensiva.

“Tudo bem, amor” murmuro e mordo o canto da boca. “Mas amanhã você vem?”

“Eu pensei que você fosse voltar.”

“É” respondo mal-humorada, “mas a Paola vai vir aqui de novo amanhã

cedo, então...”

Ethan respira fundo. “Certo, eu vou pra ir quando for umas cinco horas.”

“Ethan, não precisa.”

“Não vamos entrar em questão sobre isso. De tarde eu vou pra ir. Já estou com saudades de você e espero dormir profundamente para não sentir tanto a sua falta.”

Rio sentindo as borboletas no meu estômago. Acho que vai passar anos e anos e ele ainda vai continuar com sua áurea apaixonada e romântica fazendo essas frases e me deixando encantada como se fosse a primeira vez.

“Deus!” Suspiro. “Eu te amo.”

Ele ri e escuto-o bocejar.

“Oh, meu príncipe. Vai dormir. Você está cansado.”

“Estou mesmo, querida. E eu te amo muito mais.”

Suspiro alto, de novo. Pergunto se ele está pronto para dormir.

“Estou. Por quê?” enquanto escuto ele, deitado na cama.

“Porque estou me aconchegando neste exato momento, sentindo de leve seu cheiro no travesseiro que você usou da última vez e...”

“O quê?”

“Você está vestido como?”

“Hmm... Victoria não começa com essas ideias, querida.”

“Não é isso. Me responde, Ethan.”

Ele resmunga alguma coisa antes de responder: “Estou apenas de cueca.”

“Porque eu estava esperando você chegar aqui na banheira. Estava toda molhada, cheirosa e macia para você” escuto-o gemer e continuo: “e então eu fiquei com frio e fui me deitar. E adivinha... a toalha ficou esquecida na cadeira e para sua informação ainda continua esquecida lá.”

“Porra, Victoria.” Ele geme daquele jeito rouco e murmura: “Você está me deixando duro aqui e você sabe muito bem que não vou poder fazer nada.”

Rio balançando a cabeça. Depois que começamos a namorar, e consequentemente nossa relação cada vez mais intensa, Ethan disse que não se masturbou mais. Sei lá. Ele disse que não consegue gozar sem estar com as mãos em mim, ou dentro de mim. Céus! Esse homem não existe.

Ethan pede para eu ficar quietinha e parar de provocá-lo. Faço o que ele pede e conversamos coisas bobas até adormecemos. Mas antes de fechar os olhos, fico com sua promessa de que suas mãos deslizaram por meu corpo molhado na banheira amanhã.

ESTOU OLHANDO UM POUCO DESANIMADA PAOLA falar pelos cotovelos sobre a sala de estar colonial e moderna que ela quer fazer na sala principal da casa. Eu assinto e forço um sorriso besta na cara.

Eu acordei muito mal hoje. Tive um pesadelo e como estava sozinha nesta casa gigante, a solidão e os temores do sono foram insuportáveis. O jeito foi correr para a piscina e me distrair. Quando me acalmei fui para a casa dos meus pais, dando uma corrida pela praia até lá. Dei sorte de pegar eles na mesa do café da manhã, mas logo fui deixada sozinha quando eles foram trabalhar.

Agora estou fitando, sem focar, as mãos alegres de Paola, pela casa.

“Eu acho que –” ela para abruptamente, me olhando com surpresa. “Algum problema Victoria?”

“Não”, digo um tanto desanimada.

Ela ergue as sobrancelhas e se aproxima de mim, pegando uma de minhas mãos entre as suas.

“Você não precisa gostar de tudo que eu falo e muito menos aceitar. A casa é sua.”

“Não. Não.” Me apresso em dizer. “Não é nada disso. Eu só não estou me sentindo bem.”

“Hm...” ela lamenta e sorri sem graça. “Se você quiser nós podemos marcar para outro dia. Eu não me incomodo. Eu vim aqui ontem, então –”

“Eu gostaria de mentir e dizer que você pode continuar a falar tão entusiasmada sobre a casa, mas a verdade é que eu necessito de uma pausa.” Fecho os olhos brevemente. “Eu preciso ir para casa.”

“Eu entendo, Victoria.”

Assinto sutilmente e sorrio. “Então nós podemos nos ver sexta que vem? Vou aproveitar e passar o final de semana aqui e Ethan vai vir comigo.”

“Melhor ainda. Ele é importante aqui também” fala com um sorriso aberto.

O bichinho do ciúme tenta tomar meu raciocínio, mas eu sou mais forte. Paola está apenas sendo sensata. A casa não é só minha e o escritório é para ele.

“Certo, podemos marcar –” TRIM... O toque do meu celular nos interrompe. Paro franzindo a testa e peço licença ao atender. “Alô?”

“Victoria minha cunhada linda, minha filha está nascendo.” Anton exclama alegremente me enchendo de felicidade.



HOJE NOSSA FAMÍLIA ESTÁ EM FESTA. Colbie Rose Wilson Brown nasceu às duas horas com três

quilos e trezentos e com olhos azuis. *Deus*. Só em vê-la meu coração transbordou. Mas um membro dos Brown com esses olhos perfeitos.

“Ela puxou os olhos do avô Gideon” sussurro para a bebê.

“E também do tio.” Anton finge irritação, mas na verdade consigo até ver uma baba escorrer no canto da sua boca.

Eu fui uma das primeiras a chegar no hospital, por incrível que pareça mesmo vindo de Malibu. Eu cheguei a tempo de ver Anton exclamar para o hospital inteiro que era pai de uma nova menina agarrado aos braços da mãe. Lauren e Ryan veio com ele assim que a bolsa de Jennifer estouro. Logo, veio Gideon e Lavínia, que ainda não voltaram para Colorado. Os pais de Jenny, Rebecca – minha amiga – e seus pais, o irmão de Jennifer e a esposa. Cada um já veio ver a bebê, agora é minha vez.

“Oi lindinha da tia”, sussurro para Colbie em meus braços.

“Acho que seria madrinha.” Jenny diz baixinho.

Meus olhos se arregalam quando a encaro. “Sério?”

“É sim.” Ela assente. “Desta vez você será a madrinha da nossa filha. Você e meu irmão.”

“Oh, Jenny.” Digo e olho minha primeira afilhada como uma boboca. “Oi afilhada. Você já é muito amada por mim, viu. E se prepara” cochicho para a bebê de olhos atentos em mim, “para o tio mais babão do planeta.”

Escuto Anton e Jennifer ri, mas ainda estou tão concentrada em Colbie com seus gigantescos olhos azulados me fitando atentamente, piscando repentinas vezes e brilhantes. Ela se parece muito com Hannah bebê, no entanto seus olhinhos são azuis, os de Hannah eram mais para esverdeados como os de Anton, mas antes de completar um ano ficou com seus lindos olhos cor de âmbar. Mas essa aqui vai ter os olhos parecidos com os do meu marido. Seu tio babão.

Colbie também lembra muito o avô paterno, Gideon, que acaba se parecendo muito com Ethan. Meu coração não sabe se bate ou explode de amor e lá no fundo sinto uma amarga tristeza. Talvez o sentimento da minha gravidez tenha aflorado hoje. A situação, a emoção e ver Anton babando na nova filha, me transformou em uma sentimental.

Meus olhos queimam enquanto afago suas bochechas fofinhas e macias. Sinto como meu coração bate apertado. Sim, é claro que eu queria que fosse meu bebê e de Ethan nos meus braços agora.

Respiro fundo, pisco depressa para limpar minhas vistas e entrego o bebê a Lauren, que acaba de voltar para o quarto. Minha sogra me olha atentamente, procurando algo em meus olhos. E sei muito bem o que é e disfarço com um sorriso.

“Eu estou bem, Lauren. Só vou no banheiro.”

Ela move a cabeça de forma sugestiva e desconfiada. É claro que notou meu repentino estado de humor.

“Você pode falar comigo. Certo?!”

“É claro.” Digo sorrindo, e no fundo prendendo a vontade de chorar.

Vou dar um beijo em Jenny e Anton, e também em Hannah sentada na ponta direita da cama, agarrada a mãe. Ela está com ciúmes da irmã e nada mais natural depois de cinco anos de paparico exclusivo. Quando consigo fazer Hannah me soltar, aceno me despedindo.

Fora do quarto, tomo uma respiração profunda encostada na parede. Sinto minhas pernas instáveis e o que eu mais desejava comigo agora era ter meu marido aqui.

“Amor?” Ethan surgiu no corredor do hospital.

Oh céus. Prendo a respiração com a visão maravilhosa dele todo descabelado, a barba um pouco maior do que há dois dias, o terno azul e a camisa de linho azul clara visivelmente amarotada e os primeiros dois botões abertos. Todo desalinhado e perfeito.

Ele chega até a mim com mais algumas passadas firmes e suas mãos gigantes seguram meus ombros.

“O que houve?”

Não respondo. Dou um passo para frente e o abraço. As mãos de Ethan deslizam atrás de mim. Fechos meus olhos e deixo o pânico do pesadelo que se juntou ao estranho sentimento de saudade vindo do nascimento de Colbie sair de mim. Inspiro com força e sinto o cheiro do seu perfume com a mistura do seu suor. Isso me acalma.

“Nada” minha voz não sai firme. Que saco, não consigo esconder meus sentimentos. “Só queria que você me abraçasse. Nunca mais me deixe dormir sem você.”

“É claro que não, meu anjo. Me desculpe. Eu estava muito cansado e –”

“Não.” Interrompo e inclino meu corpo para trás, para poder fitar seu rosto. “Eu talvez ficaria maluca com você na estrada de manhãzinha e com certeza cansado. Você fez bem. Eu só...” balanço a cabeça desviando os olhos.

“Victoria”, ele coloca suas mãos embaixo do meu rosto, erguendo-o e acaricia com o polegar minha bochecha, “me fale a verdade. Você não parece bem.”

Engulo em seco e puxo uma respiração profunda. “Eu não sei explicar. Só sei que ver a bebê me deixou sentimental.” Foco meus olhos nos botões da sua camisa. “Foi como se algo dentro de mim se ascendessem e eu mesmo feliz com Colbie, fiquei triste por não ser o nosso bebê.” Olho para ele de volta. “Não sei

explicar. Não quando eu mesmo não lembro direito daqueles dias.”

Ethan me olha sereno e afaga meu rosto. Tira uma mecha do meu cabelo da frente do meu rosto e coloca atrás da minha orelha, aproveitando para deslizar a mão por meus cabelos e encontrar minha nuca. Fecho os olhos quando sinto sua intenção de me beijar. Ele puxa de leve meu rosto e sinto seus lábios nos meus. Suspiro em seus braços e me agarro a ele, circulando seu pescoço, me deixando ser levada pelo seu conforto. É um beijo sereno.

“Você não precisa lembrar para saber o quanto foi importante aqueles dias”, diz com a testa encostada na minha “e eu entendo perfeitamente o que você está sentindo, mas” afasta o rosto para fitar meus olhos, “não quero que você fique triste.”

“Não é uma tristeza ruim.” Movo os ombros, estranhamente. “É uma saudade e...” pauso.

“O que Victoria?”

“Eu fiz o teste e deu negativo.” Murmuro tristonha.

“Meu anjo.” Ele me abraça bem forte. “Está tudo bem. Quando chegar a hora, vai acontecer.”

“Eu sei. Eu sei. Só que tudo veio de uma vez só. O teste, dormir sozinha sem você, ter um pesadelo e o nascimento da bebê. Tudo hoje.” Abraço-o bem forte. “Eu preciso de você, Ethan. Preciso muito.”

“Eu estou aqui.” Ele fala baixinho entre meus cabelos, afagando minhas costas. “E hoje vamos dormir bem agarradinhos e quentinhos. Está tudo bem, meu anjo.”

Assinto freneticamente.

Ethan me deixa ficar um tempo em seus braços, mas quando uma pessoa passa no corredor do hospital e acaba nos esbarando. Nós voltamos para a realidade.

Ele me tira suavemente dos seus braços e segura meu rosto. Beija meus lábios e pega minha mão, segurando com um aperto reconfortante.

“Agora, vamos conhecer nossa sobrinha.”

Rio e aproximo meu rosto do seu e cochicho: “Na verdade, minha afilhada”

.

“Hmm...” ele faz com humor. “Então é mais um motivo para festa hoje.”

Abro um sorriso e assinto entrando com meu marido de mãos dadas no quarto, onde toda a família celebra a chegada do tio mais lindo e apaixonado de todos. Ethan é um príncipe encantado mesmo.

Vinte & Quatro

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 06 DE SETEMBRO DE 2014.



“SENHOR, ELE ESTÁ IMPACIENTE.” A voz de Debora pelo autofalante me faz voltar ao presente.

Deus! *Eu odeio as segundas.*

“Pode deixar que ele entre”, respondo sem humor.

Desligo o telefone e tento me concentrar no que me interessa.

Estou atento as cotações da bolsa desde que cheguei ao escritório. Tenho que ficar atento onde meto meu dinheiro. E como a BROWN'S BUILDING ainda está em andamento, os acionistas e apostadores da bolsa ficam duvidosos sobre os futuros lucros da recém nova empresa global no mercado. Embora eu seja o executivo financeiro sênior de uma empresa de porte como a COLTON & BROWN eles ainda ficam receosos. Eu entendo perfeitamente. Porém vou provar que sou tão bom sozinho quanto com a minha família.

“Eu achei que você iria continua a me ignorar?”

Meus olhos fogem da atenção do monitor da Bolsa de Valores. Respiro fundo e fito o rosto de Arnon Connor. Eu jurava que só Anton conseguia me tirar a paciência em poucos segundos. *Coisas de irmãos.*

“Então finalmente você vai me dizer o que você quer Arnon” solto sarcasticamente.

“Você fala como se não soubesse o porquê eu estou aqui.”

Caralho. Odeio falar com maluco.

“Eu realmente não sei porque você está aqui.” Falo secamente e cruzo as mãos sobre a mesa. “Sei que você está perturbando a minha secretária tem mais de um mês. Então, ou você fala logo o que quer, ou nós podemos marcar um jantar à luz de velas. Já está virando uma novela isso daqui, Arnon.”

Ele arfa com força e senta em uma das cadeiras em frente à minha mesa.

“O que eu quero com você é muito simples” diz jogando uma papelada na mesa.

A fúria toma conta de mim. *Que porra é essa?*

“Eu quero que você me explique isso, Arnon.”

Ele me ignora. “Você que me deve explicações. Por que que você fez isso? O seu problema era com a Nicole, não comigo.”

Franzo a testa e pego os papéis. Analisando, vejo que é uma escritura de um

prédio. Esse prédio é a sede da BROWN'S BUILDING. Olho para ele fazendo o movimento de cabeça, perplexidade.

“O que você quer me dizer ou me provar com esse documento?”

“Você roubou esse prédio de mim.”

“Eu não roubei o prédio de ninguém.” Falo sentindo o sarcasmo escorrer como se fosse veneno, embora o vilão seja Arnon nos contos de fadas. “Eu o comprei legitimamente. Você quer ver os papéis e conferir como ele está no meu nome?”

“Eu estava querendo esse prédio tem mais de três meses.” Insiste com raiva. “Eu tinha feito uma proposta de compra e aí simplesmente eu descubro que você comprou ele há um mês para você iniciar a sua empresa de merda.”

Levanto da cadeira fazendo-a rugir pelo chão e bater na parede atrás de mim. Ponho minhas mãos em cima da mesa em punhos e encaro ele rangendo os dentes.

“Você não vai me insultar dentro do meu escritório. Dentro da minha empresa.”

“Que eu saiba essa empresa não só é sua. É do seu pai, seu mimadinho.”

Tomo uma respiração para não arrebentar ele de porrada. Eu preciso ser o adulto nesta sala.

“Arnon, vou lhe falar uma coisa e de uma vez só.” Pauso voltando a me sentar na cadeira, tamborilando os dedos nos braços da cadeira. “Eu realmente não tenho nada contra você. O meu problema foi com a sua irmã, que na verdade Nicole para mim morreu há muito tempo”, intensifico meu olhar “e eu quero que ela continue morta.”

Vejo nitidamente ele cerrar a mandíbula e parecer contar até dez.

“Mas se você pensa que vai vir aqui me ofender, está muito enganado.”

“Você roubou o prédio de mim.”

“Não roubei merda nenhuma.” Digo com a voz rouca. “Aquele prédio estava vendendo como qualquer outro imóvel em Los Angeles ou em qualquer outro estado. E bem, eu gostei da localidade dele, da aparência e então,” dou de ombros “fiz uma proposta. E você bem sabe que quando um prédio está sendo leiloadado vence quem faz o melhor lance e se eu ganhei foi porque paguei mais.” Ergo a sobrancelha esquerda. “Significa que eu tenho mais dinheiro que você e atitude. Se você não tivesse ficado enrolando tanto e pechinchando o valor, ganharia. Mas não aconteceu. Lamento por você” *merda nenhuma* – completo mentalmente. – *Eu quero que ele engula suas ofensas. Babaca.*

Arnon solta o ar com arrogância e coloca as mãos na cintura, empurrando o paletó para trás, tentando me intimidar. Nossa diferença de idade é tão próxima que acho cômico ele tentar passar algum tipo de poder sobre mim. Eu sei muito

bem quem é Arnon Connor. Aliás, todos os Connor.

“Você comprar a merda do prédio não quer dizer porra nenhuma. Faça o que bem entende com ele e sua empresa.” Respira, estufando o peito e vira-se para ir, mas para e diz: “Sabe, eu achei bem engraçado você ter que fazer uma empresa para ser... Como posso dizer” ele faz uma pausa fingindo pensar algo importante, mas vejo em seus olhos a arrogância quando me encara. “Para ser independente. Deixar de estar embaixo das asas do seu pai.”

Levanto e coloco as mãos na mesa. “Achei que você já tinha terminado.” Cerro a mandíbula.

“Sim, mas quero lhe dizer uma coisa que talvez o seu pai não te ensinou.”

“Você está perdendo a noção das coisas. Se tocar no nome da minha —”

“Deixa de ser sentimental, porra. E aprenda uma coisa. No mundo do show business não existe amizade, nem acordos. Então se algum dia você precisar de mim ou da minha empresa, vai ficar querendo porque você acabou de adquirir um inimigo.”

“Ah, faça-me o favor, Arnon.” Reprimo a vontade de rir. “A sua empresa é sobre engenharia e a minha não tem nada a ver com isso.”

“Se eu trabalho com engenharia, significa que trabalho com imóveis e eu sei muito bem que você tem um giro de capital para ajudar prédios que estão a falência. Dando acordos e talvez salvando o prédio ou comprando ele para se associar de alguma forma a sua empresa.” Enfia as mãos no bolso. “Então tem tudo a ver comigo seus negócios. Eu faço a mesma coisa. Compro prédios e vendo em um preço acessível.”

Rio com ironia. “Um preço acessível significa que você extorque os outros. Se aproveitando das pessoas que estão desesperadas para ajeitar sua situação e assim você se dá bem em cima delas. É lamentável que você pensa que as pessoas têm que girar só em torno do seu mundinho de merda.”

“Não estou nem aí para seu julgamento, Ethan. Só acho uma pena você pensar pequeno.”

“Quer saber Arnon?! Você tem potencial e até poder ser uma boa pessoa no final de contas, apesar da irmã que tem.”

Ele solta uma risada debochada. “Para uma pessoa que você despreza é engraçado que até encontre com ela escondido da sua esposa em Aspen.”

O sangue ferve e quase explodo de raiva. Consigo sentir a veia do meu pescoço pulsar. A vontade que eu tenho de quebrar a cara dele é muito forte.

“Se você continuar, vou lhe colocar para fora daqui com minhas próprias mãos” cerro os punhos, “e lhe garanto que vai sair sangrando e só para constar. Eu não encontrei com a sua irmã, a verdade foi que ela me chantageou porque a única coisa que Nicole sabe fazer na vida é arrancar dinheiro das pessoas

fazendo chantagens mentirosas e eu sei muito bem que foi por culpa dela que tudo aconteceu lá. Tenho certeza que devo a ela os repórteres em cima de nós. Mas quer saber, tenho pena da Nicole. Ninguém nunca vai querer uma mulher que só sabe pensar nela mesma. Talvez seja mal de família.” Solto com sarcasmo.

“Eu estou pouco me lixando sobre o que você pensa ou deixa de pensar sobre nós. Eu não sou seu amiguinho e não vou fazer vista grossa se você se meter no meu caminho.”

Dou a volta na mesa e encaro ele. Mantendo distância porque não estou muito confiante de que não vou arrebentar a cara dele.

“Eu não sou Ryan Colton e nem muito menos o meu pai. Pode ter certeza que quem não vai fazer vista grossa e fingir que você não está no caminho, sou eu. Então presta bem atenção. Você vai esquecer essa merda de que eu comprei esse prédio e vai viver sua vida e fazer o que bem entender com seu dinheiro, com a sua empresa e com a sua vida. O acordo é simples, Arnon. Você me esquece e eu esqueço você.” Eu mal reconheço minha voz.

Ele respira pelo nariz, nitidamente cheia de ódio. Levanta o queixo e meneia a cabeça falando:

“Não, Ethan. Não vai ser simples assim. Eu nunca esqueço algo que alguém faz comigo. Seja bom ou ruim.”

“Mas eu não fiz nada.” Falo neutro. “Eu não sabia que você estava comprando o prédio. Eu mandei o meu advogado procurar uma boa localização. Ele achou e eu pedi para fazer a negociação e só assinei os papéis.”

“Você vai me dizer que não sabia que o prédio estava sendo negociado com outra pessoa?”

“Não. Porém, estou falando que o meu advogado conseguiu um preço que eu poderia pagar mesmo que fosse alto demais. Eu tinha esperança e dinheiro para conseguir aquele móvel.” Mexo os pés, agitado. *Porque estou tendo essa conversa com ele?* “Eu não lhe devo satisfação. Já acabamos com essa conversa. Eu não sabia que era você o outro comprado e fim de papo. E mesmo que eu soubesse, nada poderia fazer. Esse é o show business como você mesmo disse.”

“Se é assim que você quer.” Diz num tom de ameaça.

Cerro os olhos, retribuindo a ameaça, porém silenciosamente.

“Eu não tenho medo de você e não fica de ameaça dentro da minha empresa.” Passando por ele, abro a porta do meu escritório e viro-me convidando-o a se retirar. “Por gentileza.”

Arnon assente pensativo e caminha até a porta sem fazer contato visual comigo. No entanto, para e me encara. Abrindo um sorriso característico de um cafajeste, diz:

“Acho que você não pode ficar ameaçando as pessoas ou recusando ameaças. Afinal de contas eu sei onde é o seu tendão de Aquiles.”

Solta uma risada refletindo meu ódio:

“Se você está pensando no que eu estou pensando, você vai se dar mal. É melhor você fazer a sua vingança contra a mim sem atingir uma só faísca fora do lugar, no caso minha esposa. Talvez colocar pessoas que não tem nada a ver no seu campo de batalha, não seja inteligente. Não me peça para ficar entre seus joguinhos, Arnon. Porque eu não vou ter paciência e compostura para ser neutro.”

Sua sobrancelha direita levanta sutilmente. Arnon sempre foi muito irritante e extremamente debochado, mas não estou afim de gracinhas. Dando um passo à frente intimidador, digo olhando fixamente os olhos dele:

“Se você pensa que me conhece. Está errado. Pois lhe garanto, que nem eu mesmo me conheço quando se trata da minha esposa. Agora, saia daqui.” Engulo em seco, controlando minha raiva. “Por favor” cuspo as palavras que foi mais uma ordem do que um pedido.

Arnon torce a boca de lado, demonstrando um traço nítido de derrota e apruma a postura antes de sair andando com passos largos. Dando um olhar de aviso a Debora, nada mais de visitas surpresas e hoje com certeza, sem interrupções. Pode ser a minha mãe. Hoje não.

Viro-me e fecho a porta. Eu sei que nossa conversa não será esquecida facilmente. O sangue traiçoeiro dos Connor é um rastro que traz confusão. Mas espero de verdade que Arnon apenas seja meu concorrente, não inimigo.

Eu mal sento na cadeira e o telefone toca, me levando a pensar como seria bom estar em casa agora. Resmungo e ignoro a ligação quando vejo que é Anton. Depois me resolvo com ele. E de qualquer forma estou no meu horário de almoço. Ele está em casa com a esposa e as filhas. Há duas semanas está de licença paternidade.

Quando viro a cadeira para contemplar a visão do centro de Los Angeles, sinto um calafrio em meu corpo e fico em alerta. Escuto a porta da minha sala ser aberta e fechada rapidamente.

“O que aquele homem desprezível estava fazendo aqui?”

Instantaneamente um sorriso brota em minha face e giro minha cadeira para – agora – contemplar minha esposa. Ela está linda.

Veste uma saia social preta de cintura alta, blusa azul escura de seda por dentro da saia, salto alto e os cabelos loiros estão soltos e cheios. Ela parece diferente e adulta. A leve maquiagem apenas sobressai seus traços que já são perfeitos. Victoria a cada dia fica mais confiante, voltando a ser aquela mulher vivaz, sexy e forte que me apaixonei. Agora ela não é mais uma garotinha.

Minha princesa realmente está desabrochando e talvez a mudança de apelido foi na hora certa. Ela hoje é uma mulher.

“O que a *senhora* está fazendo aqui?” Pergunto com humor me levantando da cadeira.

É incrível. Ela acaba de mudar meu dia. Principalmente meu mau-humor.

Com passos firmes encontro-a no meio da sala e minhas mãos ansiosas puxam-na para mim, colando seu corpo ao meu. Beijo suavemente sua boca antes de ouvi-la responder.

“Vim fazer uma surpresa.”

Dessa surpresa eu gosto, e apoio.

“Hm... eu gosto disso.” Murmuro dando outro beijo nos seus lábios.

“Que bom” fala sorrindo e ergue sutilmente a sobrancelha esquerda.

“O que foi?”

“Nada”, responde sorrindo.

Rio e baixo o tom da minha voz. “Sabe de uma coisa. Eu sempre tive um sonho erótico com você sendo minha colega de trabalho sexy.”

Victoria solta uma gargalhada com força, passando as mãos em meu peito. “Mas agora só vou ser sua esposa sexy e...” dá de ombros, “em breve você não vai mais trabalhar aqui.”

“Não importa.” Beijo sua boca de leve. “Você pode ser o que quiser, por tanto que seja minha.”

“Oh!” Ela faz o som fofinho, os olhos brilhando. “Enfim, me diz o que Arnon estava fazendo aqui?”

“Ele veio para uma reunião.” Digo puxando-a para se sentar comigo na minha cadeira. Eu não quero que ela se envolva neste assunto, principalmente pela suposta ameaça a ela e a mim. Meu anjo se transforma em uma fera quando se trata de ameaças, principalmente a mim.

Usando a tática de distrai-la, seguro sua cintura com um pouco mais de força e uma silenciosa cobiça. Eu não estava de brincadeira. Realmente tenho um sonho safado de transar com Victoria no meu escritório – o daqui é claro, o de casa já fizemos algumas vezes – e hoje ela vir aqui, era tudo o que eu precisava. E como um moleque bobo, me sinto um pouco esperançoso de realizar meu sonho.

“Só isso?” Insiste, resistindo de vir para mim.

“Sim. Não era nada demais.” Merda. Não quero que ela pense em Arnon. “Deixa isso para lá e fica comigo. Vem!”

“Hun...” Ela torce a boca e me olha com a testa franzida.

“O que foi?” Indago erguendo minhas mãos, esperando-a se sentar no meu colo.

“O que você está fazendo?”

“Nada. Só estou querendo curtir o tempo com você já que veio me ver.”

“Essa cadeira vai quebrar com nós dois.” Ela retruca.

“Ah, deixa disso.” Faço as rodinhas funcionarem e a pego em um movimento rápido.

Victoria resmunga em protesto quando está sentada sobre minhas pernas, mas logo muda de postura quando beijo sua boca, enfiando a língua lentamente. Ela geme e seus braços me apertam, em um abraço aconchegante e quentinho. Fechando os olhos, ela desliza as mãos por meus ombros e enfia seus dedos entre meus cabelos. Dou uma risada baixa assistindo-a inclinar mais a cabeça, oferecendo seus lábios para mim. Prontamente atendo seu desejo e aprofundo o beijo, fechando meus olhos também e gemendo quando ela chupa minha língua.

Ela remexe o corpo inquieta em meu colo. Deixo minhas mãos escorregarem, apreciando suas curvas até encontrar a volta da sua bunda.

Abençoado seja o Dr. Marlon que está fazendo minha mulher desabrochar como uma linda flor. E abençoado seja também o agachamento, que está lhe fazendo ficar mais gostosa do que antes.

Há duas semanas ela voltou a malhar e comer melhor. Por incrível que parece, seu corpo ganhou alguns quilos e suas curvas estão voltando. Sem contar com os peitos, que até quando saiu do hospital há mais de um mês, magra e fraca, já estavam grandes. A gravidez transformou notavelmente seu corpo, mesmo não indo até o fim. E seus seios cresceram, ficaram volumosos. Agora com a malhação e os quilos que ganhou, estão ainda mais volumosos e eu encho as mãos com vontade neles – e tenho mãos grandes. Ou gigantes como minha esposa gosta de dizer.

Eu a amaria até se fosse bem magrinha, mas sinceramente prefiro ter no que agarrar e passar as mãos. Amo suas curvas. As coxas levemente torneadas, o bumbum macio, a cintura fina, os seios quentes e bom no tamanho certo para que eu possa encher as mãos e apertar.

Não vou negar que no início, a primeira impressão que tive – que me fez perder o equilíbrio – foi sua beleza, seu corpo. Mas no fundo o que eu mais amo, que a faz ser meu tipo de mulher perfeita. *A mulher da minha vida*. São seus olhos. Tão tempestuosos, brilhantes, transparentes. Ela me deixa bobo quando me olha intensamente, como acabara de fazer se levantando do meu colo e mordendo a boca.

“Volta aqui. Não faz isso com seu príncipe.”

Ela dá risada, os ombros tremendo de leve e seus olhos ficam ainda mais verdes. Tenho vontade de jogá-la em cima da mesa, rasgar suas roupas e me perder nela. *Ou seria me achar?* Não importa. Com ela, só penso nela. *Tudo é*

ela.

Deixando de sorrir, Victoria abaixa o rosto e vira o corpo levemente para o lado. Acompanho seus movimentos e meu coração acelera quando ela encontra o zíper da saia – que fica no lado – e desliza para baixo.

Oh, merda. Minha mão voa para o botão que tranca a porta e deixa todos os vidros opacos, sem perder o momento onde ela tira a saia e a blusa na minha frente. Ela abre um sorriso tão sutil, que talvez eu não perceberia senão a conhecesse tão bem. Quando ajeita os cabelos e coloca as mãos na cintura, seus olhos estão maliciosos. Lascivos.

“Você gostou?” Pergunta mexendo de leve os quadris.

Meu Deus! Ela está vestindo uma lingerie clara toda trabalhada em renda rosa. Uma fita de cetim marca sua cintura e o decote profundo em forma de V se une na nuca, fechado novamente por uma fita de cetim rosa. Adoro o fato de ser preso pelo laço delicado, que é ótimo para eu puxar de uma vez só. O decote deixa os peitos de Victoria cheios e redondinhos. Ela está incrivelmente sedutora. Seu corpo em poucas semanas de malhação está muito mudado.

Admiro-a estonteante. Acho que até babo. Victoria está linda demais.

Engulo em seco e controlo a insana vontade de agarrar ela. Sinto minha pressão sanguínea se concentrar no meio do meu peito e das pernas. Meu pau começa a latejar, necessitando de uma *atençãozinha*.

“Acho que você gostou.” Ela afirma com humor e dá uma voltinha na minha frente.

Putá merda. A parte de trás é mais transparente do que renda e sua bunda está deliciosa.

Mordo a boca e descaradamente quando ela volta a ficar de frente para mim, aperto meu membro endurecido.

“Amei, amor. Amei pra caralho.” Falo, minha voz meio apressada demais. É sempre assim. Eu viro um adolescente bobão quando a vejo de lingerie.

Victoria sorri e morde a boca.

“Por que eu estou merecendo isso? Não estou reclamando. Só curioso.”

Ela dá sua risada rouca, absolutamente sedutora e sacode a cabeça.

“Você merece sempre surpresas, Ethan. Mas a verdade é que hoje é um dia especial para mim” diz e vem para cima de mim.

Aprumo minha coluna, me mantendo sentado. Não sei se posso confiar nas forças das minhas pernas agora. Ela dá dois passos e eu posso tocá-la. Acaricio suas coxas de baixo para cima, olhando cada pedacinho do seu corpo e encontro seus olhos quando levanto a cabeça.

“Você sabia que as noivas fazem chá de lingerie?” Ela fala, a voz charmosa, passando as mãos nos meus cabelos.

“Não, eu não sabia” digo entrando no seu joguinho.

“E como eu sou uma noiva...” ela senta no meu colo, cada perna de um lado das minhas “hoje tive meu dia de escolher lingerie para a lua de mel.”

“Meu anjo, eu prefiro os presentes desembrulhados.”

Ela ri baixinho, mas com o sorriso em sua linda face.

“Eu jurava que você gostasse” murmura.

“De que?”

“Eu vestida de lingerie.”

“Ah, eu amo, mas” agarro sua bunda, puxando-a para mim e fazendo-a sentir o que *faz* comigo, “gosto mais de você nua. Livre para eu” meus dedos tateiam seu corpo até encontrar a fita do laço do body “explorar.”

Ela geme e deita a cabeça no meu ombro esquerdo. Puxa seus cabelos para o lado, deixando meu campo de visão liberado para terminar de abrir a lingerie. Inclino minha cabeça e deixo um beijo suave em seu ombro. Minhas mãos acariciam suas costas, sentindo quando seu corpo se arrepia e suas unhas cravam em meu pescoço.

“Sabe... você pode sonhar comigo sendo sua amiga de trabalho,” diz no meu ouvido, “mas eu *amo*” enfatiza a palavra “quando você está de terno e eu nua nos seus braços. Me sinto tão sexy. Meu homem não se aguenta e me quer até vestido. Já disse o quão gostoso e atraente você fica de terno?”

Sorrio dando um beijo no seu pescoço e com o mínimo esforço, a coloco de pé. Controlando meus nervos, tiro a peça do seu corpo, passando em suas pernas e Victoria ajuda, levantando os pés um de cada vez. Nua, cheirosa e toda gostosa, apenas com os sapatos. Ela me enfeitiça e caio de joelhos na sua frente.

“Ah... ah Ethan!” Geme agarrando meus cabelos quando minha boca encontra seu sexo úmido. Apenas em me provocar ela fica excitada.

Ela veio até a mim, linda e sexy como uma executiva poderosa e então tira a roupa me presenteia com seu corpo de lingerie. Meu autocontrole se foi no momento que ela procurou o zíper da saia.

Seguro firmemente seus quadris, limitando seus movimentos e apenas aproveitando seu sabor. Seus gemidos ficam cada vez mais apressados conforme minha língua brinca com a ponta do seu clitóris e depois o chupa com força. Deixo uma mão em sua cintura e a outra, passo por dentro das suas coxas. Sinto o calor e então meto um dedo dentro da sua boceta. Victoria respira com dificuldade e aperta meus cabelos com força. Não quero me demorar aqui, mas preciso sentir seu gosto na minha boca antes de foder seu corpo perfeito.

Essa sem dúvida é a surpresa mais gostosa do mundo.

Continuo a acariciar seu calor com a minha língua e dois dedos. Minha outra mão chega por cima e eu brinco com seu clitóris. Ela grita e se contrai

toda. A onda de calor que atravessa meu corpo é tão intensa quanto seu orgasmo.

Me sinto revigorado. Toda a tensão de minutos atrás se dissipou por completo.

Levanto para beijar Victoria, trocando nossos gostosos. Sentindo o sabor suave de menta com seu sabor que é só dela. Ela toca meu rosto e vagarosamente escorrega as mãos para os meus cabelos. Seus dedos movem-se com lentidão na carícia.

Eu estou começando a apreciar e amar esse novo jeito de Victoria. Uma explosão de sentimentos. Uma fúria ardente e sexy. E uma sedução doce e receptiva. Inspiro com força e abraço seu corpo quando ela se aproxima mais. Amo o fato de ela parecer sempre saber do que eu preciso. De me conhecer tão profundamente. Essa conexão é assim desde o começo.

Dou um selinho na sua boca e me afasto. Ela sorri e me surpreende descendo as mãos por meu peito. Meu sangue ferve quando se aproxima da minha virilha e ela deixa sua mão sobre a calça e acaricia o volume que meu pau faz sobre o pano.

“Por Deus, Victoria.” Falo com a voz rouca. “Meu anjo, eu estou amando conhecer este seu lado”, beijo-a de novo.

“Você merece.” Balbucia ela na minha boca.

Solto um gemido e fecho os olhos. Victoria aperta minha ereção e sua outra mão desce mais um pouco e acaricia perto do saco. *Porra!*

Agarro ela pela cintura e a levo para se sentar comigo na minha cadeira. Victoria senta no meu colo, deixando as pernas cada uma de um lado das minhas. Ela suspira quando corro minhas mãos por sua cintura, e nas suas costas, puxo-a para mim. Ela suspira quando lambo seu pescoço e desço minha boca. Junto seus seios, fazendo um montinho quentinho e macio e pego seu mamilo com a boca. Começo uma sucção longa e profunda, fazendo minha mulher gemer.

Me sinto faminto e a faço ficar a ponto de ter outro orgasmo quando paro meus movimentos. Victoria resmunga, mas quando entende o que quero me ajuda a descer a calça e senta no meu colo de novo. Ela joga a cabeça para trás e arqueia as costas quando a penetro até o fundo. Seguro com força sua cintura e começo a estocar para cima. Me deliciando com a sensação perfeita que é estar dentro dela.

“Porra. Você é deliciosa.” Falo beijando seu pescoço.

Suas mãos em meus ombros, agarram com força. Ela sobe e desce o corpo, nos ajudando a chegar no clímax juntos. Mas não quero que seja tão rápido assim, no entanto sei que não podemos demorar. Eu estou no trabalho, porra.

Pegando-a pela nuca, trago sua boca até a minha. Trocamos um beijo

molhado, profundo, furioso. Estamos perdidos nesse momento.

De repente acho que escuto um barulho do lado de fora, e mesmo sabendo que Debora entende perfeitamente que o fato da minha sala estar fechada e os vidros embasados, é para não ter importunos, a ansiedade toma conta de mim. Acelero meus movimentos, seguro Victoria bem perto de mim e aperto. A sensação de desafio corre em meu corpo. Chupo a língua dela e com um espasmo vindo do seu núcleo, gozo junto com ela em um orgasmo que me forço a não fazer nenhum ruído. Minha nossa.



EU NUNCA APRECIEI TANTO O SOFÁ NA MINHA SALA QUANTO HOJE. Victoria está deitada sobre mim nela, toda esticada e a cabeça no meu peito, os cabelos jogados sobre meu ombro direito. Minhas mãos livres, exploram seu corpo. Vagueando por suas costas – ainda – nuas.

Depois que acabamos na minha cadeira, trouxe ela para deitar um pouco no sofá comigo já que não tinha realmente ninguém me chamando. Este momento é mais prazeroso do que os dos minutos atrás. Eu amo ficar assim com meu anjo. Aconchegado e em paz.

Victoria suspira com força e sinto seu corpo amolecer mais um pouco. Sorrio e beijo o topo da sua cabeça.

“Acho que alguém está sonolenta” falo tirando o cabelo do seu rosto, para eu poder enxergar seu perfil.

“Mmm...” ela geme baixinho. “Acho que alguém não estava tão exausto, senão não teria me deixado assim.”

Isso me faz soltar uma gargalhada forte e agarrar sua bunda. Meu paletó está servindo de lençol para nós dois, e de verdade, este momento é tão bom. *Onde eu sonhei, ou imaginei, ser casado e feliz?* Esse pensamento me faz abraçar minha esposa trazendo-a mais para cima e encontrar sua boca em um beijo terno. Me afasto e seguro seu rosto, olho dentro dos seus olhos e digo:

“Eu amo você, sabia.”

Ela abre um sorriso – aquele sorriso encantador que deixa seus olhos brilhando – e assente.

“Eu sei muito bem disso, senhor apaixonado.”

Rio e completo. “Não é isso, meu anjo. Ter esse momento aqui para mim é único. Por todas as coisas que já passei em minha vida até aqui...” puxo a respiração. “É sério, às vezes não acredito que você está aqui comigo. Que eu sou um homem casado –”

“E prestes a se casar de novo.” Victoria murmura me interrompendo.

“É verdade e pode ter certeza que vamos repetir diversas vezes, porque eu

nunca vou me cansar de prometer te amar, cuidar e proteger para sempre.”

Victoria assente com um sorrisinho, e chegando mais para cima, acaricia meu rosto e inclina o seu, passando suavemente seu nariz no meu. Fecho os olhos, a beijo e continuo:

“E que eu estou prestes a ter meu próprio negócio e já conquistei tanta coisa.” Abro os olhos para poder encarar os olhos verdes mais lindos e intensos. “E tudo graças a você.”

“Ethan, nada foi por causa de mim. Foi porque você é um homem incrível e esforçado.”

“Não. Você tem que entender que o fato de você estar na minha vida foi o motivo maior para eu querer ao máximo realizar esses objetivos. Você é minha inspiração. Minha força”, movo os ombros. “Estou sendo invasivo, não é?!”

“Não está, não.” Diz sorrindo e beija meu peito, e volta a me encarar. “Eu entendo perfeitamente o que você está falando Ethan e fico muito feliz por ser essa pessoa na sua vida. Nossa, eu amo ser essa pessoa.”

“Eu também, meu anjo. Amo demais.” Afirmo e pego seu rosto entre minhas mãos e selo seus lábios com um beijo profundo. Victoria passa os braços por trás dos meu pescoço, se chegando mais para cima de mim e silenciosamente tenta intensificar o beijo.

“Amor” murmuro na sua boca, tentando me afastar, “eu amaria ficar assim com você, mas eu tenho uma reunião ainda hoje e uma videoconferência.”

Ela resmunga e por fim para de me beijar. Fitando-me, ela suspira e passa os dedos sutilmente em meus lábios.

“Mas está tão confortável.” Fala acariciando meu peito com seu rosto como uma gatinha.

“É, eu gostei muito da surpresa. Eu precisava disso e nem sabia.”

“Fico contente que ajudei.”

Beijos seus cabelos antes de dizer: “E muito, meu anjo. Porém está na hora de levantar.”

Ela ri e lentamente se levanta. Fico admirando-a nua na minha frente caminhando pelo escritório. Ela pega suas roupas no chão e leva para o meu banheiro privativo.

“Vou sujar sua toalinha de rosto.” Fala alto.

Tomando coragem levanto e vou atrás dela. Realmente, essa aventura vez meu corpo relaxar de uma tal forma que meus músculos estão fracos.

Assim como Victoria, pego minhas roupas e vou para o banheiro. A pego terminando de vestir a lingerie.

“Deixa que eu ajudo.” Falo tirando suas mãos com carinho e termino de dar o nó no lacinho de trás.

“Achei que você só gostasse de desembulhar os presentes.”

Rio e segurando-a pela cintura, giro seu corpo e a puxo para os meus braços. Dou um beijo em sua boca.

“Você está muito safada. Cadê minha princesa que tinha até vergonha de deixar a mão no meu ombro?”

“Hmm... ela agora não precisa ficar assim.”

“Por quê?”

“Porque ela se transformou na princesa do príncipe lindo e gostoso dela.”

“Resposta certa.” Digo e a beijo mais uma vez.

Vendo seu sorriso travesso, me afasto e a deixo terminar de se aprontar. Faço o mesmo, e enquanto coloco o terno um pouco amarrotado, escuto-a falar sobre os bolos que ela experimentou. Que está difícil escolher qual é o melhor, e fala do vestido de noiva.

“Eu não sei ao certo o que devo colocar.”

De frente ao espelho do banheiro, paro de ajeitar a gravata e franzo a testa encarando seu rosto em uma careta engraçada ao retocar a maquiagem. Nada muito extravagante, mas que realça sua beleza.

“Use o que você quiser.” Respondo curto e direto. Por mim ela pode se enrolar em um lençol branco que vai ser a minha esposa, noiva, mulher mais linda do universo.

Victoria pisca os olhos de forma doce e morde o lábio inferior. “Ah, eu queria algo que me deixasse feliz e ao mesmo tempo fosse a nossa cara.”

Viro-me para ela e seguro seu rosto. “Escuta, você pode usar o que quiser. O casamento é seu, porque para dizer a verdade o que mais me importa nesta vida é o fato de estar vivo ao seu lado e acordar todos os dias. Se estamos casados ou não, não faz diferença. E neste caso, meu amor, você já é a Sra. Brown. Só estamos reafirmando nossos votos.”

“Eu sei” diz baixinho. “Mas para mim é...”

“Sim, é a primeira vez.” Completo a frase quando ela para. Eu não sei como reagir ao fato de ela não lembrar daquele dia. Foi o melhor da minha vida. “Enfim, não importa. Use o vestido que você mais gostar. Experimente todos e escolha o mais legal.”

“Ah, Ethan, você não existe. Eu te adoro tanto, meu príncipe lindo.”

Balanço a cabeça e a trago para os meus braços quando ela impulsiona o corpo para frente. Olhando para o lado, vejo nosso reflexo no espelho. Meus braços circulando seu corpo vestido apenas com o body da lingerie e a saia, o rosto no meu peito, suas mãos suavemente em meus ombros, coberto pelo terno.

“Nós fazemos uma imagem bem bonita.” Ela diz sorrindo e seus olhos acabam encontrando os meus depois de admirar nós dois.

Tenho vontade de dizer o quanto a amo. O quanto vê-la sorrir me deixa anestesiado. Ter ela aqui é tão importante. E por algum motivo o medo que sofri os meses atrás vem como uma onda forte de emoção e eu a abraço com mais força. Inspiro com força e fecho os olhos. E sinto que quando ela retribua meu gesto, *ela sabe*. Eu sou um menino nos braços dela. Sou dela tão profundamente.

“Eu estou aqui, Ethan”, ela murmura com a voz embargada, o ar da sua respiração em meu pescoço.

Assinto e abro os olhos. Confirmando se ela está em meus braços e sorrio para o seu perfil. Os olhos molhados e tão perfeitos.

“Você é meu sonho.”

Ela me encara e coloca suas mãos no meu rosto suavemente.

“Você é minha realidade.”

Um ruído sai de mim. Talvez por causa da emoção que estou sentindo. Vejo Victoria sorrir e respiramos fundo juntos, nos recompondo.

“Vamos deixar essa bobagem de lado. Você tem sua reunião e eu preciso ir para a casa de Jenny. Hannah está me esperando e agora eu preciso dar tanto amor a ela quanto para Colbie. Não quero que ela pense que foi esquecida.”

“De forma alguma. Ela sempre será meu anjinho.”

Minha esposa sorri e passa a mão na minha barba. “Com certeza. Enfim, você vai demorar a chegar em casa hoje?”

“Espero que não, mas não prometo chegar a tempo do jantar. Depois daqui vou ao local que será o evento.”

Sábado, será o evento de inauguração da BROWN'S BUILDING e eu estou enlouquecendo.

“Está bem. Eu entendo. Só que você pode fazer o favor de me acordar quando chegar?”

“Amor, eu –”

“Não começa. Eu quero que você me acorde. Morro de saudades de você o dia todo e quando você chega não lhe vejo. Por favor, me acorde.”

Arfo e assinto.

“Ótimo. Vou esperar ansiosa.”

“Eu também.”

Beijo sua testa, me afasto e pego sua bolsa.

A encontro na porta sorrindo. Ela estica a mão, segura a minha e me faz levá-la até o elevador. Percebo alguns funcionários nos olhando, mas quero que eles se fodam. Essa é a minha mulher. Uma das donas dessa empresa e absolutamente da minha vida. *Merda*. Isso foi brega.

“Que cara foi essa?” Victoria indaga me encarando na porta do elevador.

Sorrio e balanço a cabeça. “Nada. Só estou pensando o quanto sou sortudo

e você ser meu melhor remédio.”

Ela abre um sorriso gigante e se aproxima para me dar um beijo rápido ficando na ponta dos pés.

“Sempre que você precisar, é só chamar. É um enorme prazer deixar você feliz e com essa cara de bobo.”

“Não vou esquecer isso.”

Victoria solta sua risadinha e morde a boca. Essa mulher acaba comigo.



Q U I N T A - F E I R A , 0 9 D E S E T E M B R O D E 2 0 1 4 .

M E U S P E N S A M E N T O S E S T ã o L O N G E , analisando o último documento da C O L T O N & B R O W N que está sobre minha responsabilidade, quando escuto Debora entrar na sala. Cerrando o maxilar, levanto sutilmente os olhos para vê-la se aproximando da mesa.

“Senhor, acabou de chegar isso.”

“Deixa por aqui e eu vejo quando terminar este documento.”

“Certo”, diz pondo o envelope no canto da mesa. “Ah, e eu também queria falar sobre minhas pesquisas.”

Franzo o cenho e a encaro. Abrindo um sorriso amarelo, ela responde minha pergunta silenciosa.

“Eu encontrei um ótimo investidor para a área ecológica e entrei em contato. E foi ele que se interessou pela proposta da empresa, aquele portfólio que o senhor fez a procura de novos investidores.”

Assinto, prestando atenção e incentivando-a a continuar.

“Sua marca tem tudo a ver com B R O W N ’ S B U I L D I N G ”, fala entusiasmada e coloca uns papéis na minha frente. “Eu pesquisei tudo sobre ele e sua empresa. Se o senhor quiser dar uma olhada.”

Faço um aceno de cabeça e analiso os papéis rapidamente, vendo as informações mais importantes. Realmente juntar o nome da minha empresa com um homem que investe em ajudar o planeta e a fome no mundo, é perfeito. Eu realmente quero uma área responsável para ONGs. Isso não só me deixaria feliz como a minha esposa também.

“Parece uma ótima oportunidade.” Digo olhando minha secretária. “Pode marcar uma reunião com ele.”

“Eu não marquei de uma vez porque há um probleminha.”

“Qual seria?”

“A empresa fica em Seattle e como é o senhor que vai ser beneficiado e

mostrar sua proposta para ele se afiliar a BROWN'S BUILDING, é o senhor que deve ir até lá."

"Eles falaram que eu preciso ir?"

"Bem," ela diminui o tom de voz "não falaram, porém acho que seria uma boa ideia o senhor visitar eles. Sabe, dar o aperto de mãos."

Realmente é o melhor a se fazer. Conhecer pessoalmente quem está por trás dos papéis. Falar, ouvir e até trocar ideias.

"Quando seria prudente esta reunião?"

"Eu creio que o quanto antes. A empresa de fato inaugura este final de semana. A festa e a apresentação, é agora." Debora dá de ombros. "Eu acho que o senhor poderia ir na segunda que vem e voltar na quarta. Ficar mais um dia para mostrar interesse e querer conhecer todas as áreas."

"É, eu sei." Falo balançando a cabeça e refletindo.

Esta é uma ótima proposta. Trazer esse tipo de tópico para a BROWN'S BUILDING. Porém não consigo tomar essa decisão sem falar com Victoria e sentir que ela ficará bem sem mim, ou até mesmo que ela vá comigo. Eu não quero colocar uma coleira na minha esposa e muito menos fazê-la agora minha refém. A luta pela qual nós dois mais lutamos foi sua liberdade, e não será eu que destruirá este ideal de vida.



NA MESA DA SALA DE CONFERÊNCIA, tento prestar atenção no assunto. Sei que se trata sobre tecnologia e o grupo de Nova York querendo se afiliar a uma empresa vizinha da sede de Manhattan. Fora isso, meus pensamentos não conseguem processar outra coisa a não ser como vou falar com Victoria sobre a viagem. E na verdade, meu problema é minha reação ao fato de ficar longe dela.

Merda. Estou me comportando como um marido maníaco e doentio. Não quero ficar assim. Não quero demonstrar a ela que fico com medo de ficar longe. E são tantos pensamentos. De preocupação – os fantasmas das ameaças passadas – ao fato do seu coma. Simplesmente não consigo desligar meus sentimentos quando se trata de Victoria.

"Então, o que você acha Ethan?" escuto ao longe e levanto o rosto procurando quem falou, que por sinal repete. "Ethan?" Cora me olha com os olhos intrigados.

"Desculpe", lamento e balanço a cabeça. "Poderia fazer a pergunta de novo?"

Cora abre um sorriso compreensível. "Nós queríamos saber o que você acha sobre a campanha sobre conscientização ao meio ambiente ser a nova abertura do nosso site."

“E esta campanha foi sua esposa que deu a ideia há cinco anos.” Anton completa.

Respiro fundo e troca um olhar irritado com meu irmão. Ele sempre tem que dar sua opinião.

“Eu sei muito bem disso.” Afirmo, e mais calmo, dirijo-me para Cora e os demais. “Me perdoem estar um pouco distraído, e a resposta é sim. Acho uma excelente ideia esta campanha ser abordada com mais ênfase.”

“Então vamos fazer. Acredito que Victoria ficará muito feliz com isso.” Cora fala como uma verdadeira mãe coruja e olha para o marido. Will abre um pequeno sorriso e muda de foco a reunião.



ESTOU PRESTES A TOMAR O RUMO PARA FORA da sala de conferencia e logicamente para minha sala, e de lá direto para o elevador. Estou com pressa para ir logo para casa. *Ah, droga.* Ainda preciso dar uma olhada na sede da minha empresa. Eu quero tanto descansar.

“Espere, Ethan.” Escuto Will me chamar e paro com a mão na maçaneta da porta de vidro. Cerro a mandíbula e por conveniência fico segurando a porta aberta para todo mundo passar.

“Você precisa ir com mais calma.” Cora fala quando passa por mim com seu sorriso doce.

“Não prometo, mas vou tentar.”

“Espero que sim.” Diz sumindo pelo corredor que leva para as outras salas.

Na porta, espero todos saírem e quando fica apenas eu e Will, ele pede para eu fechar a porta e ficar. Dando um olhar um pouco impaciente faço o que pediu.

“Pode falar o que quer, por favor.” Digo ao me sentar na cadeira da ponta, perto da sua que fica na cabeceira.

“Não é nada demais, porém acredito que será muito importante.”

Franzo o cenho e olho para ele com ceticismo. Eu tento mudar meu jeito com William, mas a verdade é que sempre fico na defensiva. Nossas discussões é um fantasma vivo no presente, assim como o medo dando as caras por esses dias.

“Pode dizer.”

Ele apoia os braços na mesa, os cotovelos afastados, demonstrando que está à vontade. Com certeza, o que quer que ele vá falar, não é grave.

“Ethan, eu sei que nós dois já tivemos muitas desavenças, mas agora estou falando como seu sogro. Não apenas para o seu bem, como o da minha filha.”

“Não estou entendendo.”

“Quero dizer sobre você andar cansado. Você mal estava presente na

reunião hoje. Talvez o seu corpo estivesse, mas seu cérebro não, e eu não quero que você se entregue tanto assim ao trabalho. Não irá fazer bem à você, e como um homem casado, vou lhe confessar que as esposas não gostam.”

Meus ombros caem e o deixo de encarar. “Você tem razão, no entanto, eu não estou assim apenas por causa da empresa.”

“É porque então?” prontamente ele pergunta. Essa ansiedade é de família.

“Eu preciso fazer uma viagem”, levanto a cabeça e fito seus olhos, “e confesso que apesar de saber que aquele perigo acabou, não estou tranquilo.”

“Para onde você vai?”

“Seattle.”

“Quando?”

“Debora vai marcar a reunião pra terça, então provavelmente eu devo pegar o jatinho segunda à noite.”

Will respira fundo. “Você já falou com ela? O que Victoria falou sobre a viagem?”

“Eu soube hoje de tarde. Debora estava tentando conseguir investidores e conseguiu contato com este. Eu realmente gostei do trabalho e quero ir.”

“Então vai e leva ela com você.”

“Nós vamos nos casar mês que vem, tenho certeza que Victoria irá preferir ficar e continuar a preparar as coisas para o casamento.”

“Ethan”, William suspira com força, “o que você quer afinal?”

“Eu quero parar de sentir essa insegurança. Eu sei que ela está bem. Nós fizemos tudo, eu...” paro. Merda. Por pouco conto que matei Carl.

“Eu lhe entendo, Ethan, mas não vejo motivo para ficar assim. Victoria está bem e ficará mesmo com você viajando, e sobre a sua empresa, você terá várias viagens e precisa superar tudo que aconteceu para seguir em frente. Tenha confiança.”

“Eu sei”, digo assentindo e meus olhos seguem para a janela panorâmica da sala. “O problema é que não faz muito tempo.”

“Você precisa curtir os dias com ela e é por este motivo que chamei você aqui. Com sua empresa, os trabalhos e as responsabilidades, tenho medo que você faça como eu um dia, e esqueça o mais importante que é curtir a vida ao lado de quem a gente ama. Não faça isso para não se arrepender depois.”

Assinto encarando meu sogro e levanto. Will levanta da cadeira também e nós trocamos um aperto de mãos.

“Obrigado pela dica. Eu prometo não ficar distante de Victoria.”

“Espero que sim.” Ele afirma. “E fique despreocupado, eu vou cuidar dela todas as vezes que você precisar se ausentar e ela não poder ir.”

Ergo a sobrancelha, o que faz Will abrir um sorriso sem graça.

“Eu sei que as últimas vezes que prometi cuidar dela, não deu certo, mas dessa vez não temos realmente com o que se preocupar. Vai ficar tudo bem, lhe garanto.”

Inspiro com força e dou um aceno de cabeça.

“Assim como você me disse há um ano atrás; confiar não é o meu forte também, porém eu sei que além de mim, você, Cora e seus pais são as pessoas que mãos amam minha esposa. Eu não tenho o porquê de duvidar da sua palavra.”

“Com certeza.”



CANSADO, ANDO PELA CASA NUM BREU e subo as escadas calmamente para não acordar Zeus dormindo perto das portas de correr da varanda. No andar do nosso quarto, encontro a porta encostada e o som da TV ligada.

“Amor”, sussurro ao entrar no quarto, mas não tenho resposta.

Sorrio vendo seu corpo deitado no meio da cama, um pouco espalhado e de lado. Acho que ela estava com saudades de mim. Um dos meus travesseiros está em seus braços e sua cabeça pousando no outro. Ela dorme tranquilamente, a respiração serena. Na TV, passa um filme de época preto e branco em um dos canais que só tem filmes assim. Victoria é uma romântica incurável.

Deixando meu paletó na cadeira e minha pasta na mesa, tiro os sapatos de uma vez – já que vou tomar um banho para me deitar – me aproximo da cama.

“Meu anjo.” Digo sentado na beira da cama, acariciando seu rosto suavemente. “Cheguei.”

“Hmm...” ela resmunga e se mexe na cama, virando o corpo totalmente para mim. “Ethan.”

“Oi.” Falo fitando seus olhos sonolentos. Sorrio e me inclino para beijar seus lábios de leve.

“Que horas são?”

“Onze.”

“Nossa! Você chegou muito tarde.” Diz em alerta e tenta sentar.

“Não levante. Eu já vou vir me deitar.”

“Não.” Insiste e consegue sentar no meio da cama. Ajeita os cabelos, tirando da frente do rosto e passa as mãos no meu peito. “Você quer comer alguma coisa? Quer que eu prepare?”

“Não precisa. Eu comi no escritório.”

“De verdade?” Fala desconfiada, os olhos cerrados. “Você sabe que se eu quiser posso perguntar a Debora.”

Rio e seguro seu rosto para beijá-la de verdade. Esse é o melhor jeito de

acalmar minha fera. Quando se trata de mim, meu anjo desaparece e vira uma guerreira pronta para batalha.

Victoria suspira quando me afasto e deixa o corpo cair para frente, se aconchegando em meus braços.

“Isso não vale.” Reclama de olhos fechados e um sorriso bobo.

“O que não vale? Eu calar minha esposa com um beijo?”

Ela ri e ergue o corpo. “Você vai tomar banho agora?”

“Vou sim e não demoro. Estou louco para me enterrar debaixo desse edredom com você e dormir agarradinho.”

“Ah, você é um fofo.” Me beija e deita na cama, cobrindo-se e fazendo um charme com os olhos. “Então vai logo. Estarei esperando por você.”

Concordo e pisca o olho para ele, levanto e pego o caminho do banheiro.

“Quer que eu desligue a televisão?” Pergunto quando passo pela TV.

“Não. Vou terminar de ver este filme enquanto você toma banho.”

“Certo.” Digo e entro no banheiro, e rapidamente tiro minhas roupas.

O jato de água quente traz um alívio incrível para a dor em minhas costas. Me ensaboo e rapidamente dou uma lavada no cabelo. Por algum motivo o fato de o clima não estar muito bom para demorar no banho, ou ficar na banheira com Victoria como nós gostamos, me desperta uma ideia para o local onde será nossa lua de mel. Com certeza preciso de sol e calor. Pouca roupa, banhos de mar e banheira livremente, e passeios ao entardecer. E como minha esposa não conheceu muito do mundo, acho que vamos dar um longo passei nesses trinta dias.

Saio do banho, me seco, esfregando exageradamente meus cabelos para não molhar a cama e não ficar doente. É tudo o que eu não preciso. E rapidamente coloco uma calça de flanela e fecho a porta de correr que separa o banheiro.

“Você está bonito.” Victoria diz acompanhando meus passos até o lado da cama onde durmo.

“Isso tudo por causa da calça?”

Ela dá uma risada e se encolhe na cama quando vou fazer cócegas nela.

“Ah para com isso. Ethan!”

“Você que provocou.”

Ela ri alto e tenta segurar minhas mãos. Não deixo e giro meus punhos e consigo segurar as mãos dela. Prendo seus braços ao lado do corpo, as mãos sobre a cabeça e ponho meu corpo um pouco sobre o dela. Fito seus olhos e antes de beijá-la digo que a amo e estou com saudades.

“Eu também fiquei com saudades de você hoje. Na verdade, a semana toda você está chegando tarde.”

“Eu sei, meu anjo.” Digo com culpa e solto suas mãos. “Me desculpe.”

“Não precisa se desculpar.” Acaricia meu rosto, demorando-se em minha barba. “Eu estou muito orgulhosa de você e sei que você vai longe. Está tudo bem.”

“Eu sei, mas não quero ficar ausente.”

“Você não está, amor. Você está trabalhando, fazendo seu nome e me deixando muito orgulhosa. Não pense assim.”

Respiro fundo e deixo meu corpo cair na cama, afundando entre o colchão e a traga para os meus braços. Inspiro com força para sentir seu aroma e beijo o topo da sua cabeça, apoiada no meu peito.

“Se eu precisar viajar, você vai ficar bem?”

“Claro que sim.”

“E se essa viagem for segunda-feira?”

Victoria ergue o corpo, apoia os braços no meu peito e me encara.

“Você vai precisar ir aonde?”

“Em Seattle.”

Ela franze a testa. Acho que não gostou da ideia.

“Vai precisar ficar muito tempo? Quer que vá?”

“Não, e não sei. Se você quiser, vai. Não quero que você fique atrás de mim como uma prisioneira.”

“Não pensei assim, mas enfim.” Sinto sua mão passar por minhas costelas, parando perto da barra da minha calça. “Se você precisar que eu vá.”

“Não é uma questão de eu precisar que você vá. Saudades as vezes é bom e...”

“E o que?”

“Eu só vou ficar preocupado.”

Ela baixa os olhos e sua outra mão faz círculos aleatórios sobre meu peito. “Você está pensando sobre as coisas que aconteceram com a gente e está com medo?” Olho para mim. “É compreensível, porém aquilo é passado. Eu vou ficar bem e se não tivesse tanta coisa para fazer do casamento eu iria.”

“Foi o que eu falei com seu pai.”

Ela assente e sorri antes de dizer: “Então está resolvido” deita-se ao meu lado, se aconchegando e murmura no meu ouvido. Seu corpo parcialmente sobre o meu. “Eu vou sentir muita sua falta, mas será poucos dias, certo?”

“Sim. Eu vou segunda e quarta pretendo estar de volta.”

“Ótimo! E enquanto isso vou terminar meu vestido.”

“De casamento?”

“É claro.” Sinto o ar sair da sua boca quando ela rir. “Estou correndo contra o tempo. Ainda não me decide.”

“Já disse que você pode ir como quiser que será a noiva mais linda do

mundo.”

Victoria dá risada e beija meu ombro. “Te amo”, diz baixinho, sonolenta.

“Durma, meu anjo.” Me viro e a trago para os meus braços, protetoramente.

“Boa noite.” Beija meu peito.

“Boa noite e eu amo você muito.”

Ela sorri e encolhe o corpo, passando o nariz no meu pescoço. Sorrio de olhos fechados e relaxo.

Vinte & Cinco

Victoria

SEXTA-FEIRA, 10 DE SETEMBRO DE 2014.



“DEUS EU PENSEI QUE VOCÊ SÓ OLHARIA ISSO SEMANA QUE VEM.” Clara reclama enquanto passa as mãos pela milionésima vez no vestido de madrinha.

“Para de reclamar.” Franzo a testa e pego mais um pouco do champanhe.

Eu não sei o porquê, mas todas as butuques de noiva gostam de servir doces e champanhe. Por acaso é para deixar as noivas relaxadas e menos estressa com o fato delas estarem prestes a tomar uma decisão importantíssima da vida delas?! Se for, no meu caso nem precisa. Primeiro que eu já sou casada com meu futuro marido, e segundo que eu caso com Ethan quantas vezes nós achamos bom. Ele é o único para mim.

“Para de tomar esse champanhe” Clara diz descendo do palquinho onde a costureira estava ajeitando a bainha do seu vestido. “Está fazendo cara de bêbeda.”

“Não é o champanhe.”

“É o que?” Pergunta com as mãos na cintura e franze a testa.

“É meu marido. Estou pensando nele.”

“Ah, que coisa. Eu fico com meu glicerídeo alto com vocês dois.”

Reviro os olhos e a ignoro com louvor. Clara fala assim porque não tem um pingo de romantismo num só osso do seu corpo magro. Acho que na relação dela, Lucca é o romântico. E pensando nele...

“Como está Lucca?”

“Victoria –”

“Victoria o quê?” falo exasperada. “Você está fugindo do assunto desde a hora do almoço. Qual o problema com você?”

Clara balança a cabeça entrando no provador. Escuto-a reclamando enquanto tira o vestido e sorrio. Minha amiga não toma jeito.

“Você deveria estar feliz por eu escolher um vestido tão simples para as madrinhas.”

“U-hum” ela concorda com um ar irônico. “Não estou me queixando disto, apenas... Não sei. Só quero ir para casa.” Ela sai da cabine e não me encara quando vai se sentar para calçar sua sandália.

A brincadeira e a vontade de provocá-la me abandonam por completo. Eu

acho que ela realmente está mal. E eu nunca a vi assim. Não mesmo e não aguento mais isso.

“Clara, você pode falar comigo, amiga” murmuro, fazendo um esforço para ser amena.

“Eu não tenho nada o que falar, Vic. Está tudo bem.”

“Não, não está.”

Vejo quando ela engole em seco e pisca o olho com um pouco mais de força. Está se controlando.

“Amiga, você pode se abrir para mim. Eu quero lhe ajudar, Clara.”

“Eu sei que você quer, Vic, mas é complicado.”

“Complicado por que? Vocês se gostam, ah... eu vi a foto de vocês no meu casamento em Aspen. Vocês dois foram meus padrinhos e estavam tão bem. Então” dou de ombros, “como agora não existe mais nada?”

“Eu não estou dizendo que não existe mais nada”, ela diz e seus olhos enchem d’água. “Eu só não quero falar.” Seu rosto se contorce em tristeza e sua voz fica tão embargada que ela para como estivesse sufocando.

Meu coração também se contorce por saber que ela está sofrendo. Seja lá o que aconteceu entre ela e Lucca foi muito grave e eu nem sei como posso ajudar, mas sei que não vou ficar parada.



HOJE FOI UM DIA TÃO CHEIO, QUE NEM LEMBREI DE COMER. Fui almoçar as seis da tarde, agora a pouco, quando fui deixar Hannah na casa de Anton.

Assim como Clara foi fazer suas primeiras provas do vestido de madrinha, Hannah foi ver o vestido de Dama. Deus. Ela ficou linda. Uma verdadeira princesa. Ethan e Anton vão fazer cara de bobo quando a virem. Nossa bonequinha.

Respiro fundo enquanto entro finalmente em casa e coloco as coisas no sofá da sala de estar. Aproveitei que estava na Rodeo Drive, onde fica a Vera Wang, que está fazendo meu vestido, e fui pegar nossas coisas nas lojas para amanhã, a inauguração da BROWN'S BUILDING. Precisamos estar impecáveis.

Estou cansada de andar pela Rodeo Drive. As lojas de cada item eram muitos distantes das outras. Da próxima vez vou falar para Martha – a personal shopping – escolher e reservar nossas coisas numa loja só, ou pelo menos perto.

Na Salvatore Ferragamo peguei o sapato do Ethan e o meu scarpin cor de pele, meu vestido já chama atenção demais. O smoking dele foi na Giorgio Armani e meu vestido na Vivienne Westwood. Tenho noventa e nove por cento de certeza que Ethan vai cair para trás de novo com minha escolha de vestido. A

fenda mais o decote mais a cor, vai deixar meu marido morrendo de tesão. E de ciúmes com certeza. No entanto, eu não ficarei imune com ele desfilando de smoking. Ele me deixa sem forças quando fica maravilhoso dentro de um terno ou smoking.

Com meus pés doloridos, tiro meus sapatos e os deixo no alto, sobre a sacola da bolsa nova que comprei.

Quando vou caminhar para cozinha, estuco meu celular tocar e pego dentro da minha bolsa rapidamente. Sorrio vendo quem é.

“Acho que você é telepata e adivinhou que eu estava pensando em você neste exato momento.”

Escuto Ethan rindo e respondendo alguém, antes de falar comigo. “Fico feliz em saber que está pensando em mim já que eu penso em você o tempo todo.”

“Oh, você não existe.”

“Claro que sim.” Ele brinca. “O que você está fazendo?”

“Entrando na cozinha” respondo e dou uma olhando em Zeus deitando no cantinho que ele gosta na varanda, e procuro Prince rapidamente com os olhos. Meu pequeno está cada vez pior com os sapatos daqui de casa, por isso coloquei minha sandália no alto. Se ele rói ela, vou chorar que nem criança e colocar ele de castigo por uma semana.

“Então já está em casa. Pensei que ainda estivesse com Jennifer.”

“Não. Sai de lá não faz muito tempo. Precisava vir para casa preparar algo para você jantar –”

“Não acredito nisso.” Ele me corta. “Você sabe que não precisa se preocupar com isso. Eu sempre me viro.”

“Deixa de ser chato. Não foi só por causa disso.” Pego uns ingredientes na geladeira e deixo na pia. “Estou cansada e precisando de um banho de banheira relaxante. Céus! Eu não pensei que preparar coisas para um casamento fosse tão cansativo.”

Ele respira tão fundo do outro lado da linha, que me sinto mal. Ethan é outro que tenta esconder as coisas de mim. Ele está muito preocupado com a iniciação da empresa, comigo, com o casamento e agora com a viagem para Seattle. Já falei para ele ficar tranquilo, mas ele não relaxa.

“Amor, você vai chegar que horas? Nós podemos ficar na banheira um pouquinho. Relaxar e namorar um pouco. Hoje eu nem vi você sair pro trabalho.”

“Victoria, eu já estou me sentindo horrível. Não vem falar sobre não estar tendo tempo para você.”

“Eu não estou dizendo isso, Ethan. No início, todas as coisas para serem

construídas demandam nossa total concentração e tempo, e se por enquanto eu vou ter só um pouquinho de você, não importa. No final vou ficar muito orgulhosa de você e feliz por você conquistar um sonho. Não quero que se sinta assim. Seus sonhos são os meus sonhos também. Seus projetos são os meus projetos, então se é para se sentir horrível, eu também vou.”

“Deus! É por isso que eu te amo tanto” ele suspira e alguém o interrompe, mas ele volta a falar comigo: “Enfim, eu vou ver se chego daqui a pouco em casa. Vou terminar tudo rápido, para chegar para você o quanto antes.”

“Não precisa ter pressa.”

“Certo, mas vou tentar e por enquanto você toma seu banho, relaxa e se quiser cozinhar para se distrair, tudo bem. Não quero que você vá para cozinha ou deixe de fazer outra coisa mais interessante para fazer comida para mim.”

“Tudo bem” falo com insolência, “porém saiba que fazer comida para o meu marido que eu amo de paixão não é nada demais. Deixa de ser bobo.”

Ele ri e fala com aquele ar de paciência e gratidão. “Está bem, meu amor. Até mais.”

“Até daqui a pouco. Eu amo muito você e tenho muito orgulho.”

“Digo o mesmo. Te amo demais.”

“Eu sei” sussurro com um sorriso apaixonado, que vejo no reflexo do vidro do armário de louças. “Beijinhos, meu príncipe safado.”

Ele manda beijo também, se despede e desligamos.

Deixo meu aparelho em cima da mesa da cozinha e começo a preparar nosso jantar. Corto os legumes, lavo o frango, coloco para cozinhar o macarrão e vou colocar uma música para ter companhia de algum som pela casa vazia.

Essa semana a única funcionária que veio foi Rosa, que fez faxina na terça. E Ken e Raul – que voltou na quarta para alívio do meu marido – são praticamente fixos e não os vejo como funcionários e sim amigos. Eles zelam por minha vida, não posso os ver como empregados.

Em menos de uma hora a comida fica pronta e eu subo para o quarto levando as roupas. Deixo tudo dentro do closet e penduro meu vestido e o smoking na arara de roupas. Entro no banheiro, coloco a banheira para encher e enquanto isso pego as roupas sujas e levo para a lavanderia no primeiro andar da casa.

“Zeus”, chamo meu cachorro. Ele ainda está no mesmo cantinho que permaneceu durante o tempo todo que fiz a comida.

Lentamente me aproximo dele e me agacho. Ele está respirando bem lentamente, sereno.

“Ei, urso. Você está bem?” Pergunto baixinho acariciando seu pelo. Ele abre os olhos e me fita em alerta. Sorrio e afago sua orelha. “Acho que você estava

num repouso muito gostoso. Desculpe acordar você.”

Zeus mexe a cabeça e consegue lamber minha mão. Agitado, resolve se levantar e esfrega o fusinho em mim. Rindo, o abraço. Minha nossa eu não estou pronta para pender ele. De repente, sinto algo gelado em minhas costas e me viro rindo.

“Eu também amo você” digo para Prince que me lambe feliz e se joga nas minhas pernas.

No fim, acabo no chão com meus cachorros. Hm... essa cena me dá uma saudade da minha avó e perdendo o riso, choro baixinho com meus cachorros, que me consolam. Eu não consigo acreditar que a perdi também. Minha nana Maya.



O COLCHÃO AFUNDA QUANDO ETHAN DEITA NA CAMA. Sinto-o atrás de mim e logo me puxando para os seus braços assim que se ajeita. Suspiro com o beijo que ele deixa em minha nuca e sinto seu cheiro. Mm... Pele fresca de banho recém tomado e a loção pós barba dele. Amo esse cheiro. Essa combinação com seu corpo nu junto ao meu é uma tentação.

“Por que a senhora está assim?” Ele pergunta passando uma das mãos na frente do meu corpo, se demorando em meus seios nus.

Estou só de calcinha porque estava me sentindo mole demais. O que eu queria era minha cama e foi o que fiz. Por tanto que o jantar ficou intocável. Nem eu e nem Ethan mexemos nas panelas.

“Porque estava esperando você.” Isso também é verdade. Deitei assim na cama esperando meu marido. Senti a falta dele o dia todo. Na verdade, a semana toda.

Ele geme no meu ouvido, me provocando e consegue virar meu corpo para ele. Sorrio encarando-o e ele respira antes de me puxar de novo. Beijos suaves são deixados em meu ombro, meu pescoço, meu queixo e por fim ele sela meus lábios com o seus.

De olhos fechados, passo meus braços por seus ombros e o abraço bem perto, trazendo-o para mim e passo as pernas por cima dos seus quadris. Meu Deus. Ele está realmente pelado. Amo isso. Solto um gemido quando o calor do seu pênis encosta em mim, causando um calafrio. Céus.

O beijo dura por longos minutos, mas com o tempo o carinho vai desacelerando, ficando sonolento e meigo demais. O amasso passa a ser um cafuné. Estamos tão cansados que mesmo cheios de paixão, não aguentamos.

Sorrimos enquanto ainda nos beijamos, e eu acabo soltando uma risada

baixinha.

“Meu anjo, eu adoraria –”

“Não precisa.” Interrompo. “Eu também iria adorar. Senti sua falta o dia todo, mas...” suspiro cansada “o que eu mais quero é dormir.” Meus olhos fecham automaticamente.

Escuto-o soltar sua risada rouca. Aquela que ele faz quando está me olhando *daquele jeito* doce. Solto a respiração e deixo ele me aconchegar em seus braços.

Beijando minha testa, afaga meus cabelos e as costas, e murmura: “Dorme, meu anjo”.

“Boa noite, amor.” Digo sonolenta e caio em um sono como estivesse caindo em nuvens de tão profundo.



SÁBADO, 11 DE SETEMBRO DE 2014.

ACORDO ME ESPREGUIÇANDO TODA. Dormir como um bebê, nem quero sair da cama. Sentando, ainda de olhos fechados, me espreguiço de novo jogando os braços para o alto da minha cabeça e estalando meu pescoço quando o torço para os dois lados.

“Parece que alguém estava cansada mesmo.”

Abro os olhos e rio. Meu lindo e perfeito marido está com sua majestosa calça de flanela cinza escura e sem blusa, caminhando para mim com uma bandeja de café da manhã. *Tem como eu o amar mais?*

Ele apoia os joelhos na cama, ajuda-o a abrir os pés da bandeja e ele coloca na minha frente. Se inclinando, ele me dá um beijo de leve na boca.

“Bom dia, meu anjo.” Diz sentando-se ao meu lado, o braço passando por meus ombros e dá um beijo no meu rosto rápido.

“Bom dia” falo de olho no ovo mexido e a porção generosa de frutas vermelhas em um potinho com granola. Amo o fato dele saber o que eu gosto. “Obrigada pelo café.” Dou um gole no café preto quentinho.

“Não há de que”, fala e beija minhas costas nuas quando me inclino para comer e não sujar a cama com a colher cheia de iogurte.

Solta uma risadinha por causa da sua barba que faz cócegas na minha pele. Projeto meu corpo para trás e continuo comendo o iogurte, mas tomando cuidado.

“Você está tentadora.”

Meu corpo sacode com a gargalhada. Viro o rosto para ver o seu.

“Está falando isso porque estou de peito de fora?”

“Nem é...” me beija de novo. “É porque você está quentinha e macia.” Sua mão desce e afaga minhas costas.

“Eu dormi muito bem hoje.” Faço um suspiro teatral. “Tão bem que eu nem sonhei. Foi um sono profundo.”

“Fico muito feliz de saber.”

Fito seus olhos e é óbvio que ele não fica *apenas* feliz como aliviado. Tem tanto tempo que não tenho pesadelos, que nem lembro a última vez.

“Eu não tenho pesadelos a mais de um mês.”

Ethan fica pensativo, mas pisca os olhos e ganho foco na sua frente de novo.

“Talvez você não lembre.”

“Como assim?” Franzo a testa.

Seu corpo fica mais perto e ele responde calmamente me afagando.

“Você às vezes fica agitada durante o sono, mas é rápido. Quando penso em acordá-la, você está calma, como se o sonho tivesse sido interrompido.” Balança a cabeça, como lembrasse do episódio. “Eu não sei o que você anda sonhando, mas é bem melhor do que antes e o fato de você sonhar assim, me acordar os meus pesadelos.”

Franzo a testa porque realmente não recordo de nenhum sonho atualmente. Até pensei que tinha parado de sonhar. Não estou reclamando, porque depois de tantos anos de pesadelos e sonhos bons que terminavam em desgraça, eu prefiro não sonhar com nada.

“Bem, se eu sonho, não sei, mas fico feliz que ainda ajudo você” abro um sorriso amarelo.

Ethan inclina o corpo e consegue alcançar minha boca dando um beijinho. “Isso prova que você é meu anjo.” Rio e ele completa: “E antes você não lembrar do que ficar agitada.”

“Verdade” afirmo balançando a cabeça que sim.

“Agora que tal o nosso banho de banheiro de ontem? Estou te devendo.”

Assinto acariciando seu rosto deixando a palma da minha mão passar lentamente por sua barba e meus olhos acompanhando o movimento. Cada traço dele é perfeito. Ele é lindo demais.

“Acho que nunca vou me acostumar com a sua beleza” digo.

“Amor” ele abre um sorriso acanhado e me beija de leve na boca, “eu posso dizer o mesmo.” Me beija mais uma vez e levanta. “Vou encher a banheira. Termina de comer.”

Sorrio e meus olhos acompanham seus passos até ele desaparecer no banheiro. Essa calça de flanela e suas costas malhadas é uma visão maravilhosa.



QUE MEU MARIDO TEM MAIS DE TALENTOS do que com números e persuasão, tenho certeza, e um deles é o melhor banho de banheira. A água está refrescante, bem quentinha, com bastante espuma e perfumada na medida certa.

“Você prepara o melhor banho de banheira do mundo” murmuro.

Estou com meu corpo recostado no meio das suas pernas, minhas costas em seu peito largo. Suas mãos massageiam meus ombros, meus seios, barriga e às vezes ele forma uma concha com sua mão e joga água entre meu pescoço e ombros. Suspiro e minhas mãos afagam suas coxas, onde sinto seus músculos rígidos quando aperto.

“Melhor ainda por você fazer parte do banho.” Ele fala com sua voz rouca no meu ouvido e morde de leve meu lóbulo.

Solto uma risada e inclino-me para o lado e ergo o rosto para poder beijar sua boca. Sua mão desliza do meu seio esquerdo e segura meu queixo, aprofundando sua língua entre meus lábios. O arrepio que percorre meu corpo, me deixa eufórica e gemo quando sua outra mão desce para o meio das minhas pernas.

Oh céus. Acho que vou ter que me arrumar correndo, porque não saio daqui antes que... *Ui.*

Seus dedos mágicos acariciam meu sexo e como força magnética, minhas pernas se abrem mais e ficam sobre as suas. Murmuro de olhos fechados e me entrego as sensações deliciosas que meu homem maravilhoso me dá.

“Quer que eu pare?”

“Não!” Falo sem ar.

Escuto sua risada e meu peito explode por conta dos seus dedos provocadores.

Oh céus...

“Acho que você está gostando.”

Assinto freneticamente mordendo os lábios para não soltar um gemido muito alto.

“Ótimo” ele diz e sua mão levanta mais meu rosto. Sua língua acaricia meus lábios antes de sumir entre eles. “Goza pra mim.”

“Ah, Ethan.”

“Vamos, meu anjo.” Ele morde meu pescoço e sinto seu peito vibrar com seu ronronar.

Parece que sou ligada a uma tomada. Ethan acelera seus dedos impiedosos dentro de mim enquanto sua outra mão provoca meus mamilos, raspando em cada com uma lentidão enlouquecedora. Merda. Eu vou... Uma onda de energia

crece e cresce e explode, queimando meu corpo.

Quando estou quase voltando para a Terra, sou pega pela cintura e forçada a ficar de frente para ele. Encarando-me intensamente, ele me penetra de uma vez. Todo dentro de mim, ele me puxa para os seus braços e sua boca encontra a minha em um beijo feroz.



“CARAMBA” DIGO ENTRE UMA RESPIRAÇÃO OFEGANTE, “você quer me matar.”

Ethan ri e beija minha cabeça antes de dizer com sua voz rouca pós coito:

“De forma alguma. Quem vai me fazer gozar desse jeito?”

Rio e abro os olhos. “Você só me quer pra isso, é?”

“Já disse que não.” Nega com a cabeça e passa seu polegar em minhas sobrancelhas, a expressão concentrada no que faz. “Não sei como explicar, mas desde que estamos juntos, revi muitos conceitos.” Franzo a testa, e ele explica: “Sexo é um deles. Antes era para descarregar a energia, matar o tesão que qualquer ser humano sente e precisa fazer alguma coisa. Eu odiava quando estava tão esgotado com a faculdade, que não conseguia transar com –”

Tapo sua boca com minha mão. “Pode não dar detalhes?” Ganho uma mordida de leve nos dedos. “Ai.”

“Não precisa ter ciúmes.” Chupa os dedos que mordeu. “Só estava tentando explicar, que *antes*” enfatiza a palavra no pretérito “de você, eu só usava o sexo como passa tempo. Com você é mais que isso. É algo que amo fazer.”

Tento não abri muito o sorriso, mas falho.

“É algo que está no topo da lista de prioridade.” Me beija e murmura fitando meus olhos. “Você é minha prioridade.”

“Sobre tudo?”

“Tudo?” Franze o cenho.

“Pessoal e profissional?”

“Victoria, de onde você tirou isso?” Faz uma pausa, pensativo, me analisando. “Por acaso você acha que minha empresa ou minha carreira é mais importante que você em algum... Não sei. Isso não existe. Você é a prioridade da minha vida, meu anjo. Eu disse isso para você em Nova York. Nada vem na sua frente.”

Desvio os olhos e deito minha cabeça no seu peito. Eu odeio não lembrar desses momentos que ele sita.

Eu sei que ele me ama profundamente, mas talvez construir seu império seja tão importante quanto eu na sua vida.

“Posso saber porque você está pensando isso?”

“Não é nada, Ethan.” Ergo-me e fico sentada em suas pernas, afagando seu peito para me distrair, e secretamente não o encarar. “Foi só uma pergunta.”

Ele se mexe, ficando mais perto de mim e pega meu rosto entre suas mãos. “Olha pra mim.” Faço e meu coração bate forte quando enxergo todo o amor que ele sente por mim. “Eu sei que ando distante, ontem eu conversei com você e —”

“Eu sei.”

“Sim, e você mesmo disse que estava tudo bem, mas, Victoria, você é a prioridade acima de tudo. Nunca pense ao contrário disto. E por enquanto vamos ter que aproveitar ao máximo os finais de semanas e até alguns você vai ter que me dividir com o trabalho, contudo, é você que vai dividir alguma coisa nessa equação. Não sou eu que estou dividido entre o trabalho e você. É entre você e os deveres com minhas responsabilidades. Trabalhar é algo que eu gosto muito de fazer. Preciso disso para me sentir útil e fazer meu cérebro funcionar e viver.”

“Eu sei. Eu sei, amor. Não estou dizendo ao contrário.”

“Mas você é a parte vital da minha vida. Eu abriria mão de tudo por você.”

“Não precisa” me apresso em dizer. “Não quero que faça isso.”

“E eu não vou.” Afirma. “E prometo que não vou deixar você de lado, de forma alguma. Eu quero que você esteja ao meu lado em cada coisa que eu conquistar. Nada será meu, será nosso. É nosso.”

Assinto freneticamente e respiro fundo.

“Me desculpe por esses dias, viu.”

“Está tudo bem, Ethan. Eu entendo e não foi isso que eu quis dizer.”

“Então foi o que?”

“Eu não sei. Só estava pensando... que talvez eu também queria me sentir parte de algo.”

“Você é parte disso. Hoje não é a inauguração da minha empresa, é da nossa empresa. Do nosso império que passará para os nossos filhos e netos e assim vai.” Ele me beija. “Você é parte de tudo que tem a ver com a minha vida. E quer saber o maior motivo para isso ser a mais pura verdade?”

Assinto sorrindo.

“Porque você é a minha vida.”

“Ah... Ethan.”

“É a verdade. Tudo que sou, é por sua causa. Você é a única motivação que tenho para que todos os dias acorde e queira conquistar meus objetivos. A motivação para continuar vivo. Tudo que faço é por você.”

Meus lábios tremem e meus olhos estão embaçados. Me jogo em seus braços e fecho os olhos agradecendo silenciosamente ao universo por me permitir ter alguém como Ethan.

“Você é maravilhoso.” Falo olhando-o nos olhos. “Eu amo muito você e no

que você precisar, estarei ao seu lado.”

“Para sempre porque eu nunca vou permitir vivermos um sem o outro.”

Concordo com a cabeça e sou puxada para os seus braços, e ele me beija.



“PARA COM ISSO, ETHAN. Assim eu não vou conseguir terminar.”

Ele ri com força. “Como você quer que eu não passe a mão nesse corpo delicioso a minha disposição?!” diz correndo as mãos para minha cintura e aperta minha carne, que por burrice minha estou apenas com a lingerie que vou usar com meu vestido.

Dou um tapa no seu peito e com mais alguma insistência, termino de dar o nó na sua gravata e sou agarrada. Suspirando, finjo uma cara de zangada e consigo me afastar para ver meu trabalho. Ele está... *Oh céus!*

“Essa sua cara de orgulhosa dá vontade de jogar você na cama.”

Desvio das suas mãos quando ele tenta me pegar e rio cruzando os braços. Realmente, estou orgulhosa. Tudo bem que não precisa de muito esforço para este homem ficar deslumbrante.

Ethan me pega desprevenida e tira meus pés do chão quando me beija.

“Me coloca no chão e vai pôr seu terno.”

Ele aceita, mas é nítido que está pensando besteira.

“Você quer que eu não te pegue, mas me provoca.” Diz caminhando até o cabide onde está seu paletó.

“Como?” Finjo inocência.

Eu sei do que ele está falando. Acabei de fazer a mesma cara que ele faz quando saio do banho às vezes. Lascivo e sedutor. O olhar que pode até incendiar a floresta do Alasca.

Ethan solta seu riso rouco e se vira para mim vestindo o paletó. Me aproximo rapidamente e ajeito as ombreiras, as mangas e aliso, desamarrotando.

“Amo você de smoking.”

“Amo você desse jeito mesmo.” Faz menção a calcinha e o sutiã.

“Tarado.” Digo rindo.

Ele aperta os olhos e me agarra. “Gosto dos meus presentes desembrulhados, lembra?!”

Rio e deixa ele me dá um beijinho de leve na boca e afastar o rosto para me encarar. Aproveito e penteio seus cabelos que ainda estão compridos com meus dedos. É apenas para ajeitar, pois amo seu cabelo bagunçado. Ele fica maravilhoso desse jeito.

Satisfeita, faço um suspiro apaixonado e um tanto teatral. Sorrindo, levanto

o rosto. Encontro Ethan me encarando, concentrado em silêncio. Parece estar longe.

“Que foi?” Não compreendendo seu estado.

“Nada.”

“Certeza?”

Dá de ombros. “É...” meneia a cabeça e seus olhos ganham um brilho emocionado. “Eu te amo” fala após uma longa pausa.

Prendo a respiração. Sinto dentro de mim como esse *EU TE AMO* foi um agradecimento. Uma prece do fundo do seu coração por eu estar aqui *ainda*.

“Eu sempre vou estar com você.”

Ele assente e me abraça. Fecho os olhos e apoio meu rosto no seu peito, escutando as batidas do seu coração.

“Obrigado por ser minha.”

Limpo meus olhos antes de segurar seu rosto entre minhas mãos e fitar seus incríveis olhos azuis. Estão como uma piscina límpida, de um azul profundo.

“É. Eu sou sua.”

“Profundamente minha.”

Assinto sorrindo para o seu sorriso apaixonado. *Céus*. Ele não sabe o quanto agradeço todos os dias por cada segundo que passo ao seu lado.

Bônus

Clara

SÁBADO, 11 DE SETEMBRO DE 2014.



VICTORIA REALMENTE ME CONVENCEU A APARECER HOJE, embora eu continue muito puta e nenhum pouco feliz.

Enquanto caminho pelo lindo salão de festas onde está acontecendo a inauguração da BROWN'S BUILDING, tento passar despercebida. Se bem que este meu objetivo é para que um certo alguém não me veja.

“Com licença.” Peço ao meus pais e seus amigos.

“Claro, filha.” Mamãe sorri e se aproxima de mim. “Você está bem?”

Respiro fundo e abro um sorriso neutro. “Sim, mãe.”

Ela acaricia minha bochecha com a expressão do seu rosto preocupada. “Você não consegue mentir, querida. Por que você não fala com ele?”

“Mãe”, baixo o rosto e me afasto dela. “Eu vou no banheiro, certo. Daqui a pouco volto.”

“Tudo bem.” Ela me abraça rapidamente e me dá um beijo nos cabelos.

Curvando sutilmente meus lábios, me afasto.

Há muito tempo não sei o que é sentir meu coração sem parecer que tenho uma tonelada sobre ele. Dói da hora que acordo até a hora que me deito. Eu nunca soube que saudade faz a gente de refém e ainda nos espanca sem piedade.

Eu queria que essa dor parasse.

Caminho pelo salão escutando a linda voz de Louis Armstrong e observo a decoração. Tudo está impecável. Flores brancas, mesas e cadeiras douradas com o foro branco. Por algum motivo essa organização me remete ao casamento de Victoria e Ethan. Com certeza será assim. Tons claros e harmônico. Principalmente pelo babão do Ethan chamar minha amiga de anjo. Eles são lindos juntos, e quando implico é só provocação. Saber que Vic é amada desta forma, me faz muito feliz.

Uma de nós tinha que ser. Aff! Cala a boca consciência.

Paro perto de uma fonte. O golfinho está meio de lado e a flor no meio do laguinho jorra a água. É legal e um pouco brega também. E por algum motivo minha mão está dentro da água. A temperatura está boa, morna e me deixa levar em pensamentos.

Minha vida tem uma singularidade com este chafariz. Antes de Lucca e

nosso relacionamento, eu era a força. Jorrava água livremente, vivendo a vida. Agora. Bem, agora eu sou uma água parada esperando passar o enorme vazio dentro de mim.

Todo mundo quer que eu resolva as coisas com Lucca. No fundo, vai além disso. Todos querem saber o que houve conosco, mas eu não vou contar para ninguém. Eu mesma não consigo pensar nisso por muito tempo.

Me sinto inquieta por saber que talvez... Certo, com certeza vou ver Lucca hoje.

Eu queria muito acreditar que ele tem outro compromisso e não venha, mas essa probabilidade é muito baixa. Ethan e ele são melhores amigos desde a escola e Lucca nunca perderia algo tão importante na vida do amigo. Eu posso não estar mais com ele, mas sei reconhecer que Lucca é um amigo, filho, namorado, enfim, uma pessoa muito companheira. E talvez por isso que ninguém entende eu não estar mais com ele.

Bufo, soltando a respiração com força e resolvo trocar de lugar. Mesmo com meu vestido preto simples, creio que não estou tão camuflada a ponto de ninguém me reconhecer. Eu sou praticamente uma Colton, então todos me cumprimentam.

“Boa noite”, digo para uns amigos da família.

Estou indo para o outro lado do salão quando começa a tocar *One Sweet Day*. Fecho os olhos e meus pés fixam no chão como se o cimento estivesse fresco. Os pedacinhos do meu coração caem conforme a letra da música passa. Não posso mais dizer que meu coração simplesmente se quebra. Ele já está quebrado.

Abraço a mim mesma e tento controlar a emoção. Era a *nossa* música. A primeira canção que dançamos no Baile da COLTON & BROWN ano passado.

“Lembra?” Ele disse me pegando de surpresa em seus braços e começou a dançar comigo no meio da sua sala de estar. Seus pais a poucos metros de nós. Mas ele nem ligava para isso.

“Do que?”

“Essa música foi a primeira que dancei com você no Baile.”

Ergui minhas sobrancelhas e sorri para sua expressão animada. Eu adorava como ele me olhava nos olhos. Me sentia nas nuvens.

“Então ela é a nossa música.” Ele falou antes de me beijar.

Ah, Lucca.

Meus lábios tremem com a lembrança daquele dia. Eu quero esquecer ele. Quero acreditar que não sinto mais nada, mas é a mais pura mentira.

Um calafrio percorre minhas costas e eu empertigo minha postura. *Ele está aqui* e com certeza está se aproximando de mim. Giro meu corpo a tempo de vê-lo caminhar até a mim.

Está lindo. Absolutamente lindo com seu terno de dois botões azul marinho, a camisa social branca, sem gravata, os três primeiros botões abertos e os sapatos caramelo. Eu sempre adorei seu estilo. Os cabelos penteados – seria melhor dizer, jogados – para trás e as pontas agora raspam suavemente seus ombros. Ele emagreceu. Suas maçãs do rosto estão nítidas mesmo com sua barba e as olheiras são notáveis. Porém, ele continua muito bonito.

Quero sorrir por ele estar caminhando para mim. Eu amo o jeito que ele anda.

“Oi.” Diz com sua voz hesitante.

Meu corpo todo se arrepia de nervoso, e ele parece nervoso também. Suas mãos mexem inquietas dentro dos bolsos da calça.

“Oi” murmuro.

Seus lábios curvam-se para o lado sutilmente e dá mais um passo, se aproximando de mim.

“Acabei de falar com seus pais. Eles parecem muito bem.”

Assinto.

Meus pais a um tempo atrás estavam brigando muito, o tempo inteiro, e eu até pensei que eles iriam se divorciar ou dar um tempo, porém eles fizeram uma viagem e conversaram. Mamãe disse que foi crise e que todo casamento passa por isso. Mas a verdade é que depois do que aconteceu com Victoria, todo mundo mudou. Acho que acabamos aprendendo a dar mais valor as pessoas que amamos. Meus pais voltaram a ser o que eram, e eu... Bem, não sei o que acontece dentro de mim.

“É. Eles estão melhor sim.”

Lucca faz um movimento estranho com a boca e ficamos em um silêncio estranho.

Tudo é estranho agora. Nós não nos vemos como ‘homem e mulher’, namorados, há mais de dois meses. E agora não sei como me comportar perto dele.

“Você está bem?” Ele pergunta com sua voz rouca. Aquela que sempre tem um *quê* de algo mais.

Não, mas digo: “Sim.”

Lucca assente e se aproxima mais. Prendo a respiração.

“Você está linda.”

“Obrigada”, olho para o chão, no caso, fito seus sapatos.

Me sinto tão pequena, e não tem nada a ver com o fato de ele ser mais alto

do que eu vinte centímetros – até de salto. A vontade de chorar é sufocante. Preciso sair daqui.

Quando tento me virar para sair de perto dele, Lucca segura meu braço

“Por que você está fazendo isso com a gente, Clara? Nós estávamos tão bem.” Ele murmura perto do meu ouvido. “Onde foi que eu errei?” faz uma pausa e volta a ficar na minha frente. “Olha pra mim.”

Com muito esforço, levanto o rosto e o encaro. Em seus olhos vejo que está lutando para não perder a cabeça.

“Eu sinto tanto sua falta. Todo dia.” Fala e sua mão chega até a maçã do meu rosto, afagando suavemente. “A gente pode ir com mais calma. Eu não sei... Eu só quero você de volta, Clara.”

Aperto meus olhos para as lágrimas não saírem e inspiro profundamente, tomando coragem para falar as próximas palavras.

“Não dá Lucca.”

Seus olhos ficam negros, tristes. Ele engole em seco.

“Eu te amo e você sabe disso.” Pega minhas mãos e aperta levando-as para ficar sobre seu peito. Sinto seu coração acelerado igual ao meu.

Eu quero parar de sentir essa dor dentro de mim. Quero chorar. Gritar. Implorar para ele deixar de me amar.

“Você tem que parar com isso.”

“Eu não sei como.” Ele me abraça e encosta sua testa na minha. “Não sei como parar de te amar. Acho que nunca vou saber.”

Beija meu rosto e eu mato minha saudade dele quando me aconchego nos seus braços. Ele respira fundo e suas mãos em minhas costas, me acariciando.

“Sinto tanto sua falta.”

Eu também. Queria dizer.

“Vamos sair daqui e conversar.”

“Não!” Decidida, me afasto dele bruscamente.

Ele me segura de novo. “Calma. Eu aceito ser seu amigo.”

“Amigo?” Sinto o calor em meus olhos crescer.

Então observo sua mão chegar até meu rosto. Seus polegares passam lentamente em baixo dos meus olhos, secando minhas lágrimas.

“Aceito o que você puder me dar.”

“Eu não quero. Acabou, Lucca.”

“Mas o que diabos eu fiz, Clara?” diz irritado.

“Por favor” imploro.

Ele me solta. Simplesmente me solta, recua e olha dentro dos meus olhos por alguns segundos. Então me dá as costas e vai embora.

Quero gritar com ele.

Me sinto cair em queda livre.

Não suporto mais ficar aqui.

Respiro fundo e sorrio, principalmente vendo a multidão se propagar na porta do salão. *Eles chegaram*. Me recomponho e vou falar com Victoria e Ethan. Eles não merecem minha tristeza. Depois de passarem por tanta coisa, o que mais quero é minha melhor amiga feliz.

Soltando o ar, passo as mãos na frente do meu vestido e caminho.

Quase chegando até eles, alguém segura minha mão. Viro-me e vejo a mãe de Lucca.

“Oi, querida.”

“Oi, dona Katherine.”

Ela sorri com a expressão meiga e dá um aperto suave em minha mão.

“Você está bem?”

“Sim e a senhora?”

“Bem”, sua resposta não é convincente e ela fica séria. “Eu não quero me meter, mas acho que vocês deveriam conversar.” Mais um cupido entre Lucca e eu.

Tento abrir um sorriso. “Eu... É...” Respiro fundo. “Eu tenho que ir. Vou falar com a Victoria.”

“Está certo.” Dá um tapinha na minha mão e a solta.

“Tchau”, murmuro e dou-lhe as costas.

Eu entendo que ela esteja triste pelo que aconteceu comigo e o filho dela, mas eu não suporto mais falar sobre isso com ninguém.

Porque ninguém aceita que acabou?!

Eu também estou sofrendo, talvez mais do que todos eles e Lucca, porém não vale a pena. Ele não merece sofrer por causa de um sentimento. Ele precisa seguir a vida.

Determinada, caminho até minha amiga e seu marido. Abro o sorriso que eles merecem de mim e dou parabéns por este feito.

“Você merece muito mais, Ethan.” Falo quando me afasto do seu abraço.

“Obrigado, Clara.”

Victoria me abraça de lado e beija meu rosto. “Você está melhor?”

“Do que você está falando?”

Ela cerra os olhos, sabendo que estou mentindo. “Está certo. Vou deixar passar essa.”

Rio e balanço a cabeça.

Fico com eles mais um tempinho e quando mais pessoas vem falar com eles, aproveito a deixa e saio do salão despercebida. Andando de costas, assisto meus amigos. Vivos, felizes e apaixonados. E assim vou para casa um pouco

menos triste. Às vezes a felicidade de alguém pode ser a nossa.

Vinte & Seis

Ethan

SÁBADO, 11 DE SETEMBRO DE 2014.



ENCERRO A LIGAÇÃO E coloco o aparelho no bolso do paletó. Por algum motivo Debora está querendo me irritar hoje. Se o champanhe não chegou, é só comprar. *Eu paguei milhões no buffet para que?! Porra.*

“O que aconteceu?” Victoria pergunta ficando de lado no banco do carro e afaga meu peito, a mão se escondendo dentro do meu terno.

Pisco os olhos, despertando do meu devaneio e viro o rosto. Ela deita a cabeça de lado, me olhando ansiosa e se mexe no banco do carro, se aproximando mais. Seu movimento faz os diamantes que dei para ela hoje brilharem. Como eu ganhei as abotoadoras de presente antecipados, não seria justa não fazer o mesmo.

O colar brilha tanto que parece ter luzes dentro dele e no pescoço do meu anjo, realçou sua riqueza. Victoria ficou surpresa com o presente. Meu Deus, minha vontade era dar a lua para ela. Estamos completando onze meses de namoro amanhã e parece que já faz anos. O amor faz a gente perder a noção do tempo.

Pego sua mão do meu peito, aperto e deixo um beijo bem em cima do anel de noivado.

“Não é nada, querida.”

Ela abre um sorrisinho de lado e se aproxima mais. Observo atentamente quando ela abre mais ainda a fenda do seu vestido e joga a perna sobre as minhas.

“Você fez de propósito,” murmuro e seguro sua coxa.

“O quê?” Ela finge inocência.

Encaro-a por uns instantes e acaricio seu queixo com as costas da mão. “Escolheu um vestido extremamente sensual para me distrair.”

“Distrair de ficar nervoso com a inauguração? Se eu soubesse...” baixa o tom de voz “vinha nua.”

Seguro seu queixo antes de responder: “Isso nunca. Você é só minha.”

Cerro a mandíbula, correndo as mãos sobre sua coxa e não satisfeito, aproveito a abertura do seu vestido e a coloco no meu colo. Deixo seus joelhos em cada lado dos meus quadris. Victoria morde a boca e passeia as mãos em

meu peito e geme na minha boca quando bato meus lábios com fúria nos dela.

Ela corresponde o beijo, gemendo e enfia as mãos em meus cabelos. Provoco seus lábios com lambidas suaves, acaricio sua língua com a minha e seguro sua nuca, aprofundando o beijo. Solto um ruído e tento parar os movimentos do seu corpo, que está provocando uma ereção fora de hora, mas eficaz. *Porra.*

Sem conseguir controlar, deslizo minha mão em seu corpo até encontrar a curva da sua bunda e aperto. Ela morde minha boca e puxa meu cabelo com força. Gememos enquanto nos beijamos apaixonadamente entregues.

“Senhor, chegamos.” A voz de Raul pelo autofalante atrás da limusine, nos assusta.

Rimos, nos afastando.

“Uau” Victoria arfa passando as mãos nos meus cabelos, ajeitando-os.

Olho em seus olhos e isso a faz soltar uma risada. “Culpa sua. Sua safada.”

Ela joga a cabeça para trás rindo. “Eu não consigo resistir a você. Fazer o que?” Dá de ombros.

“E não é para resistir, querida.” Dou um beijo de levinho na sua boca. “Agora vamos sair logo desse carro antes que eu rasque esse vestido ao meio e te coma nesse banco.”

Ela respira fundo e sai de cima do meu colo. Senta ao meu lado de novo e enquanto limpa os cantos da sua boca de batom vermelho, que manchou tudo, eu arrumo minha gravata e o paletó.

Respiro fundo e viro o rosto. Encontro-a passando o batom novamente e ajeitando os cabelos. Ela está perfeita.

“Essa cor também não ajudou muito.”

Ela franze o cenho e olha para mim.

“Do seu vestido.” Explico. “Ele acabou com o meu autocontrole e você sabe disso.” Esticando a mão e tiro o cabelo da frente do seu rosto. Eles estão penteados para o lado, soltos e volumosos.

Ela sorri e mexe sutilmente os ombros. “Sua cor favorita era verde. Vai passar a ser vermelho?” Diz com sarcasmo.

“Não há necessidade.” Inclino meu corpo e digo com a boca colada a sua: “Se for assim, minha cor preferida vai ser bege claro.”

“Por quê?” Pergunta ofegante.

“A cor da sua pele.” Deslizo minha mão sobre seu colo, sentindo o contraste dos diamantes contra sua pele quente e círculo sem pescoço sem força, meu polegar no seu queixo, erguendo seu rosto para beijar sua boca. “Já disse que gosto dos meus presentes desembrulhados.”

Ela deixa um suspiro profundo escapar e seus olhos brilham de excitação.

“Mais tarde eu termino.” Afago seu lábio inferior com o polegar e dou um beijo rápido em sua boca bem a tempo de Ken abrir a porta.

Virando-me, cumprimento o segurança antes de sair do carro e estendo minha mão para minha esposa e ela sai do veículo e cambaleia.

“Calma, querida.” Falo no seu ouvido.

Ela cerra os dentes e me fita com uma raiva reprimida e excitante. Tento não rir, mas falho.

“Você não presta.” Diz e inspira com força antes de se preparar para as fotos. O sorriso patenteado que eu detesto. Prefiro ficar sério. “Sorria. É seu dia.” Ela murmura mexendo na minha gravata. Tenho certeza que não precisava.

“Você sabe que não gosto desses babacas.” Falo conduzindo-a para a festa.

Ela solta uma risadinha e aperta meu braço que está entrelaçado ao dela.



COMO ERA ESPERADO, FICAMOS CEGOS COM os flashes dos fotógrafos do evento e alguns paparazzi – que foram liberados pela minha acessória de imprensa. Andamos pelo tapete vermelho, sorrindo e dando acenos de cabeça até que finalmente estramos. Alguém chama meu nome e eu viro-me para cumprimentar um dos investidores, depois um cliente da COLTON & BROWN, depois mais um e mais outro e outro.

Clara aparece e fala conosco rapidamente e de repente some. Troco um olhar com Victoria e ela dá de ombros tristonha. Todo mundo está preocupado com ela. Beijo o rosto da minha esposa, tentando amenizar sua preocupação e reparo que ao longe minha mãe conversa com Lauren. Ela sente que a estou observando e sorri para mim e acena com a mão.

“Sua mãe está falando com você.” Victoria cochicha no meu ouvido.

“Já vi.” Respondo e abro um novo sorriso para a esposa de mais um empresário.

Isso dura por longos minutos.

“Vou falar com meus pais, já volto.”

“Está bem”, dou um beijinho no rosto da minha esposa e ela se afasta.

“Então, Ethan está ansioso?” Pergunta um homem que tem idade de ser meu pai, e o fato de o próprio estar ao seu lado, com certeza eu deveria recordar o nome dele, mas não acontece.



RESPIRO FUNDO, VIRO-ME JÁ ABRINDO o sorriso cordial para quem está cutucando meu ombro. Mesmo sendo o evento da minha empresa, continuo odiando *isto*.

“Posso falar com meu amigo?”

“Seu babaca.” Troco um rápido abraço com Lucca. “Como você está?”

Estava com medo de você não vir.”

Ele ergue a mandíbula e desvia rapidamente o olhar, mas percebebo.

“Está tudo tranquilo.”

“Você sabe que não acredito nisso.” Falo e dou um aperto em seu ombro, mostrando que estou do seu lado. “Quero ver vocês felizes e sei que nenhum dos dois estão.”

“É”, afirma cabisbaixo. “Acabei de falar com ela e não sei, Ethan. Não consigo entender o que aconteceu com a gente.”

“Ela falou comigo também e sumiu. Isso é muito estranho.”

Lucca ri com sarcasmo e fala: “Estranho é um eufemismo da sua parte falar sobre essa situação entre eu e Clara.” Balança a cabeça e me encara sério. “Sabe, eu costumava sacanear você com a Victoria. Achava um exagero a forma como você falava dela, mas depois de conviver com vocês e com tudo que aconteceu também, entendo esse sentimento e posso afirmar que não é fácil.”

Assinto e faço um som de lamento. “Eu espero mesmo que vocês se acertem e posso falar; teve um tempo que Victoria e eu não estávamos muito bem. E um conselho. Não desista.”

“Eu não sei nem como fazer isso.” Ele confessa

Cerro a mandíbula e mexo as mãos nos bolsos com uma coisa na cabeça.

“Quando foi que a Clara mudou com você?”

Lucca franze a testa, pensativo. “Sei lá. Nós estávamos bem, quer dizer, com tudo que estava acontecendo com Victoria é meio ridículo falar que estávamos bem, ninguém estava, mas antes da Victoria sofrer aquela parada cardíaca e quase morrer...” faz uma pausa. É uma merda lembrar aqueles dias. “Clara estava bem e depois ficou estranha e logo em seguida pediu um tempo.”

Aceno com a cabeça, tentando entender a ligação das informações. Acho que preciso conversar com Clara.

“Faz sentido.” Afirmo.

“Por que você disse isso?”

Balanço a cabeça e aperto seu ombro de novo. “Não importa, só quero que me prometa que não vai desistir. Eu sei que ela gosta de você.”

Meu amigo de infância assente e nos surpreendendo, Victoria o abraça de repente chegando ao seu lado.

“Você veio também.” Ela diz animada.

“Claro que sim, princesa.” Brinca com minha esposa e eles se abraçam.

“Está tudo bem com você?” Pergunta a Lucca com uma preocupação genuína.

“Indo, Victoria.” Responde e sorri sem vontade.

“Tenha fé. Vai ficar tudo bem.”

Olha, se depender de todas as famílias, Clara e Lucca casam este ano ainda. Todos nós queremos eles juntos e felizes.

Lucca agradece e beija o rosto da minha mulher, troca um aperto de mãos comigo e se despede dando a desculpa que está cansado da maratona que está acontecendo no clube de golfe da família.

“Por que você está com esse sorrisinho?” Indago Victoria que está observando meu amigo indo embora.

Ela dá de ombros e responde: “Clara foi embora também.” Vira o rosto para mim e pisca o olho.

Enlaço sua cintura, puxando-a para mim. “Você é terrível.”

“Eu os amo e quero eles juntos” murmura. “E eles são os nossos padrinhos de casamento, não podem ficar separados.”

Rindo, a levo pelo salão. “Vamos, preciso apresentar você a algumas pessoas.”

“Por quê?”

Caminhando, olho seu rosto quando respondo: “Porque você é a dona também e claro, minha esposa. Minha maior riqueza”.

“Oh...” ela murmura e se estica para conseguir beijar meu rosto sem pressão para não marcar meu rosto com seu batom vermelho sangue, como seu vestido.



NUNCA IMAGINEI QUE ME DIVERTIRIA tanto em um evento como hoje. Victoria me surpreendeu a cada investidor que apresentei a ela. Sempre trocando ideias, mostrando sua posição sobre marketing e novos investimentos, principalmente quando um dos empresários coincide em gostar de animais. Isso faz a noite do meu anjo.

“Acho que eles não são de todo mal.” Ela murmura no meu ouvido quando o homem se afasta.

Faço um aceno com a cabeça e a levo para nossa mesa. Encontramos Will e Cora já sentados com meus pais e Jennifer dando de mama a bebê.

“Oi, família.” Victoria fala antes de ir beijar cada um e acaba sentando ao lado de Jenny e de Colbie. “Posso pegar ela depois?”

“Claro, Vic.”

Minha esposa sorri toda animada e olha para mim. Infelizmente algumas sensações nunca nos abandonam e meus pensamentos sempre que vejo Colbie, me remetem ao meu filho. Ele teria quase o mesmo tempo que minha nova sobrinha. A dor amarga se aperta dentro de mim.

Como lesse meus pensamentos, Hannah vem correndo para mim e a alegria me domina como sempre. Ela ainda é meu anjinho salvador.

“Tio!” Fala com sua vozinha aguda.

“Oi, meu anjinho.” Pego-a no colo e vou sentar à mesa ao lado da minha esposa.

“Não é a tia Vic seu anjo?”

Victoria ri olhando para nós e pega Hannah quando se joga para ela.

“Você é o anjinho dele, meu amor, e eu sou o anjo.” Ela cochicha para minha sobrinha.

“Por que você é grande?”

Essa minha sobrinha não é mole.

Rio e Victoria quando para de rir também, explica:

“É isso sim. Você é o anjinho porque é uma menininha linda” faz cócegas na barriga da Hannah, “mas isso não quer dizer que a gente ame você menos, minha bonequinha.”

“Com certeza.” Afirmo e pego suas mãozinhas e deixo um beijo. “Você sempre será o anjinho do tio.”

Minha sobrinha assente e como qualquer criança, deixa transparente que tem algo mais.

“Qual o problema?”

Ela levanta o rostinho de novo para mim e percebo que seus olhos estão marejados.

“Que foi Hannah?” Pego-a e coloco no meu colo de volta. “Conta pro tio.”

“Eu cresci e ninguém gosta mais de mim.”

“Isso não é verdade, Hannah.” Victoria se apressa em dizer e afaga o rostinho dela.

“É sim. Agora não é só eu. Tem a Colbie e todo mundo não liga mais para mim.”

Troco um olhar com minha esposa e respiro fundo antes de abraçar com força Hannah.

“O tio ama você demais e nunca vou deixar de amar. Não pense assim. Nós temos agora a Colbie, mas não significa que não vamos mais gostar de você, meu amor.”

Ela assente, olha para mim e me surpreende beijando meu rosto. “Você promete que quando tiver *uma Colbie*, não vai esquecer de mim?”

Uma Colbie, seria meus filhos. Tadinha, tão inocente. Faço um carinho no seu rosto, reprimindo a vontade de rir – Hannah é bem sensível e ficaria zangada com isso – e respondo assentindo, confirmando o que digo:

“Eu nunca deixarei de amar minha sobrinha número um.”

“Está bom.” Diz com a alegria renovada – crianças – e vira-se perguntando. “E você tia Vic?”

Rindo, Victoria pega minha sobrinha do meu colo, coloca no seu e acaricia

o rostinho da menina repetindo o mesmo que eu. Minha sobrinha abre um sorriso estonteante e pega com carinho os cabelos da tia. Sorrio observando as duas conversando e tão parecidas. Se eu não soubesse e ninguém me falasse, eu pensaria que são mãe e filha. Hannah com seus cabelos loiros, o vestido vermelho no mesmo tom que o de Victoria e os olhos claros. Estão muito parecidas e lindas.

Me aproximo e passo o braço por trás da cadeira de Victoria e trago as duas para mim. Minha esposa deita a cabeça no meu ombro e Hannah estica a mãozinha para mim.

Respiro fundo e por alguns segundos, desejo *fortemente* que em um futuro próximo, eu tenha uma família assim. Não sei explicar direito, apenas que depois que Victoria falou que estava grávida, a paternidade bateu forte e eu não vejo a hora de exercer esse posto.

Elas continuam conversando sobre coisas banais e Victoria tenta contornar a carência de Hannah. Acho que ela não está sabendo lidar com a atenção dividida com a irmãzinha.

“E vocês continuam querendo roubar minha filha.” Anton fala chegando à mesa e aperta meu ombro, cumprimentando com seu jeito bruto.

Ergo a sobrancelha soltando um resmungo e o ignoro. Ele ri e vai se sentar ao lado da esposa, que está ao lado da minha.

“Na verdade, sua filha está querendo que a gente adote ela.” Victoria provoca.

Meu irmão perde o sorriso e olha para filha. Ele sabe que foi uma brincadeira nossa, mas sabe muito bem também que a filha está se sentindo abandonada. Mesmo que não seja verdade, crianças são complicadas com chegadas de irmãos.

Anton limpa a garganta e chama Hannah para se sentar com ele. E ela vai correndo sentar no colo do pai.

“Ele ficou com raiva?” Victoria pergunta em um cochicho para mim.

“Não, amor.” Olho para o meu irmão conversando com a filha. “Anton deve estar preocupado com isso. Hannah sempre foi o centro das atenções da família, por isso está sentida em ter que dividir o tempo dos pais e de todo mundo.”

“U-hum”, ela concorda com a cabeça e olha na mesma direção que eu. “Acho que vou pegar ela para ficar lá em casa segunda-feira” olha para mim “depois que você for viajar.”

“Acho uma ótima ideia.”

Victoria assente e beija meu rosto antes de deitá-lo no meu ombro.

Um tempo depois, Ryan chega à mesa acompanhados dos meus avôs. Eles sorriem para mim e assim que toda a família está devidamente em seus lugares,

um fotógrafo vem registrar uma foto nossa e depois eu e Victoria com cada casal. Meus pais, os pais dela, os seus avôs, os meus e meu irmão com minha cunhada e a bebê. Hannah tira sozinha. O ciúme está explodindo neste pequeno ser que deixa todos apaixonados. Minha mãe a pega e coloca no seu colo esperando o jantar a ser servido.

Como em qualquer evento deste porte, tem o jantar principal com pratos de vinte mil dólares para arrecadações beneficentes. Está noite as instituições serão a de Victoria, “LAR DOS AMADOS”. Finalmente irei revelar a surpresa que reservei para ela. Agora sua ONG é nacional, espalhando amor e abrigo para animais de rua e maltratados em todas as regiões americanas. Temos apoio de mais duas empresas que defendem as causas dos animais e indústrias de alimentos. E a outra parte da arrecadação será para o setor estudantil da BROWN’S BUILDING.

A banda para por um instante e o mestre de cerimônia comunica que o jantar está servido e que ao final da noite irá ser dito a quantia arrecadada e seus fins.

Orgulhosa, Victoria acompanho a salva de palmas e vira-se para mim com um sorriso.

“Você é incrível, amor.”

Balanço a cabeça e pego sua mão e deixo um beijo.

“Então, Ethan quais os próximos planos? Está pensando em investimentos civil?” Pergunta Ryan despretenso. Ele apenas quer puxar um assunto à mesa.

Meu irmão responde um tanto entusiasmado demais e eu reviro os olhos antes de encará-lo.

Durante o jantar o assunto é sobre minha empresa e o casamento que se aproxima a cada dia. É mês que vem e mesmo que eu não pareça muito ansioso, a verdade é que estou. Casar com meu anjo será sempre um grande evento e eu pretendo casar com ela quantas vezes puder.

“Tem alguém acenando pra você.” Victoria cochicha no meu ouvido.

Viro meu rosto na direção que ela olha e procuro com um olhar. Sorrio vendo Colen chegando na companhia de Travis e Madeleine.

“Eu os conheço?”

“Não todos,” levanto e estico a mão “meu anjo.”

Abrindo um sorriso cordial, Victoria me acompanha até os Lozartan. Colen é o primeiro que cumprimento. Damos um abraço com direito a tantas nas costas, depois troco um aperto de mão com Travis e um beijo no rosto de sua bela esposa.

“Quanto tempo, Ethan.” Madeleine fala alegremente e deita a cabeça para o lado e fita Victoria atrás de mim.

Com um aceno, fico ao lado da minha esposa e coloco a mão em suas

costas. “Victoria estes são Travis, Colen e Madeleine Lozartan.”

“Os mafiosos?” Ela murmura, mas todos obviamente escutam pois dão uma gargalhada.

“Sim, mas estamos do seu lado por assim dizer.” Travis diz e se aproxima dela e pega sua mão e beija como um verdadeiro cavalheiro. “É um prazer conhecê-la pessoalmente.”

Victoria abre um sorriso enorme ruborizando. Ela ficou envergonhada.

“Eu sou Madeleine, esposa de Travis e sempre que Ethan falava da *princesa* dele, eu morria de curiosidade.” Sua voz doce deixa as bochechas da minha esposa ainda mais vermelhas. “Mas nada se compara em conhecê-la pessoalmente. E não sei quem é mais sortudo. Ele por ter alguém tão angelical ou você por ter um homem tão apaixonado.” Todos riem e Made completa: “E dizem que só os italianos são devotos as suas mulheres.”

“Eu sou.” Travis fala e abraça a esposa pela cintura, puxando-a para ele.

“Sim, senhor.” Ela sorri para ele.

“Oi, Victoria. Lembra de mim?” Colen chega de mansinho. “Sou o Colen.”

Piscando algumas vezes, pensativa ela fita Colen. Observa cada detalhe do seu rosto, do pescoço onde é perceptível as tatuagens e ela inspira com força quando fita a cicatriz em seu rosto. Um corte da orelha até o pescoço nítida. De fato, é impressionante a cicatriz.

“Victoria?” Afago com mais força suas costas. Acho que ela se perdeu em pensamentos.

Ela respira fundo, vagarosamente um sorriso forma-se em sua face.

“Oi, Colen” engole em seco e o pega de surpresa quando o abraça.

Ele fica sem reação, olhando para mim espantado, mas faz um movimento com a cabeça como voltasse ao normal, solta a respira e retribui o abraço. Quando se afastam, ela o olha por alguns segundos.

“Eu sei o que você fez por mim e queria lhe agradecer pessoalmente, sabe...” engoli em seco e sorri. “Muito obrigada, Colen.”

“Não precisa. Você é como uma irmã para mim.” Fala com certeza. “Ethan e você são minha família.”

Ela assente e o abraça de novo.

Madeleine chega perto de mim e me sorri com os olhos marejados. É, quando lembramos tudo que aconteceu e o risco que passamos, e o medo que passei, é inevitável não ter algumas lágrimas.

“Colen, seu bastardo. Você veio.” Anton chegando até nós. “Por que o choro?” Indaga olhando para nós com a testa franzida.

“Nada. Achei que Victoria estava com saudades.” Colen brinca e pisca o olho para ela, que sorri balançando a cabeça ficando ao meu lado.

Colen cumprimenta Anton com um abraço e depois apresenta o irmão e a cunhada. Aproveito que estão dispersos e entrando em um assunto que não me interessa, arrasto Victoria para a pista de dança.

“Você sabe, se colocar suor nestes diamantes eles podem brilhar mais.” Murmuro no seu ouvido e a giro no salão. Seus olhos me fitam escandalizados. Quando a trago para os meus braços de volta, deixo minha mão com mais firmeza na parte inferior de suas costas. “Lembre-se que daqui a pouco faremos onze meses juntos e eu vou abusar e usar desse corpo.”

Victoria ri baixinho e tropeça, mas consigo segurá-la.

“O que deu em você?”

Rio balançando a cabeça e passo meu rosto no dela como um felino. “Nada.”

A verdade é que estou tentando mudar o foco dos seus pensamentos de quando viu Colen. Não quero que fiquemos remoendo sempre o que aconteceu. É recente, eu entendo, mas acabou.

“Está bem então.” Sussurra no meu ouvido e suas mãos sobem até meus ombros, pegam os cabelos da minha nuca e massageia antes de circular meu pescoço com seus braços e deitar a cabeça sobre eles e meu ombro direito.

Sorrio e círculo seu corpo com meus braços e a guio pela pista de dança suavemente. Amo dançar com ela, tanto quanto fazer amor e beijá-la. A música termina e logo outra começa e assim vai, até que de repente minha esposa levanta o rosto e me olha cerrando os olhos.

“Que foi?”

“Nada. Amo essa música”, diz se afastando um pouco e deixando apenas as mãos atrás do meu pescoço, joga o corpo suavemente para lá e para cá, acompanhando o ritmo de Careless Whisper.

Dou risada e uma das minhas mãos afaga suas costas.

“Essa música tem um ritmo muito apropriado para o que eu quero fazer com você e esse colar.”

Victoria morde a boca, prendendo o riso e olha para o lado.

Quando chega o refrão, puxo-a para mim e canto no seu ouvido. “*Eu nunca dançarei de novo. Estes pés criminosos não têm ritmo, embora seja fácil fingir. Eu sei que você não é tola.*” Apesar de a música ter um ritmo tão sensual, é triste. O cara com certeza perdeu o amor da vida dele e não pode se imaginar dançando com mais ninguém.

“Ainda bem que eu tenho a minha companheira ainda comigo.” Completo meus pensamentos em voz alta no ouvido da minha esposa. Ela se afasta um pouco e franze a testa. “Eu também não poderia dançar com mais ninguém se não fosse você.”

“Eu também”, gesticula com seus lábios pintados de vermelho e se inclina, beijando minha boca de leve. “Vou dançar com você para sempre. Até ficar velhinha e a gente só conseguir se balançar.”

“Pode até ser, mas até meus sessenta anos, vou fazer você girar nas pistas de dança.” Falo e faço o movimento, fazendo-a gargalhar bem alto e a solto.

Victoria ri jogando a cabeça para trás e para no meio da pista, me olha e levanta a sobrancelha quando outra música começa. Sorrindo, ela mexe os quadris se chegando para mim com o balanço da música parecida com a do filme Dirty Dancing. Ela é tão sexy e linda. Acho que suspiro admirado por vê-la feliz desse jeito. Esse é o propósito da minha vida. Fazer minha mulher profundamente feliz.

“Vem cá.” Peço esticando as mãos.

Ela assente e quando está chegando até a mim, Anton enlaça sua cintura e faz um passo de dança com maestria, girando-os.

“Agora ela vai dançar comigo.”

“Babaca.” Resmungo dando um soco no ombro dele.

“Não seja ranzinza. Sou sua todo dia.” Ganho um beijo no rosto e um sorriso de Victoria. “Aprenda a dividir.”

Balanço a cabeça e fico na sua frente, seguro seu queixo e sussurro: “Só para dançar, meu anjo. Do resto, cada pedacinho seu é só meu.”

“Assim como o seu.” Diz com a sobrancelha erguida.

“Nunca disse o contrário, minha esposa mais linda.”

“E tão ciumenta quanto você.”

Sorrio, a beijo e por fim recuo deixando meu irmão dançar com ela. Observo de longe um pouco, mas um cliente me chama e agradeço por alguém estar dando atenção a Victoria por mim.



UMA HORA DEPOIS, ESTAMOS DE VOLTA À MESA e comendo a sobremesa e assistindo Diego Lazar, diretor e advogado da BROWN'S BUILDING falar no palco principal. Enquanto meu amigo de faculdade e braço direito discursa falando sobre a importância do trabalho que minha empresa está disposta a fazer, suas propostas e suas variáveis fusões no ramo empresarial, socioeconômico, lazer e estudantil, observo minha família atenta e de vez em quando meu pai olha para mim com um sorriso de orgulhoso

Diego fala com ênfase sobre as bolsas de estudos e de como serão distribuídas por toda a Califórnia e divulga todos os associados que farão parte das Indústrias Brown.

“E é um grande prazer estar aqui a frente de tantas pessoas que conhecem o

nobre coração e reputação deste homem que não será apenas mais um empresário, mas também um visionário para Nova Era. Uma salva de palmas para Ethan Brown.”

Balanço a cabeça e faço alguns acenos para os que estão mais perto da minha mesa. Tenho vontade de revirar os olhos pelo exagero. Não precisava tanto.

Virando o rosto encontro os olhos da pessoa mais importante da minha vida e meu alicerce para tudo que faço, minha esposa. Ela sorri para mim orgulhosa e apaixonada. Victoria se inclina para mim e diz através da salva de palmas.

“Estou muito orgulhosa de você. Parabéns, meu amor.”

Respiro fundo e seguro suas mãos. “É tudo graças a você.”

Seus olhos ficam marejados. Ela engole em seco e ajeita minha gravata quando levanto para ir até o palco.

“Vai lá e arrasa.”

“Você vai comigo.” Comunico e não permito que ela pense sobre isso. Seguro sua mão.

Antes de me retirar da mesa, sorrio e aceno para todos na mesa. Will faz um aceno de cabeça para mim demonstrando seu apreço e confiança. Aceito, assentindo. E a outra pessoa que se destaca é minha mãe. Ela limpa os olhos e gesticula com a boca que me ama. Agradeço gesticulando um obrigado.

De mãos dadas com Victoria, caminho até o palco sendo ovacionado por aplausos. Respiro fundo e tento ser o mais natural possível nesta situação. Creio que o fato de eu desde pequeno presenciar e depois de crescido fazer realmente parte de cerimônias como essas, não me encontro nervoso. Talvez um leve frio na espinha, mas isso se deve ao grande passo que estou tomando.

Ter uma empresa, estampar meu nome em uma associação com tantas responsabilidades é algo grandioso. Terei que crescer ainda mais em poucos anos e abrir mãos de algumas coisas. Viro o rosto e fito o perfil de Victoria, sorridente e cordial. A esposa ideal para um CEO de uma multinacional, que é o que pretendo fazer com a **BROWN'S BUILDING**. Este é o plano de meta de cinco anos que tenho como carreira.

No palco, cumprimento Lazar e Debora, como uma excelente secretária e vise coordenadora de marketing, ela teve seus minutos apresentando slides não só da empresa, como do meu hotel. Pelo menos o único finalizado e prestes a inaugurar.

Victoria fica ao lado de Debora conversando, provavelmente falando de mim e do excesso de trabalho, e eu me dirijo para o microfone.

Por alguns segundos, falo tudo que está escrito no papelzinho que fiz ontem no escritório. Meu discurso como presidente, fundador e CEO da minha empresa e

primeira sede. Posso estar sendo pretencioso demais, contudo, eu não sonho alto, eu planejo. O que faz de um homem vencedor não são seus sonhos realizados, é sua persistência, crença e audácia para conquistar eles. Meu avô me ensinou isso. Não basta apenas sonhar, tem que fazer. Tem que tentar pelo menos.

Tão logo estou sendo aplaudido novamente e desta vez de pé. Olho compenetrado para todos, meus pais, meu irmão, meus avôs, os Colton e os amigos mais chegados. Assinto em agradecimento e não demora muito para eu perceber que a parte vital de eu estar tudo fazendo isso, o aplauso mais importante, está ao meu lado. Viro-me e vejo ela.

Preciso respirar fundo e não chorar. Eu prometi que não sentiria mais medo, se bem que não é isso que sinto agora. Estou grato por não caminhar sozinho. Victoria parece ler meus pensamentos – como sempre – e inspira, soltando o ar com força. Chego até ela com poucos passos e a abraço bem forte.

“Eu te amo.” Ela murmura no meu ouvido.

Engulo em seco e me afasto. Beijo seu nariz de leve e afago seu rosto com as costas das mãos. “Muito obrigado.” Minha gratidão é por tudo. E sei que ela entende.

Assentindo, ela fica na posta dos pés e me beija de leve e me abraça. Retribuo o gesto, segurando-a bem perto e forte. Inspiro profundamente e sinto seu cheiro.

Nos soltando um do outro, sorrimos. Debora diz que já tem o valor estipulado da arrecadação e aproveito a oportunidade e falo a novidade para Victoria.

“Você fez o que?” Seus olhos se arregalam e as mãos chegam a boca.

“Agora sua ONG é nacional. Vamos ajudar animais do país todo.”

“Ethan” ela suspira e fica emocionada.

“Sorria, meu anjo. É você que falará agora.”

“Eu?!” Ela congela no lugar, e eu paro para olhá-la. “Não. Eu não vou falar em público.”

Rio e beijo sua têmpora passando o braço por seus ombros e levando até o microfone. “Fica calma.” Murmuro no seu ouvido.

“O que eu vou falar, Ethan? Você se preparou. Fez esse rascunho de discurso.” Choramanga e agarra meu braço, as unhas levemente perfurando meu terno e pressionando minha carne.

“Minha tigresa” tiro sua mão do meu braço e entrelaço nossos dedos. “Você só falará a quantia que deu e sei lá, agradecer. Quem vai falar primeiro é o cerimonialista, que por sinal está falando agora.”

Victoria franze a testa e olho para o púlpito. Ela ficou tão nervosa que não percebeu o homem aparecendo pelo canto do palco. Ele apresenta as

organizações, explica cada uma delas e como será revestido os lucros das arrecadações de hoje e por fim entrega o envelope nas mãos de Victoria depois apresentar ela como a fundadora da “L_{AR} DOS A_{MADOS}” e minha esposa. Até rio quando ele a chama de *primeira dama*.

“Primeira e única.” Ela murmura através de um sorriso amarelo.

“Com certeza.” Cochicho no seu ouvido e a empurro até o microfone. “Agora seja boazinha e faça seu papel de Sra. Brown.”

Ela olha para mim, mesmo dando as costas para todo mundo, e abre um sorriso enorme, que prende com os dentes.

“Você me paga.”



DOMINGO, 12 DE SETEMBRO DE 2014.

DEPOIS QUE FUI PRATICAMENTE INTIMADO POR Diego a me despedir e agradecer pela presença de cada sócio e acionista, tenho um tempo e converso com meus amigos e irmãos. Travis acabou se mostrando um cara bem gente boa e apesar de eu ter um certo receio dele, consegui vislumbrar uma amizade. Claro que com limites. Eu não posso ter envolvimento direto – e nem indireto – com a máfia.

A hora foi passando e quando percebi todos já estavam se despedindo. Meus pais e avôs acompanharam o embalo de Anton, a bebê ficou até tempo demais na rua. Logo, Ryan e Elizabeth se despedem de mim e Victoria.

“Você está cada dia melhor.”

Victoria abre um sorriso gentil e beija o rosto da avó. “Eu já estou cem por cento. Pode ter certeza disso.”

“Está bem.” Elizabeth concorda, beija a neta mais uma vez e vem se despedir de mim depois que Ryan aperta minha mão e dá espaço a esposa. “Você faz bem a ela.” Diz quando se afasta.

“É recíproco.”

“Eu sei”, ela diz com um aceno e por fim vai embora com seu marido.

Virando-me para o lado, encontro Travis com sua esposa e Colen se despedindo de Will e Cora. Não demora muito para eles estarem falando conosco.

E assim, um por um se vai e quando dou por mim só resta Victoria, eu e os seguranças no salão de festa.

“Acho que já acabou.” Minha doce esposa murmura no meu ouvido. Ela está nos meus braços perto da nossa mesa.

“Ainda não.” Seguro sua mão e a levo para a pista de dança, que não toca

nada excitante. Com um sinal para Raul, ele faz o que eu tinha pedido.

“O que você aprontou?” Victoria pergunta vindo atrás de mim.

“Você vai ver.” Digo e segurando sua mão, deixo tomar distância e a puxo para mim. Enrolo meu braço nela e a tenho em meus braços. Seguro seu queixo e beijo seu nariz. “Esse é o melhor momento.”

Ela dá risada, os olhos brilhando e me deixa guiá-la pela pista. Suavemente a música que planejei tocar, começa. *Certain Thing* de James Arthur.

Volto meu braço, ela gira e para no meio da pista. Tomo uma postura séria, respiro fundo e me aproximo. Ela sente que minhas próximas palavras serão “*daquelas*” que ela levará até ficar de cabelos grisalhos.

Seguro seu rosto, passo meu nariz no dela carinhosamente e como fui esperto, a música ainda está na introdução. Queria tempo para falar minhas próprias palavras.

“De todas as músicas que até hoje dancei com você.” Digo fitando seus olhos verdes e lindos que tanto amo. “De todas as canções que dediquei a você, eu tenho certeza” pauso para respirar “esta é sem dúvida a certa e quero que você preste muito atenção.”

Victoria assente e seus olhos já estão ficando brilhantes pelas lágrimas. Sorrio com os lábios tremendo, o coração acelerado e minha louca vontade de congelar o tempo e viver eternamente ao seu lado.

Fico em silêncio, deixando-a ouvir e olhando dentro de mim através dos meus olhos.

Ela suspira com as primeiras letras da música. Assinto, concordando com seus pensamentos internos. Eu posso imaginar quais são. E a abraço bem forte.

Algo sobre você.

É como um vício.

Atinge-me com sua melhor tacada, querida.

Eu não tenho razão para duvidar de você.

Porque certas coisas machucam,

E você é minha única virtude.

E eu sou seu realmente.

“Se nossa vida fosse um filme” digo quando vem o pequeno estrofe que fala sobre continuar voltando e girando em minha cabeça, “essa música seria o tema.”

Ela ri baixinho com o rosto escondido no meu pescoço e funga, emocionada. Seus braços em meu pescoço se apertam.

Chega o refrão:

Há certas coisas que eu adoro.

E certas coisas que eu ignoro.

*Mas tenho certeza de que sou seu.
Certeza de que sou seu.
Certeza de que sou seu.*

Victoria suspira e beija meu pescoço. Afago suas costas e espero a segunda parte.

*Há algo sobre você.
Que é quando você fica com raiva,
Você me tem a sua mercê.
E você é como um ombro para se voltar.
Porque certas coisas queimam, e apenas por enquanto estamos esperando por
uma boa vida.
Nós nos agarramos com tanta força.*

E como na música, nos abraçamos com mais força, tanta que tenho medo de machucá-la. Mas eu nunca serei capaz disso.

O final o homem repete:

*Eu te adoro.
Eu te adoro.
Certeza de que sou seu.*

“Eu te adoro.” Canto no seu ouvido e gentilmente, tão suave, faço nos movimentar.

Dançamos agarrados escutando a música se repetir uma, duas, três e mais algumas vezes porque simplesmente não conseguimos nos desgrudar.

Por fim, Raul faz o que eu pedi e troca a música, tudo bem que não é muito diferente da outra em questão do romance.

“Seu apoio hoje foi muito importante para mim.” Murmuro no seu ouvido.

Com uma respiração profunda, ela se afasta, limpa o rosto com uma mão e levanta o rosto para me encarar.

“É um privilégio estar ao seu lado. Estar na sua vida.”

“Victoria,” limpo a garganta e deixo minha mão no seu rosto, meu polegar acariciando sua maçã. “hoje quando acordei, fiquei olhando para você do outro lado da cama.” Respiro fundo. “Sabe... eu te amo!”

Ela sorri, os olhos vermelhos. “Eu sei o que você está falando.”

“Eu sei que você sabe, por isso é tão perfeita para mim. Você me entende como ninguém e eu a você.”

“É.” Afirma assentindo e limpa meu rosto. “Eu sei que você ainda está com medo, mas eu sou de verdade. Eu estou aqui.”

“Eu sei. Eu sei.” A agarro e solto a respiração. “Odeio ficar pensando assim.”

“Está tudo bem.” Ela acaricia minhas costas e cabelos. “Não vai passar de

uma hora pra outra, mas um dia você vai se dar conta de que é um homem feliz, realizado e que tem uma mulher que o ama profundamente.”

Fecho os olhos, sorrio e tiro seus pés do chão. Giro-a no ar, fazendo-a soltar uma gargalhada. Volto a colocar seus pés no chão, seguro seu rosto e selo meus lábios nos dela em um beijo profundo e apaixonado. Victoria geme e agarra minha camisa.

“Melhorou?” Fala ofegante quando nos separamos e morde a boca.

“Quase” respondo com a voz rouca.

“Mm...” geme e sutilmente desfaz minha gravata. “Eu sei que você está feliz, não tem como negar e nem porque ser diferente. Eu também estou feliz e orgulhosa de você. E do fundo do meu coração sei que tudo vai dar certo.”

Assinto atento a ela e passando as mãos por suas curvas.

“Mas...” olha para mim sob os cílios “eu estou com soninho.”

“Não está não.”

Joga a cabeça para trás, em uma gargalhada alta. Inclino meu rosto e mordisco seu pescoço. Agarro sua bunda, rosnando no seu ouvido: “Eu prometi que colocaria um pouco de suor nesses diamantes”.

Victoria ri de novo e enlaça meu pescoço com os braços.

“Então é bom o senhor me levar para casa agora.”

O canto da minha boca repuxa no sorriso sedutor que ela não resiste. “Com todo prazer.”

Determinado, seguro sua mão e caminho para a nossa mesa. Pegamos nossas coisas. Sua bolsa e meu paletó. Estico minha mão e seguro a dela de volta.

Raul logo aparece a nossa frente e Ken vem em seguida, nos acompanhando até o estacionamento. Mesmo com muito movimento dos funcionários limpando tudo, eles ficam atrás da gente.

“Victoria.” Chamo sua atenção segurando a porta do carro.

Ela tira seus olhos da tela do celular e me olha com inocência. Essa carinha de menininha dela me deixa apaixonado. Ao mesmo tempo quero abraçar e beijá-la todinha.

“Já passou da meia noite. Hoje é dia doze.” Ela compartilha.

Ken e Raul se entreolham e depois a mim. Franzo a testa e chego até ela.

“E qual o problema?”

“É nosso aniversário de namoro, Ethan.”

“Sim, é.”

Agora ela franze a testa, emburrada. “Ah, para de zombar de mim. Eu só fiquei contente.” Cruza os braços e tenta passar por mim, mas não deixa. “Me solta!”

“Não.” Falo no seu ouvido, abraçando-a por trás e mordo o lóbulo da sua orelha. “Eu já sabia e estava esperando chegar em casa para comemorar. Agora, vira-se para mim.” Com relutância ela gira em meus braços e seguro seu queixo, obrigando-a a olhar em meus olhos. “Você acha que minha ansiedade, discurso de que a amo pra caralho e a música foi por que?”

Dá de ombros. “Não sei. Você é romântico da hora que acorda até a hora que dorme.”

“Sua peste.” Mordo seu nariz. “É porque hoje faz onze meses que te amo. Que tenho você para mim. Que descobri a melhor forma de me sentir completamente feliz nesse mundo.”

“Oh!” Ela faz o soquinho e suspira. “Viu como você é profundamente apaixonado?”

Balanço a cabeça. “Só estou dizendo a —”

“A verdade.” Ela completa. “Eu sei, mas não deixa de ser romântico e fofo.”

“Não sou fofo.”

“É sim.” Suas mãos descem por meu peito e segura meu pau. “Deliciosamente fofo.”

“Querida, acho que você precisa ir para casa.”

“Por favor”, sussurra lenta e sedutoramente em minha boca.

Vinte & Sete

Victoria

DOMINGO, 12 DE SETEMBRO DE 2014.



PARA MINHA SURPRESA QUANDO ESTOU SAINDO DA LIMUSINE, vejo que Ethan pediu para nos trazerem para a casa de Malibu. Sorrio levantando o rosto, olhando para meu marido e aceitando sua mão.

“Como está sua energia?” Pergunta ele enlaçando minha cintura com seu braço e me dando um beijo na boca rápido.

Arfo com força, pois fiquei ofegante de repente e pisco os olhos. “Em que sentido?”

“Da que eu quero usar e abusar desse corpo” sua outra mão acaricia de forma bruta meu decote e o meio dos meus seios “delicioso.”

“Ethan!” murmuro escandalizada. “Os seguranças estão ouvindo.”

Ah se estão. Ken está parado bem perto de nós e Raul no banco do motorista, e nós estamos entre a porta aberta do carro ainda.

“E daí? Eles sabem que somos casados, jovens, cheios de vida” dou gargalhada e ele beija minha boca “e quando nascer um monte de anjinhos loirinhos de olhos verdes, eles terão total noção de que nossa cama não serve apenas para dormir.”

Rio abraçando seu pescoço e deito minha cabeça sobre meu braço, beijo seu pescoço e encosto minha testa no mesmo lugar, fechando os olhos.

“Estou cheia de energia, então.” Sussurro.

Ethan faz um ruído com a garganta muito parecido com um rosnado e me pega no colo com agilidade e elegância. Parece que não peso nada.

“Foi o que eu imaginei.” Anuncia caminhando para as escadas de casa.

Sorrio e abro os olhos apenas para ver nosso trajeto. Vejo Ken se apressando para abrir as portas duplas de ferro e dando passagem para nós. Sem delongas, Ethan sobe as escadas, quase que correndo e para na porta do quarto. Me coloca no chão e gira meu corpo com suas mãos gigantes na minha cintura para eu olhar para dentro.

“Ethan!” Não tinha como eu não dar um grito. “Oh meu Deus!” Arfo impactada.

Estou petrificada, escandalizada com a visão do nosso quarto coberto por pétalas de rosas vermelhas e um urso de pelúcia gigantesco no meio da cama

nova. *Minha nossa*. Nossa suíte está todo mobiliada e decorada do jeito que eu tinha planejado com Paola. Ele deve ter mandado ela adiantar a decoração.

Respiro fundo e entro no cômodo com um aroma doce e fresco. Sorrio vendo uma foto do nosso primeiro casamento no aparador do canto. Passo o dedo pelo porta-retrato e olho para o meu príncipe de relance ainda na porta, me observando. Ele é tão lindo, e não estou falando de sua aparência.

Em uma mesa do canto, perto das portas francesas da varanda tem uma garrafa do champanhe rose – que eu adoro – duas taças de cristal, chocolate com morangos e música. Uma canção suave e deliciosa que aquece meu coração.

A alma romântica de Ethan é a parte mais linda dele. A parte que eu mais amo loucamente. Ele é maravilhoso com todas as letras.

Minha garganta se fecha. Coloco as mãos no pescoço e respiro fundo. Eu sinceramente não sei o que fiz para merecer tamanha adoração. Fecho os olhos quando seus braços me abrigam. Deixo meu corpo se acomodar ao dele, relaxando.

“Você é maravilhoso. Nunca vou me cansar de dizer isso e” viro-me para poder dizer olhando em seus olhos “agradecer. Eu te amo demais, Ethan.”

Ele balança a cabeça e encosta sua testa na minha. “E eu a amo profundamente.”

Fecho os olhos assentindo e sorrindo. “Eu sei disso, meu príncipe.”

Escuto-o arfar e suas mãos deslizam para baixo e puxam meu corpo até estar colocado ao dele de uma forma que nada passa por nós. Gemo sentindo sua ereção e meu coração dispara. Mordo meu lábio inferior e ergo minha cabeça, seguro seu rosto e vejo em seus olhos a urgência que estou sentindo também. Ansiando sentir sua pele na minha.

Sempre que fazemos amor é único. Apesar de fazer onze meses hoje, é como se fosse a primeira vez. Meu corpo se programa para isso. Sentir ele dentro de mim é algo muito mais primitivo e excitante do que o ato em si. É exorbitante. Amo transar com Ethan. Senti sua força, seu desejo por mim, delirar quando ele me faz gozar. Escutar as batidas frenéticas do meu coração enquanto fazemos amor. Quando nos tornamos um só. Quando nossas almas se conectam profundamente.

Ethan coloca sua mão atrás de minha cabeça, enfiando os dedos entre meus cabelos e inclina minha cabeça até meu rosto estar na posição perfeita para seus lábios suavemente passarem por eles. Seguro com força seu paletó e solto gemidos baixinhos quando sua língua acaricia meus lábios e por fim se enfia dentro da minha boca. Seu beijo molhado e lento faz com que meu desejo se aflore. Eu arqueio o corpo, querendo mais proximidade e arranco seu paletó.

Sinto meus pés saírem do chão. Ethan me leva para cama e me deita. Meu

corpo relaxa sentindo a maciez das cobertas. Abro os olhos e o vejo tirando os sapatos com ajuda dos próprios pés e jogar para longe. Ele arranca os meus saltos também, aproveitando para beijar minha coxa. Sorrio e passo as mãos em seu peitoral quando vem se deitar sobre mim. Ele se inclina, me dá um beijo rápido e de repente faz um movimento brusco com o braço. Franzo a testa e olho para o lado. O urso está no chão jogado.

“Não tem espaço para ele agora.” Ethan murmuro no meu pescoço, beijando minha clavícula e subindo, morde o lóbulo da minha orelha.

Solto um gemido e sinto sua pele febril ao tirar sua camisa de dentro da calça e começo a abrir os botões do colete. Ethan resmunga e suas mãos vagueiam por meu corpo. Ele aperta meus seios, contornando o formato e afaga minhas costelas, minha barriga e desce pegando minha cintura. Gemendo faço minhas mãos contornarem sua cintura e agarro sua bunda.

Ele rosna no meu ouvido, acaricia meu rosto com o seu e sutilmente me incentiva a abrir as pernas, e eu faço graças a fenda do vestido. Ele se acomoda entre elas e sem eu esperar, esfrega sua ereção no meu sexo coberto pela seda fina da calcinha.

Suas mãos passam por meu corpo com urgência, seus lábios dão beijos no meu pescoço, queixo, rosto e boca. Os sons que ele faz, sua fricção através das roupas como estivéssemos mesmo transando, me transforma em apenas desejo e excitação.

Subo minhas mãos, seguro com força seus antebraços dos lados do meu corpo e jogo minhas pernas para cima e abraço sua cintura, me esfregando nele.

“Ethan” gemo quando sua ereção encosta no meu clitóris e cravo minhas unhas em seus ombros.

Ele rosna e dá outra estocada, apertando meu seio. Jogo a cabeça para trás com um gemido carente. Meu corpo está totalmente a mercê dele. Enfio os dedos em seus cabelos e dou mais acesso ao meu pescoço e ele chupa minha pele.

Oh céus!

Ondulo meu corpo para cima, ele para baixo. Não aguento e grito sentindo meu orgasmo. Mas para o meu desprazer, seu corpo se afasta um pouco. Abro os olhos e encaro seu rosto exasperada.

“O que foi? Não para. Volta! Volta aqui...” Peço entre suspiros altos.

Ele não diz nada, apenas sorri e afaga o meio dos meus seios. Desce mais o corpo, fica de joelhos no meio das minhas pernas, abrindo-as mais um pouco e então segura minha calcinha. Sinto a pressão da seda quando ele força o tecido a se arrebentar. E mal registro seu ato bruto, pois ele mete a mão de volta no meio das minhas pernas, acaricia os lábios do meu sexo e começa a massagear,

esfregando minha carne delicada com sua habilidade de me levar aos céus.

“Minha nossa.” Jogo a cabeça para trás arqueando as costas enquanto agarro os lençóis. “Oh céus... Ethan!” exclamo e tento, realmente estou tentando controlar as ondas do meu orgasmo voltando com força total. *Não me abandone de novo. Continua. Continua.* – Faço um mantra para ele me fazer gozar dessa vez. *Eu quero gozar. Preciso!*

Perdida no desejo, sinto seu corpo perto do meu de novo. Sua boca beija meu colo, lambendo meu decote e sua outra mão segura meu seio, o polegar massageando bem em cima do meu mamilo. Com a outra mão, Ethan continua sua carícia, seus dedos entram e saem de dentro de mim, penetrando-me com uma suavidade delirante enquanto seu polegar raspa tentadoramente meu clitóris.

“Goza pra mim” ele murmura no meu ouvido.

E como meu corpo atendesse seu pedido, abro a boca, puxando o ar com força e soltando, gozo arqueando minha cintura, precisando que ele vá mais fundo. *Ah! Eu quero ele dentro de mim.*

Com um beijinho em minha boca, Ethan coloca suas mãos em minhas costas, curvando meu corpo para ele. Sua boca beija e lambe meu pescoço e peitos sobre o vestido. Ele solta ruídos fazendo isso e quando deita meu corpo, engatinha para baixo e é minha vez de – quase – uivar quando sua língua está no meu sexo.

“Amor, não... eu...” tento dizer que prefiro depois de um banho, mas seus lábios envolvem meu clitóris, chupa e lambe lentamente. Me contorço toda na cama, jogando a cabeça para trás. Parece que tem brasa dentro de mim.

“Tira minha roupa... por favor.” Peço com sofreguidão. “Tira... Ethan!”

Mas ele não me atende. Fica de joelhos na cama, no meio das minhas pernas e seus dedos impiedosos fodem meu interior e sua língua brinca com meu clitóris. Ele olha dentro dos meus olhos, e mesmo que eu saiba que estou fazendo cara esquisita de boca aberta e contorcendo cada músculo do meu ser, não desvio meus olhos dos seus.

“Goza, meu amor. Goza para mim de novo.”

Choramingo e mordo a boca. Mexo meu corpo sem um pinga de vergonha, girando meus quadris ao ritmo dos seus dedos e boca.

“Oh céus... eu vou... Eu vou...” Agarro com força os lençóis e como estivesse sendo amarrada por um gabo de aço, sinto meu corpo se soltar com as ondas do meu orgasmo mais uma vez.

Quando volto a recuperar meu fôlego, Ethan está em cima de mim e encarando-me com um sorriso.

“Adoro fazer você gozar.” Diz e seus lábios cobrem os meus.

Seus beijos sempre me deixam totalmente entregue, sem reservas. Sei que

quando estou assim, ele também está. Sinto sua entrega quando me pega em seus braços e beija. Meu coração acelera e meus sentidos ficam sensíveis. Minha nossa, sou capaz de gozar apenas com sua língua acariciando a minha. E sem contar que tem algo muito primitivo e sexy no fato de eu sentir o meu gosto na sua boca enquanto ele me beija. Nunca imaginei que me sentiria *tão* dele.

Com um esforço monstruoso, faço-o cair para o lado e estou por cima. Ele sorri daquele jeito que diz; *Sou todo seu*, e segura minha cintura. Dou um beijo na sua boca e sento sobre sua cintura, sentindo sua ereção na minha bunda. Termino de desfazer o nó da sua gravata, abrir os botões da sua camisa e colete e escorregando meu corpo um pouco para suas coxas, faço-o se sentar e tiro os dois. Ethan curva o canto da boca no seu sorriso sacana e suas mãos encontram o fecho do meu vestido em minhas costas. Permito que ele deslize o fechecler. O corpete do vestido se desmonta, caindo entre nós. Ele me pega pela cintura e puxa, até que sua boca possa chupa meus mamilos.

“Ah” jogo a cabeça para trás e ondulo minha pélvis, esfregando-me no seu pênis, ainda coberto pela calça. *Ah, chega.*

Quando o tesão fala mais alto que a paciência, pulo para fora da cama e olhando para os seus olhos famintos e sorridentes, terminando de me despir. Meu vestido cai e forma um montinho em volta dos meus pés. Tiro o resto da calcinha destruída e aprumando minha postura sou agarrada. Rio alto e abraço seu pescoço.

Ele coloca meus pés de volta no chão e me beija na boca. Suspiro com suas mãos afagando minhas costas suavemente. Isso me excita e gemo.

“Você é tão gostosa.” Diz na minha boca.

Sorrio mordendo os lábios e inclino meu corpo para trás para enxergar seu rosto. Passo os dedos em suas sobrancelhas e traço o contorno do seu rosto. Seus olhos ganham um tom de azul escuro e sou aprisionada nessa intensidade.

Me dando um beijinho no nariz, Ethan me solta e com elegância fica nu na minha frente. Descaradamente lambo meus lábios fitando seu membro duro. Deveria ser proibido existir um homem assim. Eu já pensei seriamente em só viver para estar na cama dele.

Levanto o rosto e encontro seus olhos cerrados, o sorriso safado. *Ele me flagrou.* Solto uma gargalhada quando ele me pega de novo. Eu jogo meus braços em cima dos seus ombros, abraço sua cintura com minhas pernas e me esfrego nele.

De repente, estamos na cama de novo, nos beijando. Suas mãos apertam e afagam meu corpo. Me contorço descaradamente com as pernas bem abertas, sentindo seu pau duro tocando sutilmente meu sexo.

“Eu preciso de mais.” Exijo na sua boca.

Ethan rosna, nos gira na cama e me deixa por cima. No encaramos e respiramos ofegantes, cheios de tesão e paixão. Todo o meu amor por ele explode quando nos olhamos assim.

Suas mãos pegam de cheio minhas coxas, me acomodando sobre seu corpo, me encaixando. Com meus olhos fixos nos seus, seguro seu pênis e deslizo-o para dentro de mim. Descendo por seu comprimento lentamente, jogo a cabeça para trás e espalmo as mãos em seu peitoral forte. Sinto as batidas do seu coração acelerado sobre minhas mãos.

Sua respiração começa a ficar afoita, os músculos das suas coxas flexionam quando ele impulsiona para cima, indo até o fundo dentro de mim. Vejo-o jogar a cabeça para trás, mordendo a boca. Ele agarra com força minha cintura gemendo roucamente. Ethan não fica exausto por transar comigo, ele fica exausto por segurar seu orgasmo. Meu amante é guloso e sempre quer que dure a noite inteira. Eu o amo por isso. Por sempre nos fazer delirar com esse acasalamento que não importa se estamos rápido ou lentamente como agora, é sobre amor.

Ethan abre a boca em um “O” perfeito quando rebolo e contraio meu interior, apertando sua ereção escandalosamente dura. *Oh céus*. Estou tão excitada. A visão do meu marido sentindo prazer e deixando eu o usar como quero, é maravilhosa.

Inclino meu corpo para a frente, encostando meu peito no dele e permitindo que seus braços me envolvam bem junto ao seu corpo. Beijo sua garganta, seu queixo e minha boca encontra a dele em um beijo sedento. Enfio meus dedos em seus cabelos e movo meu corpo, subindo e descendo, fazendo nós dois gemer e sentir cada nuance da conexão dos nossos corpos.

Ficamos nesse jogo de quem aguenta mais por longos minutos. Nos provocando com beijos, mordidinhas na orelha, no ombro, no pescoço. Ethan chupa meus lábios, voltando a me beijar e eu cravo minhas unhas em seus ombros quando ele acelera suas investidas, estocando para cima. Grito deixando minha cabeça pender para frente e encosto minha testa na sua bochecha, sentindo meu coração bater tão rápido que fico sufocada. Minha respiração está entrecortada, ofegante. Minha garganta seca.

“Meu Deus... Eu não aguento mais”, murmuro no seu ouvido.

Escuto-o ri espalmando uma das mãos na parte inferior das minhas costas, detendo meus movimentos e começa a estocar para cima. Incontrolavelmente sinto-me mais sensível, mais cheia. Minhas coxas começam a tremer, o nó em meu ventre aperta. Agarro-me com força em Ethan, minhas unhas em seus braços. Ele sibila com a dor e corre a outra mão por minhas costas e segura minha nuca, levando minha boca até a sua. Enquanto nos mexemos loucamente, percorrendo nosso orgasmo, ele me beija intensa e profundamente.

Com mais alguns movimentos, alguns beijos e a fricção deliciosa em meu sexo, sinto meu orgasmo chegar como uma avalanche. Irrefreável.

Seus movimentos cessam um pouco depois. Ethan faz um carinho em minhas costas, me acalmando, mas nos gira na cama, fazendo seu corpo cobrir o meu. Seus olhos azuis me hipnotizam pela profundidade. Respiro fundo e seguro seu rosto.

“Você... não...” não consigo terminar a frase de tão ofegante.

“Ainda não terminei.” Assim que ele fala isso, segura minha cintura, posiciona o corpo entre minhas pernas e me penetra de novo.

“Oh céus!” Jogo a cabeça e os braços para trás, agarro o travesseiro e deixo ele me levar de novo...



LENTAMENTE VOU ACORDANDO DE UM SONO SUAVE e relaxante. Jogo meus braços para o alto e espreguiço meu corpo esticando-me toda. A cama está livre para mim, Ethan deve ter acordado cheio de energia. Ele sempre fica assim depois que acaba com as *minhas energias*. Ou pode ser a cama. *Céus!* Sinto-me deitada em nuvens. Acho que este é o colchão mais macio do mundo e as cobertas devem ter sido feitas por anjos.

Abrindo um dos olhos, encaro as portas da varanda. Consigo vislumbrar entre as cortinas que não param quietas por causa do vento, o céu parcialmente claro. Malibu sempre tem o céu mais bonito da Califórnia, até quando chove. A brisa, que traz o aroma de flores e do mar invade o quarto mais uma vez e ultrapassa as cobertas.

“Ui”, resmungo baixinho e tento fugir do vento geladinho que me arrepia toda. Puxo o edredom para mais junto de mim e me encolho. *Acho que não vou sair daqui não.*

Um barulho tilintando como se fosse uma colher batendo em uma xícara de louça me chama atenção. Viro-me na cama de novo e abro olhos. Na outra porta da varanda vejo Ethan em pé, mexendo em algo na mesa do lado de fora. Suspiro com a visão dele vestido apenas com sua calça de flanela. Não tem jeito. Eu me transformo em uma lunática tarada quando se trata dessas calças de flanela dele. E a de hoje é branca.

Passo um bom tempo admirando-o de longe. Vejo-o se sentar, se servir e colocar mais café. Sorrio admirando-o de longe tomar seu café da manhã. Uns segundos depois ele se levanta, passa um tempinho ajeitando algo na mesa e ao se virar para o quarto, no caso de frente para mim, vejo a bandeja em sua mão.

Rio e me sento na cama vendo-o se aproximar. Ele sorri e morde o canto da boca, mas faz um biquinho quando cubro meus seios com a coberta.

“Estava melhor antes.” Ele brinca.

“Bobo” digo baixinho.

Ethan coloca a bandeja sobre minhas pernas onde fiz um montinho com o edredom. Sorrio vendo o que ele colocou para mim. Frutas vermelhas, iogurte e café preto. De uns tempos para cá estou viciada em café puro.

Levanto o rosto do meu café da manhã e estico meu rosto para aceitar o beijo do meu marido. Suas mãos seguram meu rosto, seu nariz passa lentamente no meu numa carícia suave e por fim ele beija de leve minha boca.

“Bom dia, meu anjo.”

Gemo de olhos fechados e pressiono minhas pernas excitada pelo simples fato de suas mãos estarem sobre mim.

“Bom dia, meu príncipe maravilhoso.” Murmuro abrindo os olhos lentamente.

Ethan me presenteia com seu sorriso gentil e seu polegar desliza por meus lábios.

“Não acordei você para comer comigo porque estava dormindo como um anjo.” Entorta a boca. “Não que você não seja um.”

Rio balançando a cabeça. Beberico mais um pouquinho o café e entrego a bandeja a ele.

“Não vai comer mais?”

“Coloca ela ali em cima, por favor.” Digo apenas isso e ele entende meu recado. Meus olhos são transparentes.

Ethan rapidamente deixa a bandeja no sofá perto da nossa cama e volta para mim.

Mordo minha boca, escondendo meu sorriso e o abraço. Com muito esforço, consigo o derrubar na cama e subo em cima dele. Sorrimos um para o outro e nos fitamos até que paramos de sorrir e a atmosfera muda.

Suas mãos percorrem minhas costas e somem entre meus cabelos e segura minha nuca. Fecho os olhos e deixo ele me puxar. Sua boca beija a minha com seu jeito temperamental. Nem feroz, nem carinhoso.

“Não vai quer mais seu café? Vai esfriar” ele murmura, mas não me larga.

Sorrio e levanto a cabeça, encaro seus apaixonantes olhos azuis.

“Não acredito que você está falando isso.”

Seu peito vibra com sua risada. “Só estou falando.” Aperta minha bunda.

“Não me importa. Eu prefiro outra coisa de café da manhã, mesmo que eu esteja um pouco dolorida.” Dou um beijo molhado em sua boca. “Você é viciante.”

Ele puxa o ar com força, enchendo seus pulmões e solta o ar abrindo um sorriso orgulhoso e um tanto safado.

“Você não presta.” Digo cerrando os olhos.

“Ué!” Agarra minhas coxas mais uma vez e as acomodam ao lado dos seus quadris. “Foi você que começou.”

Dou de ombros mordendo a boca. Eu sei que ele adora quando eu faço *cara* de tesão. Seus braços me envolvem, me aquecendo. Gemo me deliciando com seus músculos me apertando. Amo quando ele me abraça quase me esmagando. *Me sinto tão dele...*

Respirando fundo, me afasto e dou um beijo em seu nariz. Ele franze a testa e observa eu descendo por seu corpo.

“O que você está fazendo?” Pergunta apoiando-se sobre os cotovelos atrás do corpo.

“Você vai ver”, sussurro.

Meus pés alcançam o chão e fico de pé. Colocando as mãos em seus pés, vou subindo com um carinho e seguro a bainha da calça. Ethan cerra os olhos e erguendo os quadris, baixa a cintura da calça e assim eu puxo de uma vez, deixando-o nu. *Céus! Ele é tão divino.*

Meus olhos encontram o dele e sorrio. Seus braços se esticam em um convite que aceito imediatamente. Ethan me abraça e me acomoda na cama ficando sobre mim. Sua boca encontra a minha mais uma vez em um beijo sedento que nos leva a fazer amor lentamente.

Nos amamos da forma mais doce e suave. Quando nos damos por satisfeitos, deixamos nossos corpos relaxarem no meio da cama e ficamos abraçados, conversando sobre nosso casamento. *Já é mês que vem. Nem acredito.*

“Cada vez que falo sobre isso, fico ainda mais ansiosa.” Confesso e suspiro fechando os olhos.

Sua mão corre distraidamente em um dos meus braços. Seu corpo está deitado metade sobre o meu e a cama. Sua cabeça em cima do peito e minhas mãos afagam seus ombros e costas. Não consigo tirar minhas mãos dele.

“Eu também, mas minha ansiedade é mais de passar um mês com você longe de todo mundo na lua de mel só para mim”, beija meu pescoço, me arrepiando.

Dou risada e olho para baixo, seus cabelos loirinhos fazendo uma suave cocegas em meu queixo. Eles cumpridos dão um ar rebelde e másculo que adoro.

“Mm... nem me fale. Você todinho para mim por trinta dias será o paraíso.”

Ethan faz um ruído com a garganta e projeta o corpo para cima, deixado os braços ao lado dos meus ombros e me encara.

“Mas enquanto não, chega,” senta sobre as pernas e puxa minhas mãos, fazendo-me sentar também “vamos aproveitar o domingo.”

E nós aproveitamos da melhor forma o fim de semana. Nosso aniversário de namoro.

Ethan preparou um passeio de barco, que comprou para a casa de Malibu. Adorei a surpresa. Almoçamos, conversamos, tomamos banho de mar e curtimos o barco lindo, enorme e superconfortável. Antes de voltar, transamos em alto mar mais uma vez e demos um mergulho. Voltamos para a praia ao entardecer e ficamos deitados na cama improvisada das colchas – que pegamos na garagem do barco, que serve para fazer piquenique – e cangas na areia, assistindo o sol se pôr.

Entramos em casa correndo como dois jovens apaixonados que somos. Caímos na piscina nus, depois de tirar o sal da água do mar. E só saímos dela quando a fome bateu. Jantamos pizza e bebemos vinho ouvindo música e vimos um filme qualquer no quarto depois.

“Obrigado, meu amor.” Ethan murmura no meu ouvido.

Agora estamos deitados no puff gigantesco próximo a lareira acesa no terraço da casa que fica em frente ao espaço da piscina. O deck de madeira combina com o verde da grama e o chão de mármore da casa toda. Essa casa é um sonho. Tão linda quanto tudo que ele pensa em me dar.

Ainda estou encantada com meus diamantes e o relógio de ouro rose com três pedras de diamantes que ele me deu no barco. Tem a gravação mais sincera. Apesar de alguns até pensarem que é machista, eu não acho. É verdade e uma brincadeira só nossa.

Profundamente minha.

Ass. Ethan Brown

“Pelo o que?” pergunto inclinando meu rosto para enxergar o dele. Ethan está atrás de mim, me abraçando com seus majestosos e deliciosos braços.

“Por tudo.”

Sorrio e viro o rosto, puxando o ar com força, pois fiquei sufocada.

Fito a lua e silenciosamente agradeço a Deus por ter *voltado*. Me orgulho de ser várias coisas em minha vida e uma delas, em ser profundamente de um homem que me ama de verdade.

O amor verdadeiro se tornou um sentimento tão raro quanto uma pedra preciosa de valor inestimável. E eu fico feliz de ter encontrado a minha pedrinha.

Vinte & Oito

Ethan

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE SETEMBRO DE 2014.



ACORDO COM OS PRIMEIROS RAIOS DE LUZ da manhã que entram através das portas da varanda encostadas e pelas cortinas. A luz incomoda meus olhos e quando escuto um resmungo perto do meu pescoço, desperto e me viro na cama para ficar de frente para minha esposa. Sua beleza sempre me impacta.

Tirando as cobertas de cima do meu corpo, apoio um braço na cama e inclino-me deixando um beijo no rosto de Victoria.

“Bom dia, meu anjo.” Murmuro.

Ela resmunga, estica os braços e pega minha mão, deixando um beijinho. “Bom dia” fala sonolenta.

Rio e tiro da frente do seu rosto seu cabelo. “Vou tomar meu banho e já vou.”

“Mm...” resmunga e me olha com os olhos cerrados. “Por que tão cedo?”

“Porque eu preciso resolver umas coisas no escritório antes de ir para Seattle.”

“Tá” diz zangada.

Dou uma risada e beijo sua testa. “Se quiser, venha se juntar a mim no banho. Eu vou adorar.”

Ela assente de olhos fechados e tateando encontrar meu travesseiro, o leva para os seus braços.

Levanto e dou uma olhada para trás e vejo minha esposa voltar a dormir. Os cabelos caídos sobre o seu travesseiro e os ombros, as bochechas e os lábios levemente inchados da nossa noite de ontem ainda e abraçando meu travesseiro. *Ela é tão perfeita.*

Pelado, entro na casa de banho direto para tomar uma chuveirada animadora para começar o dia. Enquanto me ensaboo os pensamentos retrógrados da minha preocupação com Victoria me dominam. Eu não queria ficar assim e William me garantiu que vai cuidar da filha. Porra. É muito difícil eu abrir mão desse controle quando desde o início da nossa relação eu dominei. Não me preocupar com sua segurança é o mesmo que pedir para eu não respirar.

Escuto a porta do box correr e a preocupação que preenchia meu coração é dissipada, principalmente quando sou abraçado por trás e sinto seus seios

encostarem em minhas costas. Gemo e pego suas mãos que sobem por meu abdômen e aperto perto do meu peito.

“Você vai dizer que está bem, mas eu consegui sentir lá da cama seu estresse.” Victoria beija minhas costas e deita o rosto. “Fica calmo, Ethan.”

Respiro fundo e encosto minha testa na parede. Deixa que ela faça um afago no meu corpo com a esponja, que ela coloca o sabonete líquido e começa a me lavar. Quando fico de frente para ela, nossos olhos se encontram e eu a pego em meus braços desesperado.

“É muito difícil pra mim.”

“Eu sei” ela sussurra.

Solto o ar pela boca, fazendo um som alto e afrouxo meus braços em volta dela. Afasto o cabelo do seu rosto e deixo um beijo em sua testa. “Eu prometo que vou tentar.”

“E vai conseguir. Está tudo bem agora. Tudo tranquilo, amor.”

“Promete que vai me ligar se qualquer coisa acontecer?”

“Prometo”, afirma assentindo freneticamente.

O ar fica preso e eu seguro seu rosto. “Eu quero que você viva. Quero que seja independente, mas é que...”

“Eu sei, Ethan.”

Assinto e meus olhos ficam embasados. Victoria abre um sorriso triste e me faz inclinar o corpo para ela e me abraça, afagando minhas costas.

“É tão difícil.”

“Eu sei. Eu sei, meu amor. Mas vai ficar tudo bem.”



VICTORIA E EU ESTAMOS TOMANDO CAFÉ na varanda da casa nova na companhia do sol forte e dos sons das ondas quebrando ao longe. Daqui podemos ver não só a piscina e o jardim, mas o mar. É uma linda visão, mas nada se compara com minha esposa sorrindo ao meu lado vestindo um vestido leve branco e seus cabelos loiros ao vento.

Ruby preparou para nós o café da manhã caprichado e foi fazer o almoço. Eu mandei que ela viesse para Malibu porque pedi encarecidamente a minha amada esposa que fique na casa nova enquanto eu estou viajando.

Assim que terminei de me vestir, Debora me informou que o empresário com quem vou ter uma reunião em Seattle quer me encontrar também na quinta-feira, pois haverá um jantar de associação no clube dele de poker, e como eu quero muito fechar esse negócio, estou sendo praticamente obrigado a aceitar seu convite. Então, isso quer dizer que terei que ficar uma semana inteira longe de Victoria e preocupado para caralho. O resultado é que provavelmente eu vou

voltar para Califórnia de cabelos brancos e rugas. Vou envelhecer os dez anos com essa viagem.

“Ethan, você está franzindo a testa de novo”, Victoria resmunga.

“Eu juro que vou parar de fazer isso.” Fito-a rapidamente. “Eu só preciso ocupar minha cabeça com outra coisa” justifico tentando me concentrar nas notícias do jornal que Raul comprou.

“Eu sinceramente não estou entendendo porque você está tão aflito. Será que daqui a dez anos você vai continuar do mesmo jeito? Porque isso não está certo, Ethan.” Ela fala se levantando da mesa. Levanto rosto e a observo vindo se sentar no meu colo. “Eu jurava que o banho tinha deixado você mais relaxado. Não estou sendo uma esposa nota dez.”

Balanço a cabeça contorcendo a cara em desdém. “Você não é uma esposa nota dez. É uma esposa nota mil e é o seu marido que está um pouco estressado demais.”

“Então, você poderia ficar menos estressado porque eu quero muito ficar velhinha de cabelos grisalhos ao seu lado e se você continuar desse jeito, Ethan, vai ser difícil...” Suspira e mexe na gola da minha camisa. “Céus. Eu não gosto nem de pensar nessa possibilidade.” Com as pontas dos dedos ela tenta desfazer as rugas no meio das minhas sobancelhas. “Então... por favor sorria e fique bonzinho. É só uma viagem de trabalho. Vai conquistar o mundo, meu amor.”

Sorrio soltando o ar e aperto de leve sua cintura. “O que eu quero conquistar é você na minha cama agora.”

Victoria dá uma risadinha e balança a cabeça. “Não. Você está de castigo. Só vai me ter agora quando voltar, e isso é uma promessa que eu vou cumprir porque vai acontecer.” Baixa o tom de voz e abre um sorriso sem mostrar os dentes, sensualizando. “Eu prometo que quando você voltar, deixo você fazer o que quiser comigo.”

Uma oferta dessa é meio difícil de recusar ou até contestar. Respiro fundo e seguro seu rosto, trazendo para mim e beijando sua boca tão delicada e com gosto de morango.

“Victoria e frutas vermelhas é um dos meus sabores favoritos.” Murmuro na sua boca.

Ela geme e encosta a testa na minha falando baixinho: “Então quando você voltar, que tal você ter meu corpo todinho coberto de morangos?”

“Porra, Victoria. Assim você dificulta as coisas para mim.” Só em imaginar isso, minha ereção despertar.

Ela ri e abraça meu pescoço, deitando a cabeça em seu braço esquerdo e sua boca beija meu queixo. Eu sei o que ela está tentando fazer e é por causa disso que eu a amo tanto.

“Está tentando me distrair?”

“Só um pouquinho.”

Depois do nosso café da manhã maravilhoso, aonde chegamos a um acordo de que eu pararia de ficar enlouquecido com a minha viagem.

Victoria me leva até a porta de casa e eu novamente repito todas as coordenadas e orientações para ela ficar bem, e me ligar quando precisar de mim.

Respiro fundo quando nos abraçamos, faço a minha declaração de sempre e ela volta a dizer sua promessa de que quando eu voltar serei muito bem recebido só de lingerie, morangos e champanhe.

Com relutância solta-a dos meus braços e seguro sua mão, caminhamos até o carro. Raul pega minha pasta e coloca dentro do veículo, e a mala Ken coloca no porta-malas. O motorista novo já está no volante apenas me esperando. Ken e Raul ficaram com Victoria e não tiraram os olhos de cima dela por nenhum segundo.

Victoria e eu trocamos um beijo longo e profundo nos despedindo. E a necessidade de que eu preciso dela comigo é enorme.

“Jura pra mim que você vai ficar boazinha?”

“Eu prometo para você que vou tentar sair o menos possível e sempre com quem o Raul e Ken. Agora a gente não tem mais ninguém para nos fazer mal.” Respira fundo, talvez se lembrando do miserável do Jorge. “Vai dar tudo certo, Ethan. Fica bem, meu príncipe lindo.”

“Está certo” beijo-a de novo. “Quando eu tiver decolando ligo pra você, está bom.”

“E quando chegar em Seattle também.” Ela completa rapidamente.

“É claro que sim.”

Dou um beijinho em seus lábios, abraço ela de novo e antes de entrar no carro dou um beijo em sua testa. Me sinto um adolescente desesperado se despedindo da namorada porque as férias acabaram.

No carro vejo Victoria em frente às portas de casa observando meu carro sumir pelos portões. Quando o motorista pega a estrada, minhas entranhas se apertam e eu imediatamente ligo para o Will. Informo que irei ficar uma semana fora e peço pelo amor de tudo que é mais sagrado para ele tomar conta da minha esposa.

Meu Deus, do céu! Acho que estou neurótico, o que é bem engraçado. Reclamei tanto do Will quando eu e Victoria começamos a namorar, e ele parecia um lunático com a segurança dela e agora sou pior que ele. Eu nem era para estar. Eu matei aquele desgraçado. Não preciso ficar mais assim.

Relaxa, Ethan.

Epílogo

*“Charadas só têm graça quando advínhamos do que se trata.
Caso, não. Só existe para assombrar.”*



O CÉU DA CALIFÓRNIA TINHA AMANHECIDO ENSOLARADO e as poucas nuvens que se espalhavam com o forte vento, dava um aspecto encantador e lindo.

Quando os passarinhos já estão se espreguiçando e prontos para alegrar por onde passam cantando. Um casal apaixonado começa a despertar para um novo dia. O homem forte e bonito pula para fora da cama e nu caminha para o banheiro. Ele nem teve trabalho para entrar no banho.

Enquanto Ethan se apronta, a mulher dorme em sono suave e com um sonho doce deles dois fazendo amor em alto mar. Está mais para uma recordação, mas não importa. Isso a faz sorrir enquanto dorme.

E não muito distante dali, um homem com uma aparência cansada e distante, escrevia um bilhete a mão e após colocar um objeto para fazer companhia ao recado, fecha o envelope e se levanta. Aparentemente solitário, Orlando caminha para fora de sua casa, uma mansão luxuosa e abandonada. O jardim com flores mortas e a grama amarelada, não deixa de ser notável. Ele chega até seu carro com os passos arrastados e seus ombros caídos para frente.

Ele pode não estar motivado para caminhar, mas sua finalidade naquele bilhete irá causar um reboiço. E algo me diz que a ideia nem veio dele, já que há muito tempo já tinha se conformado com a *perda*. Porém a mulher que fez “amizade” com ele – não faz muito tempo – e cutucou uma ferida em seu coração, não quer saber do passado e sim do futuro. A felicidade de Ethan não é algo que *ela* ambicione ver com os anos passando.

Em plena segunda-feira há um menininho correndo com sua bicicleta indo em direção a pista de skate na praia de Santa Monica. Ele está matando aula e como seus pais trabalham até tarde, nunca saberão disso.

“Ei, parceiro. Você veio.” Diz um rapaz com uns dezenove anos.

“Claro que vim.”

“Não vai se encrencar?”

“Nada” o menino fala com deboche. “Mamãe não desconfia que eu mato

aula pra ficar aqui às vezes.”

“Então, tá.”

E assim eles foram curtir a manhã.

Quando o relógio se aproxima da marca de dez horas da manhã, o tal homem solitário para o carro perto da rampa de skate e avista o menino. Ele está indo comprar um refrigerante para molhar a garganta seca.

“Ei!” O homem chama a atenção do menino. “Vem aqui, garoto.”

Franzindo a testa, o menino se aproxima do carro.

“Quer ganhar cem pratas?”

“Eh... moço, eu não sou menino de rua não.”

“Estou vendo.” Orlando afirma analisando a roupa e os tênis caros do menino. “Eu só preciso que você entregue uma coisa para mim. Vai ser rápido e você não me viu.”

“Não curto essas paradas não.”

“Te dou trezentos.”

Os olhos do menino se arregalaram. Trezentos dólares vão dar para ele comprar o tal skate que viu em uma loja semana passada e um tênis novo. Seus pais tinham falado que só no natal. E o natal ainda está longe para sua ansiedade.

“O que é e onde fica?”

O homem curva o lado da boca em um sorriso simples e dá todas as instruções ao menino.

A bicicleta prateada vai em alta velocidade cruzando as ruas. O menino tem uma mochila e nela a encomenda. Com mais algumas poucas pedaladas, ele chega em frente ao prédio estonteante. Inclinando a cabeça, percorre com os olhos o edifício imponente até encontrar o céu claro, que parecia alcançar as nuvens. O menino ficou impressionado com a torre que sede a empresa DA COLTON & BROWN INC. O brilho prateado quase dá para cegar quem fica muito tempo encarando.

Respirando fundo, ele salta da sua bike e a prende com seu cadeado próprio para bicicletas no espaço onde os entregados deixam suas bikes. Caminha rápido para as portas giratórias ordenas de ouro.

“O que deseja, meu jovem?” Pergunta o recepcionista da portaria, controlador dos carteiros e motoboys.

“É uma entrega para Ethan Brown.” Um pouco nervoso, ele bate sua mão sobre a mármore da bancada com a carta. “Dá isso aqui para ele. Valeu, coroa.” Diz e simplesmente dá as costas, anda com pressa até as portas e chegando do lado de fora da empresa, corre até sua bicicleta, sobe nela e pedala o mais rápido que consegue para em sair logo dali.

Ethan quase o encontra saindo da empresa, mas por ter ficado tempo demais se despedindo de sua esposa, seus caminhos se desvencilharam.

O jovem empresário entra no edifício disposto a fazer seu trabalho e com aquele ar de que pode dominar o mundo. O recepcionista entrega a encomenda e Ethan agradece e sobe para seu escritório.

As horas passam, o dia começa a ganhar o tom de urgência como se fosse acabar sem nada terminado e não tivesse outro dia para recomeçar. A hora do almoço sempre tem um ar eufórico. E é nesta hora que Ethan está saindo da empresa para pegar seu voo.

As duas e meia o jatinho da empresa liga os motores, as portas se recolhem e Ethan sentado em uma das poltronas ao lado da janela, manda um recado para sua amada dizendo que em breve está decolando. Quando coloca o celular em cima da mesa onde a aeromoça colocou seu almoço, seus olhos focam na tal carta sem remetente.

Ele a pega, rasga com o abridor de envelope e tira de dentro a cartão, desdobra e engole em seco com as palavras.

Acho que você esqueceu alguma coisa, Ethan.

E virando o envelope, o anel de esmeralda que ele deu a sua esposa de aniversário de namoro de três meses cai na mesa. Seu coração começa a bater bem forte com o medo, pois ele sabe que aquele anel estava com Victoria no cativeiro e tinha sido esquecido lá.

Ele levanta para sair do avião e verificar se Victoria está bem, mas é tarde. O avião está no alto.

“Merda!”

Desesperado ele pego o celular e manda uma mensagem para Raul e Ken. Ele não irá se deixar vencer novamente e assim que pousar em Los Angeles de volta, irá fazer o que William Colton nunca fez no passado. Caçar seu inimigo e cortar o mal pela raiz. Ethan já sabe seus limites e que para proteger sua família, ele ultrapassa todos.

Em casa, Victoria está na banheira, despreocupada e curtindo o frescor do banho. No andar de baixo da casa estão os dois empregados e os seguranças que se entrem olham quando leem a mensagem de Ethan e a foto em anexo.

**Sem alarde, mas agora o problema é *meu* e por isso, sem limites. Vamos à caça.
Fique de olho em Victoria o tempo inteiro. Qualquer coisa me ligue.**

(foto do anel)

NÃO PERCA O ÚLTIMO VOLUME

PROFUNDAMENTE | 4

PROFUNDAMENTE NÓS

ALESSA ABLLE

Da mesma autora de Ensina-me O Prazer

RECADO IMPORTANTE:

Bem, primeiro gostaria de dizer que Profundamente Minha foi dividido para não ficar com um final corrido e ter aquele tipo de história onde o leitor sente que o autor estava com preguiça. Eu detesto isso e não faria.

Segundo, Profundamente Nós sai em Dezembro deste ano. Creio que vamos ter ele como presente de natal. Uma maravilha, não é.

Terceiro e mais importa. Me desculpem do fundo do meu coração pela demora. Eu fiquei muito agoniada com tudo que aconteceu comigo enquanto escrevia PM. Poxa, vocês não sabem mesmo o que passei.

Tendinite nas duas mãos.

Um resfriado que me deixou de cama.

Uma visita inesperada que sugou minha energia, que durou 3 meses.

Meu computador apagando tudo do nada duas vezes e me faz perder capítulos e matérias.

Meu avô doente e logo a triste fatalidade da sua partida. É eu o perdi, mas me segurei neste livro, pois nem sei o que iria fazer para não entrar em depressão.

Depois veio a bienal,

Há 3 dias de eu finalmente colocar PM à venda, tive um problema com a revisora, que me fez fazer o trabalho dela.

E em seguida a Amazon por engano tirou PA e PE, e eu tive que esperar 8 dias.

MAS SENHOR DEUS SABE. *EU CONSEGUIIIIIII!*

Sério, eu rezei, fiz promessa, jurei um monte de coisas e quis levar meu computador para entrar na água santa da universal, um passe no centro espírita, uma reza com incenso no budismo, uma missa com direito a água benta. TUDO, para o livro sair.

Enfim, isso é passado e estamos aqui.

QUERO AGRADECER DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO A TODOS OS LEITORES QUE VOLTARAM & OS QUE ME APOIARAM EM TODAS ESSAS DIFICULDADES (quem me segue nas redes sociais sabe de tudo.)

MUITO OBRIGADA DO FUNDO DO MEU CORAÇÃO!

AMO VOCÊS!!!

Até Dezembro com mais Ethan e Victoria.

Ps.: Clara e Lucca terão um livro. Deve sair lá para o primeiro trimestre de 2019 ??

SOBRE A AUTORA:

Alessa já sabia o que queria desde criança: deixar um pedacinho seu no mundo. Sempre sonhadora (pensou até em ser astronauta), aprofundou-se na dramaturgia e suas infinitas possibilidades. O teatro foi sua primeira paixão, e logo depois vieram os livros, que se tornaram seu escape da realidade após conseguir superar sua depressão. É uma legítima carioca que vive ainda na cidade maravilhosa com sua família e seus amados cães.

Para conhecer mais dessa autora regada a humor e sinceridade, siga suas redes sociais.

LANÇAMENTO EM BREVE



“O QUE SERÁ O FELIZES PARA SEMPRE?”

Agora parece que todos os problemas já estão resolvidos, que os traumas foram deixados para trás e só lhes restam viver e ser felizes.

Victoria ultrapassou todos os obstáculos que apareceram em sua vida. Foi forte, confiante e corajosa, mas claro que nada seria a mesma coisa sem seu príncipe encantado. A sua vida é um verdadeiro milagre e ela quer mais do que tudo nunca viver intensamente a segunda chance que teve.

Ethan deixou totalmente seu passado para trás e se transformou em um homem de sucesso e maduro. A felicidade está batendo em sua porta, finalmente. E só lhe resta aproveitar essa jornada com sua princesa.

Mas, será mesmo que todos os espinhos foram retirados de suas vidas?

Não perca o desfecho desta história linda e profundamente apaixonante.



Um relacionamento que começou sem pretensão de ser algo mais do que amizade e realmente os transformaram em grandes amigos, mas os sentimentos mudaram e cresceu. Henry e Cecillia aprenderam a não saber viver sem o outro. De uma amizade nasceu um amor verdadeiro.

Os anos se passaram, a vida seguiu seu curso perfeitamente e eles estão à passos de dizer o sim mais importante da vida deles e começar sua própria família. Até que uma farpa do passado volta e dá um choque de realidade a eles, e eles terão que tomar uma decisão.

“O perdão traz o sopro do conforto e o arrependimento é uma benção que nos faz sentir a plenitude.” — Alessa Able

CONTATO

Grupo do Facebook: [Alessa Abille Livros](#)

Wattpad: [Alessa Abille](#)

Instagram: [Alessa Abille](#)

Twitter: [Alessa__Abille](#)

Site para comprar os livros físicos: www.alessaabile.tumblr.com